

COGNOMES PELOS QUAIS DESCALVADO É CONHECIDO

- “**PRINCESA DA BACIA GUAÇUANA**” - pela característica própria e peculiar do Município, cujas terras são cortadas pelas águas do Rio Mogi-Guaçu.

- “**CAPITAL DO FRANGO DE CORTE**” - quando alcançou a marca de 1.500.000 frangos de corte abatidos por mês, no início dos anos 70.

DADOS GEOGRÁFICOS (Gerson Álfio De Marco)

Latitude: S 21° 54' 05"

Longitude: W GR 47° 37' 26"

Referência cartográfica: SF - 23 - V - C - IV - 4

Posição relativa à Capital: Noroeste

Região Administrativa: Central

Distância da capital por rodovia: 242 km

Área: 757,20 km² (IBGE – Resolução 24 de 25/7/97)

Área aproximada do perímetro urbano – 25,47 km²

Área aproximada da zona rural – 731,73 km²

Descalvado ocupa a 76 posição em área, dentre os municípios do Estado de São Paulo.

Propriedades rurais cadastradas em 08/2002 – 1.226 (964 proprietários)

(Total da área rural cadastrada: 73.173,22 ha, aproximadamente 731,73 km²)

Relevo: Planalto

Altitude: 648 m.

Ponto Culminante: Morro do Descalvado com 900 metros

Em estudo geográfico o Professor Helmut Troppmair escreveu: **A**

CIDADE: Descalvado, fundada em 1.832 teve seu apogeu no fim do século XIX quando as terras do município foram invadidas pelos milhares de pés de café. Com a crise na lavoura a cidade ficou mais pacata. A área urbanizada se estende sobre um esporão formado por uma intrusão de roxa diabásica que avança da cuesta ou “serra” de Descalvado. Esta elevação acusa altitude média de 670 a 685 metros, é limitada a oeste e norte pelo córrego do Prata e a leste pelo Ribeirão Bonito.

Ambos os rios são cortados pela cota altimétrica de 640 metros. Uma pessoa que vai da estação ao jardim velho precisa subir 45m. As baixadas formadas pelos rios citados atuam como obstáculos à expansão da cidade nestas direções, fato que explica que os bairros novos e os loteamentos de terrenos se encontram mais na direção sul (Saída para São Carlos) enquanto o crescimento é menor em direção ao norte (bairro da Santa Cruz). A estrada de ferro, como em muitas cidades paulistas, instalou seus trilhos na onda verde do café. Quando chegou a Descalvado em 1.882, as terras já tinham sido ocupadas restando somente as baixadas “imprestáveis” e portanto mais baratas. Deste modo os trilhos do ramal da Companhia Paulista serpenteavam muitas vezes sobre aterros, acompanhando os leitos do córrego do Prata e do Ribeirão Bonito. No centro da cidade temos duas áreas verdes principais: o jardim da matriz e o jardim velho, que nos fins de semana e nos dias de feriado se transformam em ponto de atração da população, já que aí se formam os maiores pontos de concentração. Descalvado é uma cidade diversificada. Ao lado de casarões antigos que atestam uma época que já vai longe surgem casas de linhas arquitetônicas modernas. Uma campanha de isenção de impostos, oferta de terreno e outras facilidades, procura atrair novos estabelecimentos industriais para dar nova vida e novo impulso à cidade.

A POSIÇÃO DE DESCALVADO: O termo “posição” de uma cidade significa para os Geógrafos, localização e relações que uma cidade tem com toda uma região ou mesmo um estado. Se queremos estudar uma cidade precisamos recorrer às fontes históricas que nos explicam o porque desta ou

daquela cidade ter surgido em determinado lugar. É atrás de cada fato histórico que há um fato geográfico. Assim nos séculos passados, quando se deu a colonização do nosso estado, vários foram os motivos responsáveis pela posição das cidades. Vejamos alguns exemplos: No século dezoito e dezoito, as cidades se localizaram junto a um rio, onde havia um vale porque este oferecia o meio de transporte mais fácil, eram os portos. Assim podemos citar: Porto Feliz, Porto Ferreira, Tietê. Outras cidades surgiram junto a encruzilhadas de estradas e como exemplo citamos Campinas e Rio Claro. Já no fim do século XIX as cidades surgiram nas pontas de trilho, onde se localizava o “sertão” de São José do Rio Preto. Muitas destas cidades evoluíram rapidamente e constituem hoje “nós” de entroncamento das ferrovias e rodovias: Campinas, Bauru, Jaú, são exemplos. Um verdadeiro colar de cidade do Estado de São Paulo teve sua origem ligada a área onde o terreno oferecia um obstáculo ou no contato de regiões com economia diferente. O Estado de São Paulo pode ser dividido em 4 regiões geográficas todas com aspectos físicos humanos e principalmente econômico diferentes, a “Depressão Periférica” de solos férteis de terra roxa e com intensa agricultura. Assim no século XIX, no contato destas duas regiões, aliado ao obstáculo que representava para as tropas a serra de Itaqueri (que recebe nomes populares como Cuesta de São Pedro, Serra dos Padres, etc), surgiram cidades como Descalvado, Rio das Pedras, São Roque, São Pedro, Corumbataí. Desenvolvia-se aí um intenso intercâmbio de produtos, reforçado no fim do século XIX com a cultura do café. A altitude oficial da estação de Descalvado acusa 648 metros portanto confirma a posição intermediária entre a depressão de 550 a 600 metros e planalto Ocidental de 800 a 900 metros. Hoje a cidade tem fácil contato com qualquer área do estado seja pelas rodovias asfaltadas, distando 240 quilômetros da capital do Estado.

Clima: Temperado Mínima 5° - Máxima 32° - Média 24°

Umidade relativa do ar: 20 a 30%

Índice Pluviométrico: 1.100 m/m a 1300 m/m

Precipitação Pluviométrica:

Mínima 30

Máxima 200

Média anual 165

Com referência ao clima, escreveu o Prof. Helmut Troppmair: Descalvado, situado no centro do Estado de São Paulo, está incluído na área do clima “Cwa”, segundo a classificação de Koeppen. As letras significam: “C” o mês mais frio apresenta temperaturas entre 18 e 3 graus centígrados;

“W” a estação seca é no inverno; e “A” a temperatura do mês mais quente é superior a 22 graus centígrados. Analisemos os dados de clima e de tempo de Descalvado. Verificamos que por ano chove 1.500 a 2.000 mm, isto significa, que se a água das chuvas não se infiltrasse e escoasse, a superfície de nossa região seria coberta por uma camada de 1/2 a 2 metros de água. As chuvas que caem em nossa região são “chuvas frontais” isto é, uma massa fria (polar) se choca com uma massa quente (tropical), é por isso que o povo diz “esta chuva vai trazer frio”. Em verdade se dá o contrário “o frio é que traz a chuva”. São chuvas violentas temidas pelos agricultores uma vez que carregam todo o solo morro abaixo. Na década de 60 chegou a cair, numa noite 12 centímetros de chuva causando um desbarrancamento da rodovia Porto Ferreira - São Carlos próximo ao trevo desta última cidade, carregando 4.000 metros cúbicos de terra. Foram necessários mais ou menos 1.500 viagens de caminhões carregando terra, para refazer a estrada. Quanto às temperaturas, notamos que as mais altas (28° C) se registram no fim do ano quando predomina a massa tropical e equatorial, enquanto as mais baixas (10° C) no meio do ano, sob a influência da massa polar. Como o Estado de São Paulo é cortado pelo trópico de Capricórnio, estamos numa faixa limítrofe, dominados ora por massa frias, sendo muito comum as mudanças muito bruscas de temperatura. Já registramos num dia às 14 horas uma temperatura de 32° C e às 2 horas da madrugada o termômetro acusava 15° C, houve assim uma queda de 17° C. Em resumo podemos dizer que o clima de Descalvado é do tipo tropical com uma estação seca no meio do ano (quando domina a massa polar) e uma estação de

chuvas no fim e começo do ano (quando atuam as massas tropicais e equatoriais). As chuvas frontais são abundantes e violentas, responsáveis pelo empobrecimento e erosão do solo. Mudanças térmicas bruscas são comuns, causadas pela posição limítrofe de encontro de diferentes tipos de massas de ar.

DISTÂNCIAS POR RODOVIAS:

Descalvado a São Paulo (Anhangüera) - 242 km
Descalvado a Brasília - 960 km
Descalvado a Campinas - 149 km
Descalvado a Ribeirão Preto - 98 km
Descalvado a Porto Ferreira - 14 km
Descalvado a Pirassununga - 31 km
Descalvado a São Carlos - 34 km
Descalvado a Araraquara - 78 km
Descalvado a Santa Rita do Passa Quatro - 40 km
Descalvado a Analândia - 28 km (rodovia municipal)
Descalvado a Luiz Antonio - 57 km (rodovia municipal)
Descalvado a Barra Bonita - 120 km (Acesso ao Rio Tietê para o Mercosul)

GEOLOGIA:

Rochas e tipos de solo: A contextura rochosa do município de Descalvado é predominantemente basáltica, com os seguintes tipos de solo: latosol roxo, latosol vermelho-amarelo fase arenosa, podzólico vermelho-amarelo, latosol substrato diabásio, regosol, hidromorfo, aluvial e lixosol.

Formação geológica das terras: 80% de arenitos de formação Corumbataí (terra regular) e 20% de terrenos eruptivos, resultantes da decomposição de basalto (terra ótima)

A respeito de nosso solo escreveu o Prof. Helmut Troppmair: Temos percorrido o município em diversas direções e muitas vezes paramos junto a cortes de estrada para fazermos levantamentos de perfis de solo. Essas observações confrontamos com os dados do “Reconhecimento dos solos do Estado de São Paulo e nos levaram a concluir que no município existem os seguintes tipos de solos. a) Predominam os Latosóis-Roxos ou terra roxa, que cobrem 60% da área do município. Aparecendo a Sudeste (em direção a Pirassununga), sudoeste e norte. Este tipo de solo se formou pela decomposição de rochas básicas (basalto), sendo por isso bastante argilosos, pouco ácidos pH 5,5 e com profundidade de aproximadamente 3 metros. São bem arejados que é um dos motivos de sua coloração roxa. Por serem extremamente férteis foram outrora ocupadas pelo café, hoje porém pela cana de açúcar. b) Seguem-se os Latosóis-Vermelhos – Amarelos fase arenosa. Perfazem 15% da área do município e aparecem a nordeste, em direção a Porto Ferreira. A origem destes solos está ligada à decomposição de arenitos, são portanto muito arenosos (50%) o que permite uma grande infiltração e percolação da água das chuvas. Dá-se portanto uma lavagem da terra, desaparecendo as bases, tornando-se a mesma ácida (pH 4,5 a 5) e extremamente pobre. A vegetação natural era formada principalmente pela grama barba-de-bode, palmeira indaiá e o barbatimão. c) Em terceiro lugar aparecem em direção sul (Horto Florestal Aurora) e noroeste (fazenda Batalha) OS REGOSÓIS. Também estes solos se originaram de arenitos, sendo porém mais arenosos ainda que o grupo anterior. Nos regosóis a fração areia pode perfazer de 60% até 90%. Apesar de terem uma profundidade de aproximadamente 3 metros tem pequeno poder de retenção de água, são lixiviados, pobres e ácidos (pH-4,5 a 5) Estes solos são facilmente atacados pela erosão, e hoje são usados como pastagens. d) Aparecem em menor área os solos hidromorfos, junto às baixadas, úmidas de coloração negra ricos em matéria orgânica e usados principalmente para a horticultura e cultivo de arroz. e) Os Litossóis, solos muito rasos, formados a partir de arenitos e calcários são solos neutros e básicos (pH: 8). Exigem um cuidado especial no extremo sul do município. Como conclusão podemos afirmar que predominam no município os solos férteis propícios para a cultura da Cana de Açúcar. Os solos pobres (25%) são usados como pastos ou ainda cobertos para vegetação dos campos cerrados.

OROGRAFIA:

Serra do Descalvado: localizada ao sul do município com altura aproximada de 900 metros;

Morro do Descalvado: morro que deu nome a cidade, localizado ao sul do município com altura variando de 750 a 900 metros.

Serra da Estrela: localizada a oeste do município, com altura aproximada de 700 a 750 metros;

Morro da Janelinha: localizada a noroeste do município com altura aproximada de 700 metros. Famoso por várias lendas e crendices;

Morro do Quadrão: pertence a Serra do Descalvado, localizada ao sul do Município, nos limites com Analândia com altura aproximada de 700 metros.

HIDROGRAFIA:

Região Hidrográfica: Bacia do Mogi-Guaçu

Segundo trabalho do Prof. Helmut Troppmair, Descalvado é cortado por muitos rios, todos eles fazendo parte da bacia hidrográfica do Mogi-Guaçu. São afluentes da margem esquerda deste rio e se caracterizam pela sua direção geral sul-norte. Todos eles: o rio Quilombo, o rio Pântano e o rio Bonito (que são os principais) correm em vales amplos sendo que em algumas áreas o vale se alarga tanto que os rios se espriam e começam a divagar, formando meandros. Uma análise da carta mostra que os sub-afluentes sempre desembocam perpendicularmente, indicando um aproveitamento dos diaclases de basalto ou outra estrutura geológica. A descarga de todos estes rios varia durante o ano de acordo com o clima. Na época da seca são pequenos riachos que se transformam em rios de grande volume d'água na época das chuvas. Graças a este volume d'água, seu poder de carregar sedimentos é muito grande. As áreas pantanosas são comuns, pois sendo planas, os rios perdem velocidade dando-se uma diminuição no poder de transporte causando a deposição de sedimentos. Devido a intensa sedimentação, estas áreas (como também em Corumbataí) não são aproveitadas para as culturas do arroz. Merece destaque o rio do Pântano que nascendo no alto do planalto ocidental (serra de Descalvado) se dirige para o “front” da cuesta.. Graças ao seu poder de encaixamento, foi erodindo as camadas menos resistentes até encontrar o arenito-silicificado, rocha dura, formando então uma belíssima queda.

POTAMOGRAFIA: São nossos rios:

Mogi-Guaçu – com o nome de Córrego do Corisco, o rio Mogi-Guaçu, nasce no sopé do Morro do Curvado que possui uma altitude média de 1.700 metros, município de Bom Repouso em Minas Gerais (desligado política e administrativamente da Comarca de Cambuí no ano de 1.953). Só após percorrer cerca de 20 km em seu leito sinuoso, recebe o nome de Mogi-Guaçu no povoado de Tócos do Mogi. Percorre 95,5 km, em terras de Minas Gerais e através de uma garganta atravessa a Serra da Mantiqueira numa altitude de 825 metros. Em terras de São Paulo percorre 377,5 km, completando a extensão de 473 km, com leito de rocha diabásica, até desembocar no Rio Pardo, numa altitude de 490 metros, no local conhecido como Bico do Pontal nas proximidades de Viradouro. Atravessa 27 km de nosso município na direção nordeste-noroeste, com profundidade média de 2 metros. O nome Mogi-Guaçu, formado com palavras originais da língua indígena, tem o significado de “Rio Cobra Grande”. Duas grandes enchentes do rio marcaram época, a primeira em janeiro de 1.929 e a maior em fevereiro de 1.970, quando o rio subiu sete metros e sessenta centímetros acima de sua altura normal. Mesmo com o desmatamento de suas barrancas, a poluição a que vem sendo submetido e a diminuição do volume do manancial que reduziram os cardumes que todos os anos sobem durante as piracemas, ainda é considerado um rio piscoso. Os principais afluentes do Mogi são o Rio do Peixe e o Rio Jaguari-Mirim. A área de drenagem em solo paulista equivale a 15.218 km², para uma população na bacia de 1.292.885 habitantes. A bacia do Mogi em São Paulo é formada pelos Municípios de: Socorro, Serra Negra, Lindóia, águas de Lindóia, Itapira, Mogi Mirim, Mogi Guaçu, Engenheiro Coelho, Espírito Santo do Pinhal, Estiva Gerbi, Conchal, Araras, Santo Antônio do Jardim, São João da Boa Vista, Águas da Prata, Vargem Grande do Sul, Aguaí, Leme, Santa Cruz da Conceição, Pirassununga, Santa Cruz das Palmeiras, Descalvado, São Carlos, Porto Ferreira, Santa Rita do Passa Quatro, Américo Brasiliense, Santa Lucia, Rincão, Luiz Antônio, Motuca, Guataporã, Guariba, Pradópolis, Cravinhos, Dumont, Barrinha, Monte Alto, Jaboticabal, Sertãozinho, Taquaral, Pitangueira e Pontal. (Prof. Orestes Rocha – historiador de Porto Ferreira)

LENDA DO MOGI – A origem do rio: Diz a lenda que há muito tempo um chefe guerreiro enamorou-se de duas lindas e formosas índias. O regime de um só casamento (monogâmico) da tribo o impedia de casar com ambas e ele não sabia como decidir. Até que numa noite teve um sonho: deveria propor um torneio de flechas às duas amadas e aquela que tivesse melhor pontaria seria sua esposa. Toda aldeia se reuniu para assistir à disputa. Obirici a índia que mais amava o guerreiro, perdeu a disputa e seu amor. A seguir se refugiou numa mata e pediu a

Mona, o Deus supremo, que lhe desse a maior dor possível, e esta veio em forma de lágrimas, pela primeira vez entre os índios. A índia Obirici chorou seguidamente durante muitos dias e noites, de tal modo que suas lágrimas banharam o seu corpo, escorreram pelos seus pés e formaram um pequeno regato que deu origem ao Rio Mogi Guaçu. A índia Obirici continuou a chorar e, durante aquele êxtase de sofrimento e profunda dor, Mona, o Deus supremo, veio busca-la. Contudo Obirici quis ficar nesta terra, e seu corpo se transformou numa montanha: a Maan tiquira (“coisa que verte” – a atual Serra da Mantiqueira), e que continua a chorar, formando as vertentes de água que correm para os Estados de Minas Gerais e São Paulo. (Prof. Manoel Pereira de Godoy – historiador de Pirassununga).

Rio do Pântano que nasce na divisa com Analândia, atravessando 40 km do município na direção sul-norte até desembocar no Mogi-Guaçu, tem pouca profundidade. Seus principais afluentes são os Córregos São João e Olho D'água.

Rio Quilombo nasce no limite com São Carlos, tem pequena profundidade e extensão de 22 km. Seu principal afluente é o Córrego das Anhumas.

Rio Bonito nasce ao sul do Município, corre por 32 km na direção sul-nordeste com pouca profundidade. Seus principais afluentes são os Córregos do Tamanduá, Ibicoara e Água Podre

Córrego da Prata nasce na zona suburbana de Descalvado e desemboca no Rio Bonito depois de correr por 5 km nos sentidos sul-norte e oeste-leste. É totalmente descaldadense, fornece água para a cidade.

Ribeirão da Areia Branca: Nasce ao leste do Município. Penetra no de Porto Ferreira, indo aí, desaguar no rio Mogi-Guaçu. Curso aproximado de 11 km.

Ribeirão Santa Rosa: Nasce ao sul do Município de Descalvado, próximo às nossas divisas com Pirassununga e avança, em sentido sul-oeste, penetrando, depois, de um curso todo descaldadense, de cerca de 11 km, no Município de Pirassununga.

Córregos: Olaria, Anhumas, Cajuru, Capivara, Descaroador, São João, Campo, Matança, Espreado, Ipiranga, Barra Grande ou Água Vermelha, Paraíso, Jacutinga, Paiolinho, Santa Rosa, Patos, Gaviãozinho, Água Podre, Sujo, Santa Eulália, Água Limpa, Capetinga, Santo Antonio, Cajuru, São Domingos, Cateto, São Rafael, Sapé, Prata, Gasoso, Serrinha, Bebedouro, Ibicoara, Gregório, Bomba, João Porto, Tabôa, Jatobá, Vila Nova, Tamanduá, Pinheirinho, Montes Claros, Capão Alto, Olho d'água, Água Choca, Capitinga, João Bias e Buraco da Onça.

SALTOS:

Pântano: localizado no Rio do Pântano, altura de 190 palmos ou 42 metros, com volume de água de 800 litros por segundo, dista 7 km do centro da cidade.

Curiosidade: Conta a tradição que o Salto do Pântano possui 72 metros de altura. Não é correto, sua altura é de 42 metros. Na década de 40 pensou-se em aproveitar a queda para construção de uma mini usina de energia elétrica. Os engenheiros constataram que o salto possuía 72 metros de queda livre, que é a medida de onde tem início a correnteza (30 metros acima do salto) acrescida da altura da queda (42 metros), o que totaliza os 72 metros. A bem da verdade, é necessário que se diga que o seu verdadeiro nome não é Salto do Pântano (denominação arraigada na mente do povo), mas sim Salto Dom Lino. Por que tal denominação? Respondamos com nossa história municipal. Vindo da cidade de São Carlos em demanda na cidade de Descalvado onde realizaria sua primeira visita pastoral, no ano de 1883, hospedou-se Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, Bispo da Diocese de São Paulo, à qual pertencia então, nossa paróquia, na Fazenda Jangada Brava, mais tarde Graciosa e de propriedade de Sebastião Fortunato de Oliveira Penteado. Visitando o belíssimo acidente geográfico pertencente, na época, à mesma propriedade agrícola, ante a admiração do Bispo, que se mostrou embevecido com o poético da cachoeira, seu hospedeiro denominou-o, então, Salto Dom Lino. Com o tempo, porém, essa denominação foi sendo esquecida, sendo absorvida, afinal, pelo de Pântano, nome do rio que o forma. Deve-se lembrar também que na década de 70, a Comissão Municipal de Turismo, tentou alterar o nome do salto para Descalvado. Tentativa em vão, prevaleceu mais uma vez a denominação popular de Salto do Pântano.

Gasoso: localizado no Córrego do Gasoso, altura de 30 metros, dista 9 km do centro da cidade.

São Rafael: localizado no Córrego São Rafael, altura de 35 metros, dista 12 km do centro da cidade.

Butiá: Localizava-se no Rio Bonito, no Bairro do Butiá, altura de 3 metros, distando 7 km do centro da cidade. Em 1972 foi destruído com uma carga de dinamite pelo Prefeito Deolindo Zaffalon para permitir que os peixes provenientes do Rio Mogi-Guaçu atingissem toda extensão do Ribeirão Bonito.

CORREDEIRAS:

Escaramuça: No Rio Mogi-Guaçu. Muito pedregosa, com cerca de 1.000 metros de comprimento, com pronunciado declive. Situada na Fazenda Escaramuça, onde pode-se distinguir ainda, o canal feito outrora para dar passagem aos vapores que realizavam viagens fluviais pelo Mogi, na primeira metade do século, exploração da Cia. Paulista de Estradas de Ferro e Viação Fluvial.

Gaviãozinho: No Rio Mogi-Guaçu, de pequenas proporções.

Patos: No Rio Mogi-Guaçu, de pequenas proporções.

Pântano: No Rio Mogi-Guaçu, perto da foz do rio do Pântano, de pequenas proporções.

VEGETAÇÃO: Campos e cerrados

Riquezas vegetais:

(a maioria extintas)

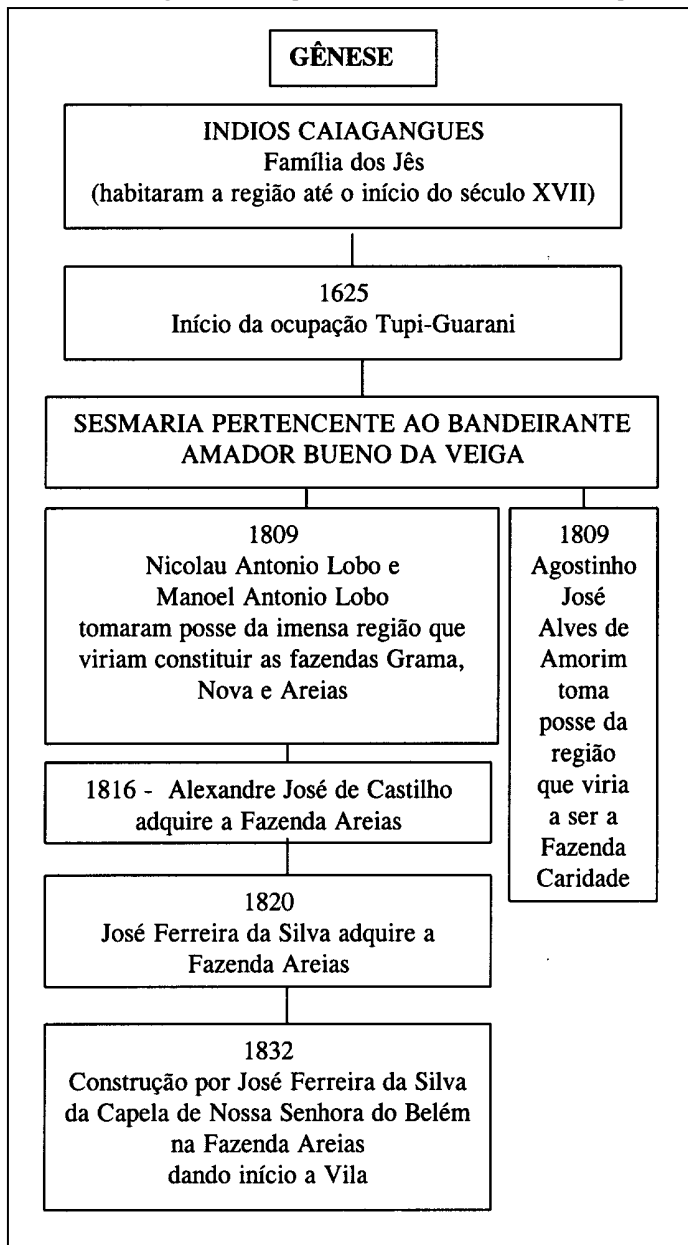
Cedro, peroba, cabreúva, canela, araruva, cinzeiro, peito-de-pomba, copaíba, guaraperava, angico, eucalipto.

O Professor Helmut Troppmair escreveu: Povoado, desde meados de 1.800, o município de Descalvado sofreu a ação do homem que destruiu a maior parte da cobertura vegetal primitiva. O clima, com chuvas abundantes e temperaturas não muito extremas, permitiu a existência de uma vegetação bastante densa, a floresta latifoliada tropical. Ocorreu especialmente em áreas de solo fértil (latososos roxos) sendo por isso devastada nos meados e fins do século XIX quando se expandiu a cultura do café. O fato foi acentuado ainda mais graças à existência de madeira de lei na sua composição florística. Hoje restam somente pequenos vestígios que formam as reservas de mata de uma ou outra fazenda. Já na área de solos pobres (latososos amarelos fase arenosa) encontramos os campos cerrados. Vegetação esta com aspecto bem característico: árvores com máximo de 5 metros, galhos retorcidos, tronco coberto por uma casca áspera e grossa, raízes profundas que podem alcançar até 20 metros de profundidade. O cerrado apresenta dois aspectos conforme a estação do ano: na época da seca quando perde todas as folhas a fim de diminuir a transpiração forma um quadro desolador, já na época da chuva cobre-se com uma folhagem verde escura. É uma vegetação aberta, intercalada por gramíneas, principalmente a barba de bode, sendo aproveitado por isso para a criação. Os cerrados que cobrem extensa área do Brasil, ainda são um problema para os estudiosos, pois existem dois problemas fundamentais: Por que apresenta-se tão retorcido e com espécies atrofiadas? 1) Como podem ser aproveitados agricolamente estas áreas? 2) Quanto à primeira questão formulou-se várias hipóteses todas ainda em estudo. Assim considera-se os cerrados: a) Vestígios de uma vegetação passada (vegetação relíquia). b) Como resultado de queimadas anuais (ação antrópica). c) Como consequência de solos extremamente ácidos ou de alto teor salino (solos halófilos). Quanto à segunda questão do aproveitamento, também realizam-se ainda experiências, cujos primeiros resultados foram publicados no “Simpósio sobre os Cerrados” da Universidade de São Paulo. Finalmente, nas áreas de campo, encontramos um adensamento maior da vegetação junto aos rios, causado pela maior umidade do solo. É a mata galeria. Em síntese, podemos dizer que a floresta latifoliada tropical quase desapareceu totalmente, pois ocupava áreas de solos férteis, aproveitados para a cultura do café. Nos solos mais pobres temos os campos cerrados, vegetação que ainda constitui um problema a ser resolvido. Sofrendo anualmente a queimada, são áreas aproveitadas para a criação de gado. Nos campos encontramos um adensamento da vegetação que acompanha o curso dos rios, formando a mata galeria ou ciliar.

O desmatamento e o reflorestamento

O Prof. Helmut Troppmair escreveu sobre o desmatamento e reflorestamento no município até o ano de 1965: “A partir do meado do século XIX e principalmente nas últimas décadas, a onda de café atingiu o município de Descalvado sendo então responsável pelo desmatamento de grandes áreas. Lembramos as palavras de Araújo Filho quando diz “desde os cafezais fluminenses, quando se faziam então as primeiras experiências com o produto que se tornaria o mais importante no país, até os atuais cafezais paranaenses, que os pioneiros desta riqueza procuram os solos cobertos de mata para formarem suas lavouras. Daquelas primeiras experiências nasceu como que uma regra, que há mais de século vem notando nossos fazendeiros, numa tradição que nos tem custado bem caro, de maneira a fazer crer, mesmo entre os mais entendidos que fora das terras cobertas de mata, não é possível cultivar o café. Daí a escolha dos solos ser baseada nos chamados padrões de terra boa, isto é os pau d’alho, ceboleiro, angico, figueira branca, cambará, embauva verde e tantas outras essências de nossas matas tropicais. A técnica de plantio de maior declive contribuiu para que houvesse rápido esgotamento do solo, assunto sobre o qual existe vasta bibliografia. Na última década do século XIX e início do século XX Descalvado era o terceiro município produtor de café, com uma população rural de aproximadamente 36.000 habitantes, número que sofreu decréscimo para 9.000 em 1967. As consequências deste aproveitamento irracional das terras visando unicamente o café, deixou marcas profundas na paisagem agrária. Com o desmatamento deu-se a quebra do equilíbrio natural existente entre o meio ambiente e a vegetação, principalmente da floresta latifoliada com o microclima mais acentuado. Surgiu repentinamente uma situação oposta entre o clima equilibrado do interior da floresta e as amplitudes mais acentuadas das áreas desflorestadas. A insolação se intensificou registrando-se temperaturas máximas muito mais elevadas no decorrer dos dias para depois se registrarem mínimas mais acentuadas durante a noite. O livre acesso do vento diminuiu o teor de umidade do ar bem como aumentou a evaporação, fato que se reflete na quantidade de água no solo. As precipitações, antes freadas pela cobertura vegetal, podiam atingir livremente o solo, causando maior erosão areolar bem como uma lavagem intensa das camadas mais superficiais. Uma vez destruída a cobertura vegetal primitiva esta não se refaz, mesmo que haja longos anos de descanso. Haverá, isto sim, o aparecimento de capoeiras, cuja composição florística porém se caracteriza por espécies de “madeira mole”, com um espectro vital mais largo quanto ao clima e com menor exigência quanto ao solo. Coube à Companhia Paulista de Estradas de Ferro em 1936 a iniciativa de reflorestamento numa área do município. Apesar de a finalidade visada não ser o reflorestamento e sim a obtenção de madeira e lenha necessária para os dormentes e o

combustível para suas máquinas a vapor. Em 2 hortos, Aurora e Descalvado, numa área de 9,20 km² foram plantadas diversas espécies de eucalipto como Saligna, Grandis, Alba e outras, todas de rápido crescimento. Com o avanço do progresso, a Companhia Paulista substituiu suas antigas máquinas por outras movidas a óleo, passando os hortos a constituir verdadeiras reservas de madeira. Não havendo mais necessidade da madeira uma vez que os dormentes eram obtidos em outros hortos desta Companhia, iniciou-se em 1947 o corte, sendo o eucalipto na sua quase totalidade vendido às carvoarias. Uma delas, localizada na saída da cidade funciona até hoje, utilizando como matéria prima tanto o eucalipto, árvores do cerrado e de capoeiras como faveiro, angico, canela. A escassez de mata já se tornou tão acentuada que muitas vezes há necessidade de buscar-se a lenha num raio de 30 km. Fora do trabalho da Companhia Paulista, registram-se apenas áreas reflorestadas bem pequenas. Necessário se torna ressaltar que, os campos cerrados ao sofrerem a derrubada, conservam os faveiros que, não encontrando outro competidor e maior quantidade de luz desenvolvem-se bastante, ocupando área bem maior que a primitiva, originando uma mata homogênea. Os regosóis que, tão grande área ocupam no município, poderiam perfeitamente ser reflorestados pelo faveiro, espécie pouco exigente, quanto aos nutrientes do solo, para o qual contribuem com grande quantidade de matérias orgânicas, já que perdem totalmente as folhas durante a época da seca. Trata-se de uma espécie do próprio meio, que vingam com facilidade, de madeira bastante resistente e pode ser aproveitada para moirões de cercas ou então como lenha nas carvoarias. Outras espécies que se adaptam perfeitamente às condições de clima, mas principalmente às de solo, são além do eucalipto já citado, o Pinus Eliotti. O reflorestamento de qualquer uma destas espécies evitaria antes de mais nada os efeitos da erosão e do esgotamento do solo, pois como demonstram experiências feitas nos 2 hortos, há o enriquecimento de nutrientes no solo, demonstrando que o eucalipto, tido como esgotador de solos, ao contrário ajuda a enriquecê-lo. Estamos cientes de que se trata de uma tarefa difícil que exige a aplicação de grandes capitais para o preparo da terra, para a compra de mudas e para o extermínio das formigas. As formigas um dos mais sérios problemas no município causam enormes prejuízos. De difícil combate, somente uma campanha contínua e planejada pode trazer resultados positivos. Citamos a seguir alguns dados que exemplificam perfeitamente o que acima dizemos. Num dos talhões do horto florestal Aurora foram plantados em 1936 um total de 143.437 mudas das quais escaparam à destruição das formigas 105.820 ou seja, houve um prejuízo de 37.617 pés correspondente a 26.2% das mudas inicialmente plantadas. A Companhia Paulista realizou e ainda realiza o combate às formigas, tratando-se, porém, de iniciativa isolada os resultados são apenas temporários. No horto Descalvado em 1964, numa área de 3,6 km² foram exterminados 14 formigueiros e 3.504 olheiros empregando-se um total de 144.705 cm³ de formicida MM33. Três anos mais tarde foi refeito o combate na mesma área extinguindo-se desta vez 94



formigueiros abrangendo cada um 40 a 50 m2 de área. Outro problema ligado ao eucalipto é seu aproveitamento econômico. De crescimento rápido as diferentes espécies, após 10 anos alcançam um tronco de 20 cm de diâmetro, permitindo o primeiro corte. Muitos pés, em média 45%, não se recuperam satisfatoriamente aos quais se soma mais 10% após o segundo corte. A retirada das máquinas a vapor fez com que em 1948 a quase totalidade das árvores existentes nos 2 hortos fossem vendidas a carvoarias, restando hoje uma área insignificante. Entre 1936 e 1948, foram plantadas um total de 1.907.835 pés de eucaliptos dos quais 25% foram destruídos pelas formigas, 56,2% foram entregues a carvoarias existindo hoje somente 369.995 ou seja, 18,8%. Outros reflorestamentos são áreas pequenas, muitas vezes apenas cercas vivas entre as propriedades ou delimitação de áreas de diferente aproveitamento agrícola. É pois de extrema urgência que sejam tomadas providências a fim de recobrir com vegetação as terras expostas à erosão e ao empobrecimento pela lavagem dos horizontes superficiais pelas águas pluviais”.

RIQUEZAS ANIMAIS: (a maioria extintos)

Capivaras, veados, pacas, cotias, preás, tatus, catetús, tamanduás, pintassilgos, avinhados, azulões, pássaros-pretos, juritis, rolinhas, tiês, inhambus, siriemas, saracuras, perdizes, paturis, codornas, jacus, frangos d'água, ticos-ticos, sabiás, corimbatás, dourados, piavas, pacus, lambaris, canivetes, ferreirinhas, taguaras, peixes-sapo, piracanjubas, piaparas, mandis, tambius, bagres, traíras, cascudos, tabaranas, piaparões.

LIMITES

- Norte - Luiz Antônio
- Nordeste - Santa Rita do Passa Quatro
- Leste - Porto Ferreira
- Sul - Analândia
- Sudeste - Pirassununga
- Oeste - São Carlos

DIVISAS:

Luís Antônio: Começa no Rio Mogi-Guaçu, na foz do rio Quilombo e sobe, por este, até a Foz do Ribeirão Vassununga.

Santa Rita do Passa Quatro: Começa na foz do Ribeirão Vassununga, no Rio Mogi-Guaçu e sobe por este até a foz do Córrego da Barra Grande ou Água Vermelha.

Analândia: Começa no alto do Morro do Quadrão, na cabeceira mais ocidental do Córrego Capão Alto, prossegue pela cumeada do Morro à procura da cabeceira do Córrego Pinheirinho, e por este desce até o Rio do Pântano, pelo qual sobe até a foz do Córrego Montes Claros.

São Carlos: Começa na confluência do Ribeirão do Pântano, com o Córrego Montes Claros, vai pelo contraforte que entronca com o espigão divisor das águas do Ribeirão do Pântano e o Rio Quilombo, segue, por este espigão, até a cabeceira mais meridional do Rio Quilombo, por este desce até a foz do Córrego Jacutinga, pelo qual sobe até a sua cabeceira mais setentrional, segue pelo contraforte Anhumas-Quilombo em demanda da cabeceira mais meridional do Córrego do Paraíso, pelo qual desce até a foz do Rio Quilombo, desce por este até o Rio Mogi-Guaçu, onde tiveram início estas divisas.

Pirassununga: Começa na foz do Córrego Bebedouro, no Ribeirão Santa Rosa, e segue pelo divisor entre duas águas até o espigão que deixa à direita, as águas do Rio Bonito e à esquerda as dos Ribeirões do Roque e Laranja Azeda, segue por este espigão até a ponta mais oriental do Morro do Quadrão e pela cumeada deste, segue até a cabeceira mais ocidental do Córrego Capão Alto, afluente do Ribeirão Descarçador.

Porto Ferreira: Começa no Rio Mogi-Guaçu, na foz do Córrego Barra Grande ou Água Vermelha, sobe por este até a foz do Córrego João Dias, pelo qual sobe até a sua cabeceira mais setentrional, segue em reta, até a cabeceira do galho mais setentrional do Córrego Capetinga, e por este, desce até a sua foz, no Rio Bonito, desce ainda por este, até a foz do Córrego Paiolzinho, segue em reta até a foz do Córrego Sapé, até a sua cabeceira, vai em reta até a foz do Córrego Bebedouro, no Ribeirão Santa Rosa.

PRIMEIRAS RODOVIAS

Descalvado interligou-se por rodovia estadual de terra com Porto Ferreira e São Carlos no ano de 1.922, mesmo ano em que foi inaugurada a estrada também de terra ligando São Paulo a Ribeirão Preto. A via Anhangüera começou a operar

entre os anos de 1.956 e 1.957. Somente na metade da década de 60, Descalvado receberia a Rodovia Dr. Paulo Lauro e a via de acesso Antonio Benedito Paschoal, que nos ligaria definitivamente por asfalto até a capital paulista.

RODOVIAS ASFALTADAS

Dr. Paulo Lauro (SP-215) - Rodovia asfaltada que liga Descalvado a Via Anhangüera (Porto Ferreira) e Via Washington Luiz (São Carlos); Em 2.008 esta rodovia teve o nome alterado para **Deputado Vicente Botta**

Rodovia Guilherme Scatena - Rodovia asfaltada que liga Descalvado a Usina Ipiranga de Açúcar e Alcool;

Rodovia José Perna Sobrinho - Rodovia asfaltada que liga Descalvado a Usina Santa Rita, Via Anhangüera e Santa Rita do Passa Quatro;

Rodovia Vito Gaia Puoli - Rodovia parcialmente asfaltada que liga Descalvado ao município de Pirassununga;

Benedito Simel - Rodovia parcialmente asfaltada que liga Descalvado a Analândia

Antonio Benedito Paschoal - Via de acesso que liga Descalvado a Rodovia Dr. Paulo Lauro, sentido Porto Ferreira.

Juvenal Pozzi - Via de acesso que liga Descalvado a rodovia Dr. Paulo Lauro, sentido São Carlos

POPULAÇÃO

ANO	URBANA	RURAL	TOTAL
1.872	?	?	5.709
1.883	2.800	?	?
1.886	2.777	5.450	8.257
1.889(*)	5.000	7.000	12.000
1.900(*)	3.000	27.000	30.000
1.910	3.200	26.000	29.200
1.920	4.025	18.010	22.035
1.930	4.100	?	?
1.940	4.300	?	?
1.950	4.454	9.659	14.113
1.960	7.220	8.639	15.859
1.965(*)	8.000	8.000	16.000
1.970	9.666	5.847	15.513
1.980	13.941	6.830	20.771
1.991	20.234	5.500	25.734
1.994	24.286	6.605	30.891
1.996(*)	20.234	5.500	25.237
1.997(**)	22.203	4.817	27.020
2.000(***)	24.190	4.782	28.972
2.007			29.533

(*) Números estimados

Obs.: Descalvado sempre manteve proporcionalidade entre a população masculina e feminina.

(**) Em 1.997 a população de 27.020 habitantes estava distribuída em 13.571 homens e 13.449 mulheres.

(***) Em 2.000 a população de 28.972 habitantes estava distribuída em 14.479 homens e 14.493 mulheres, com uma taxa de crescimento anual de 1,76.

Em 2007 a densidade demográfica é de 39 habitantes por km2, sendo aproximadamente 950 habitantes por km2 na área urbana e 7 habitantes na área rural..

Mortalidade infantil até 1 ano: 10,43 por mil;

Expectativa de vida: 74,42 anos

Taxa de fecundidade por mulher: 2,23

Taxa de alfabetização 91,84%

Índice de desenvolvimento humano (IDH-M) – 0,820

IDH-M renda – 0,755

IDH-M longevidade – 0,824

IDH-M educação – 0,880

O Professor Helmut Troppmaier escreveu: Segundo as estimativas do I.B.G.E da Prefeitura a população do Município de Descalvado em 1970 era de 15.513 pessoas, sendo que em todo mundo observa-se um êxodo rural, já que a população do campo se dirige às cidades à procura de maior conforto, mais segurança salarial e melhores condições de assistência médica social. Os dados que seguem mostram que em conjunto a população do município está diminuindo, apesar da cidade crescer.

Ano	Município	Cidade	Campo
1883	?	2.800	Campo
1900	30.000	3.000	27.000
1910	29.200	3.200	26.000
1920	?	4.000	?
1930	?	4.100	?
1940	?	4.300	?
1950	14.200	4.500	9.700

1960	15.800	7.230	8.639
1965	16.000	8.000	8.000
1970	15.513	9.666	5.847

Curiosidade: Somente 1 século depois no ano 2.000 Descalvado voltaria a ter a população do ano de 1.900 ou seja em torno de 30.000 habitantes

O aumento verificado principalmente no fim do século XIX e começo do século XX, se explica por 2 fatores.

I - A cultura do café, alcança as grandes áreas de terra roxa, há uma enorme expansão da cultura do café que coincide com a abolição da escravidão e assim a falta de braços. Imigram dos países europeus superpovoados, italianos, portugueses, alemães e outros dirigindo-se para as frentes pioneiras. De 1890 a 1910 o município de Descalvado recebeu, aproximadamente 3.000 famílias de imigrantes italianos. Ainda hoje podemos verificar este fato e como exemplo de amostragem citamos os alunos da primeira série do Ginásio de Descalvado em 1966: 18 alunos tinham sobrenome italiano, 10 sobrenome português, 6 sobrenomes espanhol, 4 sobrenome alemão e 3 sobrenome japonês. O primeiro fator responsável pelo crescimento demográfico no início do século foi a imigração.

II - Como segundo fator citamos o crescimento vegetativo, que é a diferença entre nascimento e mortes.

Eis alguns dados colhidos no registro civil local:

Ano	Nascimento	Mortes	Cresc. Vegetativo
1910	900	400	500
1920	800	350	450
1930	500	280	220
1940	650	200	450
1950	480	110	370
1960	520	105	415
1961	480	90	390
1962	450	80	390
1963	250	90	160
1964	480	100	380
1965	350	90	260

Pelos dados verificamos que, com exceção de 1940, nota-se uma diminuição nos nascimentos. Este fato está ligado à imigração. No fim do século XIX, começo deste, Descalvado era frente pioneira com uma população numerosa (30.000 habitantes em 1910). Gente jovem, forte para o trabalho, querendo trabalhar, progredir e constituir família numerosa, uma vez que sete a dez filhos era comum. Porém os solos se esgotaram, o café avançou mais para o interior e com ele se foi grande parte da população. Por outro lado, o índice de mortalidade também foi diminuindo gradativamente de 400 para 90, indicando que os trabalhos de saneamento contra a febre amarela, tifo e malária deram resultados positivos. O número crescente de médicos que deram e dão assistência à população, juntamente com o trabalho da Santa Casa, o índice de mortalidade forçosamente tinha de diminuir. O crescimento vegetativo varia constantemente nestes últimos 50 anos, porém o que se verifica em linha geral é que, se há uma redução de nascimentos, este fato é parcialmente compensado pelo menor número de mortes.

ELEITORES:

1959 - 3.119 eleitores
1963 - 3.909 eleitores
1968 - 5.225 eleitores
1972 - 6.164 eleitores
1976 - 7.398 eleitores
1982 - 10.722 eleitores
1988 - 13.074 eleitores
1992 - 16.059 eleitores
1994 - 16.900 eleitores
1996 - 18.078 eleitores
1998 - 19.161 eleitores
2000 - 20.036 eleitores
2004 - 22.263 eleitores
2008 - 24.118 eleitores

EDIFICAÇÕES EM DESCALVADO

O primeiro registro que se tem é do ano de 1889, com 750 prédios erguidos na sede urbana, sendo 600 casas e 150 estabelecimentos comerciais. Levantamento este feito pela Câmara Municipal junto a Administração Geral dos Correios, pleiteando a abertura de uma agência em Descalvado.

Abrigavam cerca de cinco mil pessoas. A grande força populacional descaltvadense, nesses tempos, se concentrava nas fazendas, com mais de sete mil habitantes. Grande parte dessa imensa massa humana, transbordava para a cidade aos sábados e domingos dando um inusitado movimento. Curiosamente no levantamento feito em 1893 o número de prédios caía para 397; e falava-se em dois mil habitantes na área urbana e mais de vinte mil na zona rural. Fruto talvez das epidemias? Em 1900, tínhamos 406 prédios urbanos; em 1910, seu número atingia o número de 431; em 1920, 531 prédios formavam a sede municipal; em 1930, 805 prédios na cidade; em 1940, 789 eram arrolados na sede do município. Vê-se por essa simples demonstração, que o crescimento era lento a esse respeito. Sede urbana de poucos fogos, no dizer pitoresco dos antigos, mas sustentada pela crescente demografia rural que chegou a trinta mil habitantes, entre a primeira e a segunda década do século. No censo de 1950, tínhamos 940 prédios. No de 1960, 1626 prédios. Em 1970, 2.443 prédios. A partir daí é que começamos a ter um crescimento significativo.

NÚMERO DE PRÉDIOS POR ANO A PARTIR DE 1.889:

1889 – 750; 1893-397; 1894-397; 1895-392; 1896-396; 1897-407; 1898-407; 1899-407; 1900-406; 1901-396; 1902-403; 1903-405; 1904-407; 1905-415; 1906-418; 1907-419; 1908-426; 1909-432; 1910-431; 1911-442; 1912-471; 1912-491; 1914-500; 1915-501; 1916-502; 1918-527; 1919-533; 1920-531; 1921-534; 1924-591; 1925-595; 1927-630; 1928-651; 1929-662; 1932-669; 1935-674; 1936-675; 1937-697; 1938-732; 1939-753; 1940-789; 1941-805; 1942-825; 1943-842; 1944-857; 1945-867; 1946-866; 1947-891; 1948-901; 1949-921; 1950-940; 1951-965; 1952-1040; 1953-1112; 1954-1180; 1955-1230; 1956-1420; 1957-1438; 1958-1480; 1959-1540; 1960-1626; 1961-1634; 1962-1677; 1963-1780; 1964-1834; 1965-1922; 1966-3036; 1967-2.140; 1968-2228; 1969-2351; 1970-2443; 1971-2512; 1972-2547; 1973-2644; 1974-2724; 1975-3081; 1976-3285; 1977-3.374; 1980-5744.

Obs.: O número de prédios no ano de 1.889, foi levantado pela Câmara Municipal e enviado à Central dos Correios em São Paulo, para pleitear a abertura de uma agência em Descalvado. O Professor Helmut Troppmair em 1965 escreveu: “Cidade não seiscentista e nem setentista, quando o sobrado era uma constante nas cidades e vilas brasileiras; e burgo não erguido em cercanias montanhosas e nem ladeirantas, Descalvado bem oitocentista mas mais novocentista sempre foi cidade de poucos ou quase nenhum sobrado. Sua primeira construção assobrada urbana foi da Santa Casa de Misericórdia, nos fins do século XX, resumia-se a sede urbana em pouco mais de tresentas edificações, algumas verdadeiras mansões (amplas, altas cheias de portas e janelas artisticamente acabadas), mas exceção feita do velho nosôcomio da Paula Carvalho e da sede de nossa justiça nenhuma delas erguendo-se em sobrado. Estes eram mais comuns nas fazendas, nas casas-da-sede, onde, em verdade girava mais a vida comunal em torno da cafeicultura no ápice, com seus sagrados ciclos de trabalhos anuais: colheita, varreção, coroação, monda, mormente a colheita que reclama a presença do dono, porque era a festa de sua fortuna e da sua fartura. Porém começaram a surgir alguns pioneiros nesse setor. O primeiro sobradinho que se tem notícia ficava onde hoje está a Escola de Datilografia na esquina das ruas Coronel Arthur Whitaker e José Bonifácio, curioso é que a parte térrea foi edificada em alvenaria e a parte superior em madeira. Depois foram construídos: do Gürtler na Avenida Coronel Rafael Tobias, na parte inferior a sorveteria do Juca e no alto a residência, Carlos Mayese, também na Coronel Tobias, onde residia e era inteligente industrial, levantou um modesto sobrado, mas de alto valor histórico, Jorge Melki, muito corajosamente, ergueu na Rua Cel Arthur Whitacker, um dos maiores sobrados dos poucos de nossa terra e que foi mais tarde demolido para, no mesmo local, erguer-se o prédio da agência local do Banco Comercial do Estado de São Paulo e o Cap. Francisco Machado Santos construiu um pequeno sobrado, ao flanco de conhecido hotel, na Rua Siqueira Campos. É bom lembrar que certos fazendeiros, ricos e devedores de muito a Descalvado, iam gastar os largos lucros dos nossos fecundos cafezais de então, na capital ou mesmo na Europa, aqui nada edificando, portanto pouco dando ou mesmo nada dando à terra de sua prosperidade. Faça-se certa justiça, porém nem todos de nossos proprietários rurais assim agiram pois houve os que, inteiramente radicados na terra de seu nascimento ou de sua fortuna, nela erigiram belas apalaçadas residências, porém somente Antonio de Campos Penteado, de grandes tradições locais, ergueu um sobrado na urbe, aliás o mais belo dela, e hoje a sede social do CERD obra custosa dos primórdios do século atual. E depois Descalvado argentário do

café viu transcorrer diversas décadas de sua existência urbana, entre surtos progressistas e intermezos de crises sempre com prevalência de prédios térreos em suas construções normais muitas delas gigantescas até para fábricas; e outras espaçosas e artísticas para residência; até que, na década de 40 Orderigo Gabrielli ergiu belíssimo sobrado na Rua José Bonifácio. Na década de 50 o Estado erigiu o vasto e formoso prédio onde se localiza o nosso Ginásio, conquista de abnegados descaldenses, junto à política estadual. Na década de 60 as construções semelhantes foram animadoras, o Prefeito Deolindo Zaffalon ergueu o belo funcional prédio do Paço Municipal, sem dúvida alguma, orgulho da gente descaldense e um dos mais belos de nosso interior; Nassim Sabongi levantou o prédio mais alto de nossa cidade, e em seus três pavimentos para residência e fins comerciais; e, ainda para residência e fins comerciais, foram erigidos, com dois pavimentos, prédios de propriedade de César Martinelli, Antonio Luiz Bispo, Agnello Timotheo do Amaral, Dr. João Francisco Ravasi, Felício De Falco e Moycir Rusca; e para fins especificamente bancário, os prédios do Banco Moreira Salles S/A e do Banco Federal – Itaú S/A nos antigos locais de suas sedes entre nós. As perspectivas nesse setor, parecem-nos magníficas. Década de 60, época das construções verticais das construções de nossos prédios altos, de nossos modestos arranha-céus. É de crer que o progresso nos bafeja e que estímulos não nos faltam com esses claros exemplos dados pelos idealistas aqui alencados. Apelamos para os industriais para os comerciantes para os agricultores e pecuaristas, para os homens de bens de Descalvado, para que ergam Descalvado mais para o alto, em direção às nuvens, para que lancem nossa cidade para cima, mais para cima, dando-lhes modernos prédios de diversos pavimentos embelezando assim a paisagem urbana e inscrevendo-a entre aquelas cidades de nosso Estado e do Brasil que começam a copiar, guardadas as devidas proporções, as megalópolis do mundo contemporâneo. Vejamos quem será aquele que escreverá seu nome, em nossa municipal história, erguendo o primeiro arranha-céu de Descalvado, de porte médio mesmo, ligando seu nome benemérito à magnífica iniciativa. É certo que este prédio surgirá um dia, um dia talvez não muito longínquo. Só falta um passo de coragem e de amor a esta terra e o milagre estará feito. Antecipamos nossas homenagens e nossa gratidão de urbanista de Descalvado a esse homem ou a esses homens dos novos tempos de grandes cometimentos, empreendendo tais grandiosas obras. Já é tempo de subirmos em direção ao nosso formoso e bonito céu, alegria de nossos olhos descaldenses. Num pulo no tempo na década de 80 seria inauguração o primeiro edifício destinado a condomínio residencial na esquina das ruas Bezerra Paes com 24 de outubro, construção administrada pelo engenheiro Sergio Franco de Lima. No ano de 1.997 seria inaugurado o maior Condomínio Residencial Descalvado, na rua José Bonifácio, 450 com 10 andares. O prédio com 20 metros de frente por 26 de fundos foi iniciado em 6 de agosto de 1.986 e inaugurado em 15 de outubro de 1.997. 10 andares com duas unidades, área útil de 108,87 m², área comum de 54,07 m², num total de 162,94 m², possuindo uma vaga garagem por apartamento, um elevador social e um de serviço. O prédio foi edificado em terreno de propriedade do Casal Balkis Arruda Kastein Martinelli e Raul Pinto Martinelli. Esta obra teve sua construção executada pelo Grupo Três Construtora e Incorporadora Ltda com elaboração do Projeto Arquitetônico pela Arquiteta Neusa Mistco Takagi e responsáveis técnicos os engenheiros Milton Montani Junior e José Ramalho Gabrielli Junior, este último responsável pela administração/construção da obra desde seu início até a entrega aos condôminos. A execução foi pelo sistema preço de custo, o que significa que os custos mensais eram rateados por todos os proprietários, um dos motivos da demora em sua execução, vez que nem sempre todos os condôminos podiam desembolsar no mês a quantia necessária para os serviços, somando-se a isso as crises econômicas e mudanças monetárias passadas pelo país. Os condôminos iniciais foram Raul Pinto Martinelli, José Ramalho Gabrielli Junior, Maurício Fregonesi, José Carlos Calza, Claudomiro Luiz Ijorshi, Accácio Ferraz, Helena Tognetti Ruy, José Dias Bolcão, Waldomiro Bortoletto, José Maria Constante Melki, Luiz Antonio do Pinho, João Antonio Motta, Fila & Filla Ltda, João Ravazi, Luiz Francisco Lefcadito Álvares, Valdecir Bernardo Casteglione, Carlos Alberto Pulici e José Eduardo Pinesi. Até a inauguração muitos venderam suas cotas dando lugar a novos proprietários: Marcio Luís Fregonesi, Bernard Divry, Francisco César Ruiz, José Elisio de Moraes, João Carlos Fregonesi, Ademir Sebastião Mauro, Joã Iseppe, Luiz Gonzaga Marcatto, Regiane Delgado, Nassim Sabongi, Manoel Americano, Luiz Gonzaga Fortunato da Silva e outros. Em construção encontra-se outro edifício na rua Coronel

Arthur Whitaker com frente para a Praça Barão do Rio Branco, administrado pelo engenheiro Honório Luiz Prata.

HISTÓRIA DO MUNICÍPIO

A TERRA DOS ÍNDIOS CAIAGANGUES (Caingangues) (Gerson Álfio De Marco)

Clarear do século XIX. No vastíssimo sertão de Araraquara o que seria futuramente, o município de Descalvado. Terra de índios, ainda, terra dos caiaangues, da família dos Jês. O rio Mogi-Guaçu, com águas largas, corredeiras, muito piscosíssimo, então, passando rente às malocas dos selvícolas. O rio do Pântano, seu afluente, nutrindo também, populações indígenas marginais com os muitos peixes que possuía então. O rio Bonito, águas mais estreitas, a receber inúmeros riachos, em seu curto trajeto, ladeado, também, de moradias de aborígenes. Para o oeste, o rio Quilombo fadado a ser águas lindeiras entre Descalvado e São Carlos e a acostar negro fugido, daí seu nome. Havia águas altas que caíam no abismo profundo, falando ao temor dos índios: as do Pântano. Eis a nossa potamografia, giganteada pelo Mogi-Guaçu e arrolando inumeráveis regatos, pois o solo é prodigamente veiado por águas menores, mas valiosas. Ao sul, a atual Serra do Descalvado, extensão do Cuscuzeiro, e o Morro do Quadrão. Para o norte, a Serra da Estrela, pouco elevada; e, mais para o sudoeste, o Morro da Janelinha. Era o Gênesis enchendo a terra selvagem e onde o humano ainda não pisara, dominador e criativo. Densas matas cobriam essa vastidão de terras que seriam o Descalvado a vir. A mão do homem não chegara, ainda, para derribá-las, iconoclasticamente, ao correr dos anos. Os aborígenes as mantinham intactas e propícias para suas caçadas aos voláteis e aos quadrúpedes. Muitas planuras, recobertas de cerrados. Pequenos vales. E, em tudo, o muito verde, as muitas aguadas. Caminhos não havia. Somente as trilhas dos índios. Terra para ser descoberta, pelo homem branco, com seu solo ubérrimo, sem dono. A Flora continuava a mesma flora dos séculos anteriores, cheias de madeiras de lei. A Fauna, a mesma fauna das centúrias anteriores, longe, ainda, da arma abatadora e dizimadora do homem branco. Havia o silêncio milenar da terra, sem a converseira de homens estranhos, sem o pisar das alimárias da conquista e sem o atoar das armas de fogo, enchendo os ermos com a presença do caçador branco. Era a terra bruta, inóspita, rica, formosa, sem limites. Únicos donos, os caiaangues com o seu primitivismo humano, com sua civilização pristina. Únicas presenças do homem, a do índio nas ocas esparsas pela vastidão ilimitada. O Gênesis para o índio caiaangue, que pressentindo a presença do branco, fugiu para longe antes da chegada dos primeiros habitantes.

O ÍNDIO TUPI-GUARANI (Prof. Manuel Pereira de Godoy)

Machados-âncora são muito importantes sobre o ponto de vista cultural, pois, segundo os especialistas, sobretudo Rydén, 1937, em “Brazilian anchor axes”, cujo trabalho é considerado clássico na especialidade pelos Americanistas, não pertencem à cultura Tupi-Guarani; são de cultura Gê. O encontro de Machados-âncora, nesta região, nos faz crer que existiu por aqui, antes da ocupação Tupi-Guarani, que ocorreu a partir de, mais ou menos, 1625, uma ocupação cultural Gê.

O Brasil, na época do seu descobrimento, era habitado por numerosas tribos indígenas, cujas origens até hoje não estão bem definidas. Quando em 1500 os portugueses chegaram ao Brasil foi notado por eles que os Tupi-Guarani empreendiam uma migração sul-norte, à procura da terra sem males, onde não se morre e a felicidade é eterna! (motivo religioso). O Estado de São Paulo recebeu vários grupos Tupi-Guarani nessa migração geral, vários deles se estabeleceram na costa e no interior, em locais propícios nas bacias dos rios principais, como o rio que, depois, recebeu o nome de “Mboya Guasu y”, hoje em dia, apenas, Rio Mogi-Guaçu que significa Rio da Cobra Grande. Provavelmente, uma tribo Tupi-Guarani que entrou pelo sul do Estado, continuou na sua marcha, atingiu a região do atual Rio Piracicaba, continuou até chegar ao vale do Mogi-Guaçu; então toda a região compreendida entre Piracicaba, Rio Claro, Pirassununga, Porto Ferreira, Descalvado e até Mogi Mirim e Mogi-Guaçu, foi ocupada por volta de 1625, como o grande território de caça, de pesca, de obtenção de recursos naturais para o citado grupo Tupi-Guarani, pois, todos os materiais líticos (machados, martelos, raspadores, pilões, pontas de lança e de flechas, etc.), a cerâmica, os desenhos e os rituais funerários são semelhantes entre si em toda a mencionada região, onde habitavam em aldeias permanentes ou habitações (abrigos) temporários. Em 1766 e 1773 portugueses e paulistas atingiram esta região e tiveram contato com os índios. Espingardas de pederneira, do

século XVIII, foram encontradas no leito do Rio Mogi-Guaçu, corroídas pelo ação do tempo, testemunhando a presença humana, não índia, na nossa região. Em 1809 chegariam os primeiros posseiros que teriam bom relacionamento com os índios, sabe-se que o oleiro Tupi-Guarani copiou muito da louça do branco (como asas em vasos), que não coabitava com o branco e que se aproximava da “civilização” para obter fumo, aguardente e doenças, com a varíola, a blenorragia, a sífilis, a tuberculose, a gripe e outras, de efeitos devastadores sobre seres humanos desprovidos de condições de reação orgânica contra tantos males novos! Segundo relatos, transmitidos por tradição oral, os índios remanescentes não encontram mais a necessária condição de sobrevivência e foram desaparecendo. Alguns caboclos, mestiços de índio com branco e de índio com negro, ficaram por aqui. A citação de palavras de hábitos deixados pelo índio que aqui viveu, como peva (baixo, achatado), pari (armadilha de pesca), bereba (ferida, pus), taboca (espécie de bambu nativo), tapera (rancho velho e abandonado), moquear (assar a carne sobre o moquém), moguém (grade de paus, sobre o fogo, para assar carnes, peixes, etc.), entocar (esconder-se dentro de buraco), pererecar (mover-se com rapidez), poita (âncora de pedra), etc. estão difundidos por toda região, principalmente, pela influência do colonizador caboclo. Os elementos materiais deixados pelos índios locais provam, de fato, a existência e a cultura passada de um povo que está quase desaparecido nos dias atuais, com a ocupação de todas as áreas pelos brancos.

Cultura material: Os índios que habitaram a região, possuíam um cabelo grosso, preto e um pouco cumprido, frequentemente amarrado encima da cabeça, formando um tufo. Os chefes usavam um cocar de 3 penas coloridas, amarrado na testa; os outros índios não usavam cocar. Ainda os chefes traziam um machado de pedra polida, semilunar, ricamente encabado, como insígnia de chefia. Andavam todos os índios com o corpo avermelhado, graças a uma mistura oleosa (óleo de peixe ou de capivara e sementes de urucu em pó). Essa mistura do corpo tinha várias finalidades: demonstrar alegria, proteger o corpo contra os excessos dos raios solares e, também, contra a picada de insetos. As aldeias eram formadas ocas (casas) grandes; havia uma habitação comunal e várias famílias aparentadas desfrutavam de um mesmo ambiente doméstico. Além do peixe, da caça e dos frutos silvestres e da mandioca, comiam larvas torradas de besouro e moluscos (Ampullaria e Strophocheilus). Era hábil nadador e tinha canoas construídas a fogo e a pedra, de troncos de certas árvores e, também, construídas de cascas de árvores apropriadas. A caça era exercida com a ajuda do arco e das flechas, cujas pontas podiam ser de osso, de espinhos de peixe, ou de pedra (sílex lascado). Havia pontas de flecha de rocha (pedra), do tipo perfurante, com ponta e corte, e do tipo contundente, sem ponta perfurante e que matava (aves) pelo choque. Tais tipos de flechas eram usados na caça de aves, cujas penas coloridas não deveriam ser manchadas de sangue. Para animais de maior porte, como anta, veado, lobo, cachorro do mato, coati, paca, capivara, etc., eram usadas flechas com pontas afiadas, de osso ou de sílex.

Habitação: As grandes ocas (casas) eram distribuídas em semicírculo, uma ao lado da outra e cada semicírculo tinha um pátio (ocara) fronteiro para as reuniões tribais. As aldeias eram organizadas de tal maneira, que os casamentos pudessem ser cruzados. Assim os varões de um lado do rio, de modo cruzado, podiam se casar com índias do lado oposto, segundo um rito que o Tupi-Guarani cumpria com muita seriedade. Dentro das casas eram dispostas as redes familiares e todos os utensílios e perto de cada conjunto familiar ficava sempre um fogo aceso, o qual tinha várias finalidades: manter algum alimento assado, aquecer o ambiente e produzir um pouco de fumaça para repelir insetos (pernilongos, etc.). As casas eram construídas com esteios de madeira nos lugares de maior responsabilidade; no teto faziam um trançado amarrado de varas, dispostas simetricamente e a cobertura era feita com folhas de coqueiro do campo, conhecido com o nome de “indaia”, ou com folhas do coqueiro “baguassu”. As entradas das casas eram feitas para o lado dos ventos dominantes.

Vestuário e ornamentação: homens e mulheres andavam nus e quase sempre tinham os corpos pintados com uma tinta oleosa de urucu (vermelho). Os chefes traziam um cocar de 3 penas coloridas, amarrado em volta da cabeça, na altura da testa, trazendo na mão direita um machado de pedra, semilunar na forma e ricamente encabado.

Pesca: Eram exímios pescadores, usavam anzóis feitos com espinhas grandes de dourado e de ossos de animais. Como armadilhas usavam redes trançadas de fibra vegetal, covo feito

de taquarussu e pari (espécie de chiqueiro de pedras, com entrada fácil para a água e os peixes e de saída impossível para estes).

Agricultura: Na sua vida livre o índio pouco se dava ao trabalho, no sentido da operosidade da “civilização”. Cultivava a mandioca que era consumida assada, cozida e em forma de beijos (bolo). Com a chegada do homem branco, o índio parou de fazer sua agricultura e passou a roubá-la dos brancos. Conta-se que alguns fazendeiros, plantavam mandioca brava (venenosa), e em resultado vários índios morreram intoxicados pela mandioca roubada! E que os nossos índios muitas vezes, comiam a mandioca crua e a espécie “brava” possui uma glicosíde na seiva leitosa, que em contato com os fermentos do estômago forma o ácido cianídrico, de efeitos letais sobre os homens e os animais.

Alimentação: Preparavam uma farinha de mandioca muito branca, que era assada e consumida em forma de beijos. Também com a mandioca faziam bolos que tinham em mistura peixe assado e triturado em pilões. Os peixes eram descamados, abertos pelo ventre, lavados na água do rio e pendurados em paus fincados, para secarem ao sol; em seguida, o peixe, espetado numa vara, ia para o “moquém”, isto é para uma grade de varas sobre um braseiro, para assar e para ser consumido. Outras vezes, os peixes inteiros, eram enterrados sob a cinza quente e um fogo era ativado por cima para assá-lo, sendo consumido logo depois. A dieta alimentar era acrescida da caça, de frutos da mata, de raízes moles, de palmitos, de larvas de besouro, etc.

Fogo: O nosso índio conheceu e usou o fogo, a prova principal é a presença da cerâmica queimada, constituída pelas urnas funerárias, vasos diversos, pratos, etc., que encontramos na região, juntamente com pedras com concavidades para atritar bastões de madeira dura para produzir o fogo; girado violentamente com as mãos, num movimento de vai-e-vem, o atrito da base inferior do bastão com a pedra produzia calor e um pó que se inflamava levemente; o índio, com paciência, com a ajuda de folhinhas secas avivava o lume incipiente, para conseguir o “fogo”. Os resíduos dos alimentos, carbonizados encontrados em alguns vasos, também provam o uso do fogo e dos processos de obter alimentos por cocção.

Bebidas e narcóticos (tabaco): A bebida de festa era feita de suco de caju do campo (Anacardium humile), nativo no campo cerrado da região. O caju do campo amadurece na primavera (novembro, dezembro), justamente na época da piracema (subida dos peixes), quando havia abundância de alimentos e várias comemorações. O caju maduro era colhido em cestos por todos os índios, homens, mulheres e crianças. As índias mais velhas ficavam nas aldeias preparando os grandes vasos (igaçabas), para a fabricação de um vinho, chamado “chica” ou “chicha”. Quando chegavam os cajus maduros, as índias velhas mastigavam-nos e lançavam o produto, a saber: bagaços, suco e saliva, dentro dos vasos. Em poucos dias, com a fermentação aeróbia, havia transformação de tal mistura em uma bebida alcoólica, agradável para os índios, a “chicha”, que era consumida por todos e em grandes goles. Quanto ao tabaco (Nicotiana tabacum), foram encontrados cachimbos de barro, um tubular e dois angulares, provando que algum vegetal era usado como “tabaco”, no ato de fumar.

Cerâmica: O índio local foi um bom ceramista, provam tal afirmação as igaçabas, com até 180 litros de capacidade, também usadas como urnas funerárias, para os enterramentos secundários dos seus mortos; provam também os outros tipos de vasos, de pratos, de tampas de urnas funerárias, ornamentadas com aplicações das unhas, das extremidades dos dedos, com espátulas, com pauzinhos e estiletes diversos, em baixo e em alto relevo, com enchimento colorido ou não dos sulcos, etc. Para obter um belo vaso, forte e resistente, o segredo principal estava no preparo do barro, quase sempre acrescido de certos pós (cinzas) que tornavam a massa mais plástica, leve, e ainda lhe conferiam resistência. Escamas de peixes, cinza, carvão moído, vasos velhos e quebrados (reduzidos a pequenos fragmentos) eram incorporados à argila na confecção dos vasos. Preparado o barro, o oleiro ou oleira indígena dividia-o em pequenos bolos, que eram amassados de novo e durante essa fase o oleiro aproveitava para retirar corpos estranhos aos mesmos, como pedaços de pauzinhos, pedregulhos, pelotas de barro endurecido, etc. Ainda, durante essa operação poderia acrescentar mais material plástico (argila, água, areia fina, etc.), visando a melhor confecção do vaso. Aqueles que deveriam durar mais tempo tinham paredes mais grossas, até com dois centímetros de espessura. O vaso era confeccionado e seco á sombra, onde ganhava resistência, para ser queimado ao lado de grandes fogueiras a céu aberto, sendo girados periodicamente, para receberem o calor direto do fogo. Finalizando o oleiro colocava brasas e lenha em pedaço dentro dos vasos para a queima interna que dava a

resistência final necessária. Testes atuais mostraram que os vasos indígenas eram queimados a temperaturas em redor de 550° C. Prontos eram pintados, geralmente nas cores vermelha que traduzia alegria e vitória; preto que significava o medo, o luto e a dor, e o branco, a singeleza da sua alma selvagem.

Objetos de pedra: Nosso índio foi um exímio fabricante de objetos de pedra, lascada e polida, como: machados, martelos, pilões, pontas de flechas e de lança, quebra-nozes, pedras para fazer fogo, etc. Foram encontrados pilões de granito tão bem trabalhados e polidos que, medindo-se os seus diâmetros, não se observa diferença maior que dois ou três milímetros. Para encabar seu machado de pedra, o índio utilizava um galho aberto pelo meio, na própria árvore, o qual era amarrado firmemente, após a colocação do mesmo numa posição favorável. Tempos depois, as duas partes se uniam e o machado ficava naturalmente encabado. O índio podia esquecer do machado na árvore, podia morrer antes que o mesmo estivesse pronto para ser cortado na medida certa. Com o passar dos anos e dos séculos, a árvore crescia bastante e o machado acabava incorporado no galho. Quando o homem branco no futuro, derrubou tal árvore e cortou a madeira, fortuitamente pode encontrar o machado no seu interior, e sem saber como tal fato aconteceu, atribuía ao raio o acontecido, materializando assim a força bruta do raio. Daí surgiu a lenda da pedra do raio.

Mortos: Todos os mortos eram cuidados pelos parentes vivos, como tradição tribal, pois acreditavam que os espíritos dos mortos rondavam a aldeia e precisavam ser bem tratados. Na região, os índios enterravam os seus mortos, primariamente, num buraco feito nas proximidades da antiga morada de cada morto; tempos depois os familiares vivos desenterravam os ossos, limpavam-nos e, definitiva e secundariamente, os colocavam numa igaçaba (que acaba servindo como urna funerária) e esta era enterrada dentro da própria casa (oca), ou ao lado dela. Às vezes uma urna podia receber ossos de dois ou mais índios falecidos e aparentados. Os nossos índios acreditavam na imortalidade da alma e daí o culto dos seus mortos; acreditavam num ser supremo e num lugar muito bom para se ir após a morte, onde a felicidade era constante. Daí a ornamentação da urna, e sobretudo, da superfície interna da tampa, pois é possível que a urna simbolizasse a terra, onde o corpo ou parte dele ficava encerrado e limitado; acima a tampa, ornamentada, com desenhos geométricos e intrincados, muitas vezes, representando o firmamento com os seus astros e estrelas.

PEÇAS INDÍGENAS (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

O Descalvado Jornal - edição de 14 de maio de 1939, publicava a seguinte nota:
ACHADO FUNERÁRIO

“Inscientes da descoberta arqueológica não obstante a proximidade, que Descalvado se encontra da Fazenda Bela Aliança, desse município, traduzimos do ‘Fanfulla’, da Capital do dia 10 de maio último, a seguinte e palpitante notícia: “Uma notícia chegada de Descalvado, à local ‘Folha da Noite’, informa que na Fazenda Bela Aliança, de propriedade do senhor Afonso Guimarães, durante os trabalhos de restauração que se estão executando, na estrada carroçável, que une aquela propriedade agrícola, à estação da Aurora, foi descoberto um túmulo dum cacique, ou seja, um chefe indígena. Os ossos do índio estão reduzidos a pó, exceção feita das tíbias. O túmulo deve ter, aproximadamente, duzentos anos. O tradicional vaso do chefe aborígene traz algumas inscrições ingênuas.” Pelo transcrito firmam-se as assertivas da existência em nosso município, nos tempos anteriores à sua exploração, de tribos de selvagens, franqueadores talvez (era hábito dos índios, aldearem-se à beira dos rios), das margens do Mogi-Guaçu. Ontem no entanto fomos procurados pelo senhor Afonso Guimarães, proprietário da Fazenda Bela Aliança, que nos declarou o seguinte: “A igaçaba foi encontrada por camaradas quando trabalhavam no concerto do caminho que liga aquela fazenda à estação da Aurora. Infelizmente, aqueles operários, não sabendo o que era aquela

curiosidade, fazendo uso das ferramentas que traziam, começaram a martelar o achado, reduzindo-o praticamente a cacos, salvando-se porém alguma coisa, devido à sua intervenção, quando passava pelo local. O senhor Guimarães veio cientificar a Prefeitura sobre a veracidade da descoberta e ao mesmo tempo providenciar com ela, o seu transporte para a cidade”.

Nas proximidades da Aurora encontrou-se uma quantidade muito grande de cerâmica indígena, provando que aquele local, próximo ao Rio do Pântano abrigou uma aldeia tupi-guarani. Esses índios com toda certeza caçavam nas proximidades da Serra Descalvado, prova disso é que nas escavações para extração de areia, feitas pela Mineração Jundu, encontrou-se um número muito grande de pontas de flecha, machadinhos, etc., guardados no museu particular daquela empresa. Encontrou-se também material indígena às margens do Rio Mogi-Guaçu e no bairro do Butiá.

Sobre o achado da igaçaba indígena, o Prof. Gérson Álfio De Marco, escreveu o poema abaixo, publicado em jornal da época:

O CACIQUE DESCALVADENSE

Ei-lo desperto, à quebra da igaçaba,
Desperto de seu sono centenário!...
Quem vem violar o abrigo mortuário,
Do jazigo a telúrica quiçaba?

Quem o desperta assim? É o emboaba,
O férreo bandeirante, o missionário!...
Como mudou o prístino cenário!...
Onde a caiçara típica da taba?...

Não ressoam inúbias!... Vai ausente
A tribo de seus pais?... Infelizmente,
Ninguém entende ao esqueleto nu!...

E o taxaua, novamente, dorme,
Arremessando à azulidão enorme,
A última vogal Anheengatú!...

O PRIMEIRO PROPRIETÁRIO DAS TERRAS DE DESCALVADO

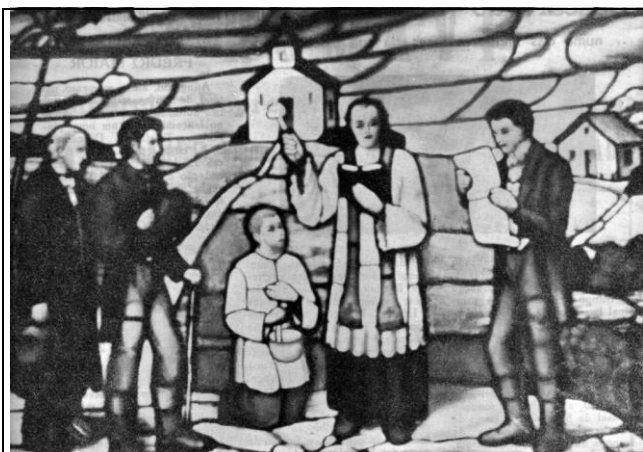
Desde o Descobrimento do Brasil que os Reis de Portugal, seguindo uma tradição de seu país, distribuíam sesmarias, imensos lotes de terras virgens, a privilegiados da Corte que se dispusessem a cultivá-las.

A região de Descalvado pertencia a uma enorme sesmaria que começava no centro do estado de São Paulo e adentrava Minas Gerais. Esta imensidão de terras foi doada no século XVII ao bandeirante Amador Bueno da Veiga como recompensa por sua participação na Guerra dos Emboabas, que era o apelido que os bandeirantes paulistas davam, especialmente na região das minas, aos forasteiros portugueses e brasileiros de outras origens, que entravam no sertão à busca de ouro e pedras preciosas.

QUEM FOI O BANDEIRANTE AMADOR BUENO DA VEIGA

Nascido em São Paulo em data incerta, morreu no Rio Pardo (MG) no ano de 1.719. Foi cabo-mor por aclamação dos paulistas na Guerra dos Emboabas, após ter sido juiz de orfãos na Vila de São Paulo. Sua expedição tinha por finalidade vingar a emboscada do Capão da Traição, em que o comandante português Bento do Amaral Coutinho chacinou inúmeros paulistas que depuseram armas sob promessa de liberdade. Ao se aproximar do

Rio de Janeiro encontrou-se com o governador, que vinha de Minas Gerais, onde estivera a fim de pacificar os ânimos. O governador mandou um aviso aos emboabas que prevenidos, resistiram ao assalto paulista, que após três dias foi levantado sem a vitória. Amador Bueno foi acusado de ter entrado em contato com o governador, a fim de auxiliá-lo na pacificação, nascendo a suspeita pelo fato de alguns julgarem que não tinha posto muita energia na luta. Foi grande preador de índios em Minas Gerais. Em 1713 tentou abrir uma rota, na região de Pitangui, a fim de levar ao sertão. Em 1717 propôs ao governador mineiro buscar



Benção da Capela de Nossa Senhora do Belém - Pintura de vitral na Igreja Matriz

ouro na região de Minas, próxima ao Rio Pardo, vindo a falecer durante essa malograda tentativa.

CHEGADA DOS PRIMEIROS HABITANTES

- **1809** - Nicolau Antônio Lobo, Manoel Antonio Lobo e

Agostinho José Alves de Amorim. Um pouco mais tarde em 1820 José Ferreira da Silva e Tomé Ferreira da Silva. Incluem-se também entre os primeiros: Alexandre José de Castilho, José Rodrigues dos Reis, Joaquim de Oliveira Preto e Manoel Joaquim Bernardes. Os primeiros chegaram pelo norte, aproveitando o Rio Mogi-Guaçu que era o caminho que levava aos sertões de Araraquara. Estabeleceram-se no centro e no sul do atual Município, aproveitando as áreas de terras melhores, evitando o norte junto ao rio Mogi-Guaçu onde ocorriam febres intermitentes de dezembro a abril.

- O livro do tombo da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém, em referência escrita em 1883, quando da visita do Bispo Dom Lino Deodato, assim se refere a história: “Das informações que pudemos obter de um trabalho que temos à vista, consta que este lugar, Belém do Descalvado, começou a ser habitado em 1809, sendo seus primeiros moradores Agostinho José Alves de Amorim, Nicolau Antônio Lobo e José Ferreira da Silva, sendo o primeiro da província de Santa Catarina, e os últimos da de Minas Gerais.”

-**1816** – Alexandre José de Castilho adquire a Fazenda Areias de Nicolau Antônio Lobo.

-**1820** – José Ferreira da Silva e sua mulher Florência Maria de Jesus, provenientes de Minas Gerais, adquirem a Fazenda Areias de Alexandre José de Castilho.

- **08/09/1832 - Inauguração da Capela de Nossa Senhora do Belém**, construída por José Ferreira da Silva em terras da Fazenda Areias, em cumprimento a um voto religioso de sua mulher Florência Maria de Jesus, dando início ao povoado;

1842 – José Ferreira da Silva e Florência Maria de Jesus fazem doação de uma légua de terras para a Igreja, terras que iriam constituir a Vila de Belém do Descalvado.

BIOGRAFIA DOS PRIMEIROS HABITANTES (Gerson Álfio De Marco)

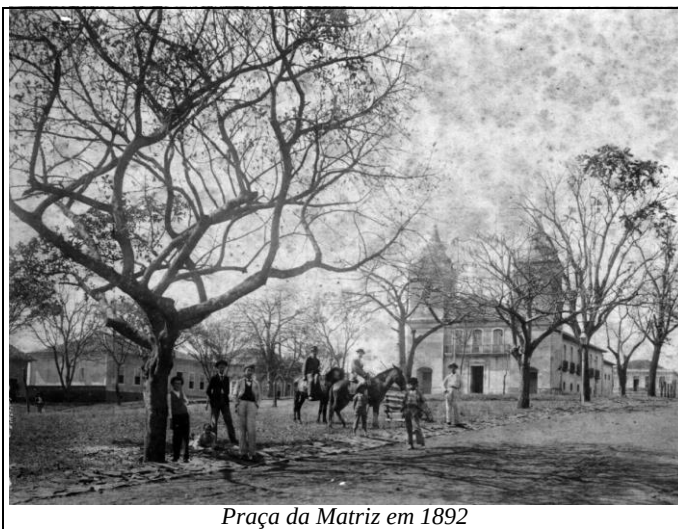
AGOSTINHO JOSÉ ALVES DE AMORIM

Nasceu no estado de Santa Catarina no ano de 1787. Com 22 anos aportou ele ao sertão de Araraquara, nas terras que seriam de Descalvado, ao norte do Município, próximo às margens dos rios do Pântano e Mogi-Guaçu. Nessa vasta extensão de terras, abriu a Fazenda Caridade, que tinha mais ou menos uma légua de comprimento por três quartos de légua de largura (1.350 alqueires paulistas). Aqui progrediu e como rico proprietário rural desenvolveu os trabalhos para a criação da Freguesia e o desenvolvimento do povoado, pertencendo ao rol dos homens mais notáveis da terra, pela sua coragem, já que enfrentava a desordem de nosso rincão, lutando abnegadamente por nossos direitos e contra a prepotência dos políticos de Araraquara. Com seu dinamismo conseguiu que o Imperador Pedro II, através da lei n.º 21 de 28 de fevereiro de 1844, transformasse em Freguesia a capela curada de Nossa Senhora do Belém do Descalvado, e suas desavenças com os políticos araraquarenses desanexaram nossas terras daquele Município, transferindo-as para o de Franca. Depois de permanecer em Descalvado por 55 anos, faleceu em 1864, com 77 anos e aqui foi enterrado. Amorim morreu um ano antes de nossa elevação a vila. Estivesse vivo, certamente teria sido eleito para participar de nosso primeiro legislativo, e com certeza se transformaria em nosso primeiro Agente Executivo

(Prefeito Municipal) não só pelo seu pioneirismo, mas também pelo seu apego à terra descaldadense. Antes de morrer em mais um ato exemplar, doando todos seus haveres para um dos seus escravos de nome João da Nação.

NICOLAU ANTÔNIO LOBO

Nasceu na Província de Minas Gerais no século XVIII. Com seu irmão Manoel Antonio Lobo penetrou o sertão de Araraquara, estabelecendo-se como posseiro em terras que seriam do Município de Descalvado e que abrangiam as antigas Fazendas Gramma, Nova e Areias, constituindo enorme latifúndio de 1.800 alqueires paulistas, que foi desmembrado com o tempo. Nicolau Antônio Lobo, mais tarde, vendeu sua propriedade a Alexandre José de Castilho, também um dos primeiros habitantes que por sua vez, a vendeu mais tarde a José Ferreira da Silva. Vendida as propriedades retirou-se de Descalvado, juntamente com seu irmão, sem que se saiba ao certo para onde.



Praça da Matriz em 1892

ALEXANDRE JOSÉ DE CASTILHO

Um dos primeiros habitantes do sertão de Araraquara, adquiriu terras de Nicolau Antônio Lobo. Entretanto ficou pouco tempo em Descalvado, já que vendeu suas propriedades a José Ferreira da Silva.

JOSÉ RODRIGUES DOS REIS

Conhecido como “Rodriguinho”, foi um dos primeiros povoadores de Descalvado. Lutou muito pelo Município tanto que seu nome denominou até 1867 a atual Avenida Guerino-Oswaldo.

TOMÉ FERREIRA

Tomé Manoel Ferreira era irmão de José Ferreira da Silva, nasceu em 1789 na cidade de Santo Antônio do Machado no Estado de Minas Gerais. Veio para o sertão de Descalvado com 30 anos, juntamente com seu irmão nos idos de 1820, onde encontraram os desbravadores Agostinho José Alves de Amorim e os irmãos Nicolau e Manoel Antonio Lobo. De um deles Tomé Ferreira adquiriu grande propriedade no bairro do Cuscuzeiro, atual Fazenda Monte Alverne, onde cultivou os afamados fumos “Tomé Ferreira” e “Descalvado”. Até 1862 ano em que faleceu com a idade de 72 anos, participou com outros proprietários rurais de todas as vicissitudes históricas de Descalvado, da construção da capela curada à freguesia. Não alcançou porém a elevação a Município, mas contribuiu muito para isso, ajudando os que queriam o progresso, aparecendo seu nome em todos os movimentos de opinião e de reivindicação. Foi sepultado em terra descaldadense, com toda certeza na atual Praça Nossa Senhora do Belém, que foi nosso primeiro cemitério.

JOSÉ FERREIRA DA SILVA

Natural de Minas Gerais, de Santo Antônio do Machado, onde nasceu no ano de 1789, local onde o rio Machado corre tranquilamente ziguezagueando pelas planícies alongadas até desaparecer bruscamente no horizonte. As águas do rio

jorram violentamente pela pedra abaixo com ronco surdo e contínuo no Poço Fundo. É assim a Cachoeira do Poço Fundo, que dá nome ao Bairro do Poço Fundo, na época Município de Santo Antônio do Machado. Dali em 1820, com 31 anos, partiu José Ferreira da Silva e sua mulher Florência Maria de Jesus para o sertão de Araraquara, onde adquiriram de Alexandre José de Castilho, a Fazenda Areias, da qual mais tarde, cumprindo voto religioso, construíram uma capela e dariam uma légua de terras para Nossa Senhora do Belém, dando início ao povoado que seria futuramente Descalvado. Poucas referências se constata a respeito de José Ferreira da Silva, após a doação do patrimônio. Apenas espaçadamente, a



Casa de José Ferreira da Silva localizada na confluência dos Rios da Prata e Bonito

de seu registro como eleitor da Paróquia, até o ano de 1860, data provável de seu falecimento com 71 anos de idade.

OUTROS PIONEIROS

Manoel Joaquim Bernardes e Joaquim de Oliveira Preto, que chegaram às terras de Descalvado no ano de 1820.

- **10/11/1842 - Escritura de doação de patrimônio** (vide texto original abaixo) feita por José Ferreira da Silva e sua mulher Florência Maria de Jesus para a Igreja de Nossa Senhora do Belém.

(Dizemos nós abaixo assinado, eu José Ferreira da Silva e minha mulher Florência Maria de Jesus, que somos senhores e possuidores de um terreno livre e desembargado, neste lugar denominado Descalvado, do Termo da Vila da Constituição o que tem por divisa o se segue, principia pela barra do Tamanduá, acima até a sua última cabeceira e desta a rumo direito ao Córrego do nosso monjolo e por este acima até as cabeceiras divisando com a Fazenda Nova, até o alto pelo lado esquerdo e daí pelo espigão que divisa as águas de São Bento com as que pertence a esta doação e seguindo pelo mesmo espigão a procurar o Ribeirão Bonito até a cabeceira do Córrego da divisa e por ele abaixo até a sua barra com o Ribeirão Bonito onde mora João da Silva e pelo dito ribeirão acima até a barra do Tamanduá já referido onde teve princípio esta divisa, ficando reservado terreno de quatro alqueires que hoje possui Cândido José Soares e também cem braças, para cá, digo, e também cem braças de terreno desde a forquilha do Córrego pelo braço direito acima até a barra do corguinho de nossa aguada até sua cabeceira e desta arruma direto até o Córrego do Manjolo onde fizer testada outras cem braças da dita forquilha o qual terreno assim divisado doamos como de fato doado temos de hoje em diante a Nossa Senhora do Belém, pelo Patrimônio de sua Igreja, que será distribuído este terreno aos povos que nele se quiserem arrancar e contribuir para as obras da mesma Igreja, por um Procurador da Igreja que o Capelão ou Pároco nomear para esse fim o qual Procurador assim nomeado poderá passar título dos terrenos do dito patrimônio que distribuir com os povos recebendo o preço e quantia que com os mesmos contratar para ser aplicado nas obras da dita Igreja. Declaramos que durante a vida de mim e minha mulher ninguém poderá fazer obras dentro do terreno que se compreende nos dois córregos que faz forquilha abaixo de nossa casa porém sim em todo o mais terreno e por ser esta doação feita de nossas livres vontades e sem constrangimento de pessoa alguma, pedimos e rogamos as Justiças deste Império que dê a este papel toda força e vigor como se fosse escritura, digo, fosse escritura pública que não duvidamos passar quando se nos exigir e se nele faltar alguma cláusula ou cláusulas em direito necessários para seu inteiro vigor, aqui as havemos por expressadas como se de cada uma dela fizéssemos especial menção. E para constar mandamos passar para o presente que vai assinado a meu rogo por Agostinho José Alves de Amorim e a rogo de minha mulher assina Alexandre José de Castilho por nós não sabermos ler e nem escrever. Capela de Nossa Senhora do Belém do Descalvado, 10 de novembro de 1842. Assino a rogo do doador José Ferreira da Silva, Agostinho José Alves de Amorim. Assino a rogo de Florência Maria de Jesus, Alexandre José de Castilho. Testemunha Antonio Joaquim Leme. Testemunha que esta faz e vi assinar. Manoel Leandro de Araújo.)

- **28/02/1844 - Criação da Freguesia (Distrito de Araraquara) da Capela Curada de Nossa Senhora do Belém pela lei n.º 21.**

(Lei n.º 21, de 28 de fevereiro de 1844. “Manoel Felizardo de Souza e Melo, Presidente da Província de São Paulo, faço saber a todos os habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte: Artigo 1º - Fica erecta em Freguesia a Capela Curada de Nossa Senhora do Belém do Descalvado, da Paróquia de Araraquara, e o Presidente da Província autorizado para demarcar-lhe limites. Artigo 2º - Esta nova Freguesia fica desanexada do município de Araraquara, e reunida com todo o seu território ao de Mogi-Mirim. Artigo 3º - Ficam revogadas as disposições em contrário. Mando portanto, a todas as Autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente, como nela se contém. O Secretário desta Província a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palácio do Governo de São Paulo ao 28 de fevereiro de 1844. assinado Manoel Felizardo de Souza Melo. - Carta da lei pela qual V. Excía manda executar o decreto da Assembléia Legislativa Provincial, que houve por bem sancionar, elevando à categoria de Freguesia, a Capela Curada de Nossa Senhora do Belém do Descalvado, no

Município de Araraquara, e anexando-o ao de Mogi-Mirim, como acima se declara. Para V. Excía ver. Joaquim José de Andrade e Aquino a fez.)

- **22/04/1865 - Elevação à Vila do Belém do Descalvado pela lei n.º 72**

(Lei n.º 72 de 22 de abril de 1865. “O Dr. João Crispiniano Soares, do Conselho de Sua Majestade, o Imperador e Presidente da Província de São Paulo, Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sanciono a lei seguinte: Artigo Único - Fica elevada à categoria de Vila a Freguesia do Belém do Descalvado, do município de São João do Rio Claro, com as mesmas divisas; revogadas as disposições em contrário. Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O Secretário desta Província o faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palácio do Governo de São Paulo ao 22 de abril de 1865. assinado João Crispiniano Soares. Casta de lei pela qual V. Excía manda executar o decreto da Assembléia Legislativa Provincial, que houve por bem sancionar, elevando à categoria de Vila a Freguesia do Belém do Descalvado, do Município de São João do Rio Claro, como acima se declara. Para V. Excía ver. Júlio Nunes Ramalho da Luz o fez.)

- **15/04/1873 - Criação da Comarca pela lei n.º 64;**

Antes pertenceu às seguintes Comarcas:

1844 – Franca (7ª Comarca)

1845 – Campinas (3ª Comarca)

1852 - Mogi Mirim

1859 – São João do Rio Claro

1866 - Araraquara

1868 – São João do Rio Claro

1873 – Comarca de Belém do Descalvado

O primeiro Juiz Titular da Comarca de Descalvado foi o Dr. Olímpio Pinheiro de Lemos.

Através da lei complementar de número 762 de 30 de setembro de 1.994, foi criada em Descalvado a 2ª Vara Judicial que foi instalada no dia 17 de março de 2.000 com a presença do Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, o Desembargador Márcio Martins Bonilha. A primeira Juíza Titular desta Vara foi a Dra. Camila de Lima e Montes Castanho.

Cidades que pertenceram à Comarca de Descalvado

Pirassununga - de 1873 a 1890

São Carlos - de 1873 a 1880

Santa Rita do Passa Quatro - de 1875 a 1890

Porto Ferreira - de 1885 a 1892

Histórico da Comarca de Descalvado segundo o livro “Ensaio de um Quadro Demonstrativo do Desmembramento das Comarcas” editado no ano de 1940 pelo Departamento Estadual de Estatísticas:

“Descalvado – Esta povoação fundada em território de Araraquara foi elevada a freguesia com o nome de Nossa Senhora do Belém do Descalvado, em 28 de fevereiro de 1844 e incorporada ao município de Mogi Mirim. Por isso pertenceu primeiro ao termo de Mogi Mirim e Casa Branca, da 7ª comarca (Franca). Sendo, ainda como freguesia, incorporada ao município de Rio Claro, pela lei n.º 13, de 7 de março de 1845, ficou pertencendo ao termo de Constituição e Limeira, da 3ª comarca (Campinas); termo de Limeira e São João do Rio Claro, comarca de Mogi Mirim, pela lei n.º 11, de 17 de julho de 1852; termo reunido ao de Limeira, pelo decreto n.º 1.474, de 2 de outubro de 1854, comarca de Mogi Mirim; termo de São João do Rio Claro e Limeira, comarca de São João do Rio Claro, pela lei n.º 26, de 6 de maio de 1859; termo de São João do Rio Claro, comarca de São João do Rio Claro, pelo decreto n.º 2.449, de 3 de agosto de 1859. Elevada a vila em 1865m continuou a pertencer à comarca de São João do Rio Claro; termo de Belém do Descalvado, da comarca de Araraquara, lei n.º 61m de 20 de abril de 1866; termo reunido ao de Pirassununga, comarca de Araraquara, pelo decreto n.º 3.729, de 10 de novembro de 1866; termo de Belém do Descalvado reunido ao de Pirassununga, comarca de São João do Rio Claro, pela lei n.º 48, de 15 de abril de 1868; termo de Belém do Descalvado, reunido ao de Pirassununga, comarca de Belém do Descalvado, pela lei n.º 64, de 15 de abril de 1873; termo de Belém do Descalvado, comarca de Belém do Descalvado, decreto n.º 6.240, de 5 de julho de 1876. A lei n.º 1.157, de 26 de dezembro de 1908, mudou o nome desta comarca para Descalvado. Esta Comarca instalada no dia 1º de outubro de 1873 foi criada com os termos de Belém do

Descalvado, Pirassununga e São Carlos do Pinhal. Foram desanexados os municípios de: São Carlos, pela lei n.º 38, de 27 de março de 1880; Pirassununga pelo decreto n.º 64, de 30 de junho de 1890. A comarca de Descalvado consta atualmente somente do município do mesmo nome”.

-16/10/1873 - Instalação do Cartório do Registro Geral das Hipotecas da Comarca do Belém do Descalvado - Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e setenta e três aos dezesseis de outubro do dito ano, nesta Vila de Pirassununga, sede da Comarca do Belém do Descalvado, na sala da Câmara Municipal, lugar onde se celebram as audiências do Juízo, as onze horas do dia, designadas para a instalação do Cartório do Registro Geral das Hipotecas desta Comarca, como foi previamente anunciado por editais datados do dia quinze do corrente mês, publicados e afixados nos lugares públicos do estilo; achando-se presentes o Meritíssimo Juiz de Direito da Comarca Doutor Joaquim Ignácio de Moraes, comigo Antonio Augusto Bezerra Paes, tabelião do Público Judicial e Notas do Termo do Belém do Descalvado, nomeado interinamente pelo mesmo Juiz de Direito para servir de Oficial do dito Registro nos termos do artigo 5º do decreto n.º 3453 de 26 de abril de 1865, e aviso n.º 98 de 26 de abril de 1872, em virtude do competente título expedido em data de doze do corrente mês; e o porteiro deste Juízo Joaquim Bezerra Machado Cintra; pelo referido Doutor Juiz de Direito foi declarado instalado o Cartório do Registro Geral das Hipotecas desta Comarca do Belém do Descalvado, que funcionará de ora em diante de conformidade com a legislação em vigor, e ordenou que isto se fizesse público em todos os termos da Comarca para ciência dos interessados. Não existindo livros alguns pertencentes ao antigo Registro das Hipotecas, pois que esta Comarca tendo sido criada pela lei provincial do corrente ano, foi instalada no dia primeiro do corrente mês, sendo neste ato criados dez cadernos com dez folhas cada um para os fins indicados no artigo 13 do supra citado decreto n.º 3453 de 26 de abril de 1865, achando-se o presente caderno (protocolo) devidamente selado e todos eles numerados, rubricados e com os competentes termos de abertura e encerramento feitos pelo mencionado Doutor Juiz de Direito, cujos cadernos servirão provisoriamente até que cheguem ao Cartório os livros que tem de ser fornecidos pelo Governo. O Doutor Juiz de Direito da Comarca, havendo como fica declarado por instalado o Cartório do Registro Geral das Hipotecas desta Comarca, mandou, para o todo o tempo constar, lavrar este auto que assina, determinando que dele se extraísse cópia autêntica para ser enviado ao Presidente da Província. Eu Antonio Augusto Bezerra Paes, Oficial Interino do Registro Geral das Hipotecas da Comarca, o escrevi. Joaquim Ignácio de Moraes.

- 01/04/1889 - Elevação à cidade pela lei n.º 90

(Lei n.º 90 de 1º de abril de 1889 - O Dr. Pedro Vicente de Azevedo, Presidente da Província de São Paulo, Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléia Legislativa Provincial decretou, e eu sanciono a seguinte Lei: Artigo 1º - Fica elevada à cidade a Vila do Belém do Descalvado. Artigo 2º - Revogadas as disposições em contrário. Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O Secretário desta Província a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palácio do Governo da Província de São Paulo, em 1º de abril de 1889. assinado Dr. Pedro Vicente de Azevedo. Carta de lei pela qual V. Excia, manda executar o Decreto da Assembléia Legislativa Provincial, que houve por bem sancionar, elevando à cidade a Vila do Belém do Descalvado, como acima se declara. Para V. Excia ver. Antonio Gonçalves de Araújo Júnior a fez.)

- 26/12/1908 - Simplificação do nome para Descalvado pela lei 1157

(Lei n.º 1157 de 26/12/1908 - Muda a denominação do Município, Comarca e Distrito de Paz do Belém do Descalvado para a de Descalvado. O Doutor Manoel Joaquim de Albuquerque Lins, Presidente do Estado de São Paulo, Faço saber que o Congresso Legislativo do Estado decretou e eu promulgo a lei seguinte: Artigo 1º - Fica mudada a denominação do Município, Comarca e Distrito de Paz do Belém do Descalvado, para a de Descalvado. Artigo 2º - Revogam-se as disposições em contrário. O Secretário de Estado dos Negócios do Interior assim o faça executar. Palácio do Governo do Estado de São Paulo, em 26 de dezembro de 1908. assinado: Manoel Joaquim de Albuquerque Lins e Carlos Augusto Pereira Guimarães. Publicada na Secretaria

de Estado dos Negócios do Interior em 26 de dezembro de 1908. O Diretor Álvaro de Toledo.)

UMA POLÊMICA HISTÓRICA - JOSÉ FERREIRA DA SILVA, AGOSTINHO JOSÉ ALVES DE AMORIM OU FLORENCIA MARIA DE JESUS?

Luiz Carlindo Arruda Kastein

Sempre existiu quem considerasse o ano de 1809 como o de fundação de Descalvado, por Agostinho José Alves de Amorim, portanto 23 anos antes da doação das terras por José Ferreira da Silva. Como não é de hoje que existe a polêmica sobre o fundador de Descalvado, vamos aventar também a hipótese de que a verdadeira fundadora da cidade tenha sido Florência Maria de Jesus.

Finalmente o português catarinense Agostinho José Alves de Amorim tomou posse destas terras no ano de 1809 (fazenda Caridade) e nada doou para constituição do patrimônio. O português mineiro José Ferreira da Silva adquiriu sua fazenda (Areias) em 1820 e também não se preocupou em ceder terras para o patrimônio público. A doação para a Capela só veio a ocorrer em 1832 quando Florência Maria de Jesus adoeceu e por sua recuperação fez o seguinte voto religioso à santa de sua devoção que era Nossa Senhora do Belém: Doação de uma légua de terras para constituir patrimônio da Igreja construindo uma capela em louvor à Nossa Senhora do Belém, cuja imagem esculpida em madeira teria a altura e peso de Florência Maria de Jesus. Foi a partir daí que nasceu a capela, a vila, a cidade. Então quem fundou Descalvado? Mas vamos à história completa: Durante muitos anos a Câmara Municipal discutiu sobre quem inventou Descalvado. Seria Agostinho José Alves de Amorim, português, lá dos confins de Santa Catarina, que chegou por aqui em 1809 e abriu a Fazenda Caridade no então sertão de Araraquara, ou seria José Ferreira da Silva que em 1842 por escritura particular, doou parte de seu patrimônio para a Paróquia de Nossa Senhora do Belém? Antenor Betarello historiador fica com o primeiro. Gerson Álfio De Marco também historiador, com o segundo. Polêmica à parte, vamos conhecer esta história. Agostinho José Alves de Amorim nasceu na Província de Santa Catarina no ano de 1787. Em 1809, com apenas 22 anos, chegou às terras inóspitas e sem dono, de Descalvado. Estabeleceu-se ao norte do município, em terras férteis entre as margens dos rios Mogi-Guaçu e Pântano. Nesta vasta extensão de terras, abriu a Fazenda Caridade, que inicialmente tinha uma légua mais ou menos de comprimento e três quartos de légua mais ou menos de largura, ou seja, uma média de 6.600 metros de comprimento por 4.950 metros de largura (3.267 hectares ou 1.350 alqueires paulistas). Aqui progrediu e como rico proprietário rural desenvolveu os trabalhos para a criação da Freguesia e o desenvolvimento do povoado, pertencendo ao rol dos homens mais notáveis da terra, pela sua coragem, já que enfrentava a desordem de nosso rincão, lutando abnegadamente por nossos direitos e contra a prepotência dos políticos de Araraquara. Com seu dinamismo conseguiu que o Imperador Pedro II, através da lei n.º 21 de 28 de fevereiro de 1844, transformasse em Freguesia a Capela Curada de Nossa Senhora do Belém do Descalvado, e suas desavenças com os políticos araraquarenses desanexaram nossas terras daquele Município, transferindo-as para o de Mogi-Mirim. Depois de permanecer em Descalvado por 55 anos, faleceu em 1864 e aqui foi enterrado. Amorim morreu um ano antes de nossa elevação a Município. Estivesse vivo, certamente teria sido eleito para participar de nosso primeiro legislativo, e com certeza se transformaria em nosso primeiro Agente Executivo (Prefeito Municipal) não só pelo seu pioneirismo, mas também pelo seu apego à terra descaldadense. Pouco antes de morrer praticou mais um ato exemplar doando todos seus haveres a um de seus escravos chamado João da Nação. A Câmara Municipal reconhecendo o trabalho deste pioneiro, através da lei n.º 13 de 6 de setembro de 1954, denominou a rua férrea, ao lado da antiga linha férrea da FEPASA, como rua Agostinho José Alves de Amorim. José Ferreira da Silva, era natural de Minas Gerais, de Santo Antônio do Machado, onde o rio Machado corre tranquilamente ziguezagueando pelas planícies alongadas até desaparecer bruscamente no horizonte. As águas do rio jorram violentamente pela pedra abaixo com ronco surdo e contínuo no Poço Fundo. É assim a Cachoeira do Poço Fundo, que dá nome ao bairro do Poço Fundo, na época município de Santo Antonio do Machado. Dali em 1820, com 31 anos de idade, partiu José Ferreira da Silva e sua mulher Florência Maria de Jesus para o sertão de Araraquara, onde adquiriram de Alexandre José de Castilho, a Fazenda Areias, da qual em 1832 cumprindo voto religioso, doaram uma légua de terras para Nossa Senhora do Belém, dando início ao povoado. Após a doação poucas referências

temos da vida do casal. Sabe-se que José Ferreira da Silva foi eleitor na Paróquia até 1860, data provável de seu falecimento com 71 anos de idade. De Florência Maria de Jesus não tivemos mais registros após a escritura de doação. Os dois não participaram da vida política da cidade, com toda certeza eram pessoas bem simples e analfabetas, já que na escritura de doação das terras, Agostinho José Alves de Amorim assinou a rogo de José Ferreira da Silva e Alexandre José de Castilho a rogo de Florência Maria de Jesus. Os poderes públicos homenagearam José Ferreira da Silva dando seu nome a uma rua central e ao tradicional "Ginásio". Florência Maria de Jesus foi homenageada com seu nome dado a uma pequena praça ao lado da estação ferroviária. O Dr. Glenan Leite Dias, conceituado médico, e que não raras vezes assinava artigos em jornais da terra, certa vez escreveu: "Agostinho de Amorim encontrou Descalvado e não inventou Descalvado - inspiração original de José Ferreira, cujo nome é patrimônio histórico que recebemos das gerações passadas e que temos a responsabilidade de transmitir às gerações futuras. E escreveu mais: "Não faz muito, assistimos ilustre político sofrer inesperada derrota, em pleito municipal, possivelmente por ter atribuído a Agostinho de Amorim a fundação da cidade". Referia-se o médico ao historiador Antenor Betarello que sofreu esmagadora derrota nas eleições municipais de 1959 quando enfrentou Deolindo Zaffalon, como candidatos a prefeito. Apesar de ter sido apoiado pelo então prefeito Jayme Regallo Pereira, obteve apenas 708 votos, contra 1.721 votos de Deolindo. Derrotado nas eleições perdemos o político e o historiador que daqui partiu para nunca mais voltar. Do mesmo lado do Dr. Glenan, estava o inesquecível amigo e historiador Gerson Álfio De Marco que sempre afirmou que embora Amorim tenha chegado primeiro, aqui só constituiu fazenda. Não fosse a doação de José Ferreira e sua mulher de um patrimônio para a Igreja de Nossa Senhora do Belém, e não teríamos o povoado, a vila, o município. Afirmava ele, seríamos sempre terras de Araraquara. Mas e se não fosse o voto religioso de Florência Maria de Jesus, um dos dois teria se preocupado em doar patrimônio para a Igreja?

Amorim de 1809 a 1832, durante 23 anos não manifestou intenção. José Ferreira de 1820 a 1832, corridos 12 anos, só se preocupou com a doação a partir da enfermidade da mulher. Afinal se Descalvado existe, pelo menos oficialmente, pela escritura de doação, lavrada na Câmara Municipal de Rio Claro, foi por força e vontade religiosa de Florência Maria de Jesus. Com toda certeza Agostinho José Alves de Amorim, José Ferreira da Silva e Florência Maria de Jesus, estão se revirando, cada qual em seu túmulo, para conquistar um lugar em nossa história, como verdadeiro fundador das terras de Nossa Senhora do Belém do Descalvado.

QUEM FUNDOU O NOSSO DESCALVADO?

(Dr. Antenor Erveu Betarello, descalvadense e Vereador da Câmara Municipal de São Paulo, em discurso proferido na Câmara Municipal de Descalvado, como Orador Oficial na sessão solene, realizada na noite de 8 de setembro de 1953).

"Descalvado perde sua origem na lenda e na tradição. Escassos são os documentos existentes nesse sentido. Tendo pertencido em 1844, à Comarca de Franca; em 1845, à de Campinas; em 1852 à de Mogi-Mirim; em 1859, à de São João do Rio Claro; em 1866, à de Araraquara; voltando novamente, em 1868 a pertencer à São João do Rio Claro, quase nada se encontra nos arquivos dessas cidades. Acrescente-se ainda, que, pertencendo o nosso Descalvado a uma determinada Comarca, estava politicamente jungida ao Termo que lhe era designado e, assim, ao mesmo tempo tinha que responder à Comarca e ao Termo, numa confusão das maiores. Assim é que pertencemos, em remotas épocas, aos Termos de Casa Branca, Constituição (hoje Piracicaba), Limeira, São João do Rio Claro e de São Bento de Araraquara. Em pesquisas que procedi, na maioria dessas cidades, nada encontrei. Busquei o Arquivo do Estado, onde existem documentos de grande valor. A respeito de nossa cidade, recolhi farto material, mas esses documentos não passam de 1842. A fim de poder proceder à história de nossa terra tive de empreender o estudo da história de outras cidades, que nos foram afins, em determinadas épocas; e daí, deduzir algo. Nesse sentido pude colher dados significativos para Descalvado. Todavia, para isso, é necessário paciência beneditina. Aqui em Descalvado, deveria haver documentos importantes, nesse sentido, mas não tenho encontrado farta colaboração nesse sentido. Devo externar, nesse momento minhas simpatias por dois descalvadenses: um é o Dr. Dácio de Arruda Campos, íntegro Juiz de Direito de Jaboticabal; outro é o nosso operoso Prefeito Sr. Deolindo Zaffalon. Voltemos ao assunto. Quem fundou o Descalvado? É difícil afirmar o nome do fundador. Temos a impressão de que o Descalvado não foi fundado por um só indivíduo. O território

de Descalvado pertencia a Araraquara, tendo pertencido a uma sesmaria imensa, doada a Amador Bueno da Veiga, bandeirante de grande fama e intrépido, que vingou os paulistas trucidados no Rio das Mortes. Pode-se quase afirmar que do centro do Estado para o norte, toda essa região foi uma imensa sesmaria pertencente ao bandeirante. As constantes excursões de paulistas e bandeirantes às terras de Minas Gerais, criaram a lenda das terras férteis de São Paulo, região imensa onde se plantando, tudo dá. Nessa altura da história, a Capitania de São Paulo não possuía muitas Vilas e Termos, sendo poucas, também, as Comarcas. O território é um imenso sertão, convidando os aventureiros que tinham jeito corajoso e braço forte. Contam-se histórias mirabolantes. A vegetação é de pasmar! Aguados e rios existem para escolher. Os bandeirantes que se dirigiam para Minas Gerais, à cata de ouro e de pedras preciosas e lá se estabeleceram, cedo perceberam que, passada a fase áurea, das pepitas de ouro catadas à superfície do solo e das pedras preciosas, agora escassas, melhor seria o retorno para a terra paulista, pois o solo é mais dadivoso, as pastagens mais ubérrimas e a vida mais suave. O mesmo acontece também, com os paulistas que se dirigiram para o sul, expulsando o espanhol para as margens do Rio da Prata. Em cada povoado, deixaram a fama de sua cidade natal, cantando em prosa e verso, a magnitude de Sorocaba, Itu, Porto Feliz, Taubaté, Campinas e outras cidades bandeirantes. Nos fins do século XVIII e princípios do século XIX, a lenda do eldorado tinha um só sinônimo: São Paulo! Data desse tempo, se me permitem o termo, sem malícia alguma, a invasão de São Paulo por moradores de Minas Gerais, na sua maioria, e por moradores de outros recantos da pátria. Lembremo-nos que o Paraná nos pertencia nessa época, bem como outras regiões brasileiras. Parece excesso de bairrismo nosso, de dissermos que nesse momento, são muito decantadas as terras do sertão de Araraquara, principalmente aquelas próximas ao lugar denominado Descalvado, terras propícias para a agricultura. Apenas, e aí vem uma advertência aos fracos, a região é pestilenta, dando úlceras tremendas e febres malignas. Conversando há pouco tempo, com o insigne historiador Escragnole Taunay, que possuiu por parte de sua esposa, parentes antepassados no Descalvado, confirmou-me ele esse fato, declarando saber por tradição de seus maiores, que a maleita e a úlcera eram endêmicas. E ainda, havia mais: a terra era nova, novíssima e apenas crescessem os primeiros rebanhos e florissessem as primeiras safras, o elemento aventureiro seria atraído para a região e esse não era de molde a fugir apenas com a careta do morador visado. Era pois necessário, coragem para a empreitada. Ressalta deste rápido relato que o eldorado não era paraíso para os tímidos e que só os fortes teriam probabilidades de êxito. Repugna para nós, a idéia do fatalismo, não nos perfilamos entre os adeptos do sistema determinista, como é expresso pelos seguidores de Maomé, de que "estava escrito". Há entretanto, um determinismo que é verdadeiro e indiscutível: o determinismo biológico. "Estudos modernos (diz Renato Kehl), sobre hereditariedade, constituição e temperamento, demonstram à evidência, que todos nós estamos presos a uma fatalidade histórica, digo, orgânica e psíquica à qual não podemos fugir e que os nossos atos dependem essencialmente de nossa constituição, de nosso temperamento e não da simples influência do meio e das circunstâncias mais ou menos imprevistas". É no próprio homem e no seu eu profundo, diz Bergson, que se deve procurar o primum movens dos seus atos". "Dependemos muitíssimo das tendências que ao nascer trazemos, porque são tecidas desde o seio materno e na trama de nossa alma em formação. Ao mesmo tempo que reconhecemos o determinismo biológico, não podemos deixar de reconhecer que cada sociedade elabora seu sistema natural de normas de pensar, de sentir, de agir, que se cristalizam em sistemas de moral, em sistemas políticos, religiosos, jurídicos. Constituem ideologias sociais, isto é, corpo de regras, reflexos da mentalidade coletiva, super estruturas". (Djagir Menezes). A psicologia social estuda todos esses fenômenos. Ora, cada sociedade e cada época manifestam certas tendências dominantes nos pensamentos, sentimentos, estados afetivos e representativos em geral que bastam para caracterizar a época e a sociedade. Quais seriam os traços da formação sócio-psicológica, na data da fundação do Descalvado? Alberto Torres e Oliveira Viana, evidenciam alguns traços característicos de nossa formação mental, como povo. E as características psicológicas, individuais dessa época são: "Entre nós, o homem do povo, o plebeu, o peão, o campônio, não possui confiança interior e profunda, que é a fibra do caráter do cidadão suíço, inglês ou alemão, que é a fibra do caráter de qualquer homem. O homem que não tem terras, nem escravos, nem capangas, nem prestígio, sente-se, aqui, praticamente fora da lei. Nada o ampara. Nenhuma instituição,

nem nas leis, nem na sociedade, nem na família, existe para a sua defesa. Nessa fase de rumo ao sertão, sempre se vê diante dos poderosos, das suas cobiças, das suas arrogâncias, das suas animosidades, tímido, receoso, encolhido. Era esse o meio social na época da fundação do Descalvado. Se ele agia deletariamente na formação psicológica do momento, evoluía também, dentro de certas condições físicas gerais, criando forças morais nessa população aventureira, dando-lhe uma resistência sem par e um espírito inquebrantável. Exposto, em largas pinceladas, o drama da terra, bem é de ver-se que a empreitada só podia competir aos fortes. Não nos esqueçamos ainda, de outro ponto importante em tudo isto: a base geográfica, a fisionomia da terra, onde estão os recursos naturais de subsistência, modela a fisionomia da sociedade, dá o sentido de sua evolução política, jurídica e social, nos processos múltiplos de adaptação que se processam em complexidade infinita.

A LENDA PRECEDE SEMPRE A HISTÓRIA

Tem sido, desde criança, decantada aos nossos ouvidos a seguinte lenda a respeito da fundação do Descalvado: “Tomé Ferreira e José Ferreira da Silva, naturais da Província de Minas Gerais, foram os primeiros desbravadores que em 1810, se estabeleceram no território e, como posseiros, tornaram-se proprietários. Depois destes, dirigiram-se para a região fértil e de boas terras, Agostinho José de Amorim e Nicolau Lobo. Depois destes foi José Rodrigues dos Reis, conhecido por “Rodriguinho”, falecido com idade superior a 100 anos, o qual se estabeleceu para os lados da Serra do Cuscuzeiro, já em terras de São Carlos do Pinhal”. Tenho a certeza de que os prezados amigos, aqui presentes, também assim, o ouviram. Nada mais inverídico existe. O Livro do Tombo, mais prudente, em referência escrita em 1883, quando da visita do Bispo Dom Lino Deodato, assim se refere: “Das informações que pudemos obter de um trabalho que temos à Vista, consta que este lugar, Belém do Descalvado, começou a ser habitado em 1809, sendo seus primeiros moradores Agostinho José Alves de Amorim, Nicolau Antonio Lobo e José Ferreira da Silva, sendo o primeiro natural da Província de Santa Catarina; e os últimos de Minas Gerais”. Nenhuma referência se faz, no Livro do Tombo, a Tomé Ferreira. Injustiça? Não! A verdade é que, até hoje, através de uma lenda que se perpetua, elevamos boas a Tomé Ferreira, esquecendo os dois pioneiros e que são: Nicolau Antonio Lobo e Agostinho José Alves de Amorim. E por que? Se remontarmos ao tempo da fundação de nossa terra, verificaremos aquela verdade de Alberto Torres: “Nos tempos antigos, a religião abraçava, como a filosofia abraça, hoje, todas as concepções intelectuais do homem”. “Um dos efeitos mais notáveis da religião sobre os destinos do homem foi a escravização de seus juízos às leis do passado”. Em outras palavras, isto quer dizer: a política, a velha política, se incumbiu, através dos anos, de ir apagando da lembrança dos pósteros, as figuras imponentes de Agostinho José Alves de Amorim e Nicolau Antonio Lobo. É que Agostinho José Alves de Amorim fora um grande, fora, em dado momento da vida de nossa terra, o chefe incontestado da Freguesia, o seu defensor, o peito valente que se opôs contra a destruição do novel povoado e tudo isso foi de molde a criar, em seus coevos, o despeito; o despeito dos políticos que não ousavam enfrentar o chefe. A par disso, aconteceu que José Ferreira da Silva, em cumprimento de um voto religioso, fizera construir, em suas terras, uma capelinha de barro e pau-a-pique, sob a invocação de Nossa Senhora do Belém e doara, como patrimônio, meia légua de terra em quadra. Na imaginação de nosso povo primitivo, sempre levado à idéia do sobrenatural pelo terror do desconhecido e pelo assombro do imprevisto, a religião, se era fator político apagado; era no entanto, o fator mais absorvente de todos os móveis da consciência, desenvolvendo-se com energia e formando um tecido cerrado de solidariedade. Com o tempo, e o tempo tudo consome, o curso ordinário da vida política do Descalvado, sob a ação desse sentimento religioso que exerce grande influência, havia decretado o esquecimento do nome desse grande vulto que foi Agostinho José Alves do Amorim e a tal ponto que um dos grandes da terra, cujo nome declino com o máximo do respeito e de orgulho, o respeitável vereador Gabriel Amâncio Lisboa, assim se referiu àquele grande, quando em 1866, denominou das ruas da cidade: “Que se dê o nome de Rua Alegre ao lugar onde findam as taipas do finado Amorim”. Naquele momento conturbado de paixões políticas, em que o meio social descaldadense atravessava uma crise aguda, os nossos primeiros representantes, no cenário político, esqueceram-se que o bom descaldadense deve construir e não destruir e esqueceram-se, embora imbuídos do fervor religioso, da fase do Mestre dos Mestres: “E o que se negar diante dos homens, também, eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus”. (São Mateus. Capítulo X, Versículo XXXIII).

COMO VIERAM OS PRIMEIROS MORADORES?

Nicolau Antonio Lobo e Manoel Antonio Lobo, em princípios do século XIX, liquidaram seus haveres em Minas Gerais e demandaram o sertão paulista. De recanto em recanto, assentaram sua tenda no sertão de Araraquara, no lugar do Descalvado. Aqui, tomaram posse da imensa região, que abrangia as terras das fazendas Grama, Novas e Areias e onde, hoje está a cidade. Com os recursos que trouxeram, recursos em dinheiro, puderam sustentar a posse e empregar braço escravo para a terra em seu poder. Nessa mesma ocasião, sem os mesmos recursos, mas resoluto, aportou à nossa terra, Agostinho José Alves de Amorim. Vinha sondar a terra para poder escolher o local onde pudesse fixar-se; também, não trazia endereço certo. Se o local não fosse convidativo, estava resolvido a procurar outras paragens. Nesse momento, da cidade de Descalvado, nada existia. Ela era uma colina coberta de vegetação, sulcada, aqui e ali, por uma picada feita a facão. Para os lados do Belenzinho, era um cerrado coberto de guabirobas, marolos e barba-de-bode. Rumou Agostinho de Amorim para a morada de Nicolau Antonio Lobo. Do que conversaram, nada consta. Como se fixou na terra descaldadense, parece providencial. Em uma das noites passadas na casa de Nicolau Antonio Lobo, uma tentativa de elementos perversos, prontos a atear fogo na cobertura de sapé da maloca primitiva, teve como consequência, uma reação de Agostinho José Alves de Amorim e de seu fiel auxiliar que aprisionou um dos facínoras, dele arrancando a notícia de negros estabelecidos pela região, foragidos de várias procedências. O Descalvado devia ser mesmo um lugar privilegiado nesse sentido. A idéia de negros foragidos e em quilombo às margens de certo rio, que desembocava no Mogi-Guaçu, uniu a simpatia que já havia nascido entre Nicolau Antonio Lobo e Agostinho José Alves do Amorim. Nada mais se sabe a esse respeito. Todavia, dado o desaparecimento do Quilombo às margens do rio, que hoje se denomina Quilombo; e a rápida prosperidade de Agostinho José Alves do Amorim é de supor-se que, da investida contra os negros foragidos, não estiveram ausentes os dois primeiros fundadores de nossa terra. A verdade é que em 1.822, a Fazenda Caridade pertencia a Agostinho José Alves do Amorim, por posse. Em 1.820 aportaram, à nossa terra, vários moradores, dentre eles, José Ferreira da Silva, Tomé Manoel Ferreira, Joaquim de Oliveira Preto, Manoel Joaquim Bernardes, Alexandre José de Castilho. Todos esses quando chegaram em terras do Descalvado, encontraram aqui já arraigados, Agostinho José Alves de Amorim e Nicolau Antonio Lobo. E, de tal forma, essa verdade se entrosa com os fatos, ao contrário do que diz a lenda que até então, corria entre nós, de que José Ferreira da Silva e Tomé Manoel Ferreira, sendo os primeiros desbravadores que se estabeleceram no território como pioneiros, tornaram-se proprietários, “a verdade é que Tomé Manoel Ferreira e José Ferreira da Silva não se tornaram proprietários, como posseiros, mas sim adquirindo terras de Nicolau Manoel Lobo. Peço a especial atenção de meus conterrâneos para este fato: se José Ferreira da Silva e Tomé Manoel Ferreira se tornaram proprietários, adquirindo terras de Nicolau Antonio Lobo, é porque este chegou no Descalvado primeiro. Mas o interessante é que nem de Nicolau Antonio Lobo foi adquirida a terra que serviria de berço de nossa cidade. Ela foi adquirida de Alexandre José de Castilho, que por seu turno adquiriu de Nicolau Antonio Lobo. Vejamos, senão o lançamento das terras, lançamento esse feito em 1.856, conforme determinação do Presidente da Província, expedida pela Circular de 20 de setembro de 1854: Livro Paroquial.

LANÇAMENTO DAS TERRAS DE ALEXANDRE JOSÉ DE CASTILHO: “O abaixo assinado possui no Distrito desta Freguesia do Belém do Descalvado, Município de Rio Claro, um sítio denominado “A Grama”, regulando a extensão de uma légua em quadra. Essas terras foram possuídas por título de posse e possumo por compra que fiz a Nicolau Antonio Lobo e sua mulher.

LANÇAMENTO DAS TERRAS DE JOSÉ FERREIRA DA SILVA: “Possuo no Distrito desta Freguesia de Belém do Descalvado, Município de Rio Claro, uma sorte de terras na estrada que segue para a “Fazenda” do Rev.mo. Padre Jeremias José Nogueira, terras que dividem com a “Fazenda Nova” e do “Patrimônio” e acham-se pró divisa por ter falecido minha mulher e não ter havido inventário. Possumo por compra que fiz de Alexandre José de Castilho e sua mulher.”

LANÇAMENTO DAS TERRAS DE AGOSTINHO JOSÉ ALVES DE AMORIM: “Possuo por posse uma “Fazenda” denominada “Caridade” que pode ter de comprimento uma légua mais ou menos e de largura três quartos mais ou menos. Tem, como divisas, as terras da Escaramuça, divisas com terras de Dona Joaquina até encontrar a “Fazenda das Araras”, vai desta até a “Fazenda das Areias” e desta até ao Ribeirão do

Pântano. Possuo esta “Fazenda” há 32 anos, pouco mais ou menos”. (Considerando que o lançamento ocorreu no ano de 1.854, a fazenda teria sido adquirida em 1.822). Portanto, não há mais dúvida a respeito dos verdadeiros fundadores de nossa terra. São eles Nicolau Antonio Lobo e Agostinho José Alves de Amorim. Foram estes que, por primeiros, se estabeleceram, por posse, no Município, com ânimo de residirem, lançando os fundamentos das primeiras casas. Depois é que vieram José Ferreira da Silva e Tomé Ferreira da Silva. Não podemos deixar de consignar, porém, que a primeira construção feita dentro do patrimônio da cidade, patrimônio lançado a Nossa Senhora do Belém, por José Ferreira da Silva, foi a rústica capelinha de barro e de pau-a-pique, construída por José Ferreira da Silva. A este devemos a localização da cidade. O que até hoje não pude descobrir é o que devemos a Tomé Manoel Ferreira. Na vida histórica do Descalvado, Agostinho José Alves de Amorim que nasceu no ano de 1.787, inicia-se em 1.809, com apenas 22 anos de idade, com a sua fundação, acompanha-a durante 55 anos, defendendo o povoado da truculência dos homens de Araraquara, implanta a ordem e a confiança durante toda a sua vida, vindo a falecer nas vésperas de sua Emancipação a Município, em 1864 com 77 anos de idade. Nicolau Antonio Lobo teve apenas o papel de fundador, cedo desaparece do cenário político do Descalvado, não havendo mais referência a seu nome. Parece-nos que tendo vendido suas propriedades, haja se transferido para outra região. José Ferreira da Silva, cumprindo um voto religioso, mandou construir a primeira capelinha, no local onde, hoje, se ergue a nossa imponente Matriz, inaugurando-a em 8 de setembro de 1.832. Doou depois o patrimônio para a Capela. Nenhuma referência se contata mais, a seu respeito, senão espaçadamente, a de seu registro como eleitor na Paróquia, até 1.860, data em que faleceu, com 71 anos de idade. Tomé Manoel Ferreira, com uma propriedade no bairro do Cuscuzeiro, apenas figura como eleitor, até 1.862, falecendo com a idade de 72 anos. O regime de opinião, meus senhores, depende de um certo grau de cultura e um grau maior de civismo. Infelizmente nós temos quase sempre o civismo e não a cultura indispensável para esse regime. Eis porque, para a realidade de certas verdades que são apontadas, rompendo tradições e lendas, é indispensável que se formem correntes de opinião; e para que essas se formem é necessário a existência de um centro ou de centros intelectuais ativos, operando com energia e liberdade. Felizmente para o Descalvado, nesse setor, nada falta. Há até boa vontade em excesso. Falta, apenas, um entrosamento entre os seus elementos de ação. Tenho, para mim, que Estado é uma expressão geográfica e cidade é uma forma de equilíbrio político. Uma terra natal, para nós, é mais do que uma expressão geográfica, é mais do que uma forma de equilíbrio político. Uma terra natal, é muito mais do que isso. Ela é o sincronismo de espíritos e corações; templo para o esforço e para o sacrifício, comunidade de esperanças, comunhão de sonhos. Quando penetro às lindas desta terra querida, que é o Descalvado, sinto que estranha força se apossa do meu ser, e neblinado-o com mágico fluído, fluído que é, ao mesmo tempo, saudade e esperança, tradição e trabalho. Sob essa força estranha, mas carinhosa, sinto que amar a verdade é contribuir para a elevação do sentimento descaldadense, proclamando-o sem receio. Daí, proclamar certas verdades que durante muitos anos, foram solapadas pela lenda e pela tradição. Calar-me, nesse momento, seria covardia, seria falta de amor para com a terra que me embalou os primeiros passos na vida. “O covarde morre moralmente cem vezes, se outras tantas renega por medo. Covarde é o que cala a verdade que sabe; covarde é o que se presta a servir de apoio ao erro, conspirando contra a dignidade do espírito”. A conduta humana verdadeiramente digna, é mostra os caminhos da realização, claros para a maioria dos cidadãos, porque, no coração do mais forte dos homens, impera um sentimento que é o da sinceridade. Senhores, na vida em sociedade, há um direito e há uma moral, porque a perfeição se traduz em instinto social e em justiça. Bem dotados são aqueles que asteiam o pendão da equidade entre o bem estar e o trabalho, porque se inclinam respeitosos diante dos valores reais, admirando os outros e aspirando possuí-los. É o que acontece com a atual Câmara Municipal de Descalvado, tomando a iniciativa da primeira comemoração oficial da data de sua fundação, rendendo justiça a todos os vultos de seu passado glorioso, glorificando com o seu entusiasmo, a sua terra e a sua gente. Feliz é a terra que possui homens e instituições do valor dos homens e das instituições do Descalvado! É que sempre aprendi, durante minha vida que consagrar, as grandes figuras de nossa terra um capítulo de gratidão é robustecer os ideais que cada um persegue nas experiências realizadas, não incorrendo em repetições estereis, se não somando, aos demais, o próprio trabalho. Resta senhores vereadores de

Descalvado, mais um trabalho para pagamento de uma grande dívida: a perpetuação dos nomes de Nicolau Antonio Lobo e Agostinho José Alves de Amorim em duas ruas da cidade. Em qualquer cidade de nossa Pátria, os nomes das ruas, são oferendas que perpetuam as lembranças de seus maiores. Percorri inúmeras cidades, vilas e povoados e, por essa tradição, quase que logicamente, deduzia o feito que representava o nome das placas que denominavam as localidades. Aqui ente nós, ainda não foi feito justiça a dois de seus maiores filhos, um deles expondo sua própria vida em defesa da terra. São eles: Agostinho José Alves de Amorim e Nicolau Antonio Lobo. Façamos essa justiça. Lembro-me de ter lido, certa vez, um trecho de uma carta enviada por um grande coração descaldadense, o meu velho e querido amigo Dr. Antônio João Domingues, em que estranhava não ter sido homenageado, até hoje, o grande vulto de Agostinho José Alves de Amorim, autêntico fundador de Descalvado. Endosso essas palavras e faço um veemente pedido, neste momento, aos meus colegas descaldadenses, os ilustres edis da terra de Agostinho José Alves de Amorim, para que façam justiça a esse vulto de nosso passado, perpetuando, perante as gerações futuras o nome de seu fundador. Se não o fizermos, com o correr do tempo, a lenda e a tradição, às preocupações futuras se incumbirão de apagar o nome de quem deve ser apontado à gratidão pública. Uma praça melhor o consagraria! Senhor Presidente, nobres vereadores. Agradeço esta Casa, fiel representante dos vereadores de 1866, a lembrança de meu humilde nome para as solenidades oficiais de hoje. Este convite traduz a grandeza de alma e de sentimentos de seus representantes, encorajando aquele descaldadense que se propôs escrever a história de sua terra, rendendo justiça àqueles vultos que são credores de nossa admiração. E, aproveitando o ensejo que se me oferece, mais um apelo dirijo: sejam quais forem as contingências político-partidárias que se oferecem, toda a vez que esta em jogo o destino de Descalvado, unamo-nos todos, sem distinção de credos ou política, para o bem comum, que é a terra querida do Descalvado. Assim, o fizeram de Agostinho José Alves de Amorim, José Ferreira da Silva, Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho, Antônio de Camargo Campos, Antônio Leocádio de Matos, Rafael Tobias de Oliveira, Gabriel Amâncio Lisboa, Arthur Horácio De Aguiar Whitaker, Galdêncio Ferreira Quadros, Francisco De Paula Carvalho, Barão do Descalvado, Olímpio Catão, Bernardino José Pereira, João José Alves Aranha, Ananias Pereira de Carvalho, Izaías Pereira de Carvalho e outros grandes. À Câmara Municipal de Descalvado, o penhor de minha gratidão e do meu respeito, pela honra, sem par que me proporcionou. Era o que tinha a dizer.”

ORIGEM DO NOME DE DESCALVADO (Gerson Álfio De Marco)

Vem do nome de um morro, ou precisamente do Morro do Descalvado. Antes da ereção da Capela de Nossa Senhora do Belém, em 1832, por José Ferreira da Silva, as terras de Descalvado não teriam nome, pois eram fundo de Rio Claro ou de Araraquara. Mais de Rio Claro, embora não de princípio unido a ele, administrativa e juridicamente. Ao ser elevado a Freguesia, deram a Descalvado o nome de Freguesia de Nossa Senhora do Belém do Descalvado. Por que? Por que o acréscimo: Descalvado? José Ferreira da Silva, com certeza quis completar a denominação com uma adenda, que caracterizasse o ambiente. Qual a razão da escolha? Não erraremos, se dissermos que o povoado mais buscado pelos povoadores, quando de suas necessidades de alimentação, abrigo, compras de armas e munições e coisas imprescindíveis ao labor agrícola e mesmo cautelas de ordem jurídica, era Rio Claro. Para tanto, deveria haver um caminho e, havendo esse caminho, certamente deveria passar ele pelas proximidades da Serra do Descalvado, e do morro de igual nome. Daí a escolha do belo acidente geográfico. E quem sabe tenha contribuído poderosamente para isso o fato de o sul de nosso município atual, as propriedades agrícolas que margeassem o caminho para Rio Claro, ser conhecido por bairro, zona, rincão do Descalvado, isso é, do morro Descalvado. Assim na época os viajantes que se conduziam de Rio Claro para Araraquara deveriam dizer: Sigam o rumo do morro Descalvado. E agora uma pergunta: Por que Morro do Descalvado? É ele assim tão desprovido de vegetação, como dá a entender o seu nome? Não. Até possui ele cerrada vegetação em suas fraldas; o seu topo, porém, apresenta partes rochosas, o que lhe legitima a denominação de Descalvado, escaldado ou calvo. Fica destruída assim a afirmativa de que o nome de Descalvado provinha de suas terras serem de minguada vegetação, como antes se dizia, embora, no verbete Descalvado haja, também, a

significação de terra de boas pastagens. Mas o nome de batismo de nossa terra não veio nem do fato de seu solo ser de vegetação escassa e nem de ostentar ele ótimas pastagens, ainda que destas possuía muitas e magníficas, se não florescente não seria a sua pecuária, qual hoje é.

DESCALVADO 176 ANOS – Mário Sebastião Bonitátibus

Nosso passado no “Arquivo Histórico das Amdes”/ Temos mais de 200 anos de “História” para contar. “Gaia, Géia ou Gê, na mitologia clássica, personificava a origem do mundo, o triunfo e ordenamento do cosmos frente ao caos, a propiciadora dos sonhos, a protetora da fecundidade e dos jovens⁽¹⁾.” E, tínhamos um imenso território, verdejantes matas cujo solo indicava seu potencial fértil por sustentar vegetais, como o pau d’álho, aracás, guabiroba, araticum, coquinhos. A fauna podemos imaginar também muito rica: cutias, tatus, caitetus, quatis, pacas, veados, capivaras, antas... Muitas aguadas, cheias no fim e começo de ano com vazantes em agosto e setembro... Eram terras devolutas, este então imenso território do “descalvado”, majestosamente implantado no sertão dos guaianases - “aracoara”/morada do s ou , Araraquara. Todo o imenso Território do “descalvado” era muito cobiçado por posseiros, estes, tiveram a posse legalizada através de sesmarias, isto entre 1781 a 1831. Sua estrutura englobava 3 áreas de sesmarias⁽²⁾: 1-Sesmaria do Pinhal, de 1781, demarcada em 1831 por Carlos José Botelho o Botelhão. Compreendia a atual parte sul da cidade São Carlos; 2-Sesmaria do Monjolinho, ocupada irregularmente no começo do século, foi regularizada por carta de doação de 1810, concedida a Felipe de Campos Bicudo. Atualmente, atingiria a parte norte da cidade de São Carlos; 3-Sesmaria do Quilombo, também surgida de posse irregular, regularizada somente em 1812 a pedido do posseiro, vigário de Piracicaba, Padre Manuel Joaquim do Amaral Gurgel, atual região do Distrito de Santa Eudóxia distrito de São Carlos. Resta-nos saber, onde e com quem ficamos! Um dia voltaremos a tratar deste assunto de definitivo!!! Certo mesmo é que temos boas terras – Latosol roxo(terras de primeira qualidade); Latosol vermelho-amarelo fase arenosa, solo misturado (terras de segunda classe) e o Regasol, estas, terras de terceira categoria⁽²⁾ - onde reinavam absolutos agrupamentos silvícolas. Estes, tão somente preocupados em caçar e alimentar sua gente. O isolamento destes grupos da mesma origem, talvez tivesse como lógica disputas de domínio ou ordenação desencontradas. Clássico no reino humano. É sabido terem existido pelo menos dois grupos humanos primitivos. Esta base analítica surge em razão terem sido encontrados seus vestígios expostos, à flor da terra. Desconhecemos explorações com base científica que buscassem novos sítios arqueológicos nesta depressão paleozóica, onde repousa nosso território. Sabemos, extra-oficialmente, que a presença humana por aqui, ultrapassa 10.000 anos. Tínhamos então agrupamentos de caingangues do sudeste –paulistas; ou ainda, kaingãg, kanhgãg. Sua origem –salvo engano- tem início com os Tamoios→ Sarucus→Pitão→Araris→Xumetós→Puris→Kaingang⁽³⁾. Estes antigos e verdadeiros donos destas terras falavam a língua pertencente à família linguística jê, do tronco macro-jê (Famílias: boróro>Krenák>Guató>Jê>Karajá>Maxakali>Ofayé>Rikbaktsá>Yatê)⁽⁴⁾. Sua cultura desenvolveu-se à sombra da extensa Mata Atlântica meridional. Reforçamos, muito material arqueológico da pré-história, foi encontrado, tais como urnas funerárias com esqueletos humanos e utensílios, tanto na região do Pântano como na região central do município, nas proximidades da grande erosão da fazenda São Clemente, Canadá, Tanquinho, Três Anjos, e outras. Muito deste precioso material se perdeu. Temos algumas peças na reserva técnica do museu público do município. Material parco⁽⁶⁾. Algumas destas importantes peças, já temos indícios de suas estadas. Um dia, poderão estar onde deveriam, conosco, ao abrigo do Museu! Os grupos indígenas dividiam e exploravam esta enorme vastidão territorial. (provavelmente ‘descalvado’ era dividido entre eles, em duas partes). Um dado interessante sobre estes homens primitivos -uma lenda. Teriam vindo do centro da terra, pois muitos habitavam cavernas, locas... Provavelmente a cava da “Janelinha” tenha sido uma de suas habitações. Outro fato também interessante seria a forma de manter seus cabelos, raspavam a cabeça a maneira de coroa (a região central do crânio, era calva), daí, a denominação também “Coroados”. Esta, uma das hipóteses da nossa região ter sido denominada “descalvado” ou “escalvado”, graças à este costume dos habitantes originais. Alguns instrumentos desta nação: maracás, tambores de troncos, flautas ... ; bebida caim⁽⁴⁾. Vindo das terras das minas gerais, muitas famílias se aventuravam a atravessar a serra da

Mantiqueira, o rio Mogi Guassu e ocuparem o território dos escalvados pelas bandas do Norte, Noroeste e Leste. Da “Freguezia de Nopsa Senhora das Dores da boa esperança” (5) Província de Minas, veio Antonia Maria Da Conceição(†16 de junho de 1846), parentes e agregados. Era filha legítima de Francisco Lourenço do Amaral e de Maria da Conceição casada com Francisco Martins de Andrade proprietários da Fazenda dos Cocais- Barra do Quilombo, cujos bens inventariados, por acharmos muito interessante, descrevemos: Quatro capados 16\$ 000 // sete capados pequenos 21\$ 000 // tres capadetes 3\$000 // quatro vaccas com crias 64\$000 // duas vaccas 26\$000 // dois bois 26\$000 // dois bois 16\$000 // duas novilhas 16\$000 // tres garrotes de anno 15\$000 // cavallo tardilho negro 27\$000 // carro de milho com casca 4\$000 // canteiro de mandioca 5\$000 // dez alqueires^(II) de feijao 8\$000 // dozes colxoes 4\$000 // umoutro colxao 1\$000 // [2] colxoís 1\$600 //tra[x]vipseiros 3\$20 //huma fronha 2\$00 // quatro lençois 1\$000 //huma camisa 4\$00 // huma saia 1\$60 // hum vestido velho 2\$00 // dozes lenços velhos 1\$60 // huma caixa velha 1\$280// huma caixa pequena 1\$000// huma meza 5\$000// trez peneiras velhas 2\$00 // Huma Quarta de medida “seca” 3\$20 //huma meia Quarta de “secco” 0\$80 // dois rolos de folhas 0\$86 //hum eixo” chato 2\$000//hum ‘sepilho’^(IV) 1\$60 // hum formao 2\$40 //huma lima pequena 1\$60 //hum par de cordas velha 1\$000// huma balança de ferro 1\$000// huma balança de pesar ouro 6\$00//hum almofariz^(III) 2\$400//hum taxa de cobre 6\$400//dois pratos aranjós 1\$320 // hum bule 1\$000// três cascas de chicanas 4\$80// huma barrica 6\$80 // huma bacia de louça 3\$20 //três panellas de barro 3\$20// huma panella de ferro 3\$20 // hum espeto 2\$00 // huma cavadeira de ferro 4\$86 //três machados 1\$200 //duas foices velhas 6\$40 // Duas enxadas velhas 2\$000 // oito garrafas 1\$280 // hum guardanapo 1\$60// huma gamella 1\$60//huma rateira de ferro 4\$00 // hum chapeo de pelo velho 3\$20 // huma sella velha 6\$000 // huma ‘partilleira’4\$000// Hum banco 3\$20 // hum tamborete 1\$000 // três cabeças de aves faisao 1\$300 // -Hum creoulo de nome Francisco, secenta annos +/- , 150\$000 // -Hum escravo de nome Pedro de Nação de idade secenta e quatro annos +/-, muito doentio , 110\$000 (ortografia da época). Desta época, citamos alguns ocupantes destas terras: Antonio Ferreira de Castilho José Ferreira de Castilho, Luis Ferreira de Castilho, Cyriaco Lourenço do Amaral, Geronimo Lourenço do Amaral, o Padre João José de Araújo Vianna, Presbytero Senhor do habito de S. Pedro, e Vigário Encomendada a esta freguesia do Bethlem do Descalvado; proprietário de terras, mais precisamente da “fazenda dos “Olhos d’agua denominada o Pratta “. Divisava com José Ferreira da Silva e com terras vendidas Por Nicolau, ou Venceslau, Antonio Lobo a Alexandre José de Castilho e sua mulher Anna Roza de Jesus (Alexandre casou-se três vezes, sendo que duas de suas esposas eram irmãs- Anna Roza de Jesus e Anna Ignacia de Jesus. Teve registrado um filho, já em idade muito avançada. No ano de 1843, Antonio Francisco da Silva celebrou “hum Titulo de troca” com Manoel Jacintho Pereira “propriedade commum como era a Fazenda de Santa Roza antes da Divisão”(um imenso território que aos poucos foi sendo ocupado por posseiros vindos das bandas do Bairro do Senhor Bom Jesus dos Aflitos (Pirassununga) como por exemplo membros da família Pereira Tangerino, sendo um dos patriarcas, Francisco Pereira Tangerino alcunhado “Francisco Porto”. Interessante os valores e a importância que tinham alguns objetos, como também acima descrevemos, retornamos a este fato pela variedade: “Certifico que revendo os authos de Inventario do finado Ignácio Pereira Bueno n’ elles a folhas cincoenta e seis [...] eis que [...] secenta e dous se acha o pagamento feito á viuva l’inventariante Dona Anna Francisca da Silva em satisfação de sua meação a qual é pelo theor e forma seguinte = Pagamento feito a Viuva Inventariante Dona Anna Francisca da Silva em satisfação de sua meação da quantia de vinte contos duzentos e treze mil duzentos e noventa e sete reis(Rs. 25\$213:297 ; com que as margens se carrega e se sae = Haverá primeiramente a mesma Viúva Inventariante para pagamento de sua meação em suas proprias respostas,a folhas, e folhas a quantia de trez mil oitocentos e cincoenta e e cinco reis, que se sae. = Haverá mais a mesma Meira para o mesmo pagamento par de canastras com fivellas huma cama de vento , hum sacco de couro tudo pela quantia de dezoito mil reis, com que a margem se sae = Haverá mais a mesma Viúva Inventariante para o mesmo pagamento hum par de canastras mais pequenas pela quan tia de quatorze mil reis que se sae. = . Haverá mais a mesma Viúva inventariante para o mesmo paga mento hum catre velho tecido de couro pela quantia de hum mil reis, que a margem sae. = Haverá mais a mesma Viúva Inventariante par o mesmo pagamento hum armário pela quantia de seis mil reis, com que a margem desta se carrega = Haverá mais [...]” Tínhamos

já um grave problema, febres deitavam e rolavam nas proximidades do rio Mogi Guaçu de abril a Maio (meia vazante), ocasionando inúmeras mortes. Os posseiros, vinham, tomavam conta de um ponto e aleatoriamente, demarcavam seu território, com marcos do tipo: “uma arueira torcida do lado donde corre o vento que mais conta lhe fizer, aí principia em uma ponta do espigão que faz divisa com (nome do vizinho) seguindo o espigão pelo tombo, ficando o que neste ao dito (nome do vizinho), e o apsenito para o socio (nome próprio), até dar em um pão de jatubá e hum cabriuva verde e d’ahi cortando ahum balsamo queimado e torto, marcado de crus, d’ahy rumo a huma cova aonde finda.”.

Como ficavam os defuntos? Estradas e distancia - muita - nada de capela ou orada. Os falecidos, eram velados por 24 horas ao som de ladainhas (* “De Profundis” -Das profundezas dos abismos clamei a Vós, meu Senhor: Senhor, ouvi a minha voz....”) e cânticos fúnebres, sobre uma tosca mesa - se é que se poderia chamar de mesa as quatro forquilhaes fincadas no chão a sustentar rústicas taboas lavradas à facão ou no incho(V) (“Quê dó! Uma vela de sebo - cazerá! // Alumbra ao pé do finado! // A foguera no quintar // - perto da gamelêra^(b) -// era lume ... Tristeza só!// A cova aberta, esperava... // -na inxada ô nu incho?/- //Só sei que dilá num distava, uma corda de cem nó^(c)//). Não era costume ornar com flores, o defunto, mesmo com flores campestres... Com choro e lamento, seguia o cortejo que levava o cadáver envolto em rudimentar mortalha... Não era sepultado com ela! Serviria para outro... terra fofa era a mortalha! Estamos falando dos agregados. Com Sinhô e Sinhá e familiares, não era muito diferente!!! Alguma reza a mais, alguns vizinhos apareciam - os mais próximos- e a mortalha, geralmente de algodão branco, envolvia o defunto privilegiado. Ia com ele... Espacemo-nos no tempo, já temos sinais de “Vila ou Freguesia”; igreja, pequena - relativamente. Seu chão era de terra batida, freqüentemente era aberto para receber corpos ilustres. Os agregados^(a), mamelucos, negros, da Freguesia, eram enterrados no átrio externo. Lógico que este proceder ocorria com os moradores da Freguesia do “Belém”. Os defuntos ilustres, estes sim, vinham de toda banda, para a morada final, dentro da capela. O tempo passa, a população aumenta, surge a necessidade de criar-se outro local para sepultamentos, pois, a igreja -material-, já se tornara um lugar de contaminação... Ouve época em que os defuntos nem eram mais aceitos dentro da igreja. Recebiam a aspersão com água benta, fora das portas do templo. As doenças mais comuns eram o bicho-de-pé (Pulex penetrans Linn). A varíola (smallpox) e a varicela, catapora ou varíola das vacas (cowpox), eram mortais - os negros eram os que mais sofriam, talvez por não terem tanta resistência. A vacina era ainda pouco difundida⁽⁷⁾. Existiam muitos casos de doenças de pele como sarna ou coceiras sarnentas que atingiam todas as classes sociais. Também as doenças venéreas principalmente nos meninos, que iniciavam a vida sexual muito cedo, aos 12 ou 13 anos, com as negras escravas, adquiriam os vírus destas. Comum também era a lepra, as disenterias e as verminoses, geralmente, matavam! Principalmente crianças. Os médicos receitavam vomitórios, purgantes e a sangria. O balsamo de copaíba (como cicatrizante, antiinflamatório, no tratamento de bronquites e doenças de pele.) e óleo de ricino; difíceis de serem encontrados. O homem simples utilizava remédios caseiros que por muitas vezes fazia tão mau quanto à medicação oficial. Inaugura a Igreja, um local particular para sepultar seus fiéis, “O Campo Santo da Irmandade do Santíssimo Sacramento”. Primeiro “Campo Santo” oficial, instala-se no extremo sudeste do hoje “Jardim Velho” - Sua entrada, ficava a Leste (assim como as antigas cidades, obedeciam a orientação de construção do “Tabernáculo”^(vi) Ex 25:1-8 . Ex:Vendo-se só o portal, aberto, de uma igreja, o sol, ao amanhecer, saíra dele. O fundo da Igreja, então, apontava para Leste e a frente para Oeste - onde foi erguida pequena orada isto pelos idos de 1840 -posteriormente demolida- Fatos estranhos, sobrenaturais, acontecem por ali. A Freguezia começa a avançar pelas bandas daquelas e, o Pároco Jeremias José Nogueira, ^(vii) decide pelo refrão: “antes que o mal cresça, corte-se a cabeça”. Tem fim os sepultamentos no local e a área preservada, mantem-se um arvoredor que cresce naturalmente -posteriormente começa-se a formar um jardim que recebe o nome popular de “Jardim Velho”. Abre-se outra área para os fiéis do Santíssimo terem como sua última morada - hoje Santa Cruz das Almas. A igreja reparte este território com a Municipalidade que passa a administrá-lo em troca do uso para todos os munícipes. Muitos dados e registros se perderam, mas, temos um registro que pode bem ser um dos primeiros sepultamentos daquele Campo Santo: “Braz † 31-12-1875 e, um segundo: José Antonio dos Santos† 10-01-1876” Encontramos hoje, ali, uma demarcação confeccionada em

pedrinha portuguesa - brancas e pretas - o “Brasão da República” (nada a ver) desconhecimento histórico, falta de imaginação,... ignorância?! Muitos de sepultamentos ocorreram na região da Santa Casa de Misericórdia quando esta ainda não existia -1830/1840. Aberta a Rua do Areão - hoje Paula Carvalho-, abaixo, quando chovia encontravam-se pequenos pedaços de ossos humanos, trazidos pela enxurrada. Sempre tinha almas boas que os colhiam e enterravam em seus quintais. Muitos foram sepultados no caminho que ligava Beth-le-hem do Descalvado a São João do Rio Claro, nas matas da Santa Maria (lógico que ali ficavam os que habitavam aquela região). Esta estrada, tinha seu início e parte de seu trajeto na rua que chamamos de Arthur Withaker. Na época, Rua Alegre, era bem curtinha, tinha seu início na parte baixa da cidade -proximidade da Matriz- já terminava na Rua do Araão -Rua Paula Carvalho. A beira de outros caminhos, também ocorriam muitas sepulturas -rasas, a maioria era aberta com as próprias mãos dos encarregados acompanhantes do féretro. - Estavam cansados, avia ainda muito chão ... Vamos enterrar por aqui mesmo! Disputas existiam entre nossos vizinhos, pois as terras embora tivessem um preço baixo, para eles muita importavam aumentar seus domínios, pois, engrandecia-os em poder! O Decreto N.1.318, de 30 de janeiro de 1854, manda executar a Lei N.601, de 18 de setembro de 1850, que entre muitas das obrigações n’Ela contidas, destacava a “Medição das Terras Públicas”(capítulo II); “Da Medição das Terras que se acharem no Domínio Particular por Qualquer Título Legítimo”(cap.IV) - Caput: “*Dispõe sobre as terras devolutas no Império, e acerca das quais são possuídas por títulos de sesmaria sem preenchimento das condições legais, bem como por simples titulo de posse mansa e pacífica (...)*”

Era agora oficial a obrigação da medição por meios ‘científicos/oficiais’, constantes na “Lei N.601-Lei da Terra”, que uma vez aplicada dava garantias (!?) firmes e válidas aos ocupantes das propriedades apropriadas...

A primeira constatação de medição e demarcação, que encontramos registrada oficialmente, com mapa inclusive, trata das terras da Fazenda que pertencia ao Capitão Antonio Franco de Arruda, que trás o mais importante acidente geográfico do município, a “Serra do Descalvado” também conhecida por “Serra do Franco”, assim como a nascente do Ribeirão Bonito; isto, no ano de 1873.

Nosso querido Professor Helmut Troppmair, relata em seu trabalho, “Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro” -da qual temos a honra de possuir cópia-, na página ‘50’, “O relatório da Província de São Paulo (14) de 1886 já reconheceu no município de Descalvado três tipos de ‘terra’: as de 1ª. Qualidade cujo preço era de 75mil réis (Rs. 75\$000) o alqueire; as de 2ª. Qualidade cujo preço era de 30 mil réis (Rs. 30\$000) o alqueire e as de 3ª. Qualidade cujo preço era de 5 mil réis (Rs. 5\$000) o alqueire⁽ⁱⁱⁱ⁾.”

Beth-le-hem do Descalvado, era um dos poucos municípios da Província que não contestava suas divisas -eram vastas, então pouca importancia davam os coronéis locais, na época, a perder-se ou não alguns nacos, pedaços ou lascas... Era comodo fazer-se “vistas grossas”. Porque perder-se tempo com demandas! Com este descaso, fomos sendo aos poucos “comidos pelas beiradas”, literalmente. Perdemos bem mais da metade das terras que nos tocavam⁽⁶⁾. O Jornalista **Lazaro Timotheo do Amaral**, em edição de “O Commercio”, numero 316 de 17 de dezembro de 1933 -Redação e oficina na rua José Bonifácio, 44, em uma maquina de impressão, “Tip-Top” n.422/tipo ‘Minerva’, ou, na pequena maquina de impressão a pedal- trás, à baila, corajosamente e, denunciando um assunto delicado -muito pouco divulgado(interesses políticos, ...) Publicado também no diário paulistano “O Estado de São Paulo” sobre as perdas do nosso território; paternal e comodamente aceitas por nossas autoridades de então. Era uma festa ... !!! Publica o nosso Redator, sem receio, os nomes dos proprietários das terras desanexadas do nosso território, assim como as razões que os levavam a renegarem suas origens, raízes e, a nossa “História”... Debandada de fazendeiros, por interesses reais (RS - 000\$000:00)⁽⁸⁾ outros mais, dilapidam léguas e léguas⁽⁹⁾ nosso território! Prestamos aqui, nossa reverencia a este cidadão, “O Jornalista Lazaro Timotheo do Amaral”, falecido num 5 de setembro, a 58 anos atrás, mas, deixa para nós, “xeretas em busca do passado”, dados preciosos; não fosse sua ousadia, persistência, honestidade e consciência cidadã, não teríamos como retratar ou reescrever de forma fidedigna e

honrosa nossa História: “descalvado→Beth-le-hem do Descalvado→Descalvado 2008/176 anos. Repouse em paz Senhor Jornalista, “Homem de Bem”. Fizeste neste chão “Ibymarãeyma”, um belo e invejável trabalho... Como poucos!

Vocabulário: (a) Agregados – serviçais, escravos negros e mamelucos (mameluco: primeiro híbrido brasileiro, filho de colonizador europeu com a mulher índia -bastardo sem berço). (b) Gamelêra - s. f. Corruptela de gameleira, árvore da família das moráceas, pertencente ao gênero ficus, tem grande porte, era muito utilizada para fabricação de canoas, vasos e gamelas.

(c) Parco – Etimologia - do latim parcu / Gênero-Masculino/ Número-Singular/ par.co = em pouca quantidade

(4) Cauim: tipo de bebida fermentada à base de milho, frutas e mandioca, branca e espumante. Fabricada pelos nativos. Tradição herdada das raízes.

(II) Alqueire: Alqueire (do árabe al kayl) designava originalmente uma das bolsas ou cestas de carga que se punha, atadas, sobre o dorso e pendente para ambos os lados dos animais usados para transporte de carga. Logo, o conteúdo daquelas cestas ou bolsas, mais ou menos padronizadas pela capacidade dos animais utilizados no transporte, foi tomada como medida de secos, notadamente grãos, e depois acabaram designando a área de terra necessária para o plantio de todas as sementes nelas contidas. (<http://pt.wikipedia.org>)

(III) Almofariz- pequeno pilão.

(IV)- **Sepilho**. Pequena plaina para madeira, com lamina cortante.

(V)- **Inchó**, um tipo de uma enxada com corte, uma das ferramentas mais comuns no passado. Era usada para lavar madeiras para taboas com as quais se fazia portas, mesas, etc.

(VI)-**Tabernáculo** – O Santuário do tabernáculo estava ao lado ocidental, sendo a metade de um pátio retangular, cujas dimensões eram 100 x 50 cúbitos (50 x 25 metros). O tabernáculo estava situado de Leste para Oeste, tendo a entrada ao Leste. - era uma tenda portátil com uma armação de madeira para dar estabilidade. Era oblongo em sua forma, e a sua entrada estava ao lado oriental. (...)

(VII)- Ibimarãeyma – Tupi – Terra Bendita

Fontes:

*Salmo 130 (129)

(I):Repertório das Sesmarias- Sec.de Estado da Cultura-Divisão de Arquivo do Estado.

(1) <http://pt.wikipedia.org>

(2) Troppmair-Helmut- Tese de Doutorado –pag.50

(3) O MITO DOS COROADOS-Jornal de Petrópolis: 13/04-19/04/2002-Ano 5 - Número 280-Sylvio Adalberto.

(6) Limites e Divisas Contestadas e Incontestadas da Província de São Paulo -Início do século XIX- Bonitatibus-Mario Sebastião- 30-12-2002

(c) O Velório – poesia – Bonitatibus-Mario Sebastião.

(d) Instituto Sócioambiental-Povos Indígenas no Brasil).

(VII)- Conheça Descalvado: Kastein-Luiz C.Arruda

Outros dados:

(5) Nossa Senhora das Dores da Boa Esperança, chamou-se também Dores do Pântano, Dores da Boa Esperança e finalmente Boa Esperança. Fica a beira do Lago de Furnas. Famosa pela música de Lamartine Babo "Serra da Boa Esperança".

(7) Antes da vacina antivariólica existir, a única maneira de combater a varíola era a inoculação, que consistia em tomar material retirado de feridas de pacientes, provocando assim, uma varíola mais fraca. Vacina antivariólica surge em 1797, Edward Jenner, médico inglês.

(8) Moeda = Reis – rs ou Rs (000\$000:00) Réis era o plural do nome das unidades monetárias de Portugal, do Brasil e de outros países lusófonos, que também é denominada como real, sendo utilizada desde o período colonial até o advento de moedas substitutas. Conto de réis é uma expressão adotada no Brasil e em Portugal para indicar um milhão de réis. Um conto de réis correspondia a mil vezes a importância de mil-réis e era representado por Rs. 1:000\$000.

(9) 5 léguas =2178 hectares

IBGE:- Dados Geográficos do Município: Coordenadas Geográficas: 21° 54' 05"S e 47° 37' 26" O; Posição relativa à Capital: Noroeste / Distância de São Paulo por rodovia: 242 km / Área: 755 km2 Relevo: Planalto / População: 29.533 (IBGE - 2007) / Altitude: 648 m. / Ponto Culminante: Morro do Descalvado, 900 metros / Clima: Temperado: Média 24°C / Umidade relativa do ar: 20 a 30%

Índice Pluviométrico: 1.100 m/m a 1300 m/m /// Limites: Norte - Luís Antônio / Noroeste - Santa Rita do Passa Quatro / Leste - Porto Ferreira / Sul - Analândia / Sudeste - Pirassununga / Oeste - São Carlos

Mario Sebastião Bonitatibus

Historiador; Presidente do "Conselho Municipal do Patrimônio Cultural do Município de Descalvado-CompacD; Organizador do "Museu Público do Município de Descalvado-MPMuD"; Presidente do Conselho Deliberativo e Diretor do "Arquivo Histórico" da Organização Não Governamental "Amdes-Associação dos Amigos de Descalvado".

TOPONÍMIA DESCALVADENSE

(Dr. Jayme Regallo Pereira em 1958)

Os termos Descalvado, Rio Bonito e Pântano, tão conhecidos de todos nós e tão caros aos que aqui vivem, designam também outros lugares ou rios encontrados na carta geográfica paulista e até mesmo em diferentes estados do Brasil. Tal coincidência é igualmente encontrada em relação a muitos outros termos comumente empregados para a denominação de povoados, cidades e acidentes geográficos não só no Brasil, como em outros países. Não nos esqueçamos, por exemplo, do que ocorre com os nomes de velhas e tradicionais cidades inglesas cujos nomes foram dados a outras tantas e novas cidades norte-americanas, apenas precedidos do designativo New (Novo ou Nova), tais como, New York, New Haven, New Hampshire, etc. Pelo nome de Descalvado são também conhecidos pequenos rios que correm pelos municípios de Iguape e Iporanga, neste Estado, e, como tal nome encontramos ainda um lugarejo perto de Capivari, no município de Campinas. Dois outros povoados com esse nome existem no estado do Paraná, localizados nos municípios de Ipiranga e São Mateus. Um morro denominado Descalvado é encontrado no estado do Paraná. Provavelmente esse vocábulo tem sido ainda aproveitado como designativo de outras povoações e acidentes geográficos em diferentes estados na Federação Brasileira. (no estado de São Paulo próximo a Registro, existe outro povoado com o mesmo nome, uma rua na capital paulista, e uma enorme fazenda no norte do Mato-Grosso). O nome Rio Bonito é contido mais contraditório. Se Descalvado, por significar despido de vegetação, tem sido aproveitado com relativa frequência na toponímia brasileira, o nome Rio Bonito é mais comum entre nós. Aos que nascem ou vivem ao lado de um curso d'água, sejam esses pequenos córregos ou rios mais caudalosos, sempre eles se nos afiguram de grande beleza, principalmente quando nos impressionam ao tempo de nossa meninice ou de nossa juventude, quando em suas águas quietas ou rumerejantes vamos buscar nos banhos ou nas pescarias uma satisfação para os naturais desejos de nossa idade. É então que todos esses cursos d'água se apresentam “bonitos” aos nossos olhos e principalmente ao nosso espírito. Natural, portanto que os chamemos de “bonitos” e por isso são eles encontrados a cada passo por toda a carta geográfica do Brasil. Minha meninice eu a passei num velho engenho banguê, às margens de um Rio Bonito, em Pernambuco, e tudo indica que a minha velhice se vai desenrolar também às margens de outro Rio Bonito, aqui em Descalvado, no estado de São Paulo. Com o nome de “Bonito” encontram-se, somente em São Paulo, trinta e seis rios correndo por vários de seus municípios, sendo que nos municípios de Araçatuba e Piedade existem dois rios com esse nome e no de Tanabí nada menos do que três. O nome de Pântano, muito conhecido aqui em Descalvado com a pronúncia de Pantano (com acento na segunda sílaba), é também encontrado como designativo de cursos d'água em diversos municípios paulistas. Assim, por tal nome são chamados um córrego e um povoado à sua margem, no município de Assis. Correndo os rios pelas partes mais baixas, atravessando brejos, formam facilmente alagadiços ou pantanais, principalmente na época das chuvas e daí a frequência com que o povo tem designado pelo nome de Pântano vários cursos d'água encontrados em nosso estado e possivelmente em nosso país. Araras, Bauru, Boa Esperança, Bragança, Piratininga e Salto Grande são outros municípios paulistas cortados por córregos ou ribeirões batizados com o nome de Pântano, havendo ainda uma serra com esse nome no município de Amparo e uma cachoeira com igual nome formada pelo rio Mogi-Guaçu, no município de Santa Rita do Passa Quatro. Achei interessante divulgar estes fatos relacionados com os nomes de nossa cidade e dos nossos rios principais. Meu intuito é todavia, o de chamar a atenção dos estudiosos para os assuntos relativos à nossa cidade e ao nosso município, sugerindo-lhes outras contribuições ainda mais interessantes e valiosas para o conhecimento de nossas coisas e de nossa gente. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, por sua agência nesta cidade, dispõe certamente de dados os mais curiosos nesse sentido e bem poderia divulgá-los para maior conhecimento de nossa toponímia.

DESCALVADO NA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL EM 1822 (Gerson Alfio De Marco)

O imenso sertão de Araraquara, mas já desvirginado por pioneiros: os posseiros Agostinho José Alves de Amorim, catarinense, velho andeio da aventura; os irmãos Nicolau Antônio Lobo e Manoel Antônio Lobo, mineiros no bandeirismo de retorno, como também os irmãos Tomé Manoel Ferreira e José Ferreira da Silva; e Alexandre José de Castilho e Manoel Joaquim Bernardes e Joaquim de Oliveira Preto, outras audácias montanhosas no bandeirar oitocentista de volta às origens. Era a coragem da posse, incontestada e atrás das últimas pegadas do caigangue que foi abandonado a velha Canaã avoenga, sentindo o férreo avanço do conquistador branco. Este, com suas armas tonitroantes, ouvidas, um dia, na paz tribal, foi ganhando o território desertado. Era a vez do caraíba, forte em suas armas; decidido no seu apossamento. Em 1822, portanto, não havia mais índio no mundo que seria Descalvado. O aborígene entranhara o oeste paulista, em novo nomadismo de fugir ao invasor poderoso, humilhação racial a beiradear novas águas piscosas e a verumhar novas florestas; inúbias ecoando em novas solidões, *cauí*m bebido em novas *ocaras*, Tupã adorado sob novos céus. Assim, quando o príncipe da liberdade se alteou, na história, no cerro do Ipiranga, o que seria Descalvado era a grandidão de mais de mil quilômetros quadrados de uberidade já parcialmente explorada, terra sem sibilos de flechas indígenas, era a grande posse de poucos, novo Eldorado paulista e que estacava nas margens do Mogi-Guaçu; que vadeava o Bonito, o Pântano, o Quilombo, o Prata, o Anhumas, o Sapé; e que se erguia, serrana, nas elevações locais da Serra do Cuscuzeiro, compridamente espreguiçada em longa e lata planície da Província. E dentro dessa ubérrima vastidão, os feudos dos posseiros, logo legítimos donos deles, na solene linguagem tabeliosa de lindes de águas e espigões, de braças e léguas, lineares, em quadra ou perimétricas, registro cartorário dum direito comprado com a audácia e a persistência. Terras tamanhas para cada um, núcleos iniciais dum povoamento crescível nos anos. E, em cada imóvel, o castelo rústico da casa da sede, de pau-a-pique, rasgada de portas e janelas, com altos oitões, com amplos cômodos e alguns escanifros; a senzala, columbário da promiscuidade negra da escravaria submissa, longa construção, estreita e baixa; os paióis, as pocilgas, o estábulo, o moinho, o monjolo, os depósitos e, com certeza a capela singela se na construção, um oratório modesto não a substituísse, em cômodo respeitosa e penetrado para o cotidiano terço coletivo, sacralizado árido dum culto sem sacerdote. Nas glebas conquistadas, áreas de plantio e pastagens naturais, arrincoadas em matas virginais, de muita madeira-de-lei e muita caça, cortadas de cursos de águas; reino sombrio da onça carniceira, abrigo de terríficas duendes. O Saci aleijão, assobiador e travesso; a troteadora Mula-sem-Cabeça, o feio Caipora encalistador. Na casa-da-sede, o mobiliário rústico e, na rústica mesa, a alimentação abundante, campesina: a carne de bovino e de suíno, da caça e do peixe; o leite e os produtos lácteos, o arroz, o feijão, o milho, a mandioca; o pão de milho e de mandioca, o angu, o palmito, os doces, hortaliças e frutas; o mel, a rapadura, o melado e a garapa. Tudo saído do solo dadivoso, numa farta auto-suficiência de terras ilhadas. Do extramuros, só os tecidos, os calçados melhores, as ferramentas, as armas, a munição, as velas, o querosene, o sal, valiosíssimos. Trazidos por eventuais mascates audazes ou adquiridas, no comércio urbano, longínquo, de léguas muitas. Vida simples, de abundância, profundamente rusticana. O trabalho diário longo, da alba ao tramontom feito pelos cativos, calças curtas de pano grosseiro, dorsos nus; trabalho de agricultar, de tanger o gado e mungi-lo, de fazer utensílios domésticos, com madeira das matas e couro dos bovinos; de pilar, de arrozear, de lenhar... Os patrões, com os longos domingos e dias santificados gastos nas diversões cinegética e piscatória, ou no cantar, ao violão plangente, os velhos lundus da corte. Nos dias comuns, ordenando o trabalho escravo, fiscalizando-o, exemplando negros rebeldes. Na mesmidão dos dias, as festas juninas, do Natal, de Reis e algumas outras mais. Nos sábados, a liberdade festiva do samba dos negros, zabumbando ritmo, cantando poesia. Bailes, não haveria, mas certamente o cateretê bulhento. As doenças, cuidadas com a primitiva Medicina caseira dos velhos ervanários e os unguentos ou, ainda, com o santigar valioso. As mortes, sepultadas nos próprios imóveis, sem ritual religioso. As viagens, poucas, no dorso de equinos ou de mulas, para os homens; ou nos tardinheiros, gementes carros-de-bois, para as mulheres. Para as vilas mais próximas, mais de dez léguas, no mínimo, para os registros tabelionais, o batismo e a crisma, a aquisição de negros e animais e produtos que as terras não davam e nem a indústria doméstica manufaturava. E era então que se tomava conhecimento dos eventos pátrios da política e

outros. Notícias filtradas da corte e da capital da província e trazidas por tropeiros e carreiros, por mascates e outros, num lento correio oral. Tudo era simples e monótono. Nem nome havia para o todo territorial, mas uma comuna estava em gestação. Esse era, portanto, o Descalvado de 1822, no ano em de nosso império. Vinte anos mais tarde em 1842, José Ferreira da Silva, aquisitor de terras predestinadas de Alexandre José de Castilho, iria escrever, cartorariamente, a garantia de nosso nascimento municipal. Em 1822, portanto, Descalvado, embora territorialmente inominado, mas nebulosa comunal, já era pedaço vivo e frutífero da Província de São Paulo e do Império do Brasil. O cetro de D. Pedro I já o sobrepairava a regê-lo, não como velha terra de índios, mas sim como terra já alcançada pela civilização. Com vassalos, longínquos vassalos, em insano labor de povoar e de construir.

DESCALVADO DE 1832 A 1877 (*Antenor Erveu Bettarello*)

Importância considerável na alimentação dos primitivos moradores de Descalvado, em seus primeiros anos de fundação, deve ter sido o produto da caça e pesca. As cinco casinholas em redor da rústica Capela em 1832, tempos depois aumentadas em número de edificações para trinta ou quarenta taperas, abrigavam aventureiros afeitos à alimentação selvagem, principalmente a pesca. Comia-se nessa época pouco e mal. Os primeiros habitantes descavalvados tinham como base de sua alimentação, a canjica e o angu de fubá, ou de farinha de milho ou mandioca. Isso era uma decorrência natural de não precisarem a canjica e o angu de fubá de sal, que na época de 1832 a 1840, não era fácil adquirir-se. A mandioca, pelo ano de 1840, começou a ser superada pelo milho devido a rapidez de produção deste. De 1840 em diante, o feijão e a canjica eram os pratos comuns dos descavalvados. Começou-se a dar também lugar ao palmito e às frutas selvagens como a guabioba, os araçás, os marmelos de campo e as jabuticabas. Em 1845, já se colhiam carás, batatas, batatas doces, ervilhas, repolhos, alface, agrião e inhame. Cultivavam-se a banana, o pêssego, a laranja. Pelo ano de 1850 a Capela Curada possuía perto de 80 casebres e a alimentação constituía um problema para seus moradores. Em 1855, instala-se de forma rudimentar o primeiro moinho de fubá no povoado, no mesmo sítio conhecido mais tarde como Moinho do Diamantino. Esse moinho provia o núcleo habitacional vendendo ou trocando o produto da terra. O pão, na ocasião era uma mistura de trigo e fubá. Ainda por esse tempo havia em algumas fazendas de cana, alambiques que destilavam aguardente, que era então, o remédio heróico contra a varíola e o sarampo. Agravou-se de 1850 a 1855 a situação de abastecimento de gêneros de primeira necessidade. Foi preciso que o poder público (o Juiz de Paz da Freguesia) a exemplo do que ocorria em outros locais, permitisse o estabelecimento de “casinhas” para a venda de gêneros alimentícios. Eram construções toscas, de paredes de taipa que serviam para a venda de secos e molhados. Nelas os gêneros alimentícios eram vendidos dentro de uma sujeira e desordem sem par. Com o advento da Câmara Municipal em 1866, deu-se impulso a maior higienização dessas casinhas, sendo que procedeu-se às primeiras fiscalizações, com multas aos que atentassem contra a saúde da coletividade. Em 1870, depois de uma manifestação de febres malignas cogitou-se da criação de um Mercado Público. Mas somente em 1877 foi o mesmo inaugurado com o pomposo título de Praça do Comércio. Tratava-se de cinco quartos que nada mais eram do que a reprodução melhorada das velhas casinhas. Todavia o Descalvado crescia muito e a Praça do Comércio não lhe bastava. Mudou-se então este para um prédio maior, de propriedade de José Joaquim Rodrigues. A cidade continuou crescendo, e finalmente, no ano de 1887, foi inaugurado o Mercado Público, que foi construído em terreno que outrora pertencera a Agostinho José Alves de Amorim, onde atualmente fica o prédio da Estação Rodoviária. Este prédio do Mercado foi demolido em 1948.

DESCALVADO EM 1886 (*Antonio da Conceição Vicente Adorno e Helmut Troppmair*)

Ruas da cidade: 14

População: 8.257 (urbana e rural)

sendo: 2.182 escravos (1.735 solteiros)

Preço do escravo novo e forte: 600 mil réis

Valor das terras: Roxa - 75 mil réis o alqueire

Misturada - 30 mil réis o alqueire

Lavouras: café, cana, fumo e cereais.

Estrangeiros: 729 italianos, 201 portugueses, 83 alemães, 5 austríacos, 8 espanhóis, 28 franceses, 2 ingleses, 58 africanos e 10 de outras nacionalidades, totalizando 1.124 estrangeiros.

A cidade possuía 6 hotéis e restaurantes, 5 padarias, 2 bilhares, 3 farmácias, 17 lojas de fazenda, 12 armazéns, 2 tipografias, 44 tavernas e 3 fábricas de cerveja.

Bandas Marciais: Santa Cecília e Recreio da Mocidade.

Clubes: Clube da Lavoura e Comércio (fundado em 1874), Sociedade Recreio Familiar (fundada em 1880), Sociedade União Democrática (bailes mensais), Sociedade Dramática Aurora.

Escolas: 3 com cadeiras masculinas, totalizando 128 alunos e 1 cadeira feminina com 57 alunas.

Alfabetização: 18% da população

Iluminação: 70 combustores a gás.

Julgamentos: 5

Assim o “Almanaque Seckler” descrevia a Vila do Belém do Descalvado em 1886: Vila do Belém do Descalvado, acha-se situada na bacia do rio Mogi-Guaçu, a oeste da Capital da Província, da qual dista 286 quilômetros. A superfície de seu município é de cerca de 30 quilômetros em quadra, e limita ao sul com o município de Rio Claro, ao norte e este com os de Pirassununga e São Simão e a oeste com o de São Carlos do Pinhal. São fertilíssimas as suas terras, especialmente para o cultivo do café, cuja produção anual é de 400 mil arrobas, devendo dentro de pouco tempo atingir essa produção a de 600 mil arrobas, atendendo-se a enorme quantidade de novos cafeeiros que existem e que ainda não produzem. Além disso cultiva-se com muito vantagem cana de açúcar e fumo, sendo este reputado o melhor da província e conhecido sob as denominações de “Tomé Ferreira” e “Descalvado”. É escassa a produção de cereais, não porque os terrenos não produzem abundantemente, mas por falta de agricultores que se empreguem na pequena lavoura. Esta lacuna, porém, tende a desaparecer em breve, com a colonização que está afluindo para os estabelecimentos agrícolas do município. Administração da Justiça: Juiz de Direito, Dr. Leonidas M. de Toledo Lessa; Promotor Público, Dr. José Vieira de Moraes; Escrivão do Júri, Guilherme da Silva Guimarães Porto; Oficial do registro de hipotecas, Antonio Augusto Bezerra Paes; Juiz Municipal e de órfãos, Dr. Manoel Joaquim da Silva Filho; Suplentes, 1º Tenente Coronel Rafael Tobias de Oliveira, 2º Major Polycarpo Alves Normanha D’Aguiar; Tabelião do Público Judicial e Notas, Antonio Augusto Bezerra Paes; Escrivão de Órfãos, Alferes João Baptista Pereira Marques; Curador Geral de Órfãos, José Ferreira Prado; Contador (interino), Manoel Soter de Oliveira Santos; Partidores, João Martins da Silva, Manoel Soter de Oliveira Santos. Oficial de Justiça, Antonio Ângelo Soares; Câmara Municipal, Vereadores, Major Arthur Horácio D’Aguiar Whitaker, Boaventura de Figueiredo Pereira de Barros, Capitão Evaristo de Campos Leite, Frederico Ernesto D’Aguiar Whitaker, Gaudêncio Ferreira de Quadros, João Baptista Ferras, Dr. Miguel Arcanjo da Silva; Suplentes, Tenente Antonio Soares Fagundes; Secretário, Bernardino José R. Torres Júnior; Procurador, Alferes Esmeraldo de Oliveira Camargo; Coletor das Rendas Provinciais e Gerais, Alferes Cândido Augusto Trippenno; Escrivão, José Quirino Ribeiro; Agente do Correio, Domingos Soares de Barros Mello; Ajudante vago, Delegado de Polícia, Antonio José Soares Fagundes Filho; Juizes de Paz, Capitão Francisco José de Araújo Lima, Tenente Antonio Leocádio de Matos, José Ferreira do Prado, Bernardino de Sena Motta Magalhães (audiências aos sábados); Escrivão de Paz e Subdelegado, João Martins da Silva; Culto Público: Vigário da Vara e da Igreja, Padre Francisco Teixeira de Vasconcellos Braga; Escrivão da Vara, Joaquim Delfino Trippenno; Sacristão, Augusto Teixeira de Vasconcellos Braga; Fabricheiro (interino), José Joaquim Fragoso. Irmandade do Santíssimo Sacramento: Provedor, José Nunes da Costa; Secretário, Justiniano Leite Machado; Tesoureiro, João Nunes da Costa; Procurador, Benvindo Gonçalves Franco; Capelão, Padre Francisco Teixeira de Vasconcellos Braga; Contínuo, Manoel Pires da Costa. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário: Protetor, Capitão José Elias de Toledo Lima; Instrução Pública: Primeira cadeira do sexo masculino, Francisco das Chagas Ourique de Carvalho, aluno mestre do 1º ano da Escola Normal. Tem essa cadeira 38 alunos matriculados e 24 freqüentes. Segunda cadeira. Olímpio Catão, 68 alunos matriculados e 53 freqüentes. Cadeira do sexo feminino, Dona Maria Lourenço de Oliveira Catão, 76 alunas matriculadas e 56 freqüentes. Instrução particular: Colégio Catão; Ensino misto: Instrução Primária e Secundária. Escola Primária, Fidélis Fortunato de Souza Carvalho. Há várias escolas em fazendas, mantidas pelos respectivos fazendeiros. Estação da Estrada de Ferro: Chefe, Amador do A. Mello. Sociedades: Clube da Lavoura e Comércio, fundada em julho de 1874. Presidente, Tenente Coronel Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho; Vice-presidente, Tenente Coronel, José F. de Figueiredo; Secretário, Dr. João

de Cerqueira Mendes; Tesoureiro, Miguel Araújo da Silva. Sociedade Recreio Familiar fundada em 1880: Presidente Honorário, Dr. João de Cerqueira Mendes; Presidente efetivo, Francisco de Campos Serra; Secretário José Rodrigues Penteado; Tesoureiro, Manoel Martins de Oliveira. Sociedade União Democrata (dá partida de dança mensalmente): Presidente, Jacob Henrique Monteiro; Vice-presidente, Manoel Eduardo Lopes; Secretário: Afonso de Arruda Leite; Tesoureiro, Domingos Soares de Barros Mello. Sociedade Dramática Aurora: Presidente, Antonio Barbosa Leite; Secretário, Alferes Cândido Augusto Trippenno; Tesoureiro, Dorismundo de Almeida Lisboa. Imprensa: A Imprensa do Descalvado tem tipografia própria, publicação semanal. Redator e proprietário Olímpio Catão. Advogados: Dr. João de Cerqueira Mendes, Dr. Antonio J. Rodrigues de Siqueira, José Ferreira do Prado, provisionado pela relação. Solicitador: Justiniano Leite Machado, provisionado pela relação. Médicos: Dr. Antonio de Siqueira Lima, Dr. Miguel Arcanjo da Silva, Dr. Victor Meyer. Farmacêuticos: Antonio Albertino de Oliveira, Bernardino de Sena Motta Magalhães. Dentistas: Antonio da Silva Ferraz, Dr. Nicolau B. Nielle. Professores de piano: Severino João da Cruz, José Fortunato de Almeida Penteado. Professor de Música Vocal e Instrumental: Joaquim Pedro Teixeira. Bandas Marciais: Recreio da Mocidade e Santa Cecília. Hotéis: Hotel das Famílias de propriedade de Justo Rodrigues. Hotel Universo de propriedade de Leolino R. de Figueiredo, Casa de Pasto de A. Delgado. Armadores: Benvindo Gonçalves Franco e Esmeraldo de Oliveira Camargo. Bilhares: Ignácio Valério Rodrigues, João Antonio dos Reis. Padarias: João Nunes Serafim. Manoel Martins de Oliveira. Olarias: Olaria de Santa Cruz de João Baptista de Almeida, Olaria Alemã de B. José R. de Mello. Alfaiates: Manoel Maria, Brazilio da Fonseca Leite, José Pinto Duarte, Martinho Vieira Lício Júnior, Placidino Joaquim da Motta, Zacarias Ferreira de Souza. Fogueteiros: João Balbino de Souza, Manoel Alves C. de Castro, João Pessoa. Ourives: Joaquim Pinto Fernandes. Seleiros: José Honório P. de Castro, Pedro Ernesto de Oliveira. Carpinteiro: Joaquim Xavier da Silva. Caldeireiros: Januário Maturano, Estanislau Pereira Goulart. Oficinas mecânicas e ferrarias: Jorge Blackburn, Otto Müller. Veterinário e ferrador: Joaquim Antonio Dias. Lojas de Fazendas, Ferragens e Armarinhos: Benedito José Rodrigues de Mello; Costa e Carvalho, Francisco de Paula Carvalho, Francelino de Almeida Lisboa, Gabriel Amâncio Lisboa, José Nunes da Costa, João Baptista Grassi, Manoel Antonio Pereira Júnior, Rafael Olita, Virgílio Horácio de Andrade, Silva e Paula. Comissários: Benedito José Rodrigues de Mello, Carvalho e Companhia, Gabriel Amâncio Lisboa, José Nunes da Costa, Silva e Paula. Trippenno e Carvalho. Secos, Molhados, Gêneros do país e sal: Anna Izabel de Oliveira Guimarães, Antonio Nunes da Costa, Antonio Izidoro Brochado, Antonio Rodrigues Delgado, Bernardo José da Cunha, Benedito Antonio de Moraes, Benedito José Rodrigues de Mello, Carlos Guilherme Klein, Carlos José Ferreira Júnior, Dorismundo de Almeida Lisboa, Domingos da Silva, Domingos José de Moraes, Eugênio Pinto Ferreira, Francisco Schmidt, Francisco Machado dos Santos, Francisco Antonio Pereira, Francisco Moraes do Gando, Francisco Martins da Cunha, Felipe Müller, Felício Quintiliano da Costa, Ignácio Antonio Borba, Januário Marturano, José Ferreira de Carvalho, José Corrêa da Costa, João Antonio dos Reis, João José da Silva e João Pessoa.

DESCALVADO DO IMPÉRIO - Primeiras construções e primeiras ruas (Antonio Erveu Betarello e Gerson Álfio De Marco)

Belém do Descalvado começou com a capelinha, rodeada por cinco casinhas ao seu redor. Quando da doação das terras por Florência Maria de Jesus e José Ferreira da Silva, já somavam quarenta taperas. Naquela época os moradores comiam pouco e mal, geralmente peixes, caça, angu de fubá e farinha de mandioca. Por volta de 1840, a farinha de mandioca seria substituída pela de milho, devido a rapidez da produção deste, em nossas terras. A mesa do descaldavense passou a ter feijão e canjica, palmito e frutas selvagens como a guabiroba, os araçás, os marmelos de campo e as jabuticabas. Em 1845, já eram em torno de 80 casebres ao redor da Igreja e já se colhiam carás, batatas, batatas doces, ervilhas, repolhos, alface, agrião e inhame. Cultivavam-se a banana, o pêssego e a laranja. Em 1850, instala-se de forma rudimentar o primeiro moinho de fubá, no sítio que seria conhecido como Moinho do Diamantino. O pão na época, era uma mistura de trigo e fubá. Nessa época já se destilava, em alambiques, de algumas fazendas de cana, o aguardente que era o remédio heroico contra a varíola e o sarampo. Em 1855 construíram as primeiras casinhas para venda de gêneros alimentícios. Eram construções de taipa que vendiam secos e molhados, dentro de muita sujeira e desordem. Somente em 1866 com a Câmara Municipal, iniciou-se a fiscalização e exigiu-se mais higiene. Quatro anos mais tarde, criaram o Mercado Municipal, depois de um surto de febres malignas, que seria inaugurado em 1877 com o nome de Praça do Comércio. Eram cinco quartos melhorados das velhas casinhas, que vendiam gêneros alimentícios. Somente em 1887 foi inaugurado o Mercado Público, construído em terreno de Agostinho de Amorim, onde hoje é a Rodoviária Municipal. Neste ano de 1887 já tínhamos o aspecto de cidade. A população, da qual 80% residia na zona rural, era constituída de 8257 homens livres, sendo que 44% deste total era constituída de jovens com menos de 15 anos. Os escravos eram em número de 2182. Nosso comércio: 17 lojas de fazenda, 12 armazéns, 5 padarias, 2 tipografias, 6 hotéis, 3 farmácias, 3 fábricas de cerveja, 2 bilhares e 44 bares. A Igreja havia sido reformada a um custo de 80 contos de réis. A terra roxa na época custava 75 mil réis o alqueire, e as misturadas 30 mil réis. Cultivavam nelas o café, a cana de açúcar e o fumo. Assim era Descalvado no Império. As principais ruas na época: Rua do Cemitério (atual José Bonifácio), Rua Vicente de Castro (atual Bezerra Paes), Rua do José Elias (atual Barão do Descalvado), Rua Antonio de Campos (atual Dr. Anastácio Vianna), Rua do Dr. Meira (atual rua José Rodrigues Penteado), Rua do José do Leite Machado (atual 15 de novembro), Rua Alegre (atual Cel. Arthur Whitaker), Rua Nova (atual Conselheiro Antonio Prado).

A ESCRAVIDÃO

Conta a história que em 1809 Agostinho José Alves de Amorim ao chegar às terras que seriam de Descalvado, dirigiu-se para a morada de Nicolau Antonio Lobo que aqui já havia tomado posse das terras que seriam as fazendas Grama, Nova e Areias. Em uma das noites passadas na casa de Nicolau Antonio Lobo, uma tentativa de elementos perversos, prontos a atearem fogo na cobertura de sapé da maloca primitiva, teve como consequência uma reação de Agostinho José Alves de Amorim e de seu fiel auxiliar que aprisionou um dos facínoras, dele arrancando a notícia de negros estabelecidos pela região, foragidos de várias procedências. Descalvado devia ser mesmo um lugar privilegiado nesse sentido. A idéia de negros foragidos e um quilombo às margens do rio, que desemboca no Mogi-Guaçu e hoje faz divisa com o município de São Carlos, com o nome de Rio Quilombo, uniu a simpatia que já havia nascido entre Nicolau Antonio Lobo e Agostinho José Alves de Amorim. Nada mais se sabe a esse respeito. Todavia, dado o desaparecimento do quilombo às margens do rio, e a rápida

prosperidade de Agostinho José Alves de Amorim é de supor-se que, da investida contra os negros foragidos, não estiveram ausentes os dois primeiros moradores de nossa terra. Amorim

com toda certeza tomou para si os escravos que viriam a trabalhar em sua Fazenda que recebeu o nome de Caridade. Quando faleceu em 1.864, doou por testamento, seus haveres a um de seus escravos, de nome João da Nação.

As terras de Descalvado em pródigas ao cultivo do café, da cana de açúcar e do fumo, em fazendas para onde foi destinada a mão escrava, vindos de Angola e outras regiões da África. No ano de 1.822, quando da Independência do Brasil, o índio já havia



Prédio da Câmara Municipal na década de 30

abandonado as terras, a vida do branco era muito simples e rústica, o dia comum era preenchido pelo ordenamento do trabalho escravo, fiscalizando e exemplando os negros rebeldes, que eram adquiridos nas vilas mais próximas, cerca de dez léguas, onde também se faziam os registros tabelionais. Em 1878 éramos o terceiro maior produtor de café, e os escravos se faziam presentes nas principais fazendas como a Palmeiras de Paulo de Souza Queiroz, Tamandaré de Inácio de Mendonça Uchoa, Lagoa Alta de Elisiário Ferreira de Andrade, Monte Alverne de José Ferreira de Figueiredo, Santa Maria de Rafael de Aguiar, São Rafael do Coronel Tobias, Jaguarandi e Bela Aliança de Nicolau de Souza Queiroz, São João da Aliança de Antonio Alves Aranha, São Salvador de Valentim Tobias de Oliveira, Batalha de Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho, Monte Alegre de Penteado e Serra, Santa Rita de Cândido Camargo, Graciosa de Sebastião Penteado, Santa Maria da Baronesa de Limeira, Batalha de José Joaquim de Faria, Bom Retiro de Adolfo Borges, Canadá de Francisco Aranha, São Miguel de Hermínea Whitaker, Lageado de Manoel Oliveira Leite, Monte Olimpo de Jacinto Penteado, São Domingos de Antonio Casati e Santa Etelvina de Olímpio Portugal. No ano de 1887 quando começamos a tomar o aspecto de cidade, para uma população de 8.257 pessoas, das quais 80% residiam na zona rural, possuíamos 2.182 escravos. O preço do escravo novo e forte era de 600 mil Réis. Nesta época as fazendas já começavam a se desfazer das gregárias senzalas semi-carcerárias, em virtude das crescentes massas de colonos, principalmente italianos, que afluíam para o município. Ao se aperceberem das vantagens da mão de obra migrante sobre a escrava, a própria Câmara Municipal de Descalvado, presidida por Durismundo de Almeida Lisboa e contando entre seus pares com Francisco de Paula Carvalho, Boaventura de Figueiredo Pereira de Barros, Antonio Barbosa Leite (Cândido Augusto Rodrigues), Gabriel Amâncio Lisboa, Salvador Meyer de Vasconcellos e Ernesto Pereira de Carvalho, e que já tinha ideais republicanos, aderiu também ao movimento abolicionista. O recenseamento de 1.886 informava que o Município de Descalvado, vai superando, com grande facilidade, a transformação do trabalho, pois que aumenta, extraordinariamente, a colocação de imigrantes em propriedades agrícolas, sendo talvez, dentro dos municípios da Província o que maior número de colonos conta.

Mas da escravidão ficaram algumas histórias interessantes:

- Quando da visita de D. Pedro II a Descalvado em 31 de outubro de 1886 era Presidente do Partido Republicano, que ganhava força política na cidade o cartorário Antonio Augusto Bezerra Paes. Conta a tradição que por um de seus empregados, mandou entregar ao Imperador, na estação ferroviária, um cacho de banana, como que a insinuar ser D. Pedro II, Imperador de Macacos.

- Pedro II mantinha uma tradição em todas suas visitas: libertar um preso. Na cadeia pública que ficava logo atrás da Igreja Matriz encontrou um único preso. Era um escravo de nome Ivo, que havia decepado a cabeça de seu feitor, com sua foice de trabalho. Irritado não o libertou.

- A imagem de Nossa Senhora do Belém veio de rio Claro para Descalvado em carro de boi conduzida por um negro escravo de nome Estevão.

- O Prof. Manuel Pereira de Godoy, historiador pirassununguense, conta que as escravas normalmente eram ótimas doceiras e quituteiras, faziam doces e outras comidas e às vezes iam vendê-los nas ruas, para o ganho extra de suas patroas, principalmente aos domingos e em dias de festa. Vendiam também garapa, melado, rapadura, cidrão, açúcar escuro e aguardente, que eram fabricados em engenhos de cana, movidos à tração animal e trabalhado por escravos.

- Conta também o Prof. Godoy que os negros trouxeram conhecimentos da África de curas de males, com base em vegetais, em água quente e em salmouras. Muito importante na época, era a aplicação de ventosas, para o alívio das dores no corpo e, para tanto, muitos negros escravos, e também negros libertos, eram especializados em aplicá-los.

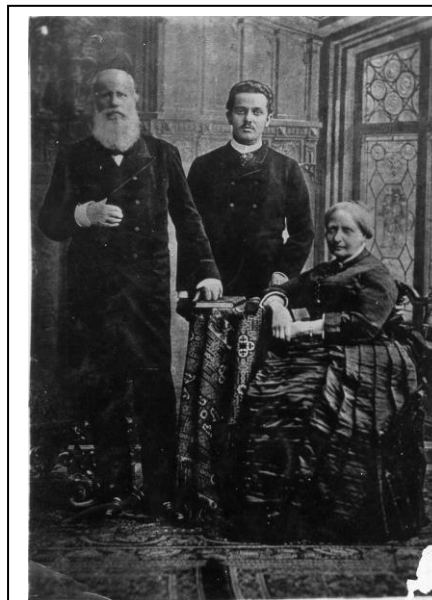
- Prof. Godoy conta ainda que certos senhores de escravos os maltratavam, até no momento da comida eram tratados como animais e na roça, onde os escravos trabalhavam, comiam apenas angu e feijão cozido que eram colocados num cocho. E, na maior parte das vezes, os escravos comiam com as próprias mãos, pois, ainda, certos feitores, no trabalho, não permitiam nem o simples uso de uma colher de pau para que o negro escravo tomasse a sua comida.

- De acordo com estudos época da escravidão, o Prof. Godoy informa que nos processos relativos aos escravos que eram presos por crimes de roubo, de agressão, de morte, etc., e que aqui eram julgados conforme a lei determinava, em geral o senhor do escravo contratava um advogado para assisti-lo e defendê-lo em todo o processo. Às vezes, conforme as circunstâncias e a gravidade do crime, o senhor do escravo envolvido com a Justiça, desistia dos seus direitos de senhor do dito escravo, com a finalidade principal de escapar das custas do processo todo e de qualquer futuro e possível cuidado com o escravo condenado, pois o senhor era parte responsável na culpa do escravo e era sempre condenado nas custas do processo e, ainda, era responsabilizado na observação de certas penas impostas ao escravo réu pela Justiça, como aquela de o escravo trazer uma cruzeta de ferro no pescoço pelo espaço de meses ou de anos e que o senhor deveria observar e fiscalizar durante a condenação.

ESCRavidÃO – ALMA E GLÓRIA (Fausto De Marco)

Estamos nos horrores da escravidão. Por todos os recantos, vai um misto de pranto e dores. Jamais se vê o riso que espelha satisfação. Nunca se ouve o canto alegre dos escravos. Só a tristeza do samba evocativo e as lamúrias das melodias sentimentais habitam aquele reduto de opressão e barbárie. A frondosa figueira, alteando seus vigorosos braços, é o teto do sacrifício, à cuja sombra se castiga um direito e se abjura uma justiça; onde se sorri da mágoa e se chora de alegria; onde se zomba da altivez e se louva a covardia. Marcha um pobre infeliz para o holocausto. Vem mudo, trêmulo e obediente, entre os olhares esconsos e distantes, da timidez de seus amigos que gelam ante o ruído das passadas do “senhor”. A visão carrascal deste parasitou-se na imaginação daquela multidão inerte. Os escravos aniquilam-se, acovardam-se ante a idéia de castigo. Praticam, às vezes, no ápice do desespero, que os sentidos falsearam ou que a imaginação organizou fazendo-os crer uma realidade presente inexistente. Crêm na solidez da oportunidade, assim avultada, e quase sempre cavam a própria ruína. Na inquietação da insânia, no meio ao desespero uma idéia fixa os exaspera, os domina, os move à ação louca, por ser revolta; criminosa, por ser liberdade. Condenados, entregam-se humilde e conformadamente, àquilo que, com o tempo, se torna hábito – o sacrifício ao pé do tronco. Sofre junto ao tronco, uma alma cheia de resignação. Sim, porque o escravo sofre emudecido o que só uma grande alma sofreria sem revoltas. As inexprimíveis chibatadas do algoz ele descortina o peito onde pulsa o silêncio que enobrece. Aos sofrimentos, às crueldades que aureolam-lhe a vida, ele só reage com a genuflexão (ajoelhar) que é respeito e temor. As vergastadas cortam o espaço e chagueiam-lhe o corpo. E o miserável não chora porque não sabe chorar as lágrimas límpidas e visíveis, as lágrimas que escorrem pela face e tombam ao chão. Mas chora-lhe a alma pungida pelo sacrifício humilhante que lhe impõem. Chora-lhe o coração aculeado pelo escarmento desumano, pelo desprezo e pela injúria inclemente. Diante dos companheiros de sacrifício, na frente de seus sacrificadores, os olhos do cativo são secos como o areal batido pelo sol, onde nada germina, nada cresce. Mas sob o areal existe, em latência, a semente aguardando a oportunidade para a eclosão. Assim o escravo. Guarda as lágrimas, para o desbafo no retiro, à sombra fria dos pés de café. E na quietude dos cafezais, nas horas de descanso, à luz branca da lua junto ao cafeeiro e confessa-lhe, como a um leal amigo, as nódoas e os amargores de sua alma. Uma a uma, às vezes um fio longo, suga-lhe a terra as lágrimas. Ninguém o vê

revoltar-se assim. E ao romper d'alba, está ele no posto de sacrifício, ao cabo da enxada ou da foice, oferecendo a sua atividade como seiva às plantações. Para os olhos do verdugo, o escravo não possuía os característicos que designam os verdadeiros homens: o de humanidade e o de racionalidade. Eram selvagens, brutos, bárbaros como o tigre e poderosos como os leões. Era preciso domá-los, acorrentá-los e subjugá-los pela brutalidade. Tal se deu. Agora digamos que destituídos de qualquer resquício de humanidade e racionalidade, eram esses que punham o capucho da barbárie na cabeça de quem tinha melhores atributos para superá-los numa classificação humana. O cativo tinha grande poder sensorial e caráter ainda maior porque, segregado do convívio social, inferiorizado e seviciado, não soube fantasiar-se em vingança assassina, nem em traição covarde. Suplantou as vaidades inimigas com o valor de um herói e a conduta de um cristão. Soube perdoar os insanos, sem borrifar de sangue as mãos. Mas o remorso – filho do crime, – foi a visão que puniu com o desassossego eterno os réus de tão vil ultraje. Os nossos cafezais foram regados com aquele pranto puro e nobre do negro. Por isso quando florescem os miríades de cafeeiros, aquelas ondas suaves de flores que se desenrolam aos baloiços da aura, são a alma em flor do preto, a vida do escravo na vida linda e odorante das flores. Apagou-se um dia a nódoa infamante. E, hoje, ainda reverdecem os cafezais. Explodem-lhe as minúsculas flores. E, em breve, um lençol homogêneo de flores forma um diadema branco que é a coroa de mártires do negro, realçante ao verdor da virente mata que o circunda. Aquelas flores puras são o sangue branco do escravo, seu sangue-alma. Ao depois, apontam no silêncio das corolas, o fruto verde que as manhãs bonitas de sol enrubescem. É o sangue-corpo, o sangue-seiva do escravo. Aqui estamos para tecer uma grinalda de honras ao sacrifício denodado do negro que assistiu ao dealbar da nacionalidade, ao toque primeiro das primeiras manhãs de nossa terra, elevando sempre o seu cálice de sangue, expandindo sempre as virtudes de sua alma. Legou-nos o preto o exemplo do sacrifício no trabalho, da resignação na adversidade, do amor nas humilhações. O amor das mães, a fé e a renúncia dos pais, revivem, hoje, o que outrora foi perfume expansivo do coração do escravo. O que se aprende nas manhãs da vida, não se esquece na noite dos anos. Jamais esqueceremos a gratidão que lhe devemos. Glória, pois, ao escravo – energia vitalizante do Brasil menino!



Dom Pedro II, Conde D'Eu (genro, príncipe austríaco) e Imperatriz Tereza Cristina

31/10/1886 - Visita de D. Pedro II e da Imperatriz Tereza Cristina (Conto de Luiz Carlindo Arruda Kastein)

A visita do Imperador Pedro II a Descalvado foi rápida. O motivo: era necessário conter o crescimento do Partido Republicano no Município que na época era o terceiro maior produtor de café da região de Ribeirão Preto com 400 mil arrobas, além de produzir o afamado fumo “Tomé”. Chegaram de trem. O dia estava muito quente e a Imperatriz não quis visitar a cidade devido o calor e seu problema no andar, sendo recepcionada por uma comitiva de senhoras no próprio vagão imperial. Em nome da comitiva a garota Maria

Grassi, entregou flores à Imperatriz dando as boas vindas. O Imperador e comitiva subiram a atual Avenida Guerino-Oswaldo até atingir o centro da cidade onde visitaram a Igreja Matriz. O único documento oficial registrando a visita de Pedro II, encontra-se às folhas 80 do 2º Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Belém: “Aos 31 de outubro de 1886, às 2 ½ horas da tarde, chegaram a esta Vila, suas Majestades Imperiais. Da estação (onde ficou Sua Majestade a Imperatriz), o Imperador, dirigiu-se à esta Matriz, elegantemente adornada, em cujo vestíbulo foi recebido pelo respectivo Pároco, Cônego Braga, que conduziu-o à Capela do Santíssimo Sacramento, onde o augusto Soberano fez oração; e retirou-se, deixando entregue ao Vigário a quantia de cem mil réis, para ser distribuída entre os pobres desta Vila. Neste mesmo dia, suas Majestades Imperiais, foram pernoitar na cidade de Araras. E para constar lavro o presente termo. O Vigário Cônego Francisco Teixeira de Vasconcellos Braga.”

A Câmara Municipal estranhamente nada registrou nos seus anais sobre a visita, com toda certeza prevaleceu nos edis da época, os princípios republicanos, tanto é verdade que nenhum deles, nem mesmo o seu Presidente, e, que pela Constituição da época, acumulava o cargo de Prefeito: Major Artur Horácio D’Aguiar Whitaker, fez parte da comissão de honra que recepcionou os Imperadores na estação ferroviária. Era Presidente do Partido Republicano, que ganhava força política na cidade o cartorário Antonio Augusto Bezerra Paes. Conta a tradição que por um de seus empregados, mandou entregar ao Imperador, na estação, um cacho de banana, como que a insinuar ser D. Pedro II, o Rei dos Macacos. Pedro II mantinha uma tradição em todas suas visitas: libertar um preso e conceder a um cidadão ilustre um título de nobreza. Na cadeia pública que ficava logo atrás da Igreja Matriz encontrou um único preso. Era um escravo que havia decepado a cabeça de seu feitor. Irritado não o libertou. Dirigiu-se então à residência do Capitão José Elias de Toledo Lima, que ficava ao lado da Matriz, onde hoje é a Sede Social da Paróquia. Ali descansaria por alguns minutos. Conta a tradição que na sala principal da casa do Capitão havia um grande quadro do Imperador, coberto de pó e teia de aranha. Quando este perguntou do motivo, recebe de imediato a resposta: “colocado naquela parede o retrato de Sua Majestade, jamais, para perpetuar-lhe a lembrança, mãos humanas lhe tocaram.” Sensibilizado e engrandecido o Imperador, que já conhecia os antecedentes de Toledo Lima, pela sua generosidade, projeção social e econômica, prometeu conceder-lhe o título de Barão do Descalvado, o que realmente aconteceu em 23 de dezembro de 1887. Despedindo-se, caminhou rumo à estação, dando uma rápida entrada na residência do Dr. Anastácio Vianna, atual Rua Barão do Descalvado altura do nº 300 onde tomou café. Depois embarcando no trem, dirigiu-se à cidade de Araras onde pernoitou.

DESCALVADO NA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA EM 15 DE NOVEMBRO DE 1889 (Gerson Álfio De Marco)

(Segundo levantamento feito pela Câmara Municipal junto à Administração Geral dos Correios em São Paulo, pleiteando uma agência para Descalvado, no dia 3 de abril de 1889, tínhamos cinco mil habitantes na cidade e sete mil nas fazendas. A cidade tinha 25 ruas, 5 largos e 600 prédios, sendo 600 residenciais e 150 comerciais).

Quando a monarquia brasileira ia deperescendo no começo da senilidade de D. Pedro II e na certeza do terceiro reinado outorgável a um príncipe estrangeiro, encolado na proteção conjugal de Isabel, a Redentora. Descalvado, arrobando seu café, registrava o expressivo total de 400.000, estando a caminho de 600.000, a começar a frutificação dos novos cafeeiros plantados, onde, antes verdeciam as matas seculares. Região opima em rubiácea. Descalvado produzia, ainda, cana de açúcar e afamado fumo sob as denominações de “Tomé Ferreira” e “Descalvado”, excelente trabalho antigo nas folhas grudentas do “jorginho” e do “jorjão” abundantes no chão humoso. O rincão fértil não era cerealífero e, segundo o Almanaque Seckler de 1886, “não porque os terrenos não produzam abundantemente (cereais) mas por falta de agricultores que se empreguem na pequena lavoura. Esta lacuna, porém, tende a desaparecer em breve, com a colonização que está afluindo para os estabelecimentos agrícolas do município. “Era uma claríssima referência às crescentes massas colônicas, mormente das peninsulares, na sua penetração de coragem e de sonho, em nossas fazendas que já iam se desfazendo das gregárias senzalas semi-carcerárias e que já iam riscando, em vários sentidos, os alvéolos domiciliares das colônias, colmeias de gente de gesticulada conversa dialetal. Em breve, iriam sofrer uma forte italianização os costumes, a fala e a culinária nacionais, principalmente. A última Câmara Municipal, já com alguns

republicanos, legislava sem pressentir a inconclusão da Legislatura serena. Presidia-a Dorismundo de Almeida Lisboa e vereavam com ele, Francisco de Paula Carvalho, Dr. Salvador Meyer de Vasconcellos D’Aguiar, Dr. Cândido Augusto Rodrigues, Boaventura de Figueiredo Pereira de Barros, filho do Barão da Fonseca; Gabriel Amâncio Lisboa e Major Arthur Horácio D’Aguiar Whitaker, as profissões liberais e a cafeicultura politicando. Na administração da Justiça, judiciava o Dr. Leônidas M. de Toledo Lessae, à frente do Ministério Público, encontrava-se o Dr. José Vieira de Moraes. Quatro médicos clinicavam na cidade: os Drs. Miguel Arcanjo da Silva, Anastácio Vianna, Salvador Meyer de Vasconcellos e Antonio da Silveira Lima. Advogavam na Comarca, os Drs. Amâncio Guilhermino de Oliveira Penteado, Cândido Augusto Rodrigues, João dos Santos Saraíba. João de Cerqueira Mendes e o solicitador Justiniano Leite Machado, provisionado pela relação. Dois dentistas estavam estabelecidos com seus gabinetes: O Dr. Nicolau B. Nellie, presumivelmente francês e Antônio da Silva Ferraz, ambos a empolgarem o aterrador boticão primitivo e que tanto endolerecia as bruscas e frias extrações dentárias pré-anestésicas. Três hotéis atendiam munícipes e viajantes, estes já trazidos pelos comboios da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, ou pelas ajazezadas montarias das rendosas romagens de incansável tropear. Eram o Hotel das Famílias, de Justo Rodrigues; o Hotel Universo de Leolino Rodrigues de Figueiredo e a Casa de Pasto, de A. Delgado. No campo educacional era a seguinte a situação de Descalvado, então na chamada Instrução Pública, encargo do governo provincial, havia duas cadeiras do sexo masculino, com quase uma centena de alunos e regidas por Francisco das Chagas Ourique de Carvalho e Olímpio Catão, este, educador que iria se assinalar nos arraiais da Pedagogia paulista, anos mais tarde, com luzida presença em congressos e movimentos outros de teor educacional; e uma cadeira do sexo feminino, regida por Maria Lourença de Oliveira Catão, cônjuge do já citado Olímpio Catão, cadeira essa com quase oitenta alunos. Ao pedagogo moderno isto parece um acúmulo condenável de discentes em uma mesma classe, mas não devemos nos esquecer que estávamos ainda, naquele tempo, atrelados, pedagogicamente, ao Mutual System, ao Sistema Monitorial de Lencaster, consistente no ensino de avultado número de alunos por um só docente, socorrido este, em seu mister, por discípulos mais adiantados, os monitores ou decurhões. Na instrução particular, havia o Colégio Catão, do já mencionado Olímpio Catão, com ensino suplementar e secundário e já co-educativo; e uma escola primária, dirigida por Fidélis Fortunato de S. Carvalho. A vida social do tempo, regrada certamente pelos arraizados ditames da moral provinciana de então, pulsava no Clube da Lavoura e Comércio, fundado em 1874, na Sociedade Recreio Familiar, fundada em 1880 e na Sociedade União Democrata, cuja data de fundação ignora-se. Havia ainda, a Sociedade Dramática Aurora, para as encenações periódicas dos insubstituíveis dramalhões lusitanos, com lacrimajamentos femininos e intensa comoção masculina, na platéia; das gastas peças de nossa medíocre dramaturgia e das traduções ou adaptações do vitorioso teatro da França e da Itália. Eram o cinismo, a malfeitoria, a prepotência, a pecúnia, dominando quase todo o entrecho, para o alegrador final moralizante. De quando em vez, o patético era substituído, na ribalta, pela comicidade eram os embaraços jocosos dos personagens centrais, mormente do clássico caipira a ferir as regras mais elementares da gramática. O Padre Francisco Teixeira de Vasconcellos Braga, gaúcho, apascoava o rebanho católico. José Ferreira Martins, com tipografia própria, editava o seu semanário “O Descalvadense”. Desse jornalista nada se sabe a não ser que era republicano convicto. Olímpio Catão editava o seu “A Tenda”, também semanário. Nele também, queimava a chama do republicanismo. Seis comissários de café revendiam as copiosas safras municipais. Três fogueteiros fabricavam rojões e bombas para o foguetear citadino e rural e para a gabada pirotecnia concluidora dos festejos profano-religiosos, com os gabados castelos-de-fogo e as girândolas. Nove lojas de fazendas, ferragens e armarinho e quarenta e um armazéns de secos e molhados atendiam cidade e campo, este então já densamente povoado. Dois boticários aviavam, incansavelmente, as clássicas receitas da farmácia galênica. Duas padarias forneciam para a população urbana. Dois bilhares estalidavam em tacadas de ociosos diurnos e de jogadores noturnos na desocupação do post-trabalho. Seis oficinas de alfaiataria vestiam os corpos masculinos de urbanitas e rurícolas. Um ourives atendia homens e mulheres com seus acebolados cronômetros, alianças nupciais e ornatos da tafulice feminina. Duas bandas marciais congregavam o discipulado local de Euterpe: a Santa Cecília e a Recreio da

Mocidade, nascidas certamente nas faixas partidárias, políticas, do Município. Sonoras oposições de entusiastas sustentadores. Cerca de trezentos fogos enchiam os logradouros urbanos, esses com líridos lampiões de esquina a aclararem as noites tranqüilas. E a Igreja Matriz, dominadora e pesada, torreava ao meio de tudo. Era esta a Belém do Descalvado, nos meados novembrinos do ano republicano de 1889. Nesse mês e ano, nem mesmo o pugilo acomodado e infecundo dos republicanos locais acreditava na iminente degradingolada incruenta das instituições monárquicas nacionais. Nosso Partido Republicano, moderava ao acalanto da música dum sonho longínquo, num semi-adormecimento de desânimo. O Partido Republicano de Descalvado, foi fundado ao que parece no ano de 1873. Constituíram-lhe o núcleo iniciador Antônio de Camargo Campos, Gabriel Amâncio Lisboa e Frederico Ernesto de Aguiar Whitaker. Mais tarde, uniram-se a eles José Rodrigues Penteado, Leopoldino de Arruda Paes, Olímpio Catão, o mestre; e José Ferreira Martins, o jornalista. No dia 16 de novembro de 1889, o telégrafo trazia notícia alvissareira, para a pleiade estupefata dos portadores do barrete frígio em Descalvado, enchicharrados nas inesperadas fulgurações de políticos a galgarem o poder municipal; e estupidificava os monarquistas ferrenhos, como os nossos dois barões (da Fonseca e de Descalvado) e o Dr. Amâncio Guilhermino de Oliveira Penteado, mais tarde anti-florianista opinático, tanto de merecer, o talonamento dos adeptos do Marechal-de-Ferro, até dentro da propriedade agrícola paterna, Fazenda Graciosa, na gravíssima crise nacional de 1893, guerra civil fragorando no país. Caíra o Bragança; não desestimado dos brasileiros. O Positivismo acadêmico de Benjamim Constant e a espada pacífica de Deodoro vieram sombrejar o dia solar do império paternalista, a baloiçar-se, pouco contestado, na rede mansa da aceitação apática. Em Descalvado, musicou-se no evento altíssimo da inesperada republicanização pátria. Orou-se grandiloqüentemente e os rojões dos três pirotécnicos locais explodiram saudações aéreas aos republicanos da ex corte e de São Paulo e festejaram a queda brusca e cataclísmica da grei bragantina municipal e que se encovilara no desencanto e na frustração, jogada das alturas do poder antigo por aquele cambapé da história que se resumiu numa parada militar não domingueira, centrada pelo grito desafiador de Deodoro. Aos republicanos históricos uniram-se (não fosse o homem essa ventoinha girável ao sopro de todos os ventos) os costumeiros adesistas, gente que, antes, havia sorrobado longamente os homens do Império locais, mormente os nossos dois barões (o da Fonseca e de Descalvado); o primeiro rurícola, encastelado em sua Fazenda, a atual Fazenda do Barão, assim chamada, depois, por sua causa; e o segundo, típico barão urbano. No dia 16, os republicanos descavadenses distribuíram à população, três boletins, dando a notícia do fato consumado. Sabe-se que Arthur Diderichen (parece-nos um saxônio ou filho de saxônio) mandou imprimir nas oficinas do semanário de José Ferreira Martins, 500 boletins, convidando os habitantes de Descalvado, para uma reunião às 17,30 horas na Câmara Municipal, para a escolha de um comitê de segurança pública, para manutenção de ordem e tomar as primeiras medidas de uma administração republicana. Lendo-se a notícia em “O Descavadense” já mencionado, sente-se na expressão comitê de segurança pública, um odor revolucionário do 89 francês, mas sem o sangue de Paris. Pura macaqueação política e indigência do poder criativo no frasear. Na sala de sessões da Câmara Municipal, em prédio esquinhar erguido entre as atuais ruas Orderigo Gabrielli e Cel. Arthur Whitaker, Arthur Diderichen, com a palavra, disse das razões da reunião (a escolha do já mencionado comitê de segurança pública), e exaltou o grande acontecimento histórico e fechou sua fala entusiasta, vivendo longamente, na exaltação à República, a Deodoro, aos chefes republicanos, ao Exército, à Armada e ao Estado Federal de São Paulo, desbatizado de província. Encerrado o seu vivório, responsado animadamente pelos presentes, Arthur Diderichen entregou a presidência da reunião ao republicano Antonio Augusto Bezerra Paes, glória do partido em Descalvado, na expressão do jornal relator dos festejos. Indicou-se a princípio, três conspícuos cidadãos para comporem o comitê de segurança pública, mas, por fim, ante o grande número de indicações, o comitê viu-se constituído por dez membros. Não lhes colhemos os nomes. E o dia 16 de novembro findou entre taças de champanha e bebedeira geral, espocar de foguetes e entre vivas e amplexos fraternais. No dia 17, os festejos prosseguiram. Jorrou, de novo, o champanha entre os homens importantes; cervejou-se e os incorrigíveis perdedores de martelos de pinga encontram, nesse dia, bolsas mais liberais. Os rojões estrondejaram, outra vez, no ar cidadão. No dia 19, domingo, ao anoitecer, músicos percorreram as principais vias públicas, enchendo os ares de

marchas e dobrados e executando a Marselhesa defronte das casas dos mais considerados republicanos. Mais foguetada e ladinhada e viver republicano. A porta de seu jornal “A Tenda”, orou Olímpio Catão e a noite entrou adormecendo vencidos e vencedores. No dia 20, reuniu-se a Câmara Municipal para o reconhecimento oficial da República. às 17,30 horas, no Legislativo, presentes nacionais e estrangeiros, a mesa deliberativa, composta pelos vereadores Durismundo de Almeida Lisboa, Francisco de Paula Carvalho e Gabriel Amâncio Lisboa, era presidida pelo Dr. Cândido Augusto Rodrigues, renomado advogado descavadense e que, usando da palavra, disse que a sessão tinha por objetivo celebrar o advento da República no Brasil, criticando duramente a organização municipal do Império e dizendo esperar da República recém instituída a liberdade plena do município e que aceitava ele o atual estado das cousas como fato consumado, aguardando o pronunciamento da Nação na Constituinte que iria ser convocada. Terminada sua oração de júbilo e de fé republicana, o presidente solicitou ao secretário da sessão fosse lida a circular do dia 16, enviada pelo Governo Provisório do Estado de São Paulo à Câmara Municipal, submetendo a mesa à deliberação dos edis, para que estes se pronunciassem sobre ela. A vereança por unanimidade, aderiu ao Governo Republicano e exteriorizou-lhe o apoio pleno. O Vereador Gabriel Amâncio Lisboa, propôs, com plena anuência de seus colegas de vereação, fossem enviadas as felicitações do Legislativo ao Governo Provisório do Estado de São Paulo e colocado um livro, na sala de sessões, para receber as adesões dos munícipes. “Terminado este ponto capital da sessão”, narra-nos “O Descavadense”, “pediu a palavra o Dr. João dos Santos Saraíba, advogado no fóro desta cidade e leu a adesão escrita e assinada pelo cidadão Major Policarpo Normanha, antigo membro do ex-Partido Liberal, declarando em termos frisantes estar pronto e às ordens do Governo Republicano. Em seguida, o Dr. Saraíba fez vista retrospectiva da história pátria e por ¾ de hora usou de seus recursos oratórios na tropologia nacional, e congêneres de outras nações antigas e modernas.” Interessante a redação de José Ferreira Martins, no noticiar o discurso do gabado causídico Dr. Saraíba. A palavra deste, seguiu-se de José Floriano de Camargo, aluno da Escola Militar e que, fazendo um paralelo entre a monarquia que se extinguiu e o regime republicano, encomiou, ardorosamente, o último e gritou vivas à República e ao Governo do Estado de São Paulo. E, ente aclamações e intenso júbilo, findou a jornada comemorativa do dia 20 de novembro, em Descalvado, palco histórico a Câmara Municipal, decorada com flores e ostentando, ao fundo, entrelaçadas, a bandeira da República e a de São Paulo. E a grande noite descavadense desse memorável dia baixou sobre o cansaço de festa dos veementes oradores, dos erguidores de brindes, nas campanhas solenes; e dos menos afortunados, que haviam se encharcado de cerveja ou mesmo bebericando a aguardante do pobre, engargalando-a, ebrirridentes. Os republicanos começavam a governar o Município. Muitos monarquistas antigos afinaram seus instrumentos de hinos apoteóticos ao Império, com os dos da jovem orquestra republicana, a hinar à Pátria Nova. Alguns deles se encaramujaram num ostracismo definitivo. A cultivarem um saudosismo heróico. E os nossos dois barões encolheram-se, dignamente, na sua baronia extinta.

A IMIGRAÇÃO ITALIANA (Mário Joaquim Filla)

No fim do século XIX, o movimento abolicionista associado à expansão cada vez maior do café, foi o estímulo para a vinda de imigrantes, principalmente italianos, para o município de Descalvado. O recenseamento de 1886 informa: “Neste município de Descalvado, vai superando, com grande facilidade, a transformação do trabalho, pois que aumenta, extraordinariamente, a colocação de imigrantes em propriedades agrícolas, sendo, talvez, dentro dos municípios da Província o que maior número de colonos conta”. Na época de 1890 a 1910 o município de Descalvado recebeu, aproximadamente, cerca de 3.000 famílias providas do norte da Itália. Com isto, a população municipal, elevou-se, rapidamente, para quase 30.000 em 1900. A laboriosa colônia italiana, a quem Descalvado, sempre e por sempre deve render o seu reconhecimento e a sua homenagem, veio substituir, assim, num extraordinário afã de trabalho o braço escravo, trabalhando, inicialmente, sob obrigações de “colonos”. aparecendo, depois, a oportunidade da pequena propriedade, fato bastante auxiliado quando, o governo da Província, em 1884, estabelece lei de “dar preferência” aos contratados para a formação de pequenas propriedades, dispondo-se a vender aos imigrantes, lotes próprios para a cultura de café, cessando, a partir daí, a grande propriedade, no aparecimento dos primeiros minifúndios”. De 1906 a 1910 crises de

superprodução de café; geadas em 1918 e com o esgotamento do solo a população começa a se deslocar, notadamente para o interior do Estado, a procura de novas terras, acompanhando, sempre, o avanço do café, ocasião em que verifica-se uma diminuição gradativa da população atingindo-se índices, os mais baixos, iniciando-se, depois, novos acréscimos de acordo com as fases do Município. De uma forma ou de outra, em fases auspiciosas ou enfrentando as surpresas de novas épocas, o fato é que, está bem patente na História de Descalvado, a valiosa colaboração da mão de obra italiana.

A VIDA DOMÉSTICA E ALGUNS COSTUMES ALIMENTARES DO SÉCULO XIX NA REGIÃO (Prof. Manuel Pereira de Godoy)

Para as necessidades diárias da vida doméstica, a família contava, geralmente com pouco mobiliário: um guarda-roupa (raridade), um ou alguns baús para guardar toda a roupa; uma cama de casal (e as de solteiro), com colchão de capim ou de palha-de-milho, travesseiros de paina ou de pena de pato; uma mesa tosca com bancos ou com cadeiras com assento e encosto de tábua torcida e trançada, ou de couro cru trançado; quando o chefe da casa tinha algumas posses, então, havia uma sala de visitas com cadeiras melhores. Em geral, na sala de visitas, a um canto, ficava o pequeno oratório familiar com o santo ou os santos preferidos de cada casa, com um pequeno vaso com flores e, até, um copo com azeite e uma pequena vela vocativa acesa. Na cozinha dos mais pobres e até dos mais abastados, havia o fogão e o forno separado e à lenha. Grande parte dos utensílios de cozinha e de mesa era de ferro, de barro queimado e de madeira, como as gamelas, feitas de raízes; colheres, garfos e pás de pau, de caxeta, madeira branca, mole e que não dá gosto à comida. Em nenhuma casa podia faltar o pilão, de vários tamanhos e para diversas utilidades: descascar arroz, moer o café em grão torrado, fazer paçocas de carne seca com farinha de milho e de amendoim torrado com farinha de mandioca. Na maioria dos quintais e na zona rural existia um poço perto de cada casa, com sarilho em corda e balde para tirar água de beber, para lavar louças e panelas e roupas, para cozinhar, etc. A comida principal e diária do passado, foi o arroz e o feijão, acompanhados de farinha de milho. Como “mistura” às refeições eram usadas carnes de caça, de vaca e de porco, lingüiças, tresmo, couro de porco frito e bem pururuca, ovo frito e em forma de farofa com farinha de milho ou de mandioca, peixe frito, assado ou ensopado, palmito do mato, pão e biscoito feitos em casa. Como doces: doces de leite e em pedaços, de abóbora, de cidra, de coco, de mamão, de figo, de pêssego, pés de moleque, cidrões e rapaduras e saborosos sequilhos e biscoitos de polvilho azedo, bolos e broinhas de fubá. O leite era tomado de manhã com café e alguma mistura como mandioca cozida, biscoitos e polvilho, etc. Nos domingos e dias especiais, a mesa era mais rica e farta com frango de panela e cheio, assado ao forno de lenha, leitão e o cabrito assados, o cuscuz de frango. Do leite faziam deliciosos queijos, requeijões e coalhadas, consumida ao natural, ou com açúcar e goiaba bem mole. Faziam também arroz-doce e a canjica. O sal usado era o “sal grosso”, pilado em pequenos pilões pelas famílias. Bebidas: aguardente de cana, cerveja importada da Inglaterra em garrafas de argila queimada, vinhos e licores de Portugal, e vinhos da Itália. Geralmente o café era servido bem cedo entre 4 e 6 horas, o almoço entre 9 e 10 horas, e o jantar entre 14 e 15 horas. A noite entre 18 e 21 horas era servida a ceia, uma espécie de segunda janta.

EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE DESCALVADO - 22 de abril de 1865 (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

DE ORDEM DE SUA MAJESTADE O IMPERADOR PEDRO II, FAÇO SABER A TODOS OS HABITANTES QUE FICA ELEVADA À CATEGORIA DE VILA, A FREGUESIA DO BELÉM DO DESCAL-

VADO, DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO RIO CLARO.



Imigrantes Italianos no início do século

O fato aconteceu no dia 22 de abril de 1865, 56 anos depois da chegada do primeiro branco às terras que pertenciam aos índios caingangues. Descalvado já era um povoado que merecia ter vida própria. Pertencemos aos municípios de Franca, Mogi-Mirim e Rio Claro. Era chegada a hora de constituirmos nossa Câmara Municipal adquirindo a tão sonhada autonomia política. Um dos pioneiros que mais lutou pela emancipação foi Agostinho José Alves de Amorim que nasceu na Província de Santa Catarina no ano de 1787. Em 1809, com apenas 22 anos, estabeleceu-se ao norte do município, em terras férteis entre as margens dos rios Mogi Guaçu e Pântano. Nesta vasta extensão de terras, abriu a Fazenda Caridade, que inicialmente tinha uma légua mais ou menos de comprimento e três quartos de légua mais ou menos de largura, ou seja, uma média de 6.600 metros de comprimento por 4.950 metros de largura (3.267 hectares ou 1.350 alqueires paulistas). Aqui progrediu e como rico proprietário rural desenvolveu os trabalhos para a criação da Freguesia e o desenvolvimento do povoado, pertencendo ao rol dos homens mais notáveis da terra, pela sua coragem, já que enfrentava a desordem de nosso rincão, lutando abnegadamente por nossos direitos e contra a prepotência dos políticos de Araraquara. Com seu dinamismo conseguiu que o Imperador Pedro II, através da lei nº 21 de 28 de fevereiro de 1844, transformasse em Freguesia a capela curada de Nossa Senhora do Belém do Descalvado, e suas desavenças com os políticos araraquarenses desanexaram nossas terras daquele Município, transferindo-as para o de Franca. Depois de permanecer em Descalvado por 55 anos, faleceu em 1864 e aqui foi enterrado. Amorim morreu um ano antes de nossa elevação a vila. Estivesse vivo, certamente teria sido eleito para participar de nosso primeiro legislativo, e com certeza se transformaria em nosso primeiro Agente Executivo (Prefeito Municipal) não só pelo seu pioneirismo, mas também pelo seu apego à terra descavadense. Ao prestígio de Amorim, juntaram-se o Dr. Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho, de tradicional família paulista, com grande influência no Império e que era proprietário rural em Descalvado. José Elias de Toledo Lima, que mais tarde seria agraciado com o título de Barão do Descalvado, pelo Imperador Pedro II, Antônio de Camargo Campos, Rafael Tobias de Oliveira e muitos outros. Ao contrário dos políticos de Araraquara que não queriam perder as terras de Descalvado, os políticos de Rio Claro, a quem Descalvado pertencia, graças ao empenho anterior de Amorim, facilitaram o trabalho junto ao Imperador para a elevação da freguesia na vila que estava em rápida ascensão. O Belém do Descalvado onde tudo era próspero para o tempo, com suas fazendas repletas de cafezais, tocadas por incontáveis mãos escravas que além de cuidar da lavoura, construíam, substituindo as velhas taperas de pau a pique, por confortáveis habitações de pedra lavrada, terra, tijolo e cal. Ao lado dela a senzala, o estábulo, a pocilga, o moinho. E a cidade receberia com festa sua emancipação política em 22 de abril de 1865. Em novembro realizaria suas primeiras eleições, empossando sua Câmara em 1º de janeiro de 1866. A cidade trilhava agora com seus próprios passos.

A PRIMEIRA CÂMARA (Gerson Álfio De Marco)

Elevado a Município pela Lei nº 72 de 22 de abril de 1865, Descalvado empossava solenemente, a sua primeira Câmara Municipal, por José Porfírio Bueno Brandão, representante de São João do Rio Claro, às 14,00 horas do dia 1º de janeiro de 1866, na casa do Vereador Bernardino José Pereira, esquina das ruas Orderigo Gabrielli com Cel. Arthur Whitaker. Concorreram 15 candidatos para 7 vagas: Dr. Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho, Antonio Joaquim Bueno, João José Alves Aranha, Antônio de Camargo Campos, José

Gonçalves de Araújo, José Elias de Toledo Lima, José Francisco Padilha, Joaquim Mendes de Moura, Antonio Joaquim Teixeira, João Franco de Moraes Octávio, Feliciano Alves de Oliveira, Bernardino José Pereira, Gabriel Amâncio Lisboa, Antonio de Camargo Neves e Rafael Tobias de Oliveira. Foram eleitos: Secretário - José Francisco Padilha; Procurador - José dos Reis Pereira; Porteiro - Paulo Eugênio; Arruador - Antonio Custódio de Moraes. José Francisco Padilha que foi designado Secretário, estava preso, por insubordinação, pois fora designado para fazer parte do Forte de Itapura. Em seu lugar, entrou Tibério Augusto Garcia de Sena. O Comandante da Companhia da Vila, oficiaria, antes, a respeito. Foi nomeado o novo fabriqueiro: Alferes Filisbino José Teixeira Machado, já que o anterior, estava a serviço do Governo, na Guerra do Paraguai. As primeiras providências da nova Câmara foi pedir ao arquivo de São João do Rio Claro, cópia do documento sobre doação do patrimônio por José Ferreira da Silva e adoção provisória do código de Posturas de Rio Claro, por indicação do Vereador Feliciano Alves de Oliveira.

Locais de funcionamento da Câmara Municipal de Descalvado:

01/01/1866 a 01/01/1868 - Residência do vereador Bernardino José Pereira (esquina da Cel Arthur Whitaker com Orderigo Gabrielli).
01/06/1868 a 07/06/1868 - Residência do vereador Francisco Antonio de Souza Queiroz Filho (não se sabe o local).
07/06/1868 - Casa adquirida para a Câmara Municipal provavelmente na avenida Guerino Oswald.
07/07/1869 - Paço da Câmara localizada na avenida Guerino-Oswaldo esquina com Dr. Amâncio Penteado.
1962 - Avenida Guerino-Oswaldo nº 446

Eis a Biografia dos eleitos:

Dr. Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho: paulistano, formado em 1857 em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo. Veio então para Descalvado onde seus pais tinham propriedade. Foi o Vereador mais votado, eleito pelo Partido Conservador, tornou-se Presidente da Câmara. Foi re-eleito para a 2ª Legislatura. Transferindo-se para a Capital, foi Deputado Geral na 18ª legislatura paulista (1881-1883), depois Vice-presidente da Província (hoje Vice-Governador do Estado) de 18/05/1885 a 01/09/1885, substituindo ao Presidente Dr. José Luiz de Almeida Couto.

Antônio de Camargo Campos, filho de Limeira, também proprietário rural em Descalvado.

José Elias de Toledo Lima, nascido em Mogi-Mirim no ano de 1816, filho de Antonio Aranha de Camargo e Maria Gertrudes de Toledo. Casou-se em sua terra natal em 28 de agosto de 1849 com Anna Candida Teixeira, nascida também em Mogi Mirim no ano de 1830, vindo então para Descalvado, onde comprou fazenda e prosperou. Fez parte da 1ª Legislatura não retornando mais à vereança. Responsável pela construção da nova estrada para São João do Rio Claro, a cuja comarca pertencia Descalvado. Foi dele a maior contribuição para o aumento da primitiva capela de José Ferreira da Silva. Em 23 de dezembro de 1887, foi elevado ao baronato. Era tio das baronesas de Parapanema, Pirapitingui e Ibitinga. Faleceu em Descalvado no dia 30 de maio de 1894, estando sepultado no Cemitério Municipal. Sua esposa faleceu no dia 30 de março de 1888 e está sepultada no Mausoléu do Cemitério Municipal.

Gabriel Amâncio Lisboa, de origem lusitana, nasceu na cidade de Santos, comerciante e comissário de café em Descalvado.

Feliciano Alves de Oliveira, abridor de fazendas, originário do Estado de Minas Gerais, pai do Coronel Rafael Tobias de Oliveira.

Bernardino José Pereira, fazendeiro em Descalvado, foi em sua residência que se instalou e funcionou nos primeiros anos, a Câmara Municipal.

José Gonçalves de Araújo, do qual nenhum dado conseguiu-se obter.

Cel. Rafael Tobias de Oliveira (Suplente) Nasceu na cidade de Rio Claro em 2 de maio de 1833, filho de Feliciano Alves de Oliveira e Anna Maria de Moraes. Sucedeu ao pai nas Fazendas São Rafael, São Salvador, Bandeira, Ibiqurinha e Palmira. Foi eleito Vereador na 2ª legislatura (1869-1872) e na 5ª legislatura (1881/1883). Casado com Esmeralda Martins de Oliveira, faleceu em 31 de dezembro de 1902 vítima de arteriosclerose. Deixou um filho legítimo Rafael Tobias de Oliveira Filho e seis legitimados: Valentim, João, Francisco, Anna, Adelaide e Maria. Foi o Cel. Rafael Tobias de Oliveira

que doou o terreno para edificação do prédio da Câmara Municipal na Avenida Guerino-Oswaldo, ajudou na fundação da Santa Casa, lutou pela vinda da estrada de ferro, e conseguiu a criação do Grupo Escolar que levou seu nome "Coronel Tobias".

CÂMARA MUNICIPAL:

- Posse da Primeira Câmara Municipal de Descalvado - 01/01/1866
- A sessão de posse da 1ª Câmara realizou-se às 14 hs na Casa de Bernardino José Pereira, localizada na atual rua Orderigo Gabrielli, esquina com rua Cel. Arthur Whitaker;
- O primeiro prédio da Câmara foi construído em terreno doado pelo Cel. Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho na Avenida Guerino-Oswaldo, onde hoje está a Caixa Econômica do Estado de São Paulo e a Câmara Municipal.
- Inauguração do prédio atual - Julho de 1963

ATA ESPECIAL DA INSTALAÇÃO DA NOVA VILA DO BELÉM DO DESCALVADO

Ao primeiro dia de janeiro do ano de hum mil oitocentos e sessenta e seis, às 14,00 horas, na casa de Bernardino José Pereira, na Vila de Nossa Senhora do Belém do Descalvado, foi instalada, pelo Senhor José Porfírio Bueno Brandão, representando o município de São João do Rio Claro, a Câmara Municipal do Belém do Descalvado, eleita no dia 10 de novembro de 1865. Estavam presentes os vereadores Dr. Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho, José Elias de Toledo Lima, Antônio de Camargo Campos, Gabriel Amâncio Lisboa, Feliciano Alves de Oliveira, Bernardino José Pereira e José Gonçalves de Araújo. Depois que o Senhor José Porfírio Bueno Brandão instalou e deu posse aos vereadores eleitos para a legislatura 1866-1870, o Dr. Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho, Presidente do Legislativo por ter sido o vereador mais votado nas eleições, indicou para secretário e para lavrar esta ata, a Bernardino José Pereira que, de imediato, entrou em suas funções. Em seguida, foi efetuada a escolha dos empregados da Câmara Municipal, caindo a mesma, nos seguintes: para secretário, José Francisco Padilha; para procurador, José dos Reis Pereira; para porteiro, Paulo Eugênio; para arruador, Antônio Custódio de Moraes. Tendo pedido a palavra, lembrou o Vereador José Elias de Toledo Lima que Francisco José Padilha, escolhido para secretário da Câmara, estava servindo no Forte de Itapura, na guerra que o Império move contra o Paraguai, em defesa de sua soberania ameaçada e preso por insubordinação, sendo necessário, portanto que se escolhesse novo secretário, o que foi feito, recaiando sua escolha em Tibério Augusto Garcia de Sena. Com a palavra, depois, o vereador Feliciano Alves de Oliveira propôs, aprovado os vereadores, ficasse em uso, em Belém do Descalvado, provisoriamente, o Código de Posturas do município de São João do Rio Claro. Tendo, em seguida, o Senhor Presidente indagado dos vereadores se quizessem fazer uso da palavra, como ninguém o quizesse, deu ele por encerrada a sessão, sendo lavrada a ata pelo mesmo secretário, Bernardino José Pereira e assinada por este e por todos os vereadores e por José Porfírio Bueno Brandão, representante de São João do Rio Claro. Em tempo: Acrescente-se na ata que o vereador Antônio de Camargo Campos solicitou se oficiasse a São João do Rio Claro, pedindo do arquivo daquele município uma cópia da escritura pela qual José Ferreira da Silva e sua mulher constituíram o patrimônio da capela de Nossa Senhora do Belém do Descalvado. (assinado): Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho, José Elias de Toledo Lima, Antônio de Camargo Campos, Gabriel Amâncio Lisboa, Feliciano Alves de Oliveira, José Gonçalves de Araújo, Bernardino José Pereira, José Porfírio Bueno Brandão.

PRIMEIRAS E PRINCIPAIS PROVIDÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO DESCALVADENSE (Gerson Álfio De Marco)

01/01/1866 - Afixação de edital na porta da Igreja para contratação de Professor

28/05/1866 - Elaboração do Código de Posturas

Criado o distrito de paz descaldavense pela lei provincial nº 21 de 28 de fevereiro de 1844, só tornou-se uma realidade a criação do território municipal, pela lei nº 72 de 22 de abril de 1865. Em 1866, teve foro civil e conselho de jurados. As primeiras posturas municipais trazem as datas de 28 de maio de 1866, às quais em 1882, foi incorporado um aditivo, em que houve revogação expressa de muitos artigos do código anteriormente publicado. Em 1890, o Conselho de Intendência, que substituiu a Câmara dissolvida, pretendeu reformar o código antigo, com projeto elaborado por dois

juristas da terra (talvez o Dr. Amâncio Penteado e Dr. Cândido Rodrigues. Só em 1900 porém, foi elaborado novo código de posturas para Descalvado.

02/12/1871 - Afixação de edital referente a filhos de escravos, mercê da lei do Ventre Livre de 28/09/1871

16/10/1873 - Instalação do Cartório do Registro Geral das Hipotecas da Comarca do Belém do Descalvado

19/07/1874 - Nomeação de Comissão para angariar produtos do Município, para figurarem na Exposição de Filadélfia, que ficou composta por Andreino Augusto do Amaral, Eugênio de Almeida e Dr. Manoel Batista da Cruz Tamandaré

10/01/1878 - Mandando o fiscal afixar edital, sobre o uso obrigatório do Sistema Métrico Francês.

A princípio, tudo foi muito difícil para os provincianos de Descalvado, e que, como outros do tempo, adotavam as velhas medidas da tradição portuguesa e paulista. Para os hectares universais, havia (e há ainda) o alqueire paulista (24.200 m²) e o alqueire mineiro (48.400 m²). E media-se ainda, as áreas, em suas linhas perimétricas, por braças (o mais usual) 2,20 m; palmos, 0,22 m e pés 0,33 m, os mais usados, antes com o côvado de há muito abandonado, como medida de comprimento. O quilômetro, embora bem acolhido, não conseguiu vencer, por longo tempo, as nossas tradicionais léguas (6.600 m) tão caras a todos, tão faladas e usadas por pedestres, cavaleiros, condutores de rebanhos e de veículos. A polegada (2,75 cm) permaneceu, duradoura. O litro, lentamente, substituiu os antigos alqueire, equivalentes a quatro quartas, ou seja 36,27 litros; o canada que equivalia a quatro quartilhos ou seja 2,622 litros, ambas as medidas do uso de alguns, ainda. O quilograma acabou afastando, da pesagem habitual os velhíssimos arratel, onça (28,691 gramas), que muitos continuavam adotando, até a determinação legal. Nas nossas escolas elementares, os professores passaram logo a fixar as novas medidas, em seus problemas de aritmética, não obstante formulassem problemas, ainda, com palmos (22 cm), pés, varas, braças (2,2 m), côvados (0,66 m), almudes (31,94 litros), toesas (1,98 m), jardas (914 mm) e quejandos. E décadas após a implantação do sistema métrico francês. A escola não esquecia os velhos pesos, mas os novos tempos foram-nos preparando lenta e seguramente. O edital, em suas ordenações, embora com algumas dificuldades iniciais, começou a ser obedecido, em sua integridade, por negociantes que pesavam e mediam, por homens que andavam longos caminhos a pé ou conduzindo carros e rebanhos.

PRIMEIROS PARTIDOS POLÍTICOS: (*Gerson Álfio De Marco*)

- Partido Liberal
- Partido Conservador
- Partido Republicano - Presume-se que tenha sido fundado no ano de 1876, quando oriundo de Limeira, para cá se transferiu José Rodrigues Penteado, republicano dos maiores, tanto que nos festejos em 1889, pela implantação do novo regime, no país, foi ele o mais exaltado pela imprensa local e pelos seus correligionários. Os primeiros republicanos de Descalvado e fundadores do partido foram Antonio Augusto Bezerra Paes, Antônio de Camargo Campos, Frederico Ernesto de Aguiar Whitaker, Gabriel Amâncio Lisboa, Leopoldino de Arruda Paes e José Rodrigues Penteado, o chefe incontestado.

CÂMARA MUNICIPAL

Presidente com maior número de sessões legislativas:

Mário Joaquim Filla – 7 sessões legislativas: 1957, 1960, 1964, 1965, 1969, 1973 e 1974

Vereadores com maior número de sessões legislativas:

Mário Joaquim Filla – 26 sessões legislativas: 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976 e 1977;

Antônio Carlos Reschini – 22 sessões legislativas: 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003 e 2004;

João Francisco Ravasi – 18 sessões legislativas: 1956, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972 e 1973;

Mário Bonitátibus - 18 sessões legislativas: 1956, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972 e 1973;

Anastácio Vianna - 16 sessões legislativas: 1891, 1892, 1893, 1894, 1895, 1896, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916 e 1917;

José Antônio Todescan Gabrielli - 16 sessões legislativas: 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991 e 1992.

PRESIDENTES DA CÂMARA MUNICIPAL DE DESCALVADO (*Sonia Belli*)

PERÍODO MONÁRQUICO

(*) Possui foto na Galeria dos Presidentes

1866/1868 - Dr. Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho

1869/1872 - Antônio de Camargo Campos

- Capitão Sebastião de Oliveira Penteado (*)

1873/1876 - Dr. Luiz Antonio de Souza Queiroz

1877/1880 - Antônio de Camargo Campos

1881/1882 - Major Rafael Tobias de Oliveira (*)

1883 - Major Arthur Horácio D'Aguiar Whitaker (*)

1887 - Francisco de Paula Carvalho (*)

1888 - Boaventura de Figueiredo Pereira de Barros

1889 - Dr. Cândido Augusto Rodrigues (*)

PERÍODO REPUBLICANO

1890 - Gabriel Amâncio Lisboa

1898/1892 - *Conselho de Intendência*

1898/1890 - Antonio de Cerqueira Lima

1891 - Dr. Teodoro Reichert D'Aguiar Júnior

- Dr. Anastácio Vianna (*)

1892 - Bernardino de Sena Mota Magalhães

1892/1898 - Dr. Amâncio Guilhermino de Oliveira Penteado (*)

1899 - Major Arthur Horácio D'Aguiar Whitaker (*)

1900/1904 - Capitão Ananias Pereira de Carvalho (*)

1905 - Dr. Marcílio Mourão

1906/1907 - Dr. Valentim Tobias de Oliveira (*)

1908 - Joaquim Delphino Trippeno

- Capitão Ananias Pereira de Carvalho (*)

- Coronel Ananias Pereira de Carvalho (*)

1910 - Ignácio Alvares (*)

1911/1916 - Dr. Anastácio Vianna (*)

1917 - Coronel Antonio Alves Aranha

1918/1921 - Coronel Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho (*)

- Capitão Antonio Henrique D'Arruda Camargo (*)

1922 - Capitão Augusto de Oliveira Campos

1923/1925 - Coronel Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho (*)

1926/1927 - Dr. Carlos Alves de Oliveira Guimarães (*)

1928 - Dr. Carlos Alves de Oliveira Guimarães (*)

- José Elias (*)

- Dr. Sebastião Caiuby da Costa Soares

1930 - Dr. Victório Amadeu Casati (*)

1931/1935 - Conselho Consultivo de Descalvado

Dr. Hugo Pereira de Abreu (*)

1936 - Amasílio Pozzi (*)

1937 - Benno Rieckmann

1937/1947 - *Estado Novo*

1938/1939 - Coronel Joaquim Alves Aranha (*)

1948 - Dr. Humberto Carlos Casati (*)

1949 - Dr. Octávio Gabrielli (*)

1950 - Manoel Ferreira Gaio (*)

1951 - Domingos Gentil (*)

1952 - Waldomiro Pozzi (*)

1953 - Adalberto Diniz Francisco (*)

1954 - Domingos Gentil (*)

1955 - Waldomiro Pozzi (*)

1956 - Victório Domingos Sabongi (*)

1957/1960 - Mário Joaquim Filla (*) - *Patrão da Câmara*

1961 - Mário Bonitátibus (*)

1962/1963 - Dr. João Francisco Ravasi (*)

1964/1965 - Mário Joaquim Filla (*)

1966/1968 - Dr. Tomás Vita (*)

1969 - Mário Joaquim Filla (*)

1970 - Mário Bonitátibus (*)

1971/1972 - Dr. Tomás Vita (*)

1973/1974 - Mário Joaquim Filla (*)

1975/1976 - Dr. Mauro Benedito de Lima (*)

1977/1978 - Humberto Coelho (*)

1979/1980 - Dr. José Carlos Pivesso (*)

1981/1982 - João Augusto Cirelli (*)

1983/1984 - Dr. Cláudio Romantini (*)

1985/1986 - José Valentim (*)

1987/1988 - Dr. Silvio Bellini (*)

1989/1990 - José Carlos Calza (*)

1991/1992 - Dr. José Antonio Todescan Gabrielli (*)

1993/1994 - Sebastião José Ricci (*)

1995/1996 - Antonio Carlos Rischini (*)

1997/1998 - Henrique Fernando do Nascimento (*)

1999/2000 – Luiz Antônio do Pinho (*)
2001/2002 – Rubens Algarte de Rezende (*)
2003/2004 – Tomás Vita (*)
2005/2006 – Rubens Algarte de Rezende (*)
2007/2008 – Antonio Carlos Reschini (*)

VICE-PRESIDENTES DA CÂMARA MUNICIPAL (Sonia Belli)

1866/1868 - Capitão Feliciano Alves de Oliveira
1869/1872 - Dr. Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho
1873/1876 - Manoel Alves Correa de Castro
1877/1882 - Coronel Antônio Leocádio de Mattos
1883/1884 - Boaventura de Figueiredo Pereira de Barros
1885/1885 - Capitão Evaristo de Campos Leite
1886/1886 - Francisco de Paula Carvalho
1887/1887 - Boaventura de Figueiredo Pereira de Barros
1888/1888 - Gabriel Amâncio Lisboa
1889/1889 - Durismundo D'Oliveira d'Oliveira Lisboa
1890/1890 - Ernesto Pereira de Carvalho
1890/1892 - Conselho de Intendência:
1890/1890 - Gabriel Amâncio Lisboa
1891/1891 - Francisco de Paula Carvalho
1891/1891 - Severiano João da Cruz
1892/1892 - Osório de Almeida Leite
1892/1893 - Antônio de Mello Fonseca
1894/1895 - Dr. Cândido Augusto Rodrigues
1896/1896 - Antônio de Mello Fonseca
1897/1898 - Dr. Sérgio D'Arruda Augusto de Arruda Campos
1899/1899 - Capitão Ananias Pereira de Carvalho
1900/1901 - Manoel Antônio Pereira Júnior
1902/1902 - Manoel Antônio Pereira Júnior e
Francisco Augusto de Barros
1903/1904 - Francisco Augusto de Barros
1905/1906 - Joaquim Alves Aranha
1907/1907 - Francisco Augusto de Barros
1908/1908 - Major José Campos Penteado
1909/1909 - Ignácio Alvares
1910/1910 - Joaquim Delfino Trippeno
1911/1911 - Coronel Ananias Pereira de Carvalho
1912/1916 - Coronel Alfredo de Aguiar Barros
1917/1917 - Dr. Carlos Alves de Oliveira Guimarães
1918/1918 - Coronel Antônio Alves Aranha
1919/1919 - Vicente Tallarico
1920/1920 - Capitão Antônio Henrique d'Arruda Camargo
1921/1925 - Major Francisco Benjamim D'Arruda Arruda
1926/1926 - Adolpho Melchert Netto
1927/1928 - Affonso Celso Pompêo D'Arruda de Lacerda
1929/1929 - Major Antônio Henrique d'Arruda Camargo
1930/1930 - Dr. Victório Amadeu Casati
1931/1935 - Conselho Consultivo de Descalvado
Dr. Jenner de Faria (*)
1936/1937 - José Gabrielli
1938/1947 - Estado Novo de Vargas
1948/1948 - Manoel Ferreira Gaio
1949/1950 - Domingos Gentil
1951/1951 - Adalberto Diniz Francisco
1952/1952 - Adalberto Diniz Francisco
1953/1954 - Mário Joaquim Filla
1955/1955 - Victório Domingos Sabongi
1956/1956 - Mário Joaquim Filla
1957/1959 - José Prospero Puoli
1960/1961 - Prof. Gilberto de Souza Casati
1962/1962 - Antônio Tessari
1963/1963 - Mário Joaquim Filla
1964/1964 - Dr. Tomás Vita
1965/1968 - Dr. Luiz Gonzaga Lício
1969/1969 - Dr. João Francisco Ravasi
1970/1970 - José Aldo Fregonesi
1971/1972 - Hélio Martinelli
1973/1974 - José Carlos Pugina
1975/1976 - João Augusto Cirelli
1977/1978 - José Antônio Moffato
1979/1980 - Dr. Mário dos Santos
1981/1982 - Prof. Andreilino Casare
1983/1984 - Sebastião Roberto Traldi
1985/1986 - Antonio Carlos Rischini
1987/1988 - Antonio Luiz Marcos
1989/1990 - Gismar Manoel Mendes
1991/1992 - Antonio Luiz Marcos
1993/1994 - Wladimir José Assoni
1995/1996 - José Antonio Lefcadito Alvares
1997/1998 - Luiz Antonio do Pinho
1999/2000 – Luciano Laurindo Feliciano
2001/2002 – Henrique Fernando do Nascimento
2003/2004 – Antônio Carlos Reschini

2005/2006 – José Dias Bolcão
2007/2008 – Aldo José Fregonezi

SECRETÁRIOS DA CÂMARA (Sonia Belli)

1866/1866 - José Gonçalves de Araújo (had-hoc)
1866/1868 - Tibério Augusto Garcia de Senna
1869/1876 - Severiano José Albano Dutra Rompa
1877/1878 - Leopoldo Wenceslau Alvarenga Rangel
1878/1882 - Manoel Soter de Oliveira Santos
1881/1888 - Bernardino José Rodrigues Torres Júnior
1888/1894 - Ignácio Antônio Pereira
1894/1897 - Jayme Ribeiro
1898/1901 - Josino Ribeiro
1902/1903 - Ignácio Antônio Pereira
1903/1908 - Arlindo Bittencant
1908/1908 - Antonio Meyer dos Santos (had-hoc)
1908/1913 - Affonso de Arruda Leite
1913/1914 - Prescívio Coelho de Oliveira
1915/1917 - Affonso de Arruda Leite
1917/1925 - Pedro Belmarço de Oliveira
1926/1927 - João Baptista Brambilla
1927/1930 - Alexandre Casati
1931/1931 -
1932/1935 - Conselho Consultivo:
Domingos Tallarico
1936/1937 - Carlos Carmignati Tallarico (had-hoc)
Dr. Victório Amadeu Casati
1938/1939 - Conselho Municipal de Descalvado:
Carlos Carmignati Tallarico
1940/1947 - Estado Novo de Vargas
1948/1949 - Gerson Álfio De Marco (had-hoc)
1949/1957 - Gerson Álfio De Marco
1957/1958 - Edney Motta
1958/1971 - Paulo Tarso De Marco
Gerson Álfio De Marco (had-hoc)
1971/1973 - Prof. Armando Facchin
1973/1977 - Gerson Álfio De Marco
1977/1978 - Dr. Gerson Joel De Marco (had-hoc)

ASSESSORES ADMINISTRATIVOS:

1978/2007 - Prof. Luiz Carlindo Arruda Kastein
01/10/2007 - Diego Luis Mendonça Lastosa

AUXILIARES DE ASSESSOR ADMINISTRATIVO

2003 – Diego Luis Mendonça Lastosa

COMPOSIÇÃO DAS CÂMARAS MUNICIPAIS: (Sonia Belli)**1ª LEGISLATURA - 01.01.1866 a 31.01.1868**

Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho - Presidente 1866 a 1868
Feliciano Alves de Oliveira
Bernardino José Pereira
José Gonçalves de Araújo - secretário 1866 a 1868
José Elias de Toledo Lima
Antônio de Camargo Campos
Gabriel Amâncio Lisboa

SUPLENTES

João José Alves Aranha
Antonio Joaquim Bueno
Joaquim Mendes de Moura
José Francisco Padilha
Rafael Tobias de Oliveira (?)

2ª LEGISLATURA - 01.01.1869 a 31.12.1872

Antônio de Camargo Campos - Presidente 1869 a 1872
Luiz Antonio de Oliveira (capitão)
Rafael Tobias de Oliveira (tenente)
Francisco José de Araújo Lima (capitão)
Antonio de Camargo Neves
Bernardino José Pereira
Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho Dr.

SUPLENTES

Sebastião de Oliveira Penteado (capitão) - (exerceu a Presidência)
João José Alves Aranha

3ª LEGISLATURA - 01.01.1873 A 01.01.1876

Luiz Antonio de Souza Queiroz Dr.
José Beltrão Pereira de Carvalho
Manoel Alves Correia de Castro - Presidente 1873
Joaquim Mendes Moura - Presidente - 1873 a 1875
Frederico Lima (Alferes) - Presidente 1876
Adreline Augusto do Amaral
José Antonio Rodrigues (Tenente)

SUPLENTE

Filadelphio Barbosa Adorno
José Lourenço de Oliveira
Eugênio de Almeida
João Alves de Oliveira Leme

4ª LEGISLATURA - 01.01.1877 A 01.01.1880

Antônio de Camargo Campos - Presidente (1877 a 1880)
Felisbino José Teixeira Machado (Alferes)
Francisco de Campos Serra (renunciou por ser parente do Presidente Campos)
Gabriel Amâncio Lisboa
Antônio José de Araújo (Tenente)
Antônio de Souza Camargo
Antonio Leocádio de Matos (Tenente)

SUPLENTE

Joaquim Ferreira do Amaral Camargo (assumiu no lugar de Francisco Campos Serra)
Torquato Rodrigues de Souza Lima
Antônio Euclides da Costa Alves

5ª LEGISLATURA - 01.01.1881 A 31.12.1882

Rafael Tobias de Oliveira (Major) - Presidente - 1881 a 1882
Antonio Leocádio de Matos (Tenente)
Antonio José Soares Fagundes (Tenente)
Frederico Lima (Alferes)
Isaías Pereira de Carvalho (Alferes)
Joaquim Cândido de Almeida Leite
Antonio de Camargo Neves

SUPLENTE

José Honório Pereira de Castro

6ª LEGISLATURA - 01.01.1883 A 01.01.1887

Arthur Horácio D'Aguar Whitaker - Presidente 1883 e 1886
Gaudêncio Ferreira de Quadros - Presidente 1884 - 1885
Miguel Archanjo da Silva Dr.
Evaristo de Campos Leite (Capitão)
Boaventura de Figueiredo de Barros (Filho do Barão da Fonseca)
João Baptista Ferraz
Frederico Ernesto D'Aguar Whitaker

SUPLENTE

Dr. Miguel Archanjo da Silva
Francisco de Paula Carvalho (eleito em 1886)

7ª LEGISLATURA - 01.01.1887 A 31.12.1891

Durismundo de Almeida Lisboa - Presidente 1887
Francisco de Paula Carvalho - Presidente 1887
Boaventura de Figueiredo Pereira de Barros - Presidente 1888
Antonio Barbosa Leite/Cândido Augusto Rodrigues (Dr) - Presidente 1889
Gabriel Amâncio Lisboa - Presidente 1890
Salvador Meyer de Vasconcellos
Ernesto Pereira de Carvalho

CONSELHO DE INTENDÊNCIA (1889/1892)

1889/1890 -Presidente Dr. Antonio de Cerqueira Lima
1891 - Presidente - Dr. Teodoro Reichert Júnior/Dr. Anastácio Vianna
1892 - Presidente - Bernardino de Sena Mota Magalhães

MEMBROS DO CONSELHO DE INTENDÊNCIA MUNICIPAL - 1891:

Antonio de Cerqueira Lima, Francisco de Campos Terra, Francisco de Paula Carvalho, Antonio Alves Aranha, Luiz Thomaz Nogueira da Motta D'Aguar, Gabriel Amâncio Lisboa, Arthur d'Aguar Diedericksen, Frederico Ernesto D'Aguar Whitaker, Durismundo D'Almeida Lisboa, José Ferreira de Carvalho, José do Amaral Camargo, Theodoro Reichert Júnior (Dr), Olímpio Catão, Dr. Anastácio Vianna, João Baptista Grassi, Leopoldino José da Silva, Olímpio Franco de Souza Aranha, Severiano João da Cruz, José Fernandes Barros Moreira, Theóphilo de Mello Franco, Bernardino de Serra Motta Magalhães, Landulpho Octávio Bezerra Paes, Francisco José Cardoso, João dos Reis Pereira, Joaquim Cândido Filho, Severiano João da Cruz e Osório de Almeida Leite.

SUPLENTE E MEMBROS DO CONSELHO DE INTENDÊNCIA MUNICIPAL (1892)

Arthur Horácio D'Aguar Whitaker Júnior/José de Salles Cunha(não tomou posse pois faleceu)/Cornélio Procópio de Araújo Carvalho (renunciou)/Olímpio Franco de Souza Aranha/João Baptista Franco Camargo/Benvindo Gonçalves Franco/ Boaventura Ferreira dos Reis/João dos Reis Pereira/Osório de Almeida Leite/Felippe Müller/Justiano Rodrigues da Silva/Cândido Chaves dos Santos/João Nunes Serafim/Francisco de Assis Azevedo.

8ª LEGISLATURA 29.09.1892 A 07.01.1896

Amâncio Guilhermino de Oliveira Penteado - Presidente 1892-1896
Antonio de Mello Fonseca
Francisco José de Araújo Lima/Inácio Antonio Pereira
Francisco José Cardoso
Sérgio Augusto de Arruda Campos
Arthur Horácio D'Aguar Whitaker
Anastácio Vianna Dr.
Cândido Augusto Rodrigues Dr.

9ª LEGISLATURA - 07.01.1896 A 31.12.1899

Amâncio Guilhermino de Oliveira Penteado - Presidente - 1896 - 1899
Boaventura Ferreira dos Reis
Antonio de Melo Fonseca
Tertulino Soares Leitão
Francisco de Paula Carvalho/Benvindo Gonçalves Franco
Antonio Alves Aranha
Guilherme Whitaker Sobrinho
João Batista Franco de Camargo

SUPLENTE

Dr. Sérgio Augusto e Arruda Campos
Mariano Ribeiro de Faria

10ª LEGISLATURA 07.01.1899 A 06.01.1902

Capitão Ananias Pereira de Carvalho - Presidente 1900/1902
Antonio Alves Aranha
Joaquim Delfino Trippeno
Francisco Augusto de Barros
Major Arthur Horácio D'Aguar Whitaker - Presidente 1899
Pedro de Alcântara Camargo
Manoel Antonio Pereira Júnior
José Pedroso Nogueira da Motta
Jorge Henrique Kileir (faleceu)

SUPLENTE

Capitão Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho
João Francisco Alves Aranha
Capitão Dionysio da Costa Coelho
Benedito Pereira Rocha (substituiu Jorge Henrique Kileir)

11ª LEGISLATURA - 07.01.1902 A 06.01.1905

Valentim Tobias de Oliveira Dr.
Capitão José Quirino Ribeiro
Capitão Mariano Ribeiro de Faria
Benedito Pereira da Rocha
Pedro de Alcântara Camargo
Manoel Antonio Pereira Júnior
Francisco Augusto de Barros

Capitão Ananias Pereira de Carvalho - Presidente de 1902 a 1905

SUPLENTE

Capitão Dionysio da Costa Coelho
Avelino Passidonio de Castro
Severiano João da Cruz
Joaquim Florêncio do Amaral

12ª LEGISLATURA - 07.01.1905 A 06.01.1908

Marcílio Mourão Dr. - Presidente em 1905
Capitão Joaquim Alves Aranha
Octaviano de Souza Franco
Pedro de Alcântara Camargo
Capitão José Quirino Ribeiro
Valentim Tobias de Oliveira Dr.- Presidente de 1906 a 1907
Capitão Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho
Tenente Coronel Alfredo D'Aguar Barros

SUPLENTE

Capitão Ananias Pereira de Carvalho (substituiu Dr. Marcílio Mourão)
Capitão Feliciano de Salles Cunha (substituiu Capitão José Quirino Ribeiro)
Avelino Passidonio de Castro Alferes - (substituiu Alfredo D'Aguar Barros)
Ignácio Alvares (substituiu Capitão Feliciano de Salles Cunha)

13ª LEGISLATURA - 07.01.1908 A 01.01.1911

João Baptista de Almeida (Oliveira) Leite
Capitão Alexandre Herculano de Oliveira Penteado
Coronel Ananias Pereira de Carvalho - Presidente em 1908 e 1909
Joaquim Delfino Trippenno - Presidente em 1908
Francisco Borges Gomes
Major José de Campos Penteado
José Antonio Rodrigues Júnior
Ignácio Alvares - Presidente em 1910

SUPLENTE

Dr. Anastácio Vianna (substituiu João Baptista de Almeida Leite)
Lupércio Cândido Leite Penteado (substituiu Francisco Borges Gomes)
Prescívio Coelho de Oliveira (substituiu Major José de Campos Penteado)
Philadelphio Barbosa Adorno (substituiu Prescívio Coelho de Oliveira)

14ª LEGISLATURA 07.01.1911 A 01/01.1914

Dr. Anastácio Vianna - Presidente de 1911 a 1914
Coronel Ananias Pereira de Carvalho (faleceu em 23/06/1913 com 45 anos)
Lupércio Cândido Leite Penteado
Francisco Augusto de Barros
Dr. Amâncio Guilhermino de Oliveira Penteado
Pedro Guidugli
Prescívio Coelho de Oliveira
Coronel Alfredo D'Aguar Barros

SUPLENTE

Ignácio Alvares (substituiu Prescívio Coelho de Oliveira)
Dr. Edegardo Sá Cardoso de Oliveira (substituiu Cel Alfredo D'Aguar Barros)

15ª LEGISLATURA - 01.01.1914 A 01.01.1917

Dr. Anastácio Vianna - Presidente de 1914 a 1916
Ignácio Alvares
Dr. Edegardo Sá Cardoso de Oliveira
Coronel Alfredo D'Aguar Barros
Prescívio Coelho de Oliveira
Dr. Amâncio Guilhermino de Oliveira Penteado
Valentim Tobias de Oliveira Dr.
Antonio Casati

SUPLENTE

Vicente Tallarico (substituiu dr. Amâncio Guilhermino de Oliveira Penteado)
José de Oliveira (substituiu Prescívio Coelho de Oliveira)
José Luiz da Cunha Júnior (substituiu Dr. Valentim Tobias de Oliveira)
Antonio de Almeida Leite (substituiu Antonio Casati)

16ª LEGISLATURA - 01.01.1917 A 01.01.1920

Coronel Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho - Presidente de 1918 a 1920
Vicente Tallarico
Dr. Carlos Alves de Oliveira Guimarães
Capitão Augusto de Oliveira Campos
Coronel Alfredo de Aguiar Barros
Segismundo Chaves dos Santos
Coronel Antonio Alves Aranha - Presidente em 1917
Capitão Antonio Henrique D'Arruda Camargo

SUPLENTE

Capitão José Sebastião de Carvalho (substituiu Cel Alfredo D'Aguar Barros)
Major Henrique Claro Cunha (substituiu Segismundo Chaves dos Santos)
Tenente Coronel Joaquim Alves Aranha (substituiu Cel Antonio Alves Aranha)
Aureliano Ramalho (substituiu Capitão Antonio Henrique D'Arruda Camargo)

17ª LEGISLATURA - 01.01.1920 A 01.01.1923

Coronel Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho - Presidente de 1920 a 1921
Major Francisco Benjamim de Arruda
Ferrúcio Crescenti
Capitão Augusto de Oliveira Campos - Presidente em 1922
Pedro de Alcântara Camargo
Joviano Leite Gonzaga
Mário Cândido Leite Penteado
Capitão Antonio Henrique D'Arruda Camargo

SUPLENTE

Jonas Baptista de Castro (substituiu Pedro de Alcântara Camargo)
Capitão Ângelo Marcolino (substituiu Joviano Leite Gonzaga)
José Elias (substituiu Mário Cândido Leite Penteado)
Joviano de Almeida (substituiu Capitão Antonio Henrique D'Arruda Camargo)
(Major Francisco Lefcadito)

18ª LEGISLATURA - 01.01.1923 A 01.01.1926

Coronel Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho - Presidente de 1923 a 1925
Capitão Augusto de Oliveira Campos
Major Francisco Benjamim de Arruda
Coronel Joaquim Alves Aranha
João Baptista Brambilla
José Elias
Vicente César Casati
Ruy Alvares

19ª LEGISLATURA - 01.01.1926 A 01.01.1929

Dr. Carlos Alves de Oliveira Guimarães - Presidente de 1916 a 1927 e 1928
Major Antonio Henrique D'Arruda Camargo
Adolpho Melchert Netto
Dr. Orlando Alves Aranha
Affonso Celso Pompeo de Lacerda
Vicente César Casati
Ruy Alvares
José Elias - Presidente em 1928

SUPLENTE

Benedicto Barbosa Adorno (substituiu Carlos Alves de Oliveira Guimarães)
Jonas Baptista de Castro (substituiu Vicente César Casati)
Paulo Casati (substituiu Ruy Alvares)

20ª LEGISLATURA - 01.01.1929 A 01.01.1931

Dr. Sebastião Caiuby da Costa Soares - Presidente de 1929 a 1930
Dr. Victório Amadeu Casati
Benedicto Barbosa Adorno
José Felipe Elias
Major Antonio Henrique D'Arruda Camargo
Ferrúcio Crescenti
Paulo Casati
Jonas Baptista de Castro

SUPLENTE

Giácomo Chiarello (substituiu Ferrúcio Crescenti)

1932 – 1933 – 1934 – 1935 – CONSELHO CONSULTIVO

Dr. Hugo Pereira de Abreu/ Orderigo Gabrielli
Dr. Jenner de Faria
Cel. Joaquim Alves Aranha
Vito Gaia Puoli

21ª LEGISLATURA - 19.06.1936 A 10.11.1937

Dr. Jenner de Faria
Paulo Casati
Dr. Victório Amadeu Casati
Amasílio Pozzi - Presidente em 1936
Eduardo Whitaker Penteado
Dr. Glenan Leite Dias
Dr. Plínio Bierremback de Castro Prado
José Gabrielli
Giácomo Chiarello

SUPLENTES

Alfredo Sabongi (substituiu Jenner de Faria)
Benno Rieckmann (substituiu Eduardo Whitaker Penteado) - Presidente em 1937
Benedicto Barbosa Adorno (substituiu Glenan Leite Dias)
Henrique Claro Coimbra (substituiu Glenan Leite Dias)

DE 1937 A 1947 FOI EXTINTO O LEGISLATIVO PELO ESTADO NOVO DE VARGAS**1938 – CONSELHO MUNICIPAL DO DESCALVADO**

Dr. Victório Amadeu Casati
Dr. Glenan Leite Dias
Dr. Valentim Tobias de Oliveira
Major Henrique Claro Cunha
Coronel Joaquim Alves Aranha

1939 – 1947 – JUNTA GOVERNATIVA DO DESCALVADO

Clóvis Faria Ferreira
Dr. Glenan Leite Dias
Plínio Bierremback de Castro Prado
Dr. Carlos de Souza Geribello
Paulo Leite Penteado

REGIME DEMOCRÁTICO**1ª LEGISLATURA 01.01.1948 A 01.01.1951**

Dr. Luiz Dias Alvarenga
Dr. Octávio Gabrielli - Presidente em 1949
Dr. Victório Amadeu Casati
Dr. Humberto Carlos Casati - Presidente em 1948
Dr. Glenan Leite Dias
Waldomiro Pozzi
Manoel Ferreira Gaio - Presidente em 1950
José Francisco Galvão
Eduardo Whitaker Penteado
Jerônimo Zaffalon/Domingos Gentil - Presidente em 1951
Ricciotti Bettoni Filho
Hildebrando Todescan
Sílvio de Abreu

SUPLENTES

Clóvis Faria Ferreira (substituiu Sílvio de Abreu)
Adalberto Diniz Francisco (substituiu Waldomiro Pozzi)
Victorino Pozzi (substituiu Eduardo Whitaker Penteado)
Güido Nicolin Spanghero (substituiu Glenan Leite Dias)
Alberto Tessari (substituiu Ricciotti Bettoni Filho)

Domingos Gentil (substituiu Jerônimo Zaffalon)
Sebastião de Arruda (substituiu dr. Luiz Dias Alvarenga)
Francisco Gonçalves dos Santos (substituiu Domingos Gentil)
Ângelo Biffi

MESA EM 1949

Presidente - Dr. Octávio Gabrielli
Vice-presidente - Domingos Gentil
1º Secretário - José Francisco Galvão
2º Secretário - Ricciotti Bettoni Filho

MESA EM 1950

Presidente - Manoel Ferreira Gaio
Vice-presidente - Domingos Gentil
1º Secretário - Adalberto Diniz Francisco
2º Secretário - Guido Nicolin Spanghero

MESA EM 1951

Presidente - Domingos Gentil
Vice-presidente - Adalberto Diniz Francisco
1º Secretário - Alberto Tessari
2º Secretário - Francisco Gonçalves dos Santos

2ª LEGISLATURA - 01.01.1952 A 01.01.1955

Dr. Laurival Laércio Gabrielli
Mário Joaquim Filla
José Próspero Puoli
Adalberto Diniz Francisco - Presidente em 1953
Waldomiro Pozzi - Presidente em 1952 e 1955
Victório Domingos Sabongi
Ambrósio Pierobon (faleceu)
Domingos Carminatti Tallarico
Alcides Dupas
Sílvio de Abreu
Domingos Gentil - Presidente em 1954

SUPLENTES

Pedro Pelosi (substituiu Ambrósio Pierobon)
Paulo Rusca (substituiu Domingos Carminatti Tallarico)
Sílvio Lopes (substituiu Alcides Dupas)
Oswaldo Cardoso (substituiu Sílvio de Abreu)
Carlindo Boller Kastein (*)
Miguel Martins (*)
(*) Concorreram pela coligação PSD-UDN, convocados à assumir, renunciaram às vagas.

MESA EM 1952

Waldomiro Pozzi - Presidente
Adalberto Diniz Francisco - Vice-presidente
Domingos Gentil - 2º Secretário

MESA EM 1953

Adalberto Diniz Francisco - Presidente
Mário Joaquim Filla - Vice-Presidente
Domingos Gentil - 1º Secretário
Victório Domingos Sabongi - 2º Secretário

MESA EM 1954

Domingos Gentil - Presidente
Mário Joaquim Filla - Vice-Presidente
Sílvio Lopes - 1º Secretário
Pedro Pelosi - 2º Secretário

MESA EM 1955

Waldomiro Pozzi - Presidente
Victório Domingos Sabongi - Vice-Presidente
Adalberto Diniz Francisco - 1º Secretário
José Próspero Puoli - 2º Secretário

3ª LEGISLATURA - 01.01.1956 A 21.12.1959

Deolindo Zaffalon (PSB-PL)
Antônio Borin (PSB-PL)
Prof. Gilberto de Souza Casati (PSP-PSD-PR-PRT-PRP)
Mário Joaquim Filla - Presidente em 1957 - 1958 e 1959 (PSB-PL)
José Próspero Puoli (PSP-PSB-PR-PRT-PRP)
Mário Bonitátibus (PSP-PSB-PR-PRT-PRP)
Victório Domingos Sabongi - Presidente em 1956 (PSB-PL)
Vicente Saggioratto (PSB-PL)
José Francisco Galvão (PSB-PL)
Kamel Kotait (PSP-PSD-PR-PRT-PRP)
Paulo Rusca (PSP-PSD-PR-PRT-PRP)

SUPLENTES

Dr. João Francisco Ravasi (substituiu Vicente Saggioratto) (PSB-PL)
Clóvis Faria Ferreira (substituiu Kamel Cotait e Paulo Rusca) (coligação)
Élcio Rinaldi (substituiu Victório Domingos Sabongi e José Francisco Galvão) (PSB-PL)

MESA EM 1956

Victório Domingos Sabongi - Presidente
Mário Joaquim Filla - Vice-Presidente
Vicente Saggioratto - 1º Secretário
Paulo Rusca - 2º Secretário

MESA EM 1957/1958

Mário Joaquim Filla - Presidente
José Próspero Puoli - Vice-Presidente
Mário Bonitátibus - 1º Secretário
Gilberto de Souza Casati - 2º Secretário

4ª LEGISLATURA - 01.01.1960 A 31.12.1963

Prof. Gilberto de Souza Casati (PTN)
Mário Joaquim Filla - Presidente em 1960 (PTN)
Mário Bonitátibus - Presidente em 1961 (PTN)
Geraldo Antonio Traldi (PTN)
Affonso Maríngolo (PTN)
Arthur Fernandes (PRP)
Dr. João Francisco Ravasi - Presidente em 1962 e 1963 (PDC)
Antonio Tessari (PTN)
Victório Domingos Sabongi (PTN)
Pedro Fuzaro (PRP)
Dr. Jayme Regallo Pereira (PRP)

SUPLENTES

Milton Timótheo do Amaral (substituiu dr. Jayme Regallo Pereira) (PRP)

MESA EM 1960

Mário Joaquim Filla - Presidente
Gilberto de Souza Casati - Vice-Presidente
Mário Bonitátibus - 1º Secretário
Affonso Maríngolo - 2º Secretário

5ª LEGISLATURA - 01.02.1964 A 31.01.1969

Mário Joaquim Filla - Presidente em 1964 e 1965 (PTN)
Dr. João Francisco Ravasi (PTN)
Dr. Tomás Vita - Presidente em 1966 - 1967 e 1968 (PSP)
João Motta Filho (PSP)
Sebastião Cereda Sabongi (PSP)
Maury Timótheo do Amaral (PTB)
Milton Timótheo do Amaral (PTN)
Carlos Mayese (faleceu em 1968) (PSP)
Mário Bonitátibus (PSP)
Dr. Luiz Gonzaga Lício (PTB)
Ricardo Carandina (PTN)

SUPLENTES

Gilberto Luiz de Oliveira Zóia (substituiu Carlos Mayese) (PSP)
Abílio Paludetti (substituiu Mário Bonitátibus) (PSP)
Aires dos Santos Netto (substituiu Luiz Gonzaga Lício) (PTB)
Francisco Perez (substituiu Ricardo Carandina) (PTN)
Ariovaldo Andrade Jardim (substituiu Abílio Paludetti) (PSP)

MESA EM 1964/1965

Mário Joaquim Filla - Presidente
Luiz Gonzaga Lício - 1º Secretário
Sebastião Cereda Sabongi - 2º Secretário

MESA EM 1966/1967

Tomás Vita - Presidente
Luiz Gonzaga Lício - Vice-presidente
Mário Joaquim Filla - 1º Secretário
Sebastião Cereda Sabongi - 2º Secretário

6ª LEGISLATURA - 01.02.1969 A 31.01.1973

Dr. Tomás Vita - Presidente em 1971 e 1972 (ARENA)
Odayr Ferraz (ARENA)
Ricardo Carandina (MDB)
José Mauro (ARENA)

Gilberto Luiz de Oliveira Zóia (ARENA)
Maury Timótheo do Amaral (ARENA)
Dr. João Francisco Ravasi (ARENA)
Mário Joaquim Filla - Presidente em 1969 (ARENA)
José Aldo Fregonezi (ARENA)
Domingos Gentil (ARENA)
Mário Bonitátibus - Presidente em 1970 (ARENA)

SUPLENTES

Hélio Martinelli (substituiu João Francisco Ravasi) (ARENA)
Gerson Joel De Marco (substituiu Domingos Gentil e José Aldo Fregonezi) (ARENA)
Humberto Coelho (substituiu Mário Joaquim Filla) (ARENA)
Mário Bianchi (substituiu Mário Bonitátibus) (ARENA)

COMPOSIÇÃO DA MESA**1969/1970**

Presidente - Mário Joaquim Filla
Vice - Dr. João Francisco Ravasi
1º Secretário - Odayr Ferraz
2º Secretário - Domingos Gentil

1971/1972

Presidente - Tomás Vita
Vice - Hélio Martinelli
1º Secretário - Ricardo Carandina
2º Secretário - Gilberto Luiz de Oliveira Zóia

7ª LEGISLATURA - 01.02.1973 A 31.01.1977

Mário Joaquim Filla - Presidente da Câmara em 1973 e 1974 (ARENA)
José Carlos Pugina (ARENA)
Dr. Mauro Benedito de Lima - Presidente em 1975 e 1976 (ARENA)
Dr. José Carlos Pivesso (ARENA)
Humberto Coelho (ARENA)
Pedro Gaspar (ARENA)
Dr. Mário dos Santos (ARENA)
João Augusto Cirelli (ARENA)
Geraldo Antonio Traldi (ARENA)
Prof. José Ramalho Gabrielli (faleceu) (ARENA)
Dr. Fernando Augusto Bizarro (ARENA)

SUPLENTES

Benedito Geraldo Stoppa (substituiu o Prof. José Ramalho Gabrielli) (ARENA)
Dr. Gerson Joel De Marco (substituiu dr. Fernando Augusto Bizarro) (ARENA)

COMPOSIÇÃO DA MESA**1973/1974**

Presidente - Mário Joaquim Filla
Vice - Fernando Augusto Bizarro
1º Secretário - José Carlos Pugina
2º Secretário - Humberto Coelho

1975/1976

Presidente - Mauro Benedito de Lima
Vice - João Augusto Cirelli
1º Secretário - Humberto Coelho
2º Secretário - José Carlos Pugina

8ª LEGISLATURA - 01.02.1977 A 31.01.1983

Dr. José Carlos Pivesso - Presidente em 1979 e 1980 (ARENA)
Humberto Coelho - Presidente em 1977 e 1978 (ARENA)
Dr. Cláudio Romantini (MDB)
Prof. Andreilino Casare Prof. (MDB)
João Augusto Cirelli - Presidente em 1981 e 1982 (ARENA)
José Antonio Moffato (ARENA)
Dr. José Antonio Todescan Gabrielli (ARENA)
Dr. Mário dos Santos (ARENA)
Sebastião Flávio Verona (MDB)
Dr. Winston Gessuil Tognetti (ARENA)
Carlos Francisco Sobreira Guimarães (ARENA)

SUPLENTE

Santo Costa (substituiu Carlos Francisco Sobreira Guimarães) (ARENA)

COMPOSIÇÃO DA MESA

1977/1978

Presidente - Humberto Coelho

Vice - José Antonio Muffato

1º Secretário - Cláudio Romantini

2º Secretário - João Augusto Cirelli

1979/1980

Presidente - José Carlos Pivesso

Vice - Mário dos Santos

1º Secretário - José Antonio Moffato

2º Secretário - Andreilino Casare Prof.

1981/1982

Presidente - João Augusto Cirelli

Vice - Andreilino Casare

1º Secretário - Cláudio Romantini

2º Secretário - Winston Gessuil Tognetti

9ª LEGISLATURA - 01.02.1983 A 31.12.1988

Dr. Cláudio Romantini (PMDB) - Presidente em 1983 e 1984

Antonio Carlos Rischini (PDS)

Prof. Antonio Luiz Marcos (PDS)

Dr. José Antonio Todescan Gabrielli (PDS)

José Dias Bolção (PMDB)

José Valentim (PMDB) - Presidente em 1985 e 1986

Nelson Ruiz (PMDB)

Dr. Luiz Gonzaga Fortunato da Silva (PMDB)

Sebastião Roberto Traldi (PMDB)

Dr. Winston Gessuil Tognetti (PDS)

Dr. Silvio Bellini (PMDB) - Presidente em 1987 e 1988

SUPLENTE

Silvio José Filla (PMDB) - (substituiu Silvio Bellini)

Humberto Coelho (PDS) - (substituiu Winston Gessuil Tognetti)

COMPOSIÇÃO DE MESA

1983/1984

Presidente - Cláudio Romantini

Vice - Sebastião Roberto Traldi

1º Secretário - Silvio Bellini

2º Secretário - Antonio Carlos Rischini

1985/1986

Presidente - José Valentim

Vice - Antonio Carlos Rischini

1º Secretário - Cláudio Romantini

2º Secretário - Antonio Luiz Marcos

1987/1988

Presidente - Silvio Bellini

Vice - Antonio Luiz Marcos

1º Secretário - Winston Gessuil Tognetti

2º Secretário - Luiz Gonzaga Fortunato da Silva

10ª LEGISLATURA - 01.01.1989 A 31.12.1992

José Carlos Calza (PTB) - Presidente 1989 e 1990

Dr. José Antonio Todescan Gabrielli (PDS) - Presidente 1991 e 1992

Dr. Gismar Manoel Mendes (PTB)

Prof. Antonio Luiz Marcos (PTB)

Antonio Carlos Rischini (PTB)

Marco Antonio Strozzi (PTB)

José Dias Bolção (PMDB)

Accácio Rusca Júnior (PMDB)

Luciano Laurindo Feliciano (PMDB)

Dr. Cláudio Romantini (PMDB)

José Antonio Lefcadito Alvares (PMDB)

Sebastião José Ricci (PDS)

Avelino Gava Filho (PTB)

Milton Sebastião Factor (PTB)

José Luiz Rosindo (PTB)

COMPOSIÇÃO DA MESA

1989/1990

Presidente - José Carlos Calza

Vice - Gismar Manoel Mendes

1º Secretário - Antonio Carlos Rischini

2º Secretário - José Luiz Rosindo

1991/1992

Presidente - José Antonio Todescan Gabrielli

Vice - Antonio Luiz Marcos

1º Secretário - Gismar Manoel Mendes

2º Secretário - Milton Sebastião Factor

11ª LEGISLATURA - 01/01/93 A 31/12/96

Accácio Rusca Júnior (PMDB)

Antonio Carlos Rischini (PTB) - Presidente 1995/1996

Armando Marcatto (PMDB)

Gismar Manoel Mendes (PTB)

João Donizetti Trombini (PTB)

José Antonio Lefcadito Alvares (PMDB)

José Luiz Rosindo (PTB)

Sebastião José Ricci (PTB) - Presidente 1993/1994

Sebastião Roberto Traldi (PMDB)

Silvio Bellini (PMDB)

Wladimir José Assoni (PMDB)

COMPOSIÇÃO DA MESA 1993/1994

Presidente - Sebastião José Ricci

Vice-presidente - Wladimir José Assoni

1º Secretário - Antonio Carlos Rischini

2º Secretário - Armando Marcatto

1995/1996

Presidente - Antonio Carlos Rischini

Vice-presidente - José Antonio Lefcadito Alvares

1º Secretário - Accácio Rusca Júnior

2º Secretário - Wladimir José Assoni

12ª LEGISLATURA - 01/01/97 - 31/12/2000

Antonio Carlos Rischini (PTB)

Edevaldo Benedito Guilherme Neves (PFL)

Flávio Luiz Ancetti (PMDB)

Henrique Fernando do Nascimento (PFL) - Presidente 1997/98

Luciano Laurindo Feliciano (PSDB)

Luiz Antonio do Pinho (PFL)

Luiz Carlos Rosa Vianna/Helton Antonio Venâncio (PMDB)

Maria Angela Marcomini/Silvio Bellini (PMDB)

Mário dos Santos (PPB)

Paulo César Bermudes (PMDB)

Rubens Algarte de Rezende (PSDB)

- A Vereadora Maria Angela Marcomini, primeira mulher eleita para compor a Câmara Municipal, faleceu prematuramente com 50 anos de idade no dia 5 de junho de 1997. Assumiu sua vaga o 1º Suplente do PMDB, Silvio Bellini.

- O suplente Helton Antonio Venâncio substituiu o Vereador Luiz Carlos Rosa Vianna em uma única sessão ordinária no dia 22 de março de 1.999, para votar a entrada de uma denúncia para cassação do Prefeito Municipal. O Vereador Vianna por ser autor da propositura estava impossibilitado de votar. A denúncia foi rejeitada.

COMPOSIÇÃO DA MESA

1997/1998

Presidente - Henrique Fernando do Nascimento

Vice-Presidente - Luiz Antonio do Pinho

1º Secretário - Luciano Laurindo Feliciano

2º Secretário - Mario dos Santos

1999/2.000

Presidente - Luiz Antonio do Pinho

Vice-Presidente - Luciano Laurindo Feliciano

1º Secretário - Rubens Algarte de Rezende

2º Secretário - Antonio Carlos Reschini

13ª LEGISLATURA - 01/01/2.000 - 31/12/2004

Antônio Carlos Reschini - PTB (José Dias Bolção)

Donald Daniel Calza - PDT

Edevaldo Benedito Guilherme Neves - PTB

Helton Antônio Venâncio - PPB

Henrique Fernando do Nascimento - PFL

Luís Antônio Panone - PPS

Luiz Carlos Rosa Vianna - PPS

Rubens Algarte de Rezende - PSDB

Sebastião José Ricci - PPB

Silvio Bellini – PMDB
Tomás Vita - PMDB

COMPOSIÇÃO DA MESA

2.000/2.001

Presidente – Rubens Algarte de Rezende
Vice-Presidente – Henrique Fernando do Nascimento
1º Secretário – Tomás Vita
2º Secretário – Antônio Carlos Reschini

2.003/2.004

Presidente – Tomás Vita
Vice-Presidente – Antônio Carlos Reschini
1º Secretário – Rubens Algarte de Rezende
2º Secretário – Helton Antônio Venâncio

14º LEGISLATURA – 01/01/2.005 a 31/12/2.008

Aldo José Fregonezi – PPS
Antônio Carlos Reschini – PTB
Edevaldo Benedito Guilherme Neves – PMDB
Henrique Fernando do Nascimento – 1.049 (PFL) (*)
José Dias Bolcão – PDT
Mauro Benedito de Lima – PTC
Rosilene Bertolucci – PSDB
Rubens Algarte de Rezende – PSDB
Sebastião José Ricci – PP

COMPOSIÇÃO DA MESA

2005/2006

Presidente – Rubens Algarte de Rezende
Vice-Presidente – José Dias Bolcão
1º Secretário – Henrique Fernando do Nascimento
2º Secretária – Rosilene Bertolucci

2007/2008

Presidente – Antonio Carlos Reschini
Vice-Presidente – Aldo José Fregonezi
1º - Secretário – Sebastião José Ricci
2º - Secretário – Mauro Benedito de Lima

15ª LEGISLATURA – 01/01/2009 a 31/12/2012

Carlos Cesar Paiva - PTB
Flávio Luiz Ancetti - PPS
Geraldo Magela Izepe - PTB
Gilson dos Santos Rodrigues - PT
Helton Antonio Venancio - PSDB
Marco Antonio Galetti - PT
Luiz Antonio do Pinho - DEM
Luiz Carlos Rosa Vianna - (PPS) – 1819(*)
Sebastião José Ricci – PP

COMPOSIÇÃO DA MESA

2009/2010

Presidente - Luiz Carlos Rosa Vianna – PPS
Vice-Presidente: Gilson dos Santos Rodrigues - PT
1º Secretário: Marco Antonio Galetti - PT
2º Secretário: Geraldo Magela Izepe - PTB

2011/2012

Presidente - Flávio Luiz Ancetti - PPS
Vice-Presidente: Geraldo Magela Izepe - PTB
1º Secretário: Gilson dos Santos Rodrigues - PT
2º Secretário: Carlos Cesar Paiva - PTB

PREFEITURA MUNICIPAL

01/01/1866 - Funciona a primeira Prefeitura de Descalvado, na época Câmara Municipal, provisoriamente, na residência do Vereador Bernardino José Pereira, que ficava na confluência das ruas Barão do Descalvado com Cel. Arthur Whitaker.
Final do século XIX - A Prefeitura e a Câmara Municipal passam a funcionar em prédio próprio na Avenida Guerino-Oswaldo

1962 - Prefeitura e Câmara Municipal funcionam em prédio da Avenida Guerino-Oswaldo, contruído pelo Prefeito Deolindo Zaffalon.

10/10/1988 - Inauguração do Palácio do Povo pelo Prefeito Dr. Tomás Vita – Lei 888/88 de 10/12/88

08/11/04 – Inauguração da Casa da Democracia, sede do Poder Legislativo pelo Presidente da Câmara Tomás Vita. Lei 2.460 de 05/11/04.

PRIMEIROS PREFEITOS DE DESCALVADO

Durante o Império a Câmara Municipal de cada comuna do Brasil, enfeixava em si, os poderes Executivo e Legislativo. Renovava-se, a Câmara, cada triênio. Dos seus integrantes, o mais votado de todos, por direito, tornava-se o Presidente da Câmara, e, como tal, o Chefe do Executivo. Descalvado elegeu sua primeira Câmara Municipal em 1865, empossando-a em 1º de janeiro de 1866, como determinava a lei do tempo. A maior votação foi alcançada pelo Dr. Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho, e que, por isso, passou a ser o Presidente da Câmara e o Chefe do Executivo. Nascido na capital, formou-se em direito em 1857. Recém formado veio para Descalvado onde seus pais possuíam propriedades rurais. Pertencente ao Partido Conservador vereou entre nós de 1866 a 1869 e de 1870 a 1873. Depois transferiu-se para a Capital onde foi Deputado Geral e Vice-presidente da Província, chegando a Presidência, quando substituiu interinamente o Presidente Dr. José Luiz de Almeida Couto. No Regime Republicano o Prefeito tinha a denominação de Agente Executivo. Antonio de Melo Fonseca foi o primeiro Agente, dirigindo a cidade nos anos de 1892 e 1893, sendo substituído por Francisco José Cardoso que geriu Descalvado de 1894 a 1898. Biograficamente só sabemos que os dois eram comerciantes na sede urbana e pessoas de destaque, na comunidade de então.

PREFEITOS MUNICIPAIS DE DESCALVADO (Sonia Belli)**= PERÍODO MONÁRQUICO =**

DE 1866 A 1892 A FUNÇÃO EXECUTIVA ERA EXERCIDA PELO LEGISLATIVO, QUE ATRAVÉS DE SEU PRESIDENTE NOMEAVA PROCURADORES PARA O DESEMPENHO DA FUNÇÃO:

1866/1868 - Dr. Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho
Procurador: José dos Reis Pereira

1869/1872 - Antônio de Camargo Campos/Capitão Sebastião de Oliveira Penteado

Procurador: Esmeraldo de Oliveira Camargo

1873/1876 - Dr. Luis Antonio de Souza Queiroz

Procurador: Esmeraldo de Oliveira Camargo

1877/1880 - Antônio de Camargo Campos

Procurador: Esmeraldo de Oliveira Camargo

1881/1882 - Major Rafael Tobias de Oliveira

Procurador: Esmeraldo de Oliveira Camargo

1883/1883 - Major Arthur Horácio D'Aguiar Whitaker

Procurador: Esmeraldo de Oliveira Camargo

1884/1885 - Gaudêncio Ferreira de Quadros

Procurador: Esmeraldo de Oliveira Camargo

1886/1886 - Major Arthur Horácio D'Aguiar Whitaker

Procurador: Esmeraldo de Oliveira Camargo

1887/1887 - Francisco de Paula Carvalho

Procurador: Esmeraldo de Oliveira Camargo

1888/1888 - Boaventura de Figueiredo Pereira de Barros

Procurador: Esmeraldo de Oliveira Camargo

PERÍODO REPUBLICANO

1889/1889 - Dr. Cândido Augusto Rodrigues

Procurador: Esmeraldo de Oliveira Camargo

1890/1892 - Gabriel Amâncio Lisboa

Procurador: Leopoldino de Arruda Paes

AGENTES EXECUTIVOS

1892/1893 - Antonio de Mello Fonseca

1894/1898 - Francisco José Cardoso

1899/1899 - Capitão José Quirino Ribeiro

1899/1904 - Capitão José Quirino Ribeiro

1905/1905 - Capitão José Quirino Ribeiro e
Dr. Valentim Tobias de Oliveira

1906/1907- Capitão Alexandre Herculano de Oliveira Penteado

= PREFEITOS MUNICIPAIS =

1908/1908- Capitão Alexandre Herculando de Oliveira Penteado

1909/1909 - Capitão Alexandre Herculando de Oliveira Penteado

João Baptista de Almeida Leite (had hoc)

1910/1910 - Coronel Ananias Pereira de Carvalho
Presclívio Coelho de Oliveira (had hoc)

1911/1912 - Coronel Ananias Pereira de Carvalho
 1913/1915 - Ignácio Alvares
 1916/1916 - Dr. Edgardo Sá Cardoso de Oliveira
 1917/1917 - Coronel Alfredo D'Aguiar Barros
 1918/1918 - Dr. Carlos Alves de Oliveira Guimarães
 1919/1918 - Dr. Carlos Alves de Oliveira Guimarães e Coronel Joaquim Alves Aranha
 1920/1920 - Capitão Augusto de Oliveira Campos
 1921/1921 - Major Antonio Henrique D'Arruda Camargo
 1922/1922 - Coronel Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho Ferruccio Crescenti (had hoc)
 1923/1924 - Capitão Augusto de Oliveira Campos
 1925/1925 - Coronel Joaquim Alves Aranha
 1926/1928 - Major Antonio Henrique D'Arruda Campos
 1929/1930 - Paulo Casati (Pai)

= PREFEITOS NOMEADOS = (ESTADO NOVO - ERA VARGAS)

1930/1931 - Dr. Clóvis Faria Ferreira
 1932/1935 - Dr. Hugo Pereira de Abreu
 Dr. Jenner de Faria
 1936/1936 - Dr. Hugo Pereira de Abreu
 1937/1938 - Manoel Ferreira Gaio
 Dr. Glenan Leite Dias
 Fernando Gabrielli (had hoc)
 1938/1942 - Carlos Púlici
 1942/1944 - Amasílio Pozzi
 1944/1946 - Dr. Luiz Dias Alvarenga
 1946/1947 - Dr. Victório Amadeu Casati
 1947/1947 - Dr. Laurival Laércio Gabrielli
 - Dr. Augusto de Oliveira
 - Manoel Ferreira Gaio

PREFEITOS MUNICIPAIS DE DESCALVADO = PERÍODO DEMOCRÁTICO =

1948/1951 - Dr. Laurival Laércio Gabrielli
 Dr. Augusto de Oliveira (had hoc)
 Manoel Ferreira Gaio (had hoc)
 1952/1955 - Deolindo Zaffalon
 1956/1959 - Jayme Regallo Pereira
 Ângelo Paganotto
 1960/1963 - Deolindo Zaffalon
 1964/1968 - Prof. José Ramalho Gabrielli
 1969/1972 - Deolindo Zaffalon
 1973/1976 - Dr. Tomás Vita
 Dr. Edinir Salvador Sápia
 1977/1982 - Dr. Mauro Benedito de Lima
 1983/1988 - Dr. Tomás Vita
 1989/1992 - Dr. Mauro Benedito de Lima
 1993/1996 - José Carlos Calza
 1997/2000 - Dr. José Antonio Todescan Gabrielli

VICE-PREFEITOS DE DESCALVADO (Sonia Belli)

1910/1910 - Francisco Borges Gomes
 1911/1911 - Pedro Guidulle/Prescilivio Coelho de Oliveira
 1912/1916 - Prescilivio Coelho de Oliveira
 1917/1917 - Coronel Antonio Henrique D'Arruda Camargo
 1918/1919 - Capitão Augusto de Oliveira Campos
 1920/1920 - Ferruccio Crescenti
 1921/1921 - Mário Cândido Leite Penteado
 1922/1922 - Ferruccio Crescenti
 1923/1924 - João Baptista Brambilla
 1925/1925 - Vicente César Casati
 1926/1926 - Ruy Alvares
 1927/1927 - Adolpho Melchert Netto
 1928/1928 - Paulo Casati
 1929/1929 - Ferruccio Crescenti
 1930/1930 - Jonas Baptista de Castro
 1931/1947 - Era Vargas
 1948/1951 - Dr. Augusto de Oliveira Faria/Manoel Ferreira Gaio
 1952/1955 - Paulo Rusca
 1956/1959 - Ângelo Paganotto
 1960/1963 - Waldomiro Bortoletto
 1964/1968 - Geraldo Antônio Traldi
 1969/1972 - Geraldo Antônio Traldi
 1973/1976 - Dr. Edinir Salvador Sápia
 1977/1982 - Benedicto Geraldo Stoppa
 1983/1988 - Prof. Armando Marcatto
 1989/1992 - Dr. Luiz Gonzaga Fortunato da Silva
 1993/1996 - Dr. José Antonio Todescan Gabrielli
 1997/2000 - Accácio Rusca Júnior

ELEIÇÕES MUNICIPAIS (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

Eleições de 1º de janeiro de 1887 para a Câmara Municipal

Durismundo de Almeida Lisboa – 18 votos
 Salvador Meyer de Vasconcellos – 17 votos
 Ernesto Pereira de Carvalho – 17 votos
 Antonio Barbosa Leite – 17 votos
 Francisco de Paula Carvalho – 16 votos
 Boaventura de Figueiredo Pereira de Carvalho – 16 votos
 Cândido Augusto Rodrigues - ?
 Gabriel Amâncio Lisboa - ?
 Suplente: Severino Pedroso de Amaral Brandão
Obs: Lisboa e Brandão obtiveram o mesmo número de votos. Assumiu o primeiro por ser mais idoso.

PERCENTUAL DE ABSTENÇÃO - VOTOS NULOS E BRANCOS:

ANO	ELEITORES	ABSTENÇÃO	BRANCOS	NULOS
1.959	3.119	5,06	2,29	2,30
1.963	3.909	10,64	3,00	2,83
1.968	5.225	11,63	14,40	1,97
1.972	6.164	8,81	?	?
1.976	7.398	5,70	2,43	3,28
1.982	10.722	5,04	4,76	2,47
1.988	13.074	4,05	10,41	2,98
1.992	16.035	7,35	11,64	5,34
1.996	18.078	11,84	1,84	6,23
2.000	20.036	12,07	8,64	10,06

ELEIÇÕES DE 1955

Prefeito - Jayme Regallo Pereira - 1208 votos
 Vice - Ângelo Paganotto - 1122 votos

VEREADORES:

Deolindo Zaffalon - 255 votos (1) - 10,94%
 Gilberto de Souza Casati - 132 votos (2)
 Mário Bonitátibus - 129 votos (2)
 Victório Domingos Sabongi -123 votos (1)
 José Prospero Puoli -114 votos (2)
 Mário Joaquim Filla - 92 votos (1)
 Kamel Kotait - 91 votos (2)
 Paulo Rusca - 91 votos (2)
 Vicente Saggioratto - 90 votos (1)
 José Francisco Galvão - 89 votos (1)
 Dr.Clóvis Faria Ferreira - 87 votos (2)
 Pedro de Falco - 83 votos (2)
 João Francisco Ravasi - 77 votos (1)
 Antonio Borim - 76 votos (1)
 Júlio Cereda - 69 votos (1)
 Adalberto Diniz Francisco - 69 votos (2)
 Hugo José Da Costa - 56 votos (1)
 (1) - PSB-PL (coligação partidária)
 (2) - PSP-PSD-PR-PRP (coligação partidária)

ELEIÇÕES MUNICIPAIS - 04/10/1959

Número de eleitores - 3119
 Votantes - 2961
 Abstenção - 5,06%

Prefeito - Deolindo Zaffalon - 1721 votos - ptn 58,12%
 Antenor Erveu Betarello - 708 votos - prp 23,91%
 Ângelo Paganotto - 244 votos - 8,24%
 Victorino Pozzi -151 votos - 5,27%

Votos brancos - 68 - 2,29%
 Votos nulos - 69 - 2,30%

Vice prefeito - Waldomiro Bortoletto - 1517 votos - ptn
 José Francisco Galvão - 812 votos - prp
 Jerônimo Zaffalon - 313 votos

Votos brancos - 292
 Votos nulos - 27

VEREADORES

Jayme Regallo Pereira - 364 votos - prp - 12,29%
 Gilberto de Souza Casati - 346 votos - ptn
 Mário Bonitátibus - 240 votos - ptn

Geraldo Antonio Traldi - 173 votos - ptn
Mário Joaquim Filla - 169 votos - ptn
Afonso Maríngolo - 149 votos - ptn
Victório Domingos Sabongi - 118 votos - ptn
João Francisco Ravasi - 91 votos - pdc
Antonio Tessari - 66 votos - ptn
Felisberto da Matta - 61 votos - pdc
Pedro Fuzaro - 57 votos - prp
João Fernando Galetti - 57 votos - ptn
Antonio Saggioratto - 56 votos - ptn
Eliseo Giacomelli - 53 votos - pdc
José Guedes - 49 votos - ptn
Arthur Fernandes - 48 votos - prp
Milton Timótheo do Amaral - 47 votos - prp
Pedro Gaspar - 45 votos - prp
Antonio Borim - 40 votos - prp

Vereadores eleitos - ptn - 7 vereadores
prp - 3 vereadores
pdc - 1 vereador

ELEIÇÕES MUNICIPAIS - 13 DE OUTUBRO DE 1963 -

Número de eleitores - 3909
Votantes - 3493
Abstenção - 10,64%

Prefeitos -
José Ramalho Gabrielli - 1698 votos - psd - 48,61%
Waldomiro Bortoletto - 1591 votos - psd - 45,55%

Votos nulos - 99 votos - 2,83%
Votos em branco - 105 votos - 3,00%

Vice
Geraldo Antonio Traldi - 1745 votos - ptn
Moycir Rusca - 1412 votos - ptb

Votos nulos - 90 votos
Votos em branco - 246 votos

Vereadores

Deolindo Zaffalon - 574 votos - ptn - 16,43% (*)
Milton Timótheo do Amaral - 170 votos - ptn
Tomás Vita - 144 votos - psp
Ricardo Carandina - 121 votos - ptn
Mário Bonitátibus - 118 votos - psp
Carlos Mayesi - 117 votos - psp
Sebastião Cereda Sabongi - 116 votos - ptn
João Motta Filho - 106 votos - psp
Abílio Paludetti - 101 votos - psp
Maury Timótheo do Amaral - 96 votos - ptb
Luiz Gonzaga Lício - 96 votos - ptb
João Francisco Ravasi - 94 votos - ptn
Mário Joaquim Filla - 91 votos - ptn
Francisco Peres - 87 votos - ptn
Ariovaldo Andrade Jardim - 79 votos - psp
Antonio Bento Rodolfo - 74 votos - ptn
Victório Domingos Sabongi - 69 votos - ptn
Miguel de Falco Netto - 60 votos - psp
José Geraldo Bertini - 59 votos - ptn
Gilberto Luiz de Oliveira Zóia - 57 votos - psp
João Marini - 55 votos - ptn
Afonso Maríngolo - 53 votos - ptn
Aires dos Santos Neto - 48 votos - ptb
Ângelo Antonio Mussolini - 47 votos - ptb
Lourenço Casteglioni - 46 votos - psp
Antonio Saggioratto - 42 votos - ptb
Clóvis Faria Ferreira - 35 votos - ptb
Pedro Gaspar - 34 votos - psp
Humberto Coelho - 32 votos - ptn
Artur Fernandes - 31 votos - ptn
Ana Astir Assoni - 29 votos - ptb
Antonio Anésio Faria Casati - 24 votos - ptb
Dorival Celeste Filla - 19 votos - ptb
José Paulino Machado - 16 votos - ptb
Pedro Vinha - 2 votos - ptb

Votos nulos - 83 votos
Votos em branco - 460 votos

(*) Deolindo Zaffalon foi caçado uma vez que não se afastou do cargo de Prefeito.

Vereadores eleitos - ptn 7; psp 3; ptb 1

ELEIÇÕES DE 15/11/1968

Número de eleitores - 5225
Votantes - 4617
Abstenções - 11,63%

Prefeito: votos em branco - 665 - 14,40%
votos nulos - 91 - 1,97%

Prefeito- Deolindo Zaffalon - 3861 votos - arena - 83,63%
Vice - Geraldo Antonio Traldi - 3861 votos - arena

Vereadores:

Votos em branco - 480
Votos nulos - 223

Mário Joaquim Filla - 460 votos - arena- 9,96%
Tomás Vita - 298 votos - arena
Ricardo Carandina - 244 votos - mdb
José Aldo Fregonezi - 222 votos - arena
Odayr Ferraz - 207 votos - arena
Maury Timótheo do Amaral - 206 votos - arena
João Francisco Ravasi - 191 votos - arena
Mário Bonitátibus - 174 votos - arena
José Mauro - 157 votos - arena
Domingos Gentil - 145 votos - arena
Gilberto Luiz de Oliveira Zóia - 138 votos - arena
Hélio Martinelli - 136 votos - arena
Gerson Joel De Marco - 126 votos - arena
Humberto Coelho - 125 votos - arena
Sérgio W. Zerbetto De Marco - 123 votos - arena
Mário Bianchi - 110 votos - arena
Milton Timótheo do Amaral - 99 votos - arena
José Jacintho - 83 votos - mdb
Lourenço Casteglioni - 82 votos - arena
Geraldo Marchetti - 81 votos - arena
Lino Pinca - 81 votos - mdb
Orivaldo Ivo de Medeiros - 80 votos - arena
José Geraldo Bertini - 74 votos - arena
Nelson Ruiz - 74 votos - mdb
Sebastião Frederico - 41 votos - mdb
Frederico Perna - 40 votos - mdb
João Marini - 38 votos - mdb
João Alfieri - 36 votos - mdb
Afonso Maríngolo - 24 votos - mdb
Antonio Bento Rodolfo - 1 voto - mdb

Vereadores eleitos - arena 10
mdb 1

ELEIÇÕES DE 15/11/1972

Número de eleitores: 6.164
Votantes: 5.621
Abstenção: 8,81%

Prefeito:
Tomás Vita - 3306 votos - arena - 53,63%
Moycir Rusca - 2315 votos - arena - 37,56%

Vice:
Edinir Salvador Sábia - 3306 votos - arena
Manoel Jorge de Araújo Neto - 2315 votos - arena

VEREADORES: (*) eleitos

Fernando Augusto Bizarro - 598 votos - arena(*) - 10,64%
Pedro Gaspar - 570 votos - arena(*)
Geraldo Antonio Traldi - 469 votos - arena(*)
João Augusto Cirelli - 336 votos - arena(*)
Mario dos Santos - 331 votos - arena(*)
Mário Joaquim Filla - 323 votos - arena(*)
José Carlos Pugina - 306 votos - arena(*)
Mauro Benedito de Lima - 264 votos - arena(*)
José Ramalho Gabrielli - 245 votos - arena(*)
José Carlos Pivesso - 220 votos - arena(*)
Humberto Coelho - 204 votos - arena(*)
Benedito Geraldo Stoppa - 201 votos - arena
Gerson Joel De Marco - 174 votos - arena
Antonio Paulo Adorno Galetti - 160 votos - arena
Maury Timótheo do Amaral - 140 votos - arena
Hélio Martinelli - 139 votos - arena
Luiz Gonzaga Lício - 125 votos - arena
Milton Timótheo do Amaral - 111 votos - arena

Conheça Descalvado

Luiz Carlindo Arruda Kastein

Gilberto Luiz de Oliveira Zóia - 113 votos - arena
Mário Bianchi - 125 votos - arena
Wenceslau Luiz Landi - 60 votos - arena
José Geraldo Bertini - 47 votos - arena

ELEIÇÕES DE 15/11/1976

Número de eleitores - sem registro
Votantes - 7398

Prefeito
Mauro Benedito de Lima - 2942 votos - arena I - 39,77%
Deolindo Zaffalon - 2282 votos - arena II - 30,85%
Armando Marcatto - 1752 votos - mdb - 23,68%

Vice:

Benedito Geraldo Stoppa - 2942 votos - arena I
Geraldo Antonio Traldi - 2282 votos - arena II
Daltayr Anacleto Pozzi - 1752 votos - mdb

Votos nulos - 243 - 3,28%
Votos em branco - 180 - 2,43%

VEREADORES

(*) eleitos

José Antonio Moffato - 351 arena(*) - 4,74%
Carlos Francisco Sobreira Guimarães - 344 arena(*)
Andrelino Casare - 340 mdb(*)
José Antonio Todescan Gabrielli - 336 arena(*)
Sebastião Flávio Verona - 323 mdb(*)
Cláudio Romantini - 317 mdb(*)
João Augusto Cirelli - 282 arena(*)
Mario dos Santos - 237 arena(*)
José Carlos Pivesso - 232 arena(*)
Winston Gessuil Tognetti - 203 arena(*)
Humberto Coelho - 202 arena(*)
Santo Costa - 202 arena
Gerson Joel De Marco - 200 arena
Nelson Ruiz - 170 arena
Maury Timótheo do Amaral - 169 arena
Octávio Biazzi - 169 arena
Ovídio Francisco Prata - 160 arena
Manoel Jorge de Araújo Netto - 159 arena
José Maria Pivesso - 152 arena
Mário Bonitátibus - 146 arena
Ricardo Carandina - 130 mdb
José Benedito Jordão - 127 arena
José Carlos Pugina - 125 arena
Vicente Saggioratto - 123 mdb
José Adalberto Ferreira - 120 arena
Luiz Eduardo - 116 arena
Victorino Pozzi Júnior - 108 mdb
Lázaro Timótheo do Amaral - 100 arena
Pedro Gaspar - 98 arena
Antonio Carlos Fuzaro - 95 arena
Geraldo Marchetti - 93 arena
Dorival Antonio Maciel - 88 arena
Sebastião Carlos Zapeloni - 83 mdb
Gilberto Luiz de Oliveira Zóia - 77 arena
Orlando Bertini Filho - 56 arena
Luiz Sebastião Zanatta - 51 mdb
Affonso Maríngolo - 51 mdb
Sílvio De Marco De Souza - 41 arena
José Geraldo Bertini - 32 arena
João Marini - 32 mdb
José Aparecido Lazarini - 23 mdb
Joaquim Carlos Cruz - 18 mdb
Antonio de Souza Freitas - 17 mdb

Vereadores Eleitos:
arena - 8
mdb - 3

ELEIÇÕES MUNICIPAIS 15/11/82

Total de eleitores: sem registro
Total de votantes: 10.212
Abstenção - 5,04%

Prefeitos:

Tomás Vita - 5751 pmdb - 57,44%
Sérgio David Fernandes - 3129 pds 1 - 31,25%
Jerônimo Cirelli - 452 pds 2 - 4,51%
Deolindo Zaffalon - 155 pds 3 - 1,55%

Vice:

Armando Marcatto
José Carlos Púlici Júnior
Santo Costa
Luiz Adalberto Ferreira

Total por legenda
Pmdb - 5751 votos
Pds - 3736 votos

Votos nulos - 248 - 2,47%
Em branco - 477 - 4,76%

VEREADORES

(*) eleitos

Sebastião Roberto Traldi - 538 pmdb(*) - 5,37%
Cláudio Romantini - 404 pmdb(*)
Luiz Gonzaga Fortunato da Silva - 338 pmdb(*)
José Dias Bolcão - 332 pmdb(*)
Antonio Carlos Reschini - 303 pds1(*)
José Antonio Todescan Gabrielli - 285 pds1(*)
Sílvio Bellini - 282 pmdb(*)
Nelson Ruiz - 280 pmdb(*)
José Valentim - 272 pmdb(*)
Winston Gessuil Tognetti - 252 pds1(*)
Sílvio José Filla - 233 pmdb
Flavio Perna - 215 pmdb
Antonio Luiz Marcos - 206 pds1(*)
Luciano Laurindo Feliciano - 203 pmdb
Victorino Pozzi Junior - 196 pmdb
Sebastião Modesto dos Santos - 192 pmdb
Flávio Tallarico - 191 pmdb
Farah Jorge - 188 pmdb
Humberto Coelho - 174 pds1
José Carlos Calza - 174 pds1
Milton Sebastião Factor - 172 pds1
Sebastião Carlos Zapeloni - 169 pds1
Ricardo Carandina - 151 pmdb
Eduardo Ibanez - 149 pmdb
José Antonio Moffato - 149 pds1
Antonio Carlos Fuzaro - 142 pmdb
Moacyr Vizotto - 137 pds1
Clara Ester do Amaral Donegá - 136 pds1
João Augusto Cirelli - 136 pds2
Edevaldo Franco Júnior - 131 pmdb
Cacilda de Lourdes Gallo Guimarães - 128 pmdb
José Francisco Barbalho - 124 pmdb
Benedito Mazaro - 123 pmdb
José Carlos Pivesso - 108 pds2
Luiz Fernando Zaffalon - 105 pds3
Luiz Gonzaga Lício - 104 pmdb
Antonio Donizetti Marchesin - 104 pds3
Carlos Roberto Garcia - 95 pmdb
Salvador Trabasso - 95 pds1
Reynaldo Penatti - 95 pds3
Lázaro Navas Delgado - 94 pmdb
Luiz Eduardo - 87 pds3
José Roberto Moreira - 81 - pds3
Maury Timótheo do Amaral - 80 pds1
Pedro Gaspar - 78 pds1
Mário Bonitátibus - 74 pds1
Albino Vicente Sicchiroli - 73 pds1
Sebastião Flávio Verona - 70 pmdb
Samuel Rodrigues Morgado - 68 pds1
Gilberto Luiz de Oliveira Zóia - 68 pmdb
Mário dos Santos - 66 pds3
Fernando Carlos Bordon - 61 pmdb
Antonio Oswaldo Assoni - 60 pmdb
João Carlos Souza - 58 pds2
Francisco Perez - 58 pds2
Adão Bertolucci - 54 pmdb
César Tadeu Sabongi Gürtler - 49 pds2
José Ignácio Alonso - 48 pmdb
Luiz Antonio Casteglioni - 46 pds2
Maria Helena Arruda Celidoneo - 45 pmdb
Luiz Roberto de Souza - 44 pmdb
Lourenço Casteglioni - 30 pds2
Pedro Luiz Perna - 21 pds3
José Sebastião Monzani - 20 pds2
José Maria de Oliveira - 19 pmdb
Oswaldo Curciol - 11 pds2

ELEIÇÕES MUNICIPAIS 15/11/1988

Total de eleitores - 13.074

Conheça Descalvado

Luiz Carlindo Arruda Kastein

Votaram - 12.545 (95,95%)
Abstenções - 529 (4,05%)

Prefeitos:

Mauro Benedito de Lima (ptb/pds) - 7474 votos - 59,57%
Armando Marcatto (pmdb) - 2825 votos - 22,51%
Orlando Bertini Filho (pt) - 323 votos - 2,57%

Vices:

Luiz gonzaga fortunato da silva
Moycir Rusca
Wagner Poltronieri

Votos brancos - 1.306 (10,41%) votos
Votos nulos - 374 (2,98%)

Vereadores

(*) - eleitos

José Carlos Calza - 544 ptb(*) 4,34%
José Antonio Todescan Gabrielli - 306 pds(*)
Gismar Manoel Mendes - 261 ptb(*)
José Dias Bolcão - 248 pmdb(*)
Antonio Luiz Marcos - 248 ptb(*)
Antonio Carlos Reschini - 239 ptb(*)
Marco Antonio Strozzi - 232 ptb(*)
Milton Sebastião Factor - 219 ptb(*)
Sebastião José Ricci - 212 pds(*)
Avelino Gava Filho - 185 ptb(*)
José Luiz Rosindo - 178 ptb(*)
Waldemir Osmar Chiaratti - 170 ptb
Ricardo Brassaloto - 163 ptb
Humberto Coelho - 156 pds
Sebastião Modesto dos Santos - 155 ptb
João Augusto Cirelli - 149 pds
Oswaldo Neves - 147 ptb
Accácio Rusca Júnior - 145 pmdb(*)
Luciano Laurindo Feliciano - 143 pmdb(*)
Sebastião Francisco Bonani - 143 ptb
José Antonio Lefcadito Alves - 139 pmdb(*)
Mario dos Santos - 137 ptb
Valdir Aparecido Moffato - 137 ptb
Cláudio Romantini - 131 pmdb(*)
João Donizetti Trombini - 131 ptb
Dirceu Clemente Filla - 137 ptb
Clara Ester do Amaral Donegá - 122 ptb
Sebastião Roberto Traldi - 118 pmdb
Otávio Scapin - 116 ptb
Celso Antonio Jacintho - 110 pmdb
Nelson Ruiz - 110 pmdb
José Bauman - 108 ptb
José Benedito Motta - 104 ptb
Flávio Perna - 104 pmdb
Jorge Luiz Bertini - 103 pfl
Maria Angela Marcomini - 100 pmdb
José Valentim - 99 pmdb
Izoldino Laurindo Monzani - 96 pmdb
Silvio Bellini - 96 pmdbB
José Carlos Pivesso - 94 pds
José Ramalho Gabrielli Júnior - 93 pmdb
Victorino Pozzi Júnior - 91 pmdb
José Emílio Belli - 91 pds
Francisco Perez - 90 pds
Gilson José Romanelli - 88 pt
Angela Maria Villa Albieri - 87 ptb
José Maria Constante Melki - 86 ptb
Maria Luiza Cereda - 86 pmdb
Geraldo Antonio Traldi Júnior - 83 pmdb
Maury Timótheo do Amaral - 83 pds
Fernando Carlos Bordon - 82 ptb
Benedito Mazaro - 80 pmdb
Paulo César Marini - 77 ptb
Celio Colucci Moezinho - 77 ptb
João Carlos Coelho - 76 ptb
Caio Cesar Arantes Silveira - 73 ptb
Ináh Aparecida Guimarães - 72 ptb
Luiz Eduardo - 70 pds
José Lázaro Crupe - 69 pt
José Francisco Barbalho - 69 pmdb
João Carlos de Souza - 68 ptb
Salvador Trabasso - 68 pds
Ambrósio Frederico - 67 ptb
Santo Costa - 63 pds
Armando José Zambrano - 63 pmdb
Arlindo Mazzola Júnior - 62 ptb

Moacyr Vizotto - 62 pds
Antonio Patracão - 61 ptb
Antonio Carlos Fuzaro - 59 pmdb
Wanderlei Oliveira Martins - 58 pfl
José Francisco Guilherme - 57 ptb
Eliana Aparecida Ferreira - 54 ptb
Adilson José Spido - 54 pfl
Gilberto Bertini Júnior - 54 pfl
Geraldo Marcatto - 51 pmdb
Ovídio Francisco Prata - 50 ptb
Joaquim Roberto Traldi - 48 ptb
Gilberto Luiz de Oliveira Zóia - 48 pmdb
José Francisco de Moraes - 48 pfl
Sebastião Navas - 48 pfl
Luiz Manoel Palomar - 47 pfl
Flávio Tallarico - 44 pmdb
Carmem Moreira Faria - 44 ptb
Mário Nelson Jordão - 43 ptb
Odair Cassamasso - 43 pds
José Carlos Pugina - 44 pmdb
José Oscar Bertolucci - 43 pfl
João Luiz Felipe - 42 pfl
Cecília Fernandes Gonçalves - 38 pfl
Célio Valdemir Biazoli - 37 pfl
Sérgio Luiz Sartori - 36 pfl
Sebastião Flávio Verona - 35 pmdb
Luiz Gonzaga Lício - 35 pmdb
Clóvis Alvares Ferreira - 34 pmdb
Antonio Paulo Perna - 34 ptb
João Aparecido de Campos - 34 pfl
José Luiz Bellini - 34 pfl
Edilson Alton - 33 pfl
João Rafael Martins Fernandes - 33 pds
José Orlando dos Santos Filho - 32 ptb
José Carlos Quatrochi - 30 pfl
Luiz Franco - 30 pmdb
Hélcio Machado Júnior - 29 pmdb
Sebastião Leonardo da Silva - 29 pmdb
Alberto Merlin - 28 ptb
Adalberto Diniz Francisco - 27 pmdb
Sebastião Roberto Bertolucci - 27 pt
Sebastião Luiz Paulino - 26 pfl
Antonio Augusto Scarabel - 26 ptb
Genésio Sebastião Dolce - 25 pfl
José Aparecido da Silva - 21 pt
Pedro Luiz Perna - 21 pds
Aparecido Vítório Bruno - 20 pmc
Maria de Lourdes Dellalibera Benine - 19 pt
Francisco Carlos Zóia - 18 ptb
Domingos Natalino Cherelli - 18 pfl
Dorival Antonio Maciel - 18 ptb
José Próspero Puoli - 17 pmdb
Orlando Palomar - 17 pfl
Alfredo Aparecido de Mello - 17 pfl
Oswaldo Curciol - 15 pds
Luiz Fernando Zaffalon - 14 pds
Antonio Manoel Palomar - 12 pfl
Benedito Luiz de Carvalho - 11 pmdb
Abigail Angela da Silva - 10 pt
Genésio Rodolpho - 10 pt
Durvalino Meletti - 6 pmc
Affonso Maríngolo - 5 pfl
Edgar Vieira de Mello - 5 pfl
Antonio José Costa Leme - 4 pfl

ELEIÇÕES MUNICIPAIS - 03/10/92

Número de eleitores - 16.035
Número de votantes - 14.857 - 92,65%
Abstenção - 1.178 - 7,35%

Candidatos a Prefeito e Vice:

José Carlos Calza - pfl
 José Antonio Todescan Gabrielli - pds
 7.399 votos - 52,61%

Tomás Vita - pmdb
 Cláudio Romantini - pmdb
 5.027 votos - 35,75%

votos nulos - 794 - 5,34%
 votos brancos - 1.637 - 11,64%

VEREADORES:

Votos em branco para
 vereador - 1.076
 Votos nulos para vereador
 - 1.242

(a) - Coligação -
 pds/ptb/pfl/psd
 (b) - Coligação -
 pt/pmdb/psdb
 (c) - pl
 (*) Eleitos

Sebastião José Ricci - 612
 (a) (*) - 4,12%
 Accácio Rusca Júnior - 511
 (b) (*)
 Gismar Manoel Mendes -
 458 (a) (*)
 José Luiz Rosindo - 424 (a)
 (*)
 Armando Marcatto - 390
 (b) (*)
 Antonio Carlos Reschini -
 316 (a) (*)
 Wladimir José Assoni - 311 (b) (*)
 José Antonio Lefcadito Alvares - 302 (a) (*)
 João Donizette Trombini - 290 (a) (*)
 Silvio Bellini - 254 (b) (*)
 Antonio Luiz Marcos - 248 (a)
 Mario dos Santos - 245 (a)
 Luciano Laurindo Feliciano - 244 (a)
 Sebastião Roberto Traldi - 239 (b) (*)
 Nelson Ruiz - 228 (b)
 Humberto Coelho - 207 (a)
 Maria Angela Marcomini - 205 (b)
 José Dias Bolcão - 204 (b)
 Jair Aparecido Marcolino - 195 (a)
 José Valentim - 194 (b)
 João Antonio Motta - 192 (b)
 Geraldo Cerantola - 187 (a)
 Sebastião Francisco Bonani - 180 (a)
 Jorge Luiz Bertini - 174 (b)
 Arlindo Geraldo Barbalho - 169 (b)
 Antonio Donizetti Paiva - 156 (a)
 Sebastião Geraldo Borim - 154 (b)
 Luiz Manoel Palomar - 152 (a)
 Olívio Donizetti Fernandes - 142 (a)
 Milton Luiz de Arruda Francisco - 141 (b)
 Fernando Carlos Bordon - 138 (a)
 Paulo Luiz Arruda Cardoso - 130 (a)
 Valentim Aparecido Patracão - 125 (b)
 Luis Ismael Franceschini - 124 (b)
 Gilberto Bertini Júnior - 123 (a)
 Jenner Luiz de Faria Júnior - 117 (b)
 Reinaldo José Pinheiro - 117 (b)
 Sérgio Wanderley Zerbetto De Marco - 117 (a)
 Silas Pedroso - 116 (a)
 Sebastião Navas - 110 (a)
 Reni Farias Cabral - 109 (a)
 Luiz Quirino do Nascimento - 108 (a)
 Antonio Patracão - 107 (a)
 Silvio De Marco De Souza - 102 (a)
 Andreilino Casare - 101 (b)
 Octávio Scapim - 101 (b)
 Júlio Adão - 95 (a)
 Maury Timótheo do Amaral - 92 (a)
 Carolina Vick Francisco - 88 (b)
 Aparecido Valentim Daniel - 85 (b)
 José Carlos Quatrochi - 84 (a)
 Maria Aparecida Belli - 83 (b)
 Luiz Antonio Brandão - 82 (b)



Comício realizado na Praça da Matriz no ano de 1959 quando o prefeito Jayme Regallo Pereira (primeiro da esquerda para a direita) apoiava Antonio Erveu Betarello para a Prefeitura Municipal.

Gilberto Luiz de Oliveira Zóia - 81 (b)
 Ana Paula Peripato Guerra - 81 (b)
 Salvador Trabasso - 77 (a)
 Sebastião Luiz Paulino - 76 (a)
 Luiz Eduardo - 75 (a)
 Rinaldo Ângelo Bertolucci - 71 (b)
 Santo Costa - 70 (a)
 Anadir Passeano Tkaczuk - 67 (a)
 João Carlos Veduatto - 66 (b)
 Luiz Gonzaga Lício - 64 (b)
 Renê Rigo - 64 (b)
 Osmir Carlos Alves de Lima - 58 (b)
 Antonio L. Soares Moraes (Mané Borracheiro) - 56 (b)

Francisco Carlos Perez - 52 (b)
 Luiz Waldir Colombo - 52 (b)
 José Paulo Canha - 49 (b)
 Ernesto Lastória - 48 (a)
 Pedro Gaspar - 47 (a)
 Dirceu Desterro de Campos -
 46 (b)
 Neusa Aparecida Chiaretto
 Marques - 43 (b)
 Joacyr Luiz Perna - 42 (a)
 Sebastião Roberto Bertoluci -
 41 (b)
 Aparecido Vitório Bruno - 40
 (b)
 Estevão Aparecido Horvate -
 36 (c)
 Luiz Carlos Vicente - 31 (b)
 Décio Sebastião Alfieri - 30
 (b)
 Achilles Derico Júnior - 30 (c)
 José Luiz Assoni - 29 (a)
 Luiz Alair Bueno - 27 (a)
 Roseli Bertolucci - 27 (a)
 Wagner Poltronieri Perez - 26
 (b)

Oswaldo Cruciol - 19 (a)
 José Irineu Gallo - 19 (a)
 Carlos Aparecido da Fonseca - 16 (b)
 João Luiz Felipe - 13 (a)
 Wanderlei de Oliveira Martins - 7 (a)
 José Márcio Magalhães Menendes - 3 (c)
 Rosemara Leite Soria - 2 (c)

ELEIÇÕES MUNICIPAIS - 03/10/96**Curiosidades:**

- Pela primeira vez na história do município é eleita uma mulher para compor a Câmara - Maria Angela Marcomini, que entretanto não cumpriu seu mandato, vindo a falecer no dia 5 de junho de 1997.

- Nesta eleição o Juiz Eleitoral Dr. Ettore Geraldo Avólio proibiu a "boca de urna", permitindo um clima de total tranquilidade na cidade.

- O Juiz Eleitoral Dr. Ettore Geraldo Avólio, por erro no programa de computação do TRE - Tribunal Regional Eleitoral proclamou eleito o vereador Gismar Manoel Mendes. Verificada a falha constatou-se que a vaga seria do PFL e não do PTB, assumindo assim Edevaldo Benedito Guilherme Neves.

- A Câmara Municipal eleita foi renovada quase que na totalidade de seus membros, uma vez que reeleito foi somente o vereador Antonio Carlos Rischini (Becão).

Número de eleitores - 18.078
 Número de votantes - 15.937 - 88,16%
 Abstenção - 2.141 - 11,84%

CANDIDATOS A PREFEITO E VICE:

José Antonio Todescan Gabrielli - psdb
 Accácio Rusca Júnior - pfl
 (coligação psdb-ppfl-ptb)
 5.385 votos - 33,79%

Tomás Vita - pmdb
 Wladimir José Assoni - pmdb
 4.887 votos - 30,66%

Sebastião José Ricci - ppb
 Luís Antonio Panone - psd
 (coligação ppb/psd)
 3.167 votos - 19,87%

Luiz Gonzaga Fortunato da Silva - pl

Sebastião Roberto Traldi - pl
1.212 votos - 7,6%

Votos nulos - 993 - 6,23%
Votos brancos - 293 - 1,84%

VEREADORES:

(A) - Coligação - PSDB/PTB/PFL
(B) - PMDB
(C) - Coligação - PPB/PSD
(D) - PL
(*) - Eleitos

Henrique Fernando do Nascimento - 1.345 (A) (*) - 8,44%
Luiz Carlos Rosa Vianna - 760 (B) (*)
Paulo Cesar Bermudes - 543 (B) (*)
Antonio Carlos Reschini - 479 (A) (*)
Maria Angela Marcomini - 383 (B) (*)
Flavio Luiz Ancetti - 380 (B) (*)
Luiz Antonio do Pinho - 373 (A) (*)
Silvio Bellini - 351 (B) (*)
Gismar Manoel Mendes - 335 (A)
Rubens Algarte de Rezende - 322 (A) (*)
Helton Antonio Venâncio - 315 (B)
Armando Marcatto - 300 (B)
Mario dos Santos - 294 (C) (*)
José Arthur Galetti - 285 (D)
Luciano Laurindo Feliciano - 282 (A) (*)
José Valentim - 250 (B)
Humberto Coelho - 244 (B)
Edevaldo Benedito Guilherme Neves - 238 (A) (*)
Luiz Octávio Altoé - 238 (A)
Márcio Luís Fregonezi - 231 (A)
Antonio Donizetti Paiva - 227 (C)
José Antonio Lefcadito Alvares - 220 (A)
Jorge Taylor Moraes Secaf - 219 (C)
João Carlos Veduato - 208 (B)
Júlio Adão - 204 (C)
João Donizetti Trombini - 197 (A)
Sebastião Geraldo Borim - 186 (B)
Geraldo Cerantola - 174 (A)
Zelma Juvelina Gava - 162 (B)
Maria Alzira Colucci Cicconi - 157 (A)
Ana Paula Peripato Guerra - 152 (A)
Argeu Donizetti Reschini - 144 (A)
José Antonio Ivo de Medeiros - 143 (D)
Clara Ester do Amaral Donegá - 136 (A)
Antonio Augusto Scarabel - 122 (A)
Paulo Luís Arruda Cardoso - 115 (C)
Rosa Maria Vazquez Parga Bonitátibus - 111 (A)
Jair Mariano de Carvalho - 111 (C)
Adilson José Spido - 109 (D)
João Ferdinando - 107 (A)
Pedro Donizetti Costa - 106 (C)
Lauro Cesar Daddio - 105 (D)
Reni Farias Cabral - 105 (C)
Antonio Patracão - 100 (A)
Olívio Donizetti Fernandes - 98 (C)
Lázaro Dresler Júnior - 92 (A)
José Geraldo Mazola - 89 (A)
Estevão Aparecido Orvatte - 86 (A)
Tânia Aparecida Cunha Prevatto - 83 (C)
Carlos Aparecido da Fonseca - 82 (A)
Rosemary de Fátima Marinelli - 77 (B)
Accácio Ferraz - 67 (D)
Edson Luiz Fontanini - 65 (A)
Benedito Osvaldo Brambilla - 63 (C)
José Carlos Quatrochi - 59 (C)
Jair Cassamasso - 55 (C)
Teresinha Helena Valentim - 55 (A)
Eder Rogério Gouveia - 54 (A)
Benedito Celso Martimiano - 52 (D)
Gilberto Costa Martins da Rocha - 52 (A)
José Paulo Zucchi - 49 (A)
Neide dos Santos Brinner - 47 (C)
Ernesto Lastoria - 45 (A)
Carmem Moreira Faria - 45 (A)
Edi Nelson dos Santos - 42 (C)
Ednar Bernadotti - 42 (A)
José Roberto Reis Correia - 42 (D)
Jefferson Luis da Matta - 41 (A)
Paulo Saraiva - 40 (C)
Messias de Oliveira - 40 (D)
Conceição Aparecida Zafalon - 34 (C)
Celso Severino - 33 (C)

Donizetti Aparecido Maiello - 33 (C)
José Márcio Magalhães Menendes - 28 (D)
Isabel Passos Maracajá - 26 (A)
Valéria Cristina Landi Cabianca Rodrigues Leite - 25 (A)
Maria Antonia do Amaral - 25 (A)
Daniel Mateus - 25 (C)
José Roberto Costa Leme - 25 (D)
Álvaro Reynolds Teixeira Cardoso - 21 (A)
Shirley de Oliveira Maciel - 16 (D)
Helder Sebastião Vieira - 12 (C)

ELEIÇÕES MUNICIPAIS – 01/10/2.000

Número de eleitores: 20.036
Número de votantes: 17.618 – 87,93%
Abstenção: 2.418 – 12,07%
Número de seções: 37

CANDIDATOS A PREFEITO E VICE:

José Carlos Calza – PSDB/PFL/PPB/PTB
Luiz Antonio do Pinho
11.056 votos – 77,19%

Douglas de Moraes Junior – pl/pdt/pv
Joaquim Roberto Traldi
3.268 – 22,81%

Votos brancos: 1.522 – 8,64%
Votos nulos – 1.772 – 10,06%

VEREADORES:

(*) Eleitos

Sebastião José Ricci – 1.053 – PPB (*)
Tomás Vita – 966 – PMDB (*)
Luiz Carlos Rosa Vianna – 855 – PPS (*)
Luís Antonio Panone – 731 – PPS (*)
Antonio Carlos Reschini – 575 – PTB (*)
Henrique Fernando do Nascimento – 542 – PSDB/PFL (*)
Edevaldo Benedito Guilherme Neves – 537 – PTB (*)
Rubens Algarte de Rezende – 515 – PSDB/PFL (*)
Donald Daniel Calza – 468 – PL/PDT/PV (*)
Helton Antonio Venâncio – 448 – PPB (*)
José Francisco Barbalho – 430 – PPS
José Dias Bolcão – 392 – PTB
Rosilene Bertolucci – 366 – PPS
Walter Paganotto Filho – 338 – PL/PDT/PV
Luciano Laurindo Feliciano – 324 – PSDB/PFL
Luís Ismael Franceschini – 297 – PTB
Silvio Bellini – 255 – PMDB (*)
Flavio Luiz Ancetti – 244 – PPS
Carlos Alberto de Freitas Martins – 231 – PMDB
Sebastião Roberto Traldi – 208 – PL/PDT/PV
Luís Manoel Palomar – 203 – PSDB/PFL
Pedro Donizetti Costa – 179 – PL/PDT/PV
Argeu Donizetti Rischini – 167 – PSDB/PFL
Vladimir José Assoni – 165 – PMDB
Armando Marcatto – 156 – PMDB
Adilson Mazaro – 141 – PPS
Paulo Cesar Bermudes – 140 – PMDB
Marcelo Slanzon – 139 – PL/PDT/PV
Vagner Mazaro – 132 – PTB
Humberto Coelho – 132 – PMDB
José Valentim – 126 – PMDB
Maria Ângela Fulino de Souza – 124 – PPS
Ângela Maria Lima Villa Albieri – 123 – PSDB/PFL
Tânia Aparecida Cunha Prevatto – 119 – PSD/PFL
José Carlos Quatrochi – 112 – PPB
José Carlos Veduato – 112 – PSDB/PFL
Zelma Juvelina Gava – 109 – PMDB
Mario dos Santos – 102 – PPB
Isabel Pessoa – 101 – PMDB
Luís Roberto Rizzi – 99 – PPB
Benedito Plana Vitulio – 98 – PPB
Alécio Aparecido Conti – 97 – PPB
Antonio Patracão – 96 – PTB
Roberto de Jesus Girotti – 93 – PPB
Helcio Machado Junior – 92 – PSDB/PFL
Odete Araujo de Andrade – 86 – PPB
Julio Adão – 86 – PSDB/PFL
Jéferson Luiz Machado Lício – 79 – PL/PDT/PV
Maria Aparecida Longo – 78 – PSDB/PFL
Sebastião Oscar Machado – 76 – PL/PDT/PV
Carlos Aparecido Baldan – 75 – PPB
Carlos de Campos – 74 – PPS
Débora Farias Cabral – 74 – PPS

Carlos Henrique de Lima – 74 – PTB
João Pedro Romão – 72 – PSDB/PFL
José Roberto Costa Leme – 68 – PTB
Maria de Lourdes Factor Inácio – 61 – PPB
Sebastião Aparecido Cassamasso – 59 – PL/PDT/PV
Teresinha Helena Valentim – 55 – PSDB/PFL
Luiz Antonio Pimenta – 51 – PL/PDT/PV
Paulo Henrique Maciel Bailly – 49 – PTB
Marcelo Alessandro Cassamasso – 49 – PSDB/PFL
Luís Fernando da Silva Pires – 41 – PPB
Norberto Sebastião Vieira – 41 – PSDB/PFL
Carmem Moreira Faria – 40 – PSDB/PFL
Adão Bertolucci – 40 – PSDB/PFL
Fátima Aparecida de Aquino Favareto – 39 – PL/PDT/PV
Paulo Roberto Ferreira Nunes – 37 – PSDB/PFL
Antonio Carlos Scarelli – 36 – PPS
Luiz Antonio de Oliveira – 33 – PL/PDT/PV
Almir Segantim – 33 – PSDB/PFL
Ernesto Lastoria – 31 – PTB
Wilson Roberto Marchesin – 30 – PL/PDT/PV
Francisco Carlos Bispo – 29 – PTB
Antonio Carlos Angelucci Junior – 27 – PPB
Lázaro Dresler Junior – 25 – PL/PDT/PV
Adaíl Locca – 21 – PTB
Humberto Carlos Perna – 21 – PSDB/PFL
Vicente Pedro Moreira – 20 – PL/PDT/PV
José Maria de Oliveira – 19 – PPS
Angélica Viviane Siqueira – 16 – PPB
Antonio do Prado Pereira – 16 – PL/PDT/PV
Ana Claudia Dallarte – 15 – PL/PDT/PV
Solange Custódio da Silva – 14 – PL/PDT/PV
Rita de Cássia Francisco Canova – 13 – PMDB
José Antonio Ravasi – 12 – PPB
José Alfredo de Souza Dias – 10 – PPS
Daniela Santana Felipe – 6 – PL/PDT/PV
Fernando Luiz Rodrigues – 5 – PL/PDT/PV

ELEIÇÕES MUNICIPAIS – 01/10/2.004

Número de eleitores: 22.263
Número de votantes: 19.124 – 85,90%
Abstenção – 3.139 – 14,10%
Número de seções – 47

CANDIDATOS A PREFEITO E VICE:

José Carlos Calza – PDT/PFL/PSB
Luiz Antonio do Pinho
8.941 votos – 50,99%

Luís Antônio Panone
Tomás Vita
8.595 votos – 49,01%

Votos brancos: 490 – 2,56%
Votos nulos: 1.098 – 5,74%

VEREADORES

(*) Eleitos

Votos válidos: 17.832 (93,24%)
Votos brancos: 714 (3,73%)
Votos nulos: 578 (3,02%)
Curiosidade: Neste ano foi eleita vereadora a segunda mulher da história de Descalvado, Rosilene Bertolucci.

Candidato

HENRIQUE FERNANDO DO NASCIMENTO (PFL) (*) – 1.049
RUBENS ALGARTE DE REZENDE (PSDB) (*) – 805
ANTÔNIO CARLOS RESCHINI (PTB) (*) – 736
ALDO JOSÉ FREGONEZI (PPS) (*) – 688
MAURO BENEDITO DE LIMA (PTC) (*) – 667
JOSÉ FRANCISCO BARBALHO (PPS) – 657
ROSILENE BERTOLUCCI (PSDB) (*) – 551
LUIZ FERNANDO RAYMUNDO (PTB) – 520
SEBASTIÃO JOSÉ RICCI (PP) (*) – 491
GILSON DOS SANTOS RODRIGUES (PT) – 487
HELTON ANTONIO VENANCIO (PP) – 458
DONALD DANIEL CALZA (PSDB) – 445
JOSÉ DIAS BOLÇÃO (PDT) (*) – 434
EDEVALDO BENEDITO GUILHERME NEVES (PSDB) (*) – 420
LUÍS ISMAEL FRANCESCHINI (PTC) – 398
YUJI YAJIMA (PTB) – 388
CARLOS ALBERTO DE FREITAS MARTINS (PMDB) – 356

ACCÁCIO RUSCA JÚNIOR (PFL) – 350
GISMAR MANOEL MENDES (PP) – 305
WLADIMIR JOSE ASSONI (PMDB) – 276
VAGNER ANTÔNIO AUGUSTO (PSDB) – 241
SERGIO ANTÔNIO RUY (PMDB) – 224
JORGE TAYLOR MORAES SECAF (PPS) – 209
NELSON ÂNGELO DO NASCIMENTO GALETTI (PFL) – 207
REINALDO JOSÉ PINHEIRO (PPS) – 206
FABIO JOSÉ FERRAZ (PV) – 187
LUIZA DE CÁSSIA TINELLI (PMDB) – 178
LUIZ ANTÔNIO RIBEIRO (PPS) – 177
IRENE MARIA ASMUS (PFL) – 176
MARIA JOSÉ COLOMBO (PMDB) – 167
MARCOS ANTONIO GIOLO (PMDB) – 147
VALDIR DONIZETTI FRASSI (PDT) – 143
MARIO DOS SANTOS (PPS) – 139
LÁZARO DRESLER JÚNIOR (PDT) – 137
MARIO SEBASTIÃO BONITATIBUS (PV) – 135
MARCOS MAZOLA (PP) – 122
SILVIO CLÁUDIO ROSA VIANNA (PPS) – 121
EUNICE MARLINA LUIZ (PT) – 121
PEDRO DONIZETTI COSTA (PFL) – 120
JOSÉ CARLOS QUATROCHI (PP) – 118
DEBORA FARIAS CABRAL (PMDB) – 107
MAURÍCIO THADEU MACHADO (PSDB) – 106
JAMIL APARECIDO BEZERRA CAVALCANTE (PP) – 94
DELAYR CASSAMASSO (PPS) – 91
MARCOS ALVES SILVA (PSDB) – 88
DEBORA MARIA DE FALCO CERANTOLA (PSB) – 86
ROBERTO DIAS DOS SANTOS (PP) – 82
JOSÉ AUGUSTO PAIVA (PT) – 82
ANGELA MARIA LIMA VILLA ALBIERI (PPS) – 81
EDINAR BERNARDOTTI (PSDB) – 79
ANADIR PASSEANO TKACZUK (PFL) – 78
LUCIANE VITORINO (PFL) – 74
SÔNIA DE FÁTIMA ALBIERI (PPS) – 74
MARIA LUCIA COLUCCI IZEPI (PMDB) – 73
JÚLIO ADÃO (PDT) – 70
APARECIDA LOPES DA SILVA (PV) – 70
JOSÉ LUÍS RODRIGUES (PV) – 69
ODETE ARAÚJO DE ANDRADE (PP) – 69
ROGERIO DO NASCIMENTO GALETTI (PMDB) – 68
ROBERTO PAULINO TOMAZ (PP) – 63
LUIZ CARLOS DE LIMA (PPS) – 62
EDNA FULINO PRESTA (PV) – 61
MARIA APARECIDA BARBOZA PEREIRA (PTB)
HUMBERTO SEBASTIÃO COELHO JUNIOR (PP)
MARIA DE LOURDES CHIARETO (PTB)
PEDRO LAURO ROZINDO (PFL)
VALTER AUGUSTINHO DALL’ACQUA JUNIOR (PFL)
RODRIGO ALEXANDRE DE OLIVEIRA (PFL)
IVAN OTAVIANO (PFL)
APARECIDO VITÓRIO BRUNO (PTC)
TATIANA APARECIDA TESSARIM (PP)
SONIA MARIA LEITE MORENO (PP)
MARIA JOSÉ SOUZA DIAS (PTB)
MARLEI TEREZINHA OLIVEIRA GÔES CRUPE (PFL)
ADNAN ROGÉRIO JARINA (PT)
MARIA APARECIDA DA SILVA ALVES (PPS)
DALMIR FERRANDI (PTB)
ANTÔNIO CARLOS NOGUEIRA (PT)
MARCELO AUGUSTO MONZANI (PSDB)
MAGDA APARECIDA MAROLDE SILVA (PT)
ANTÔNIO DO PRADO PEREIRA (PT)
KATIUSCIA PATRÍCIA COELHO (PL)
BENEDITA APARECIDA PITANGUY (PFL)
SEBASTIÃO JESUÍNO (PT)
OTÁVIO TEIXEIRA (PT)
DOUGLAS FABIANO DE ASSIS (PT)

ELEIÇÕES 2008					
Candidato	nº	Coligação	Votos	% válidos	
PANONE	2,732	PT - PTB - PC do B - PPS - PV	7.916	41,49	
HENRIQUE	2,525	PRB - PP - PSC - DEM	6.708	35,16	
DR. RUBENS	2,234	PMDB - PDT - PSB	4.453	23,34	
	356	2	total	%	

Candidato	nº	Coligação	Votos	%válidos	Candidato	nº	Partido	Votos	%válidos
Branços:			543	2,64	JEZINHO DA	11613	PP	98	0,51
Nulos:			918	4,47	DESCALVIDROS				
Total de votos válidos:			19.077	92,89	MARCOS GIOLO (SUP	23634	PPS	90	0,47
Eleitores:			24.118	-	GUELLERO)				
Comparecimento:			20.538	85,16	ERNESTO CIRELLI	15017	PMDB	89	0,46
Total de seções:			56	-	MOTINHA	20200	PSC	84	0,44
Seções totalizadas:			56	100,00	QUATROCHI DO	11630	PP	84	0,44
					ONIBUS				
					JOÃO DOS SANTOS	45333	PSDB	81	0,42
					PREGO	12121	PDT	80	0,42
					RENATO ANTOCHIO	11660	PP	80	0,42
					OSVALDO VIEIRA	11644	PP	76	0,40
					GONZAGUINHA	10051	PRB	75	0,39
					LENITA DA AVON	11677	PP	69	0,36
					LUIZ ALBIERI	11620	PP	69	0,36
					RICARDO BERTINI	23000	PPS	68	0,35
					SABARÁ	15444	PMDB	68	0,35
					TÂNIA PREVATTO	23222	PPS	68	0,35
					PAULA CARVALHO	43333	PV	67	0,35
					(DELEGACIA)				
					MARILDA	23888	PPS	64	0,33
					ADELMO	13013	PT	63	0,33
					CHICO CEARA	11646	PP	63	0,33
					ZÉ PAIVA	13456	PT	63	0,33
					PAULA DA VACINA	22500	PR	62	0,32
					RODRIGO DA	25690	DEM	62	0,32
					MICROLINS				
					ANGELITA	15340	PMDB	60	0,31
					SUSE FRANZIN	25789	DEM	57	0,30
					FREDERIGO	25455	DEM	53	0,28
					CIDA LOPES	15222	PMDB	48	0,25
					BETO VILLANI	15333	PMDB	47	0,25
					O LOBISOMEN	25324	DEM	46	0,24
					ROGERIO	25025	DEM	46	0,24
					CASTEQUINI				
					IVAN OTAVIANO	25500	DEM	41	0,21
					TONINHO BOMBEIRO	25123	DEM	39	0,20
					JULIO ADÃO	12555	PDT	36	0,19
					SÉRGIO DE MARCO	40123	PSB	35	0,18
					SANGA	25999	DEM	33	0,17
					DITA PITANGUY	45666	PSDB	32	0,17
					MARCOS TESSARIN	40222	PSB	32	0,17
					DOMENICA FABIANA	11690	PP	28	0,15
					JUSSARA	11680	PP	28	0,15
					ELIANE BIAZZI	45123	PSDB	24	0,13
					DEBORA	25777	DEM	20	0,10
					CERANTOLA				
					ANA	11670	PP	18	0,09
					NELSINHO GALETTI	25111	DEM	17	0,09
					RÔ DO BAR DA	25012	DEM	15	0,08
					RODOVIARIA				
					VALDETRUDES	45112	PSDB	13	0,07
					MARISA MONZANI	23555	PPS	9	0,05
					ADRIANA	20202	PSC	6	0,03
								total	%
					Branços:			831	4,05
					Nulos:			551	2,68
					Total de votos válidos:			19.156	93,27
					Eleitores:			24.118	-
					Comparecimento:			20.538	85,16
					Total de seções:			56	-
					Seções totalizadas:			56	100,00
					ELEITOS				

Partido	nº	Votos	%válidos
PP			
RICCI	11611	770	4,02
PTB			
CESAR PAIVA	14777	409	2,14
MAGELA	14650	510	2,66
PT			
GILSON DO MERCADO	13123	980	5,12
MARCÃO GALETTI	13007	792	4,13
PPS			
ANCETTI	23333	925	4,83
LUIZ CARLOS VIANNA	23456	1.819	9,50
DEM			
PINHO DA CABANA	25666	617	3,22
PSDB			
HELTON VENANCIO	45660	496	2,59

CURIOSIDADES SOBRE AS ELEIÇÕES EM DESCALVADO A PARTIR DE 1955 (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

Menor diferença de votos de candidatos a prefeito:

Eleições de 13/10/63, quando José Ramalho Gabrielli venceu o candidato Waldomiro Bortoletto, pela pequena diferença de 107 votos.

Maior diferença de votos de candidatos a prefeito:

Eleições de 01/10/2000 quando José Carlos Calza venceu Douglas de Moraes Junior por uma diferença de 7.778 votos.

Maior percentual de votos obtido por um candidato a prefeito:

Eleições de 15/11/68 quando o candidato Deolindo Zaffalon como candidato único obteve 83,63% do total de votos.

Menor percentual de votos obtido por um candidato a prefeito:

Eleições de 15/11/82 quando o candidato Deolindo Zaffalon, obteve apenas 1,55% do total de votos.

Vereadores mais votados na história política de Descalvado:

Deolindo Zaffalon nas eleições do ano de 1963 quando obteve 16,43% dos votos. Entretanto não tomou posse pois não pediu afastamento dentro do prazo legal, do cargo que ocupava de Prefeito Municipal.

O segundo mais votado da história de Descalvado foi Jayme Regallo Pereira que obteve 12,29% dos votos nas eleições de 1959, mas também acabou renunciando por não ter eleito seu sucessor na prefeitura: Antenor Erveu Betarello que perdeu as eleições para Deolindo Zaffalon.

O vereador mais votado da história de Descalvado e que tomou posse foi Fernando Augusto Bizarro que obteve 10,64 % dos votos nas eleições de 1972.

Vereador menos votado na história política de Descalvado:

Antonio Bento Rodolfo com 1 voto nas eleições de 15/11/68

Os prefeitos e seus sucessores:

- **Em 1959** Jayme Regallo Pereira apoiou Antonio Erveu Betarello que perdeu as eleições para Deolindo Zaffalon;

- **Em 1963** Deolindo Zaffalon apoiou Waldomiro Bortoletto que perdeu para José Ramalho Gabrielli;

VEREADORES MAIS VOTADOS DE DESCALVADO DE 1955 A 2008

	Nome	Ano	%	Votos	Votantes
1º	Deolindo Zaffalon (<i>concorreram 17 candidatos</i>)	1955	21,10 %	255	1.208
2º	Deolindo Zaffalon (<i>concorreram 35 candidatos</i>)	1963	16,43 %	574	3.493
3º	Jayme Regallo Pereira (<i>concorreram 19 candidatos</i>)	1959	12,29 %	364	2.961
4º	Mário Joaquim Filla (<i>concorreram 30 candidatos</i>)	1968	9,96 %	460	4.617
5º	Fernando Augusto Bizarro (<i>concorreram 22 candidatos</i>)	1972	9,70%	598	6.164
6º	Luiz Carlos Rosa Vianna (<i>concorreram 86 candidatos</i>)	2008	9,5%	1.819	19.077
7º	Henrique Fernando do Nascimento (<i>concorreram 82 candidatos</i>)	1996	8,44%	1.345	15.937
8º	Sebastião José Ricci (<i>concorreram 88 candidatos</i>)	2000	6,51%	1.053	17.618
9º	Henrique Fernando do Nascimento (<i>concorreram 87 candidatos</i>)	2004	5,88%	1.049	19.124
10	Sebastião Roberto Traldi (<i>concorreram 66 candidatos</i>)	1982	5,37%	538	10.012
11	José Antonio Mofato (<i>concorreram 43 candidatos</i>)	1976	4,74%	351	7.398
12	Sebastião José Ricci (<i>concorreram 91 candidatos</i>)	1992	4,35%	612	14.063
13	José Carlos Calza (<i>concorreram 130 candidatos</i>)	1988	4,34%	544	12.545

PREFEITOS MAIS VOTADOS DE DESCALVADO DE 1959 A 2008

	Nome	Ano	%	Votos	Votantes
1º	Deolindo Zaffalon (<i>candidato único</i>)	1968	83,63 %	3.861	4.617
2º	José Carlos Calza (<i>concorreram 2 candidatos</i>)	2000	77,19 %	11.056	17.618
3º	Mauro Benedito de Lima (<i>concorreram 3 candidatos</i>)	1988	59,57 %	7.474	12.545
4º	Deolindo Zaffalon (<i>concorreram 4 candidatos</i>)	1959	58,12 %	1.721	2.961
5º	Tomás Vita (<i>concorreram 4 candidatos</i>)	1982	57,44 %	5.751	10.012
6º	Tomás Vita (<i>concorreram 2 candidatos</i>)	1972	53,63 %	3.306	6.164
7º	José Carlos Calza (<i>concorreram 2 candidatos</i>)	1992	52,61 %	7.399	14.063
8º	José Ramalho Gabrielli (<i>concorreram 2 candidatos</i>)	1963	48,61 %	1.698	3.493
9º	José Carlos Calza (<i>concorreram 2 candidatos</i>)	2004	46,75 %	8.491	19.124
10	Luis Antonio Panone (<i>concorreram 3 candidatos</i>)	2008	41,69 %	7.916	19.077
11º	José Antonio Todescan Gabrielli (<i>concorreram 4 candidatos</i>)	1996	33,79 %	5.385	15.937
12º	Mauro Benedito de Lima (<i>concorreram 3 candidatos</i>)	1976	33,68 %	2.492	7.398

- **Em 1968** Deolindo Zaffalon concorreu como candidato único;

- **Em 1972** Deolindo Zaffalon apoiou Tomás Vita que venceu Moycir Rusca;

- **Em 1976** Tomás Vita apoiou Mauro Benedito de Lima que venceu Deolindo Zaffalon e Armando Marcatto;

- **Em 1982** Mauro Benedito de Lima apoiou Sérgio David Fernandes, que juntamente com os candidatos Jerônimo Cirelli e Deolindo Zaffalon, perderam as eleições para Tomás Vita;

- **Em 1988** Tomás Vita apoiou Armando Marcatto. Neste ano o prefeito eleito foi Mauro Benedito de Lima que venceu além de Armando, à Orlando Bertini Filho;

- **Em 1992** Mauro Benedito de Lima apoiou José Carlos Calza que venceu Tomás Vita;

- **Em 1996** José Carlos Calza apoiou José Antonio Todescan Gabrielli que venceu Tomás Vita, Sebastião José Ricci e Luiz Gonzaga Fortunato da Silva.

- **Em 2.000** José Antonio Todescan Gabrielli não deu apoio a nenhum dos candidatos. José Carlos Calza venceu Douglas de Moraes Junior com 77,19% dos votos.

- **Em 2.004** José Carlos Calza foi re-eleito com 8.941, com uma diferença de somente 346 votos do 2º colocado Luís Antônio Panone.

PODER JUDICIÁRIO

FÓRUM:

- Antigo Fórum e Cadeia Pública - 15/04/1873, demolido em 1969.

- Fórum Atual - denominado Dr. Mário de Moura

Albuquerque, pela lei nº 10.019 de 9 de janeiro de 1968, sancionada pelo Governador Roberto Costa de Abreu Sodré e inaugurado em junho de 1974 pelo Presidente do Tribunal de Justiça, Desembargador José Carlos Ferreira de Oliveira, que presidiu à solenidade e homenageou o jurista Mário Moura Albuquerque.

O edifício foi construído pelo Departamento de Edifícios e Obras Públicas (DOP), da Secretaria de Obras do Estado de São Paulo, tendo 1.530 m², além de terreno de 1.800 m². Consta de dois pavimentos para o Tribunal do Juri, sala secreta e dependência para guarda do réu, gabinete do Juiz, gabinete do Promotor e sala de audiências, dependências de serviços, tendo abrigado também Cartório de 1º e 2º Ofícios, de Registro Civil, de Menores e colocação Familiar e eleitoral.

Juízes de Direito: (Gerson Álfio De Marco/Luiz Carlindo A. Kastein)

01 – 1866/68 - Cândido Xavier de Almeida Souza

02 – 1868/71 - João Guilherme de Aguiar Whitaker

03 – 1871/72 - Francisco Xavier Maretzshom

04 – 1872/72 - Joaquim Inácio de Moraes

05 – 1872/73 - Olímpio Pinheiro de Lemos

06 – 1873/75 - Raymundo da Motta de Azevedo Corrêa

07 – 1875/78 - José Xavier de Toledo

08 – 1878/83 - Ângelo Pires Ramos

09 – 1883/91 - Leônidas Marcondes de Toledo Lessa

10 – 1891/92 - Teodoro Reichert Júnior

11 – 1892/95 - José de Andrade Guimarães

12 – 1895/95 - Miguel de Godoy Moreira e Costa Sobrinho

13 – 1895/97 - Flávio Augusto de Oliveira Queiroz

14 – 1897/97 - Eliseu Guilherme Cristiano

15 – 1897/97 – Manoel Aureliano de Gusmão
16 – 1897/1903 - Ernesto de Moraes Cohn
17 – 1903/08 - Júlio César de Faria
18 – 1908/11 - Manoel Octávio Pereira e Souza
19 – 1911/15 - Nicolau Vergueiro da Silva Gordo
20 – 1915/17 - Renato Fulton Silveira da Motta
21 – 1917/17 – Antonio Leme da Silva
22 – 1917/19 - Júnio Soares Caiuby
23 – 1920/22 - Luciano Esteves dos Santos Júnior
24 – 1923/26 - Augusto Álvaro de Carvalho Aranha
25 - 1926 - Leandro Duarte de Almeida
26 – 1927/33 - Herculano Ribeiro
27 – 1933/36 - Francisco Xavier Machado (escreveu a letra do Hino da Padroeira de Descalvado - Nossa Senhora do Belém)
28 – 1937/42 - Manoel Thomaz Carvalho
29 – 1942/46 - Manoel Carlos da Costa Leite
30 – 1947/54 - Waldomiro Delfino de Amorim Lima
31 – 1954/56 - Marino da Costa Terra
32 – 1956/60 - Renato Torres de Carvalho Filho
33 – 1960/63 - Paulo Virgílio Bueno Magano
34 – 1963/63 – Sinésio de Souza
35 – 1963/66 - Carlos Alberto Oetterer Guedes
36 – 1966/67 - José Luiz Pinto
37 – 1967/68 - Antonio Carlos de Almeida Ribeiro
38 – 1968/70 - Antonio Carlos Debatin Cardoso
39 – 1970/73 - Paulo Bonito Júnior
40 – 1973/77 - José Roberto de Vasconcelos
41 – 1977/83 - Wilson Antonio dos Santos
42 – 1983/84 - Aldemar José Ferreira da Silva
43 – 1984/84 – Arthur Allegretti Joly
44 – 1985/86 - Dario Gayoso Júnior
45 – 1986/89 - Alfredo Luiz Gonçalves
46 – 1989/91 - Carlos Augusto Wood Faria (descalvadense, faleceu em 1991)
47 – 1991/92 - Marco Fábio Morsello
48 – 1992/94 - Jucimara Esther de Lima
49 – 1994/1998 - Ettore Geraldo Avólio
50 – 1999/2005 - Gabriela Müller Carioba Atanasio
51 – 2000/2005 – 1ª Vara – Gabriela Müller Carioba
Através da lei complementar de número 762 de 30 de setembro de 1.994, foi criada em Descalvado a 2ª Vara Judicial que foi instalada no dia 17 de março de 2.000 com a presença do Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, o Desembargador Márcio Martins Bonilha. A primeira Juíza Titular desta Vara foi a Dra. Camila de Lima e Montes Castanho, que depois de casada recebeu o nome de Camila Castanho Opdebeck, que ficou em Descalvado até o dia 24 de novembro de 2005..
53 - 2005/2007 – 1ª Vara - Juliana Crespo Dias

DELEGACIA DE POLÍCIA:

Funcionou em diversos prédios como na rua Cel. Arthu Whitaker, ao lado do antigo Banco Comercial. A Delegacia ficava na frente, e o fundo era residência para delegados e outras autoridades. No banheiro desta residência em 28 de junho de 1941, suicidou-se com um tiro na boca o Delegado Titular Dr. Augusto Silvestre Faria. A Delegacia funcionou depois em prédio na esquina das ruas 15 de novembro com José Bonifácio, ao lado da rodoviária e finalmente junto a Cadeia Pública na rua Dr. Amâncio Penteado, 106

CICLOS ECONÔMICOS (Gerson Álfio De Marco)

FUMO

O fumo teve um importante papel no setor de produção do município de Descalvado. Quem introduziu o fumo em nossas terras foi Tomé Ferreira da Silva, que já o cultivava em sua terra natal Santo Antônio do Machado em Minas Gerais. No ano de 1886, quando o trem chegou a Descalvado trazendo D. Pedro II, produziam-se em nosso município os afamados fumos “Tomé Ferreira” e “Descalvado”, então reputados como os melhores da Província. Mas a cultura do fumo já vinha se desenvolvendo antes deste ano, pois nos anos de 1871 e 1872 já eram encontrados anúncios do fumo de Descalvado, no jornal “Gazeta de Campinas”. Os anúncios das casas comerciais da época, tanto da Capital como da cidade de Campinas, faziam referências as mais elogiosas sobre o fumo de Descalvado, alertando os fregueses com os seguintes dizeres: “Aos amantes do bom fumo, pede-se que não deixem de ver, porque com certeza não encontram igual em qualquer outra parte”. Os dados históricos informam que ao finalizar-se o século XIX, a fumicultura já estava decadente, segundo publicação no “Almanack da Província de São Paulo”, ressaltando-se que

naquela altura, a cultura, em grande escala, era do café, calculando-se em 16 milhões o número de cafeeiros e dizendo-se que o fumo era cultivado em pequena escala, estando quase abandonado o seu fabrico, embora em 1924, a publicação “Os Municípios Paulistas” mencionasse entre as culturas de Descalvado, a do fumo, com “275 arrobas de excelente fumo”. Além de Tomé Ferreira, outro famoso produtor de fumo no Município foi Pedro de Alcântara Camargo que tem seu nome perpetuado em uma via pública da cidade.

CAFÉ

Vamos iniciar com o Parecer da Comissão Central de Estatística de 1886 - “São fertilíssimas as terras de Descalvado, especialmente para o cultivo do café, cuja produção anual é de 400 mil arrobas, devendo dentro de pouco tempo atingir essa produção a 600 mil arrobas, devido a enorme quantidade de novos cafeeiros que existem e que ainda produzem.” Descalvado era uma das maiores fontes produtoras do estado, usufruindo com o dinheiro que a exportação do café trazia para a cidade. Com terras excelentes, obtida imediatamente à derrubada das matas que chegavam a adentrar a cidade. Descalvado era rodeado das melhores fazendas do café. No ano de 1878, Descalvado era o terceiro maior produtor de café, a junto com outros 17 municípios paulistas, enviaram para a França duas mil sacas de café que foram expostas na Exposição Universal de Paris. Os principais produtores de café eram as fazendas: Palmeiras, de Paulo de Souza Queiroz com 35 mil arrobas; a Tamandaré, de Inácio de Mendonça Uchoa com 22 mil arrobas; a Lagoa Alta, de Elisiário Ferreira de Andrade com 20 mil arrobas; a Monte Alverne, de José Ferreira de Figueiredo com 18 mil arrobas; a Santa Maria, de Rafael de Aguiar com 18 mil arrobas; a São Rafael, do Coronel Tobias com 18 mil arrobas; a Jaguarandi e a Bela Aliança, de Nicolau de Souza Queiroz com 12 mil arrobas cada; a São João da Aliança, de Antonio Alves Aranha com 12 mil arrobas; a São Salvador, de Valentim Tobias de Oliveira com 8 mil arrobas e as menores: Monte Alegre de Penteado e Serra; Sta Rita de Cândido Camargo; Graciosa de Sebastião Penteado; Santa Maria da Baronesa de Limeira; Batalha de José Joaquim de Faria; Bom Retiro de Adolfo Borges; Canadá de Francisco Aranha; São Miguel de Hermínea Whitaker; Lageado de Manoel Oliveira Leme; Monte Olimpo de Jacinto Penteado; Batalha de Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho; São Domingos de Antonio Casati e Santa Etelvina de Olímpio Portugal. O café era escoado primeiramente por via fluvial por vapores que percorriam o rio Mogi-Guaçu na época navegável, até o povoado de Porto Ferreira ou subindo desde Araraquara e Rincão. Anos atrás foram encontradas no leito do rio uma âncora e grossas correntes ainda conservadas das amarras dos vapores que singravam o Mogi-Guaçu no trajeto entre Descalvado e Porto Ferreira o que comprova, realmente, a navegação fluvial desenvolvida naquelas épocas neste rio. No livro “Sertão Encantado” de José de Salles Cunha Júnior, são contados fatos interessantes como: “quase todas as filhas de grandes fazendeiros de café, passavam parte do tempo entre as finas residências dos Campos Elíseos em São Paulo e os grandes casarões de Descalvado”; “na época, enquanto São Paulo recebia as grandes orquestras de Paris e Descalvado recebia as de São Paulo, no inverno, as famílias da sociedade paulista, vinham curtir dias mais quentes nos casarões da cidade e das fazendas.” Descalvado entre o final do século XIX e início do século XX, possuía uma média de 400 prédios na cidade, que abrigavam cerca de 2.000 pessoas, sendo que a força maior da população concentrava-se nas fazendas, cerca de 20.000 habitantes, que vinham para a cidade nos finais de semana dando um inusitado movimento. Um dos maiores compradores e exportadores de café neste Descalvado do início do século foi Feliciano de Salles Cunha, estabelecido com seu comércio denominado “Alfândega” e que ficava ao lado da estação da Paulista. Em 1886, com 7 milhões de pés de café atingiu-se uma produção de 6.250.000 quilos, produção esta que se eleva para doze milhões de quilos em 1896, quando quinze milhões de pés de café estavam em franca produção. Considerando-se que, de acordo com a época, de um cafeeiro a outro mantinha-se uma distância de 15 a 17 palmos (3 a 3,5 metros) nota-se, então que a área coberta pela cultura do café era, aproximadamente de 155 km². A termo comparativo, no ano de 1966, dados estatísticos provaram que apenas 10,43 km² eram utilizados para o cultivo do café, com uma produção de 900 mil quilos.

A INDÚSTRIA

O Professor Helmut Troppmair escreveu em 1965 sobre nossa indústria: “O início da industrialização no Brasil pode ser considerado o fim do século XIX e começo do século XX. Sem esquecer que antes já havia tentativas isoladas. O dinheiro obtido pelo comércio do café era o capital inicial investido na indústria. Junto com os imigrantes que vieram para a lavoura, havia gente vinda dos centros industriais do norte da Itália, constituindo a primeira mão de obra especializada ou semi-especializada. Assim no período de entre-guerra (1918-1939) desenvolveu-se a indústria leve, produzindo bens de consumo. É a indústria leve cuja instalação não exige capitais imensos e é de amortização rápida.



Locomotiva do trenzinho da Aurora

Com a grande crise do café em 1929 este tipo de indústria, recebe um grande impulso e uma diversificação acentuada. Estabelecimento de produtos alimentares, de bebidas, couros, vestuários e têxteis surgem em muitas cidades originando pequenos centros industriais. Descalvado faz parte deste ciclo. Em nossa cidade as primeiras indústrias foram fundadas em 1930 por descaldenses italianos. Na fase áurea da indústria tínhamos, segundo estatísticas do I.B.G.E 70 estabelecimentos que segundo o número de operários apresentam o seguinte quadro: 3 indústrias com mais de 100 operários; 4 indústrias com aproximadamente 50 operários; 5 indústrias com aproximadamente 30 operários; 4 indústrias com aproximadamente 10 operários; 4 indústrias com aproximadamente 5 operários; 6 indústrias com aproximadamente 3 a 5 operários; 44 indústrias com menos de 3 operários. Revelam estes dados que predominam as pequenas ou indústrias domésticas, muitas vezes tocadas para frente somente com a mão de obra familiar. Os grandes estabelecimentos de nossa cidade são as 10 tecelagens. Verificamos que em 4 indústrias (Ind Têxtil Lamano, Sta Lúcia, S. Gabriel, Sta Marta) predomina a mão de obra feminina enquanto nas outras a mão de obra masculina. As fábricas de doces, que gozam de fama em todo estado, são resultado de atividade doméstica, onde no começo somente existia um fogão à lenha, um tacho e uma excelente doceira. Não devemos esquecer a fábrica de pregos, a fábrica de facas, e as demais fábricas menores onde todos trabalham para engrandecer nossa terra. Hoje todos os estabelecimentos industriais, mas principalmente têxteis, cuja produção em 1965 era de 500.000 metros de brim, atravessam uma das fases mais difíceis. A falta de financiamento, de crédito e empréstimo a longo prazo são responsáveis pela impossibilidade de uma modernização do maquinário e das demais instalações. Para contornar a situação difícil, as indústrias se vêem forçadas a dispensar grande número de mão de obra.” Segundo o Professor Gérson Álfio De Marco a indústria Têxtil teve início em 1924 quando os Irmãos Gabrielli (Fernando e Orderigo) instalaram a Tecelagem “Santa Maria” na rua Barão do Descalvado (hoje Orderigo Gabrielli, justamente em homenagem ao industrial), tornando-se os pioneiros da atividade têxtil. Em 1935 o Sr. Orderigo Gabrielli funda a Tecelagem “São José”, na Rua Bezerra Paes esquina com Conselheiro Antonio Prado que fica sob responsabilidade da firma Orderigo Gabrielli & Cia. Em 1936 que foi um ano fecundo e proveitoso para as atividades industriais de Descalvado, instalaram-se mais 3 fábricas de tecido: Tecelagem São Gabriel, da qual participavam os irmãos João e Fernando Gabrielli, depois denominada Fiação e Tecelagem São Gabriel da firma Fernando Gabrielli & Cia. No mesmo ano os senhores Domingos Tallarico, Cármine Paschoal, Felício de Falco, Ernesto Pinca e Vito Gaia Puoli, instalam a Tecelagem Nossa Senhora do Belém, na Rua Bezerra Paes, esquina com rua José Quirino Ribeiro, que alguns anos depois passa para propriedade somente de Domingos Tallarico e Felício de Falco. Finalmente ergue-se neste mesmo ano, a Tecelagem São Lourenço, na rua Bezerra Paes, esquina com Avenida Guerino-Oswaldo que teve como organizadores os senhores Spardaco Gabrielli e Lourenço Gabrielli. Depois já com o nome de Têxtil Clipper Ltda foi transferida para o Senhor Tuffi Buchain. Em 1938 nascem mais duas tecelagens: Tecelagem Santa Delfina, constituída pelos Srs. Nicola Lamano, Ângelo

José Mussolini, Dr. José Alvarenga e Rafael Alvarenga, na Rua Padre Jeremias José Nogueira (imediações da Vigor), que depois transformou-se em Indústria de Tecidos Lamano S/A, ficando como único proprietário o Sr. Nicola Lamano. A outra foi a Tecelagem e Fiação São Rafael fundada pelos senhores Sylvio Alves de Oliveira Guimarães, Professor Octaviano Luiz de Camargo Júnior, Alfredo Sabongi, João Sabongi e Inácio Ajam. A partir de 1938, talvez devido à deflagração da Segunda Guerra Mundial, a incrementação da indústria têxtil em Descalvado sofreu sensível desinteresse, quando em 1946, a firma Lourenço Gabrielli & Filhos, deu funcionamento à nova fábrica de tecidos, a Tecelagem “Santa Lúcia”. No ano de 1954, a indústria têxtil toma novo impulso, nasce a Tecelagem São Dimas da sociedade formada pelos senhores Ricardo Garbin, Plínio Dias da Silva e Paulo

Casati Filho. Nasceu também neste ano a Têxtil Santa Rosa de propriedade de Cármine Paschoal, Francisco Ravasi, Henrique Ravasi e Antonio de Falco Sobrinho. Finalmente no ano de 1956 são fundadas mais 3 tecelagens: A Tecelagem Santa Catarina da firma Gentil, Sabongi & Cia Ltda, a Tecelagem Santo Antônio e a Têxtil Progresso que depois foi incorporada ao patrimônio da Fábrica de Tecidos Dacomani Ltda. A partir de então começa a entrar em decadência, pela falta de instalação de uma moderna fiação que seria uma grande solução para a matéria prima (fios de algodão); falta de modernização da sua maquinaria para concorrer com outros centros industriais adiantados, e, tendo, ainda, contra si, uma lamentável aventura industrial com as tumultuadas aquisições de fábricas sem o objetivo de melhoria ou de modernização ou expansão. Assim a partir de 1966 foram se fechando aos poucos, e hoje uma única indústria, a Têxtil Descalvado Ltda, ainda produz o brim de algodão, produto que no passado chegou a ser famoso e preferido em vários pontos do Brasil.

AVICULTURA

A avicultura começou na década de 50, motivado principalmente pelo clima privilegiado, com as iniciativas pioneiras dos Gabrielli, dos Chiarello e dos Fregonezi dentre outros, inicialmente com galinhas poedeiras e depois frango de corte. mas foi na metade dos anos 70 que alcançou sua fase áurea, com um plantel de 1.500.000 aves, com uma produção mensal de 600.000 aves e 600 mil dúzias de ovos, em cerca de 227 granjas. No ano de 1972 somente a Cooperativa Agrícola reunia em seu corpo associativo 380 avicultores. O avicultor descaldense, inicialmente utilizando técnicas rudimentares, foi adquirindo conhecimentos, aperfeiçoando e assimilando métodos modernos, a ponto de atrair milhares de avicultores de outros centros que nas tradicionais Festas da Avicultura, vinham aprender novas técnicas de manejo. Descalvado experimentou uma fase de muito progresso, com a implantação de muitas indústrias e estabelecimentos comerciais, especializados em produtos para a avicultura como ração e pintos de um dia, além de uma grande frota de firmas transportadoras do produto, gerando muitos empregos. Dentre muitos podemos destacar: Fábrica de Ração, Abatedouro Avícola e Incubatório da Cooperativa Agrícola Mista do Vale do Mogi Guaçu; Frigorífico DESCALVE, PROMAVI Comércio e Representações Avícola, SOCIL Pró Pecuária; Irmãos Cirelli; Rações Anhanguera, PRIMASA Indústria e Comércio de Rações, SOADE Sociedade Avícola Descalvado, RAVI rações e implementos avícolas, NUTRICENTRO distribuidora de rações Purina, etc.

PECUÁRIA:

Descalvado constitui-se numa das maiores bacias leiteiras do estado. Destacam-se a Fazenda Agrindus, Calumbi e Santa Rosa dentre outras. Na criação de gado recebe destaque a Fazenda São Sebastião do Paraíso.

EXTRAÇÃO MINERAL

Inicialmente foi a extração de paralelepípedos para calçamento de nossas principais ruas e de outras cidades da

região. Com a pavimentação asfáltica, estas pedras foram transformadas, em pedrinhas do tipo portuguesa, e têm grande consumo na aplicação dos passeios das calçadas sendo que Descalvado as forneceu para várias cidades, inclusive o Rio de Janeiro onde o leito de calçadas que margeiam importantes ruas e avenidas recebiam a aplicação das “pedrinhas de Descalvado”, nos conhecidos desenhos tipo “Copacabana”.

Hoje é valiosa a contribuição do reino mineral do Município de Descalvado, principalmente no setor de areia quartzosa, fator preponderante na instalação de indústrias de extração como a Mineração Jundu e a Mineração Descalvado, cujo funcionamento emprega grande número de pessoas, além da movimentação de vários setores.

AGRICULTURA

Principais culturas:

Cana de Açúcar.-	11.600 ha plantados
Laranja.....-	11.118 ha plantados
Milho.....-	5.600 ha plantados
Arroz.....-	1.000 ha plantados
Café.....-	850 ha plantados
Soja.....-	500 ha plantados
Amendoim.....-	436 ha plantados
Algodão	200 ha plantados
Feijão.....-	100 ha plantados

O Professor Helmut Troppmair escreveu no ano de 1965: “Descalvado, fundado em 1832, teve seu grande desenvolvimento na segunda metade do século XIX quando a cultura do café se expandiu rapidamente pelo nosso Estado. Nesta época Descalvado era o terceiro município brasileiro em produção de café. Se percorrermos o município velhos casarões de fazendas testemunham a época passada. Os terreiros onde outrora secava o café, hoje estão abandonados. Era a época em que o Senhor fazendeiro vivia na fazenda, conhecia todos os empregados e seus problemas. Percorria e via diariamente os trabalhos enquanto a patroa comandava o exercito de empregadas em casa. Patrão e patroa eram padrinho e madrinha de toda a criançada da fazenda. Lentamente esta sociedade se desfez quando grande parte dos fazendeiros se mudou para São Paulo e Campinas então capitais do café. Construíram palacetes na Avenida Paulista e de lá vinham de vez em quando para passar as férias na fazenda ou para ver se o administrador cuidava bem do serviço. Porém todo fato humano e dinâmico, modifica-se e evolui. O café com exceção de pequenas áreas, desapareceu dando lugar à cultura da cana de açúcar que exige os mesmos solos férteis e o mesmo clima tropical. Desapareceu a monocultura para aparecer a policultura. As fotografias aéreas existentes na Casa da Lavoura, mostram que, com exceção da cana de açúcar, o cultivo dos demais produtos é feito em pequenas áreas nos 535 estabelecimentos agrícolas do município. Muitas áreas, antes ocupadas pelo café, foram transformadas em pastos, e apesar de se notar uma redução no número de cabeças, a produção de leite era de 12.000.000 litros em 1965. Se por um lado a pecuária se contrai, nota-se uma expansão de granjas. Existem hoje 79 granjas no município que fornecem 850.000 cabeças ao frigoríficos e 950.000 dúzias de ovos ao mercado consumidor. Junto à cidade nota-se novos loteamentos para instalação de novos estabelecimentos desse gênero. Finalizando e resumindo queremos frisar que podemos distinguir as seguintes épocas na agricultura do município: A - monocultura do café: Segunda metade do século XIX e começo do século XX; B - Policultura: Milho, arroz, feijão, etc. no período de entre guerras; C - Criação de gado. Aproximadamente 1930 a 1950; D - Granjas: 1950/55 para cá.

A EVOLUÇÃO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E AVICULTURA NO MUNICÍPIO DE DESCALVADO

Para podermos compreender os aspectos atuais da paisagem geográfica, devemos mostrar a evolução das diversas fases agrícolas que o município conheceu nos últimos 100 anos. Foi a partir de 1809 que os primeiros povoadores apareceram nas atuais terras do município, estando entre eles Agostinho José Alves de Amorim, Nicolau Antônio Lobo, José Ferreira da Silva e Tomé Ferreira da Silva. Provindos de Minas Gerais penetraram pelo norte, aproveitando a “perceé” do rio Mogi-Guaçu uma vez que era este o caminho que levava aos “Sertões de Araraquara”. Estabeleceram-se no centro e no sul do atual município, aproveitando as áreas de terras melhores, evitando o norte junto ao rio Mogi-Guaçu, onde ocorriam febres intermitentes de dezembro a abril. Os demais fatos cronológicos podem ser resumidos nas seguintes datas: 1832 foi construída a primeira Igreja, dez anos mais tarde (1842) é lavrada a escritura instalando-se o patrimônio

religioso. Em 1844 é elevado a distrito e um ano mais tarde incorporado à comarca de Rio Claro, tornando-se município com vida autônoma em 1865. Continuando como vila modesta até 1875/80, quando se transforma em cidade tomando todo o município grande impulso graças à expansão do café que atinge, então, no interior paulista, as áreas de terra roxa. Araújo Filho em seu estudo: “O café, riqueza paulista” diz: “Não só as razões naturais como o tipo de solos melhores, relevo mais suave e mesmo situação geográfica das terras quanto ao clima também “ao espírito esclarecido, à iniciativa pronta, ao impulso generoso e livre de seus habitantes”, concorreriam para que o oeste de São Paulo, como era chamado na época, se tornasse em 1870 a zona privilegiada do café, zona que se ampliaria com o correr dos anos, de maneira que ao findar do Império ela havia alcançado grandes trechos do planalto ocidental, em áreas cada vez melhores para o café. Na década de 1870-80, os cafezais avançavam pelo que hoje chamamos de tronco da paulista (através dos atuais municípios de São Carlos, Araraquara, Jaboticabal, bem como pelos seus ramais de Pirassununga, Descalvado e de Dois Córregos. Foi ao fim da década de 1880 que Descalvado se tornou o terceiro município produtor de café da Província de São Paulo, sendo então atingido pelos trilhos da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Com 7 milhões de pés de café em produção em 1886, verificou-se uma safra que atingiu 6.250.000 quilos, produção esta que se eleva para doze milhões de quilos, dez anos mais tarde, quando quinze milhões de pés de café estavam em franca produção. Considerando que de acordo com a época, de um cafeeiro a outro mantinha-se uma distância de 15 a 17 palmos (3 a 3,5 metros) conforme a fertilidade do solo, verificamos que a área coberta por esta cultura foi de aproximadamente 155 km2. Em 1966 apenas 10,43 km2 eram utilizados para o cultivo do café com uma produção de 900 mil quilos anuais. No fim do século XIX, o movimento abolicionista associado à expansão cada vez maior do café, foram os estímulos para a vinda de imigrantes principalmente italianos. O recenseamento de 1886 diz “Neste município vai superando com grande facilidade a transformação do trabalho, pois que aumenta-se extraordinariamente a colocação de imigrantes em estabelecimentos agrícolas. Sendo talvez este, dentro dos municípios da Província, o que maior número de colonos conta. Criou-se ultimamente no município uma associação de fazendeiros e negociantes tendo por promover e facilitar a introdução de imigrantes para hospedagem dos quais está mandando construir um prédio de regulares dimensões. Tem esta associação prestado a esta causa extraordinários e excelentes serviços”. Na época de 1890 a 1910 o município recebeu aproximadamente 3.000 famílias providas do norte da Itália. A população municipal elevou-se rapidamente com a substituição do braço escravo, os italianos firmavam contratos de trabalho em que se fixava as obrigações do “colono” bem como o salário que recebia, em geral proporcional ao número de pés de café tratados. As vezes recebiam “pequenas roças, geralmente dois hectares, onde plantavam milho, arroz, feijão, batatas, legumes e às vezes videiras. A grande aspiração destes imigrantes foi a posse de um lote de terra próprio. Procuravam juntar os meios necessários para a compra do mesmo. Aparece, então, o início da pequena propriedade, fato auxiliado quando o governo da Província em 1894, estabelece leis de dar preferência aos contratos para a formação de pequenas propriedades aos particulares ou as sociedades que se dispusessem a vender aos imigrantes lotes próprios para a cultura do café”. Cessa a partir daí a existência exclusiva da grande propriedade, que cede lugar aos primeiros minifúndios. O município apresenta nessa época características de frente pioneira: população jovem, famílias numerosas pois cada filho representa mão de obra para cuidar de cafeeiros. O registro civil nos anos de 1883 a 1886 acusa 325 nascimentos e 288 óbitos, verificando-se, devido ao alto índice de mortalidade infantil, um crescimento vegetativo muito pequeno, 1,4 por 1000. Apesar das crises de 1906 e 1900 com superprodução de café, das geadas de 1918, e o esgotamento do solo, a população se desloca sempre mais para o interior do Estado a procura de novas terras, acompanhando sempre o avanço do café. Verifica-se, assim, uma diminuição gradativa dos habitantes e em 1950 é atingida a cifra populacional mais baixa do município (14.200) para daí em diante iniciar-se novo acréscimo. Foi a partir de 1896 que se notam os primeiros sinais de desequilíbrio entre produção e consumo do café, fato que acentua cada vez mais na primeira década deste século. O golpe mortal da monocultura cafeeira se verifica em 1929 quando se desfaz todo o complexo sócio-econômico, restando hoje somente as sedes das fazendas, os terreiros e as casas dos colonos, testemunhando a opulência daquela época. Toma impulso uma nova fase na vida econômica do município: a

policultura associada à criação de gado. Esta Segunda fase cujo início data do começo deste século foi estimulada pela decadência cada vez mais crescente do café. Em 1886 o município ocupou o sexto lugar na produção provinciana de fumo (15000 kg) e em algumas áreas pequenas desenvolvia-se a cultura da cana de açúcar (50000 kg-1886). A partir de 1929 é que a cultura canavieira se expande. Cafezais velhos e muito novos são arrancados (1900 existiam 15 milhões de pés de café, 1920 10,5 milhões e em 1930, 7 milhões) para ceder lugar à cana. Amplia-se o cultivo de produtos de subsistência, que deixam de visar apenas o auto abastecimento para ter fins comerciais assim o arroz, o feijão, algodão e o milho bem como as hortaliças são cultivadas. Muitos cafezais ao se tornarem antieconômicos passam a ter como cultura associada a banana que, além de exigir menos trabalho, oferece lucros compensadores. Outras vezes verifica-se simplesmente o abandono, ocorrendo nestes casos a invasão de gramíneas e de plantas ruderais, originando desta forma, pastagens de pequeno valor nutritivo para o gado. As estatísticas de 1886 não registram fazendas de criação no município. Em 1920 o rebanho já é da ordem de 15180 bovinos com uma produção de 225.000 litros de leite. Trinta anos mais tarde, há aproximadamente 30.000 animais elevando-se a produção para 8 milhões de litros. Atualmente (1967) verifica-se novo incremento na criação de gado, devido à carência sempre mais acentuada da mão de obra agrícola. Procura-se nos últimos 20 anos em algumas fazendas, uma criação racional, empregando-se rotação de pastos e seleção do gado. Desta forma, apesar de ter-se mantido constante o número de animais, a produção elevou-se para 12 milhões de litros, o que justificou no fim da década de 40, a instalação de 2 usinas de laticínios no município: Vigor e Nestlé. Em 1955, quando surgem as primeiras granjas, inicia-se a última e atual fase da vida agrícola do município: a avicultura. No começo isolados, aumentaram lentamente até 1960 quando existiam 54. Nos últimos 3 anos, o impulso se tornou mais acelerado somando-se em meados de 1968 – 172 granjas, número que elevou-se para 200 no começo de 1969. O lucro obtido pelos primeiros granjeiros, o espírito de imitação, o financiamento facilitado por parte dos bancos são os responsáveis por esta multiplicação que oferece aos proprietários garantias que não podem ser desprezadas. A criação, independente das variações do clima, quando feita em base racional e científica evita o aparecimento de pragas e moléstias garantindo ao criador mensalmente um lucro que em meados de 1968 podia ser fixado em NCr\$ 1,00 por cabeça, além de exigir mão de obra reduzidíssima, podendo uma pessoa cuidar de 10.000 cabeças.

No momento, os criadores enfrentam séria crise com a queda de preços, causada por motivos vários, porém providências tomadas junto ao governo indicam que a mesma será contornada em breve. Esta nova atividade trouxe consigo o parcelamento de antigas fazendas como a São Miguel e das chácaras Tamanduá e Gruta, estimulando pois, o aumento da pequena propriedade. Localizadas próximas à cidade, permitem aos proprietários gozar as facilidades e o conforto oferecidos por esta. Em 1965 a produção mensal é de 600.000 frangos podendo porém atingir cifras mais elevadas na época de festas como no Natal de 1967, quando a produção se elevou para 400.000 frangos. Outro fator aparentemente sem importância são os solos arenosos. Ocupando grande área no município, impróprios para a lavoura são os preferidos pela avicultura, pois além de apresentarem preços baixos são solos quentes e secos graças à rápida infiltração e percolação da água que com a constante renovação do ar do solo, representam os fatores fundamentais para evitar moléstias em granjas. Na fase atual, meados de 1968, o aspecto geral da agricultura pode ser caracterizado pelo seguinte quadro: “Os investimentos agrícolas são limitados, apenas suficientes para manter as áreas em cultivo, não se verificando uma expansão tanto nas culturas anuais como nas permanentes. A falta de mão de obra cada vez mais acentuada contribui para que haja uma leve tendência no aumento do rebanho bovino. A avicultura, apesar da crise atual, é o esteio de toda a vida agrícola do município, destinando-se a este fim mais de 50% do capital empregado na agricultura. Todas estas fases deixaram marcas na paisagem agrícola atual, umas mais

destacadas como as do café, outras já mais apagadas por terem sido menos intensos como a criação de gado. Como se trata de fatos antrópicos sujeitos a dinamismo constante, envolvem processos dinâmicos e evoluídos, o que torna difícil caracterizar ou delimitar exatamente cada período no espaço e no tempo. Tornou-se uma constante na paisagem rural, principalmente próximo a cidade, as edificações alongadas das granjas.

ESTAÇÕES:

FERROVIÁRIA:

26/09/1881 - NOMEAÇÃO PELA CÂMARA DA COMISSÃO DE HOMENS PARA DESENVOLVIMENTO DA FESTA INAUGURAL DA ESTAÇÃO: Dr. Ângelo Pires Ramos, Tenente Antonio Leocádio de Matos, Antônio de Camargo Campos, Tenente Coronel José Ferreira de Figueiredo, Capitão Francisco José de Araújo Lima, Dr. Vítor Meyer, Major Arthur Horácio D'Aguar Whitaker, Tenente Antonio José de Araújo, José Elias de Toledo Lima, Antonio Franco de Arruda, Antonio Gonçalves Correia de Meira, Frederico Eduardo de Aguiar Whitaker, Francisco de Paula Carvalho, Gabriel Amâncio Lisboa, José Nunes da Costa, Bernardino de Sena Mota Magalhães, Manoel Martins de Oliveira, Dr. João de Cerqueira Mendes, Antonio Augusto Bezerra Paes, Dr. Francisco José Gonçalves Agra, Dr. Manoel Joaquim da Silva Filho, João Baptista Pereira Marques, Bernardo José da Cunha, José Honório Pereira de Castro, Jorge Blackburn, Joaquim Pedro Teixeira, Severiano João da Cruz e Zacarias Pereira de Souza.)

07/11/1881 - Chegada do primeiro trem da Cia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, por linha férrea de bitola larga (1,60 metros) na estação de Descalvado, que foi construída em terreno doado pelo Dr. Manoel Batista da Cruz Tamandaré, proprietário da Fazenda Boa Esperança (Tamandaré). A ferrovia ligava Descalvado a Capital paulista em trajeto de 285 km, que era percorrido em 5 horas e 8 minutos.

01/10/1886 - Constituição da Comissão de Honra para recepcionar o Imperador D. Pedro II (Composta por Dr. João de Cerqueira Mendes, Coronel Rafael Tobias de Oliveira, Capitão José Elias de Toledo Lima, Capitão Sebastião de Oliveira Penteado, Tenente Antonio Leocádio de Matos, Tenente Coronel José Ferreira de Figueiredo, Dr. Cândido Augusto Rodrigues, Dr. Salvador Meyer de Vasconcellos, Francelino de Almeida Lisboa, Dr. Amâncio Guilhermino de Oliveira Penteado, Capitão Evaristo de Cerqueira Leite, Olímpio Catão, Dr. João dos Santos Paraíba, Dr. Antonio de Cerqueira Lima)

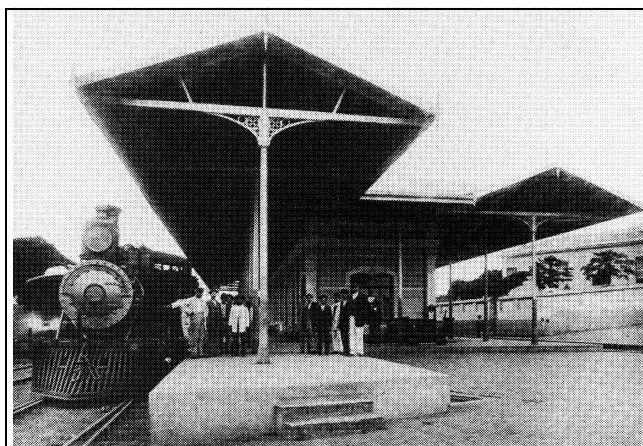
TRENZINHO DA AURORA - contruído pela bolsa fazendeira de Descalvado - 14 km em bitola estreita (0,60 m), ligando Descalvado ao Pântano e à Aurora;

- Em 1910 o ramal da Aurora foi vendido à Companhia Paulista de Estradas de Ferro, sendo desativado no início da década de 60;

FEPASA - Em 1971 o ramal da Paulista passou para a FEPASA, Ferrovias Paulistas S/A;

ÚLTIMO TREM - Em 1972 partia o último comboio de passageiros com destino a São Paulo. Alguns anos mais tarde era desativado completamente o ramal ferroviário;

HISTÓRIA DA FERROVIA: (Gerson Álfio De Marco)



Estação Ferroviária no início do século

A Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais vinha avançando para os grandes cafezais de além Campinas e, em 1882, atingiu Descalvado, então Belém do Descalvado. Organizado com capital proveniente quase que todo dos cafeicultores da Província, tinha, entre seus acionistas descavadenses, no tempo, Antonio Augusto de Bezerra Paes, José Rodrigues Penteado, Dr. Manoel Batista da Cruz Tamandaré, o Coronel Rafael Tobias de Oliveira e o Dr.

Valentim Tobias de Oliveira. No dia 7 de novembro de 1881, Descalvado recebia, pela primeira vez, entre grandes festejos,

um comboio da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais. Evento de suma importância, no tempo. Era o fim das velhas tropas transportadoras do café abundante do município, caminho de Santos, exportador. O trem de ferro seria, desde então, o grande, fácil, rápido meio de transporte para a produção agrícola do município e para as viagens intermunicipais de sua gente. Com a chegada do primeiro comboio, inaugurava-se também, a estação da ferrovia e que fora construída em terreno cedido pelo acionista Dr. Manoel Batista da Cruz Tamandaré, proprietário da Fazenda Boa Esperança, também conhecida por Fazenda Tamandaré, em razão do nome de seu dono, de tradicional família brasileira com ligação com o patrono de nossa Marinha de Guerra, o Almirante Tamandaré. Na sessão da Câmara Municipal de Descalvado efetuada no dia 26 de setembro de 1881, o Legislativo houve por bem nomear a seguinte comissão de homens influentes da cidade, para programa e desenvolvimento da festa inaugural: Dr. Ângelo Pires Ramos, Tenente Antônio Leocádio de Matos, Antônio de Camargo Campos, Tenente-Coronel José Ferreira de Figueiredo, Capitão Francisco José de Araújo Lima, Dr. Vítor Meyer, Major Arthur Horácio D'Aguiar Whitaker, Tenente Antônio José de Araújo, José Elias de Toledo Lima, Frederico Ernesto de Aguiar Whitaker, Antônio Franco de Arruda e Antônio Gonçalves Correia de Moura, pela lavoura; Francisco de Paula Carvalho, Gabriel Amâncio Lisboa, Bernardino de Sena Mota Magalhães, José Nunes da Costa e Manoel Martins de Oliveira, pelo comércio; e, pelas outras atividades, Antônio Augusto Bezerra Paes, Dr. João de Cerqueira Mendes, Dr. Francisco José Gonçalves Agra, Dr. Manoel Joaquim da Silva Filho, João Batista Pereira Marques, Bernardino José da Cunha, José Honório Pereira de Castro, Jorge Blackburn, Severiano João da Cruz e Zacarias Pereira de Souza. O Poder Legislativo, nesse ano, estava assim constituído; Major Rafael Tobias de Oliveira, Presidente; Tenente Antônio Leocádio de Matos, Tenente Antônio José Soares Fagundes, Alferes Frederico Lima, Alferes Ananias Pereira de Carvalho, Joaquim Cândido de Almeida Leite e Antônio de Camargo Neves. Nota-se que um dos edis era integrante da grande comissão de festejos: Tenente Antônio Leocádio de Matos. A chegada do trem inaugural, espoucaram foguetes e as bandas marciais Santa Cecília e Recreio da Mocidade (uma, do Partido Liberal; e outra do Partido Conservador) encheram os ares de músicas festivas. Presentes na estação ferroviária, além da edilidade, dos membros da comissão, outros homens de influência do município, fazendeiros, comerciantes, membros das classes liberais, artesãos, rurícolas, escravos, os alunos do Colégio Catão, de Olímpio Catão; os primeiros imigrantes italianos, toda a urbe, enfim. Houve os discursos de hábito, todos inflamados e a focalizarem o significado do transporte ferroviário, fator irrecusável de progresso e o grande banquete no Clube da Lavoura e o Comércio, à rua Bezerra Paes, entre as ruas José Bonifácio e Barão do Descalvado, naqueles tempos ruas do Descalvado, de Boa Vista e das Flores, respectivamente. Participaram do festivo banquete não somente as pessoas de expressão de Descalvado, como também os inúmeros visitantes, vindos pela ferrovia, políticos regionais e homens da administração da companhia. À noite a Sociedade Dramática Aurora apresentava, em sua sede, à Avenida Guerino-Oswaldo, então rua do Comércio, uma das peças de seu repertório. Era o encerramento dos grandes festejos de inolvidável jornada, já retornado o comboio que havia inaugurado a fase ferroviária de Descalvado. Anos mais tarde, a bolsa fazendeira de Descalvado, iria lançar par ao sul do município, os trilhos menores de sua própria companhia. Era o aparecimento do “trenzinho da Aurora”, moroso, menor, mas que foi um elemento de alta valia para o transporte do café. Mais tarde a própria Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais adquiriu este ramal, incorporando-o a seu acervo. Eram 14 quilômetros de via férrea partindo da sede urbana e alcançando a estação terminal da Aurora, com parada obrigatória na estação do Pântano.

O RAMAL DE DESCALVADO (Ralph Mennucci Giesbrecht)
Ramal de Descalvado – 223,773 – P/RD-12

Cia Paulista de Estradas de Ferro (1881-1971) FEPASA (1971 -1976)

Data de construção do prédio – 1883

Histórico da linha: Em 1.876, a Paulista abria o primeiro trecho, partindo de Cordeiros até Araras, do que seria o prolongamento de seu tronco. Em 1880, a linha, com o nome de Estrada do Mogy-Guassú, atingia Porto Ferreira, na mesma época em que a autorização para cruzar o Mogi e chegar a Ribeirão Preto foi indeferida pelo Governo Provincial, em favor da Mogiana. A linha, então, foi desviada para oeste e atingiu Descalvado no final de 1.881, seu ponto final. Em 1.916, as modificações da Paulista na área entre Rio Claro e São Carlos, na linha da antiga Rio-Clarense, fizeram com que o trecho fosse considerado como novo tronco, deixando a linha a partir de Cordeiros como o Ramal de Descalvado. Desde o começo em bitola larga (1,60m), ele funcionou para trens de passageiros até julho de 1976 (Pirassununga-Descalvado) e até fevereiro de 1.977 (Cordeirópolis – Pirassununga). Trens cargueiros andaram pela linha até o final dos anos 80. Abandonado, o ramal teve os trilhos arrancados entre 1996 e 1997m sobrando apenas o trecho inicial até Araras com seus trilhos enferrujando ao tempo.

A ESTAÇÃO: Em 1874, a Paulista começou a se interessar pela Vila de Bethlem do Descalvado, por sua quantidade enorme de cafezais. Depois de várias idas e vindas, a Cia, finalmente resolveu levar os trilhos para lá apenas em 1880, quando se concretizou o fato de que ela não poderia cruzar o rio Mogi em Porto Ferreira. A construção se iniciou nesse mesmo ano, mas demorou bastante devido às chuvas torrenciais. Somente em meados de 1.881 é que se decidiu o local da estação, fora da cidade, em terreno doado por Manoel Batista da Cruz Tamandaré, proprietário da Fazenda Boa Esperança. Primeiro foi construído o armazém de cargas, cujos tijolos vieram de Pirassununga e que abrigaria provisoriamente também o terminal para passageiros; a alvenaria ficou a cargo do sub-empregado José Pêra. Para não confundir com duas outras estações que também se chamavam Bethlem, uma na S.P.R. (atual estação de Francisco Morato) e outra na E.F. Dom Pedro II (a atual Japeri), a estação foi denominada somente Descalvado. Somente em 1883 é que se construiu o prédio definitivo para passageiros, prédio este que recebeu o Imperador Pedro II, três anos depois, honra máxima para uma cidade, na época. A Família Imperial hospedou-se numa casa na cidade que já foi inexplicavelmente demolida. Uma reforma



Igreja Matriz curiosamente cercada no início do século

na estação, nos anos 10, deu-lhe o aspecto atual. Desde 1891, ela tinha duas plataformas, a menor delas para embarcar os trens do Ramal Descalvadense, construído por particulares com bitola de 60 cm, e vendido à Paulista nesse ano. Ele era conhecido como o “trenzinho”, em comparação com o “tremão”, da Paulista, e seguia por treze quilômetros até a estação da Aurora, passando no meio de fazendas de café. O trenzinho foi desativado em 1960. O tremão saiu pela última vez de Descalvado em 31 de julho de 1976m deixando somente trens de carga que foram mingando até acabarem, cerca de 10 anos depois, deixando a estação fechada e abandonada até 1.995, quando se iniciaram as obras para sua restauração pela Prefeitura. Em 1996, os trilhos foram retirados de dentro da cidade. (Ralph Mennucci Giesbrecht – do seu livro “A Estrada do Mogy-Guassú – A história dos ramais ferroviários de Descalvado e de Santa Veridiana”)

O CAPITAL DESCALVADENSE NA “PAULISTA” (Mário Joaquim Filla)

A Companhia Paulista de Estradas de Ferro, depois FEPASA e, em seus inícios, Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, teve, desde os seus primórdios, a participação do capital do então Belém do Descalvado e concretizada na presença acionária de seus grandes cafeicultores. Assim, quando nossa cidade foi alcançada pelos trilhos dessa ferrovia, em 7 de novembro de 1881, esse capital

mantinha-se na lista de acionistas e aumentado, certamente. Mas para trabalharmos com dados concretos, podemos enumerar os descaldenses ou homens de presença descaldense, que eram co-partícipes do imenso capital da companhia. No ano de 1893 (doze anos após sermos ponto terminal da importantíssima via-férrea) possuíam ações, na mesma, entre outros, José Rodrigues Penteado (o da rua homônima), comerciante e proprietário rural, com a sua Fazenda Santa Rita; Manuel Batista da Cruz Tamandaré, proprietário da Fazenda Tamandaré e doador do terreno para a ereção da estação da ferrovia, em nossa cidade; Coronel Rafael Tobias de Oliveira, proprietário rural de importância, com a sua Fazenda São Rafael e outras, e figura de relevância de nossa política, no tempo; Dr. Valentim Tobias de Oliveira, filho deste último e também proprietário rural; Dr. Cândido Ferreira da Silva Camargo, grande cafeicultor; Elisário Ferreira de C. Andrade, proprietário da Fazenda Lagoa Alta; Luiz Antônio de Souza Queiroz, proprietário das Fazendas Palmeiras e Ibicoara; Nicolau de Souza Queiroz, proprietário das Fazendas Jaguarandi e Bela Aliança; e Dr. Francisco de Aguiar Barros, proprietário da Fazenda Santa Maria. Num total de 300.000 ações integralizadas e por integralizar, eram 4.214 ações a perfazerem 1,4% de todo o capital da Paulista, quase 1,5%, número muito significativo, se lembrarmos que, entre os acionistas, figuravam, também, grandes fazendeiros da zona de Campinas, do Vale do Paraíba e do Vale do Rio Pardo, bem como diversos argentários da Capital do Estado e até alguns estrangeiros, todos com considerável número de ações, num total de 1.177 detentores dessas mesmas ações. E, nas assembleias gerais, o capital descaldense se manifestava através de seus 312 votos. A propósito destes dados, é interessante lembrar-se que, no referido ano de 1893, participava da Diretoria da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, o Dr. Francisco Antônio de Souza Queiroz, já fazendeiro em Descalvado e que, na nossa primeira Câmara Municipal, em 1866, ocupara o exaltador cargo de Presidente, como candidato mais votado nas eleições inaugurais de Descalvado emancipado. Nesse mesmo ano o Dr. Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho era possuidor de 1.106 ações e tinha direito a 67 votos! Concluindo, tudo isto (a nossa forte presença no capital da ferrovia), nas suas primeiras décadas, é uma afirmação incontestável da grandeza de nossa cafeicultura, naqueles idos. E prova cabal do afirmado, ao término do século XIX os fazendeiros de Descalvado construíram, por conta própria, o ramal de Aurora, depois integrado na rede da Paulista. Dinheiro, muito dinheiro, gotejado de nossos inumeráveis e frutuosos cafezais! E fazendo o progresso de São Paulo e do Brasil!

O TRENZÃO E O TRENZINHO (Mário Joaquim Filla)

Duas palavras constantemente pronunciadas na Descalvado dos fins do século XIX até fins dos anos cinquenta: o trenzão era o trem da Companhia Paulista de Estrada de Ferro (a velha, tradicional Paulista), de bitola larga, 1,60 metros e que percorria o ramal de Cordeirópolis (antes Cordeiro), tendo nossa cidade por ponto inicial e, consequentemente, terminal. Trenzinho era o trem da Cia Agrícola Descaldense, uma sociedade de fazendeiros que depois vendou a ferrovia para a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, tinha bitola estreita, 0,60 metros, e que partindo da sede urbana, passava pela estação do Salto, depois Pântano, alcançava seu término na Estação de Aurora, no bairro do mesmo nome e que, na história social e econômica descaldense, foi de altíssima significação, enquanto o café esteve em seu clímax e, com ele, o Descalvado agrário. O trem grande atingiu Descalvado no dia 7 de novembro de 1881, consequência direta de nosso fastígio agrícola no tempo e que reclamava esse meio de transportes (o grande meio de transportes do tempo) para os seus produtos agrícolas, e em especial o café. Falemos, agora, no trenzinho, do poético trenzinho. Eram quatorze quilômetros de extensão, percorridos, diariamente, entre os dois pontos extremos: Descalvado e Aurora e com uma estação intermediária de importância: a do Pântano. Esta distava cerca de 9 quilômetros, ferroviariamente, da sede municipal. O trenzinho, o nosso famoso “trenzinho da Aurora” (que assim o chamava o descaldense) partia da Aurora, em hora antimeridiana e atingia a estação urbana, em sua parte leste, minutos antes da partida do trem grande, do trenzão da nossa diferenciação vocabular. E, somente após a chegada de outro comboio de bitola larga, de outro trenzão, (parte oeste) é que o comboio menor partia para nova viagem e isto em hora post-meridiana. A linha férrea Descalvado-Aurora foi construída às expensas dos proprietários rurais de Descalvado, pelos anos finais do século XIX. A produção de café dessa zona sul, sudeste e sudoeste de nosso município, a maior dele, com as Fazendas

Monte Alverne, Santa Maria, Ibijuba, Bela Aliança, Barão, Santa Rita, Monte Alegre, Graciosa, Monte Olímpio, São Miguel, São José, entre outras a carregarem milhares de arrobas para os embarcadouros, foi que fez nascer essa ferrovia particular, entre nós. Só mais tarde, por volta do fim da primeira década deste século, é que a mesma foi vendida à Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que compreendeu a importância da mesma, para o seu sistema ferroviário. Devemos lembrar, a propósito do itinerário do trenzinho que no seu percurso, entre a estação da cidade e a do Pântano, ele fazia uma rápida parada nas pequenas estações intermediárias de São José (Fazenda São José) e São Miguel (Fazenda São Miguel). Ai, havia sempre quem quizesse embarcar ou quem iria desembarcar e, sempre, uma pequena carga para ser colhida ou para ser deixada. Não resta a menor dúvida que o trenzinho da Aurora é hoje uma grande saudade para os que o conheceram, cheio de rurícolas a irem e a virem, cheio de urbanistas a irem, especialmente, ao Pântano, para um ligeiro turismo no Salto Dom Lino. Na Aurora e no Pântano, havia, então, afreguezados armazéns de secos e molhados; na primeira, o famoso armazém de Cândido Chaves dos Santos, o Cândido Baiano. No Pântano o conhecidíssimo armazém que foi, a princípio de Inácio Ajan, um sírio muito benquista em todo o município; e, que mais tarde, passou a pertencer aos irmãos Marcial e Ari Vilela. Descrevemos para recordar, uma viagem do trenzinho das muitas saudades: Ei-lo a partir da cidade, conduzido por Jesus Gonçalves, seu conhecidíssimo maquinista. Lá vai o comboio levando gente e levando carga para as estações de seu destino e vai margeando as águas plácidas da Rosária (Córrego da Prata) e onde nadava, bulhentemente, o rapazio do tempo; lá vai ele margeando as chácaras do Carvalhinho, do Cipriano, atingindo a Fazenda São José, passando a Fazenda São Miguel, com seu engenho fazendo açúcar, melado, rapadura e garapa; parando, para “tomar água”, logo após São Miguel, mostrando a bocaína do Pântano, chegando na Estação do Pântano; parando, partindo; atingindo as primeiras casas da Aurora, parando, em definitivo, na Estação da Aurora. Era mais uma viagem do maquinista Jesus e do trenzinho da Aurora. Da velha, decantada Aurora do armazém do Cândido Baiano, onde trabalharam, às ordens do dono e do filho do dono, Segismundo Chaves dos Santos (Dudu Baiano), por muito tempo, em diversos períodos, Manoel Ferreira Gaio, Abílio Ferreira Ruivo, Gumerindo Dutra, Guilherme Pierobon, Ezequiel Gomes, Atílio Gomes, Sebastião Adão, José Manzotti (carroceiro); Serafim Brandt de Lima (motorista); Argemiro Machado e Wolfgang Nothling (guarda-livros); e os irmãos João Vicente Adorno (Jango), Joviano Vicente Adorno e Antônio da Conceição Vicente Adorno, este último, depois Secretário da Prefeitura Municipal. Ah, trenzinho da Aurora, quanta coisa para contar, quanta coisa que nos faz lembrar, marcha de nossa história, no chão dadivoso de Descalvado! E também aqui, um lamento profundo, deve ser registrado para a posteridade; não tivesse o trenzinho sido retirado de circulação quando da extinção da bitola estreita, com boa planificação, seria um pitoresco e atraente meio de locomoção para visita ao “Salto do Pântano” que, cedo ou tarde, tem que se preparar, a contento como atrativo turístico.

RODOVIÁRIA:

- Primeiro ponto de ônibus intermunicipal - Avenida Guerino-Oswaldo defronte a Câmara Municipal na década de 30 - Linha Descalvado a Anápolis (Análândia) inaugurada pelo Prefeito Carlos Púlici.
- Segundo Ponto de ônibus intermunicipal - Posto Salomão na Avenida Guerino-Oswaldo altura do nº 371
- Terceiro ponto de ônibus intermunicipal - Rua Bezerra Paes defronte a antiga agência de correio (hoje Relojoaria Rubi) - décadas de 40 e 50. Linhas para Pirassununga e São Carlos.
- Quarto ponto de ônibus intermunicipal - no calçadão da Rua José Bonifácio defronte a atual Cabana Churrascaria, com abrigo inaugurado pelo Prefeito Jayme Regallo Pereira em 1956.
- Quinto ponto de ônibus intermunicipal - Viação Santa Cruz e Rápido D'Oeste na Rua José Bonifácio defronte o atual bar do "Zinho" e Viação Danúbio Azul na Praça Barão do Rio Branco defronte o bar "Duó". - década de 60
- Estação Juvenal de Souza (possuidor da carteira de motorista nº 1 expedida pela Prefeitura Municipal de Descalvado) inaugurada em 08/09/1971 pelo Prefeito Deolindo Zaffalon.

IGREJAS E CAPELAS:

Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém:

- 08/09/1832 - Inauguração da Capela por José Ferreira da Silva,
- 1842 - A Capela transformou-se em Igreja com a bênção do Padre Jeremias José Nogueira
- 1876 - Ano provável da chegada da imagem da Padroeira Nossa Senhora do Belém, esculpida em tamanho natural por artista desconhecido. Era vigário da Paróquia o sacerdote gaúcho Padre Francisco Teixeira de Vasconcellos Braga. Diz a tradição que a imagem foi oferecida à Paróquia como resultado de uma promessa ante uma epidemia que tinha grassado em nosso Município. Algumas versões dizem que teria vindo da Itália, outras da Espanha e outra ainda que teria sido esculpida no Brasil pelo Aleijadinho. O certo mesmo é que veio da Bahia para Rio Claro (onde ficou vários meses) e desta cidade para Descalvado em carro de boi de propriedade do Capitão Benvidio Gonçalves Franco, tendo por carreteiro o escravo Estêvão.
- 31/07/1877 à 14/01/1881 - Primeira grande reforma da Igreja, agora Paroquial, sendo Vigário o Padre Francisco Teixeira de Vasconcellos Braga,
- 11/07/1902 à 25/12/1903 - Reforma de base com ampliação da Igreja Matriz,
- 1924 à 1925 - Obras da nova Igreja Matriz iniciadas pelo Padre João Baptista de Carvalho,
- 1931 - Inauguração do relógio da Igreja Matriz, doado pelo cidadão Antonio Casati.
- 1932 - Assentamento da imagem do Cristo Redentor
- 06/09/1935 - Inauguração da nova Igreja Matriz, administrada pelo Padre Manoel Alves.
- 1937 - Início da pintura interna da Igreja Matriz.
- 1939 - Conclusão da pintura interna da Igreja Matriz, obra do exímio pintor esloveno Franciscus Pavlovic, sendo Vigário o Padre Orestes Ladeira. O pintor para a Igreja Matriz de Descalvado teve como inspiração as decorações do Kunsthistorisches e do Burgtheater, ambos em Viena. Segundo Izolda Florência Coutinho do Grupo Oficina de Restauro de Belo Horizonte – MG, as pinturas foram executadas na técnica de pintura mural. O artista utilizou tinta a óleo aplicada diretamente sobre a parede, a qual recebeu antes a camada normal de reboco. Entre as obras pintadas estão "A Virgem da Conceição" de Murilo, a "Natividade", a "Santa Ceia", a "Exaltação de Eucaristia", o "Sagrado Coração de Jesus", "São Francisco de Assis falando às aves", "Santo Antonio de Pádua falando aos peixes", "Santa Cecília a Padroeira dos Músicos", "Vocação dos Primeiros Discípulos", os "Doze Apóstolos" e os brasões de Pio XI e de D. Francisco de Campos Barreto. Nas paredes de entrada da Matriz dois famosos quadros, um figurando o "Triunfo do Arcanjo Gabriel sobre Satã" e o "Batismo de Jesus".
- 2002 – Reinauguração da Matriz em 8 de setembro, após 5 anos de obras de reforma e restauração da pintura coordenada pelo Padre Ângelo Francisco Rossi e a especialista em restauração Izolda Florência Coutinho formada pela Escola de Arte da Universidade Federal de Brasília. Os investimentos superaram a cifra de R\$ 500.000,00.

VIDA E ARTE DE FRANCISCUS PAVLOVIC

Segundo o Professor Adalberto Lovato com dados obtidos junto a neta de Franciscus Pavlovic, Angélica Pavlovic Sabadini, o pintor nasceu na Eslovênia (Postojna), em 29 de outubro de 1.892. Filho de Gasparus Pavlovic e Maria Smerdel, estudou pintura e escultura na Escola Superior de Artes Aplicadas em Viena, na Áustria, na época do Imperador Francisco José, até ser convocado para a Primeira Guerra, quando foi capturado e preso pelo exército russo. Mantido em campo de concentração por dois anos, pintou vários quadros para oficiais e generais russos, o que lhe garantiu um tratamento diferenciado. Em liberdade, conviveu com artistas de diversas correntes de Viena e desenvolveu seus trabalhos em países do leste europeu e na Itália. Chegou ao Brasil em 1.923 com 31 anos de idade, seduzido pelas cartas que daqui seu irmão Luiz Pavlovic lhe enviava e estabelece residência em Pirajuí – SP. Algum tempo depois casa-se com Antonia Penko, também imigrante eslovena. Mudaram-se para Cafelândia – SP e tiveram dois filhos, Valdomiro e Ladislau. Foram para São Paulo onde moraram na rua do Grito. Mais tarde acabaram voltando para Cafelândia. Como sofria muito de reumatismo, deixou a escultura de lado, dedicando-se à pintura. Há um conjunto de estatuas dos 12 apóstolos, feitas em cimento, na Igreja de Cafelândia. Sua esposa faleceu no ano de 1.978 e Pavlovic foi morar com o filho em Lins. Faleceu em 21 de setembro de 1.981, com 89 anos de idade, em Oriente e foi sepultado no Cemitério Municipal. Embora introvertido, era muito admirado por aqueles que o conheceram. Gostava de coisas simples e preferiu viver no anonimato. Quase não assinava os painéis que pintava nas Igrejas. Especialista em

arte sacra, trouxe para o Brasil, a profissão de pintor-decorador de Igrejas, aprendida com mestres europeus. Pintou e decorou 13 Igrejas brasileiras, 12 delas no interior do Estado de São Paulo e uma no Paraná, no período de 1923 a 1966. Nesse período dedicou-se também à pintura de quadros em óleo sobre tela, como "A Sagrada Família", "A Santa Ceia", o "Sagrado Coração de Jesus", "Adão e Eva", entre outros. A partir de 1.966, já com 74 anos de idade, dedica-se inteiramente à pintura de quadros. Seu tema preferido, nesta fase foi a natureza, ilustrada através de paisagens e flores. Sua última tela, ainda inacabada, demonstra uma mudança no estilo anterior.

- 1992 – Adotado o horário oficial do Município que seria o marcado pelo relógio da Igreja Matriz que passou a ser mantido pela municipalidade para perfeito funcionamento. (Lei 1292 de 31/12/92 do prefeito Mauro Benedito de Lima). Entretanto o relógio não funcionou mais com regularidade.

- Fevereiro de 1.998 – Início da restauração da Igreja Matriz pela Oficina de Restauro de Belo Horizonte – MG, coordenada inicialmente por Adriano Ramos e depois por Izolda Florência Coutinho que conta os motivos da deteriorização e o processo de restauração: "Considerando-se o péssimo estado de conservação, decorridos apenas sessenta anos do término das obras por Pavlovic, deve-se considerar as condições ambientais extremas a que esteve submetida ao longo dos anos, vez que segundo informações orais, as águas provenientes das chuvas escorriam diretamente sobre as paredes pintadas, sendo com certeza o fator que mais contribuiu para a deteriorização da pintura. A água, ao ser absorvida faz a pintura expandir-se. Segue-se uma brusca secagem que causa sua contração. A repetição desse processo vai provocando sucessivas rachaduras na camada pictórica, que passa a separar-se em escamas de forma e dimensões variadas. Simultaneamente, esta camada perde a adesão em relação a seu suporte a parede. Segue-se então o desprendimento: a pintura extremamente ressecada, solta-se da parede, enrola-se sobre si mesma e começa a cair, soma-se a isso manchas provocadas por umidade e rachaduras de origem estrutural. Para o processo de restauração foram necessários exames para conhecimento da técnica e materiais utilizados pelo artista, de modo a selecionar o restauro mais adequado, devendo se estáveis à exposição à luz e às condições ambientais, devem ser reversíveis caso necessário e quimicamente compatíveis com os materiais originais utilizados. O processo obedece quatro etapas: 1 – Fixação: são aplicadas várias camadas de adesivos, por método de aspersão, até impregnar a camada de pintura. Quando ela está flexível, é fixada novamente à parede com o auxílio de espátulas. 2 – Nivelamento: nos locais em que a pintura havia-se perdido, é aplicada uma massa, que será depois lixada, até a superfície ficar lisa e uniforme. Esta massa nunca ultrapassa a perda, ou seja, não passa por cima da pintura original. 3 – Reintegração: é o retoque das áreas de perda. Do mesmo modo que ocorre no nivelamento, a reintegração não passa sobre a pintura original do artista. O objeto é apenas completar o que estava perdido. 4 – Aplicação de uma camada de proteção (verniz). A restauração busca preservar ao máximo a obra original do artista, intervindo o mínimo necessário para devolver a integridade das imagens representadas. A técnica é a desenvolvida no Instituto Central do Restauro de Roma – "tratteggio" e "pontilhismo". As perdas são preenchidas com pequenos traços ou pontos visíveis apenas a uma distância bem próxima, tornando assim possível identificar exatamente as áreas de intervenção do restaurador e aquelas que constituem a obra original do artista."

CAPELAS:

Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus do Butiá - 11/06/1932
Capela de Santa Cruz das Almas - 1964
Capela de Santa Cruz dos Operários - construída pelo Padre Jeremias José Nogueira (1.840)
Capela de São Benedito
Capela de São Sebastião
Capela de Nossa Senhora da Saúde - Fazenda Santana (1907)
Capela do Coração de Jesus - Fazenda Bela Aliança
Capela do Santíssimo Redentor - Cemitério Municipal (1893)
Capela de Nossa Senhora da Conceição - Lar Escola (1905)
Capela de São Vicente de Paulo - Asilo São Vicente (1937)
Capela de Nossa Senhora da Boa Morte - Santa Casa (1895)
Capela de São José - Fazenda Lagoa Alta

Contando a história da Igreja Matriz: (Conto de Luiz Carlindo Arruda Kastein baseado em artigos de Gerson Álfio

De Marco, Antonio da Conceição Vicente Adorno e Monsenhor José Canônico)

Conta-nos a história que, em 1832, para pagamento de um voto religioso, feito para recuperação da saúde da mulher Florência Maria de Jesus, José Ferreira da Silva, mandou construir em terras de sua propriedade, no alto de uma colina, uma modesta capela sob a invocação de Nossa Senhora do Belém, dando, também, à Igreja, um patrimônio de 3 quilômetros e meio em quadra, lavrando a competente escritura na cidade de Rio Claro, no dia 10 de novembro de 1842, mesmo ano em que o Padre Jeremias José Nogueira concedeu a benção à capela, que se transformava em Igreja. A Capela que servia de Matriz foi benzida novamente, em virtude de uma Portaria do então bispo Diocesano de São Paulo, D. Sebastião do Pinto Rêgo, em 13 de abril de 1864. No ano de 1875, teve início primeira reforma da Igreja pelo Padre gaúcho Francisco Teixeira de Vasconcellos, transformando-a em Paroquial. Contou com o apoio da seguinte comissão de pessoas ilustres: Antônio de Camargo Campos, Tenente Coronel Joaquim Félix Pereira de Carvalho, Major Arthur Horácio D'Aguiar Whitaker e Tenente Antonio Leocádio de Matos, que contaram entre os generosos doadores com o José Elias de Toledo Lima, o Barão do Descalvado, que contribuiu com \$12.044.920 Réis. Antônio de Camargo Campos contribuiu com \$2.600.000 Réis. As obras foram de aumento do perímetro e de feitura de novo frontispício e novas torres, tendo-se gasto em tudo mais de \$80.000.000 Réis. A Comissão funcionou de 31 de julho de 1877 a 14 de janeiro de 1881. Foi nesta época que o carro de bois de propriedade do Capitão Benvindo Gonçalves Franco, tendo por carreiro, o preto Estevão, proveniente de Rio Claro, adentrou ao Município, conduzindo a Imagem de Nossa Senhora do Belém, da qual o historiador Prof. Gerson Álfio De Marco conta: "Desconhecido é o nome do autor da Imagem da Padroeira, como desconhecidos são sua procedência inicial, o nome do seu doador e o ano de sua chegada entre nós. Já se expenderam as mais diversas hipóteses a respeito de sua origem (veio da Itália, disse alguém; da Espanha disse outro) e no que concerne à sua autoria (é do cingel do Aleijadinho, avançou outro). Pela perfeição do trabalho, não é dizer-se nada de desconexo afirmar-se que a fez um grande artista (da religiosíssima Itália, da generosa Espanha ou o nosso Aleijadinho, o que sendo, seria uma das mais perfeitas obras saídas de suas mãos enfermas, mas altamente criadoras). Nada no entanto é certo, a não ser que a Virgem do Belém foi trazida a Descalvado sobre um lento e poético carro de bois, vindo da Bahia (mas não feito nela) e através de Rio Claro, onde ficou vários meses antes da viagem final." Nos anos de 1902 e 1903, novas reformas são efetuadas sob o paróquiato do Padre Manoel Francisco Rosa. Os anos de 1924 e 1925 marcam as épocas do paróquiato do Padre João Batista de Carvalho, onde iniciaram-se esforços para se dotar a cidade de uma nova Igreja Matriz, abrindo novos alicerces. O jornal "O Descalvadense" de 7 de setembro de 1925 lançou um encarte com a programação da Festa da Padroeira em que ocorreu a benção da pedra fundamental da nova Igreja Matriz:

Grande Festa de N. Senhora de Belem Padroeira de Descalvado

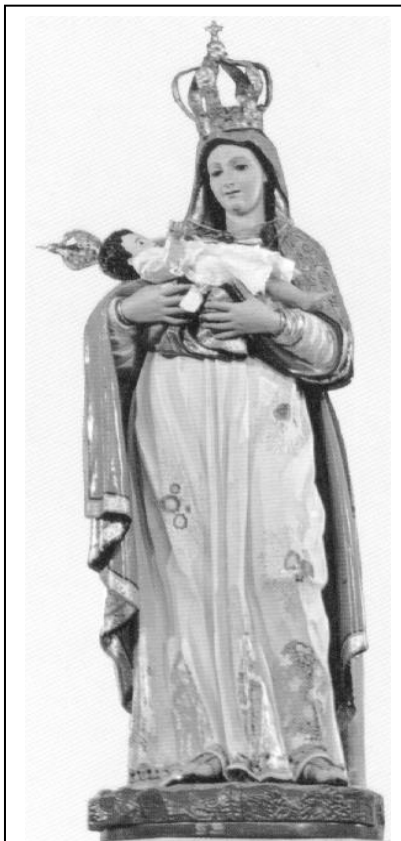
Benção da Primeira Pedra da

Nova Igreja Matriz

Revestir-se-á este anno de desusada pompa a festa da excelsa Padroeira desta Parochia, a Vigem de Belem, sendo a mesma abrilhantada pela honrosa presença do Exmo. E Revmo. Snr. Bispo Diocesano, D. Francisco de Campos Barreto.

Programma

A 30 DE AGOSTO - domingo - Primeiro dia da Novena, a população será despertada por festiva alvorada de bateria e repiques de sinos, percorrendo as ruas a Banda de Musica.



*Nossa Senhora do Belém
Padroeira de Descalvado*

ÀS 6 ½ DA TARDE - terão início os actos religiosos na Igreja Matriz, que será ricamente adornada e illuminada. As novenas, A Grande Orchestra continuarão em todas as tardes subsequentes, às mesmas horas, havendo todas as noites sermão por conhecidos oradores.

DIA 6 DE SETEMBRO - Domingo às 7 ½ horas será celebrada uma Missa solenne com canticos na Villa S. Lazaro, commungando os doentes e demais moradores, aos quaes será servido profuso café com doces.

DIA 7 DE SETEMBRO - Independencia do Brasil

PELA MADRUGADA - a Camara Municipal promoverá alegre Alvorada em commemoração a grande data nacional.

NESSE MESMO DIA - às 13 ½ horas da tarde - deverá o povo catholico achar-se na Estação da Companhia Paulista, afim de receber ao Exmo. Sr. Bispo Diocesano, D. Francisco de Campos Barreto, que mais uma vez virá abençoar esta parochia com sua honrosa presença.

AS 4 ½ HORAS DA TARDE - A comissão de obras da Igreja transportará solennemente da casa parochial a PEDRA FUNDAMENTAL da Nova Matriz. - Em seguida será a mesma solennemente benta e collocada pelo Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano, ao espoucar de foguetes e baterias e repiques de sinos. Fallará nesta occasião conhecido orador.

AS 6 ½ DA TARDE - Haverá na Matriz, presidido pelo Exmo. E Revmo. Sr. Bispo o canto, solenne da Magnifica e di Te Deum a grande orchestra, em acção de graças pelos dois eventos do dia, a Independencia do Brasil e a Benção da primeira pedra da futura Matriz.

DIA 8 DE SETEMBRO - DIA DA PADROEIRA -

As 7 ½ HORAS DA MANHÃ - O Exmo. Sr. Bispo celebrará a Santa Missa, distribuindo a GRANDE COMUNHÃO GERAL, em que deverão tomar parte a Congregação Mariana de Moços, a Pia União das Filhas de Maria, todas as demais associações e fieis, recebendo todos uma lembrança da festa.

AS 10 HORAS - Solenne Missa Cantada, com grande Assistencia Pontifical do Exmo. E Revmo. Sr. Bispo Diocesano. É uma grandiosa solennidade, a que Descalvado vae assistir pela primeira vez. Fallará ao Evangelho o reputado orador sacro, Frei Modesto de Rezende.

AS 4 ½ HORAS - Sahirá á rua imponente Procissão que carregará triumphalmente

pelas ruas, a abençoar a nossa cidade, a bella e veneranda Imagem de nossa Padroeira, a Virgem de Belem. Nella deverão tomar parte todas as Associações com seus estandartes e andores.

A ENTRADA - será queimada uma descarga e haverá sermão por Frei Modesto de Rezende. Dará a benção final o Exmo. Sr. Bispo Diocesano.

Após a benção serão sorteados os festeiros para 1926.

Chrismas - O Exmo. E Revmo. Sr. Bispo Diocesano administrará o S. Chrisma nos dias 7, as 3 horas da tarde e no dia 8 as 2 horas da tarde.

Lelições - Haverá leilões no dia 30 de agosto e nos dias 5, 6, 7 e 8 de setembro. Pedem-se prendas, que deverão ser entregues aos festeiros ou ao mordomo Sr. José Dias de Arruda Campos. Barracas e Diversões - No largo da Igreja, profusamente illuminada, haverá barracas de doces e assados, bem como outras para diversões innocentes, como seja a Roda de Israel, Correio Elegante, Cavallinhos de Pau e outras surpresas, sendo tambem levantado um Pau de Sebo, com valiosos premios.

Corridas de cavallos - No domingo, 6 de setembro, no local de costume será disputada uma sensacional corrida entre os afamados parceiros: Menina do Sr. Dr. Antonio Castro Padro e Planeta, do Sr. Coronel Raphael Tobias de Oliveira.

Fogos de artificio - Após o leilão do dia 8, serão queimadas várias pelas artisticas de vistosos Fogos de Artificio, confeccionados pelos habeis pyrotechnicos locais, os Irmãos Pessôa.

Musica - Todo o serviço será feito pela "Banda de Musica "Santa Cecilia" competentemente dirigida pelo Maestro Francisco Todescan e a parte de orchestra e côm, pelos amadores da Matriz, propectamente dirigidos pala Exma. Sra. Prof. D. Cotinha Todescan, que estreará na festa repertorio

todo novo e sera coadjuvada pelo reputado tenor brasileiro Sr. Octacilio Machado de Campos.

Anjos - Pedem-se anjos para a Procissão.

Ruas - Pedem-se aos moradores do trajecto da Procissão que enfeitem a frente de suas casas para a passagem da Santa Imagem de Nossa Senhora do Belém que a todos abençoará.

Dia Santo - Pede-se aos fazendeiros e ao commercio que considerem dia santo o dia 8, para que todos possam assistir á festa.

Os festeiros e mordomos esperam o concurso de todos os devotos de Nossa Senhora e Mãe, a Virgem de Belém, não só para que sua festa se revista de todo brilho, como para que della resulte algum saldo para as obras de sua futura Matriz.

Descalvado, 16 de agosto de 1925 - Os Festeiros: Luiza Alves Aranha e Dr. Carlos Geribello. Mordomos: Cel. Joaquim Alves Aranha, Tte Odorico Moysés da Silva, Cap. Octaviano Luiz de Camargo, Benedicto Barbosa Adorno, José Dias de Arruda Campos, Cap. José Bento Ferreira, Derminda Faria, Fantina Lobo Moreira, Laly Carvalho Oliveira, Anna de Abreu Camargo.

No ano de 1931 foi inaugurado o relógio da Igreja Matriz, passando a ser referência para toda a população, transformando-se mais tarde no horário oficial do Município. Um ano depois, em 1932, é concluído o assentamento da Imagem do Cristo Redentor, encimando o frontespício da Igreja Matriz, nessa época sob o paróquiato do Padre Manoel Alves, depois Cônego, quando se acrescentaram algumas modificações na planta primitiva e foi colocado, em data de 5 de setembro de 1935, o altar mor da Padroeira doado por Paulo Casati, descaldense (que foi Prefeito e Vereador) quando esteve em Descalvado em visita pastoral o Segundo Bispo da Diocese de Campinas, D. Francisco de Campos Barreto, para promover a Benção e Inauguração da Nova Igreja Matriz, em 8 de setembro de 1935 tendo como festeiros Adelina Mayesi Pulici e Vicente Serpentina.

O altar uma obra de arte, de esmerado acabamento em cantaria, é fruto do dedicado labor artístico dos Irmãos Colluccini da cidade de Campinas.

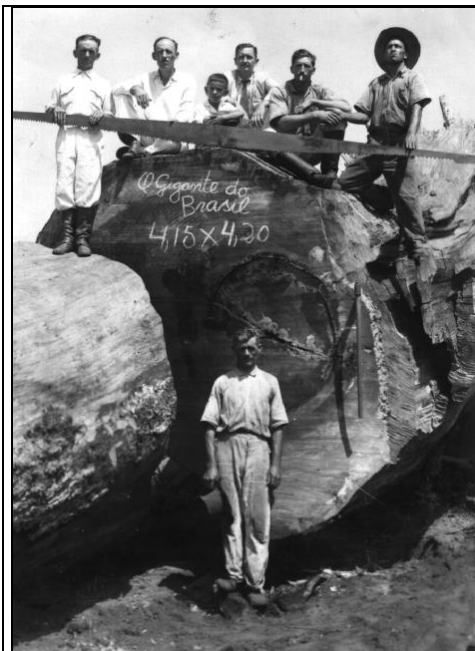
Em 1939, quando era Vigário o saudoso Padre Orestes Ladeira, o exímio pintor esloveno Franciscus Paulovic iniciou a pintura do interior da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém, com muita técnica, perícia e gosto artístico. Paulovic, segundo pesquisa do professor Adalberto Lovato em artigo de Marcelo Bartolomei no Jornal “Folha de São Paulo”, estudou artes na Escola Superior de Artes Aplicadas de Viena, na Áustria. Ele demonstrou o estilo sacro em treze igrejas brasileiras – doze delas no interior do Estado de São Paulo (entre elas Pirassununga, Araras e Avaré) e uma no Paraná. Nasceu na Eslovênia em 1892 e morreu em Cafelândia, interior de São Paulo, no ano de 189, onde está sepultado. O trabalho do artista lembra decorações de prédios visitados por ele em Viena, na Áustria. Foi prisioneiro em um campo de concentração russa na Primeira Guerra Mundial, onde recebeu tratamento diferenciado por pintar vários quadros para militares russos. Na Igreja de Nossa Senhora do Belém, ele utilizou estruturas de colunas e pilares encontrados em obras de artistas como Gustav Klimt e Oskar Kokoschka, que também estudaram na Escola Superior de Artes Aplicadas de Viena. A principal característica da decoração da igreja é a utilização da cor amarela na maioria dos espaços. Mesmo assim, são encontradas outras cores na decoração. Ele transportou estilos encontrados em Viena para as igrejas que pintou. Em Descalvado, trocou figuras mitológicas – encontradas em livros de arte – por anjos. Além disso, montou o altar da igreja todo em mármore com balaustres em forma de cerca. O brilhantismo do seu pincel, segundo o historiador Gérson Álfio De Marco fixou-se nos tetos da nave principal e das laterais; no das capelas do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Conceição e do Coração de Jesus; também no teto do altar-mor, em paredes do coro e da sacristia e também das naves laterais, em belíssimas reproduções de quadros evangélicos, de cenas da vida de altos nomes na Hagiologia católica e, também, em telas de alto simbolismo religioso: “A Virgem da Conceição”, de Murilo; a “Natividade”, a “Santa Ceia”, a “Exaltação da Eucaristia”, o “Sagrado Coração de Jesus”, “São Francisco de Assis falando

às aves” e “Santo Antonio de Pádua falando aos peixes”, “Santa Cecília, a Padroeira dos Músicos”, a “Vocação dos Primeiros Discípulos”, os “Doze Apóstolos”, os brasões de Pio XII e de D. Francisco de Campos Barreto. Nas paredes de entrada da nossa Igreja Matriz, dois formosos quadros: um figurando o “Triunfo do Arcanjo Gabriel sobre Satã” e o “Batismo de Jesus”. Em 1946 o espírito realizador do Monsenhor José Canônico concluiria as obras com a complementação da pintura, troca do piso, aposição dos artísticos vitrais, do púlpito, colocação dos bem trabalhados bancos e outras obras de embelezamento e necessárias. Logo na entrada da Igreja Matriz deparamos com um belíssimo conjunto de 3 bem trabalhados vitrais, dois laterais e um central. O central contém uma Glorificação de Nossa Senhora do Belém. Dos laterais, um focaliza a instalação da Freguesia e o outro a chegada festiva da Imagem da Padroeira. O trabalho artístico foi uma doação da família Serra Penteado e é dedicado a memória de D. Rita Antonia da Silva Serra Penteado, que foi esposa de José Rodrigues Penteado, republicano em Descalvado e a quem nossa gente deveu um avultado número de benemerências. O púlpito, bela e rica peça arquitetônica em mármore de várias procedências, foi inaugurado no dia 7 de setembro de 1947, pelo bispo de Campinas, Dom Paulo de Tarso Campos. Paralinhou o Ato Dona Tereza Maia Luz Guimarães, a generosa e máxima doadora, dentre os mais, do púlpito que veio enobrecer o templo de Nossa Senhora do Belém. Além do seu aspecto geral, a belíssima decoração do teto, das paredes, o altar-mor, os bens trabalhados bancos, os lustres, o piso de finíssimos mosaicos, conceituam o templo de Nossa Senhora do Belém como uma das mais belas Igrejas do Brasil.

HISTÓRIA DE NOSSA SENHORA DO BELÉM

Luiz Carlindo Arruda Kastein

(Belém, em hebraico bêt'lehem, que significa “casa do pão” ou “casa do deus Lahm”. Belém, fica em Israel, 8 quilômetros ao sul de Jerusalém, fundada em data incerta por uma clã efraíta, foi glorificada como local de origem da dinastia de David e por ter sido a cidade natal de Jesus. Apesar de a Judéia ser um estado vassalo de Roma na época de Herodes, somente após a queda de Jerusalém, no ano 70, ela passou a fazer parte do Império Romano. O imperador Constantino, convertido ao cristianismo, mandou edificar no ano 330, sobre a gruta da Natividade, uma basílica, cujos belos mosaicos representando os antepassados de Jesus e os profetas que anunciaram o seu nascimento a celebraram como um



Jequitibá do Monte Olimpo – 12 metros de circunferência, altura de 71 metros e sustentado por doze raízes, era necessário dezoito pessoas, de mãos dadas, para abarcá-lo.

marítima, chegando são e salvo à lendária Calicut, onde foi bem recebido pelo Samorim. Em agradecimento à proteção da Soberana dos Mares, El-Rei D. Manuel I, transformou a humilde capela de Santa Maria de Belém no suntuoso mosteiro conhecido atualmente como “Os Jerônimos”, uma das obras-primas da arquitetura manuelina. Desde então as grandes

expedições marítimas eram precedidas de solene cerimônia religiosa na magnífica igreja da Protetora dos Navegantes. Pedro Álvares Cabral, antes de iniciar sua viagem de descobrimento, ali assistiu à Santa Missa e seguiu com o rei em procissão até o cais, onde a frota, pronta para zarpar, saudou com entusiasmo seu soberano e seu comandante. Trazida para o Brasil pelos primeiros povoadores, esta invocação da Mãe de Deus teve muitos devotos em todo o território nacional. Padroeira das cidades de: Belém no Pará, Itatiba e Descalvado em São Paulo, Guarapuava no Paraná, Biritinga na Bahia e das Paróquias de: Belém Novo em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), Nossa Senhora do Rosário de Belém em Curitiba (Paraná) e Encruzilhada em Recife (Pernambuco).

Iconografia – Existem várias representações da Senhora de Belém. Em Lisboa, na capela dos Jerônimos, Ela aparece com São José e o Menino Jesus de pé entre seus pais, usando roupas bordadas. O Divino Infante aparenta uma criança de mais de um ano, pois está de pé. Segundo alguns historiadores Ele teria essa idade quando aconteceu o episódio da matança dos inocentes e fuga para o Egito. As imagens de Nossa Senhora de Belém, existentes na fachada e no altar-mor da Sé em Belém do Pará, representam Maria de pé com o Menino Deus já grandinho, sentado em seu colo e abraçando sua mãe. Já a colocada no mesmo altar mostra São José e Nossa Senhora reclinados sobre a manjedoura, onde repousa Jesus recém-nascido. Acreditamos que esta tela seja mais uma lembrança do Presépio, devido ao nome dado ao forte, do qual se originou a cidade. Em Guarapuava a imagem em estilo barroco e talhada em madeira maciça tem o Menino Deus sentado nos braços da Virgem de Belém. Em Descalvado a imagem em estilo moderno de rara beleza também esculpida em madeira maciça, tem o Menino Jesus deitado nos braços da Senhora de Belém.

A imagem de Nossa Senhora do Belém de Itatiba-SP é muito semelhante à de Descalvado. Registros históricos daquela Paróquia informam tratar-se de escultura espanhola em madeira policromada do século XIX. Os entalhes muito parecidos nos fazem pensar que a imagem de Descalvado tenha sido esculpida pelo mesmo artista espanhol.

Em Descalvado:

No ano de 1820, José Ferreira da Silva e sua mulher Florência Maria de Jesus, venderam seus pertences em Minas Gerais à procura de novas paragens no interior de São Paulo. Católicos fervorosos, antes da partida, invocaram a proteção de Nossa Senhora do Belém, guia daqueles que buscam novas terras, e partiram levando com eles uma pequena imagem da Santa de sua devoção, que os conduziu ao sertão de Araraquara, onde adquiriram a Fazenda Areias, hoje Descalvado. Cultivaram e progrediram na terra. No ano de 1832, Florência adoeceu. Para sua recuperação o casal fez um voto para a Virgem de Belém: construir uma Capela em sua devoção no alto da colina localizada no meio da fazenda, mandando entalhar em madeira maciça uma imagem da Santa, que tivesse a altura e o peso de Florência e mais, doar um patrimônio de três quilômetros e meio em quadra, terras essas que seriam vendidas a quem quizesse construir, revertendo o dinheiro para a Capela de Nossa Senhora do Belém. No dia 8 de setembro do mesmo ano, seria inaugurada a modesta Capela feita de pau a pique em cujo altar introduziram a pequena Santa que trouxeram de Minas, imagem esta que seria substituída pela de madeira maciça, tão logo ficasse pronta. Teve início o povoado. No dia 10 de novembro de 1842 passam a escritura definitiva das terras em cartório da cidade de Rio Claro, mesmo ano em que o Padre Jeremias José Nogueira, concedeu benção à Capela, transformando-a em Igreja. Não se sabe se José Ferreira da Silva chegou a encomendar a Imagem, mas é certo que até sua morte em 1860, a promessa não se concretizou. Somente anos mais tarde, quando uma terrível epidemia de varíola ameaçou o Município, relacionaram o fato a não realização do voto religioso. Foi quando, por volta de 1885, a Imagem definitiva de Nossa Senhora do Belém acabou por chegar a Descalvado, proveniente de Rio Claro, conduzida pessoalmente pelo Capitão Benvido Gonçalves Franco, em carro de boi de sua propriedade, tendo por carreteiro o preto de nome Estevão. O historiador Prof. Gerson Álfio De Marco conta: “Desconhecido é o nome do autor da Imagem da Padroeira, como desconhecidos são sua procedência inicial, o nome do seu doador e o ano de sua chegada entre nós. Já se expenderam as mais diversas hipóteses a respeito de sua origem (veio da Itália, disse alguém; da Espanha disse outro) e no que concerne à sua autoria (é do cingel do Aleijadinho, avançou outro). Pela perfeição do trabalho, não é dizer-se nada de desconexo afirmar-se que a fez um grande artista (da religiosíssima Itália, da generosa Espanha ou o nosso

Aleijadinho, o que sendo, seria uma das mais perfeitas obras saídas de suas mãos enfermas, mas altamente criadoras). Nada no entanto é certo, a não ser que a Virgem do Belém foi trazida a Descalvado sobre um lento e poético carro de bois, vindo da Bahia (mas não feita nela) e através de Rio Claro, onde ficou vários meses antes da viagem final.”

Em 9 de abril de 2.001 o Pároco Ângelo Francisco Rossi preocupado com a conservação da Imagem Original, um verdadeiro patrimônio da população, mandou esculpir em São João Del Rey (Minas Gerais) uma repica da imagem, pelo artista escultor Osni Paiva ao custo de R\$ 3.800,00. A imagem menor e mais leve (1,20 metros) deverá ser utilizada em procissões e outros atos religiosos públicos, evitando assim que a original seja deslocada do altar mor da Igreja Matriz. Oswaldo Bortoletto foi quem trouxe a imagem de São João Del Rey para Descalvado, que chegou no dia 8 de outubro.

PADRES DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO BELÉM

01 - 1835/1837 - PADRE FRANCISCO ANDRONICO RIBEIRO

Foi o primeiro Pároco da Capela de Nossa Senhora do Belém, 3 anos após sua edificação por José Ferreira da Silva.

02 - 1837/1870 - PADRE JEREMIAS JOSÉ NOGUEIRA

Foi o Vigário que concedeu a benção à Capela erigida por José Ferreira da Silva e sua mulher em louvor a Nossa Senhora do Belém e que se transformava em Igreja no ano de 1842.

03 - 1.866/1902 - CONEGO ELISIARIO MARTINS PEDROSO

Nasceu na cidade de Faxina na Itália e faleceu em Descalvado no dia 25 de janeiro de 1.902. Está sepultado na Cripta da Capela de Santa Cruz das Almas.

04 - 1870/1875 - PADRE ANTÔNIO JOSÉ DE CASTRO.

Padre Antônio José de Castro filho de Rodrigo Cesar de Castro Piza, nasceu no dia 25 de agosto de 1.835 na cidade de Taubaté. Foi Vigário em Descalvado, tendo vivido por algum tempo na Fazenda “Jangada Braba” de propriedade de Sebastião de Oliveira Penteado, que foi a antiga Fazenda Graciosa antes de ser desmembrada. Didata, o Padre Antônio preparou para os exames de admissão à Faculdade de Direito, Amâncio Guilhermino de Oliveira Penteado, Francisco Zoelo de Oliveira Penteado e Cícinato Braga, os dois primeiros filhos do proprietário e o último do administrador da fazenda; e para a Escola de Engenharia, o Dr. Joaquim Timótheo de Oliveira Penteado. Foi um Padre muito culto e muito admirado por sua bondade. Viveu os últimos anos de sua existência em Descalvado onde faleceu em 3 de dezembro de 1912, vítima de edema agudo do pulmão, com 78 anos idade, estando sepultado no na Cripta da Capela de Santa Cruz das Almas.

05 - 1875/1902 - PADRE FRANCISCO TEIXEIRA DE VASCONCELLOS BRAGA

Natural do Rio Grande do Sul, logo que chegou a Descalvado, deu início a uma campanha para arrecadação de fundos, destinado a primeira reforma da Igreja de Nossa Senhora do Belém que contou com o apoio de pessoas eminentes da época como José Elias de Toledo Lima (Barão do Descalvado), Antônio de Camargo Campos, Tenente Coronel Joaquim Félix Pereira de Carvalho, Major Arthur Horácio D’Aguir Whitaker e Tenente Antonio Leocádio de Matos. A reforma aumentou a Igreja, deu-lhe nova frente e torres. Foi também no Paroquiato do Padre Francisco que chegou a Descalvado, proveniente de Rio Claro, a imagem da Padroeira Nossa Senhora do Belém.

06 - PEDRO BIONDI

Nasceu em Massa Carrara na Itália e faleceu em 23 de janeiro de 1.894 em Descalvado. Está sepultado na Cripta da Capela de Santa Cruz das Almas.

07 - BRAZ PANSARDI

Faleceu em Descalvado no dia 5 de maio de 1.899. Está sepultado na Cripta na Capela de Santa Cruz das Almas.

08 - 1902/1910 - PADRE MANOEL FRANCISCO ROSA

Chegou a Descalvado em 1902. Promoveu novas reformas na Igreja. Em 20/02/1910 foi transferido para a Matriz de Santo Antonio de Piracicaba onde foi pároco até falecer em 06/06/1965. Foi enterrado na cripta da Matriz e Catedral de Santo Antonio em Piracicaba.

09 - 1910/1923 - PADRE JOÃO OSÓRIO MARCONDES

Nasceu na cidade de Taubaté em 1º de junho de 1.862, pertencente a tradicional família do Vale do Paraíba, fez os estudos primários em sua terra natal, ingressando depois no Seminário Episcopal, onde foi ordenado Sacerdote, e depois lecionou francês, por diversos anos após sua ordenação. Designado Vigário da Paróquia de Descalvado, permaneceu

entre nós até sua morte em 1936. Culto e bondoso, cultivou grandes amizades e soube aproximar descaldenses de todos os credos. Em 1923 foi designado Capelão da Santa Casa de Misericórdia de Descalvado e do Asilo Imaculada Conceição. Faleceu no dia 10 de junho de 1.930 estando sepultado na Cripta da Capela de Santa Cruz das Almas.

10 - 1923/1927 - PADRE JOÃO BAPTISTA DE CARVALHO

Conhecido como (Frei Maria) deu início a uma grande campanha para arrecadar fundos para construção da atual Igreja Matriz que teve início em 1923, sendo inaugurada em 1935. Partindo de Descalvado, na Capital foi Deputado Estadual por várias legislaturas.

11 - 1927/1928 - PADRE SALOMÃO VIEIRA

Formado em Portugal na Escola Normal de Vizeu. Foi por 11 anos missionário no Estado de Goiás em companhia do Bispo D. Prudencio Gomes da Silva. Foi diretor da Escola Comercial de Campinas e mais tarde Secretário Geral do Bispado de Botucatu. Foi também Reitor do Seminário de Goiás.

12 - 1928/1937 - PADRE MANOEL ALVES

Foi durante seu paróquiato que foi inaugurada a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém no ano de 1935 com a colocação do altar mor da Padroeira, e a nova benção do Templo, dada pelo Segundo Bispo da Diocese de Campinas D. Francisco de Campos Barreto.

13 - 1937/1937 - PADRE LUIZ SORIANO

Natural de Zaragoza na Espanha, onde nasceu em 07 de julho de 1.876. Há duas versões sobre seu ordenamento como sacerdote católico, ou na Espanha onde inclusive teria apostolado alguns anos, vindo a seguir para o Brasil onde ficou até sua morte. A segunda versão diz que se apostolou em Vitória do Espírito Santo em 24.05.1900. Vigário em Descalvado, marcou sua passagem por esta cidade, pela iniciativa da obra assistencial de tanta relevância que é o Asilo São Vicente de Paulo, de cuja idéia fez um dos maiores florões de sua vida de homem de Deus. Em 1937, o Padre Luiz Soriano conclamou os descaldenses de boa vontade para a ereção de um abrigo dos velhos desvalidos, em nossa cidade. A este apelo veemente, acorreu incansáveis e desprendidos, inúmeros descaldenses, e, dentro em pouco, graças a cooperação eficiente, valiosa do povo, os anciãos desabrigados do município, tinham sua casa, a sua casa de carinho, de amor, de segurança, para os anos restantes de atribulada existência. Faleceu em 26 de novembro de 1.942 na Vila Mariana em São Paulo.

14 - 1937/1946 - PADRE ORESTES LADEIRA

Natural de Mogi-Mirim (SP), nasceu em 18 de julho de 1.902. Era filho de Francisco José Ladeira e Vicença Ladeira. Foi ordenado sacerdote na Catedral de Campinas, nomeado Vigário da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus em Conchal em 1.929. Participou bravamente da Revolução Constitucionalista de 1.932, seguindo as tropas paulistas como Capelão Militar. Foi reconhecidamente um grande empreendedor e sua figura é muito benquista pelo povo descaldense. Faleceu no dia 8 de março de 1.959. Durante seu paróquiato foram realizadas as obras de pintura interna da Igreja Matriz pelo exímio pintor italiano Francisco Paulovitch. A parte interior da Igreja Matriz destaca-se pela belíssima decoração do teto e das paredes, o artístico altar-morm os bem trabalhados bancos, seus belos lustres e artísticos vitrais. A pintura é datada de março de 1.959. O nome do Padre Orestes está perpetuado na escola municipal que leva seu nome em Descalvado.

15 - 1946/1997 - MONSENHOR JOSÉ CANÔNICO

Nascido em Rio Pombo, Estado de Minas Gerais em 30 de dezembro de 1913. Veio para o Estado de São Paulo ainda criança com 4 anos. Frequentou o Seminário Diocesano de Campinas, onde cursou Ginásio e Filosofia. Em São Paulo, Capital, com a inauguração do Seminário Central do Ipiranga, cursou Teologia. Foi ordenado Presbítero na Catedral de Campinas, por Dom Francisco de Campos Barreto, em 5 de dezembro de 1937. Veio para Descalvado, tomando posse como Pároco no dia 22 de setembro de 1946. No dia 24 de setembro de 1957 inaugurou as instalações da Sede Social da Paróquia, cujas obras foram iniciadas com sua vinda para Descalvado. Local onde se realiza eventos sociais, palestras, cursos de noivos, cursos de batismo e aulas de catequese preparando para a 1ª Eucaristia. Demoliu a antiga Capela de São Sebastião construindo no mesmo local outra bem mais moderna com salão social onde acontecem os eventos sociais daquele bairro. Reformou completamente a Casa Paroquial, pintura externa da Igreja Matriz. Fundou juntamente com seu auxiliar Padre Otávio Dorigon, hoje Monsenhor da Paróquia do Bom Jesus em Pirassununga, a Escola Catequética Paroquial

de Descalvado com aulas ministradas por catequistas preparando, adolescentes e jovens para a 1ª Eucaristia e Crisma, fato que repercutiu com amplo destaque na Diocese de Campinas. Este fato deu-se na década de 50. Criou também as comunidades nos bairros da cidade e não passava um dia sem a Santa Missa, seguindo posteriormente às Comunidades Rurais. Foi por devoção a Nossa Senhora do Belém que ele se enraizou em Descalvado por mais de cinquenta anos. Trabalhou com ele como padres auxiliares, Pe Otávio Dorigon, já citado e o que mais permaneceu em Descalvado, vindo a ser substituído pelos seguintes padres: Lauro Sigriste, Francisco Marcondes, Ângelo Brian, Nilton Barbam e Ademir Zanarelli.

16 - 1997 - PADRE ÂNGELO FRANCISCO ROSSI

Em 1.997, ano em que o Monsenhor José Canônico completava 50 anos de Sacerdócio em nossa cidade, dedicando sua vida a Deus e a seus irmãos e irmãs, casando batizando, crismando, evangelizando quase toda a população de Descalvado, e devido a sua idade avançada e seu estado de saúde comprometido veio a ser substituído pelo Padre Ângelo Francisco Rossi, um padre dinâmico e realizador, convicto em seus trabalhos e decisões sempre com firmeza e coragem, como a reforma da Sede Paroquial, da Capela e Salão Social do Bairro de São Sebastião, Construção da Capela Cristo Rei no bairro Morada do Sol, sem contar com a reforma e restauração da nossa Igreja Matriz, um tempo católico que é o orgulho do povo descaldense, pois assumiu este compromisso juntamente com uma comissão e a colaboração do povo para esta obra vultuosa, pois chegaram até a chamá-lo de louco para executar tal obra, tamanho era o valor monetário e responsabilidade. Entretanto com sua dedicação e firmeza e a colaboração geral, aí está o nosso Templo Majestoso e lindo assim como são também as celebrações e eventos religiosos organizados pelo Padre Ângelo, pois ele prima pela beleza e seriedade dos seus trabalhos. Ele sempre diz: "SE É PARA DEUS, TEM QUE SER BONITO E BEM FEITO". No pouco tempo que o Pe Ângelo Francisco Rossi está em Descalvado, teve como auxiliar direto o Padre Cláudio Bertin, por pouco tempo, pois foi removido como Pároco na cidade de Leme, Sempre que há necessidade padres de outras Paróquias vêm auxiliar o Padre Ângelo.

Esta pesquisa não estaria completa se deixássemos de registrar o nome de alguns padres descaldenses que embora não tenha exercido paróquiato aqui, são filhos de nossa terra e deram sua contribuição à cidade natal: **Padre João Francisco Barbalho** que atua em Paróquias do Rio de Janeiro; **Padre Arlindo Giacomelli** que atuou em Paróquia no Estado de Minas Gerais, **Padre Santo Marini** nascido em Descalvado em 30/11/1928, ordenado na Capital em 20/12/1952 e falecido em São José do Rio Preto em 07.10.1977, construiu a Igreja de Nossa Senhora da Aparecida em Araras - SP e faleceu em São José do Rio Preto, **Padre Gustavo Mantoni**, ordenado em 1.952, que foi o primeiro Pároco da Paróquia de São Benedito em Limeira (1960) e exerce funções administrativas na Diocese em Limeira - SP e **Padre José Gaspar** que teve falecimento trágico em acidente automobilístico ocorrido na estrada Campinas-Valinhos em 5 de março de 1.965, está sepultado em nosso Cemitério Municipal. Ordenado sacerdote em 5 de dezembro de 1.954 na Catedral de Nossa Senhora da Conceição em Campinas. Rezou sua primeira missa na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém em 8 de dezembro do mesmo ano. Lecionou latim a português no Seminário Diocesano de Campinas, foi Diretor Espiritual do mesmo Seminário, foi fundador e primeiro Vigário da Paróquia de Santo Cura D'Ars em Campinas e viajou para Roma, onde fez intenso curso para servir ao Movimento para um Mundo Melhor. De retorno ao Brasil, integrou a Equipe Nacional desse Movimento que aqui estava sob a jurisdição da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Este trabalho não é uma pesquisa exata e completa são alguns relatos de pessoas religiosas que passaram por Descalvado pregando a palavra de Deus e de outros que ainda permanecem por aqui dedicando suas vidas aos ensinamentos de Deus.

Este relato é uma homenagem da Comunidade de Santa Cruz das Almas através de seu Ministro Geraldo Marini e do povo de Descalvado, onde queremos deixar o nosso muito obrigado a esses religiosos, especialmente ao Monsenhor José Canônico pelos seu 50 anos de Pároco em Descalvado e Padre Ângelo Francisco Rossi, pelos seus trabalhos Sacerdotais, especialmente pela reforma e restauração da nossa Igreja Matriz, duas pessoas que jamais serão esquecidas pelo povo Descaldense, que Deus os abençoe e os guarde para sempre. Para a elaboração deste trabalho realizaram pesquisas Geraldo Marini, Luiz Carlindo Arruda Kastein, Antônio da Conceição Vicente Adorno e Prof. Gerson Álfio De Marco.

MISSIONÁRIAS DE AÇÃO PAROQUIAL

Em 25 de janeiro de 1972, chegaram em Descalvado as Irmãs Missionárias de Ação Paroquial. Essa congregação religiosa, como o próprio nome já indica, nasceu para a Paróquia, para vitalizar sua ação pastoral, por isso o campo de atividades não conhece limitações, mas sabe abraçar com espírito amplo e universalista, todas as obras de zelo, que atendendo a circunstâncias de tempo e lugar precisam ser realizadas pela Paróquia. Essa congregação é de origem espanhola e foi fundada pelo Arcebispo de Burgos, D. Luciano Perez Platero, e por um grupo de jovens da Ação Católica, a 7 de março de 1942. Depois de espalhar-se por diversos países, veio para o Brasil em 1954, fundando a primeira Casa na cidade de Tietê (SP).

IGREJA PRESBITERIANA DE DESCALVADO

Localizada na Rua Conselheiro Antonio Prado, 526, com frente para a Praça Barão do Rio Branco (Jardim Velho). Foi instalada em 2 de abril de 1.910 pelo Reverendo Alva Hardie, com cerca de 45 pessoas, em templo por ele construído na confluência da Avenida Guerino-Oswaldo com Dr. Amâncio Penteado, demolida em 1.947. Sem local para reunião, e com os alguns membros dispersos, a partir do ano de 1.956 com a chegada do senhor Plínio Oliveira Camargo que com sua família deu ao trabalho presbiteriano nova vida, estruturando-o e fortalecendo-o. A Igreja foi reorganizada em 2 de julho de 1.989 pelo Reverendo Silas Daniel dos Santos.

Pastores: Reverendos Flaminio Rodrigues (1898), Baldoniro Garcia (até 1905); Alva Hardie (1907/1915); Galdino Moreira (1916); Herculano Gouveia (1923); Teodomiro Emerique (1924); Efraim Rizzo (até 1926); Avelino Boa-morte (até 1930); Alva Hardie (1931); Alberto Zanon (1939); João Francisco Alves Corrêa (1948); Almeida Leitão (1958); Celso Soares da Silva (1959/1965); Matathias Campos Fernandes (1966/1976); Dario Pefreira de Oliveira (1977); Márcio Tadeu sw Marchi (1987); Gerson Urban ((até 01/1988); Juvêncio Borges da Silva (até 12/1988); Silas Daniel dos Santos (1994); Ismael Paula de Souza (atual).

PRAÇAS:**PRAÇA DA MATRIZ:**

- 08/09/1832 - Largo da Matriz
- 1.869 – Largo do Rosário (Jardim Velho)
- 1.889 – Praça da República (Jardim Velho)
- 15/11/1900 – Inauguração do Coreto e Chafariz do Jardim Velho obra do construtor português radicado em Descalvado Joaquim Martins Pimenta;
- 16/04/1903 – Praça Barão do Rio Branco (Jardim Velho)
- 30/03/1933 - Praça Campinas
- 27/04/1941 - Inauguração do Coreto, obra do construtor Victório Belli
- 20/05/1948 - Praça Nossa Senhora do Belém.
- 1962 - Inauguração dos vasos luminosos

PRAÇA BARÃO DO RIO BRANCO – Jardim Velho

Inicialmente abrigou a Capela de Nossa Senhora do Rosário, local onde eram sepultados os Irmãos da Irmandade do Rosário. A praça recebia o nome de Largo do Rosário. Ali também foram sepultados os primeiros moradores, conta a tradição que os mais ricos dentro da Capela e os mais pobres em volta.

Com a inauguração do cemitério "velho" em 1869, o local foi se transformando em logradouro público.

1889 - Praça da República

- Inauguração do Coreto e do Chafariz - 15/11/1900 obras de Joaquim Martins Pimenta (construtor português, radicado em Descalvado)

- Praça Barão do Rio Branco - 16/04/1903

(na primeira década do século foram plantadas as quatro figueiras)

- Inauguração do calçamento com pedrinhas portuguesas – 1953 quando era Prefeito o Senhor Deolindo Zaffalon.

OUTRAS PRAÇAS:**Praça do Comércio**

Antigo Mercado Municipal inaugurado em 1.877 quando era Presidente da Câmara Municipal (que exercia função de Prefeito), Antônio de Camargo Campos.

Depois foi Parque Infantil, o primeiro da cidade, denominado Maria Grassi, inaugurado pelo Prefeito Jayme Regallo Pereira, na década de 50. A primeira professora deste parque foi Balkis

Arruda Kastein. Funcionou alguns anos, como Prefeitura Municipal, durante a construção do novo prédio da Câmara e Prefeitura na década de 60 pelo Prefeito Deolindo Zaffalon, depois sala de ensaios da Corporação Musical Santa Cecília e do Teatro Amador Juvenil, e finalmente Estação Rodoviária inaugurada pelo Prefeito Deolindo Zaffalon em 8 de setembro de 1.971, com a denominação de Juvenil de Souza, primeiro motorista habilitado em Descalvado. O primeiro ônibus a encostar na rodoviária foi da Viação Santa Cruz

Praça do Centenário (Obelisco) - 07/09/1922;

recebeu esta denominação a partir da inauguração do obelisco, em homenagem ao centenário da proclamação da independência em 7 de setembro de 1922.

Praça Oito de Setembro (Ginásio) - 14/12/1952 - Lei Municipal nº 1 de 4/3/52. A atual Praça Oito de Setembro,

onde hoje se ergue a EEPG José Ferreira da Silva, foi em outros tempos, um terreno baldio, margeando em seu lado norte, o antigo campo de futebol do CERD. Foi nesse local, já antes mesmo localizado dentro do perímetro urbano de nossa cidade, que, ao ter-se de construir prédio



Inauguração do Ginásio

próprio para o estabelecimento de ensino supra citado, foram voltadas as atenções da administração descavadense do tempo. E aí construiu-se então, o belíssimo prédio que abriga o estabelecimento de ensino e cuja inauguração deu-se no dia 14 de dezembro de 1952, servindo já para as jornadas escolares do ano seguinte. Situado o logradouro entre as ruas José Ferreira a oeste, avenida Bom Jesus, a leste; José Bonifácio, ao norte; e 24 de outubro, ao sul, houve por bem a Câmara Municipal na sessão legislativa de 1952, votar lei dando a denominação de Praça Oito de Setembro ao mesmo, em homenagem à data de fundação da cidade, através da lei nº 1 de 4 de março do mesmo ano. Os legisladores do tempo quiseram, agindo dessa maneira, perpetuar, e oficializar na denominação de um logradouro de nossa cidade, a data tão cara a todo descavadense e que lhe lembra o dia em que, rezando-se a primeira missa na capela modesta de José Ferreira da Silva, teve início o povoado de Nossa Senhora do Belém do Descalvado. A Praça é a grande colméia onde a nossa juventude prepara-se para as lutas vitoriosas do futuro, nutrido-se de cultura.

Praça Luciano Esteves (Fórum) – 1923 - Juiz de Direito. Entre as ruas José Bonifácio; ao sul, 15 de novembro, a leste; e Orderigo Gabrielli, ao norte; localiza-se a tradicional Praça Dr. Luciano Esteves, onde está o fórum. Esta denominação data do ano de 1923 e é uma homenagem póstuma ao Dr. Luciano Esteves dos Santos Júnior, que foi Juiz de Direito de Descalvado, de fevereiro de 1920 até a data de sua morte, ocorrida em Limeira, sua terra natal no dia 13 de outubro de 1923. O Dr. Luciano Esteves dos Santos Júnior foi figura benquista em Descalvado, tanto que, depois de seu falecimento, os legisladores, a administração de nossa terra prestaram-lhe a grande homenagem, dando seu nome ilustre a essa praça urbana de nossa terra. Durante os festejos do Centenário da Independência, o culto Juiz, fez a oração oficial de Descalvado, na comemoração da magna efeméride da Pátria e a fez ante o obelisco da Praça do Centenário e em diversos outros locais. Aliás o Dr. Luciano também fez parte da Comissão de Festas que organizou as solenidades comemorativas da Independência, incluindo a construção do obelisco. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, foi Promotor Público em Sorocaba; e em seguida, em Ribeirão Preto; e Juiz de Direito em Avaré e Descalvado. No nosso Fórum, havia, numa perene homenagem da Justiça de Descalvado, um retrato seu, de rica moldura e esplêndido trabalho do grande pintor brasileiro, Oscar Pereira da Silva.

Praça São Benedito - com sua última reforma em 08/09/75 passou a chamar Prof. José Ramalho Gabrielli através de Decreto do Prefeito Tomás Vita, na década de 80. A denominação São Benedito nunca foi oficial, mas dada pelo povo, a praça e ao bairro antes desligado da cidade por suas ruas arenosas e sem habitações. Hoje, o Bairro de São Benedito está integrado no todo urbano de Descalvado. Nele está a Praça Prof. José Ramalho Gabrielli, que o povo carinhosamente chama de "Pracinha de São Benedito" com sua Capela muitas vezes reformada, mas centro daquela que foi uma das mais tradicionais festas religioso-profanas da cidade. Ali nas noites frias de junho, em vésperas dos dias de Santo

Antonio, São João e São Pedro acendiam-se grandes fogueiras e em torno dela ao comando do bumbo do negro Caetano dançavam e cantavam o samba de batuque africano marcado por palmas e versos de desafio. No bairro está também a Praça de Esportes Odayr Ferraz, o Estádio Felisberto Bortoletto e a Quadra Prof. Daltayr Anacleto Pozzi, que pertencem ao CERD - Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense. Do velho bairro, só nos resta agora a sua história, porque ele já é a própria cidade de Descalvado, em seu prolongamento; todo asfaltado e com toda a infra-estrutura que o tornam dos mais belos da cidade. Dele também parte a via de acesso Juvenal Pozzi que demanda a cidade de São Carlos.

Praça de São Sebastião – Inauguração de sua última reforma: 20/01/1981 A oeste da sede municipal, e ligado à ela pela Avenida Pio XII, o Bairro de São Sebastião, é hoje um dos mais aprazíveis de nosso setor urbano. Nasceu ele nos fins do século XIX, do trânsito constante para populosas fazendas de então; e cresceu com a construção da Capela do Orago, no ano de 1887, que depois foi substituída por moderno templo. Belo, alto, e mirante, com uma magnífica visão panorâmica da sede municipal, possui, centenas de residências, com uma população ordeira constituída de tradicionais famílias descalvadeses. No ano de 1926, um grupo de esforçados esportistas construíram belo campo de esporte, para o Clube Atlético Descalvadense, de existência não muito longa, mas cheia de glórias imperecíveis. Entre esses inolvidáveis idealistas, contavam-se João Gonçalves Monteiro, Francisco Mayese, Cristiano Ferraz, Jerônimo Zaffalon, Salvador Distefano, estes quatro últimos, renomados integrantes do glorioso esquadrão atleticano. Hoje no antigo local do grande Clube Atlético Descalvadense, está o não menos glorioso Esporte Clube São Sebastião, encabeçado por gente idealista, revivendo a glória de seus antecessores.

Praça Santa Cruz – Construída, rodeando Capela erigida ao que se sabe pelo Padre Jeremias José Nogueira, em suas terras. A cruz das Santas Missões foi colocada no centro desta Praça em 11 de agosto de 1.958, em homenagem ao Movimento Missionário realizado na cidade.

Praça Santa Cruz das Almas - Bairro de Santa Cruz dos Operários, onde está localizada a Capela de Santa Cruz das Almas. Construção iniciada em 1956 e concluída em 1.958, na administração do Prefeito Dr. Jayme Regallo Pereira, com a remoção dos túmulos do “cemitério velho” para o mausoléu. No ano de 1964 foi construída a Capela pelo Prefeito Prof. José Ramalho Gabrielli.

Após sua última reforma foi novamente inaugurada em 8 de setembro de 1979 na Administração do Prefeito Mauro Benedito de Lima;

Praça Dr. Octávio Gabrielli (Hospital) – Inaugurada em 1967, reformada em 1978. Quando Descalvado comemorava em 1967, seu 135º aniversário de fundação, nossa população se reunia junto ao prédio da Santa Casa de Misericórdia, no dia da festa magna da cidade, para a inauguração da Praça Dr. Octávio Gabrielli, que está localizada na rua Paula Carvalho, no lado sul de nosso hospital.

O logradouro passava a chamar, desde então, Praça Dr. Octávio Gabrielli, perenizando, em sua denominação o nome do benquista, do inolvidável médico descalvadense Dr. Octávio Gabrielli, tão cedo roubado do convívio dos descalvadeses. Descalvado perdia, nesse laborioso profissional um facultativo diligente, de grande cultura médica, de grande cultura humanística e pertencente à tradicional família Gabrielli, dos pioneiros de nossa industrialização. A iniciativa da denominação à praça partiu do Vereador Maury Timóteo do Amaral, com a aprovação unânime de todos os seus pares, e sancionada pelo Prefeito Deolindo Zaffalon, que assim, prestaram sua homenagem pessoal ao inolvidável conterrâneo. O Dr. Octávio, filho de Spardago Gabrielli e Rosa Gava, emigrantes italianos, vindos de Zagarolo, Província de Roma e que desembarcaram em Santos no ano de 1894, nasceu no dia 11 de dezembro de 1914 na Fazenda Três Anjos, bairro do Butiá. Depois transferiram-se para o centro da cidade, residindo no prédio onde hoje é a sede do CERD, na rua Barão do Descalvado. Após o curso primário, trabalhou como aprendiz de alfaiate, transferindo-se depois para Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro onde prosseguiu seus estudos, formando-se médico pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro em 6 de dezembro de 1945. Especializou-se em clínica médica, clínica psiquiátrica, doenças hepáticas, técnica radiográfica e eletrocardiologia. Em 1946 iniciou sua vida profissional em Descalvado, passando a atuar na Santa Casa de Misericórdia, como clínico geral e nas especialidades de ginecologia e obstetrícia e paralelamente manteve um consultório particular em sua residência, à Rua José Bonifácio, 500. Clinicava na

época juntamente com os médicos: Dr. Glenan Leite Dias, Dr. Victório Casati, Dr. Humberto Gabrielli e Dr. Jayme Góes. O Dr. Octávio foi um dos principais responsáveis pela criação do Posto de Puericultura de Descalvado, inaugurado em 1º de maio de 1950, tendo atuado como médico-chefe do Posto. Atribui-se também a ele a implantação dos primeiros aparelhos de raio x em Descalvado. Em 23 de julho de 1953 casou-se com Therezinha do Menino Jesus dos Santos, tendo uma única filha. Católico fervoroso escreveu um poema a Nossa Senhora do Belém, sendo que todos os domingos assistia com seus pacientes à missa celebrada na Santa Casa de Misericórdia. Apreciava jogar xadrez, tocar violino, reuniões às margens do rio Mogi-Guaçu, música e leitura. Como político foi Vereador de 1948 a 1951, sendo Presidente da Câmara em 1949. Foi Presidente do CERD de 1º de janeiro de 1953 a 31 de dezembro de 1954. Faleceu prematuramente em 8 de novembro de 1956, com 41 anos de idade, vítima de síncope cardíaca.

Praça Rosa Nhandareli Romantini - Praça localizada na Vila, recebeu este nome por iniciativa do Prefeito Tomás Vita e foi inaugurada em dezembro de 1.987. Histórico de Rosa N. Romantini: Nasceu na Fazenda Olho d'Água, atual Horto Florestal em 25 de junho de 1907. Casou-se em 1924 com Francisco Romantini indo morar na Fazenda Lagoa Alta do pai de Francisco com quem teve 15 filhos. Após o nascimento dos primeiros filhos Rosa e Francisco arrendaram alguns alqueires de terras da Fazenda Bela Aliança e para lá se mudaram. Com as colheitas das safras de café, entregas de leite e ajuda dos filhos crescidos, o casal conseguiu comprar as terras arrendadas. Posteriormente, com o dinheiro obtido na venda dessas mesmas terras, Rosa e Francisco compraram o Sítio do Pântano, com cerca de 25 alqueires. Em 1946, venderam o sítio e compraram a Chácara São Francisco, com 18 alqueires, onde hoje estão localizados o Jardim Colonial, a Rua Antônio Romantini, a Praça Rosa Nhandareli Romantini, a Escola Francisco Fernando Faria da Cunha e o Loteamento São Francisco. O casal sempre viveu de pequenos negócios, como compra e venda de gado, terrenos, leite, produtos agrícolas, hortaliças e, finalmente, como pequenos criadores de frango. Eram católicos e freqüentavam assiduamente missas e encontros religiosos. Organizaram durante anos as festas de São Benedito e São Sebastião. Participaram juntamente com a filha Elza do filme “Lá no meu sertão” com Tonico e Tinoco, gravado na Fazenda Lagoa Alta. Pessoa humilde, mas carinhosa e dedicada, faleceu no dia 16 de setembro de 1984, estando sepultada no cemitério municipal.

Praça Alva Hardie (atrás do Palácio do Povo) – Inaugurada na década de 80 por iniciativa do Prefeito Tomás Vita. História do Reverendo Alva Hardie - Ministro da Igreja Presbiteriana de Descalvado, de nacionalidade norte-americana. Veio para o Brasil no ano de 1900 e depois de um curto período de estudo da língua iniciou o ministério que se estendeu por 44 anos. Trabalhou durante alguns anos em São João Del Rey e outros lugares em Minas Gerais. A Missão o colocou em Campinas no velho Colégio Internacional mas não gostou do trabalho educacional. Gostava de viajar e pregar o evangelho. Morou em Descalvado por quinze anos onde em 1913 fundou e foi diretor do jornal mensal “O Evangelista”, editado por Sebastião Lacerda de Oliveira, na Tipografia Nova, com uma circulação de 10 a 12 mil exemplares que eram distribuídos pelo Brasil, África e Angola. Em Descalvado fundou a Igreja Presbiteriana em 02 de abril de 1.910 e ergueu o Templo Presbiteriano localizado na esquina da Avenida Guerino-Oswaldo com rua Dr. Amâncio Penteado, demolida em 1947. Ergueu também templos nas cidades de Limeira, Araras e Leme dentre outras. Em 1924 depois de férias nos Estados Unidos fixou residência em Patrínio, Minas Gerais onde iniciou a fase abençoada de seu longo ministério no Brasil. Nesse tempo havia pequenos grupos de crentes em Patrocínio, Serra do Salitre, Carmo do Paranaíba, Patos de Minas, Paracatu e Estrela do Sul, mas eles recebiam visitas pastorais somente uma vez por ano e as vezes nem isto. Harvie formou sete pastores e mais que uma dúzia de evangelistas leigos e grande número de igrejas, congregações e pontos de pregação. Ele era um verdadeiro “Bandeirante da Fé”, nas palavras de Maria de Melo Chaves. Ninguém pode avaliar quanto este grande servo do Senhor sofreu de perseguições, de longas, fatigantes e até perigosas viagens no lombo de um burro. Era admirável a calma e até alegria com que suportou tudo. Certa vez durante um período de intensa perseguição em Rio Parnaíba ele estava pregando no templo quando inimigos jogaram uma bomba no telhado. Cacos de telhas caíram nos crentes e todos se assustaram e queriam fugir, mas Alva Hardie acalmou todos e serenamente continuou o culto até o fim. Um dia ele distribuía evangelhos de casa em casa na cidade de Monte Carmelo. Depois de chegar até o fim de uma

rua olhou para traz e viu o Vigário do lugar indo de casa em casa colhendo estes evangelhos para os queimar. Hardie ficou parado, fitando o seu adversário, até que chegasse perto. Quando o Vigário passou para a outra rua ele calmamente continuou semeando a palavra. As vezes quando Hardie voltava de uma longa viagem de evangelização no campo, sua dedicada esposa, Dona Kate reunia evangelistas em sua casa para um almoço para celebrar sua chegada. Essas horas eram de muita alegria. Ele contava com exuberante bom humor os incidentes mais interessantes da sua viagem, fazendo rir os seus filhos Helena e Carlos e a todos. Em 1932, Hardie começou outro abençoado período do seu trabalho missionário em Uberlândia. Encontrando com um Ministro de outra Igreja que tinha trabalhado sem frutos em Uberlândia, este lhe avisou que seria inútil trabalhar lá porque nada conseguiria. Mas ele foi e começou uma animada Igreja. Já existia um pequeno grupo de crentes Presbiterianos nessa cidade mas o trabalho tinha desenvolvido pouco. Mas em pouco tempo um ótimo terreno foi comprado e um grande templo construído, transformando-se em forte e animada Igreja. Hardie era grande construtor de templos, edificando mais que vinte durante o seu ministério no Brasil. Seu último período de serviço foi em Araxá onde também construiu um bom templo e desenvolveu grandemente o trabalho. Depois de 44 anos de abençoado trabalho no Brasil, ele voltou com sua esposa para os Estados Unidos. Mas seu coração ficou no Brasil e passou seus últimos anos orando pelo trabalho que amava tanto e escrevendo aos colegas e amigos. Hardie foi abençoado com uma forte e atraente personalidade que deixou uma impressão indelével. Tinha espírito alegre e uma fé simples que nunca vacilou. Pregava o eterno evangelho com animação e entusiasmo. Todas as classes gostavam de suas pregações e muitos das centenas de crentes que ele recebeu em profissão de fé o lembram com emoção. Suas pregações eram cheias de ilustrações que lhes deram vida e habilitaram os ouvintes a lembrá-las com facilidade. Ele recebeu muitas honras da Igreja Presbiteriana do Brasil, que ele amava com paixão. Durante muitos anos se conservou com membro do Presbitério de Minas e ao mesmo tempo membro da Missão West Brasil. Teve a honra de ser Presidente do Supremo Concílio. Os seus colegas tanto na Missão como na Igreja Nacional o estimavam de coração. Faleceu com 82 anos na casa de sua filha Lucita em Miami, nos Estados Unidos no dia 17 de outubro de 1955.

Praça dos Motoristas (Próxima ao Ginásio de Esportes) – Lei 871 de 12 de agosto de 1.988. Denominação dada pelo Prefeito Tomás Vita em homenagem aos motoristas

Praça Deolindo Zaffalon fica Bairro Jardim Belém ao lado do Serviço de Abastecimento de Água. Deolindo Zaffalon era filho de Ferdinando Zaffalon e Luiza Fajan Zaffalon, ambos italianos que residiam na Fazenda Monte Olimpo e que depois com muito trabalho e economia acabaram adquirindo a Fazenda São José. Deolindo nasceu em 1º de fevereiro de 1918 e foi casado com Dalva Sartori Zaffalon com quem teve dois filhos. Político nato foi Vereador de 1956 a 1959 e Prefeito por três vezes de 1952 a 1955; 1960 a 1963 e de 1969 a 1972. Sua administração sempre se voltou ao interesse maior do Município e dos humildes e carentes. Dentre muitas obras que realizou destaca-se a construção do Serviço de Água e Esgoto no bairro Jardim Belém, do Paço Municipal onde hoje está a Câmara de Vereadores e da estação rodoviária. Em 1939 serviu o 4º Regimento de Artilharia Montada em Itú, como 3º Sargento da Reserva. Faleceu no dia 13 de abril de 1.983, seu corpo foi velado no Plenário da Câmara Municipal e sepultado em nosso Cemitério Municipal

Praça Celso Aparecido Assoni – Jardim Paraíso – Lei 1.031 de 22 de maio de 1.990 de iniciativa do Vereador Sebastião José Ricci. Engenheiro agrônomo. Nasceu na Fazenda São Pedro, no município de Descalvado, no dia 3 de outubro de 1951. Estudou na escola da fazenda onde morava até o 2º ano do 1º grau. Depois disso veio para o município de Descalvado, estudar na EEPSG José Ferreira da Silva, onde cursou do 3º ano do 1º grau ao 3º ano do 2º grau. Fez o curso extensivo em Piracicaba e no ano seguinte estava freqüentando e estudando na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias “UNESP” de Jaboticabal. Em 21 de julho de 1978, formou-se em medicina veterinária. Casou-se e teve dois filhos. Especializou-se em Avicultura e Inseminação Artificial. Participou da diretoria de diversas movimentações estudantis como Grêmio Estudantil, “Eagle’s Club” em movimentações como a Semana do Jovem, Carnaval de Rua, Ornamentação das ruas para as procissões de Corpus Christ, etc. Faleceu em 9 de junho de 1987, estando sepultado no cemitério municipal.

Praça Humberto Marcato – Lei 1.021 de 20 de abril de 1.990 do Prefeito Mauro Benedito de Lima. Situada no Jardim Paraíso na confluência das ruas Mário Joaquim Fillam Sylvio de Abreu e Avenida Independência.

Praça Luiz Celso Antônio – Lei 1.039 de 12 de junho de 1.990 de autoria do Prefeito Mario Benedito de Lima. Nome oficial da Praça do Jardim do Lago. tipógrafo trabalhou na Gráfica e Jornal Tribuna de Descalvado. Foi conhecido pelo apelido de Bimbo.

Praça Profª Regina Halepian Antunes (Jardim Belém) – Lei 1.033 de 07/06/90 do Prefeito Mauro Benedito de Lima. Regina Halepian Antunes foi educadora em nossa cidade.

Praça da Saudade Localizada no Jardim Albertina defronte o Cemitério Municipal, recebeu este nome por Decreto do Prefeito Dr. Mauro Benedito de Lima

Praça Accácio Rusca – Lei 2230 de 12/09/2.003 de iniciativa do Vereador Luiz Carlos Rosa Vianna – Fica ao lado do Velório Municipal, na confluência das ruas Coronel Manoel Leme, Tomé Ferreira, Diamantino Lopes e Perimetral Cezar Martinelli.

Praça Ângelo Pinese – Lei 1.371 de 05/11/93 de iniciativa do Vereador José Luiz Rosindo Praça localizada defronte o Ginásio de Esportes e onde está sendo edificada a nova Câmara Municipal de Descalvado. Ângelo Pinsese foi comerciante em nossa cidade.

Praça Antonio da Conceição Vicente Adorno – Lei 1.513 de 14/02/95 de iniciativa do Vereador Gismar Manol Mendes.

Praça localizada ao lado da sub-estação da CESP – Centrais Elétricas de São Paulo, próxima ao trevo que dá acesso a Rodovia Juvenal Pozzi. Antônio da Conceição Vicente Adorno, “Toninho Adorno” como era conhecido, foi Secretário e depois Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal durante mais de 40 anos, aposentando-se neste cargo. Foi fundador da APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais e do CERD – Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense. Casado com Professora Hermínia Tallarico Adorno, teve 6 filhos. Foi também pesquisador da história de Descalvado.

Praça da Bíblia Localizada no Parque Morada do Sol, recebeu esta denominação por iniciativa do então Vereador João Donizetti Trombini – Lei 1.946 de 29 de novembro de 1.994

Praça do Cerrado Praça localizada no Parque Morada do Sol, recebeu este nome quando do loteamento do bairro, por denominação popular, depois oficializada pelo Prefeito Dr. José Antônio Todescan Gabrielli.

Praça Expedicionários – Lei 2489 de 28 de abril de 2005 de autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Fica na confluência das ruas Presidente Kennedy, Nicolau Antônio Lobo e Manoel Ferreira Gaio, na Vila Franco. Homenageia os “pracinhas” brasileiros que integram a Força Expedicionária Brasileira – FEB na 2ª Grande Guerra Mundial.

Praça Florência Maria de Jesus - Lei 1.421 de 29 de março de 1.994 Lei de iniciativa do Vereador Gismar Manoel Mendes, localizada ao lado da Estação Ferroviária, no Centro de Convivência Professora Maria Aparecida Fioroni Kastein. No início do século XIX, José Ferreira da Silva e sua mulher Florência Maria de Jesus venderam suas propriedades na cidade de Santo Antônio do Machado, no estado de Minas Gerais, vieram para o sertão de Araraquara, adquirindo de José Alexandre Castilho, a fazenda Areias, onde hoje está nossa Descalvado. Ao lado do córrego da Prata, próximo a atual Vigor, construíram a sede da fazenda. Florência, da janela de sua casa constantemente olhava para a colina, onde hoje está a Praça da Matriz, e ali sonhava construir uma capelinha para a Santa de sua devoção Nossa Senhora do Belém. Um dia adoeceu. Para que se recuperasse, seu marido José Ferreira da Silva, fez um voto: construir a capela e mandar fazer uma imagem de Nossa Senhora do Belém que tivesse a altura e o peso de Florência. O milagre aconteceu: Florência se curou, a capela foi construída e a imagem encomendada na Bahia. (Provisoriamente colocaram na Igreja uma pequena imagem da Santa; a original só chegaria a cidade anos mais tarde, depois da morte de Florência, e está lá até hoje). Ao lado da capela, aos poucos foi se formando um povoado. Florência então pediu ao marido que doasse uma gleba de terras a favor da Igreja, para que o pároco vendesse a quem interessasse ali residir, ficando o dinheiro para as obras de um novo templo. Começava a nascer a Vila do Belém do Descalvado. Em 10 de novembro de 1842, Florência e José Ferreira, em cartório da cidade de Rio Claro, passaram escritura definitiva de suas terras. Descalvado nascia oficialmente. Com a denominação, a Câmara paga uma dívida de 162 anos para com Florência Maria de Jesus. José Ferreira da Silva já havia sido homenageado, é nome de rua e de um dos mais tradicionais estabelecimentos de ensino. Florência estava esquecida, hoje denomina uma pequena praça, que coincidentemente fica bem próxima ao local onde residiu no início de nossos tempos.”

Praça Joaquim de Oliveira Preto – Lei 1.516 de 02/03/95

Praça no Bairro Bela Vista ao lado da Avenida Lázaro Timóteo do Amaral. Lei de iniciativa do Vereador Gismar Manoel Mendes. Joaquim de Oliveira Preto foi um dos primeiros habitantes de Descalvado.

Praça Francisco Benine Inicialmente Praça Pioneiro, no Bairro de São Sebastião. Lei 2.087 de 14 de fevereiro de 2.001 de iniciativa do Vereador Helton Antônio Venâncio Francisco Benine, popularmente conhecido como Tiquinho, foi motorista do Gabinete do Prefeito por muitos anos. Faleceu no ano 2.000.

Praça Dr. Adriano Sérgio Rinaldo

Praça ao lado da APAE. Lei 2.090 de 1º de março de 2.001 de autoria do Vereador Silvio Bellini. Dr. Adriano como era conhecido foi Advogado na Comarca de Descalvado, fundador e Presidente da Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil e da Associação dos Advogados de Descalvado. Faleceu precocemente no ano de 1.995 estando sepultado em nosso cemitério municipal. A Praça Dr. Adriano Sérgio Rinaldo está localizada na confluência das ruas 24 de outubro, Felipe Giangolla, Waldomiro Bueno e João Galetti entro o Bairro de Santa Cruz dos Operários e a Vila Municipal.

Praça Dr. Cândido Xavier de Almeida Souza

Lei de iniciativa do Vereador Gismar Manoel Mendes, fica no Jardim Bela Vista. Juiz de Direito - Lei 1.514 de 21/02/95. Primeiro Juiz de Direito, que tomou posse no ano de 1866, quando da Emancipação Política de Descalvado. Na época a sede da Comarca era Araraquara.

Praça dos Estudantes

Praça localizada ao lado da Escola Padre Orestes Ladeira, denominação dada por Decreto pelo Prefeito Tomás Vita.

Praça do Descobrimento - Localizada na parte inferior do Centro de Convivência Professora Maria Aparecida Fioroni Kastein, inaugurada em 22 de abril de 2.000 em homenagem aos 500 anos de Descobrimento do Brasil;

Praça Maria Ângela Marcomini. Lei 1.681 de 01/07/97 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves.

Praça do Palácio do Povo. Nascida em Descalvado, no dia 23 de novembro de 1946, filha de Otávio Marcomini e Maria Mattia Marcomini, foi a primeira mulher a ser eleita vereadora com 383 votos pelo PMDB nas eleições de 1996. Tomou posse em 1º de janeiro de 1997, integrando a Comissão de Orçamento e Finanças da Câmara. Não chegou a cumprir seu mandato, vindo a falecer no dia 5 de junho de 1997 com cinquenta anos de idade, estando sepultada em nosso Cemitério Municipal. Além de vereadora Maria Ângela teve uma participação ativa na comunidade católica descaldense, integrando-se a vários movimentos. Amante da música foi instrutora da primeira fanfarra feminina de Descalvado, e participava do Coral da Igreja Matriz.

PARQUES ECOLÓGICOS

- Parque Ecológico Doutor Mário de Barros Gentil (Promotor Público em Descalvado) – localizado entre os Jardins do Lago São Francisco - Lei 2316 de 11/09/2.003 de iniciativa do Vereador Luís Antônio Panone;

- Parque Ecológico Sebastião Fiocchi – Jardim Bela Vista – Lei 2.117 de 08/05/01 de autoria do Vereador Donald Daniel Calza.

DENOMINAÇÕES DE PRÓPRIOS MUNICIPAIS:

Almoxarifado Municipal – Oscar Bronine – Lei 1.944 de 03/12/99 de iniciativa do Vereador Silvio Bellini;

Anfiteatro do Palácio do Povo – Dr. Luiz Gonzaga Lício - Lei 1.704 de 28/10/97 de iniciativa do Vereador Silvio Bellini;

Auditório do Centro de Convivência Professora Maria Aparecida Fioroni Kastein – Professora Georgina Lefcadito Álvares – Lei 2.053 de 07/11/90 de iniciativa do Vereador Silvio Bellini;

Biblioteca EMEF Professora Thereza dos Anjos Puoli – Carlos Drummond de Andrade – Lei 2245 de 21/11/2.002 de iniciativa do Vereador Donald Daniel Calza;

Biblioteca Municipal – Professor Gérson Álfio De Marco – Decreto do Prefeito Mauro Benedito de Lima;

Casa da Democracia – Sede do Poder Legislativo – Lei 2.460 de 05/11/04 de iniciativa do Presidente da Câmara Tomás Vita. Inauguração em 08 de novembro de 2.004

Centro Comunitário Santa Cruz – Alberto Sundfeld – Decreto do Prefeito Tomás Vita;

Centro de Convivência – Professora Maria Aparecida Fioroni Kastein – Lei 1.546 de 28/06/96 de iniciativa do Vereador José Antônio Lefcadito Álvares;

Centro de Lazer do Jardim Albertina – Albertina Marques de Oliveira

Centro de Saúde Jardim Albertina – Dr. Raphael Chiarello – Lei 486 de 04/10/88 de autoria do Prefeito Tomás Vita;

Centro Esportivo Bairro Santa Cruz – Professora Marília Worchech Gabrielli – Lei 885 de 04/10/88 de autoria do Prefeito Tomás Vita;

Centro Odontológico – Dr. Alfeu Todescan – Lei 1.950 de 08/12/99 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves;

Distrito Industrial da Via Acesso Juvenal Pozzi – Lourenço Gabrielli – Lei 1919 de 08/12/99 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves;

Distrito Industrial do Butiá – Cosmo Fuzaro – Lei 1.372 de 05/11/92 de iniciativa do Vereador Armando Marcatto;

Edifício da Escola do SESI – Professora Antonia Tenan Schilitler – Decreto do Prefeito Tomás Vita

Escola Municipal de Música – Maestro Quique Todescan – Lei 1.919 de 23/11/99 de iniciativa do Vereador Luciano Laurindo Feliciano

Estação de Abastecimento de Água de Santa Cruz – Vicente Bellini – Lei 2317 de 15/09/2.003 de autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves;

Estação de Tratamento de Água Jardim Belém – Orlando Moraes – Lei 1.942 de 03/12/99 de autoria do Vereador Silvio Bellini;

Estação Rodoviária – Juvenal de Souza – Decreto do Prefeito Deolindo Zaffalon

Estrada Vicinal Analândia – Benedito Simel – Lei 894 de 25/10/88 de iniciativa do Vereador Cláudio Romantini;

Estrada Vicinal Pirassununga – Vito Gaia Puoli – Lei 1.368 de 19/10/94 de iniciativa do Vereador Silvio Bellini;

Estrada Vicinal Usina Ipiranga – Guilherme Scatena – Decreto de iniciativa do Vereador Tomás Vita;

Estrada Vicinal Usina Santa Rita – José Perna Sobrinho – Decreto de iniciativa do Vereador Tomás Vita;

Fórum – Dr. Mário de Moura Albuquerque – Lei Estadual

Ginásio Esportes Municipal – Oswaldo Cardoso – Decreto do Prefeito Tomás Vita

Horto Florestal Aurora – Denominação popular

Horto Florestal Bom Retiro – Denominação popular

Kartódromo – Ayrton Senna – Jardim do Lago – Lei 1.441 de 25/05/94 – Vereador Sebastião Roberto Traldi.

Matadouro Municipal – Victor do Nascimento – Lei 2.210 de 22/04/2.002 de iniciativa do Vereador Henrique Fernando do Nascimento

Núcleo Habitacional do Jardim Colonial – Paulo Sérgio de Almeida – Lei 882 de 20/09/88 de iniciativa do Vereador José Valentim;

Palácio do Povo – Prefeitura Municipal – Lei 882 de 12/10/88 de autoria do Vereador Tomás Vita. Inaugurada dia 10 de outubro de 1.988 – Lei 888/88 de 10/12/88

Perimetral – César Martinelli – Lei 1373 de 05/11/943 de autoria do Vereador Silvio Bellini;

Quadra de Esportes da Escola Coronel Tobias - Dalva Maria Sartori Zaffalon – Decreto do Prefeito Deolindo Zaffalon;

Pronto Socorro Municipal – Dr. Victório Amadeu Casati – Lei 1.476 de 10/10/94 de iniciativa do Vereador José Luiz Rosindo;

Represa João Porto – (imediações do Frigorífico Coperguaçu) – Denominação popular

Represa Calmon – Córrego da Prata (imediações Lar Educacional Descalvado) – Decreto do Prefeito Tomás Vita;

Represa Rosária - Córrego da Prata (imediações Lar Educacional Descalvado) – Decreto do Prefeito Tomás Vita;

Rodovia SP 215 – Dr. Paulo Lauro – Lei estadual

Salto do Pântano – Don Lino – Decreto do Presidente da

Câmara Major Arthur Horácio D'Águar Whitaker;

Velório Municipal – Accácio Rusca – Lei 2230 de 19/02/2.002 de iniciativa do Vereador Luiz Carlos Rosa Vianna

PRÓPRIOS PARTICULARES:

Antiga quadra de esportes do CERD – Professor Gilberto de Souza Casati (atual estacionamento do Supermercado Traldi, defronte à Rua 24 de outubro)

Antigo Estádio do CERD – Dr. Antônio Carlos Guimarães (quadrilátero formado pelas Ruas José Ferreira, 24 de Outubro, Conselheiro Antônio Prado e Avenida Bom Jesus, acima da Escola Estadual José Ferreira da Silva)

Centro de Hidroterapia Professora Maria Aparecida Fioroni Kastein - APAE

Estádio do CERD – Felisberto Bortoletto

Estádio Esporte Clube São Sebastião – Geraldo Marchetti

Ginásio Esportes CERD – Professor Daltayr Anacleto Pozzi

Conjunto Esportivo CERD – Odayr Ferraz

Piscina Diamantino (atual Vigor)

CONTANDO O JARDIM NOVO (Conto de Luiz Carlindo Arruda Kastein, baseado em artigos de Gerson Álfio De Marco, Mário Joaquim Filla e Paulo Belli)

O logradouro mais antigo de Descalvado, também foi o que mais recebeu denominações. Quando José Ferreira da Silva e sua mulher Florência Maria de Jesus, construíram a Capela em louvor a Nossa Senhora do Belém, o local com toda certeza recebeu o nome de Largo da Capela, depois Largo da Igreja e finalmente Largo da Matriz. Um nome simples, unicamente ligado à sua localização, perdurou por 90 anos, até que o Decreto nº 43 de 30 de março de 1933 do Prefeito Hugo Pereira de Abreu, alterou para Praça Campinas. O motivo, foi o reconhecimento de Descalvado à cidade de Campinas. Naquela época nossa cidade passava por séria crise financeira e o Prefeito Hugo Pereira de Abreu com seu prestígio, obteve um vultuoso empréstimo junto ao Prefeito Alberto Cerqueira Lima de Campinas, no valor de 500.000\$000 (Quinhentos Contos de Réis). Foram saldadas todas as dívidas e feito o saneamento básico. Descalvado conseguiria finalmente colocar fim a um lado negro de sua história: oferecer assistência aos enfermos que costumavam ficar na entrada da cidade, pedindo esmolas com canequinhas (*daí a origem do apelido dado aos descaldenses*). Alguns anos depois houve um movimento para alterar esta denominação para Praça dos Expedicionários, em homenagem aos heróis da II Grande Guerra, que contou com a participação de descaldenses. Prevaleceu, entretanto, a Lei nº 14 de 20 de maio de 1948, do Prefeito Laurival Laércio Gabrielli denominando-a como Praça Nossa Senhora do Belém, em homenagem à nossa Padroeira. Algumas curiosidades sobre a nossa principal praça: As ruas Anastácio Vianna e Amâncio Penteado, já foram interligadas, cruzando a frente da Igreja Matriz. Somente com a reforma do jardim, na década de 40 a rua foi fechada. Existem na Praça, duas hermas. Uma de 1963, homenageando o Dr. Victório Amadeo Casati, médico descaldense, que foi exemplo de humanidade. Outra de 1965, homenageia Orderigo Gabrielli, pioneiro da indústria em Descalvado. Velho jardim, ponto de encontro de namorados, amigos, políticos e de toda a gente descaldense. Praça que acompanhou o desenrolar de toda nossa história. Onde se realizam festas religiosas, quermesses, desfiles cívicos, comícios, festejos carnavalescos. Realmente é a praça maior do povo.

MURINHO

Local de encontro de namorados na Praça Nossa Senhora do Belém.

O CALÇADÃO E O MURINHO (Conto de Luiz Carlindo Arruda Kastein)

Quem tem mais de trinta anos, com toda certeza lembra-se dos bons tempos dos passeios no “murinho”. Era comum naquela época os termos: - Vou passear no murinho, ou, te encontro no murinho. Mas afinal, qual a origem do “murinho”? Nas conversas dos mais antigos fomos descobrir o motivo, e as fotos vieram a confirmar o que inicialmente dizia-se: - “Vamos sentar no murinho”, e, “Vamos namorar no murinho”. No calçadão que circundava a Praça da Matriz, havia, como existe até hoje do lado do Hotel Descalvado, um murinho. E nas partes com as muretas mais altas, como no trecho da Bezerra Paes, construíram encravado no “murinho”, alguns bancos. Na década de 50, com a construção do ponto de táxi da Bezerra Paes, retiraram o calçadão, e com isso também os bancos do “murinho”. Logo depois para ampliação de estacionamento, perdemos também os calçadões da José Bonifácio e da Cel. Arthur Whitaker, onde foi construído o ponto de taxi mirim. O progresso trazendo os veículos motorizados, colocou fim ao romantismo, os calçadões viraram simples calçadas, com amplas áreas de estacionamento, ao contrário de muitos municípios que adotam amplas áreas de lazer nos centros comerciais. E o tradicional calçadão ficou mesmo somente na Barão do Descalvado. Aliás este também não deverá durar muito. Já existe movimento para que o mesmo seja suprimido, para ampliação da área de estacionamento. Mas vamos falar dele enquanto existe, já que na década de 60 “passear no murinho”, referia-se a fazer “footing” no calçadão do centro. Ir ao murinho, compreendia “fazer praça”, no trecho da Barão do Descalvado que ia da Sede Paroquial até a confluência com a Bezerra Paes, por onde descia até atingir o Serviço de Alto Falantes Descalvado, um pouco abaixo do Cine São José. Normalmente as mulheres passeavam por este trecho, enquanto os homens “marcavam ponto”, em lugares fixos. Era interessante, que cada um tinha seu lugar, como se tivesse “comprado o ponto”. Então quando se procurava por alguém, era fácil localizá-lo no lugar de costume. Quem não se lembra do Prof. Gerson Álfio De Marco, na curva do CERD, todas as quintas, sábados e domingos depois da primeira sessão do Cine São José? O charme é que o “murinho” tinha dois turnos: a turma da primeira e da segunda sessão do cinema. Assim, haviam os

que faziam praça das 8,00 às 9,00, depois iam para a 2ª sessão, e os que saíam da 1ª sessão e depois ficavam no “footing” até as 10,00 horas. Existia também a turma do “murinho rápido”. Estes eram os que freqüentavam as brincadeiras dançantes do CERD. Iam na primeira sessão do cinema, davam uma rápida passada pelo murinho e adentravam ao salão social, para dançar até as 10 horas, caso estivessem de paletó, gravata e o cabelo rigorosamente dentro do corte “americano”; já que na época era terminantemente proibida a entrada de cabeludos no salão. Mas só até as 10. Porque dizia a lenda que nesta hora saía um homem nu pela praça. Como as mulheres tinham medo, desapareciam tão logo o Serviço de Alto Falantes entoava a Ponte do Rio Kwai, o prefixo de encerramento dos serviços da noite. Então as meninas iam para casa, onde aguardavam a chegada dos seresteiros com suas românticas canções. Somente nos domingos de manhã é que o local de encontro, alterava um pouco. Após a saída da missa das 10, a “moçada” se reunia em volta do coreto, para ouvir a Parada de Sucessos da Semana. E escrevendo sobre o Serviço de Alto Falantes, é gostoso lembrar sobre os oferecimentos musicais, que eram muito comum na época, na bela voz do Chico Gaspar: - “Agora vamos ouvir Banho de Lua, com Celly Campello, que o rapaz de quedas e calça rancheira oferece à garota de saia xadrez e blusa azul que passeia pelo murinho, e foi cestinha no campeonato interno de bola ao cesto, com prova de muito amor.” Sem dúvida muito romance teve início e terminou em casamento nos passeios do “murinho”, embalados pelo som em discos de 78 rotações, das orquestras de Ray Conniff, Xavier Cugat, Paul Mauriat ou Bert Kaempfert entoando músicas como: “Love is a Many-Splendored Thing”, “An Affair to Remember”, “Autumn Leaves”, “As Time Goes By”, “Moon River”, “Al-Di-La”, “Love Story”...

CONTANDO O JARDIM VELHO (Conto de Luiz Carlindo Arruda Kastein baseado em artigos de Gerson Álfio De Marco, Benedito Barbosa Pupo e Mário Joaquim Filla)

Provavelmente o velho Largo do Jardim, pequena praça que circundava a antiga Capela Mariana, em louvor a Nossa Senhora do Rosário, e que também era cemitério de religiosos (consta que D. Lino Deodato, bispo de São Paulo e de nossa Paróquia, em 1887, passou provisão de licença da referida Capela e nela, e em seus arredores, eram sepultados os Irmãos da Irmandade do Rosário), tomou forma a partir da Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, quando a Câmara Municipal, para homenagear o fim da Monarquia, denominou aquele logradouro como Praça da República. E para marcar a data foi desenhado em seu solo (na saída do jardim para a EEPG Cel. Tobias), um Brasão da República, que existe até hoje, e onde reza a tradição, estão enterrados dois religiosos. No início do século, em 15 de novembro de 1900, foi inaugurado o Coreto, onde seriam realizadas as retretas domingueiras de várias gerações, até que se construísse o Coreto da Praça Nossa Senhora do Belém na década de 40. Na mesma data foi inaugurado o chafariz e seriam plantadas esteticamente as quatro figueiras, uma em cada canto da praça, como se fossem majestosas guardiãs a defender o histórico coreto. Mas a denominação “Praça da República”, duraria pouco tempo, somente até o ano de 1903. O livro de atas da Câmara Municipal de Descalvado de nº 11, registra em suas páginas 26 e 27 na ata da 5ª sessão ordinária, a indicação apresentada pelo Vereador Tenente Dionysio da Costa Coelho: “Atendendo-se aos relevantes serviços prestados à Pátria pelo exímio parlamentar Barão do Rio Branco”, serviços estes que todos vós não deseja olvidar, e devendo a Câmara dar a uma rua ou praça desta cidade um título que venha perpetuar o nome desse grande brasileiro, venho respeitosamente submeter à consideração dos sábios colegas, afim de ser convertido em lei o seguinte projeto: “Artigo 1º - Fica d’oravante mudado o nome da Praça da República ou Largo do Jardim para, o de - Praça Barão do Rio Branco - Artigo 2º - As placas para serem colocadas nas esquinas da referida praça deverão ser de mármore branco. Artigo 3º - Revogam-se as leis e disposições em contrário. Sala das Sessões da Câmara Municipal do Descalvado, em 16 de abril de 1903. assinado: Dionysio da Costa Coelho. Posta em discussão a indicação supra e ninguém se opondo contra a mesma, foi posta a votos, sendo aprovada imediatamente.” Mas quem foi o Barão do Rio Branco? José Maria da Silva Paranhos Júnior, (Juca para os amigos), nasceu no Rio de Janeiro, a 20 de abril de 1845, estudou Direito no Largo de São Francisco em São Paulo. Filho do Visconde do Rio Branco, adotou em seu nome o clássico indicador de filiação, denominando-se José Maria Paranhos do Rio Branco, entretanto todos passaram a chamá-lo simplesmente de Barão

do Rio Branco. Inteligentíssimo, resolveu diplomaticamente grandes problemas internacionais a favor do Brasil: Em 1894/1895 na arbitragem da Questão das Missões, nos limites do Brasil com a Argentina. Ministro das Relações Exteriores a partir de 1902 anexou o território do Acre ao Brasil em 1903; acertou os limites com a Guiana Holandesa e com a Colômbia em 1907; e os limites com o Peru, em 1909. Embora nunca tenha tomado posse foi membro da Academia Brasileira de Letras e deixou uma série de estudos históricos. Mas, apesar da honraria ao Barão, a praça ficou conhecida mesmo como “Jardim Velho”. E nestes anos todos embalou muitos sonhos de casais enamorados. Vale lembrar que nos anos 60 a praça contou com serviço musical próprio: O Serviço de Alto-falantes Alvorada.

JARDIM VELHO: passado, presente e futuro (Salambô – 1972)

Jardim Velho, tema antigo
por que não me abandonas?
Sinto-me presa de tua vivência
sinto-me escrava de minha infância

Chove, choro, lembro, penso...
e ali está a figueira, o tronco...
Mas tantos outonos passaram
tantas folhas secaram...
Aquele coqueirinho já cresceu bastante,
e cortaram o cedrinho
e derrubaram os velhos postinhos

Mas ainda pasmo ante tanta beleza
e o mesmo verde me acalma
Em teus caminhos treinei meus primeiros passos
e meus filhos hoje correm por aí, a brincar
O tempo passou e me entristeceu
e não me canso desta paisagem
Num misto de alegria e mágoa
lágrimas inundam meu rosto
Nem mesmo a chuva destrói estes encantos
que resistem ao tempo, as ironias da vida

Quisera agarrar o tempo entre meus dedos
e ali dormir na madrugada.
Jardim Velho, por que me atraís tanto?
Qual o mistério que ocultas, quais os segredos?
Se distante, a saudade me envolve
e minha alma se prende em teu verde.
Não me liberto de meu passado
e, presente, me tranquilizo
nestas folhas, nestas flores, nestes caminhos.

Jardim Velho, pedaço de mim
jamais te arrancarei de minha vida
e isto me perturba, me inquieta...
escrava que sou de tua vivência
escrava que sou de minha infância.

JARDIM VELHO (Zuleika Wood)

Sempre lembrando o passado
sinto a mais doce emoção
ao recordar Descalvado
que é minha eterna paixão.
Amo esta cidadezinha
onde vivi tão feliz:
a escola, a igreja, a pracinha.
Tudo, na vida, que eu quis!

Reminiscências são “ais”,
passado não volta mais:
mas sempre irá renascer,
pois recordar é viver!

Aí, tempo bom de criança
- que já vai longe demais! –
Porém, da minha lembrança,
não sairá nunca mais.
Na escola a gente aprendia
somente coisas de amor:
amor à Pátria, à família,
aos passarinhos e à flor!
Por mais cruel que alguém seja
- mesmo se um crime ele fez! –
No fundo sempre deseja
ser bom menino outra vez.
Há sempre alguma bondade
em cada filho de Deus,
há sempre um quê de saudade
em cada gesto de adeus!

Reminiscências são “ais”,
passado não volta mais:
mas sempre irá renascer,
pois recordar é viver!

Ai, belos tempos dourados
de meninhas em flor:
só pensando em namorados
e em conhecer o amor.
Ai, JARDIM VELHO querido,
quantos segredos guardou:
beijos e “amassos” curtidors
que você nunca “entregou”!
Ai, que esse tempo de agora,
é amargo, é triste, é ruim:
falta a ternura de outrora
e beijos pelo jardim.
Porém não choro o passado
- foi como tinha de ser! –
A vida é hoje, é o presente
que eu vivo e adoro viver!

Reminiscências são “ais”,
passado não volta mais:
mas sempre irá renascer,
pois recordar é viver!

LENDAS E CRENDICES DESCALVADENSES**Perdidos do Jardim Velho**

(Luiz Carlindo Arruda Kastein)

Algo de fantástico existe entre as quatro figueiras: “Muita gente afirma de pé junto que já se perdeu por lá, em noites enluaradas ou mesmo com o sol a pique”. Veja a narrativa que fez o jornalista Mário Joaquim Filla, na edição nº 132 de 8 de setembro de 1962, do Jornal O Comércio: “Vindo da reza, ontem, eu me perdi no Jardim Velho - afirma a suave velhinha, figura habitual na Igreja. Para mim sucedeu o mesmo - acrescenta o cidadão, ouvindo da anciã a afirmativa de seu descaminho, quando atravessava, serenamente e à tarde, o belo e aprazível logradouro. Ouvimos este diálogo, em um banco do Jardim Velho, em tarde domingueira. Verdade? Mentira? Verdade, verdade dos que sofreram o fenômeno e jamais poderíamos desmentir gente tão respeitável e dignas de fé. Ao que atribuir então, o desvio de trajetória de tal gente? Alguém com idéias científicas, atribuiu à possível influência de um pó semi-atordoador caído das ramas de uma das árvores do jardim. Argumenta que não justifica, pois se assim fosse, todas as pessoas que transitam pelo jardim ou que se sentam em seus convidativos bancos, deveriam sofrer as influências desse estranho e jamais identificado pó. Desprezado o argumento do cientista, vamos ouvir àqueles que recorrem ao sobrenatural para justificar o fenômeno: são almas penadas que transviam os transeuntes de hoje, ao verem violados seus antigos jazigos, pois no local, afirmam, existiu um cemitério. Já outros, dizem tratar-se de um protesto do Alto aos desrespeitadores da terra sagrada da antiga capela ali existente e demolida não se sabe porque e nem por quem. Houve quem dissesse também ser a alma do Barão do Rio Branco, o homenageado que denominou a Praça.” O relato mais minucioso de uma estranha aventura no “Jardim Velho”, foi narrado em 1960 pelo jornalista Benedito Barbosa Pupo, contando o acontecido com um jornalista, seu amigo, que estava hospedado no Hotel Descalvado, e numa noite insone, resolveu desafiar a sorte, numa visita ao “jardim dos perdidos”. A narrativa completa está na edição 32, do Jornal O Comércio. Vamos citar alguns trechos: “Perder-se no jardim velho? Lenda pura lenda. Por que não fazer, eu próprio, uma experiência? Caminhei para o velho jardim enquanto a cidade dormia. A noite tépida e cheia de estrelas envolvia a cidade. Nas ruas, nenhum passante, nem deste, nem do outro mundo. Aproximei-me do quadrilátero arborizado, quando as luzes se apagaram, acendendo-se segundos após. Um pio noturno de coruja se fez ouvir, no momento exato em que meus pés tocavam o terreno dos encantamentos. Flores enviavam suas mensagens de perfume. Ouvia-se a princípio vozes que não conseguia identificar. De leve murmúrio, transformou-se em barulho ensurdecedor. Meu espírito perdera o controle. Conturbada, minha mente não conseguia mais coordenar os pensamentos. Desorientando no tempo e perdido no espaço, senti que não tinha mais o chão sob meus pés. Surgia-me no espírito as perguntas: Onde estou? Quem sou eu? Aonde vou? Súbito, percebi que o local era completamente desconhecido, mas transmitia muita paz e serenidade.... Somente depois de muito tempo vislumbrei ao fundo do jardim, o velho casarão que abrigava o grupo escolar. Deixei o local, o céu clareava. Parecia que o encantamento findava-se com a aproximação da aurora. Retornei ao mundo

real...” O certo é que a lenda existe, e apesar da dúvida, nenhum descaltvadense que seja, da criança ao ancião, evita transitar pelo lendário “Jardim Velho”, como que buscando ser também, um dia, mais um personagem desta incrível experiência.

ENTRE A LENDA E A VERDADE (Flávio Tallarico, em seu livro *Rascunhos de Algebeira & Outros Poemas* - 1995)

- Quem passa sozinho no Jardim Velho, depois das dez da noite, perde o caminho de casa; fica desvairado, sem juízo, só acorda e toma tento quando pisa na terra do cemitério. Imaginem o calafrio de medo que experimentei ao ouvir, ainda criança, estas histórias contadas pela boca de meu avô – que Deus o tenha – o qual, além da minha admiração, merecia meu respeito e minha credibilidade.

- Quando eu era guarda-noturno municipal... E desfiava uma comprida lista de “causos”, com detalhes e nomes, de pessoas que se perderam e só voltaram a si no campo sagrado do cemitério velho.

- É que tem, ao lado da figueira, um padre e uma freira enterrados. Passou perto, tá perdido. Passar perto? Eu não passava nem longe. Dava uma volta danada, evitava aproximação, fazia o sinal da cruz na testa. Era, naquele tempo, minha verdade maior. Quando a verdade é misteriosa e sobrenatural, escapa ao nosso conhecimento e vira lenda. Falávamos dela temerosos, em voz baixa, o suficiente para mantê-la viva entre os de minha geração.

Com o passar dos anos a lenda foi perdendo a força, foi minguando e desapareceu na confusão de carros e motocicletas, na carência da palavra de contar – grudada ao céu da boca pelo chiclete ruminado – esmagada pela nova realidade enfeitada de jeans, sandálias e indiferença.

De tudo, só a figueira permanece, vetusta e acolhedora. Os fantasmas morreram, há muito tempo, de tanto rasgar as longas camisolas brancas nas antenas de televisão, que tornaram impossíveis suas investidas noturnas, em vãos rasantes, sobre os incautos que ousavam se aventurar em seus domínios. Exorcizado pelo progresso, o velho jardim passou a servir de abrigo aos casais. Podemos a qualquer hora da noite, atravessá-lo sem o menor perigo. Quando digo “podemos”, quero dizer “vocês podem”. Eu, se não for extremamente necessário, desvio e dou uma volta danada.

FANTASMAS DE DESCALVADO (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

Descalvado a exemplo de outras cidades não deixa de ter seus fantasmas. Muitas pessoas falam de suas experiências com casas assombradas. Nas nossas velhas fazendas é possível ouvir durante as noites, o choro dos escravos e o barulho de correntes arrastadas. Há até quem ouça velhos cânticos e desafios do negro acompanhados do bater do bumbo.

Muito se ouviu falar também do fantasma que constantemente pegava carona nos carros e caminhões quando estes passavam na antiga estrada de terra, pelas proximidades do Butiá e desaparecia invariavelmente nas proximidades do cemitério. Muitos viram mas ninguém sabe explicar quem é.

O velho prédio da Câmara Municipal também teve seus fantasmas, contam os antigos funcionários. E parece que eles não desapareceram com a demolição do prédio e constantemente se reúnem para amplos debates no Plenário do

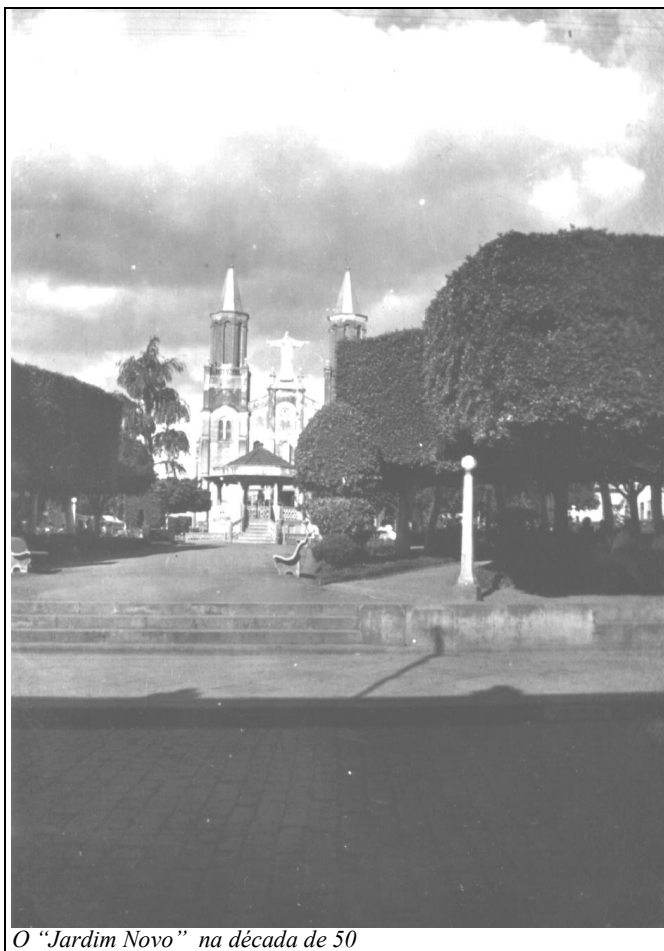
Legislativo. Ali sempre pode-se encontrar em animadas conversas, antigos e recentes falecidos, políticos descaltvadenses.

São incontáveis os casos de pessoas que viram discos voadores nos céus descaltvadenses. Mas até agora ao que parece ninguém foi seqüestrado. Aliás nós pesquisadores estamos louquinhos para tirar umas fotos aéreas da cidade a bordo de um disco dourado.

O toque de humor fica por conta do “homem nu”, um fantasma engraçado que aparecia na Praça da Matriz todos os finais de semana da década de 60 tão logo o Serviço de Alto-falantes entoava “A ponte do Rio Kwai” encerrando as atividades. Dizem que as raparigas desapareciam com medo de contemplar o homem nu e a cidade ficava deserta.

AS ALMAS PENADAS DO “CHÃO DURO” (Gerson Álfio De Marco)

Por “Chão Duro” era conhecido, pequeno trecho da rodovia municipal que conduz às fazendas São Domingos, São Rafael e outras de nosso município. São cerca de 200 metros de estrada, de solo bem sólido, bem duro (daí sua denominação) e a apenas 2 quilômetros do Bairro de São Sebastião. Nesse trato de rodovia, há décadas atrás, quando todos os nossos imóveis rurais eram densamente povoados e por ser ele parte da estrada real que levava a muito habitadas fazendas descaltvadenses e, por isto mesmo, bastante transitadas, mormente nas jornadas domingueiras e de dias santificados pela Igreja, foi ele fatídico palco de vários crimes, quase sempre pelos fúteis motivos de que estão repletos os processos criminais do tempo: azedamento de uma discussão banal, embriaguez, às vezes o dinheiro e poucas vezes o rabo de saia. E, lembrança desses crimes e convite a orações dos passantes, a ereção, nos justos locais dos assassinatos, de pequenas capelas, das chamadas *Santas-Cruzes do Caminho*. E as aparições, os gemidos e outras manifestações do sobrenatural fizeram do lugar, lugar decantamente assombrado, e de perigoso transito, à noite, por repentinamente aterrador. Mas, caminho obrigatório, deveriam percorrê-lo os rurícolas daquelas bandas e o percorriam, necessariamente, uns sem ver ou sem ouvir almas penadas e mui afortunadamente; mas outros deparando, de inopino, transidos de medo, com assustadores vultos movediços ou ouvindo o fúnebre gemer dos mortos. Hoje, com a diminuição do trânsito noturno nesse trato de estrada, em razão de acentuado decréscimo da população do município, em todos os seus cruzantes, diminuiu o quase se estinguiu essa velha crendice descaltvadense. E, ao nosso ver, mais contribuiu para seu desfalecimento, não o menor número de habitantes da zona (de toda a nossa zona rural), mas o fato de haver raros pedestres a acalcanhar, hoje, à noite, o outrora amedrontador *Chão Duro* e um número ínfimo de caleiros a vencê-lo nas sombras da noite, isto porque, atualmente, só se viaja, por todo o nosso município, em veículos motorizados, caminhões especialmente. E um veículo motorizado passa tão depressa que não há tempo suficiente para se ver ou ouvir gente do outro mundo, nas caladas da noite. O *Chão Duro* de hoje é menos terrificante que de outrora, mas ainda haverá pedestre ou cavaleiro que veja mortos aí ou ouça o lamentar enregelador duma alma penada.



O “Jardim Novo” na década de 50

ÁRVORES HISTÓRICAS

AS FIGUEIRAS DO JARDIM VELHO (Mário Joaquim Filla)

Marca de gigantismo vegetal e de beleza, as quatro figueiras da Praça Barão do Rio Branco, de nossa cidade, são algo de ufanar a nossa gente. Nos quatro cantos desse encantador logradouro público de Descalvado, elas se erguem na sua exuberância de caules e galhos fortes e nas suas copas espessas e dum acentuado

verde-escuro. Quando frutificam, enchem as adjacências de milhares de frutícolos e cuja abundância são prova da luxuriante desses espécimes de nossa flora. Quantos anos têm? Quase centenárias deverão ser, eis que, ante fotografia do Descalvado antigo, datada de 15 de novembro de 1900, quando se inaugurava o ainda existe coreto da praça, os quatro atuais gigantes florísticos aí já se erguiam, com altura meã, a dizer-nos de suas já algumas décadas de vida. Não se sabe a data de seu plantio e nem o nome do gestor municipal do tempo e muito menos a origem das mudas. Seja como for, as quatro figueiras do Jardim Velho são velhas testemunhas da vida descaldadense, de quase um século. As notas musicais de nossas filarmônicas penetraram suas frondes, altos ouvidos sempre prontos a captá-las, nessas horas de festas domingueiras. Assistiram elas ao nascimento de muitos amores, escutando os bisbilhos dos enamorados e vendo as trocas de olhares amorosos entre eles. Ouviram os ruídos dos trólis, dos carroções e das carroças, o estridular dos carros-de-bois, na sinfonia de nossas riquezas. Elas tudo viram, tudo ouviram, em seu derredor, por anos seguidos. Quantos segredos guardam, quanto têm para dizer, pudessem fabular como nós, os homens. Mas, mais que tudo, assistiram elas às passagens de diversas gerações descaldadenses, indo para o nosso Grupo Escolar Coronel Tobias, vindo dele, na alegria incomensurável da infância, que estudava brincando, que brincava aprendendo. Grande parte da História de Descalvado está escrita no verde pergaminho de suas folhas centenárias.

O JEQUITIBÁ DO MONTE OLIMPO (Gerson Álfio De Marco)

Foi o nosso gigante florestal, o nosso antigo orgulho, vista obrigatória de quantos admiram a Natureza e as grandezas desta. Erguia-se o titã vegetal na Fazenda Monte Olimpo, deste município, a cerca de cinco quilômetros da sede urbana. Era algo de extraordinário em seu encorpamento, em sua pujança. 12 metros de circunferência, altura de 71 metros e sustentado por doze raízes, era necessário dezoito pessoas, de mãos dadas, para abarcá-lo. Só isto diz suficientemente do diâmetro de seu tronco. Testemunha do nascimento de Descalvado, atestava a pujança de nosso solo, onde nasceram os cafezais fecundos e que tanto deram, ao lado de nossa economia comunal, à nossa formação social, aos nossos próprios destinos. A muitos metros de altura, altaneiro e dominador, o velho jequitibá abria a sua imensa copa sobre os verdes campos, sobre os campos lavrados, sobre a vida rural. De longe, já se avistava a grande árvore de nosso velho envaidecimento municipal. E, já a primeira vista, tinha-se a impressão de sua imponente, de sua majestade. Acercando-se dele, então, o deslumbramento era maior: estava defronte à maior árvore de seu gênero em toda a região, e talvez, mesmo, no tempo, em todo o país. E, por muitos anos, foi ele o símbolo de nossa altivez, a marca de nossa beleza, o buscado local para passeios campestres, até para piqueniques, quando nossa gente sabia amar o campo e visitá-lo. Pena que, um dia do ano de 1945, dia aziago esse para a nossa vaidade provinciana, dia tristíssimo, para nosso amor às nossas coisas, que a procela, furiosa e incontrolável, tenha abatido o notável jequitibá. Dele só nos ficou um velho orgulho que, ainda, cultivamos; e as lembranças.

A FIGUEIRA DO TAMANDARÉ (Mário Joaquim Filla)

Centenária, plantada na gleba descaldadense, atestando-lhe a uberdade, a árvore gigantesca e bela: a Figueira do Tamandaré; do Tamandaré por estar localizada nas antigas terras da Fazenda Boa Esperança, do inclito varão do Império. Dr. Manoel Batista da Cruz Tamandaré. Daí o nome do dono designar, também, a propriedade, graças ao batismo genitivo do povo: Fazenda do Dr. Tamandaré, Fazenda Tamandaré. A árvore sombria e imensa, não somente por sua majestuosidade, por sua realza vegetal, mas por motivos outros, entrou para nossa história municipal. Ela é, em verdade, uma árvore histórica. Assim é que, durante os longos anos do cativo negro, no Brasil, a velha figueira foi local predileto de suplícios aos negros fujões ou desobedientes. Sob a sua já imensa e agradabilíssima sombra, o feroz feitor, ilacrimável e temido, exercia, costumeiro, o seu brutal mister de exemplador, no castigo necessário, segundo a ética patronal. O *bacalhau* cruelíssimo, em sua destra possante e impiedosa, no reiterar tremendo das batidas, ia lanhando o corpo indefeso do pobre escravo, vítima, então, do julgamento dum amo ou dum feitor nada cristão, nada humano; vítima dum julgamento condicionado única e exclusivamente a bñis do *sinhô* ou de seu cruel subalterno. Na década de 60 do século XIX, Castro Alves cantava a redenção escrava, nos vãos condoreiros de sua lira e morreu cantando o martírio escravo e antecipando-lhe a liberdade. Os abolicionistas, nessa década e até a de 80,

desfraldavam, combativamente, por todos os cruzantes do país, a bandeira nívea da grande campanha cívica, mas mais que cívica, humanitária e em todo o vasto território pátrio. Descalvado incluso, o azorrague brutal do feitor continuava seu escarmento monstruoso, surdo à poesia e à prosa libertadoras. Longe da musa castroalvina, não muito longe dos abolicionistas, que em Descalvado, os havia também, a vetusta figueira descaldadense oferecia-se palco para os contínuos azorramentos brutalíssimos. Daí o ter entrada para a história, para a nossa história como local de martírio negro. Já na República, ela continuou ligada à história, eis que, quando da grande repressão, do desmantelamento final das quadrilhas de ladrões de cavalos, a partir de 1918, era sob a sua fronte amplíssima que acampavam os elementos da *Capturas do Estado*, para seus ráides aprisionadores. E, ainda sob o verde baldaquino de sua alfombra, alguns dos ladrões capturados eram interrogados, nas preliminares do futuro processo e com vista à obtenção de informações que pudessem ampliar o rol dos meliantes aprisionáveis. Comandava então o pugilo policial e famigerado Tenente Galinha, de tanto nome entre seus coevos e de presença obrigada no folclore paulista, em razão de sua audácia e habilidade policial. Passaram escravos e rapinadores de cavalos, mas a magnífica figueira, com seu tronco desmedido, com sua copa esplêndida e com sua hieraticidade vegetal, continua forte, como antes; bela, como nesses já recuados tempos de nossa vida municipal e contando, na sua imobilidade histórica, na sua grandeza vencedora dos anos, fatos de nosso pretérito, verdíssimo livro aberto e nossos fastos. É ela, em suma, um titã florestal prenhe de história. Foi ela, no passado, até o 13 de maio libertador, um pequeno coliseu descaldadense, para a diversão brutal dos Neros escravocratas.

ÁRVORE TORTA: UMA LENDA PASSADA; UMA FIGURA ESQUECIDA (Sebastião José Ricci para Descalvado em Revista de 08/09/75)

Árvore torta: Recanto de alegria que virou saudade. São poucos dos muitos que ali passaram seus melhores momentos de infância, não muito distante, (aos quais também pertencíamos), que ainda se lembram de sua figura. Talvez pela sua maneira de crescer com seu tronco com um metro de altura curvando-se num comprimento de mais ou menos três metros para depois subir com seus galhos compridos todos repletos de folhas, foi que a árvore torta ganhou o carinho e a admiração de muitos que a conheceram. Debaxo de sua frondosa sombra, muita gente passou bons momentos, principalmente a infância daquela época. Lugar aprazível e de bom clima, sempre foi um convite, para piqueniques de famílias que passavam quase o dia todo de seu folgueto na alegria de verem os “tarzans” e os “trapezistas” da árvore torta, com seus saltos e seus malabarismos... Usando-se de uma corda amarrada num galho alto da árvore, os “tarzans” davam saltos de um lado para o outro depois de vibrar bem alto o tradicional grito do “Rei das Selvas”. Para os garotos amantes do circo que na época apresentavam grandes espetáculos em Descalvado, tinham em si a vontade de apresentar na árvore torta o salto consagrado do artista circense, que as vezes terminavam com uma queda ao chão, quando não uma fratura de um braço. Foram muitos os fatos que se passaram junto a velha árvore torta: meninos que faziam “artes” na cidade e quando perseguidos corriam para lá onde se escondiam no alto dos galhos; alunos que faltam da escola e fugiam para lá, esquecendo-se das lições e até mesmo de voltarem na hora certa para casa; brincadeiras, alegrias e até mesmo brigas por ali se passaram. Nas épocas de chuvas a árvore torta tornava-se difícil de ser escalada, mas a ganância pelos seus saltos de tarzan e pelos espetáculos de malabarismos, faziam com que todo o recurso fosse usado para gozarem mais um dia, na sempre querida de todos. Para aqueles que não conheceram a árvore torta esta será mais uma história a ser ouvida; para os que a conheceram e ali passaram um pedaço de suas infâncias, será uma lembrança que volta a renascer. Hoje, ao ver a árvore torta mais envelhecida, toda ladeada de galinheiros de uma granja de propriedade do Senhor Edvaldo Franco, no alto do Jardim Belém, ninguém mais dirá que ali foi recanto turístico da infância de mais ou menos uns vinte anos atrás. Sua madeira de nome Pau D’Oleo, seus galhos ainda comportam sua beleza com o verde de suas folhas que são sopradas pelo vento. Ao cumprimentarmos Descalvado pelos seus 143 anos de existência, pedimos uma pausa, para agradecer um de seus mais antigos habitantes: “Obrigado árvore torta, pela infância feliz que você nos proporcionou”.

FESTAS

(FRANCISCO B. LÍCIO escreveu sobre as festas dos anos 20 e 30 no Jornal “O Comércio” em 1970)

Afora o cinema, e um ou outro circo de cavalinhos, que por aqui portava, três o quatro por ano, as únicas diversões que rompiam a mesmice de todos os dias, daqueles dias tranquilos e monótonos, eram as festas religiosas, precedidas de quermesses, que se estendiam geralmente por oito a dez dias. Havia as famosas e tradicionais que o povo aguardava com ansiedade: a de São Sebastião, a do Divino, a da Padroeira... A primeira, a de São Sebastião realizava-se no bairro do mesmo nome, no morro, culminando no dia do patrono, a 20 de janeiro. Diariamente havia reza na capela, leilão de prendas e jogos: e a mocidade acorria em massa, pois a ocasião era azada para os namoros, nas intermináveis voltas que se davam em torno do rancho do leilão. Leiloavam-se de preferência frangos assados e bandejas com três ou quatro copos de chopp. O leiloeiro – quem não se lembra dele, do Chiquinho Rodrigues – mito que sabia acirrar os ânimos dos licitantes, quase sempre os mesmos: “Quanto me dão para fulano não beber este chopp”, ao que o mencionado no pregão, ferido em seus bríos, fazia um sinal ao leiloeiro, aumentando o lance, que era então apregoado: “Por dois mil reis Fulana vai beber este chopp”. E por aí além, havendo disputas veementes em que se fazia questão de afirmar a potencialidade financeira... No dia 20 de janeiro a festa durava o dia todo, e a cidade parava suas atividades para assisti-la. Todos subiam o morro, para a missa matinal. Ao leilão de gado aos jogos, aos leilões vários. Para a rapaziada havia o Correio elegante, uma correspondência amorosa que se fazia em cartões previamente adquiridos de “gentis senhoritas de nossa cidade” segundo os programas. As quais, gentis senhoritas, também se incumbiam de entrega-los aos destinatários, guardando segredo quanto ao remetente, mas não muito. No transcorrer da quermesse de 1922, instalou-se ao ar livre, na parte fronteira à capela, uma tela para projeção cinematográfica; e numa noite, durante os festejos, foi projetada uma fita sacra, narrando as agruras da vida do mártir, patrono do bairro e da capela. Dias após, precisamente na noite em que se efetuava o velório do Velho Ravasi, ocorreu ligeiro tremor na terra, que deu resultado a aluição da velha capela de São Sebastião, e nisso viram as almas ingênuas um castigo dos céus, pela profanação, pois todo o mundo sabia que o cinema era coisa do próprio diabo. A quermesse do Divino, em maio, realizava-se na parte fronteira à Matriz, e obedecia aos mesmos moldes da de São Sebastião, com rezas, leilões, correio elegante, etc. Por ocasião de seu encerramento uma procissão solene percorria, pela manhã, as principais ruas, escoltando o Imperador do Divino, sua Imperatriz, as Damas de Honra, Capitães de Mastro, festeiros, “tutti quanti”. Ao seu término iam plantar, em frente à Igreja, o novo mastro do Divino que permaneceria aos ventos até o próximo ano. A quermesse da Padroeira, realizada em setembro, no aniversário da cidade, também era igual, somente que maior e mais concorrida. Vez por outra realizavam-se quermesses extras, como a da Santa Casa, que era famosa. Realizava-se na própria rua fronteira ao hospital, habitualmente; outras vezes, no pátio interno daquilo que era o Mercado Municipal. Em tais festejos havia de tudo o que atrás se mencionou, e como complemento todos os jogos de azar existentes e por existir, proibidos por todos os códigos penais do mundo: roleta, buzo, “chemin de fer”, jaburu, catarina, dados, etc. Jogava-se desbragadamente, com todo furor, apesar da proibição legal: mas que é que podia o frio texto legal contra os velhos políticos do PRP, que a tudo presidiam, e que encarnavam a própria lei, em sua forma bípede?

FESTAS TRADICIONAIS DE DESCALVADO (Gerson Álfio De Marco)

FESTA DA PADROEIRA

É a maior e mais tradicional festa da cidade, pois além da manifestação de fé do povo descaldense à sua Padroeira Nossa Senhora do Belém, os festejos coincidem com a data da fundação da cidade que é 8 de setembro. Reune festejos cívicos, sociais, esportivos e religiosos. Na Praça da Matriz realiza-se a tradicional quermesse com barracas de prendas, jogos, doces, sorteios. No meio da rua Barão do Descalvado fica a barraca da ceia, que a cada ano serve como ponto de encontro de todos os descaldenses aqui residentes e dos que convergem de suas novas residências em outros Municípios na devoção à Padroeira. O ponto alto da festa é a Procissão de Nossa Senhora do Belém, que realiza-se ao entardecer e leva centenas de devotos às ruas. À chegada da imagem ouve-se o repique de sinos, o explodir de rojões e o povo a aplaudir a Padroeira. Após a missa solene em praça pública a imagem é reconduzida pelos fiéis ao altar.

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

É uma das mais pomposas festas da Paróquia de Nossa Senhora do Belém que culmina com a comemoração do Dia de Pentecostes, dia do Espírito Santo. Isso devido à roupagem e à caprichosa organização da tradicional “Corte do Divino”, com o seu Imperador e a sua Imperatriz, Pagens, Damas e Portador, em algumas épocas constituídas de adolescentes e em outras de crianças. Antecedendo a procissão, realizava-se no centro da cidade o tradicional leilão de lenha. Antes conduzidas em carros de boi, depois em carroças, e finalmente em caminhões, eram arrematadas e geralmente se transformam em donativos para as casas de caridade da cidade. Foram leiloeiros famosos Chiquinho Rodrigues e José Jordão. A procissão da Corte do Divino inicia-se tradicionalmente na residência da Imperatriz e segue até a Igreja Matriz onde é celebrada a missa. Os preparativos para uma Festa do Divino, têm início no dia 8 de setembro, dia da Padroeira N. S. do Belém, quando acontece a troca de coroas, e um novo Imperador e Imperatriz são escolhidos. A Corte sai às ruas três vezes no ano, nas procissões do Divino, de Corpus Christ e da Padroeira. A Festa do Divino foi instituída em Portugal nos primeiros anos do século XVI pela rainha Isabel mulher de D. Diniz quando construiu a Igreja do Espírito Santo em Alenquer. Na realidade nasceu a partir de um sonho real. Conta-se que a rainha Isabel (1.271-1.336) estando a pernoitar com seu marido, El Rei D. Diniz, teve um sonho. Nele, Deus informava que muito mais se alegraria se fosse construída naquela localidade uma igreja ao Espírito Santo. Ao acordar a rainha Isabel mandou pedir aos juizes da Vila que lhe enviassem quatro pedreiros e seis ajudantes, e ordenou-lhes que ficassem os alicerces em determinado lugar. Ali chegando, no entanto, encontraram os alicerces já começados, embora pessoa alguma os tivesse feito. A rainha viu nisso a mão de Deus e orou agradecendo o milagre. Conta-se também que os operários receberam rosas da rainha, comopagamento, e elas se transformaram em dinheiro. A partir de então, a Festa do Divino difundiu-se em toda Portugal e as ilhas de sua possessão, conduzindo dentro de si toda uma variada gama de festanças com características próprias de cada região. No Brasil popularizou-se no século XVI e é celebrada ainda nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Maranhão, Amazonas, Espírito Santo e Goiás, com missa cantada, procissão, leilão de prendas e as manifestações folclóricas puciliares a cada região.

FESTA DE SÃO SEBASTIÃO

Realizada em Descalvado, há quase 100 anos, no Bairro de São Sebastião, sempre foi movimentada, atraindo grande parcela da população, principalmente no dia máximo da festa, ou seja 20 de janeiro, quando a festa tem início logo cedo com o tradicional leilão de gado. Um dos aspectos interessantes da festa é a mini-feira que se estabelece naquela praça com barraquinhas de miudezas, que oferecem os mais variados artigos, ao som do serviço de alto-falantes na oferta de músicas românticas e sertanejas, numa delicada troca de gentilezas entre namorados. Antigamente era comum durante o trajeto da procissão, a presença de crianças em vestimenta idêntica ao glorioso Mártir São Sebastião, Padroeiro do Bairro, em pagamento de promessa por graça alcançada. Na década de 70 a tradicional Capela do bairro foi demolida e em seu lugar construído um novo templo e ao seu redor a Prefeitura construiu uma Praça que substituiu os antigos barracões.

FESTA DE SÃO BENEDITO, SANTO ANTONIO E SÃO JUDAS TADEU

Até o ano de 1954 esta festa dedicava-se unicamente ao Padroeiro do Bairro, São Benedito. Depois disso as festividades incluíram louvor a Santo Antonio e São Judas Tadeu. Realizava-se sempre no mês de junho, incluindo-se na parte religiosa, recitação do terço, ladainhas e novenas e a tradicional “Cavalaria Antoniana”, realizada no dia 12 que é dedicado a Santo Antonio. Até 20 anos atrás era tradicional também o “samba” realizado na véspera de Santo Antonio, em volta da grande fogueira, coordenado pelo negro “Caetanão”. Na quermesse que durava vários dias, movimentados leilões de prendas, barracas de sorteios, serviço de alto-falantes com ofertas e pedidos de músicas e barraca da ceia. Depois da construção pela Prefeitura da Praça ao redor da Igreja que recebeu o nome do ex-prefeito “Prof. José Ramalho Gabrielli”, a festa se modernizou perdeu muito de seu encanto. Mais recentemente a festa se desmembrou para 3 datas: 13 de junho Santo Antonio que se realiza na comunidade de Santo Antonio; 5/10 São Benedito que continua no mesmo local defronte a Igreja e 28/10 São Judas Tadeu que se realiza no Jardim do Lago.

CAVALARIA ANTONIANA

Instituída em 1948 pelo Pároco Monsenhor José Canônico, essa procissão hípica entrou, em definitivo, para o rol das coisas típicas de nossa terra, e se fixou, formosamente, como uma manifestação de fé católica que encanta pelo conjunto e que se constitui numa singela, mas fortíssima afirmação da grande devoção do povo descaldense por Santo Antonio. Percorrendo as vias públicas pela primeira vez no dia 13 de junho de 1948, a cavalaria virou costume e tradição, inicialmente sob o comando de Francisco Gonçalves dos Santos e Arlindo Mazzola. A solenidade que tem início após missa celebrada na Capela de São Benedito, (atualmente Santo Antônio), segue-se a procissão aberta pelo Capitão do Mastro, a empunhar o estandarte de Santo Antonio, depois a imagem do Santo e a Corporação Musical (estes em caminhão), em seguida os demais integrantes, em duas longas filas, como a lembrar um velho exército colonial. No final carroças e charretes, algumas ricamente adornadas. O cidadão descaldense Atilio Canova, nascido em 22 de setembro de 1910, foi o que mais participou da cavalaria.



Foto de uma das primeiras procissões da Cavalaria Antoniana

FESTA DE SÃO CRISTÓVÃO

Comemorado no dia 25 de julho, dia dedicado a São Cristóvão, consiste em uma carreata que conduz à frente a imagem do protetor dos motoristas, seguindo logo atrás em caminhão a tradicional Corporação Musical Santa Cecília. A festa teve início na década de 1960 numa iniciativa de Antonio Ângelo Sartori e Pedro Fuzaro, na época proprietários do Posto São José, localizado na confluência das avenidas Coronel Tobias com Guerino-Oswaldo.

FESTA DA CARIDADE

Depois da inauguração do Asilo São Vicente de Paulo em 8 de setembro de 1937, havia necessidade de se promover festas para arrecadação de fundos para sua manutenção. Foi quando teve início a Festa da Caridade, inicialmente ao redor do Asilo e depois no seu interior. A quermesse era realizada no mês de julho, por ocasião da comemoração do dia de São Vicente de Paulo, patrono da entidade. Eram leiloadas prendas, realizados sorteios e vendiam-se comestíveis e bebidas. Depois de realizadas por diversos anos seguidos, foram interrompidas por algum tempo, retornando em 1965 com nova data, fazendo coincidir seu encerramento com o Dia 1º de Maio, dia do trabalho. Funciona Serviço de Alto-falantes com oferecimento de músicas, sorteio de frango assado e de prendas, vendas de doces e salgados, num trabalho incansável dos vicentinos e outros abnegados auxiliares, ficando toda a arrecadação da festa para os anciãos residentes naquele Asilo.

FESTA DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE

Realiza-se todos os anos, desde 1.907 na Fazenda Sant'Ana, tendo como ponto de referência das comemorações o dia 21 de novembro, coincidindo entretanto o final da festa com um domingo, visitando facilitar o comparecimento dos seus tradicionais frequentadores e dos peregrinos, já que a festa atrai visitantes de toda a região devotos de Nossa Senhora da Saúde cuja imagem foi encomendada na Itália. Seu aspecto é de festa campestre, sendo que os peregrinos levam para a capela os seus pedidos comuns de saúde, os seus cumprimentos de promessas. Ao redor da Capela existem os mais variados entretenimentos: serviço de bar, barraca de sorteios, leilão de prendas, leilão de bovinos, caprinos, suínos e galináceos. O ponto de destaque fica com o tradicional baile que avança pelo dia todo em local apropriado. A Fazenda Sant'Ana fica na Rodovia Vicinal Benedito Simel que liga Descalvado a Analândia.

FESTA DE SANTA TEREZINHA

A Festa em louvor a Santa Terezinha no Bairro do "Butiá" teve início na década de 40, e era realizada no mês de outubro junto a Capela em louvor a Santa, atraindo grande número de peregrinos. Além da parte religiosa com novenas, ladainhas, recitação do terço e a tradicional procissão encerrando o evento, havia animada quermesse no final de semana, com o grande baile. No domingo de encerramento o bairro era pequeno para receber o grande número de pessoas que na sua maioria se dirigiam ao local transportados pelos comboio da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, depois FEPASA, cuja estação ficava bem ao lado do recinto da festa. A partir de 1968 sem que saibamos ao certo o motivo, a Festa de Santa Terezinha do Bairro do Butiá deixou sua tradição anual e passou a realizar-se esporadicamente.

FESTA DO LAR ESCOLA

Desde 1909 quando da fundação do Lar Escola Imaculada Conceição, conta a tradição que ali sempre se realizou festas e exposições, com barracas diversas de prendas, doces e salgados, cujo dinheiro se reverte a manutenção das meninas ali residentes. A festa realiza-se no transcorrer do mês de julho.

FESTA DE NOSSA SENHORA APARECIDA

Realiza-se anualmente no dia 12 de outubro dia consagrado à Padroeira do Brasil, na Fazenda Serrinha, atraindo visitantes de todas as localidades.

FESTA DE CORPUS CHRIST E A TRADIÇÃO DE ENFEITAR AS RUAS DA CIDADE

(Luiz Carlindo Arruda Kastein)

A tradição de enfeitar as ruas para a passagem da procissão de Corpus Christ é quase centenária. Desde os áureos tempos do apogeu do café, já se conta que as senhoras dos coronéis tinham por hábito colocar toalhas de renda nas janelas com vasos de flores, em respeito a passagem do "Corpo de Deus". A este costume acrescentou-se aos poucos a colocação de folhas de árvores e flores no leito das ruas. A preferência era pelas folhas de mangueira por serem mais pesadas e, flores de época como o bico de papagaio. Esta tradição perdurou até a década de 60, quando o Eagle's Club, uma agremiação de jovens da época, promoveu uma excursão até a cidade de Matão, município cuja maior atração turística era justamente os enfeites de rua de Corpus Christ. De lá trouxeram a idéia de enriquecer os enfeites acrescentando os seguintes materiais: pó de serra colorido com anilina, pó de café, casca de ovo, tampinhas de garrafa, sabugo de milho triturado, dentre outros. Os jovens da época, coordenados pelo Presidente do Conselho da entidade Orivaldo Ivo de Medeiros "Vadinho", realizaram o primeiro enfeite no ano de 1964, na rua Barão do Descalvado, partindo da esquina com a rua Bezerra Paes até a divisa com o Hotel Descalvado, portanto no trecho defronte a antiga sede social do CERD. A partir desta iniciativa toda a população passou a contribuir. Para o ano seguinte meses antes começavam os preparativos. Os moldes eram feitos de maneira curiosa. Escolhida a ilustração, a mesma era riscada diretamente no chão por mãos de exímios desenhistas ou fotografadas, sendo depois, o negativo ou o "slide", projetado em enormes painéis fixados na parede, em seguida transportados para o leito das ruas, onde eram revestidos com os materiais que davam o colorido no trabalho final. Crianças, jovens, adultos e idosos, costumavam passar toda a noite no trabalho. Normalmente as noites eram muito frias, havendo sempre aqueles que corriam as ruas servindo quentão ou vinho quente. O trabalho terminava bem de madrugada. Entretanto até a hora da procissão, normalmente 10,00 horas, eram dados os retoques finais.

A população pela manhã corria as ruas para contemplar os enfeites. Afinal passada a procissão todo o material se misturava e era em seguida recolhido pelo pessoal da Prefeitura que seguia no final do cortejo. E a tradição como se acabou? Os enfeites de rua embora muito bonitos, eram bem trabalhosos. As famílias meses antes já tinham que cuidar da coleta de materiais. Correr as serrarias para armazenar pó de serra, adquirir anilina nas fábricas de tecido da época. Arrumar um local próprio para tingir o material, trabalho artesanal de mistura que era feito nas mãos, usando-se luvas plásticas uma vez que o produto químico costumava provocar irritação. O sabugo era conseguido nas fazendas. Triturá-lo nas mãos era muito difícil, passando a ser feito em máquinas próprias, na época fabricadas pelos Irmãos Serpentino. Coletado todo o material, restava ainda a noite de serviço, na maioria das vezes no frio, outras na garoa, acompanhado da dificuldade de iluminação. Àquela época as ruas eram muito mal iluminadas. Para suprir a dificuldade, logo surgiram “profissionais” que se prontificavam a realizar o serviço em troca de remuneração. Somavam-se a esses, equipes de alunos visando arrecadar dinheiro para suas formaturas, clubes de serviço, entidades beneficentes, etc... etc..., cujos trabalhos eram julgados e premiados por comissões especiais. Isso tudo foi aos poucos minimizando o calor inicial, desaparecendo o Espírito Cristão, que acabou por dar fim a tradição, que voltou somente anos mais tarde no ano de 1997 com a posse do Padre Angelo na Paróquia de Nossa Senhora do Belém.



Foto da inauguração do Obelisco em 1922

FESTA DA AVICULTURA

Foi no início da década de 60 que realizou-se a 1ª FESTA DO GRANJEIRO, coincidindo com os Festejos de Aniversário da Cidade e tendo lugar na antiga Praça de Esportes Antonio Carlos Guimarães do CERD ao lado do Ginásio Estadual. A Festa consistia em demonstração de técnicas de manejo, possuindo um restaurante especializado em servir os diferentes pratos derivados do frango. Com o sucesso alcançado a festa passou a ter data e local próprio de realização no mês de julho e no local onde hoje se situa o Palácio do Povo, sendo incluída no Calendário Turístico do Estado, passando a denominar-se FESTA DA AVICULTURA, atraindo visitantes de todas as partes. Era organizada pela União dos Avicultores de Descalvado, sociedade que foi extinta no início dos anos 70 e com ela mais esta tradicional festa.

EVENTOS QUE MARCARAM ÉPOCA (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

FEIRA DE CIÊNCIAS

- Realizadas nos anos 60, promovidas pelo CEDEC - Centro Descalvadense de Cultura, entidade estudantil e cultural, com a participação de estudantes de Descalvado, da região e de muitas outras cidades universitárias do Estado. O CEDEC foi fundado no ano de 1962, pelos alunos do Colégio Estadual e Escola Normal de Descalvado, coordenados pelo Prof. Ary Pinto das Neves, e o primeiro presidente da entidade foi Pedro Gaspar. A primeira feira foi realizada no ano de 1963 no antigo prédio da Prefeitura e Câmara Municipal na Avenida Guerino-Oswaldo. Devido o sucesso obtido no ano seguinte foi transferida para o prédio do Ginásio Estadual, tomando todas as salas. A realização das feiras coincidia com os festejos de Aniversário da Cidade. Apesar do sucesso de participantes e de público não tiveram seqüência, e foram encerradas antes da entrada dos anos 70.

CONGRESSO CATEQUÉTICO – Realizado no ano de 1.963, reuniu em Descalvado todas as Paróquias pertencentes a Diocese de Campinas.

SEMANA DO JOVEM

- Realizadas nos anos 60, promovidas pelo EAGLE'S CLUB que era um clube de jovens voltado a filantropia e atividades sociais e esportivas, aconteciam no transcorrer do mês de outubro. Durante uma semana promoviam eventos públicos com apresentações de cinema ao ar livre no Jardim Velho, apresentação de corais e bandas na Praça da Matriz, competições esportivas no CERD e no Ginásio, apresentações de peças teatrais, atividades de confraternização de alunos e mestres, maratonas, gincanas, desfile de fanfarras, culminando com um grande baile que escolhia por votos a Miss Estudante. A exemplo das Feiras de Ciências não chegaram a atingir os anos 70. Desaparecendo quando a geração de jovens que as promovia, deixou Descalvado a caminho das faculdades.

CAMPEONATO INTERNO

- Série de competições promovidas pelo Grêmio Estudantil Descalvadense, entre os alunos e alunas do Ginásio desde o início da década de 50, nas modalidades de basquete, vôlei, futebol de salão e hand-ball. Tinham lugar na antiga quadra velha ao lado do ginásio. Eram realizados à noite, numa época em que não existia ainda curso noturno na cidade, e reuniam grandes torcidas que movimentavam toda a cidade. Com a inauguração

da quadra do Ginásio estes jogos foram para lá transferidos. Com o início dos cursos noturnos no final dos anos 60, os jogos foram perdendo o brilhantismo até que foram extintos.

FESTA DA BONDADE

- Promovidas pela APAE nos anos 70 e realizadas de início nas piscinas do CERD e depois transferidas para o Largo da Matriz, reunia grande parcela da população em torno de eventos sociais e quermesses, cuja arrecadação revertia em benefício da Escola da APAE. As primeiras festas foram memoráveis com palco montado dentro das águas das piscinas do CERD, com atrações inesquecíveis como o Desfile das Nações e a apresentação das Mulatas de Sargenteli. Infelizmente grandes festas como esta desapareceram deixando saudades.

CARNAVAL (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

Os carnavais de Descalvado eram realizados em “salões”, precedidos de “cursos” que percorriam as principais ruas da cidade. Tivemos muitos clubes, o mais antigo que temos registro é o Clube da Lavoura e Comércio de 1.874. Depois vieram em 1.880 a Sociedade Recreio Familiar, em 1.895 a Sociedade Fratellanza Italiana, na passagem do século a Sociedade União Democrática e um pouco depois em 1.903 o Clube 13 de Maio. Num passado mais recente tivemos carnavais no prédio da Associação Rural, onde hoje é o Bamerindus, no Parque Infantil Maria Grassi, atual Estação Rodoviária e até um histórico “Carnaval de Batina” realizado na Sede Paroquial no ano de 1.958. Os carnavais do CERD seriam realizados a partir de 1.940 e os do Nosso Clube começariam em 1.957. A lança perfume reinou soberana pelos salões até 1961, quando foi proibida pelo Presidente Jânio Quadros. O coreto da Praça da Matriz também foi palco de muitos carnavais. A banda entoava marchinhas e os foliões se divertiam formando imensos cordões. Aliás a banda foi quem sempre animou nossos carnavais de salão. Os músicos se dividiam entre o CERD com o Jazz Band do Baiano e o Nosso Clube com o Conjunto do Vaninho. Como os clubes ficavam próximos, durante toda a noite era um intenso vai e vem de foliões cruzando o Jardim. Na rua o desfile de carros era chamado de “curso”. Todos saíam nas ruas para lançar confete e serpentina nos foliões. Os olhos eram protegidos dos jatos gelados de lança perfume, com máscaras de plástico transparente. O carnaval de rua começaria a tomar forma

somente no ano de 1.965 com o primeiro desfile de carros alegóricos tendo a frente uma tímida bateria. Começava a nascer o Reino Unido de Nhô Nhô, que seria nosso primeiro bloco carnavalesco. Em 1.973 com a apresentação da Escola de Samba Panteras de Pirassununga, os foliões descaldenses ficaram mais motivados e acabariam por constituir duas grandes escolas: Anbraskol e Leão que durante alguns anos seria a alegria maior das noites de carnaval.

GRANDES DATAS

7 DE SETEMBRO DE 1922

CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA - INAUGURAÇÃO DO OBELISCO NA PRAÇA DO CENTENÁRIO

(Conto de Luiz Carlindo Arruda Kastein, baseado em artigo do Monsenhor João Baptista de Carvalho)

Corria o ano de 1922, eram chefes: da Nação brasileira o Dr. Epitácio da Silva Pessoa, do Estado de São Paulo o Dr. Washington Luiz Pereira de Sousa e do Município de Descalvado o Coronel Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho. Em 7 de Setembro toda nação iria comemorar os 100 anos do brado de Independência ou Morte, proferido pelo então Príncipe Regente, em seguida Pedro I, Imperador do Brasil, à beira do riacho do Ipiranga. Naqueles dias era coadjutor da Paróquia de Nossa Senhora do Belém, o Padre João Baptista de Carvalho, muito moço e idealista, tomando para si a iniciativa para que Descalvado a exemplo de todo o Brasil, se postasse a altura nas comemorações do centenário da Independência do Brasil. O jovem Padre procurou o então Juiz de Direito, Dr. Luciano Esteves dos Santos Júnior, propondo a constituição de uma "Comissão do Centenário", que ficou composta: Coronel Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho - Prefeito, que ficou como Presidente efetivo da Comissão, Dr. Luciano Esteves dos Santos Júnior - Juiz de Direito e Presidente honorário da Comissão, Julio Alves - Promotor Público interino e Secretário da Comissão, Antônio de Camargo Campos - Tabelião e Tesoureiro da Comissão, Dr. João Francisco de Oliveira - Delegado de Polícia, Padre João Baptista de Carvalho - coadjutor da Paróquia, Antonio Luiz Fabiano - Advogado, José Elias - Vereador, Ferruccio Crescenti - Secretário da Prefeitura, Alberto Cândido Rodrigues - Fiscal da Prefeitura, Prof. Antônio Queiroz - Diretor do Colégio Santo Antonio e auditor da guarda municipal, Engenheiro Aurélio Machado, Lázaro Timótheo do Amaral - ajudante do 1º Tabelião e os cidadãos Vicente Tallarico e Pedro Guidugli. Como primeira medida a Comissão decidiu pela ereção de um obelisco na praça atrás da Igreja Matriz, a qual passaria a denominar-se "Praça do Centenário", e no obelisco seria afixada uma placa de bronze homenageando o Centenário da Independência. Os projetos do obelisco e da Praça do Centenário foram elaborados sem ônus para a Comissão por seu membro, o engenheiro civil Dr. Aurélio Machado, sendo que as pedras foram fornecidas gratuitamente pelo Coronel Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho, extraídas da sua propriedade rural denominada Fazenda Bandeira. No dia 20 de agosto de 1922, às cinco horas da tarde, reuniram-se os membros da Comissão para o lançamento da primeira pedra do alicerce para o obelisco, com a bênção dos reverendíssimos senhores Cônego João Osório Marcondes - Vigário da Paróquia e Padre João Baptista de Carvalho - coadjutor. Logo após sobre os acordes do Hino Nacional Brasileiro e com a explosão de inúmeros foguetes, enterrou-se na base do obelisco, em recipientes de vidro, com as bocas devidamente lacradas, a ata inaugural, diversos jornais, moedas antigas e "modernas" do país, cartões de visita de várias pessoas presentes, bem como uma cópia da lista com o nome das pessoas que patrioticamente fizeram doações para a construção do monumento, que seria festivamente inaugurado no dia 7 de setembro, com o programa festivo que estamos transcrevendo abaixo, observando a ortografia da época:

CENTENARIO DA INDEPENDENCIA NACIONAL

Nutrido as autoridades e o povo de Descalvado o patriotico desejo de solemnizar condignamente a grande data do Centenário de nossa emancipação política, organizou-se, com esse intuito o seguinte

PROGRAMA

6 DE SETEMBRO

À MEIA NOITE - A Banda Musical "Santa Cecília", sob requintes de sinos, ao espoucar de foguetes e morteiros, saudará o romper do auspicioso dia

7 DE SETEMBRO

ÀS 5 HORAS - A Banda Musical percorrerá a cidade em festiva ALVORADA, como à meia noite.

ÀS 9 HORAS - Terá início a solemníssima Missa Campal, no adro da Igreja Matriz, sendo celebrante o Revdmo, Vigário Sr. Conego João Osório Marcondes e fazendo uma allocução o Revdmo. Coadjutor, Padre João B. de Carvalho. Na Elevação, a Sagrada Hostia será saudada pelo hymno nacional, marcha batida e continencia pelas forças que assistirão formadas. As creanças dos estabelecimentos de ensino publico e particulares cantarão bellos hymnos patrioticos, ensaiados para a circumstancia.

ÀS 15 1/2 HORAS - Deverão reunir-se as autoridades, escolas, associações e povo na praça fronteira ao Forum onde, depois de entoado um hymno patriotico, o Exmo. Sr. Dr. Luciano Esteves dos Santos Junior, Juiz de Direito da Comarca, fará uma conferencia descorrendo sobre a relevancia da data.

ÀS 16 1/2 HORAS - hora em que D. Pedro lançou o brado retumbante, será festivamente descoberto e inaugurado o Monumento Commemorativo da passagem do Centenário, cantando-se o hymno nacional.

Em seguida serão plantadas na praça, ao lado do monumento, quatro palmeiras imperiaes e um pau-brasil, ao mesmo tempo que se descobrião as novas placas, que denominarão o local - Praça do Centenário.

ÀS 18 1/2 HORAS - As autoridades, alumnos das escolas associações e povo deverão reunir-se na "Praça do Centenário" donde, precedidos pela corporação musical desfilarão em "marche aux lambeaux" pelas ruas da cidade, em festiva Passeata Cívica.

ÀS 20 HORAS - A Banda Musical "Santa Cecília" dará início, no coreto adrede armado na "Praça do Centenário" então profusamente iluminada, a um magnifico Concerto, em que figurará o "Guarany" do immortal Carlos Gomes uma das glórias dos cem annos do Brasil independente.

Pelo programa viemos a saber que as quatro palmeiras imperiais existentes na Praça, contam também com 72 anos. O pau-brasil infelizmente não existe mais. Um infausto acontecimento amargaria a memória dos descaldenses. O Juiz de Direito Dr. Luciano acometido de pneumonia, em ato patriótico deixou o leito para proferir seu discurso no ato inaugural do obelisco. Teve uma forte recaída e veio a falecer alguns dias depois. A cidade perpetuaria sua memória denominando a praça onde se localiza o forum com seu nome. Cinquenta anos depois, às 11,00 horas da manhã em 7 de setembro de 1972, por ocasião dos festejos dos 150 anos da Independência do Brasil o obelisco seria aberto. Os documentos depositados em 1922, foram todos retirados para exposição pública. Novos documentos foram guardados desta vez em urnas especiais de chumbo, gentilmente confeccionadas pelo artífice Lilo Quachio, contendo inclusive uma fita gravada com palavras das autoridades da época e membros da Comissão: Deolindo Zaffalon - Prefeito Municipal, Geraldo Antonio Traldi - Vice-prefeito, Paulo Bonito Júnior - Juiz de Direito, Segismundo Lahoz Júnior - Delegado de Polícia, Hildebrando Todescan - Presidente do Rotary Club, Luiz Carlindo Arruda Kastein - Comissão Municipal de Turismo e Benedito Sebastião Chiaretto - Comissão Organizadora. Foi orador na solenidade o Prof. Gerson Álfio De Marco. Criou-se assim uma tradição em abrir o obelisco a cada 50 anos e verificar o que de bom uma geração vem deixando para outra. A próxima solenidade já está marcada para 2022. Quem viver verá. "Ata da sessão extraordinária, previamente convocada, para solenizar-se a passagem do 1º Centenário da Independência do Brasil. Aos sete dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e vinte e dois, nessa cidade de Descalvado, Estado de São Paulo, República dos Estados Unidos do Brasil, no edifício da Câmara Municipal, em sua sala de sessões, pelas doze horas da tarde, presentes os senhores Vereadores Capitão Augusto de Oliveira Campos, José Elias, Ferruccio Crescenti, Major Francisco Benjamim de Arruda e Major Francisco Lefcadito, assumiu a Presidência o Senhor Capitão Augusto de Oliveira Campos, tendo a seu lado a mim Secretário, estando também presentes o Sr. Dr. Juiz de Direito da Comarca, Dr. Delegado de Polícia, Promotor-público interino da Comarca e diversas outras pessoas gratas da cidade, declarou o referido Sr. Capitão Augusto de Oliveira Campos aberta a sessão, em a qual queria a Câmara Municipal desta cidade, render a sua mais carinhosa homenagem à nossa Pátria, no dia precisamente em que ela vence o primeiro centenário de sua independência; e prossequindo patrioticamente em sua saudação ao Brasil, declarou o mesmo Sr. Presidente que agradeça penhorado a todos os presentes que compareceram a esta sessão solene, manifestando assim o veemente amor por esta nossa grande e

querida Pátria, terminando por declarar que concedia a palavra a quem dela quizesse usar; logo em seguida ao ser corrida a cortina que cobre o formoso quadro que reproduz a histórica serra do Ipiranga e que previamente se achava colocado na parede principal da sala de sessões, declarou ainda o Sr. Presidente que convidava para desvendar o quadro o Dr. Juiz de Direito da Comarca. Levantando-se o Dr. Juiz de Direito da Comarca, começou dizendo que agradecia muito penhorado e que de coração aceitava o honroso e gentil convite do Sr. Presidente, mas antes de dar obediência a esse convite, pedia licença para ler um telegrama de São Paulo, onde se encontra a negócios urgente, lhe transmitira ontem o Sr. Cel. Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho, digno Prefeito Municipal, pedindo escusa pela sua ausência forçada, incumbia, ao Revmo. Sr. Cônego João Osório Marcondes, digno Vigário da Paróquia, de representá-lo em todas as festividades que nesta cidade serão feitas em honra e glória do Brasil, nesta data magna. Em seguida o mesmo Dr. Juiz de Direito correu a

cortina que velava o quadro da Independência, pronunciando em seguida uma alocução patriótica. Declarou o Sr. Presidente que daria ainda a palavra a quem dela quizesse fazer uso; neste momento pediu a palavra o Sr. Vereador Major Lefcadito, que pronunciou seu brilhante discurso de saudação ao Brasil e aos fatores de sua Independência; após este discurso, pediu a palavra o Sr. Vicente Tallarico, que em nome da colônia italiana e demais colônias estrangeiras aqui domiciliadas pronunciou uma delicadíssima alocução saudando o Brasil. Não havendo mais quem quizesse fazer uso da palavra, o Sr. Presidente em emocionantes e eloqüentes palavras, agradeceu o comparecimento das autoridades locais e de todas as pessoas gradas que compareceram a esta sessão para render suas homenagens ao nosso caro Brasil. Prorromperam então, inúmeros e entusiásticos vivas ao Brasil, ao dia 7 de setembro, à cidade, ao povo e à Câmara Municipal de Descalvado. Nada mais havendo a tratar, declarou o Sr. Presidente encerrada esta sessão solene, determinando a mim Secretário que lavrasse a presente ata para perpétua memória desta patriótica comemoração a qual vai assinada pelo mesmo Sr. Presidente, Srs. Vereadores e demais pessoas presentes. Eu, Pedro Belmarço de Oliveira, Secretário, a escrevi e também assino. (aa) Augusto de Oliveira Campos, Presidente; José Elias, Ferruccio Crescenti, Francisco Benjamin de Arruda, Francisco Lefcadito, Julio Alves, Promotor Público Interino; João Francisco de Oliveira, Delegado de Polícia; Luciano Esteves dos Santos Júnior, Juiz de Direito; Olívia Garcia Campos; Aurélio Machado, engenheiro civil; Amâncio de Oliveira Penteado Filho, Vicente Tallarico, Joaquim Alves Aranha, Antonio de Campos Camargo, 1º Tabelião; Casimiro do Amaral Simonetti, 2º Tabelião Interino; Andreino Penteado, Sebastião Carlos ?, de Araras; Silvério Eusébio de Oliveira Guimarães, Oficial de Justiça; Eugênio Nosenzo, barbeiro; Pedro Salomão, Afonso Celso de Oliveira Penteado, Romeu Bonitátibus, Presidente da Societá Italiana; Vicente César Casati, Caetano Benine, Ernesto Hipólito, Vitório Salomão, Pedro Guidugli, Angelo Factor, João Hipólito, Romano Hipólito, Ferdinando Zaffalon, Francisco Antonio dos Santos, Humberto Martino, Domingos Miraglia, Correspondente Consular da Itália; Carlos da Motta, Mário Alves Aranha, Tertulino de Oliveira Guimarães, Alfredo Xavier de Souza, Ernesto A. Penteado, Alberto Cândido Rodrigues, Antonio Hipólito, Eugênio Tossato, Pedro Ernesto de Oliveira, Maria Flávia Rodrigues, Santana N. Rodrigues, Albertina Rodrigues, Pedro Belmarço de Oliveira, Secretário da Câmara.”

9 DE JULHO DE 1932 – A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA EM DESCALVADO (Gerson Álfio De Marco)

No dia 10 de julho de 1932, seguiu para a luta os componentes do destacamento local da Força Pública do Estado. Seguiram também diversos descaldenses que prestavam serviço militar em guarnições do Estado e do País ou estavam vinculados as forças armadas em definitivo. Entre

eles de Campo Grande, Mato Grosso, o Sub-oficial João Batista Betesti e seu irmão Sargento Arlindo Bestetti, ambos integrados nas hostes do General Bertoldo Klinger, comandante supremo da revolução; Osvaldo de Arruda Reis, do 2º Regimento de Cavalaria de Pirassununga e Guerino Luiz Mazzola do 4º Regimento de Infantaria da Capital do Estado. Descalvado enviou também muitos voluntários: Dr. Nelson de



Missa de corpo presente de Guerino e Oswaldo em 1932

Godoi Pereira engenheiro, os irmãos José Bento Ferreira e Clodovil Faria Ferreira, Nelson Brand de Lima, Ulpiano Valente, Antonio Mayese (renomado futebolista descaldense), John Von Schmidt, Dr. Glenan Leite Dias (que serviu em hospital de guerra), Alberto João Domingues (cantor barítono), Nelson Jordão, os irmãos Manoel Barbosa Adorno, João Vicente Adorno e Joviano Vicente Adorno, José da Silva (humilde roceiro), Silvério Eusébio Guimarães (tipo popular da época conhecido como Zé Bolô), Plínio de Castro Prado (que serviu na Cavalaria Rio Pardo), Benno Rieckmann (que também

serviu na Cavalaria Rio Pardo e mereceu ver seu nome citado no livro de Orígenes Lessa, “Ilha Grande” e que narra os sofrimentos de prisioneiros paulistas nessa ilha carioca), Fernando Villa (um dos dois descaldenses presentes na 1ª Grande Guerra, combatente do front italiano, como artilheiro e ostentador de quadro medalhas de guerra, três do Reino da Itália e uma da República da França e que ao partir para a guerra paulista, levou consigo o seu velho capacete de aço que o acompanhou nos campos de batalha da primeira grande guerra, Péricles de Oliveira o Pequenha, que se singularizava por sua vida boêmia, Mário Vitulli, Alceu Dutra e outros... Alguns morreram: Antonio Fernandes de Oliveira, o Totó, rioclareense de nascimento mas descaldense de criação, enteado do Cel. Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho; em julho a morte de Luiz Roher, natural de Analândia, mas consorciado da família Barbosa Adorno de Descalvado. No dia 30 de julho tomba em Areias, Oswaldo de Arruda Reis, que contava com apenas 21 anos. Em 16 de Agosto, a morte em Silveiras de Guerino Luiz Mazzola. Era a morte de dois descaldenses. Oswaldo de Arruda Reis era filho de Ananias dos Reis e de Lídia de Arruda Reis, nascido em Descalvado, em 21 de abril de 1911. Guerino Luiz Mazzola era filho de Luiz Mazzola e Cêlica Bertani Mazzola e havia nascido em Descalvado, em 3 de novembro de 1909. O destino reserva-lhes a rua principal de Descalvado, para batizá-la com seus nomes, numa eufônica conjunção denominativa: Guerino-Oswaldo. Mas a participação de Descalvado na revolução, foi muito além de ceder bravos soldados. A gente descaldense doou muitos alimentos que seguiam para as linhas de frente em vagões da paulista. Foram cedidos incontáveis cavalos, escolhidos a dedo após a maior concentração hípica local no antigo campo de pólo. E cedeu muitos braços de trabalhadores para a abertura de trincheiras além de Araras, num preparo de retaguarda para possível defesa caso fossem rompidas as linhas de Mogi-Mirim e Campinas e que, de fato, o foram, mais tarde. A revolução pediu também a Descalvado um campo de pouso de emergência para aviões constitucionalistas e, nas terras da Fazenda Graciosa de Plínio de Castro Prado, mas de trezentos trabalhadores rurais das circunvizinhanças construíram em poucos dias, o campo. Os pousos não se verificaram, mas sobrevoou a grandidão do campo o famoso Vermelhinho, avião da Ditadura Vargas, pilotado pelo Brigadeiro Eduardo Gomes que veio espionar o arrojo da gente descaldense que tanto contribuiu para a revolução paulista.

DENOMINAÇÃO DO BATALHÃO DESCALVADENSE COM 60 COMBATENTES: - Paula Carvalho.

COMITÊ REVOLUCIONÁRIO PRÓ CONSTITUINTE DE DESCALVADO - 1932

Membros: Dr. Anastácio Vianna (Presidente), Dr. Antonio Luiz Fabiano (Secretário), Antônio de Campos Camargo, Coronel Joaquim Alves Aranha, Padre Manoel Alves, Victório Salomão, Vicente Tallarico, Júlio Ferraz de Camargo, Dr. Hugo Pereira de Abreu, José Branco Della Libera, Vito Gaia

Puoli, Dr. Fausto Leite de Moraes, Dr. Carlos de Souza Geribello, Salustiano Ramalho, José Bento Ferreira e Dr. Victório Amadeu Casati.

Comissão de abastecimento: Coronel Joaquim Alves Aranha, José Bento Ferreira e Dr. Fausto Leite de Moraes;

Comissão de ordem pública: Dr. Antonio Luiz Fabiano, Dr. Carlos de Souza Geribello e Victório Salomão;

Comissão de instrução militar: Tenente Francisco Coutinho Filho, Alberto João Domingues, Cabo Cav. João Lacerda Soares e José Gabriel Elias;

Comissão de higiene: Dr. Victório Amadeu Casati, Dr. Jenner de Faria e Dr. Glenan Leite Dias

ENSINO:

ESCOLAS E PROFESSORES NO DESCALVADO DO SÉCULO XIX

(Antenor Ervêlo Betarello e Odenor Pedro Ivo Ferreira Betarello)

1 - Era o ensino de primeiras letras, denominação que recebia o ensino primário por ocasião da fundação do Descalvado, matéria relegada para plano secundário. É óbvio supor-se de que tudo se tratava e cogitava, menos ao ensino de primeiras letras. Em 16 de Junho de 1826 um projeto de lei assinado por Januário da Cunha Barbosa, José Cardoso Pereira de Melo e Antonio Ferreira França dividia o ensino em 4 graus: pedagogias, liceus, ginásios e academias. “As pedagogias ou escolas de primeiro grau, ensinavam a arte de ler e escrever, princípios e regras de aritmética e conhecimentos morais físicos e econômicos indispensáveis em todas as circunstâncias e empregos. As meninas eram admitidas nessas escolas; sua instrução era a mesma e simultânea. Em cada povoação havia uma escola e nas grandes vilas e cidades, havia mais de uma”. (Afrânio Peixoto – Noções de História da Educação). Ferreira França, em 1830, aventou que, em cada distrito de 100 fogos, houvesse uma escola de primeiras letras. Para ter-se uma idéia do atraso da época, basta dizer-se que uma estatística de 1872 acusava, para o Brasil, uma população de 9.930.438 habitantes, sendo que 8.365.997 eram analfabetos, ou 842 em 1.000 brasileiros não sabiam ler e escrever. Até 1875, os mestres escolas eram improvisados. Quem quisesse podia propor-se para ensinar nelas. Pode-se bem avaliar por estes informes como andavam as escolas da época. Azevedo Marques, em Apontamentos da Província de São Paulo, escrevia: “A Instrução Pública Primária, ramo do Serviço Público, é dirigida por uma repartição central, criada por lei provincial do ano de 1852 e estabelecida na Capital com o título de Inspetoria Geral da Instrução Pública”. “Na Província de São Paulo, em 1870, existiam, 346 cadeiras de primeiras letras para o sexo masculino; 208 cadeiras de primeiras letras para o sexo feminino; existiam ainda 59 escolas particulares para ambos os sexos e 25 colégios de instrução secundária”. Ainda Azevedo Marques nos informa a respeito do Descalvado: “A população do Descalvado, em 1876, era de 5.709 habitantes, sendo 1.339 escravos. Havia 175 fogos, 14 eleitores e 2 escolas de primeiras letras para ambos os sexos”. 2 - Não se pode com certeza afirmar em que data anterior a 1862, surgiu a primeira escola de ensino primário na Capela Curada e depois Freguesia do Descalvado. É de acreditar-se que, embora precário, houvesse sido administrado o ensino de primeiras letras em um ou outro local do distrito, custeando os moradores da povoação um professor primário particular leigo. Até 1862 são omissas as informações.

O primeiro professor de primeiras letras do Descalvado

3 - O primeiro professor de primeiras letras que abriu escola particular, no Descalvado foi FRANCISCO JOSÉ DE SOUZA, rapaz solteiro, de 29 anos de idade, que aqui veio em 18 de Janeiro de 1862. Lecionou no distrito durante 2 anos. Em 1864 mudava-se para outra localidade, deixando sua escola sem substituto. Com a mudança do professor Francisco José de Souza para outra localidade, os alunos se dispersaram por falta de mestre e a Freguesia ficou perto de 3 anos sem escola.

4 - Em 1866 era instalada a Câmara. Em 10 de Dezembro desse ano, era recebida uma circular do Presidente da Província, com data de 27 de Outubro pondo em concurso as duas cadeiras pública, de primeiras letras de ambos os sexos criadas para a povoação. A Câmara ordenou que o secretário afixasse o edital, extraindo cópia.

5 - Os dois primeiros professores nomeados para o Descalvado pelo Governo da Província foram: JOÃO BAPTISTA DE OLIVEIRA SANTOS, com 26 anos de idade, e MANOEL LEÔNIO DA SILVA AMARANTE, com 40 anos de idade. A vinda em Março de 1867, dos dois primeiros professores públicos para a Vila, foi acontecimento social de grande importância e foi festejado. Em 5 de Julho de 1870, três

anos após a nomeação, foram apresentados, à Câmara, os títulos dos professores públicos de primeiras letras dos sexos masculino e feminino desta Vila e a Câmara mandou que fossem registrados na forma da lei. É interessante notar se que havendo classes masculina e feminina, ambas eram dirigidas por homens, em classes mistas, pois não se apresentou nenhuma professora para a cadeira feminina.

6 - Em Dezembro de 1870, mudava-se da Vila o professor João Baptista de Oliveira Santos Em Janeiro de 1871, o professor Manoel Leônio da Silva também se transferia para outra localidade. Para preencher as vagas foram nomeados: Professor JOSÉ FERRAZ DE ARRUDA SÁ, com 52 anos de idade, casado, e Professor JOSÉ DE CASTRO PEREIRA, com 68 anos de idade, viúvo. A ata de 15 de Junho de 1873 diz: “Foi presente um requerimento dos professores públicos de primeiras letras de ambos os sexos desta Vila, relativamente para esta Câmara atestar se têm ou não cumprido com seus deveres. A Câmara deferiu a petição dos suplicantes atestando o seguinte: Atestamos que os professores públicos de primeiras letras desta Vila, de ambos os sexos, têm cumprido com seus deveres nas funções de seus magistérios. O que atestamos por nos ser requerido. Paço da Câmara Municipal, 15 de julho de 1873. (aa) Luiz Antônio de Souza Queiroz Filho, José Beltrão Pereira de Carvalho, Filadelfo Barbosa Adorno, Manoel Alves Correia Castro, Joaquim Mendes de Moura, Frederico Lima, Andreilino Augusto do Amaral.” Em 18 de Março de 1874, o professor José de Castro Pereira mudava-se para Pirassununga, indo ocupar o cargo de agente do correio. A Câmara de Descalvado reclamou contra o fato e para substituí-lo foi nomeado o professor Florêncio Fernandes de Oliveira que, em 12 de Julho de 1874, pediu sua transferência para Santa Rita do Passa Quatro, sendo-lhe esta cedida em Janeiro de 1875. Para essa vaga em 9 de Fevereiro de 1875, era pedida, ao Dr. Inspetor Geral da Instrução Pública, a nomeação de um substituto devendo ser este do sexo feminino. Foi nomeada dona MARIA JOSEPHA DE AMORIM. É da professora Maria Josepha de Amorim o seguinte requerimento, extraído dos documentos importantes do Arquivo do Estado: (Tempo Colonial, maço 8 pasta 12):

“Exmo Senhor

Não havendo nesta Coletoria fundos provinciais para pagamento dos meus vencimentos como professora pública desta Vila, e sendo dificultoso receber pelo Tesouro nessa Capital, peço a V. Excia ordem para se me fazer suprir o pagamento pela Coletoria Geral, dando a devida ordem para este fim aos senhores Inspectores para este fim aos senhores Inspectores o darem ao Coletor.

Deus Guarde a V. Excia

Bethlem do Descalvado 20 de Outubro de 1875.

Ao Ilmo e Exmo Senhor Dr. Sebastião José Pereira – M. D. Presidente da Província.

A Professora Maria Josepha de Amorim”

8 - Em Janeiro de 1882 era removido a pedido o professor José Ferraz de Arruda Sá. Para preencher essa cadeira interinamente foi indicada dona Maria Arruda do Amaral Pedroso. Em Maio de 1882, era nomeado para o cargo de professor de primeiras letras Olímpio Catão um dos mais ilustres professores de todos os tempos. Em 12 de Novembro de 1882, a professora normalista dona Maria Lourenço de Oliveira Catão, professora em Lorena requeria permuta com a aluna mestra da Escola Normal Maria Josepha de Amorim, esta professora no Descalvado e consultava a Câmara a esse respeito. A Câmara deliberou que se informasse ser de suma conveniência a permuta requerida visto como o professor da 2ª cadeira de primeiras letras desta Vila, Olímpio Catão é marido da pretendente. Em 29 de Abril de 1883 Olímpio Catão apresentava à Câmara, sua carta de nomeação de professor de primeiras letras para o Descalvado bem como a carta idêntica, de sua esposa sendo ambas registradas como de lei. Como não houvesse mobiliário para a classe feminina foi na sessão municipal de 29 de Abril, solicitado, ao Governo da Província, a quantia necessária para esse fim.

9 - Até o ano de 1886, o Descalvado só teve duas escolas de primeiras letras, embora fossem reiterados os pedidos de criação de mais classes. Na Sessão de 18 de Maio de 1886, foi pedida a criação de duas cadeiras de ensino, sendo uma para o Descalvado e outra para o Porto Ferreira nessa ocasião sob a jurisdição descavadense. Criada a cadeira de ensino no Descalvado foi nomeado para ela o professor FRANCISCO CHAGAS OURIQUE DE CARVALHO contando a cidade três escolas públicas.

10 - Em 15 de Setembro de 1888 o Governo da Província pedia informações à Câmara a respeito do município do Descalvado, a fim de que fizessem parte do Dicionário Geográfico do Brasil, a ser editado tendo a Câmara designado os professores Olímpio Catão e Francisco Chagas Ourique de

Carvalho para em comissão darem as informações necessárias. Gabriel Amâncio Lisboa, presidente da Câmara, pedia, ao Governo do Estado, em 20 de Janeiro de 1890, a criação de mais duas cadeiras de primeiras letras, sendo uma para o sexo masculino e outra para o sexo feminino. Nada conseguiu.

11 - Em Outubro de 1891, removiam-se para a Capital Olímpio Catão e sua esposa dona Maria Lourenço de Oliveira Catão, após nove anos de permanência no Descalvado. A remoção do casal Olímpio Catão foi duro golpe para o ensino em nossa terra. Para as vagas verificadas foram nomeados os professores SEVERIANO JOSÉ DA CRUZ E ANTÔNIO VESPASIANO DE CARVALHO. O Vereador Francisco Cardoso, em 11 de outubro de 1895, na Câmara, pedia ao Governo do Estado, a criação de cadeiras de ambos os sexos e se não fosse atendido o pedido, fossem criadas cadeiras municipais, elevando-se para esse fim, o imposto de captação. Da mesma forma, o vereador Sérgio Campos, indicava à Câmara em 10 de abril de 1896, que se representasse ao Governo do Estado pedindo a criação de um Grupo Escolar, concorrendo a Câmara Municipal com a quantia que pudesse para esse fim. Em maio de 1896, diante de tanto clamor, era criada mais uma cadeira de primeiras letras sendo nomeado para a mesma o professor JÚLIO DE ALMEIDA.

12 - Em Julho de 1886 eram atacadas as obras das Escolas Reunidas, onde hoje está instalada a Prefeitura Municipal, ficando concluídas em 27 de Agosto de 1897. Pelo vereador Francisco Cardoso foi escolhido o dia 7 de Setembro desse mesmo ano para inauguração do prédio das Escolas Reunidas, ficando o Agente Executivo autorizado a traçar o programa das festas “observando a possível modéstia e a despesa com ela quantia que comportasse a verba das despesas eventuais do vigente orçamento”. Em 18 de Outubro de 1897 era providenciada a remessa feita pela Secretaria de Estado dos Negócios do Interior.

O ENSINO NA ZONA RURAL

13—A zona rural possuiu professores de primeiras letras, todos eles mantidos pelo bolso particular dos proprietários de imóveis rurais. As referências oficiais são as seguintes: em 1871 - BERNARDINO DE ALMEIDA GOUVEIA veio ao Descalvado indo lecionar na Fazenda Santa Rita; em 1872 (20 de Janeiro) - ALEXANDRE BOAVENTURA DE CASTRO com 30 anos de idade, foi lecionar na fazenda do Figueiredo, retirando-se em 1873; em Março de 1872, chegou FRANCISCO JOSÉ DAS CHAGAS indo lecionar no Bairro das Araras; em Janeiro de 1875 JOSÉ QUERINO RIBEIRO com 28 anos de idade foi lecionar no Quarteirão da Olaria; em 1890, CARLOS AUGUSTO GREGÓRIO foi lecionar na Fazendinha.

O ENSINO MUNICIPAL

14 - Embora os reiterados pedidos dos vereadores indicassem a necessidade da criação de escolas municipais esta, a escola municipal, só foi criada uma em 30 de Abril de 1899, sendo nomeada para a mesma a professora RAPHAELA MARTINS DE MELO. Só em 16 de Fevereiro de 1900 é que foram criadas mais duas cadeiras primárias municipais, elevando-se o seu número para três.

O Conselho Municipal de Instrução

15 - Para dirigir e fiscalizar o ensino nos municípios existiam os conselhos municipais de instrução compostos de elementos graduados da cidade e eleitos pelos vereadores em escrutínio secreto. O Descalvado não fez exceção à regra e teve seus conselhos municipais de instrução. O primeiro Conselho Municipal de Instrução foi composto dos cidadãos Gaudêncio Quadros e Dr. Miguel Arcanjo da Silva, em 1884. Havendo este último desistido, foi preenchida a sua vaga em 2 de Julho de 1885 pelo Tenente Coronel Rafael Tobias de Oliveira. Em 9 de Setembro de 1887, em sessão extraordinária, era novamente eleito o Conselho Municipal de Instrução, conforme Circular do Governo Provincial de 22 de Agosto do corrente ano e Lei nº 81, de 6 de Abril de 1887 sendo eleitos: Tenente Coronel Rafael Tobias de Oliveira, fazendeiro, residente no município e José Rodrigues Penteado, também fazendeiro residente no Município. Em 16 de agosto de 1889 José Rodrigues Penteado dava-se por demitido do referido cargo “visto que sob o império da lei que reformou esse ramo do serviço público, viu ele, impossibilidade de obter a instrução pública, os resultados que tanto desejava”. Em 7 de fevereiro de 1889 o Tenente Coronel Rafael Tobias dava-se por demitido do cargo por acreditar “que a Instrução Pública sob o império da lei que a reformou nunca obteria os resultados que ele e seu colega almejavam”. Por Portaria do Presidente da Província, datada de 6 de Março de 1.889 era designado o dia para a eleição da Comissão de Instrução Pública do Descalvado, o que se deu em 11 de Março de 1.889, sendo eleitos o Dr. Amâncio Guilhermino de Oliveira Penteado e Antônio de Campos Serra. O Dr. Amâncio Penteado exonou-se do cargo em 25 de

Novembro de 1.889. Para o seu lugar foi eleito novamente José Rodrigues Penteado. Antonio de Campos Serra solicita sua exoneração em 15 de Maio de 1890, sendo eleito para essa vaga Sisínio Deoclécio Pereira da Mota. Em virtude da ordem dada pelo Governo do Estado, em Circular de 18 de Agosto de 1.890, e de acordo com os artigos 12 e 115 da Lei nº 81 de 6 de Abril de 1.887, procedeu-se à eleição dos membros do Conselho Municipal do Descalvado para o triênio sendo eleitos, em 6 de Setembro de 1890 o Major Policarpo Alves Normanha e Durismundo Lisboa. Em 23 de Outubro de 1.890 o Major Policarpo Alves Noronha, em ofício remetido à Câmara Municipal pedia sua exoneração do cargo alegando ter motivos particulares que lhe vedam aceitar o cargo. Para a sua vaga foi eleito Francisco Paula Carvalho em 20 de Novembro de 1890. Em 4 de Julho de 1.891, Durismundo Lisboa pedia exoneração sendo eleito para substituí-lo Olímpio Catão. Como Olímpio Catão se achasse nessa época exercendo o cargo de subdiretor da Câmara dos senhores Deputados procedeu-se à nova eleição, sendo escolhido o cidadão Augusto Arouche. Em 4 de Fevereiro de 1.892, Paula Carvalho pediu sua exoneração. Uma reforma na Instrução Pública acabou com o Conselho Municipal de Instrução Pública. O Regulamento da Instrução Pública, em 1898, criava o cargo de inspetor municipal, sendo atribuição da Câmara Municipal nomear uma pessoa, à altura do cargo. Como a Câmara não houvesse ainda designado a pessoa, ocupou nos primeiros meses, o cargo o agente executivo. Pelo vereador Sérgio de Campos foi indicado para o posto, o Dr Francisco Xavier de Souza e Castro, sendo unanimemente aprovado. Até 1.900, foi esse o inspetor do ensino no Descalvado, cargo que se denominava Inspetor Literário Municipal.

A Obrigatoriedade do Ensino

16 - Em 30 de Abril de 1889 recebia a Câmara Municipal uma circular da Secretaria do Interior em que se fazia expressa a determinação da obrigatoriedade do ensino primário. A Câmara Municipal respondeu não ser possível tornar efetiva a obrigatoriedade do ensino primário pela razão de só existirem na cidade, 4 escolas, estando, todas funcionando com número de alunos superior à lotação marcada no Regulamento.

Didática e disciplina nas Primeiras Escolas

17 - Não vamos aqui descrever esse capítulo que mais pertence à História da Pedagogia. Todavia, em rápidas pinceladas, reproduziremos uma escola de primeiras letras nas primeiras eras descaldenses: Alunos em excessiva quantidade, em média 50 ou 60 em cada classe todos de 7 a 16 anos de idade, alguns até com mais anos. Disciplina rígida da palmatória. Quando a palmatória não vencia, havia os castigos de pé nos cantos da sala, o castigo de ajoelhar-se em cima de grãos de milho e de ficar sem beber água o dia inteiro. Quadro negro pequeno pendurado na parede. Cada aluno possuía uma ardósia (lousa), onde escrevia graças a um lápis próprio de pedra. Os exercícios após sua feitura eram apagados com cuspidas na ardósia, pois as pequenas esponjas embebidas de água secavam-se logo. Os alunos se sentavam em bancos compridos, alguns sem encosto, o que derreava o menino ou a menina. As carteiras ou bancos escolares eram de táboas toscas, alguns de velhos caixotes. O método de aprender a ler era o de silabação; para a aritmética, o método era o da cantoria, cantado por um decurião (aluno mais adiantado) e acompanhado, em côro pela classe toda. Sobre a mesa do professor não faltava o par de orelhas de burro com que se fantasiava o aluno preguiçoso ou vagabundo. A hora de recreio era a hora do diabo a solta. Era o recreio em plena via pública com correrias, gritos e brigas tremendas. Improvisavam-se brinquedos que, via de regra, eram pandemônios.

AS PRIMEIRAS LETRAS EM BELÉM DO DESCALVADO (Gerson Álfio De Marco)

Lá está numa das atas de 1866 (na primeira sessão legislativa da primeira legislatura descaldense) que fosse afixado, na porta principal da Matriz, edital para contratação dum professor de primeiras letras. Era o poder público a chamar para si a responsabilidade da instrução popular no lugarejo boca-de-sertão, ora elencado entre os municípios da Província. O aludido edital, foi, portanto, a carta de Caminha da pequena história de nossa educação provinciana. E antes? Antes, não era o caos, pois, como nos ocelos rurais, no povoado de poucos fogos e a crescer lenta, mas esperançosamente; a galgar, o socorro de freguesia, em 1844, a saltar desta para o visio da plena emancipação política, em 1865, mestres houve e sempre: alguns pedagogos pouco letrados, tais como quase todos os do tempo, e a cobrar, com certeza, magro dinheiro pelos seus rudimentos da língua vernácula e pela sua aritmética que fazia poucas incursões além das quatro operações fundamentais ou alguns ocasionais educadores a mestrar seus próprios parentes no ádito do

próprio lar, preceptores de pau-a-pique, e saídos da própria família ou vindos do extra-muros. Não era o caos (dissemos) mas não havia começado ainda a nossa história educacional. Os abnegados alfabetizadores eram naus de eterna presença nos mares da descoberta, mas sem aprofundamento na terra nova, isto é, não professoraram sob a chancela do poder. Seu magistério era transitório e de emergência. Conhecido o conteúdo do edital (voltemos a ele) surgiu o interessado e contrataram-no. Quem? Não lhe mencionam o nome as atas subsequentes e nem se fez encontradiço qualquer documento que o mencionasse. Nem lhe guardou o nome, também, a tradição local. Pena, porque assim poderíamos batizar um logradouro descaldadense com o nome de nosso proto-mestre primário urbano. E seu método? Naturalmente, o de seu tempo: o ladainhar contínuo do be-a-bá memorizador, as recapitulações enfadonhas, o papaguear em coro da rígida tabuada. Ou, quiçá, mestre jovem, progressista, a se contrapor aos colegas mumificados na rotina dum ensino pouco ativo, já usasse esse pequeno avanço didático que foi o método da leitura repentina do luso Castilho e tentado, sem êxito algum, em nossa Pátria, pelo seu próprio criador, em 1855, a convite do Marco Aurélio bragantino? Ignoto seu nome e desconhecido o seu método, mas, certamente, benéfico o seu professorado neste extremo urbano da Província e que era a aldeola de potético topônimo: Belém do Descalvado.

A Evolução do ensino em Descalvado (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

- Contratação do 1º Professor pela Câmara Municipal - 1866
- Colégio Catão de Olímpio Catão
- Colégio Santo Antonio
- Collegio Coração de Jesus para meninos e meninas, de propriedade de Maria Jorgensen do Amaral com curso primário e secundário - Rua Cel. Tobias, 33 - Início do século.

ESCOLAS DE DESCALVADO

ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU (EPPSG):

JOSÉ FERREIRA DA SILVA

CRECHES MUNICIPAIS

PROFESSORA MATHILDE DE FREITAS CIRELLI – CRECHE - JARDIM COLONIAL
PROFESSORA PAULA CRISTINA XAVIER – CRECHE JARDIM ALBERTINA

ESCOLAS MUNICIPAIS DE ENSINO INFANTIL (EMEI)

ALBERTO SUNDFELD – CENTRO COMUNITÁRIO SANTA CRUZ
CAIC DR. CID MUNIZ BARRETO – PARQUE MORADA DO SOL
DOUTOR LUIZ DIAS ALVARENGA – JARDIM ALBERTINA
MONSENHOR JOSÉ CANÔNICO – SANTA CRUZ DOS OPERÁRIOS
PAULO ROBERTO JORDÃO – CENTRO
PROFESSOR MÁRIO FRANCESCHINI – JARDIM BELÉM
PROFESSORA VÂNIA APARECIDA ZAGO – SÃO SEBASTIÃO
LAR ESCOLA IMACULADA CONCEIÇÃO - CENTRO
RENATA SALZANO GENTIL – JARDIM DO LAGO

ESCOLAS MUNICIPAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL (EMEF)

CAIC DR. CID MUNIZ BARRETO – PARQUE MORADA DO SOL
CORONEL TOBIAS - CENTRO
PADRE ORESTES LADEIRA
PROFESSORA DIRCE SARTORI SERPENTINO – JARDIM ALBERTINA
PROFESSORA EDNA MARIA DO AMARAL MARINI – SANTA CRUZ
PROFESSOR FRANCISCO FERNANDO FARIA DA CUNHA – JARDIM DO LAGO
PROFESSORA MARIA SYLVIA TRALDI DE MARCO – RESIDENCIAL MORUMBI
PROFESSORA THEREZA DOS ANJOS PUOLI – JARDIM BELA VISTA

ESCOLAS PARTICULARES:

APAE – ESCOLA HELEN KELLER
CEDESC – COOPERATIVA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE DESCALVADO
CRECHE SONHO INFANTIL - CENTRO
CENTRO EDUCACIONAL SESI 205
ESCOLA DE SEGUNDO GRAU OITO DE SETEMBRO

GRUPO ESCOLAR CORONEL TOBIAS:

- Criado pelo Decreto 09/02/1903
- Instalação provisória em 17/02/1903, no antigo prédio da Câmara Municipal na Avenida Guerino-Oswaldo.
- Instalação Solene 31/03/1903
- Inauguração do prédio atual 1911 – Projeto do arquiteto José Van Hambeeck. O mesmo projeto foi aproveitado por 11 municípios: São Pedro, São João da Bocaina, Cachoeira, Brotas, Matão, São Bento de Sapucaí, Igarapava, Tambaú, Lençóis Paulista, Piraju e Belém do Descalvado. Curiosamente somente o de Descalvado foi construído com 11 salas, todos os demais com oito.
- 1º Diretor: Francisco Conceição
- Primeiros professores: Getúlio Nogueira, Francisco Conceição, Orestes Oris de Albuquerque e Olímpia Arruda.
- Tombado pelo Condephaat em 7 de agosto de 2.002.

Foi através de um Decreto do Presidente do Estado, Dr. Bernardino de Campos e também pelo Secretário Encarregado dos Negócios do Interior e Justiça, Dr. Bento Bueno, na data de 9 de fevereiro de 1903, criado o Grupo Escolar Coronel Tobias. Em 17 de fevereiro de 1903, dando cumprimento às ordens recebidas do Presidente do Estado, o Inspetor Escolar, professor Emílio Mário de Arantes, em reunião numa das salas onde funcionavam as escolas, deu posse aos adjuntos, porteiro e servente, anteriormente nomeados. Depois de haver distribuído os alunos pelos três anos de cada seção, de acordo com o seu adiantamento, e traçado os planos para a instalação solene do grupo escolar em data a ser posteriormente marcada, o sr. Inspetor deu por encerrada a reunião. Aos 31 de março de 1903, com a presença do Inspetor Escolar, sr. Emílio Mário de Arantes, representantes da Câmara Municipal, do Fórum e de muitas pessoas gradas, achando-se presentes também todos os alunos devidamente uniformizados, teve início o desenvolvimento do programa para a instalação solene do Grupo Escolar “Coronel Tobias”. Dentre os momentos marcantes da solenidade, destaca-se um pronunciamento de gratidão efetuado pelo diretor interino, - na época - Sr. Francisco Conceição: “De longa data que a idéia da criação dum Grupo Escolar aqui era com carinho afagada pelas pessoas a que se acham confiados os destinos dessa terra. E nessa campanha de conquistas do mais elevado dos *desideratus*, devemos lembrar os nomes das seguintes pessoas que sempre firmes, sem se deixar vencer pelas dificuldades de ocasião trabalharam até conseguir o triunfo completo da idéia: Capitão José Quirino Ribeiro, quem primeiro cogitou de tal tentame, fazendo deste seu ideal a conversação predileta em todas as oportunidades, até que suas idéias foram formando prosélitos na sociedade descaldadense e sempre nesse terreno trabalhou até conseguir o seu fim - a criação do Grupo Escolar. O Coronel Tobias, o Dr. Machado, digno Promotor Público da Comarca, o Coronel Joaquim Aranha, também deixaram nesta luta consignados serviços de reais merecimentos, pelo que a mocidade há de sempre recordar-se agradecida desses beneméritos do bem estar do futuro da pátria.” Com o passar dos anos, e o número sempre crescente de alunos, as autoridades estaduais da época, resolveram para um melhor atendimento das necessidades do ensino, construírem um amplo e elegante prédio e que foi inaugurado em 1911. Desde então relevantes serviços tem prestado o Grupo Escolar; tendo inclusive abrigado em seu recinto, o Ginásio Estadual, criado em 1948 e a primeira turma de professores pela Escola Normal de Descalvado, em 1952.

GINÁSIO:

- Criado pelo Decreto-lei 17085 - 08/03/1947
- Instalado em 01/03/1948 com o nome de Ginásio Estadual de Descalvado, funcionando no prédio do Grupo Escolar Coronel Tobias,
- Em 04/05/51 pelo Decreto 1005 passou a denominar-se a partir de 25/05/51 Escola Normal e Ginásio de Descalvado com inclusão de uma classe de pré-normal,
- Em 14/12/52 Inaugurado o prédio na Praça 8 de setembro com a presença do Governador Dr. Lucas Nogueira Garces,

- Em 12/02/1953 foi criado o curso primário anexo que foi instalado em 02/03/53.

- Pelo Decreto Lei 1065 de 20/03/53 passou a chamar-se Colégio Estadual e Escola Normal de Descalvado,

- Em 28/10/65 pelo Decreto Lei 90064 passou a chamar-se Instituto de Educação Estadual José Ferreira da Silva.

- Pela Resolução nº 13/76 de 22/01/76, passou a denominar-se E.E.P.S.G. José Ferreira da Silva.

- **CURIOSIDADE:** A planta do Ginásio feita pelo Engenheiro descaldense Celestino Cunha destinava-se a outro Município. Por influência do engenheiro junto ao Governador ela tomou o destino de nossa cidade. A época de sua inauguração era enorme, comparado ao número existente de alunos.

ESCOLA DE COMÉRCIO:

- Escola Técnica de Comércio - Fundada em março de 1959 por Domingos Gentil que obteve junto ao Dr. Nunes Leal, Ministro-Chefe da Casa Civil do Presidente Juscelino Kubitschek, a autorização para o funcionamento da escola, documento que trouxe consigo e entregou diretamente ao Delegado de Ensino de São Carlos, o que permitiu a implantação imediata daquele estabelecimento de ensino, que inicialmente funcionou no Grupo Escolar Coronel Tobias. Deve-se destacar que durante o primeiro ano de atividades da escola, não foi cobrada nenhuma mensalidade dos alunos matriculados, correndo todas as despesas, inclusive a remuneração dos professores, por conta do sr. Domingos Gentil, sem qualquer subsídio dos Poderes Públicos. No ano seguinte com a proibição pela Secretaria da Educação de utilização de prédios públicos por escolas particulares, foi adquirido pelo Sr. Domingos Gentil um imóvel na rua Bezerra Paes, 134 que adaptado, abrigou a Escola de Comércio dentro das exigências legais, cuja fiscalização competia a Inspeção de Ensino Profissional de Campinas. Esta adaptação do prédio também feita pelo Sr. Domingos Gentil veio permitir a vinda para Descalvado do Centro Educacional SESI-205 que ali funcionou de 1964 a 1972.

Corpo docente inicial: Diretor Dr. Antônio Bucco; Professores: Antônio Schlittler, Juvenal Passos Nogueira, Osmar Aparecido Seraphim, Álvaro Macedo, Sebastião Cereda Sabongi, Jacira Godói Barbosa Pupo, Antônia Tenan Schlittler, Dida Silva Guidorizzi, Lourdes Rodrigues, Nair Ravasi e Neide Dupas Pinca.

- Foi constituído o Grêmio Estudantil que recebeu o nome do Prof. Lázaro de Alcântara Camargo, em homenagem a este educador que deveria fazer parte do corpo docente, mas faleceu em 02.07.1959.

- Em 1962 formou-se a primeira turma e a escola passou a denominar-se Colégio Comercial de Descalvado.

- Depois recebeu o nome de Escola 08 de Setembro - funcionando na Unidade Municipal Profª Antônia Tenan Schlittler no período noturno.

APAE - ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DO EXCEPCIONAL

- Escola Helen Keller

- 15/08/70 - Fundação em reunião realizada no salão nobre do Ginásio Estadual, sendo escolhido seu primeiro Presidente o Sr. Arlindo Zóia. Na mesma oportunidade o Prefeito Municipal Deolindo Zaffalon procedeu a doação de um terreno onde seria edificado o prédio.

- Primeira professora: Maria Aparecida Fioroni Kastein, nascida em 15 de agosto de 1949 e falecida em 8 de fevereiro de 1995. Lecionou durante vinte e cinco anos até obter sua aposentadoria, quando também veio a falecer, com apenas 45 anos.

ESCOLA DE DATILOGRAFIA

- Primeira escola oficial registrada:

- Escola de Dattilografia Descalvado - 15/04/1969 - Diretor Luiz Carlindo Arruda Kastein - Registro do Departamento de Ensino Técnico do Estado de São Paulo sob nº 2581/D. Funcionou inicialmente a rua Bezerra Paes nº 333 e depois a rua José Bonifácio nº 606. Curiosidade: Este último prédio foi inicialmente um armazém de propriedade do Senhor Maciel Volella. Ao lado funcionava uma padaria de Leonor Piscinini que possuía ao fundo um bar com uma escada de madeira que dava acesso a parte superior também de madeira que ia da esquina da José Bonifácio até onde hoje é imóvel de propriedade de José Carlos Lazarini e onde antigamente era a Funerária de Cyrillo Rusca. A parte superior de madeira era um "dancing".

- UNIDADE ESCOLAR PROFª ANTÔNIA TENAN SCHLITTLER

- CENTRO EDUCACIONAL SESI 205

- Criado em fevereiro de 1964, funcionando até 1972 na rua Bezerra Paes, 134 no prédio do Colégio Comercial de Descalvado, adaptado e cedido pelo Sr. Domingos Gentil. Depois transferiu-se para a rua Dr. Cândido Rodrigues nº 20, na Unidade Municipal Profª Antonia Tenan Schlittler, construído pelo Prefeito Deolindo Zaffalon. Mantém o curso de 1º grau (além da educação formal, há aulas de iniciação profissional).

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO:

CRECHES

- **PROFª PAULA CRISTINA XAVIER – JARDIM ALBERTINA**
- **PROFª MATHILDE DE FREITAS CIRELLI – JARDIM COLONIAL**
- **CAIC DR. CID MUNIZ BARRETO – PARQUE MORADA DO SOL – 16/12/1994**

ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

- **EMEI CENTRO COMUNITÁRIO ALBERTO SUNDFELD – SANTA CRUZ**
- **EMEI DR. LUIZ DIAS ALVARENGA – JARDIM ALBERTINA**
- **EMEI MONSENHOR JOSÉ CANÔNICO – SANTA CRUZ DAS ALMAS**
- **EMEI PROF. MÁRIO FRANCESCHINI – JARDIM BELÉM**
- **EMEI PROFª TEREZINHA MACHADO – MORADA DO SOL**
- **EMEI PROFª VÂNIA APARECIDA ZAGO – SÃO SEBASTIÃO**
- **EMEI PAULO ROBERTO JORDÃO - CENTRO**
- **EMEI RENATA SALZANO GENTIL – JARDIM DO LAGO**
- **EMEI PROFª MARIA DE LOURDES BENINE – 05/09/2008**

ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL

- **EMEF CAIC DR. CID MUNIZ BARRETO – MORADA DO SOL – 16/12/1994**
- **EMEF CORONEL TOBIAS – CENTRO – 31/03/1903**
- **EMEF PADRE ORESTES LADEIRA – JARDIM BELÉM - 23/05/1981**
- **EMEF PROFª FRANCISCO FERNANDO FARIA DA CUNHA – JARDIM COLONIAL – 03/01/1992**
- **EMEF PROFª DIRCE SARTORI SERPENTINO – JARDIM ALBERTINA – 21/03/1988**
- **EMEF PROFª EDNA MARIA DO AMARAL MARINI – SANTA CRUZ – 26/06/1991**
- **EMEF PROFª MARIA SYLVIA TRALDI DE MARCO – MORUMBI – 02/2006**
- **EMEF PROª THEREZA DOS ANJOS PUOLI – SANTA CRUZ – 05/06/1991**

ESCOLA ESTADUAL

EEPSG JOSÉ FERREIRA DA SILVA – CENTRO – 01/03/1948

ESCOLA QUE ENCERROU ATIVIDADES:

- **ESCOLA ESTADUAL MÁRIO JOAQUIM FILLA - USINA IPIRANGA**

Em 1944 foi fundada a Escola Mista da Fazenda Boa Vista, cujo inspetor escolar era Joaquim De Marco. Em 1961 passou a denominar-se Escola Mista da Usina Ipiranga, em 1962 Escola Mista Municipal da Usina Ipiranga, em 1968 Escola Masculina Municipal da Usina Ipiranga, em 1970 Escola de Emergência - EME-21 da Usina Ipiranga, em 1975 Escola Mista da Usina Ipiranga, em 1976 EEPG Isolada da Usina Ipiranga, em 1979 EEPG Agrupada da Usina Ipiranga, em 1983 EEPG Agrupada Jornalista Mário Joaquim Filla, em 1988 EEPG Jornalista Mário Joaquim Filla. Em 1987 a escola passou a funcionar no atual prédio. Em 1993 conta com uma classe de pré escola municipal e 1º grau estadual com cbi, cbc, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª 8ª séries, suplência 1 no período noturno e a EEPG São José de Jacutinga que está vinculada a esta unidade escolar contando com uma classe de 1ª a 4ª séries com funcionamento na Fazenda Paraguai. Seus diretores: 1979 Tereza Manarim Redondo; 1989 Mercedes Geronimo; 1991 Elizabeth Traldi Torrezan; 1992 Luciano Ivo Tognetti; 1992 Maria Leia Furini; 1993 Sandra Aparecida Bortoletto Pentead Rosindo. Esta escola atende a comunidade da Usina Ipiranga e também as fazendas vizinhas: Batalha, Itaoca, Tamandaré, Caridade, Salinho, Venda, Santa Maria, Jacutinga, Paraguai, Santa Aurélia, Cajurú, hoje com aproximadamente 500 alunos, com funcionamento nos 3 períodos.

PRIMEIROS PARQUES INFANTIS

Durante a administração do Dr. Jayme Regallo Pereira, em 1959, foi construído o Parque Infantil Maria

Grassi, na Praça Dr. Luciano Esteves. Hoje o local é a Rodoviária Municipal. Parque Infantil do Largo de Santa Cruz dos Operários, construído pelo Prefeito Prof. José Ramalho Gabrielli em 1966, possuía como grande atrativo um velho bonde da CMTc de São Paulo, relíquia histórica dos transportes coletivos da capital paulista e do Brasil. Parque Infantil Paulo Roberto Jordão, localizado no Jardim Belém, inaugurado em setembro de 1967 pelo Prefeito Prof. José Ramalho Gabrielli. Seu nome é uma homenagem a uma inesquecível criança descaldense, falecida prematuramente, filha do casal José Benedito Jordão e Dona Helena Ibanez Jordão. Hoje é a Escola Municipal Paulo Roberto Jordão.

PROFESSOR DESCALVADENSE É PATRONO DE ESCOLA ESTADUAL EM UCHOA

Pelo Decreto Estadual nº 5.951 de 4 de abril de 1975, o Grupo Escolar da cidade de Uchoa passou a denominar-se Professor Pedro Elias, nascido em Descalvado no dia 7 de agosto de 1900 e falecido em Araraquara no dia 1º de setembro de 1972. Em Descalvado foi professor na Escola Rural da Fazenda São João da Aliança de 1926 a 1928, Escola Rural da Usina de 1928 a 1934 e Grupo Escolar Coronel Tobias de 1934 a 1936. Foi Diretor do Grupo Escolar de Guapiacu de 1936 a 1939 e Diretor do Grupo Escolar de Uchoa de 1939 a 1960.

PROFESSORA MARLEY PINCA FONSECA ASSONI, PRIMEIRA PROFESSORA A INCLUIR "CONHEÇA DESCALVADO" NO CURRÍCULO ESCOLAR

Filha de Waldomiro Pinto Fonseca e Clementina Pinca, nascida em 27 de setembro de 1951 na cidade de Cajuru - Sp, veio para Descalvado com 6 anos. Formou-se no Curso de Pedagogia de Licenciatura Plena e Administração Escolar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "José Olympio" de Batatais. Lecionou nas escolas isoladas das fazendas Santa Justa e Bonanza e nas escolas estaduais José Ferreira da Silva, Padre Orestes Ladeira e Coronel Tobias. Destacou-se no ensino por ter sido a primeira professora da região a implantar o Método Construtivista que consiste na alfabetização sem o uso da cartilha, aproveitando para tanto o que a criança traz de seu meio ambiente. Através deste mesmo método introduziu no currículo escolar da 4ª série a coletânea "Conheça Descalvado", resgatando as raízes, para conhecimento da história da cidade.

PROFESSOR MÁRIO FRANCESCHINI, DOUTOR EM LETRAS COM DISTINÇÃO (Jornal "O Comércio" - 11/11/78)

"A "Universidade de São Paulo" através de seu Departamento de Pós-Graduação, conferiu ao Prof. Mário Franceschini, professor de português da EEPSP José Ferreira da Silva de nossa cidade, o título de "DOUTOR EM LETRAS", com distinção, no dia 27 de outubro de 1978, quando ocorreu a defesa de sua tese "LUXURIA E ARARITIA NA FICÇÃO CAMILIANA", apresentada à Cadeira de Literatura Portuguesa, do Departamento de Letras, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP - Universidade São Paulo. Constituíram a banca examinadora que lhe atribuiu a nota 9,6 os seguintes professores doutores: Antônio Soares Amora, Isaac Nicolau Salum, Massaud Moisés, Júlio Garcia Morejón e Duilio Colombini. O fato teve ampla repercussão em nossa cidade onde o professor Dr. Mário Franceschini gozou de geral estima, principalmente também junto a EEPSP José Ferreira da Silva que, por longos anos, se beneficiou da elevada inteligência e grandes dotes de educador que irradiavam da pessoa do grande mestre".

O professor Mário Franceschini nasceu na cidade de Cabreúva (SP) em 27 de julho de 1.920. Iniciou a sua carreira em órgãos da imprensa da Capital do Estado. Entre maio de 1.944 e março de 1.945 trabalhou na Empresa Jornalística Folha da Manhã Ltda, no jornal Folha de São Paulo. Depois trabalhou no Jornal de São Paulo no período de abril de 1.945 até o início de 1.948, de volta à Folha de São Paulo permaneceu por mais 4 anos, de agosto de 1.948 até outubro de 1.952, como revisor de textos. O início do exercício no Magistério Secundário deu-se em 17 de agosto de 1.951 quando ocupou a cadeira de Latim como professor substituto no Colégio Estadual e Escola Normal Nossa Senhora da Penha em São Paulo onde lecionou até 12 de outubro de 1.952. Formou-se em Letras no ano de 1.953 pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo. Concursado escolheu Descalvado, onde lecionou no Instituto de Educação José Ferreira da Silva de 13 de setembro de 1.952 à 20 de maio de 1.983 quando aposentou-se. Casado com a professora Alzira Campos, teve dois filhos Silvio e Lauralice. Faleceu na

cidade de Ribeirão Preto no dia 25 de março de 2.002. Seu corpo foi velado na Câmara Municipal de Descalvado, num reconhecimento ao Emérito Educador, Cidadão Honorário e colaborador do Legislativo como revisor da Lei Orgânica do Município, Código de Posturas e Regimento Interno. O Professor também colecionou vários títulos ao longo de sua vida acadêmica, além da Licenciatura Plena em Letras Clássicas (latim e grego), pela USP, realizou cursos de Filosofia e Teologia em seminário e especializou-se em Linguística. Foi sepultado no Cemitério Municipal de Descalvado.

AS LETRAS SOB O SOL DE DESCALVADO (Gerson Álfio De Marco)

Excluindo-se alguns nomes alteados (que os há), não serão letras maiores, talvez, com algumas presenças obrigadas nos áureos salões dos florilégios, com a durabilidade das reedições a ratificarem glórias conquistadas nos odeons da crítica mais credenciada. Letras menores (aceitemos) embora, na generalização, possamos cometer injustiças (e é quase certo que as cometeríamos) a alguns brilhantes cultores da prosa e do verso. Menores (acolhamos a adjetivação), mas letras, artesanato cerebral e nada desprezíveis, é certo, porque de bons operários da língua, com os alforjes de caminhadas artísticas entestados de cultura e a marcarem momentos de criação, nos dias de nossos dias municipais. Não é nosso intuito fazermos um trabalho de crítica, para o qual confessamos nosso despreparo, sarrafaçal que somos do altíssimo mister que reclama as credenciais da estese, da cultura maior e do dom. Fosse de crítica e o pudessemos fazer, restringiríamos o número dos focados; mas sendo um labor de relacionamento geral (pretende sê-lo), sai o trabalhador para uma respingadura imensa, nas lavouras do tempo. Move-nos, na empreitada, o desejo de registro, estudando nossa terra sob um novo ângulo, os dos cultores das letras; faceta essa sua não estudada ainda, parece-nos; mas iniciativa altamente interessante, acreditamos. Daí a razão de tentarmos a obra, atraídos pelo assunto e sem pretender esgotá-lo, na matemática dos somáveis; e sem assiná-lo pela acuidade de crítica, pois, para tanto, falta-nos fôlego, engenho e arte. E, assim, falaremos de homens que escreveram, *sub sole nostro*; descaldenses natos ou não e ajustando, dessa maneira, o assunto, ao título deste trabalho. Saíamos, então, a campo, para o nosso afã de colheiteiros, na messe longa dos anos. Ousamos afirmar que nossas letras, estas na acepção deste trabalho, nasceram com a nossa imprensa. Então vagiram elas presença nas duas últimas décadas do Segundo Império. Aceita-se a "Imprensa de Descalvado", como o nosso primeiro jornal, fundado que foi ele em 1884, por Olímpio Catão que, para cá, viera para reger cadeira de primeiras letras em 1883. Pedagogo, orador, jornalista, teatrólogo e contista, Olímpio Catão nascera na cidade de Lorena, em nosso Estado de 4 de fevereiro de 1850, vindo a falecer, em sua cidade natal, em 10 de novembro de 1908. Formado em 1876, pela Escola Normal da Capital, exerceu o magistério em Lorena, Descalvado e São Paulo. Tomou parte ativa no Primeiro Congresso Pedagógico realizado em São Paulo, em 1896. Em Descalvado, onde residiu, de 1883 a 1889, além de regente de classe de primeiras letras, como já se disse, fundou ele uma escola secundária, o renomado "Colégio Catão", bem como a "Imprensa de Descalvado", onde deixou o registro de sua cultura e de sua excelência como jornalista. Entre nós, escreveu a maior parte de sua produção: "Contos a Esmo" (contos); o "Orgulho", "Ressuscitada", "O Negro", "A Pobreza", "O Diadema da Virgem", "Manifestações" e "Minha Sogra", dramas e comédias ao gosto do tempo, mas que dão testemunho do espírito inventivo do autor e de seu bom domínio do idioma. Depois de Olímpio Catão, paladinaram, em nossos jornais, ora por seus ideais políticos, ora fazendo literatura simplesmente, José Ferreira Martins, pugnantemente republicano e fundador de "O Descaldense", o primeiro jornal desse nome, pois houve um segundo, mais tarde; Antônio Luiz Fabiano, em seu hebdomadário, "Cidade do Descalvado"; Eurico Saldanha, de pena fustigadora; Cândido Augusto Rodrigues, dono de estilo ameno; Amâncio Penteado, sarcástico, em política; informadíssimo em religião; polemista inveterado, nesses campos; Estevão Sul-Mineiro, bom fixador do cotidiano, Dr. Amâncio Penteado Filho, de sólida cultura jurídica e estilo forte... De Eurico Saldanha, diz-se que escreveu os versos de uma revista, "Descalvado Nu", com música do Dr. Amâncio Penteado. Disseram-me contemporâneos de sua exibição que era altamente chistosa, de versos belíssimos, de música áacre. No princípio, nota-se, pois a predominância dos jornalistas. Depois deles, vieram os poetas; depois dos jornalistas, estes preponderantemente políticos, por isso mesmo verrineiros, combativos, jocosos; e que não fariam má figura (não

exageramos em dizê-lo), se transplantados para os nossos tempos, para os nossos jornais, mesmo os das grandes cidades, acolchetados à tônica da contemporaneidade. O hábil manejo da língua (é inegável isto, basta lê-los); o brilho da frase, o felicíssimo desenvolvimento da argumentação; a harmonia, a propriedade e ora o farpear as deficiências e ora o ironizar feliz, nos encorajam à afirmativa. Depois deles, os poetas, dissemos. Mas antes de falarmos deles, falemos do grande Euclides, esse uma glória já firmada, em nossa literatura maior. Há biógrafos que afirmam que o extraordinário escritor brasileiro tenha escrito o começo de sua obra estupenda, na Fazenda Trindade, em nosso município e de propriedade de Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, seu pai. Uns avançam que a primeira parte dela, A TERRA; e outros ainda mais. A TERRA e o HOMEM. Outros aceitam que, nesse imóvel descaldadense, apenas delineou Euclides seu glorioso livro. Dessa opinião é Silvio Rebelo que diz, na biografia do inclito filho de Cantagalo e de sua autoria, quando acena para os tempos posteriores à luta de Canudos: “Assim, requereu licença e seguiu para Belém do Descalvado, onde o pai, havia algum tempo possuía uma fazenda - a Fazenda Trindade. A família lá se encontrava, logo que partira em agosto. Tudo era de prever que nos ares do Belém do Descalvado e despreocupado dos deveres burocráticos, recobrasse cedo a saúde, a energia e os ânimos perdidos. Mas não descansou nessas férias forçadas. Planejava antes escrever um livro sobre a campanha, ainda quentes as impressões...” Mais adiante, diz o mesmo biógrafo, no rastro do assunto: “É perfeitamente aceitável que, no seu retiro, em Belém do Descalvado, dois ou tres meses não se sentisse Euclides seguro para escrever, como se supõe, as duas primeiras partes de OS SERTÕES: a TERRA e o HOMEM, talvez, tivesse esboçado apenas a terceira sobre a luta...” Discordam os biografadores, nesse campo obscuro da vida do escritor famoso; mas uma coisa é certa, porém; em Descalvado, bosquejou ele a sua obra magna e pode-se afirmar, até, sem temor, que aqui, escreveu muitas das páginas magistrais de seu celebrado livro. Saindo de Descalvado, levaria ele, sem dúvida alguma, muita coisa acabada e pronta para aformar a magnífica saga das caatingas; Falado do imenso Euclides, que em nossa opinião, escreveu sob o nosso céu, voltamos aos poetas, aos nossos poetas. Pelos idos de 1890, estabeleceu-se em Descalvado, com consultório médico, um filho do Rio de Janeiro, Dr. Anastácio Vianna e que andara, já formado, pela França, especializando-se nos hospitais gauleses. Além de sua alta competência médica (clínica geral, especializações nas moléstias dos ouvidos, olhos e garganta) trazia ele, consigo uma bem melódica lira. Positivista, amigara-se com os pontífices da escola comtiana no Brasil e com os quais se carteava; literato era amicíssimo de Alberto de Faria, o imortal. Romântico ainda, mas com o parnasianismo, dominante então, pronto para arrebatá-lo o plectro e, dentro das duas escolas e da temática do tempo, ele versejou com firmeza e até com certo encanto. Eis um exemplo de sua arte, no soneto que são genuflexadas tribulações à dor materna e depois no poema chorando a morte de sua filha Landa:

DOLOROSAS

Tenho pena de vós, mães desoladas,
Quando vos morre um filho, o vosso encanto!
Sacrário da ternura, ó mães maguadas!
Tenho pena de vós, urnas de pranto!

Almas de amor, singelas, delicadas,
Escrínios do sorriso meigo e santo,
Sois as néveas magnólias perfumadas,
Sorrindo aos tenros filhos que amais tanto!

Mas que entoais saudosas melopéias,
Tão místicas lembrando ignotas plagas,
Quando embalais vossas carícias louras,

Como os lagos embalam as ninféias,
Ao som murmúrio das cerúleas vagas,
Tenho pena de vós, mães sofredoras!

FILHA MORTA

(Poema do Dr. Anastácio Vianna à sua filha Landa, falecida com apenas 18 meses em 9 de outubro de 1905)

I
Salteadora traiçoeira, entrou-me a doença em casa
E as garras encravou no corpo pequenino
Da pobre filhinha a arder como uma brasa!
Percebida, porém pelo materno tino,
A mãe o alarme deu, como ave que adivinha
O perigo no ar de um gavião ferino
Começamos a luta, eu e o morbo tremendo.

Era o corpo da filha o campo da batalha,
E eu lutava a chorar por ouvi-la gemendo.

De seu peitinho a pele um cáustico estraçalha
Para ver dos pulmões se arrancava o inimigo,
Que outros pontos tomando, o seu furor espalha.

Correu em meu auxílio um bom colega e amigo,
Armando do arsenal magnífico da ciência,
E bateu-se também como um herói antigo.

Para o mal embargar nenhuma providência
Faltou, fizemos tudo, os mestres consultando,
Nem uma falta só nos magoa a consciência.

Fizemos-lhe um martírio, embora nós chorando,
Para salvar enfim a mísera criança,
Que a moléstia feroz nos ia conquistando.

Atropela-se a luta, o monstro cresce, avança
E, as forças dominando, arrebatou a mesquinha
Ao colo maternal e a nós toda a esperança!

Fria sem vida, jaz minha pobre filhinha!...

II

Ó bruta natureza despedada!
Ó destino das coisas inconsciente!
Porque cortaste a vida a essa inocente
No começo da estrada!

Ontem inda criaste-a e hoje a mataste!
Porque extinguiu-se a aurora antes do dia!
Vésper no céu formosa ainda,
E a estrelinha a sorrir logo apagaste!

Não deverá ser ela quem chorasse,
De joelhos, ante o túmulo paterno.
Se existisse um juiz supremo e eterno
Que esse mundo guiasse?

A ordem não seria dar o filho
Sepultura a seus pais, já fatigados
De viver, e, da vida aposentados.
Irem na cova procurando o trilho?

No entanto assim não foi. Esta que apenas
Era o dia formoso alvorecendo,
Ave implume a sonhar manhãs serenas
No ninho paternal, lá foi morrendo!

Porque ma deste então, ó Natureza!
Se o amor de pai me deste tão profundo?
Que encanto mais, que mais outra beleza
Nos enche o coração cá neste mundo?

Mãe egoísta, que vens de vez em quando
Roubar os nossos cândidos filhinhos,
Sem piedade de quem fica chorando,
Invejosa de os ver tão bonitinhos!

Leva-a para o teu misterioso seio,
Mãe de todos e tudo! A minha hora
Também virá de entrar no mesmo veio,
Para surgir de novo em nova aurora!

Leva-a! Porém, ó Madre! forma dela,
Se tens de revivê-la, a flor mais linda.
De uma planta também não vista e bela,
Cujo aroma jamais sentiu-se ainda.

III

Move a desgraça o peito dos humanos
Solidários na dor que desconforta.
Vi-o agora nos trances mais insanos,
Ante os despojos da filhinha morta!

A caridade humana vem fluindo
Como um suave caudal consolador,
E alheio sofrimento compartilhando,
Trouxe brandura à minha grande dor...

Quantas mães a cuidar do meu anjinho!
Umas flores lhe traz, outra lhe talha,
Como se fosse ao seu próprio filhinho,
Uma elegante e esplendida mortalha!

Aqui um ramalhete esta prepara
Com o feminino, incomparável gosto.
Costura aquela a vestimenta rara,
E todas choram, todas de desgosto!

IV

Enfeita o caixão da minha Landa
De saudades e trevos;
Trevos três folhas, eu três filhos tinha.
A morte uma colheu mais tenrazinha,

Que era a minha alegria, os meus enlevos!

Duas agora são as folhas na haste
Do trevo d'alma cheia de ansiedades...
Entressachai, mulheres caridosas,
Aos goivos, cravos, violetas, rosas,
Minhas tristes saudades...

Pronto! – Fechai o lindo caixãozinho
Do meigo lírio morto,
Levai, amigos meus, levai à terra.
Esse cofre que o amor de um pai encerra...

Chave das alegrias de minh'alma,
Fechou-me na tristeza desta vida
E lá se foi! Quem há de na alvorada
Trilar gazil na casa sossegada,
Patativa querida!

V
Nove de outubro! Ó trega escuridão!
Tarde cheia de dores!
Noite cheira de horrores!
É minha sexta-feira da Paixão!

Manhã de dez, sem sol! Dia funéreo
Em que vais, tu sozinha,
Dormir, cara filhinha,
Lá num berço sem luz do cemitério!

Onze horas da manhã... Adeus querida Landa!
Pedaço de minh'alma! Aurora de meu lar!
Deixas-me nesta dor que nunca mais se abranda
E vais longe de nós numa cova morar!

Adeus, filha adorada! A cama é lá tão fria!
Vais num quarto sombrio agora adormecer
Onde não entra o sol, onde não chega o dia!
Onde não sei também se irás sofrer...

Adeus! Vão te levando ao cemitério agora...
Deixaste para sempre o teto de seus pais
Onde eras a alegria, o meigo riso, a aurora!
Não te veremos mais! nunca mais! nunca mais!

Contemporâneo do Dr. Anastácio Vianna, poetou, entre nós, até os primeiros anos do século atual, o descaltvadense, Dr. Francisco Zoelo de Oliveira Penteado, grande advogado e culto professor secundário. Filiado ao parnasianismo, dentro da rigidez de suas regras, foi bom poeta. Trabalhava a língua com esmero, conhecendo-a a fundo. Juiz de Direito da Comarca, de 1923 a 1927, o Dr. Augusto Alvaro de Carvalho Aranha, chegara a esta cidade com a aura de esplêndido vate. Natural do Estado de Sergipe, formara-se pela nossa tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Durante sua permanência em Descalvado, Carvalho Aranha publicou dois de seus três livros de poesia: VISÃO DAS HORAS e POEIRA DE MEU CAMINHO, enfeixando neles, muitas de suas composições escritas entre nós e entre as quais o seu belíssimo soneto FLUXO E REFLUXO, dedicado ao Padre João Baptista de Carvalho, então Vigário de nossa Paróquia e já nos grandes ensaios de seus altos vôos de oratória sagrada e profana. Transcrevemos, a seguir, esse seu bem acepilhado tetradecástico:

Doi-me a cabeça e à minha boca explode
O sarcasmo febril e o sangue gira
Como um raio veloz; ode por ode,
E carne a carne, escuto a minha lira.

Eterno mar, o espírito sacode
Uma idéia, outra idéia... Ora delira,
E ora, porque em seus cingulos não pode
Tudo envolver, em trêmulos, suspira.

Rugem, na vaga, as cóleras do Oceano,
Saem, das ondas, doloridas notas,
E então a espuma é o pensamento humano;

Palpita aqui, desfaz-se, além, em máguas
E nós passamos, miséras gaivotas,
Mas, ai! não cessa o soluçar das águas!

A partir da segunda década deste século até nossos dias, escreveram, para os nossos jornais, sob o nosso céu, filhos prediletos das Musas, Sebastião Penteado, de lira simples e apaixonada; Oliveira Pimenta, de arte igual à daquele; Lázaro Ferraz de Camargo, de bem cuidado metro, de presença constante nos nossos semanários; Antenor Erveu Betarello, com muitos grandes momentos líricos; João Lima Santana,

nordestino que se radicou em Descalvado, dando-nos belas poesias ora de plena obediência aos nomes da arte artiga, ora na evasão dos versos livres; que pontificou, também, em nossa imprensa e que, mais tarde, residindo na capital do Estado, foi jornalista de alto gabarito nas grandes folhas paulistanas; José Alcides Mendes, um filho do Ceará e que, sob o pseudônimo de “Marquez do Ceará”, poetizou amor e acrósticos felizes de muitas belas descaltvadensesdo tempo; Eduardo Simões, soldado brilhante da poética renovada na rebeldia da Semana da Arte Moderna de 1922, de grande reputação nos arraiais paulistanos da poesia desparnasianada; Valentim Valente, de muita sensibilidade, de grande ternura, mormente nos seus versos amorosos e apaludido prosador, com sua ANITA GARIBALDI, romance, história, lirismo; Mário Joaquim Filla, de grande inspiração e autor de “Noite de Wassanaar” e “Ciranda dos Anjos”; Flávio Tallarico, poeta genuíno, com vitoriosa estréia com seu livro “Poemas do Momento Angustiado”; Daise Fante Tallarico (Salambô) com algumas produções excelentes de fortíssima tônica social. De 20 para frente, com trabalhos exalçáveis, freqüentaram a nossa imprensa, continuando a velha tradição dos combativos e brilhantes jornalistas do passado, o Dr. Luciano Esteves dos Santos Júnior, Juiz de Direito da Comarca de 1920 a 1922, com encantadoras crônicas e com páginas de alto saber jurídico; o Padre João Baptista de Carvalho, coadjutor e vigário da Paróquia de 1922 a 1926, também notável orador sacro e que, na ocorrência das festas do centenário de nossa independência política, em 1922, proferiu altíssima oração comemorativa da efeméride; seu irmão Oscar Ferreira de Carvalho, notável latinista e profundo conhecedor do vernáculo, autor de exaustivo trabalho sobre o sacerdócio e lido, com muitos apaludos, perante o antístite diocesano, D. Paulo de Tarso Campos e cultos sacerdotes católicos; e autor também de publicável trabalho sobre a questão romana, em 1926, quando o governo italiano de então e a Santa Sé se reconciliaram no terreno político, epilogando a cinquentenária questão político-confissional; Celso Rodrigues, com alguns contos com trama e moralidade orientais; José Ambrósio de Souza, com bons artigos sobre temas do cotidiano... No concernente à oratória religiosa, no culto católico, ocuparam-lhe o púlpito, em Descalvado, do início do século até os dias atuais, fortes na doutrina e fluentes na palavra, os Padres Francisco de Paula Lima e Manoel Francisco Rosa; o Cônego João Osório Marcondes, de tradicionalíssima família de sacerdotes do Vale do Paraíba; o Padre Salomão Vieira, português, de prédicas florejas, na mais lídima tradição lusitana; o Padre João Baptista de Carvalho, depois frei franciscano, uma das mais alevantadas vozes da tribuna sagrada da História da Igreja, em Descalvado; o Cônego Manoel Alves, de grande eloquência, com arrebatados sermões; o Monsenhor José Canônico, muito atualizado post-conciliariamente e ferindo a fundo os temas de suas homilias e sermões. Na Igreja Presbiteriana, local, culto e eloquente, ergue sua voz de pastor, o Reverendo Matatias Campos Fernandes. Na nossa imprensa, hodierna, colaboram, com destaques, aqui residentes, entre outros, o Prof. Mário Franceschini, de nosso Colégio Estadual e Escola Normal, o Prof. Matatias Campos Fernandes, também desse tradicional educandário; o Dr. Glenan Leite Dias e o Monsenhor José Canônico. Mário Franceschini é dono de invulgar cultura e, escrevendo para os nossos jornais, especialmente para os estudantes, estadeia, em seus trabalhos, os imensos cabedais de seus conhecimentos valtíssimos, ao tempo que os apresenta em linguagem ática, com profundeza de conceitos e focalizando os mais diversos assuntos, com sua ciência e garbo. Matatias Campos Fernandes, em seus escritos, onde a tônica é a evangelização, é de estilo brilhante, cultivado, forma e fundo numa feliz conjunção resultando em beleza. O Dr. Glenan Leite Dias, abalizado médico em nossa cidade e decano deles, vem colaborando, em nossos semanários, com interessantes reminiscências. O Monsenhor José Canônico tem escrito para a nossa imprensa, artigos de caráter religioso, em geral; e alguns de cunho histórico, descaltvadense e tudo com encanto de forma e fundo. Um descaltvadense nato e que, há tempos atrás, quando de suas periódicas visitas à terra natal, escrevia para seus jornais, é o Dr. Dárcio de Arruda Campos, o consagrado Matias Arrudão, de “O Estado de São Paulo”, de nossa capital. Para os nossos jornais, nestas ocasiões, escreveu o mencionado jornalista sobre diversos assuntos e sempre com o vigor que caracteriza sua prosa e com aquela exuberância e aquela versatilidade que o faz assinalado na grande imprensa paulistana. O Dr. Dárcio de Arruda Campos é autor de diversas obras e entre as quais uma de polêmica a respeito da paternidade da invenção do aeroplano. Voltamos da respigadura, com o dever cumprido. Não egrégia, com certeza, mas é verdade que o apanhador visou à perfeição, em

seu trabalho, almejando recolta plena, sem um fruto pendente, prolongando as lavouras. Lacunas há, neste descozido trabalho e nós as confessamos, mas cremos ter relacionado, nele, as vozes mais representativas da prosa e do verso, descaldenses natos ou não e que fizeram viver suas líras provincianas e falar a doce língua portuguesa sob o nosso claríssimo sol meridional. Acabando de nos ler, alguns talvez indaguem: necessária a obra? Para nós, acreditamos que sim, respondemos. Literatos maiores, menores, isignificantes os nossos? Responder-lhes-emos, reiterando palavras preambulares: não quizemos fazer crítica literária, fazendo aflorar algumas culminâncias; mas sim História. História literária, despretenciosa, de registro somente. Mínima, liliputidiana, na extensão. Altíssimos, mediocres ou inferiores os arrolados, foram eles, é certo, penas que escreveram, sob o nosso sol, para diversas gerações, a atual inclusa e com os fervorosos aplausos de todas. Os focados são nomes certos na nossa pequena, acanhada, particularíssima História literária. Intamural. Urbana. Indo para seus noventa anos.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL:

- Fundada em 28/03/1944, pelo Decreto-lei 108, do Prefeito Amasílio Pozzi, frente ao incentivo do Dr. Manoel Carlos da Costa Leite, Juiz de Direito da Comarca e principal propugnador da criação e progresso da Biblioteca Pública Municipal, sendo a mola mestrada empreendimento, desenvolvendo os mais variados expedientes para o seu eficiente funcionamento, inclusive com o seu regimento e estatutos. A primeira bibliotecária que temos registro foi Conceição Aparecida Aranha Monteiro.

- Denominada Biblioteca Pública Municipal Prof. Gérson Álfio De Marco, pelo Decreto-lei 739, de 20/12/1977, do Prefeito Mauro Benedito de Lima

- Inauguração do prédio atual - 14/02/1992 pelo Prefeito Mauro Benedito de Lima

ESPORTES EM DESCALVADO (Gerson Álfio De Marco/Luiz Carlindo Arruda Kastein)

COMISSÃO MUNICIPAL DE ESPORTES

Criada em 18 de março de 1970 pela Portaria de nº 10/70 Prefeito Deolindo Zaffalon, tendo como Presidente Daltayr Anacleto Pozzi, Vice-Presidente Luiz Carlindo Arruda Kastein, 1º Secretário José Antonio Miranda, 2º Secretário Sebastião Hansen, 1º Tesoureiro Antonio Paulo Adorno Galetti, 2º Tesoureiro João Roberto Bertini, Relações Públicas José Maria Constante Melki. Auxiliares: Isoldino Laurindo Monzani, Júlio Carlos Zóia, Luiz Fernando Zaffalon, Flávio Tadeu Zerbetto de Marco, Antonio Oswaldo Assoni, Rute Maria Pozzi Casati, Maria Aparecida Fioroni, Vera Lucia Quachio, Sofia Caucabene, Antonio Carlos Octaviano e Lisieux Tognetti.

A RAIÁ

A raia, a corrida hípica, a dois, velho esporte provinciano do Brasil, até a quarta década do século atual. Duas trilhas retas, com 300 metros de comprimento, iniciadas na xeringa. A cada 100 metros uma quadra. A cada 50 metros, uma meia quadra. Assim, na ordem, a partir da xeringa: meia quadra, uma quadra, quadra e meia, duas quadras, duas quadras e meia e três quadras. Descalvado, como outros municípios do país, teve também, a sua raia. Na sua zona rural e na sede urbana. Na primeira, entre outras, a da Estação do Pântano. Na cidade, o local eleito para ela foi o Bairro de São Benedito. Ai, dos últimos dois anos do século XIX até o término deste século, existiram, precisamente, duas raia: uma, sentido leste-oeste, desde a implantação desse esporte hípico até finais de 1924; e outra, em sentido sul-norte, de 1926 até seu final. As corridas, as carreiras efetuavam-se aos domingos e com grande concurso de proprietários de animais e de aficionados. Havia, sempre uma corrida principal, logo de início, contratada com antecipação e, muitas vezes, dada a sua importância, com contrato lavrado em cartório. Corrido o páreo principal do dia, combinavam-se na hora, outros, chegando-se a atingir até, num só dia, o número de quinze páreos. Mas esses já eram páreos de animais de menores virtudes. Apostava-se muito em todos eles. Foram anos de intensa paixão hípica, festivas tardes domingueiras, nesta aprazível terra de bom café e de bons cavalos. E de boas

mulas, pois Manuel Nobre (Manoel Baiano), era dono da famosa Mula Pampa, que arriscava corridas com cavalos, vencendo-os galhardamente. E quando isto sucedia, a raia era toda um gargalhar, uma festa diferente. Velha raia descaldense, dos rápidos cavalos e da mula intromissora de Manoel Baiano!

POLO:

Descalvado que foi exportador de bolas de polo, já que a fábrica de propriedade da Família Pinca, era das únicas da América do Sul, teve uma equipe de polo, campeã brasileira em 1933, vice-campeã brasileira em 1934, campeão paulista em 1933 e 1939, vice campeão paulista em 1934 Sociedade Hípica de Descalvado, fundada em 1929 e extinta no ano de 1960. Mais tarde seria Campeão Mundial de Polo, José Adão, que venceu vários torneios inclusive na Europa. Os maiores handicap de polo foram Glenan Leite Dias no ano de 1933 e José Adão no ano de 1960.



Farmácia Central na década de 40

PROVA PEDESTRE NOSSA SENHORA DO BELÉM:

Idealizada no ano de 1956 pelo esportista José Geraldo Bertini, a prova ganhou nome, atraindo corredores de todas as regiões do estado. Efetuada anualmente no dia 7 de setembro, no período da manhã, com partida e chegada da Praça Barão do Rio Branco, no seu primeiro ano de realização, viu vencedor o atleta campineiro, Bertolino de Souza, que fez os 2.500 metros em 8' e 2''. Correram neste ano 22 esportistas. Em 1957, o mesmo número de esportistas, ainda em 2.500 metros, e vencedor o atleta descaldense Mário Silva, com o tempo de 8' e 50''. Em 1958 o percurso foi aumentado para 3.500 metros, vencendo os 32 participantes, o atleta lemeno João Batista Penteado, no tempo de 8' e 9''. No final dos anos 60 a prova deixou de ser realizada.

BASQUETE:

A equipe feminina de basquete do Clube Esportivo e Recreativo Descaldense, entre o final dos anos quarenta e início de cinquenta, foi campeã duas vezes e vice-campeã uma vez do Troféu Bandeirantes. A descaldense Maria Helena Cardoso foi jogadora e técnica da seleção brasileira de basquete. O atleta Cadum integrou a seleção brasileira masculina de basquete na década de oitenta.

FUTEBOL

(Francisco B. Lício escreveu no Jornal "O Comércio" no ano de 1970)

Descalvado, em toda sua história nunca foi uma potência futebolística, eis que sempre tivemos quadros medíocres, que apanhavam com regular habitualidade dos times vizinhos. O povo adorava o futebol, que era uma das paixões da época, mas infelizmente nunca conseguimos montar um daqueles esquadrões, um daqueles quadros mitológicos, como o C.A.P. de Pirassununga, ou o Velo de Rio Claro. Sempre andamos por baixo, bem por baixo... Nos fins da segunda década, e princípios da terceira entre 1918 e 1922 tivemos a nossa melhor equipe, onde eram astros de grandeza sem par o Nando Galetti. "O menino de ouro", o Jaburu o famoso atacante, terror dos goleiros, o Chico Mayese, e o inextinguível goleiro Xororó, que deixou atrás de si um fabulário. Certa ocasião, mesmo, chegamos a bater um famoso quadro da Capital, antigo São Bento, esquadrão notável, fato que foi, depois, glosado em prosa e verso; adaptou-se, até, uma letra nova à música em voga. "A Baratinha", para cantar o feito homérico. Nos domingos de jogo, havia todo um cerimonial a ser

observado: a velha Banda Santa Cecília, saía de sua sede, num quartinho no prédio da prefeitura, logo as três e meia da tarde, e fazia evoluções pelas principais ruas da cidade, executando os seus velhos e sussurrados dobrados; e à sua frente caminhavam gingando o corpo, em manéio de insuperáveis arqui craques, os jogadores do quadro local, todos uniformizados. E indefectivelmente, o goleiro caminhava de posse da bola, batendo-a vez por outra contra o solo, com monchalance, numa pose estudada de grande vedete... Em épocas mais recentes, pelos meados dos anos 20, o quadro local, o Guarani, bipartiu-se, em razão de briga interna, dando lugar ao nascimento do Clube Atlético Descalvadense. Este, à falta de campo para jogar, pois que o Guarani ficou com a posse da velha cancha, perto do grupo escolar, tratou de construir o seu pelos lados de São Sebastião. Sua sede era no famoso “Sobradinho”, de propriedade dos Mayese, na rua Cel. Tobias, naquele trecho de rua que, sabe-se lá por que razão, era chamado do bairro Chinês. Jogavam pelo Guarani nomes famosos de grandes craques, como o Humberto Casati, o dr. Mário de Moura Albuquerque, então Promotor Público, os irmãos Rufo Tavares, e outros; enquanto que o Atlético, cujo patrono era o farmacêutico João Monteiro, dispunha dos jogadores famosos: Cristiano Ferraz, Chico e Toni Mayese, Nico Tambaú, Lauro Pozzi e tantos outros. A rivalidade entre ambos estendeu-se a todos os campos de atividade da cidadezinha, dividiu a população, e quem era do Guarani não falava com atleticanos, e vice versa. A aversão entre os dois bandos foi num crescendo tal até que elementos neutros – e como eram poucos! – conseguiram uma confrontação direta entre os dois quadros, numa série de melhor das três. O Guarani venceu a disputa, e o Atlético de mágoa, a partir daí, entrou em decadência, minguou, minguou até desaparecer de morte natural. Quando ele se extinguiu, o Guarani seguiu-lhe os passos e foi fazer-lhe companhia no além: morreu, também.

O futebol descaldadense entrou em compasso de espera, por longos anos.

CRAQUES DO FUTEBOL PROFISSIONAL:

Descalvado forneceu craques para o futebol profissional. Entre eles João Cardoso que jogou pela Ferroviária de Araraquara, João Roberto Giacomeli pelo Comercial de Ribeirão Preto e Flávio Tadeu Zerbetto De Marco pelo Guarani de Campinas. No ano de 1986 a equipe do Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense sagrou-se campeã estadual da 3ª Divisão de Profissionais.

MAGELA E MOTINHA (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

Anos 50. Magela natural de Casa Branca, recém formado no magistério, viria lecionar Geografia e História no Colégio Estadual de Descalvado. Magela o que tinha de inteligência e dinamismo tinha também de humildade e timidez. Mestre muito bem relacionado com seus alunos, não demorou a se entrosar com os jovens a ponto de logo aceitar um convite dos craques da cidade para um treino de futebol. Mas convidaram por convidar. Achavam até que o Professor seria motivo de palhoça, ainda mais quando apareceu no campo de treino com roupa emprestada, por sinal bem maior que seu físico comportava. Qual não foi a surpresa, quando iniciado o treino, o Mestre provou ser também o professor da bola, no controle, nos passes, na finalização. Deu um show. A notícia correu de boca em boca, e não demorou a chegar aos ouvidos do técnico Berto do CERD, time principal da cidade e que na época disputava o campeonato amador regional, com grandes chances de conquistar o título. Foi aí que descobriram que Magela na sua humildade não havia dito que era jogador profissional, não havia chances de disputar como amador. Mas e o jeitinho descaldadense? Logo o técnico Berto buscou uma solução. No domingo o CERD enfrentaria um dos mais tradicionais rivais, o Atlético Santaritense e precisava vencer. O jogo seria em casa, no Estádio Antonio Carlos Guimarães, que ficava do lado do Ginásio Estadual. A presença de Magela seria fundamental para o time. A solução veio assim: Magela jogava de ponta esquerda. Inscrito no time do CERD como meia esquerda estava o jogador Motinha que continha muita semelhança física com Magela. Naquela época antes do início do jogo o Juiz da Federação Paulista de Futebol chamava os jogadores individualmente e conferia com a ficha de inscrição que continha a foto. Motinha que era bom de bola mas não tão craque quanto Magela entrou em campo com a equipe cerdeana. O Juiz conferiu as fichas. Tudo certo. Os jogadores do CERD foram então bater bola na gol que ficava logo ao lado dos vestiários. Foi quando Motinha sorrateiramente saiu de campo com destino ao vestiário, como se fosse ao banheiro. A troca de uniformes foi rápida e eis que volta em campo Magela com a camisa 10 de Motinha. O Juiz, nem tampouco os jogadores adversários perceberam. A torcida descaldadense partilhando, se portou condignamente e não gritava Magela,

mas Motinha, mesmo quando aquele marcou os três gols na vitória de 3 x 1 sobre o Santaritense. O CERD se classificou com méritos. O Jornal O Santaritense divulgava na semana seguinte ao jogo: Atlético Santaritense cai em Descalvado frente ao futebol espetacular de Motinha... Berto e Magela deram um sorriso matreiro...

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO

Criada no ano de 1970 através de Portaria do Prefeito Deolindo Zaffalon, tendo como primeiro Presidente o Sr. Alberto Sundfeld.

SAÚDE (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

Médicos:

- 1º Médico de Descalvado - Dr. Francisco Ezequiel de Meira Júnior que chegou em Descalvado aproximadamente em 1860.
- Outros médicos do início do século e seus consultórios:
- Dr. Cruz Abreu - Largo da Matriz, 22
- Dr. Anastácio Vianna - Rua Cel. Tobias
- Dr. Manoel Penteado - Rua Cel. Tobias

Dentistas do início do século:

- Epaminondas Ferreira - Rua 13 de maio, 20
- José Alvim de Aguiar - Rua Bezerra Paes, 42

Doenças e Epidemias no Descalvado de 1862 a 1890

(Antenor Ervêu Betarello e Odenor Pedro Ivo Ferreira Betarello)

Fundado em 8 de Setembro de 1832, o pequeno povoado de Descalvado viveu, nos seus primeiros 30 anos de vida, praticamente desapeado de recursos médicos e de enfermarias. Ao lado da varíola, as icterícias, o sarampo a mamila e as febres que se transmitiam provavelmente em consequência de condições criadas pela alimentação e pelas águas de que se serviam os moradores de menores recursos, eram as doenças que, por vezes, se mostravam intensamente dramáticas. Como não houvesse médicos apareciam os mezinheiros, os triagueiros, os benzedores e curandeiros para tratar desses males e mais das bexigas, priorizes, tabardilho, câmarasde sangue, nó nas tripas, espinhela caída e outras enfermidades. Esse estado se prolongou até 1870. De 1850, em diante, a varíola entrou no Descalvado e fez grandes devastações. Relata um viajante da época «que são morbos endêmicos as bexigas, e é rara a pessoa a quem cometam, que não matem. São tão medrosos os habitantes do povoado a esse respeito que até desconfiam de ouvir falar nela. Desconfiava-se quase sempre que nesse tempo a varíola fosse introduzida no distrito do Descalvado, por negros procedentes do litoral ou das minas, comprados para servirem na lavoura. Houve pestes no Descalvado, principalmente a de 1889, que eram uma espécie de varíola de qualidade muito brava, começando pela garganta e pela língua, o corpo se cobria de uma espécie de lepra, as carnes se destacavam apodrecidas e com muito mau cheiro e o doente, entre três ou quatro dias, morria. 2 - Já em 1851, determinava o Juiz de Paz do distrito com as prerrogativas que lhe eram peculiares, “que toda a pessoa que tivesse algum enfermo ferido de peste, lhe desse logo parte para que o doente fosse retirado”. Uma Ordem Régia determinava “que no caso de haver morador acotado bexiguentos em sua casa, ainda que o bexiguento tivesse saído, dali, há seis meses ou mais, devia o morador mandar limpar muito bem limpos e defumados, por dentro com “bosta de gado” e depois de muito bem vasculhados, os cômodos da casa. Os lixos deviam ser queimados e não seriam postos na rua nem nos bécos da cidade, em que era costume, mas deviam ser enterrados e a morada deveria ser rebocada com tabatinga por fora e por dentro, tendo-a primeiro aberto para que o ar fétido, dela saia.” Nos recuados tempos do Descalvado primitivo, a credence andava de mãos dadas com a ignorância. Combatia-se a varíola com a cachaça. O sarampo também tinha seu remédio heróico na pinga. No combate ao sarampo e a escarlatina, usava-se a baeta vermelha que empregada em cueiros e cobertores, fazia “sair” a doença. De 1875 a 1887, houve vários casos de febres, de sarampo, de tifo e de bexigas, sem que constituíssem epidemias ou trouxessem pânico. Em 27 de Agosto de 1882, Leocádio de Matos pedia a nomeação de uma comissão para entender se com o delegado de polícia local e promover todos os meios a fim de evitar a propagação da varíola que ameaçava o município. Foram nomeados, para esse fim, Leocádio de Matos e o alferes Isaías Pereira de Carvalho. Nessa mesma sessão, o Juiz Municipal Francisco de Paula Carvalho remetia, à Câmara, as contas havidas com as despesas de tratamento de uma variolosa isolada, na importância de 285\$200, devendo deduzir-se dessa

importância, a quantia de 125\$600, produto de uma subscrição pública. Como não houvesse dinheiro, foi nomeada, novamente, outra comissão para angariar dinheiro, fazendo parte dela Leocádio de Matos e Antônio Camargo Neves. 8 - Em 6 de Maio de 1796, Edward Jenner, médico inglês, teve a genial intuição de empregar o vírus do “cow-pox” para imunizar contra o “small-pox”. O método de Janner passou então a ser empregado em larga escala e, através de grandes dificuldades, foi se generalizando em todos os países civilizados, onde a vacinação contra a varíola passou a ser exigida por lei. Em Descalvado, a vacinação contra a varíola começou em 1887. Antes praticava-se a chamada “variolação” (já usada pelos chineses 590 D.C.) que consistia na inoculação, por instilação nasal ou por escarificação cutânea, de material colhido de pústulas variolosas. Obtinha-se, nestas condições, uma doença relativamente branda e que deixava sólida imunidade. 9 - O vereador Boaventura de Figueiredo Pereira de Barros, que tinha um cuidado extremo pelo estado de salubridade do município, em 3 de Fevereiro de 1887, pedia à Inspetoria de Higiene da Capital, a remessa de alguns tubos de linfa vacínica. Essa linfa vacínica, em 11 do mesmo mês, chegava ao Descalvado, em dois tubos. Foi procedida a vacinação na cidade e nenhum caso apareceu nesse ano. No ano seguinte, em 10 de Maio de 1888, era solicitado o concurso do delegado de polícia para ser removido um bexiguento que estava em tratamento na estrada que vai desta Vila ao Sertãozinho. A Lei Áurea sancionada em 13 de Maio de 1888, pôs em movimento a gente negra. Eram negros que saíam do município e que nele chegavam. Muitos vieram de zonas contaminadas e de terras batidas pela varíola. E de tal monta foi esse movimento, que em 4 de Julho de 1888, quase dois meses após aquele evento cívico, foi necessário convocar uma sessão extraordinária da Câmara, unicamente para tratar-se do gravíssimo caso de varíola que estava grassando no município, principalmente nas fazendas dos senhores Tenente Coronel José Ferreira de Figueiredo e Elisário Ferreira de Camargo Andrade. Como o mal ameaçasse generalizar-se, o vereador Boaventura, então presidente da Câmara, indicou que se nomeasse uma comissão especial para escolher um local apropriado para isolar os doentes que aparecessem atacados daquela moléstia e que se oficiasse ao delegado de polícia local, a fim de tomar as providências necessárias para que o mal não se propagasse, convidando-se os médicos da cidade para administrarem a vacina, em dias determinados, na casa da Câmara. A comissão especial foi composta de Gabriel Amâncio Lisboa, Durismundo Lisboa e Paula Carvalho. Nessa ocasião, era solicitada, da Inspetoria de Higiene da Capital, novos tubos de linfa vacínica, tendo a referida Inspetoria enviado essa linfa em 9 de Julho, tendo a mesma distribuída aos médicos locais para aplicá-la. Como a varíola parecesse tomar caráter endêmico, no município, resolveu-se, em 11 de agosto de 1888, solicitar os bons ofícios do doutor Mancel Teodoro de Macedo Soares residente em São Paulo, afim de que ele se dignasse vir até à Vila do Descalvado para proceder a vacinação, concorrendo a Câmara com as despesas da viagem e estada do ilustre médico na cidade. Não se fez rogar o doutor Manoel Teodoro e, com toda a solicitude e urgência, veio ao Descalvado para o fim que fora convidado. Na sessão de 25 de setembro de 1888, por proposta do vereador Gabriel Amâncio Lisboa, a Câmara resolveu dar um voto de agradecimento ao Exmo. Sr. Dr. Manoel Teodoro de Macedo Soares, pelos serviços de vacinação que prestou gratuitamente ao município e, também, um voto de agradecimento ao senhor Tertulino Guimarães pelos serviços que prestou auxiliando àquele. 10 - Gabriel Amâncio Lisboa, Vice-Presidente da Câmara comunicava em 18 de dezembro de 1888 que, havendo recebido denúncia do Sr. Dr. Cerqueira Lima, da existência, dentro da Vila de uma mulher italiana afetada de varíola e constando-lhe que essa italiana era colona da fazenda do sr. Elisário Ferreira, desse Município, incontinentemente autorizara o Procurador da Câmara, a retirar o doente da cidade e mandá-la para a fazenda de onde é colona, importando a despesa em 25\$000. A varíola não recrudescu e assim foi todo o ano de 1888.

Epidemia de 1889

II - O ano de 1889 começou cheio de casos de febres não só dentro da cidade como em as fazendas e propriedades agrícolas do município. Assim foi durante os meses de Janeiro e Fevereiro. Em Março, a situação piorou muito, criando pânico. Em 25 de Abril, de tal maneira se alastrou o mal que a Câmara se reuniu extraordinariamente para «tratar unicamente de prevenir-se o aumento dos casos de febres com mau caráter que se têm dado nesta população, por cujo motivo o povo está aterrorizado de tal maneira a ponto de acusar a Câmara de indolente porque dizem que ela não tem de forma alguma procurado promover os meios de prevenir o mal.» Era

presidente da Câmara, nesse ano, os cidadão Cândido Augusto Rodrigues, um grande e digno batalhador da causa pública. Abrindo a sessão, em palavras exaltadas, o bravo descaldadense contestou essa afirmação, pois, disse, que sempre esteve vigilante a Câmara. Por sua iniciativa, afirmou, ainda há alguns dias atrás, alguns vereadores saíram, em comissão, a fim de visitar fábricas de cerveja, coqueiras, pocilgas, quintais de casas e outros lugares dos quais se suspeitavam que saíssem “miasmas” pestilentos. E ficou constado que em alguns desses lugares, não existia limpeza, tendo a comissão ordenado que fossem removidos os lixos existentes, feita a lavagem e desinfecção das casas assim encontradas. Como o momento era de urgência e a situação quase calamitosa, o presidente pediu a cada vereador que expendesse seu ponto de vista. Paula Carvalho, em nome dos colegas, alvitrou que, nessa situação, melhor falaria um dos médicos da cidade, eis que o assunto era de salubridade e ao médico era dada essa autoridade. Aprovado ponto de vista de Paula Carvalho, foi convidado o doutor Miguel Arcanjo da Silva, médico de maior renome na cidade e que já fora vereador, para esse fim. Presente o doutor Miguel Arcanjo da Silva, disse ele, depois de lhe ser exposto o fim para que foi chamado que “com efeito, a salubridade publica desta população não é boa, mas que não atingiu ainda o caráter medonho e atemorizador como se tem propalado. Disse mais que é verdade terem-se dado alguns falecimentos provenientes de febres biliosas com caráter tifóide e outras moléstias, aliás graves, mas que em sua consciência de médico afirmava que nem um caso de febre amarela se tem dado segundo se diz. Disse ainda que essas moléstias são próprias do tempo irregular em que nos achamos e produzidas pelo ar impuro que respiramos. Por essa causa e para minorar o mal e diminuir sua causa, convinha que houvesse muita limpeza nas ruas, nos quintais e nas casas, sendo estas desinfectadas por meio de drogas apropriadas. E feito isto, nada mais poder-se ia exigir, a não ser a total desinfecção feita por grandes chuvas torrenciais e continuadas». Aceito o ponto de vista médico do doutor Miguel Arcanjo da Silva, que se pôs à disposição da comissão, imediatamente se constituiu uma comissão de vereadores para percorrer a cidade e examinar as casas, quintais e ruas, fazendo parte da comissão o ilustrado médico. De tal forma se conduziu o doutor Miguel Arcanjo da Silva, nesse afã, que cambaleou enfermo para morrer logo no ano seguinte, em 17 de Julho de 1890, com 43 anos de idade. A comissão, investida de poderes extraordinários, vasculhou o Descalvado todo. As coqueiras, as pocilgas e galinheiros foram fechados. Os animais de sela e de tiro foram removidos para os pastos. Nenhum porco ficou nos chiqueiros da cidade e as aves domésticas foram soltas nos quintais, queimando-se os galinheiros. As casas eram imediatamente desinfectadas, apenas algum morador demonstrasse a menor indisposição orgânica. Os doentes eram removidos para o lazareto velho, um velho prédio que ficava para o lado debaixo dos trilhos da estrada de ferro, passando pelo local que se denominava “buracão”. As famílias que possuíam propriedades agrícolas, haviam, há tempo, abandonado a cidade. A tristeza tomou conta da povoação e os enterramentos dos mortos eram feitos de qualquer modo, mesmo sem caixão e quase sempre às escondidas. Havia doentes que morriam à falta de qualquer socorro ou tratamento. 12 - As drogas mais comuns, nesse tempo, eram o sal amargo, maná sene, ruibarbo, linhaça, vidros de Opodeldock, vermífugos, láudano, balsamo tranqüilo, óleo de meimendo e de amêndoas, arnica, além dos remédios caseiros como o purgante de Leroy, o xarope de agrião e os preparados de limão com ferros velhos “que se misturavam contra a opilição”, e as pomadas e ungüentos. A essas drogas podiam ser acrescentadas as Pílulas Paulistanas, anunciadas com tanta insistência nos jornais de meados do século XIX, de cujo preparador e de cujas qualidades dizia a Revista Paulistana, da Capital em 1857: “O senhor Carlos Pedro Etchecoin, residente nesta Província, há quinze anos depois de muito trabalho e longas experiências, conseguiu, com o auxílio de plantas vegetais, formar umas pílulas que denomina PAULISTANAS, com as quais se propõe curar todas as enfermidades, ainda as mais crônicas, e também a mortífera febre amarela”. 13 - Como a capacidade do lazareto velho fosse diminuta em leitos, os doentes eram esparramados de qualquer modo sobre velhos colchões e sobre esteiras estendidas no chão. O medo fez com que ninguém procurasse Descalvado nessa fase. Os produtos da lavoura não vinham para a cidade e esta se ressentia disso, pois começaram a escassear os gêneros de primeira necessidade. A epidemia que grassou no Descalvado, em 1889 também apanhara outras cidades. A vista disso e porque a Assembléia Provincial estivesse reunida extraordinariamente para o fim de decretar medidas que prevenissem futuras invasões de epidemias que

assolaram Santos e Campinas o vereador Francisco de Paula Carvalho propunha, em 20 de Maio de 1889, que se representasse perante aquela Assembléia Provincial a fim de que fosse dotado o Descalvado da verba de 40 contos de réis para o abastecimento de água para a cidade, principal elemento para a futura garantia da sua lubridade pública. Em fins de maio a epidemia decresceu, e a cidade pode respirar aliviada, desse tremendo pesadelo. 14 – Ainda sob o aturdimento dessa calamidade, a Câmara reuniu-se em 27 de maio. Nessa sessão o vereador, Durismundo Lisboa indicou à Câmara que, à vista do modo louvável com que se portou o atual zelador do cemitério desta cidade senhor Domingos Soares de Barros Melo, durante a quadra calamitosa por que passamos, devido a epidemia que reinou nesta população, conservando-se ele sempre firme e pronto no desempenho do seu cargo a qualquer hora que fosse procurado, proceder esse que talvez não se encontrasse em outra qualquer pessoa no seu lugar e na ocasião péssima que venceu devia ser dada, ao mesmo zelador a gratificação de 50\$000 pelos bons serviços prestados e que ainda continua a prestar. Essa indicação foi aprovada unanimemente. 15 - A varíola continuou porém na cidade, embora em forma benígna, a fazer uma ou outra vítima. Uma delas foi Maria Flávia Grassi, a menina que declamou em presença de Sua Majestade Dom Pedra II, quando de sua visita à cidade; e que faleceu vítima de febre em 19 de Julho de 1889. 16 - Em 2 de outubro desse mesmo ano era enviada, pelo Governo Provincial a quantia de 50\$000 para acudir os atacados de varíola na cidade. Como ainda continuassem os casos de varíola, em 25 de Novembro de 1889, foi pelo Dr. Inspetor de Higiene da Província, autorizada a despesa na importância de 2 contos de réis para atender a todos os casos.

Um caso pinturesco durante o recolhimento dos doentes

17 - No acesso da epidemia, quando eram removidos os doentes de suas casas respectivas para o velho Lazareto, eram comuns os casos de roubos e assaltos. Um dos doentes recolhidos ao Lazareto, desconfiando de que, durante a sua ausência, os amigos do alheio lhe revistariam a casa não temendo a moléstia, levou, consigo, todos seus pertences. Era ele Bráulio José Pompeu. Ao sair do hospital dos variolosos reclamou esses objetos, tendo lhe sido apresentado pelo enfermeiro Bento Antônio dos Santos, um diminuto número de obitos. Reclamou Bráulio José Pompeu em solene estrilo ameaçando céus e terras, contra a espoliação de que foi vítima reclamando, da Câmara a indenização. Esta à vista de sindicância procedida, deu razão à vítima e mandou que lhe fosse paga, pelos cofres públicos da municipalidade a quantia de 350\$000 certa de que alguém, dentro do lazareto, levava em uma hora trágica como aquela, os pertences de Bráulio José Pompeu.

Fim da epidemia de 1889

18 - Em 20 de Janeiro de 1890 era apresentada à Intendência Municipal (pois a Câmara fora dissolvida em 15 de Novembro de 1889), a conta das despesas havidas com o hospital dos variolosos sendo essas despesas na importância de 4305\$940. Dava-se como finda a epidemia.

O Novo Lazareto

19 – Sendo acanhado e impróprio para as funções de hospital de isolamento, o velho lazareto já citado, cogitou a Intendência Municipal de construir um novo isolamento tendo sido escolhido para esse fim um terreno que fica atrás do cemitério novo. Hospital que ficava nos campos do cidadão Manoel Gaio, e que foi demolido na década de 40. A idéia foi do intendente Luiz Tomaz Nogueira da Mota, tendo sido votada a importância de 2000\$000 para a construção, em 15 de maio de 1890. A construção do novo hospital se prendia ao receio de que eclodissem novas epidemias e essas apanhassem novamente desprevenido o Descalvado. Não era infundado o receio.

O estado de salubridade pública no Descalvado, de 1890 a 1893

20 - Foi de apreensões o estado de salubridade, nesses três anos. As notícias eram as piores que vinham de todos os quadrantes. Falava-se em febre amarela em varíola, em

epidemias que grassavam por toda a parte, não escapando a Capital da República e do Estado. Estudavam-se os meios de debelá-las ou de atenuá-las. No Descalvado, restabelecida a Câmara e dissolvida a Intendência Municipal, tratou ela de precaver-se contra qualquer surto epidêmico. Como houvesse dentro da cidade quatro fábricas de cerveja e se julgasse que as dejeções das fábricas de cerveja dessem causa aos miasmas (na época era o termo empregado na suposição de que existiam miasmas) pestilentos, a comissão de Higiene da Câmara indicou e a Câmara aprovou a lei ordenando que essas fábricas se movessem do perímetro urbano. Insurgiram-se contra a medida, os proprietários, mas nada conseguiram. Em Dezembro de 1892, era ordenado que se mudassem as fábricas, como medida de higiene pública. Uma dessas fábricas mudou-se para o bairro do Tamanduá; outra instalou-se no sítio do Tirolim; uma terceira foi para o bairro de São Sebastião e a quarta fechou suas portas, vendendo sua maquinária. 21 - Como ocorresse um ou outro caso de febre e a opinião pública andasse bastante sobressaltada, descobriu-se que outro perigo para a saúde pública estava no consumo de melancias vindas de fora do município, já impregnadas de miasmas. Em 14 de Janeiro de 1893, depois de ouvido o Dr. Delegado de Higiene do Município, era proibido importarem-se melancias de fora do município para nele serem vendidas. O infrator seria multado em 50\$000. Com todas essas medidas tomadas não foi possível evitar que viesse nova epidemia. 23 - Desta vez grassou, pela primeira vez, no Descalvado, a febre amarela com todo o seu cortejo insidioso. A febre amarela, doença infecciosa aguda endêmica em certos países tropicais (África, América Central e América do Sul) onde acomete sobretudo os estrangeiros recém chegados, faz sua aparição no Descalvado com todo o seu poder mortífero. Coincidiu sua aparição com a entrada de grossas levas de imigrantes em nosso município. Os primeiros casos se deram em propriedades agrícolas. Não houve dúvidas quanto à sua presença. Os dois períodos perfeitamente distintos da febre amarela foram constatados. O primeiro, o período da infecção propriamente dito que dura de 2 a 3 dias e que coincide com o período em que o vírus circula no organismo. O segundo período o período da intoxicação, depois de passadas 48 ou 72 horas, em que a febre cai, o doente sente uma grande sensação de alívio, porém, logo depois a temperatura sobe novamente e surgem sintomas de uma grave intoxicação hepatorenal caracterizada essencialmente por albuminúria, icterícia e hemorragias (vômitos negros). 24 - Logo aos primeiros sintomas, os médicos de Descalvado encontraram dificuldades no diagnóstico clínico, pois os sintomas nada tinham de característico: febre, tonturas fortes, dor no corpo todo, especialmente nas pernas e nos músculos lombares, vômitos alimentares biliosos e epistaxes. Quando, porém surgiram as intoxicações hepatorenais com as hemorragias e vômitos negros, não houve dúvidas. Daí a grande confusão que adveio nessa época, mixto de terror e de defesa própria. 25 - A descoberta de um animal sensível permitiu, em 1928, a Stokes, Bauer e Hudson, o reconhecimento do fato anteriormente assinalado por Marchoux e que a febre amarela era produzida por um vírus. Na época de 1893, porém, era a febre amarela atribuída a diversos micróbios dos quais se destacavam pela importância especial que lhes foi empresta do

o Bacilo Icteróides, um bacilo do grupo paratífico. E o tratamento da febre amarela obedecia a prescrição nesse sentido. Havia mais o sentido de prevenir do que de remediar. E por isso era justificado o medo da gente naquela época. A febre amarela, contraída, matava sempre. Hoje temos a vacina antiamarilica para prevenir, mas no recuado ano de 1893, nada existia. E corria de boca em boca que a febre amarela não perdoava o doente e que nos hospitais de isolamento, para abreviar esse mal, os doentes bebiam “o chá da meia noite”, eufemismo que significava que eram envenenados. A febre amarela tomou conta do Descalvado. Os moradores como de outras vezes, possuíam ou não propriedades agrícolas, acharam de melhor alvitre fugir da cidade. Era comum a fuga de uma cidade para outra que não estivesse alcançada pela peste. Medidas drásticas eram tomadas contra os estranhos que aparecessem. Esses deviam se acoiatar bem porque, caso descobertos, eram enviados de



Barbearia de Eugênio Nocenzo

quarentena ao Lazareto. Para ter-se uma idéia do terror que campeou na cidade, basta dizer-se que, embora convocada pelo seu Presidente, a Câmara Municipal ficou fechada durante seis meses de pânico, de luto e de tristeza. De 22 de abril a 7 de outubro de 1893, as portas da Câmara cerraram-se.

Episódios dessa calamidade

27 - Funcionava um novo lazareto atrás do cemitério novo, que começou a funcionar em fins de 1892. Era o novo hospital amplo e acomodava muita gente. Todavia, dado o número de doentes, logo se mostrou deficiente. Como o mal hovesse tomado toda a cidade, eram conduzidos ao isolamento somente os indigentes e os moradores da zona agrícola que não tinham recursos médicos nas fazendas de café. A mortalidade foi grande. Diariamente os mortos eram transportados de carroça para o cemitério novo sendo enterrados na ala esquerda, onde ainda hoje existem covas rasas que abrigam os mortos da febre amarela de 1893. Como o número de mortos fosse grande, fizeram-se valas comuns, mas o difícil era o enterramento, pois o único coveiro da época, não tendo sido atendido em seu pedido de aumento de ordenado, feito em 1890, julgou mais preciosa sua vida do que o cargo e, ao aparecimento da epidemia deixou o cargo, fugindo da febre. E ninguém, mesmo com promessa de aumento de ordenado quis nessa fase, o cargo de coveiro. Houve uma fase aguda em abril e agosto, em que os mortos eram muitos e o problema do enterramento confiado só a um, ao zelador do cemitério. O zelador do cemitério, Silvestre José da Silva, se desdobrou. Fazia covas profundas e largas que eram enchidas de cadáveres quase até à boca, forradas de cal virgem. Cadáveres da zona agrícola eram, transportados, à noite, em carroções e carros de boi e deixados à porta do campo santo. E então, deu-se o caso doloroso de insepultos os cadáveres serem devorados, em parte pelas aves de rapina, já postadas nas cercanias e atraídas pela acentuada decomposição da matéria orgânica. Em julho, acometido de um mal súbito o zelador do cemitério não pode continuar durante uma semana a desempenhar esse tremendo ofício. Como os condutores de cadáveres despejassem sua carga à porta do cemitério sem a coragem de tocar nos mortos, tal era o pavor de todos, e como não houvesse quem praticasse o enterramento, de uma feita diante do estado deplorável, nauseabundo e tétrico de três cadáveres semi devorados e no último estado de decomposição foi ateado fogo à carga humana e enterraram-se os restos carbonizados.

FIM DA EPIDEMIA

28 - Em Setembro a peste começou a declinar de intensidade. Em Outubro, salvo um ou outro caso, a situação era de desafogo. Em 7 de Outubro, funcionou a Câmara Municipal. Pelo seu Presidente foi dito “que a Câmara deixou de funcionar em vista da epidemia que grassou e os senhores vereadores se recusaram a reunir se, o que era justo”. O vereador Sérgio de Campos, em 7 de Outubro de 1895, dois anos após a epidemia, ainda reclamava, ao Governo do Estado, medidas que viessem sanear a cidade. Em 20 de abril de 1897 o Jornal “O Estado de São Paulo”, publicava a seguinte notícia sobre a Febre Amarela em Descalvado: “O Inspector Sanitário, Dr. Paulo Bourroul tem tomado várias medidas na cidade de Belém do Descalvado” no intuito de combater a epidemia de febre amarela que alli está agrassando com toda a intensidade. Durante a semana finda faleceram alli 9 pessoas vítimas da febre. Terça-Feira chegou de Ytú o Dr. Gouvêa, medico da hygiene que vem a esta cidade auxiliar na extinção da doença”. Foi somente em 13 de Julho de 1897 que a Câmara Municipal autorizou a desapropriação de um terreno para nele ser instalado o Desinfetório da cidade, desinfetório que funcionou perto do Armazém de Cargas da Estrada de Ferro Paulista. Até ao ano de 1900 não houve epidemia. Essa só reapareceria, em 1902 na forma de febre amarela.

Santa Casa:

- Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Descalvado - 08/09/1894
- Eleição da 1ª Mesa - 02/06/1895,
- Inauguração oficial com a entrada do 1º doente - 04/11/1895
- 1960 à 1973 - construção da nova ala
- 1982 - Inauguração da Maternidade.

HISTÓRIA DA SANTA CASA: *(Conto de Luiz Carlindo Arruda Kastein, baseado em registros de livros da Santa Casa)*

Descalvado em 1891 era governado por um Conselho Consultivo, sob a presidência do Dr. Anastácio Vianna, já que dois anos antes em 1889, com a Proclamação da República, o Marechal Deodoro da Fonseca havia dissolvido as Câmaras Municipais. Dentre os membros do Conselho, figurava o nome de Francisco de Paula Carvalho, homem profundamente

religioso e que aproximou ainda mais seus vínculos com a Igreja de Nossa Senhora do Belém a partir de seu casamento com a irmã do Pároco Francisco Teixeira de Vasconcellos Braga. Os registros não constam onde nasceu Paula Carvalho, mas sabemos a data: 23 de dezembro de 1842. Em 1846, ainda criança veio para Descalvado. Um fato preocupava muito a este homem. A cidade possuía meia dúzia de hotéis e cinco padarias, quinze armazéns na cidade e dezessete nas fazendas, duas tipografias, três fábricas de cerveja, duas bandas marciais, quatro clubes, quatro escolas, quatro farmácias, dois bilhares e quarenta e quatro tabernas, mas nenhum hospital. E o que era pior, vínhamos do grande surto da febre amarela, que em 1885 obrigou a construção do novo cemitério, mais afastado da cidade, o mesmo de hoje. Existia ainda na entrada da cidade, ao lado da ponte do Ribeirão Bonito, o “Lazareto” retiro de doentes que costumavam coletar esmolas, daqueles que chegavam à cidade, com canecas na mão, daí a alcunha dada aos descavadenses de “canequinhos”. Francisco de Paula Carvalho, possuía um estabelecimento comercial na então Rua Uruguayana (atual Cel. Rafael Tobias, havendo controvérsia se na esquina com Barão do Descalvado ou José Bonifácio), ponto obrigatório de palestras dos homens da melhor sociedade descavadense da época. Corria o mês de abril de 1891, estavam reunidos Paula Carvalho, Cel. Antonio Alves Aranha, Major Arthur Horácio D’Aguiar Whitaker, Antonio Augusto Bezerra Paes e José Rodrigues Penteado, quando o primeiro deu a idéia de se fundar uma casa de refúgio aos enfermos pobres, e ficou combinado de levarem adiante a idéia. Tão fundo se fez sentir neles o desejo de pôr em prática o plano, tão convictos se achavam de que podiam contar com o apoio de muitos outros, que desde logo se lançaram a campanha, que em pouco tempo oferecia resultados animadores. Paula Carvalho, propugnador da obra, doou o terreno e elevada quantia em dinheiro, promoveu a construção do edifício e dirigiu o serviço até o fim. O belo prédio leva fortes traços de engenharia maçônica, embora Carvalho, católico fervoroso e cunhado do Pároco, com toda certeza não pertencesse à Ordem. Naquela época maçônica e igreja trilhavam caminhos opostos.

Em 8 de setembro de 1894, a convite da comissão de iniciativa, reuniram-se muitas pessoas a fim de deliberar sobre a formação de uma sociedade que se incumbisse de gerir os negócios da instituição, cabendo a Presidência ao Cônego Elisiário Martins Pedrosa, outro benemérito da terra descavadense. Nesta memorável Assembléia declararam constituída a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Descalvado, nomeando-se uma comissão para elaborar os seus estatutos, para cuja composição foram proclamados o sacerdote Pedrosa e os doutores Alencastro Reis e Amâncio Penteado. Antes de encerrarem a sessão com justiça inseriram em ata a gratidão aos cinco membros da comissão de iniciativa. Quase um ano depois, em 2 de junho de 1895, houve nova reunião, na qual foram aprovados os estatutos e eleita a primeira Mesa Administrativa, cujo mandato durou desde então, até o final do ano seguinte, ficando assim constituída:

Provedor - Francisco Paula Carvalho
Secretário - Dr. Amâncio Penteado
Tesoureiro - Landulpho Bezerra Paes
Procurador - Severiano João da Cruz

Mordomos - Francisco de Campos Serra, José Mariano de Faria, Joaquim Martins Pimenta, Major Arthur Whitaker, Sérgio Arruda Campos, Joaquim Cândido Filho, Cel. Antonio Alves Aranha e José Rodrigues Penteado. Em 31 de agosto do mesmo ano, o Provedor Paula Carvalho, angariou mais donativos, para a montagem do Hospital. Toda a obra orçou oitenta contos de réis, quantia vultuosa para a época. Depois de tudo organizado, fez entrega à Mesa Administrativa, que começou a exercer as suas funções, inaugurando o Hospital com a entrada do primeiro doente em 4 de novembro de 1895. Paula Carvalho, veio a falecer em pleno exercício do cargo de Provedor, com apenas 54 anos, em 13 de junho de 1896. Está enterrado no jazigo de nº 4, do lado direito da ala principal de entrada de nosso Cemitério. Para completar o mandato de Paula Carvalho, foi escolhido José Rodrigues Penteado, outro vulto de projeção na vida municipal, o qual, reeleito, exerceu a provedoria até 1897. A Santa Casa funciona no prédio edificado por Paula Carvalho, na Avenida Bom Jesus nº 381 até hoje. Por volta de 1960, os dirigentes da Irmandade da Santa Casa, iniciaram a construção de uma nova ala, que foi concluída em 1973. Em 1982 foi inaugurada a maternidade. Para escrevermos esta história, pesquisamos os primeiros livros da Santa Casa de Misericórdia e de sua Irmandade, atas da Câmara Municipal, jornais da época, e artigos deixados pelos historiadores, Prof. Gerson Álfio De Marco e Antenor Betarello e pelos jornalistas Mário Joaquim Filla Paulo Belli e Milton Timótheo do Amaral. Nenhum registro fixa o ano de

1893, data inserida na frente e ao alto do prédio da Santa Casa, até hoje. O início da construção ocorreu em 1891, a constituição da Irmandade em 1894, a entrada do primeiro doente em 1895, com o prédio ainda em construção.

AS IRMÃS FRANCISCANAS E A ASSISTÊNCIA HOSPITALAR:

Estreitamente vinculada à vida da Santa Casa, está a Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, pelo muito que tem feito em prol da assistência hospitalar em Descalvado. Desde o início do século prestam serviços ao hospital, quando em 1904 a fundadora da Congregação, Madre Cecília do Coração de Maria, aceita o pedido da Mesa Administrativa da Santa Casa e envia a primeira Comunidade para assumir a direção interna do hospital. No livro do tombo da Congregação há o seguinte registro: “Aos 20 de fevereiro de 1904, chegou a Revda. Madre Cecília do Coração de Maria, Fundadora e Superiora Geral da Congregação, a quem a Mesa Administrativa propunha tomar a direção interna da Santa Casa. Vinha acompanhada da Irmã Canuta e de uma menina educanda do Lar-Escola Coração de Maria, Cesira Maria Graciano, que mais tarde entrou para a Congregação, recebendo o nome de Irmã Clara. Hospedaram-se em casa do padrinho de Madre Dorotéia, ao que parece Capitão João Nunes, enquanto se preparava o hospital. Aos 22 do mesmo mês, a Madre Cecília aceitou a direção, assumindo ela mesma, o cargo de Superiora, para o que viajava diversas vezes entre Piracicaba e Descalvado, trazendo as irmãs para o serviço.” Descalvado, portanto, depois de Piracicaba, foi a primeira cidade que sentiu a influência benéfica do coração apostólico da Madre Fundadora e suas filhas espirituais.

Pronto Socorro:

- Inaugurado - 29/05/1992

Farmácia mais antiga em funcionamento:

- Drogaria Central - 29/04/1929

Farmácias que encerraram atividades:

- Farmácia do Globo de Emigdio Vieira Bastos - Rua Bezerra Paes
- Farmácia Italiana - Rua 13 de maio, 26
- Farmácia São José de Joaquim Meziara - Rua José Bonifácio
- Farmácia Bianchi de Octávio Bianchi - Rua 24 de outubro

INDÚSTRIAS E EMPRESAS DE DESCALVADO MAIS ANTIGAS: (Mário Ângelo V. Zambelli)

Usina Ipiranga de Açúcar e Álcool S/A - 1954

Socil Pró Pecuária S/A - 22/05/1968

Sede atual - 01/11/1984

Royal Canin - 11/09/91

Mineração Jundú S/A

03/02/59 - Início da extração de areia em Descalvado

31/01/63 - Alterou de LTDA para S/A e mudou seus escritórios de São Paulo para Descalvado

Mineração Descalvado S/A - 08/1985

Mineração Cilnina Ltda - 14/11/91

Fábrica de Doces Zula - 1929

Instalações atuais - 1953

Cooperativa de Consumo Popular - 1964

Cooperativa Agrícola Mista do Vale do Mogi Guaçu Ltda

Armazém - 1961

Fábrica de Ração Coperguaçu - 1964

Frigorífico Avícola da Coperguaçu que abate o Coperfrango - 1978

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS MAIS ANTIGOS E AINDA EM ATIVIDADE:

Drogaria Central - 29/03/1929

Fábrica de Doces Zula - 1929

Casa Popular

BANCOS E CAIXAS

- Banco Popular de Descalvado ou Banco Comercial de Vicente Tallarico (funcionou no Prédio localizado na esquina da Bezerra Paes com Guerino Oswaldo - Bar Mussolini);
- Banco Comercial do Estado de São Paulo - 1926. Funcionou em prédio localizado na esquina das ruas 24 de outubro com Coronel Arthur Whitaker defronte a Praça Barão do Rio Branco. No andar térreo funcionava a agência e o sobrado era residência do gerente e família. Curiosidade: Existe no local um cofre muito antigo, conhecido como “Casa forte”, que

devido ao seu peso e tamanho, não pode ser retirado. Um dos gerentes do Banco Comercial, no período de 1933 a 1947, foi o senhor Hamilton Wood, pessoa muito conhecida e estimada.

- Caixa Econômica do Estado de São Paulo - 1919;

- inauguração do prédio atual em 08/09/64;

- Banco Moreira Salles (atual Unibanco) - 1947;

- Banco Federal de Crédito (atual Banco ITAÚ) - 1953;

- Banco da Lavoura e Comércio (atual Banespa) - 1968;

- Caixa Econômica Federal - 1974;

- Banco do Brasil - 1978;

ALGUNS ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS, BANCÁRIOS, ENTIDADES E AGENTES AUTÔNOMOS QUE JÁ ENCERRARAM ATIVIDADES (Luiz Carlindo Arruda Kastein - Mário Sebastião Bonitátibus)

Alfaiataria De Marco - Rapahel De Marco - Rua Bezerra Paes
Alfândega Descalvadense - Feliciano de Salles Cunha - Rua José Bonifácio esquina com Bezerra Paes (fazendas, armarinho, cahapêus, calçados, perfumaria, roupas feitas, arreios, ferragens, livros, objetos de escritório, louças, bebidas, secos e molhados. Também exercia o ramo de Comissário de Café recebendo em consignação café de qualquer qualidade, com adiantamento de 80% do valor à vista do conhecimento, representando a firma Dorso & Cia de São Paulo, estabelecida a rua Paula Souza, 5 e 7)

Ao Taco de Ouro de Antonio Nunes dos Santos

Associação Rural de Descalvado - fundada em 1946

Banco Comercial do Estado de São Paulo - fundado em 1926

Banco Federal de Crédito - fundado em 1953

Banco Moreira Salles - fundado em 1947

Boliche Descalvadense de Capitão Guilherme de Carvalho Whitaker;

Caixa Econômica Estadual - fundada em 1919

Casa Alfredo - 1943 - Rua José Bonifácio - Armazém

Casa Carvalho - 1881 - Rua Cel. Tobias, 66 - Armazém

Casa Fava - Avenida Guerino Oswaldo, 251 - Tecidos

Casa Nova de Marciel Vilela - Rua José Bonifácio, 604

Casa Sabonge - 1882 - de Irmãos Sabongí Av. Guerino Oswaldo Central Hotel - 1888 - Herbert Müller - Praça da Matriz, 38

Chalet de Loteria de Antonio José Martins - Av. Cel. Tobias

Cooperativa dos Funcionários Públicos e Bancários - 1956

Fábrica de Arreios - Jonas B. de Castro - Av. Cel. Tobias

Fábrica de Carroças de Francisco Todescan - Rua Municipal

Fábrica de Macarrão Descalvadense de Carlos Mayese

Fábrica de Sabão de Américo Annovazzi - Av. Cel. Tobias

Foto Bazar Nacional de Ricardo Carandina

Loja da Syria de Miguel Sabonge - Rua Bezerra Paes - Tecidos

Lotérica Gato Preto - 1.944 - Rua José Bonifácio, 432

Marmoraria Descalvadense de José Paulini - Largo da Matriz, 23

Officina Mechanica de Jorge Blackburn - fabricava carroções

Photographia Mehler - 1900 - Nuno Mehler - Rua Barão do Descalvado, nº 9

Salão Americano - 1900 - Eugênio Nocenzo - Av. Guerino Oswaldo

Sapataria Art-Nouveau de Pedro Sabbatini - Rua Cel. Tobias, 19

Serviço Funerário - Prestado pela Santa Casa de Misericórdia

AGENTES AUTÔNOMOS

Romeu Bonitátibus - Jornal Italiano Phamphulla;

Bicycletas New-Hudson, Máquinas de escrever Underwood e Gramophones RÇA Victor - de Gaveau e Schiedemayer;

Mala Real Inglesa (passagens) - de José de Campos Penteado

CONSTRUÇÕES MAIS ANTIGAS DE DESCALVADO (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

- **Igreja Matriz** - 1832 (reformas em 1842, 1876, 1881, 1903, 1925, 1935)

- **Estação ferroviária** - 1882

- **Residência de Paulo Casati Filho** - 1883 - Avenida Guerino Oswaldo, 423

- **Caixa d'água da “Biquinha”** - 1887 - Abaixo do armazém da Estrada de Ferro

- **Mercado Público Municipal** - 1887 (Demolido em 1948)

- **Hotel Descalvado** - 1888 - Praça da Matriz

- **Residência de Alfredo Franzim** - 1890 - Rua Barão do Descalvado, 485

- **Sede Social da Paróquia** - 1890(?) - Praça da Matriz

- **Santa Casa de Misericórdia** - 1895

- **Coreto e Chafariz do Jardim Velho** - 15/11/1900

- **Prédio do CERD** - 1900(?) - Praça da Matriz

- **Hotel dos Viajantes** - 1900(?) -(fundado como Grand Hotel de Emílio Monte Forte) - Avenida Guerino Oswaldo, 20
- **Grupo Escolar Coronel Tobias** - 1911
- **Prédio do Banco Comercial** - 1926 (?)
Bebedouro dos Animais - Largo da Estação Ferroviária - 1948

ALFÂNDEGA DESCALVADENSE (Mário Joaquim Filla)

Em muitas crônicas publicadas através do tempo na imprensa de Descalvado, foi citada a existência em Descalvado da famosa “Alfândega”, grande armazém de movimentação dos produtos produzidos no município, como, também, importação de artigos do exterior, mas dedicando-se, principalmente, ao comércio e exportação de café. No livro “Sertão Encantado”, aparece a informação sobre a “Alfândega”, já instalada no começo do século e com sua localização referida junto a Estação da Estrada de Ferro Paulista. Depois fotos a mostram na Praça Nossa Senhora do Belém, na esquina das ruas Bezerra Paes com José Bonifácio. É citado também, que Feliciano de Salles Cunha que aqui apareceu no começo do século, ainda moço, foi um dos seus proprietários. Podemos deduzir então que Feliciano abriu a “Alfândega”, inicialmente como exportadora de café, em prédio ao lado da estação ferroviária, depois quando ampliou os negócios para armazém e importadora, transferiu-a para o prédio na Praça Nossa Senhora do Belém.

SALÃO AMERICANO - (Mário Joaquim Filla)

Salão Americano, à rua 13 de maio (hoje Avenida Guerino-Oswaldo) de propriedade de Eugênio Nocenzo e João Batista Salvador, desde a sua instalação nos primeiros anos do século até 1917, quando o segundo retirou-se com sua família, para a cidade do Rio de Janeiro. João Batista Salvador, italiano, era consorciado, em segundas núpcias, com D. Júlia Bevilacqua. Do primeiro consórcio, nasceram, entre outros, em nossa cidade, Prudente Bevilacqua, mais tarde maestro de música militar, em Lorena, neste Estado; e Francisco Bevilacqua, alto funcionário do Senado Federal, até anos atrás. Com a ida de João Batista Salvador, para a então Capital da República, o Salão Americano passou a pertencer a Eugênio Nocenzo que se associou a Vitorino Salomão. Essa famosa barbearia de Descalvado, que durou até 1930, foi, enquanto existiu, a da elite fazendeira e urbana. Nela, eram servidos os grandes proprietários rurais daqueles tempos de fazendas repletas de cafeeiros e de famílias colônias. Eram servidos os mais destacados comerciantes locais, as autoridades mais influentes, os representantes das profissões liberais, enfim, a gente de prol da cidade e do município. Havia os que tinham, em separado, suas navalhas próprias, máquinas de cortar cabelo, escovas, pó-de-arroz, perfumes e toalhas. Tudo devidamente acondicionado em gavetas individuais e, como se percebe, para uso exclusivo de seus proprietários e que eram muitos. Além de sua parte de barbearia com suas seis cadeiras, sempre ocupadas pelos seus inúmeros e constantes fregueses, o Salão Americano comerciava com perfumes, com cosméticos, com cigarros e charutos, com jornais e revistas. Entre os que trabalharam nele, por todo o seu tempo de existência, devem ser lembrados João Batista Salvador, Eugênio Nocenzo, Vitorino Salomão, Satyro Vieira Lício, Itagiba Vieira Lício, Valentim Giorgi, Emídio do Espírito Santo, irmão materno de Eugênio Nocenzo; Lino Spanghero, José de Paula (Juca Paulista) e João Batista Nunes. Naqueles tempos, trabalhava-se nos domingos e dias santificados, até às 15,00 horas. No Salão Americano, ao tempo em que eram atendidos ou enquanto esperavam ser atendidos, os fregueses fabulavam dos eventos do tempo, discutiam política local, nacional e internacional e, a princípio, trazidos por bem aparelhados trôles, com o tempo, foram sendo conduzidos pelos primeiros Ford, Oldsmobile, Buick, Nash, Alfa Romeo, Lancia e Packard que o município conheceu, no advento do automóvel. E toda essa gente rica que tinha os melhores trôles de Descalvado, que possuiu os primeiros automóveis de Descalvado, eram destacados fregueses do Salão Americano, de Eugênio Nocenzo e Vitorino Salomão e onde, além do atendimento para cortes de barba e cabelos, havia o perfume estrangeiro para ser adquirido, os jornais do dia, as revistas cariocas e o bom charuto da Bahia. A grandeza cafeeira de Descalvado, sem dúvida alguma, esteve bem representada pela fineza, pela amplitude e pela variedade do Salão Americano.

A ALFAIATARIA DO RAFAEL DE MARCO (Gerson Álfio De Marco)

Rafael De Marco veio da Itália como alfaiate (e músico) e acabou como Serventuário da Justiça, na comarca local, titular do Cartório de Distribuidor, Contador e Partidor. Sabemos que residiu em Curitiba, no Paraná; e em Campinas,

em nosso Estado, antes de vir para Descalvado, para integrar a Banda de Música do Maestro Altério, rival do Maestro Buttera.

Como membro da Societá Fratellanza Italiana foi representante consular da Itália em Descalvado. Era o tempo em que as facções políticas mantinham suas filarmônicas, esmerando-se em compô-las de ótimos musicistas. Assim, de Campinas veio ele para a Banda do Altério que sabemos ter sido músico notável, clarinetista exímio, formado no celebrado Conservatório de Santa Cecília, em Roma. Era o ano de 1902, quando ele aportou em Descalvado para dela, jamais sair, até a sua morte em 1955. Casando-se com Santana Giorgi, com a responsabilidade de família, estabeleceu-se logo, com oficina própria. E sempre, a participar, com seu bombardino, das diversas corporações musicais de Descalvado, até 1920, quando abandonou, de vez, a Música. Sua Alfaiataria, sempre à Rua Bezerra Paes, durou de 1907 a 1945. E, durante todo esse tempo, foi local de obrigatoria reunião de muitos descaltadenses, seus amigos. Nela, havia sempre o cavaco costumeiro, especialmente à noite, pois, naqueles tempos, trabalhava-se até às 20,00 horas. E até mais. Falava-se, ali, o Descalvado do tempo. E, com as novas locais, as do exterior: a Guerra Ítalo-Turca, a 1ª Guerra Mundial, a 2ª Guerra Mundial. As nossas revoluções: de 1922, 1924, 1930 e 1932. Fixemo-nos nos seus últimos anos. Era um velho ritual a reunião diária, à noite, dos habituais jogadores de víspera. Um parenteses, aqui: a partir das 20,00 horas, fechando a sua oficina, Rafael De Marco, abria o interior de sua casa, para um inocente jogo de víspera. Eram os seus amigos, mais recentes, mais velhos, num reunir alegre, desprovido de cerimônias. Os políticos do tempo: Dr. Sebastião Caiubi da Costa Soares, Dr. Victório Amadeu Casati, Paulo Casati e José Elias; os colegas do Fórum, Oscar Ferreira de Carvalho, Carlos Púlici, Antonio de Campos Camargo, Gabriel Lefcadito, o Juiz-de-Direito da Comarca, Dr. Herculano Ribeiro; o Pároco local, Padre Manoel Alves; Odorico Moisés da Silva, de tez negra, comprador de café, tenente da Guarda Nacional; o Dr. Anastácio Vianna, Romeu e Camilo Bonitátibus, Fernando Villa, Vicente César Casati, Alexandre Casati, Artur Casati, Orderigo Gabrielli, Pedro Belmarço de Oliveira e outros. A diária espera para a reunião lúdica, habitual era preenchida com a cavaqueira animada, na ante-sala da alfaiataria que era bem grande, registre-se de passagem, com suas quatro portas para o exterior. E, enquanto os amigos conversavam, Rafael De Marco alfaiatava para a sua freguesia urbana e rural. E ouvindo como todos, o Dr. Anastácio Vianna a exaltar a França, onde estivera estudando; Oscar Ferreira de Carvalho, com sua prosa escorreita, florida; o Dr. Victório Amadeu Casati, sempre com ditos espirituosos; Fernando Villa a recordar suas jornadas de artilheiro da 1ª Guerra Mundial; Camilo Bonitátibus a contar, com muito chiste, suas engraçadas anedotas; o Dr. Herculando Ribeiro, lembrando fatos de sua passagem por Itaporanga e Itararé; enfim, todos a dizerem sempre alguma coisa de sério e de cômico; a dizerem suas reminiscências, a comentarem os fatos mais significativos do cotidiano... E por causa de tudo isto, Rafael De Marco, pacífico, acolhedor, foi aprisionado por duas vezes, como revolucionário! Em 1924 e em 1930. Pelos políticos locais da oposição e pelo simples fato de que, entre os que se reuniam, em sua alfaiataria, havia os que eram contra Carlos de Campos, em 1924; e o Getulismo em 1930. Mas foram simples detenções, curtas e não molestadoras. Para encerrarmos, não poderemos deixar de fazer menção ao famoso banco da alfaiataria, pois, além das cadeiras onde se sentavam os interlocutores, havia, também, um banco de madeira que era ferido, constantemente, pelos canivetes de alguns dos frequentadores do local, que depois de danificá-lo muito, em seu encosto e assento, providenciavam novo encosto e assento até danificá-los, de novo; e, de novo, trocá-los. Como uma fênix de ferro e madeira, o banco famoso renascia dos canivetes dos inábeis entalhadores!

O BAR DA DONA AURÉLIA (Gerson Álfio De Marco)

Primeiros anos do século atual. Descalvado a exuberar na sua cafeicultura de três dezenas de milhões de cafeeiros espalhados por suas prósperas, bem povoadas fazendas. Sede urbana a oscilar, populacionalmente, entre três mil a quatro mil habitantes. Zona rural, com mais de vinte e cinco mil habitantes. Armazéns de secos e molhados em lugares estratégicos (comercialmente) para fornecimento de fazendas circunvizinhas. E algumas farmácias, na vastidão territorial de Descalvado riquíssimo e celebrado, como chão ubérrimo para café de especialíssimo sabor. Na cidade, na Rua Bezerra Paes, a *Confeitaria do Filipinho*. Não declinamos o seu nome de registro, por o ignorarmos, mas isto que é de primacial importância, como batismo comercial, pouco

significa ante o batismo popular, sempre expressivo, sempre oportuno. Algo de íntimo, de muito carinhoso, até. Felipe João viera do Oriente longínquo, da lendária Síria. Coragem e laboriosidade oriental trazidos para Descalvado monuclotora. Aqui, consorciou-se ele com D. Aurélia Valente, da operosa, benquista família Valente. Uma feliz união de dois estrangeiros, em terra estrangeira, mas terra de eleição. O casal abriu, em Descalvado, então, a sua confeitaria. Precisamente a Confeitaria do Filipinho, da denominação popular. Localizada defronte ao Cine Ideal, tornou-se ela o centro de reencontro dos descaldadenses, nos lares feriais e jornadas domingueiras. Havia, para todos, o bom vinho estrangeiro, a cerveja, empalhada: a gasosa, as latarias, os bons petiscos. E o bilhar, para as tacadas famosas do José Pimenta, o grande campeão dos seguidos torneios do intramuros, nos primeiros tempos; e a do José Manoel de Arruda (o Juca da Henriqueta), para os seus derradeiros lustros. E assim, o Descalvado se reunia, cotidianamente, na afamada confeitaria, conhecida, até a morte de Felipe João, por Confeitaria do Filipinho, como dissemos de início; e deste ano, até 1933, quando ocorreu a sua venda, como Bar da Dona Aurélia. Nos seus últimos anos, era o bar também, o seletor local de reunião dos enxadrestas locais do tempo: o Dr. Herculano Ribeiro, Juiz-de-Direito de Descalvado, por diversos anos; o Dr. Anastácio Vianna, filantropo médico; os professores Antenor Erveu Bettarello e Pedro Elias; Romeu Bonitátibus, Alberto João Domingues, filho de Dona Aurélia; Januário Cúculo, conhecido amador teatral; e outros mais. Sem dúvida alguma, um lugar que entrou para a história de nossa cidade. Familiarmente acolhedor. Oásis de paz. Lugar dos diálogos dos descaldadenses de então, falando a sua política, a sua prosperidade, os seus anseios; as notícias do exterior; enfim o dia-a-dia da alegria e do luto de Descalvado daqueles tempos. E tendo sempre, entre outros, os famosos sonhos e pastéis que davam maior renome ao estabelecimento. E figura infalível, neste, a um de seus cantos, solitário em sua mesa, Antônio Valente, progenitor de Dona Aurélia, italiano de ótima cepa, na glória de sua velhice sadia e feliz tomando o seu costumeiro *bicchiere* de vinho peninsular. Como um nune tutelar do bom lugar do bom reencontro da boa gente de Descalvado de então!

A FARMÁCIA CENTRAL (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

Inicialmente foi a Pharmacia Central do Ninico, “farmacêutico da boca do mato”, como era costume dizer na época. No ano de 1929, Benedito de Arruda Oliveira, adquiriu na Praça da República em São Paulo, os móveis e utensílios da Pharmacia Confiança, então em solvência, e os trouxe para Descalvado, abrindo a “Botica” na Avenida Guerino-Oswaldo, onde hoje é a Casa Fava. Pouco tempo depois viria adquirir o prédio à Rua Bezerra Paes nº 432, onde a farmácia, hoje Drogaria, funciona até hoje. Ali eram manipuladas as ervas de acordo com o receituário médico. Eram raríssimos os remédios industrializados. Fazia-se de tudo: chás, cápsulas, supositórios. E trabalhava-se sobretudo aos domingos. Os clientes chegavam das fazendas logo cedo, amarravam o animal nas argolas existentes na frente do prédio, entregavam as receitas e saíam para os programas da época: a missa na Matriz, as compras nos armazéns, as reuniões nos bares. Por volta das três horas da tarde, voltavam para a farmácia, recolhiam os remédios, que eram marcados em conta corrente, para pagamento a prazo de safra, muitas vezes atingindo um ano. Mas na época a inflação era baixa, e o comerciante suportava. Ninico tocou a farmácia até 1942, quando foi vendida para Carlindo Boller Kastein. A farmácia tomara novos rumos, já nesta época os médicos mesclavam os remédios manipulados, com os industrializados. A farmácia se tornaria o ponto de encontro da gente daquele tempo, o farmacêutico, os médicos, os clientes, os amigos. E as novidades da época ali chegavam primeiro, nos papos descontraídos ao cair da tarde, trazidos ou pelos jornais, ou pelas notícias das poucas emissoras de rádio que eram precariamente sintonizadas nos enormes receptores valvulados que ficavam à frente de todos, no balcão principal da farmácia. E o Carlindo foi dos primeiros a possuir na cidade, o rádio Zenith, o gramofone, a rádio-vitrola, a eletrola de alta fidelidade, o som estéreo, a televisão. E ali bem na frente do prédio o orgulho maior: as duas bicicletas Raleigh, com câmbio, importadas da Inglaterra. Bons tempos aqueles em que a residência do Carlindo ao lado da farmácia, permanecia com as portas abertas durante toda a noite. O freguês que tinha atendimento de 24 horas, entrava durante a noite, casa adentro e ia despertar o proprietário na beira da cama. Contam-se casos pitorescos da época: as crianças que para irritar o atarefado proprietário da farmácia, vinham, a pedido de vizinhos gozadores, solicitar 500 gramas de “boller kastein” em pó. O cliente acometido de crise de dor de ouvido, que depois de

adquirir uma caixa de supositório, consulta a receita médica e verifica a indicação “uso local”. No dia seguinte volta a farmácia e reclama: “Seu Carlindo, não foi fácil ficar segurando este supositório no ouvido”. O outro que depois de receber a indicação do farmacêutico para tomar um sonrisal para amenizar a dor de cabeça, volta confuso a farmácia, dizendo que não conseguira engolir “tão grande comprimido”. Muitos outros casos, perderam-se no tempo, a farmácia virou drogaria, e continua até hoje, no mesmo local, setenta anos depois, atendendo a gente descaldadense.

CERVEJARIAS DE DESCALVADO: (Gerson Álfio De Marco)

Antes da grande industrialização da cerveja em São Paulo e no Brasil, e mesmo já iniciada esta, Descalvado sempre fabricou sua cerveja, até que, pela década de 20, fechou sua derradeira fábrica. Dada a grande população rural, na época do fastígio do café, às entradas da sede urbana, erguiam-se cervejarias de proprietários locais e todos fazedores de ótimos produtos, usando, para isso, entre os ingredientes necessários, alguns importados da Alemanha, a terra da cerveja por excelência. Foi época de muita camaradagem, de constantes piqueniques e estes, especialmente nas proximidades das cervejarias. Sabe-se que naqueles tempos a segunda feira era dia de folga para os artesãos e, então, nesse dia, reuniam-se todos nas cervejarias descaldadenses, para uma festiva jornada de muito beber e comer. De 1890 até pouco mais de 1920, existiram em Descalvado as seguintes cervejarias:

- Cervejaria Fumagali (Bairro de São Sebastião);
- Cervejaria Sassi;
- Cervejaria Tirolim (ficava às margens do Ribeirão Bonito, caminho da Fazenda Ibicoara, propriedade da família Eugenio Anselmi);
- Cervejaria Gargantini de Guilherme Gargantini (Av. Cel. Tobias);
- Cervejaria Tamanduá de Pompeu Brambilla (Bairro do Tamanduá).

ENTIDADES ASSISTENCIAIS: (Gerson Álfio De Marco)

- **LAR ESCOLA IMACULADA CONCEIÇÃO:** fundada no dia 30 de março de 1905, nasceu para uma existência frutuosa, no campo da filantropia. Foi-lhe o inolvidável fundador, o então Vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Belém, Padre Manoel Rosa, com o apoio da Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, supervisionadas pela Madre Cecília do Coração de Maria. Ao apelo do virtuoso sacerdote e da Irmã, levas de esforçados descaldadenses de então reuniram-se para a difícil obra. E a realizaram eles. Com imenso idealismo, com ingentes trabalhos, com adjutórios monetários e espirituais. Erguido, o asilo, destinado a meninas órfãs, foi ele entregue aos cuidados das zelosas Irmãs Franciscanas. E sob a direção destas, com a assistência espiritual da Igreja e a colaboração constante de todos, o tradicionalíssimo orfanato descaldadense foi vencendo os anos, as grandes dificuldades de todos os tempos, mas cumprindo, egregiamente, a sua subida missão.

- **LAR EDUCACIONAL DESCALVADO** (Fundado por espíritas em 14/10/1962 como Lar “Joaquim Timótheo do Amaral” depois Lar do Menor Desamparado e finalmente como Lar Educacional Descalvado.

LAR SÃO VICENTE DE PAULO:

Inicialmente Asilo São Vicente de Paulo.

- 25/07/1937 - doação do terreno pela Paróquia Nossa Senhora,
- 23/08/1937 - eleição da primeira diretoria, que ficou assim constituída: Diretor, Reverendo Padre Luiz Soriano; Mordomo, Lázaro Timótheo do Amaral; 1º Secretário, Octaviano Camargo Júnior; 2º Secretário, Oscar Ferreira de Carvalho e Tesoureiro, Sr. Carlos Púlici.
- 08/09/1937 - solenidade de inauguração.

ASILAR:

(mantido pela Igreja Evangélica Assembléia de Deus)

- 1971 - doação do terreno nas margens da rodovia SP-215 pela Sra. Regina Halepian Antunes
- 08/09/78 - solenidade de inauguração

CINEMAS DE DESCALVADO:

- Cinema Campos - 1910 à 1930
- Cinema Biju - 1910 à 1913
- Cine Ideal - 1913

- Cine Central - 1930
- Cine São José - (Empresa Achilles Tognetti) – A inauguração do CinemaScope deu-se com o filme “O Manto Sagrado”.
- Cine Belém - (Empresa Antonio Pádula Netto Ltda)
 - funcionava no Centro Pastoral - 1964 à 1966 – O primeiro filme exibido foi “Taras Bulba”. Curiosidade: A projeção era maior que a tela.
- Cine Umuarama.

CINEMA

(FRANCISCO B. LÍCIO escreveu para o Jornal “O Comércio” no ano de 1970)

Houve época em que o velho Descalvado, chegou a ter várias casas de cinema em funcionamento, entre, outras, o “Bijou”, no local onde mais tarde residiu a família “Juvenal Macedo”, o do Capitão Campos à rua Cel. Tobias, etc. Com a construção do novo e moderno Cine Central, feito com a observância de todos os recursos técnicos de então, os demais passaram a definhar, desaparecendo aos poucos. A então chamada “arte muda”, ou “sétima arte” era a coqueluche da população, tão carente de distrações. O cinematógrafo - nome completo, como se usava dizer estava em sua fase áurea, com a nascente indústria americana começando a sufocar a européia, até então senhora indiscutível do mercado mundial. As Francesca Bertini, as Pina Menichelli, os Max Linder, passavam a ceder a vez às novas e esportivas Pearl White, às Mary Pichford “a namorada da América”, e o próprio Charles Chaplin. Um vento de renovação varria a arte cênica. Descalvado, como todo o mundo, foi preso do furor cinematográfico; só se falava em cinema, só se vivia o cinema; comentavam-se os filmes da véspera, e esperava-se em agonia os filmes da noite. A atual voga da tele-novela nem de longe consegue lembrar o monoideísmo gerado pela paixão do cinema. E filmes havia que deixavam marcas profundas, os velhos dramalhões lacrimogênicos, que a memória coletiva retinha para sempre, constantemente a comentá-los e a compará-los, numa dissecação constante de suas melhores e mais emocionantes cenas. Quem jamais ousaria esquecer o inolvidável “Honrarás Tua Mãe”, onde no meio de profundas lágrimas chegava-se à conclusão irrefutável de que o bem sempre triunfa sobre o mal, e de que todo vilão será um dia castigado? E os filmes em episódios, em série, riquíssimo filão recém descoberto, que eram projetados aos pedaços semanais, trazendo em suspenso a todos, com os perigos que os inimigos, sem moral e sem escrúpulo, invariavelmente procuravam infligir ao simpático e cavalheiresco herói? Como se sofria com as agruras e desditas do Wilian Farnum, do Hoot Gibson, do Buck Jones! E como se ria com as trapalhadas do Chico Bóia do Haroldo Loyd, do Carlitos... E o velho e elegante James Jim Jeffries, outrora campeão mundial de box dos pesos-pesados, mas que interpretando o seriado “O Homem da Meia Noite” deixava-nos a todos nós humilhados e vencidos, com a sensação da nossa pequenez e fraqueza! Os filmes eram anunciados com grande antecedência, em cartazes coloridos, colocados no saguão do cinema; e proclamados em programas volantes, distribuídos de porta em porta pela molecada, em troca de uma entrada grátis, bem como apregoados, pelas enormes tabuletas de zinco, colocadas estrategicamente em certas esquinas. Foi a grande época do “divismo”, em que se murmurava reverentemente, quase com unção, o nome dos grandes astros e estrelas. Bastava um filme qualquer do Tom Mix para abarrotar o cinema, por mediocre que fosse o enredo. O grande astro da época e, também de todos os tempos, era Rudolph Valentino, um italiano de cabelos lisos e negros, cheios de vaselina como os de um cantor de tango, e olhar languido de mormaço, que com seus esgares d’olhos punha a loucura nas cabeças femininas. Morreu em 1926 deixando viúvas a milhões de mulheres em todo o mundo, inclusive em Descalvado. Pouco tempo após a sua morte, um ou dois meses se tanto, o Cine Central exibiu, num Domingo, a uma de suas fitas “A cobra”, em que ele trabalhou com Nita Naldi. Ao serem apagadas as luzes, para o início do espetáculo, e quando a máquina projetou na tela a figura esguia e morena do falecido divo, a assistência toda, num só impulso, como se houvesse sido combinado, pôs-se de pé, e saudou-o postumamente com uma prolongada salva de palmas!... Ah!



A praça, o calçadão e o murinho

Descalvado. Ó tẽmpora, ó mores... Pelos meados, do ano de 1930 o cine sonoro apareceu por aqui, com a fita “Alta Traição”, como Emil Jannings no papel de Ivã, o Terrível. Foi um frêmito, um “frisson”, como se usava dizer, quando se súbito, a voz gutural do tedesco gritou lá do fundo da tela – “Pahlen! Pahlen!” Havia espetáculo todos os dias, começando às oito horas, com exceção dos sábados e domingos, quando eram dadas duas sessões, às 7 e às 9. Os cartazes anunciavam, pomposamente, duas “soirées” às 7 e às 9 horas. Aos domingos, à tarde não havia vespéral e sim “matinée”. Adorava-se o francês, língua da gente. Sendo as fitas completamente mudas, existia o costume de fazer-las acompanhar por música um acompanhamento musical arrancado a um velho piano desafinado. Entretanto, época houve, quando o Vaninho era o dono do cinema, que os espetáculos eram acompanhados por toda uma orquestra, o famoso “Jazz Band Caramujó”, onde pontificavam musicalmente o Chico Mayese, o Degobi, o Hildebrando Todescan, o Pedrinho Penati, e outros nomes. Com o aparecimento do cine sonoro, desapareceu a música “viva” das salas, substituída, no intervalo das

sessões por uma “potente panatlope elétrica” como diziam os anúncios.

Era notável, na época, que as fitas se dividiam em várias, partes, comunentes, seis, sete ou mais pedaços, cada um deles correspondente a um rolo de celulóide. Anunciava-se assim: hoje a fita tal, em tantas partes. Projetada uma das partes, era necessário interromper o espetáculo, para descarregar a projetora, enrolar em um novo carretel a parte exibida, e carregar de novo a máquina. Tudo isso levava uns 5 a 10 minutos. Acendiam-se as luzes, os casais de namorados guardavam melhor compostura, e a população masculina projetava-se em avalanche, em direção aos dois bares fronteiros, o da dona Aurélia e do Ernesto Rusca, para tomar café, comer pastéis, sanduíches, bolos, balas, doces e o que mais aparecesse; o cinema dava muita fome...

CINEMA CAMPOS (Mário Joaquim Filla)

Quando o cinematógrafo explodiu nos anos plácidos do final do século XIX e começos do atual, Descalvado exuberava, agricolamente. O Município era intensamente povoado e a sede urbana ostentava uma vida comercial altamente próspera, consequência direta de sua celebrada cafeicultura. A moda, as conquistas técnicas, as modificações operadas nos grandes centros nacionais refletiam, aqui, nas suas devidas proporções. E, assim é que o cinema, o cinematógrafo, como sóiam chamar os do tempo dizendo a palavra exata da ciência sem a mutilação posterior, surgiu entre nós, na sua simplicidade inicial e no seu grande impacto sobre a nossa cidade provinciana. A primazia do espetáculo cinematográfico cabe ao Capitão Augusto de Oliveira Campos, político militante, entre nós; Prefeito Municipal em 1923 e 1924 e Vereador em triênios anteriores. Sua casa de exibições situava-se na atual Avenida Coronel Rafael Tobias, em prédio ainda existente e que vizinha a residência e casa comercial do sr. Moycir Rusca. Mais de duas centenas de cadeiras em salão relativamente grande, para a constante e entusiasta platéia do tempo. A tela, de tamanho médio e as máquinas de operar, atrás daquela. O primeiro operador em Descalvado e, precisamente, nesse cinema, foi Emílio Conti, oficial ferreiro que trabalhava na Oficina Todescan. Após cada parte da película, a tela era molhada, quando havia, então, regulares intervalos, uma vez que, naqueles tempos, as exibições não eram contínuas, mas sim, parte a parte. Nesses intervalos, enquanto o operador preparava a nova parte, comentava-se intensamente o já exibido testemunhando-se os grande episódios históricos mostrados, as cenas profundamente impressionantes dos filmes trágicos ou dramáticos ou os lance cômicos dos grandes comediantes. Os espetáculos eram anunciados através de tabuletas móveis, retangulares, que se colocavam nas partes principais da cidade, ou seja, nas esquinas de maior presença popular no cotidiano da cidade. As folhas locais faziam, também, anúncios dos filmes da semana. E o cinema, várias vezes por semana, fazia a delícia do descalvadense daqueles anos e só aparições quase trimestrais de circos de cavalinhos e de touros roubavam então, por alguns dias, parte da fidelíssima platéia do Cinema Campos, o nosso

primeiro cinema. Não se sabe exatamente a data de seu início e encerramento de atividades, mas existia ele, já, na primeira década do século e já não existia mais, nos fins da década de vinte. Contemporâneo do Cinema Campos foi o Cinema Biju que, porém iniciou suas atividades um pouco mais tarde e, em 1913, na Rua Bezerra Paes, defronte a Casa Popular, onde durante muitos anos funcionou o Cine São José, depois Umarama, surgiu o Cine Ideal. Este no ano de 1913. Na histórica tela do Cinema Campos, Descalvado assistiu à consolidação do cinematógrafo. Nela, desfilaram, por alguns lustros, os grandes da sétima arte da época: Lida Borelli, Francesca Bertini, Maria Jacobini, Pina Menichelli, Maria Melato, Tina Di Lorenzo, Bella Hespéria, Eleonora Duse, Leda Gys, Itália Almirante Manzini, as grandes divas; e Alberto Capozzi, Túlio Carminatti, Luciano Albertini. Maciste, do cinema italiano, o predominate; Gabrieli Robine, Darah Bernhardt, Regina Badet, Rigadin, Robinet, Tontolini, do cinema francês, estes três últimos, grandes comediantes; Dorothy Dalton, Mae Marsh, Bessie Barriscale, Enid Bennet, Lilliam e Dorothy Gish, Teda Bara, Mary Pickford, Pearl White, Florence Laurence, Mabel Normand, Blanche Sweet, Robert Harron, Owen Moore, Lionel Barrymore, Arthur Johnson, do cinema norte-americano. Neste, Chaplin iniciava sua fulgurante carreira histriônica, ao lado de Roscoe Arbuckle (Chico Bóia), Hary Langdon, Ben Turpin, e para suplantar o notável gaulês, Max Linder. O western começava a despontar com William S. Farnum e Harri Carey. E os filmes do tempo? A história, o drama, a tragédia, o idílio. Lucrécia Bórgia, Messalina, Cleópatra, Francesca da Rímini, Monna Vanna, Beatrice Centri, Cabíria. Os últimos dias de Pompéia, Madame Tallen, Quo Vadis?, Perdidos na Escuridão, Assunto Spina, do cinema italiano; O Assassino do Duque de Guise, Elizabete a Rainha da Inglaterra; os Três Mosqueteiros, Jocely Monte Cristo, O Mestre das forjas, Mães Francesas, Eu Acuso, Fantomas, do cinema francês; As Aventuras de Dollie, a Marca do Fogo, O Despertar duma Nação, Intolerância, Civilização, Por Amor ou por Ouro, Após Muitos Anos, Edgar Allan Poe, do cinema norte americano. A tudo isto assistiu o habitué descaldadense, daqueles velhos tempos iniciais. A tudo isto e ao que não citamos. Logo após a primeira guerra mundial, Descalvado recebeu a visita de Alberto Capozzi, o grande astro italiano da época, numa jornada inesquecível. Nesse mesmo dia, ele, o augusto visitante, assistiu no Cinema Campos, a um de seus filmes! Eram bons tempos esses do cinema a começar, com exibições fragmentadas com tela molhada de quando em quando? Cinema mudo, pejado de letrados? Certamente que sim para os do tempo e que, nele, tinham a sua grande coqueluche. -Hoje tem cinema? Que vai passar? Era só ler o hebdomanário da cidade ou a tabuleta na esquina mais próxima. Numa dessas, tabuletas, na esquina da então rua 13 de Maio (hoje Guerino-Oswaldo) com a Coronel Tobias, está o anúncio procurado: "Cinema Campos. Hoje - Film em 4 partes - Coração de Mulher".

CURIOSIDADES (Mário Ângelo V. Zambelli/Luiz Carlindo Arruda Kastein)

PRIMEIRA CERTIDÃO DE NASCIMENTO: Uma menina com o nome de Maria nascida em 30 de julho de 1876, filha de Napoleão Feliciano de Araújo;

PRIMEIRO ATESTADO DE ÓBITO: Registrado na data de 4 de dezembro de 1875 da escrava de nome Constantina;

PRIMEIRO CASAMENTO: de Francisco Dresler e Ana Luiza de Campos datada de 17 de janeiro de 1889;

PRIMEIROS FOTÓGRAFOS:
Nunes Miller e João Vendramine

FOTÓGRAFO CONTEMPORÂNEO -
Ricardo Carandina. Sua primeira foto foi tirada de Octaviano Pinca em 3 de março de 1941. Sua primeira reportagem fotográfica foi a da inauguração do Coreto da Praça Nossa Senhora do Belém em 27/04/1941

LEIS E FATOS CURIOSOS (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

TÍTULO DE RECONHECIMENTO

Pela lei nº 30/62 de 29 de agosto de 1962, o então Prefeito Municipal Deolindo Zaffalon, com a aprovação da Câmara instituiu a distinção de caráter individual sob a expressão "TESTEMUNHO DE RECONHECIMENTO E APREÇO", destinada a homenagear descaldadenses e pessoas outras que contribuíram para o progresso da comuna.

Decorridos mais de trinta anos, ninguém até agora, descaldadense ou forasteiro, mereceu a honraria.

ÂNCORA QUE DECORA A ENTRADA DO PRÉDIO DA CÂMARA MUNICIPAL – Pertenceu a Companhia Paulista de Linhas Férreas e Fluviais que fazia o transporte de café pelo Rio Mogi Guaçu. Foi encontrada pelo Senhor Ambrozio Mendonça e doada ao Prefeito Deolindo Zaffalon.

BALANÇA PÚBLICA -

Pela lei nº 12 de 2 de março de 1964, o então Prefeito Prof. José Ramalho Gabrielli com autorização da Câmara, deveria adquirir uma balança, para que colocada em praça pública, servisse a população, "em suas verificações de gêneros alimentícios e outros adquiridos para a sua manutenção cotidiana". Embora a lei não tenha sido revogada, decorrido tanto tempo, nossa praça principal, continua sem a balança.

SELO PARA COBRANÇA DE IMPOSTO SOBRE DIVERSÕES PÚBLICAS

Pela lei nº 14 de 4 de dezembro de 1957, o Prefeito Jayme Regallo Pereira, deveria mandar confeccionar selos adesivos, que serviriam para arrecadar 5% do valor cobrado por ingresso de casas de diversões (cinemas, teatros, circos, parques, clubes, exposições, feiras, etc). Até hoje os selos não foram implantados, e a municipalidade deixa anualmente de receber considerável quantia de dinheiro com parques, circos e festas como a do Peão e a FECID.

DESCALVADO AJUDOU A CONSTRUIR O CORCOVADO

Em meados do ano de 1923, a Câmara Municipal de Descalvado e muitos descaldadenses, coordenados pelo Padre João Baptista de Carvalho, doaram contribuições em dinheiro para o Monumento ao Cristo Redentor do Rio de Janeiro.

UM CANHÃO PARA DESTRUIR DESCALVADO

Contam que o Tenente Coronel Alfredo D'Aguiar Barros, proprietário da Fazenda Santa Maria - grande produtora de café, daí o título de Tenente Coronel, foi dono de uma carreira política conturbada, uma vez que eleito Vereador em 3 legislaturas (1905-1908/1911-1914/ 1914 -1917 e 1917-1920), renunciou em todas elas. O povo decepcionado com suas renúncias não o reelegeu quando tornou a se candidatar. Revoltado refugiou-se em sua fazenda, onde contam adquiriu um canhão e mirou para a cidade, com a finalidade de destruí-la. A Praça Luiz Celso Antonio no Jardim do Lago, possui uma réplica do canhão, rememorando o acontecimento.

OBRAS LITERÁRIAS QUE CITAM DESCALVADO

"A filha do Boticário" de autoria de Wilson Moreira da Costa, cita o Grupo Escolar Coronel Tobias, a Avenida Washington Luiz (Guerino-Oswaldo), as 3 primeiras farmácias, o Cel. Benedito Fermino dos Anjos, o prédio do CERD.

"Sertão Encantado" lançado no ano de 1977, de autoria de José de Salles Cunha Júnior, cita o trabalho pioneiro e desbravador de Feliciano de Salles Cunha, dono da Alfândega Descaldadense, empresa exportadora de Café que no início do século ficava ao lado da estação ferroviária.

"Quarto de despejo" de Carolina Maria de Jesus, é o diário de uma favelada do Canindé, as margens do Tietê em São Paulo. Em uma rápida passagem conta a história de Policarpo, um nortista que residia na favela e se aventurou com a prima de sua mulher. Quando esta descobriu Policarpo e a prima foram para Descalvado., levando todos os móveis, deixando só a cama para a mulher trair.

"Apontamentos de viagem" de Joaquim Leite de Moraes, narra a passagem do Imperador Pedro II por Descalvado.

"Letras Acadêmicas" Volume 4 da Academia Jundiaense de Letras, no conto "Precioso Encontro" narra a busca que o Padre Benedito Antonio Jahnel faz aos móveis que pertenceram aos seus descendentes na Fazenda Mato Negro de Descalvado, na época do apogeu do café.

"A Estrada do Mogi Guassu - A História dos ramais ferroviários de Descalvado e de Santa Veridiana" de Ralph Mennucci Giesbrecht, narra a história da Estação Ferroviária do Bairro do Butiá em Descalvado.

"Mestres, Santos e Pecadores: educação, religião e ideologia na Primeira República brasileira" do escritor descaldadense Marco Antonio Pratta"

OBRAS HISTÓRICAS SOBRE DESCALVADO

- “História do Descalvado” de Antenor Ervêu Betarello e Odenor Pedro Ivo Ferreira Betarello);
- “Descalvado de 1809 a 1996 de Sonia Belli;

UM CACHORRO DIVULGOU O NOME DA CIDADE

Na década de 70 uma divulgação comercial veiculada nos grandes jornais brasileiros sobre o “Canil Descalvado” localizado em Curitiba e especializado em “pointer inglês”, divulgava o nome de nossa terra quando informava que possuía o reprodutor e raçador mais difundido no Brasil, o tri campeão Xingu de Guaraituba de Descalvado. Por mais de vinte anos o “Canil Descalvado” de Sebastião Lima dos Santos, criou “pointers ingleses” e dali saíram inúmeros campeões e os entendidos consideravam a linhagem Descalvado como o que havia de melhor na criação animal. O fato é que tomando parte em todas as exposições do gênero, os produtos do “Canil Descalvado” de Curitiba que eram constantemente citados nas revistas e jornais especializados no assunto, divulgavam o nome da cidade.

FILME NACIONAL FOI RODADO EM DESCALVADO

No ano de 1963 a famosa dupla sertaneja “Tonico e Tinoco” escolheu o Município de Descalvado para a filmagem de “ Lá no meu sertão”, de João Salvador Peres e José Peres, cujas cenas foram tomadas na Fazenda Santa Maria de propriedade da família Pozzi, estradas e outros locais como o Salto do Pântano. Contracenaram inúmeros descaldenses, principalmente na “festa do arraial”.

MÓVEIS RÚSTICOS FABRICADOS EM DESCALVADO

O filme “Um caipira em Bariloche” produzido e estrelado por Mazaropi, foi mobiliado em várias cenas, com móveis rústicos fabricados em Descalvado por Antonio Cazarim, um artezão que utilizando toras, dormentes, madeira velha, tocos retorcidos, madeiras de medidas irregulares, as transforma em estantes, mesas de todos os tamanhos, cadeiras, espreguiçadeiras, bufes, barzinhos, cofres, pia batismal, abajur e uma variedade de móveis, que foram exportados para diversos países como Argentina, Estados Unidos, França, Índia e Suíça dentre outros.

SERVIÇOS PÚBLICOS (INÍCIO)

Serviço de Correio:

1865 – *Estabelecido serviço de correio particular*

1867 – *Correio público com entregas de 15 em 15 dias;*

1871 – *A entrega da correspondência passou a ser de 5 em 5 dias;*

1885 – *Com o advento da ferrovia a entrega passou a ser diária;*

Mercado Municipal - 1888

Matadouro Municipal - 1891

Serviço de água - 1898

Serviço de luz elétrica - 1902

Serviço de esgotos - 1912

Serviço telefônico sistema a magneto - 1908

Serviço telefônico automático - 1966

Serviço Municipal de Televisão - 1970

CORREIO NO DESCALVADO

(Antenor Ervêu Betarello e Odenor Pedro Ivo Ferreira Betarello)

1865 – *Estabelecido serviço de correio particular*

1867 – *Correio público com entregas de 15 em 15 dias;*

1871 – *A entrega da correspondência passou a ser de 5 em 5 dias;*

1885 – *Com o advento da ferrovia a entrega passou a ser diária;*

1 - Poderá imaginar, o cidadão que, diariamente, recebe sua correspondência por intermédio da Agência do Correio local, como seria recedida a correspondência, se houvesse, nos idos de 1832, em nossa terra? Havia correio público nessa época? Como seria transportada a correspondência?

Vejamos o que nos diz Azevedo Marques, em apontamentos Históricos da Província de São Paulo, 1º volume, a páginas 207: “O estabelecimento de correio na Capitania de São Paulo foi proibido por ordem régia de 26 de Abril de 1730, dirigida ao capitão-general Antonio da Silveira Caldeira Pimentel. Somente em 28 de Julho de 1.798 foram criadas por bando (pregão público), mandado lançar pelo capitão-general Antonio Manuel de Melo Castro e Mendonça, as primeiras linhas de Correio público, sendo uma entre a Capital e Santos e outra entre a Capital e o Rio de Janeiro. A 14 de outubro de

1.800, o mesmo capitão-general estabelecia linhas de correio público entre a Capital e as vilas de Itú, Paranaquá e São Sebastião. Leis posteriores ampliaram este importante ramo de serviço.

2 - Da descoberta do território descaldense em 1809, por Nicolau Antonio Lobo e Agostinho José Alves de Amorim até a fundação do povoado, em 1.832, por José Ferreira da Silva, não se cogitou de Correio na terra. Quando havia necessidade de enviar uma correspondência, o necessitado o fazia através de um mensageiro próprio até a Vila de São João do Rio Claro de onde havia uma correio, estabelecido desde 1812 de acordo com determinação legal. Esse correio fazia o percurso de Rio Claro à Capital, de quinze em quinze dias. Se o assunto fosse muito urgente, mais valia ir-se até o destino e tratá-lo pessoalmente, pois entre a ida e a volta da carta havia espaço de tempo de um mês no mínimo.

3 - De 1810 a 1864, durante uro quarto de século, no Descalvado, o serviço de correio entre a Villa e São João do Rio Claro era feito de favor. Aproveitava-se sempre a ida de algum fâmulos (criado) de fazendeiro, escravo ou capanga para que este, juntamente com a correspondência que conduzia, postasse mais a do missivista. E havia datas certas para essa entrega. Essas datas conduziam com o primeiro dia do mês e a segunda quinzena do mês.

4 - Progredia a olhos vistos o Descalvado. Sua lavoura era um prodígio de trabalho e os cafezais cobriam o vasto território ao mesmo tempo que as culturas de cana de açúcar, fumo e cereais. A Freguesia estava bem povoada e já se falava em instalar Câmara Municipal. Estava-se em v esperas de tornar-se Vila a Freguesia. Foi nesse afã de colméia laboriosa que um particular, o cidadão Placidino Joaquim da Mota, teve a iniciativa de instalar, em 1865, por conta própria, o correio. Era um serviço feito a expensas próprias, uma linha intermediária, que corria de 15 em 15 dias ligando Belém do Descalvado a São João do Rio Claro.

5 - Instalada a Câmara Municipal, em 1866, tratou ela do problema perante o Governo Da Província. Este não se fez de rogado e, em 18 de Dezembro do mesmo ano, em circular assinada pelo Presidente da Província, pedia informações a respeito do serviço em nossa terra. Das informações enviadas pela edilidade descaldense, resultou, em 1.867, ser criado o correio público, sempre com a remessa de correspondência de 15 em 15 dias. Foi nomeado como primeiro agente Joaquim da Cruz Pimentel.

6 – Em 11 de Janeiro de 1870, a Câmara fazia uma representação ao Governo da Província a respeito de ser estabelecido o correio para o Descalvado, de 5 em 5 dias, a exemplo de outras localidades “visto que a Vila com grande produção agrícola, merecia esse melhoramento.” Em 30 de Junho de 1871, era, pela Administração Geral dos Correios de São Paulo, pedida, à Camara, a indicação de uma pessoa para o cargo de agente dos correios,. Visto ter-se vagado esse lugar, devendo ser indicado para o lugar uma pessoa idônea. Pelo vereador Tenente Rafael Tobias de Oliveira foi indicado o cidadão Placidino Joaquim da Mota que já ocupava e bem desempenhara o cargo, tendo-se em conta que foi ele o introdutor do correio em nossa terra, expendendo, para isso sacrifícios sem conta. A indicação de Placidino foi recebida por unanimidade, resgatando-se dessa forma uma velha dívida de gratidão. Um mês após essa indicação, era nomeado Placidino Joaquim da Mota agente do Correio em Descalvado. Ainda na sessão de 30 de junho, cogitou-se de solicitar novamente ao Administrador Geral dos Correios de São Paulo, fosse estabelecido um estafeta de 5 em 5 dias, visto que o mesmo já existia em Pirassununga, não ficando por isso muito dispendioso.

Devemos acrescentar que do ano de 1.871 em diante, o correio não seguia mais via São João do Rio Claro, mas sim via Pirassununga.

7 - O cargo de agente do Correio na Vila não era espinhoso. Espinhoso era o cargo de estafeta ou condutor da mala postal. Este fazia o trajeto a cavalo para Pirassununga, pela antiga estrada que ligava as duas cidades, passando pela fazendas Santa Rosa, estrada cheia de lugares propícios para assaltos e emboscadas. Várias vezes foi o estafeta surpreendido em seu mister em plena estrada, escapando algumas vezes pela velocidade do animal de sela e sendo surrado, outras vezes, sob a alegação de que levava valores e de que esses valores deviam ser entregues aos assaltantes. Não houve, felizmente, caso de morte nesses assaltos. O cargo do estafeta era geralmente imposto pelo poder público a seus apaniguados. De vontade livre, ninguém o aceitava, pois era um cargo de sacrifício e muito perigoso. Mais perigoso se tornava o cargo quando a correspondência remetida tinha fundo político e uma das facções timbrava no afã de que essa correspondência não chegasse a seu termo. Ocasões houve que seguia a mala postal

acompanhada do estafeta e mais dois ou três capangas do partido político no poder. Eram os tempos heróicos.

8 - Novamente o cargo de agente do Correio tomou a vagar-se, em Junho de 1.871. Para esse fim, em 13 de Julho do mesmo ano, a Câmara pedia providências perante a Administração Geral dos Correios no sentido de ser nomeado um agente, pois o efetivo não mais podia exercer o cargo por sofrer de «delirium tremens». A nomeação recaiu em um protegido, dado a valentia. E tantas fez Esse valentão, transformando a agência do Correio em sua propriedade, destratando a partidários e a adversários, que a Câmara, em 9 de Fevereiro de 1.875, pedia a sua exoneração, «eis que sabia dos maus tratos por ele infringidos a todos que procuravam a sua correspondência, devendo ser nomeado, para essa vaga, o cidadão Domingos Soares de Barros Melo, cidadão probo e benquisto de todos, estando equidistante das forças políticas descaldenses. E durante muitos anos, ou melhor 15 anos, o Correio do Descalvado esteve entregue a esse cidadão. Apenas houve uma mudança do transporte da mala postal. Em 1.881, com o advento da Estrada de Ferro Paulista, o correio passou a ser diário e não mais a cavalo. Era ele transportado em vagão da linha férrea. Grandes benefícios trouxe o correio diário com a entrega todos os dias da correspondência. Já a família descaldense recebia e lia, diariamente, os jornais da Capital e a nossa agência do Correio aumentou de movimento. O serviço do correio era exercido pelo agente e um condutor de malas que também fazia o serviço de entregador domiciliar da correspondência.

A vista do incremento recebido, tratou o poder público administrativo da vila de solicitar o concurso de mais um entregador de correspondência domiciliar. O pedido foi feito em 1.882. Só em 1.889 é que foi atendido. No dia 5 de Abril de 1889, era convocada extraordinariamente a Câmara para o fim único de informar o seguinte, a fim de ser dado mais um entregador de correspondência à cidade: 1º)- Qual o número de habitantes da cidade, de ruas, largos, travessas e becos? 2º)-Qual o vencimento a pagar a cada carteiro de acordo, com: as condições de vida na cidade? Pela Câmara foi dada a seguinte resposta: 1º) - A população desta cidade (em 3 de Abril de 1.889) orça seguramente em pouco mais de 5.000 almas e o município em 12.000. Tem a cidade 25 ruas, 5 largos, 600 casas, sendo 150 de comércio.

2º) - O vencimento do carteiro, segundo as condições de vida da vila deverá ser de 50\$000 mensais. E, acrescentava a informação: É preciso entretanto atender-se que mais de 7.000 pessoas se servem desta agência por intermédio dos comerciantes e de muitos, particulares, os quais se prestam obséquiosamente a receber a correspondência das pessoas residentes fora da cidade. A Câmara aproveita a oportunidade para ponderar que é importantíssimo o movimento, desta agência, a qual rende mensalmente calculado pela média, a importância de 500\$000. Por isso a sua elevação à categoria de segunda classe será de inteira justiça, segundo o artigo 117, parágrafo segundo, do Regulamento citado por V. S.”

10 - Em 10 de Julho de 1.889, era solicitado ao Administrador Geral dos Correios de São Paulo, a criação de duas agências postais na linha férrea da **Companhia Agrícola Descaldense**, sendo uma na estação do Salto e outra na estação da Aurora. Devemos aqui esclarecer que o ramal férreo da Aurora foi construído pelos fazendeiros descaldenses que lhe deram o pomposo título acima. Posteriormente foi ele vendido à Companhia Paulista de Estradas de Ferro. A Estação do Salto passou a denominar-se estação do Pântano.

11 - Em 1.º de Maio de 1890, o Governo do Estado de São Paulo informava à Câmara Municipal de Descalvado, que, em data de 26 de Fevereiro de conformidade com o artigo 137, parágrafo 2º do Regulamento de 26 de Março de 1886, havia enviado ao Diretor Geral dos Correios de São Paulo, a proposta para a elevação da agência do Correio do Descalvado, para a segunda classe. Em 9 de Outubro desse mesmo ano, em adendo a essa informação o Governo do Estado respondia, à Câmara Municipal, que a elevação de classe da agência do Correio local, era atribuição do Ministério da Instrução Pública Correio e Telégrafo que determina, por portaria, anualmente, a sua classificação, sendo que para o corrente ano, já foi ela expedida em 20 de Julho próximo passado. Comunicava, outrossim, que a Administração Geral dos Correios, atendendo ao aumento de trabalhos da agência desta cidade, em tempo, solicitou, ao respectivo Ministério, a elevação do vencimento de 1.200\$000 para 1.800\$000 o que foi concedido e se acha em execução.

12 - Finalmente, em 15 de janeiro de 1.891, era comunicado, à Câmara Municipal haver sido a agência do Correio local elevada para a segunda categoria e estabelecido um estafeta para o ramal férreo da Aurora. De 1892 a 1900 ano que nos

serve de limite para a História do Descalvado, nada mais houve de importante a respeito do correio em nossa terra.

Nas décadas de 40 e 50 a agência do Correio funcionou na rua Bezerra Paes, defronte a Praça da Matriz; Na década de 60 funcionou na Avenida Coronel Rafael Tobias, quase confluência com a avenida Guerino-Oswaldo; No ano de 1971 foi inaugurada sua agência na rua José Bonifácio, próximo a estação rodoviária.

MERCADO MUNICIPAL

(Antenor Ervêu Betarello e Odonor Pedro Ivo Ferreira Betarello)

1 - Importância considerável na alimentação dos primitivos moradores do Descalvado, em seus primeiros anos de fundação deve ter sido o produto da caça e da pesca. As cinco casinhas em redor da rústica Capela, em 1.832, tempos depois aumentadas em número de edificações para trinta ou quarenta taperas, abrigavam aventureiros afeitos à alimentação selvagem, principalmente à pesca. Comia-se nessa época pouco e mal.

2 - Nos rios que correm pelo município, o Ribeirão do Pântano, o Ribeirão Bonito e o Rio Mogi-Guaçu e em suas lagoas marginais, pescou-se muito, desde os primeiros tempos, embora muitas vezes essa pesca se fizesse por processos bárbaros, aprendidos com os índios: o envenenamento das águas com timbós ou tinguins, cascas de ervas maravilhosas, tão fortes que nos rios onde se botava a casca maravilhosa, não ficava peixe vivo. Quando não era o timbó, era a armadilha chamada pari, cerca de taquara ou de cipó estendida de margem a margem, ou então redes adrede preparadas de arrastão, onde caíam peixes grandes e pequenos. O Rio Mogi Guaçu, nas épocas de chuvas, e enchentes, formava inúmeras lagoas marginais. (Quando as águas baixavam e se retiravam para o leito primitivo, imensa fauna de peixes ficava habitando essas lagoas, na imensa maioria peixes curimbatás. Essas lagoas eram varridas a peneiras e a redes quando a água não era profunda e cada lagoa dava centenas de quilos de peixes (quando as águas não ofereciam essa facilidade, o timbó fazia sua aparição, Era esse peixe posto a secar ao sol e salgado quando possível. Fazia-se farinha de peixe e quase sempre se preparava a paçoca de peixe, velha comida dos habitantes de então. Ainda por este tempo havia, em algumas fazendas de cana de açúcar, alambiques que destilavam aguardente. Era a aguardente, então, o remédio heróico contra a varíola e o sarampo.

6 - Agravou-se de 1850 a 1855, a situação de abastecimento de gêneros de primeira necessidade e, portanto, agravou-se a possibilidade de uma alimentação sadia e variada para seus habitantes. Os proprietários de fazenda possuíam produtos de suas terras e deles se utilizavam. Mas e os demais moradores? E aqueles que não possuíam terras para cultivá-las? Urgia adquiri-las. Onde? Aparecem, como resultado dessa situação alarmante, os primeiros mascates forasteiros, mas estes vendiam semente, bugigangas e tecidos. Para os gêneros de primeira necessidade foi preciso que o poder público (o Juiz de Paz da Freguesia, a exemplo do que ocorria em outros povoados, vilas e cidades desse tempo, permitisse o estabelecimento de Casinhas para esse fim. O que eram essas Casinhas no Descalvado? Eram construções toscas de paredes de taipas que serviam de prélio para a venda de secos e molhados. Nessas Casinhas eram vendidos os gêneros de primeira necessidade dentro de uma desordem e sujeira sem par. Era o toicinho com o arroz, o feijão com a farinha, tudo no chão imundo, atraindo moscas e outros insetos num tremendo cheiro nauseabundo. Esse estado de coisas não se modificou senão em 1860, quando o Juiz de Paz com poderes de almotacés, julgou propício o momento de por ordem na desordem. Então as mercadorias mereceram prateleiras e não caixotes e certos produtos passaram a merecer melhor guarida, não ficando expostos aos insetos e aos ratos. Foi só com o advento da Câmara Municipal, em 1866, que se deu maior impulso à higienização das Casinhas, transformando-as em vendas e empórios. As contínuas epidemias de varíola e de febres malignas que na ocasião não se sabiam de onde provinham, constantes nesse recuado tempo de nossa história, deram maior incremento ao desejo de por-se um paradeiro à sujeira das vendas e, então, a Câmara Municipal usou de suas prerrogativas máximas e ordenou aos fiscais da edilidade que zelassem pela saúde da coletividade. Data daí a melhor disposição dos armazéns de secos e molhados de nossa terra.

7 - Em 1.870, depois de uma manifestação de febres malignas, cogitou-se da criação de um Mercado Público para nele se venderem em feira ou mercado público, os gêneros do país, em todos os dias úteis, das 7,00 às 5,00 horas da tarde e aos

domingos até ao meio dia. A Câmara tomou a si o encargo de construir o mercado público, mas nada fez.

E parece ter-se esquecido da idéia, pois durante longo tempo não se rememorou mais o fato. Foi somente em 18 de Fevereiro de 1.877 que a Câmara deliberou aceitar, depois de construídos, os cinco quartos que se comprometeu a edificar o cidadão João Honório Alves Ferreira, oferecendo, à Câmara Municipal, o uso dos ditos quartos mediante um aluguel módico. Para opinar a esse respeito, foi designada uma comissão de vereadores que devia orçar o aluguel pelo menor preço. Foram construídos 5 quartos e inaugurados em 3 de Julho de 1.877, com o pomposo título de Praça do Comércio. Nada mais eram do que a reprodução melhorada das velhas Casinhas que já aludimos, pois as Casinhas haviam sido condenadas ao fechamento. Durante 6 anos serviu a Praça do Comércio. Todavia o Descalvado crescia muito e a Praça do Mercado não lhe bastava. Em 20 de Setembro de 1883, os vereadores Aguiar Whitaker e Evaristo de Campos Leite

indicaram à Câmara que mandasse construir uma casa que servisse de mercado para a vila e que nele sejam vendidos todos os gêneros e se não for possível a fatura da referida casa, seja o mercado instalado em uma casa ou local apropriado para esse fim, como melhor entender a Câmara, devendo a Câmara no caso de passar esta indicação, dar as providências precisas a fim de que seja formulado o seu regulamento, regulamento que deverá funcionar no próximo ano futuro de 1884, a 1º de Janeiro. Aprovada a indicação, foi nomeada a seguinte comissão para tratar do caso: Vereadores Gaudêncio Quadros, Evaristo de Campos Leite e Aguiar Whitaker.

8 - Parece que havia empenho na construção do mercado. Assim é que em 6 de Outubro desse mesmo ano, a Comissão de Obras Públicas da Câmara apresentou o seu parecer sobre a casa para o mercado, na forma seguinte: «A comissão de Obras Públicas desta Câmara Municipal, tendo procurado, em diversos pontos da vila, um local apropriado para o Mercado, só encontrou, que se prestasse para esse fim, o prédio e terreno do senhor José Joaquim Rodrigues que, provisoriamente poderia preencher os requisitos exigidos para uma praça de mercado».

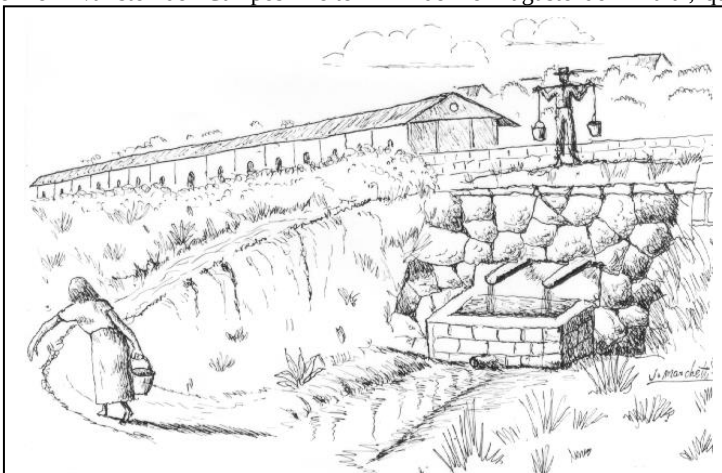
Posto em discussão o parecer foi aprovado, ficando designado o doutor Miguel Archanjo da Silva de entender-se com o proprietário da casa a fim de saber se o mesmo quer alugá-la à Câmara para esse fim. Saiu-se bem do encargo o dr. Miguel Archanjo da Silva, pois tudo caminhou favoravelmente e, em 17 de Dezembro desse mesmo ano, em vista da informação prestada pelo presidente da Câmara, de tomar-se por aluguel a casa de José Joaquim Rodrigues para servir provisoriamente de Praça do Mercado, ficou deliberado encarregar-se o Procurador Municipal de contratar com o proprietário debaixo de instruções que a edilidade lhe forneceu. Foram designados os vereadores Dr. Miguel Archanjo e Gaudêncio Quadros de redigirem o regulamento para o mercado. Esse regulamento foi aprovado na sessão de 10 de janeiro de 1.884, devendo entrar em execução a partir de 1º de fevereiro desse mesmo ano.

9 - O mercado, a título provisório, funcionou no prédio de José Joaquim Rodrigues Todavia dado o surto de progresso do Descalvado, ainda não satisfazia. Disso deu o grito contra, o vereador Boaventura Figueiredo Pereira de Barros, em 14 de Fevereiro de 1.887, indicando que, achando-se aprovado um regulamento para o mercado, a Câmara nomeasse uma comissão para escolher o local apropriado para esse fim. Essa comissão composta dos vereadores Barbosa Leite e Durismundo Lisboa, deu o seguinte parecer: «A Comissão é de parecer que se edifique o Mercado, obtendo-se, caso seja possível, o terreno legado por Agostinho José Alves de Amorim a pretos seus fâmulos (criados), ou outra que reúna as condições necessárias. Conseguiu-se com os pretos, herdeiros de Agostinho José Alves de Amorim, o terreno para a construção, terreno esse que fica ao lado de onde está agora a Estação Rodoviária. Em 16 de Abril de 1.887, era o Presidente da Câmara autorizado a contratar as obras do mercado, visto que

a Comissão de Obras Públicas já emitira seu parecer a respeito do local, cuja planta estava a cargo do empreiteiro Joaquim M. Pimenta.

10 - A construção do mercado foi um fato auspicioso. Foi construído em o terreno que pertenceu a um dos descobridores do Descalvado. E como o local impunha certa magnificência, foi ordenado que se abaulasse a rua da Liberdade entre o largo do Rosário e a rua do Comércio, «visto como é urgente este serviço para garantia do mercado que pode ficar prejudicado com as escavações das próximas chuvas». Em 1º de Fevereiro de 1888, era inaugurado o Mercado Público com grandes solenidades.

11 - Para o cargo de administrador do mercado foi nomeado Antonio Angelo Soares que desistiu sem ter tomado posse. Para esse lugar foi nomeado Teophilo de Campos Negreiros que tomou posse e foi o primeiro administrador do mercado. Em 7 de Abril de 1.888, os cidadãos Antonio Angelo Soares e Adelino Augusto do Amaral, que se instalaram em cômodos



“A Biquinha”, pintura do artista João Marchetti

do mercado pediam a redução do aluguel para 15\$000 mensais, sendo atendidos. João de Camargo Neves, administrador do mercado, em 25 de Setembro de 1.890, em ofício, reclamava, à Câmara, o fechamento do mercado, nos domingos e feriados, às 3 horas da tarde, visto que nesses dias e a essas horas, as casas comerciais se fecham, não havendo porisso concorrência de vendedores e compradores no mercado. Embora argumentasse bem, o seu pedido foi indeferido. Em 5 de

Outubro de 1.892, José Joaquim Correa, administrador, mandava colocar grades no alpendre do mesmo mercado, calçava as ruas do edifício e pedia aumento de ordenado. E o mercado, durante o século XIX não exigiu maiores cuidados do poder público e entrou no século XX como um fator de progresso descaldadense. Nota: O Mercado Público de Descalvado, inaugurado em 1º de fevereiro de 1.888 e construído nos terrenos de Agostinho José Alves de Amorim, um dos descobridores do Descalvado, não existe mais. Foi demolido entre os anos de 1948 e 1949, como também o foi o Cemitério Velho, duas relíquias do passado glorioso de Descalvado, nessa fúria inoclata de destruir o patrimônio que nossos antepassados nos legaram com suor e sangue.

MATADOURO

(Antenor Evêrê Betarello e Odenor Pedro Ivo Ferreira Betarello)

1 - Sempre esteve, na cogitação dos nossos administradores, municipais, desde o tempo da Freguezia, em 1844, o problema da carne para alimento da população descaldadense. Todavia, embora esse cuidado fosse sempre preocupação do Juiz de Paz, que, na época, era o administrador o abate e o consumo da carne verde eram de molde a despertar arrepios dadas a falta de higiene e nenhum asseio presentes à matança. Nos primórdios de sua fundação, a Vila não possuía açougues. O dono de uma vaca, quando esta não mais se prestava para a criação, ou o dono de um boi, quando este não mais servia para o carro, por ser velho e imprestável, matavam-nos em qualquer lugar, em plena via pública, se estava nos arredores ou no quintal, se no centro do povoado e ali mesmo se procedia o retalhamento. Era carne de mistura com terra empapada de sangue, moscas em profusão e sujeira, tudo em franca promiscuidade, aqui e ali com melhor aparência quando as peças eram lavadas com água do poço, água que não se recomendava muito. Prontas as peças, eram postas em carroça ou no lombo de animais e transportadas pelas ruas para a sua venda, expostas ao sol e à poeira, quando não cobertas por velho lençol ainda de uso caseiro. Muitas vezes a carne vendida vinha de animais mortos por doença, por picadas de cobras ou por cargas de chumbo estas sempre bravezas.

2 - O Juiz de Paz, de 1844 a 1866 a autoridade máxima no Descalvado, com poderes de almotacés (inspetor), tinha entre outros encargos, o de fiscalizar atividades dos carneiros e de outros comerciantes de gêneros, principalmente os alimentícios. Entre as recomendações, estava a de constante

vigilância sobre os açougues, não permitindo que eles matassem rezes que não fossem logo “limpadas dos debulhos”, nem consentissem que elas fossem cansadas no curral nem fora dele porque se tal ocorrer «se apostemava a carne». Uma instrução do Governo da Província aconselhava que se fizesse uma casa de açougue onde se talhasse a carne para que ela não fosse vendida pelas ruas de casa em casa, exposta às sujeiras. No entanto, correram anos e anos, mas no Descalvado nada se fez nesse sentido. A carne era vendida de casa em casa e exposta às sujeiras. Vendia-se carne de animais muitas das vezes suspeita de contaminação. Na época tudo tudo passava e não se falava de micróbios. Falva-se em miasmas e os miasmas eram culpados de tudo. A carne de vaca como não era miasma, não ameaçava a saúde pública e era consumida de qualquer procedência. Só se voltava para essa face do problema da alimentação, quando a população era batida por epidemias.

3 - Instalada a Câmara Municipal em 1.866, logo em 8 de Outubro, o vereador Joaquim Mendes de Moura apresentou uma proposta para que a Câmara marcasse e mandasse fazer um curral para servir de matadouro. Sendo o orçamento anual do município, nesse recuado ano de 1.866 de 1.200\$000, não possuía a Câmara recursos para essa empreitada e, então, encarregou, apelando para o patriotismo do vereador, Joaquim Mendes de Moura da tarefa acima devendo o mesmo escolher um local que não prejudicasse a salubridade pública para o curral do Matadouro. E foi-lhe dito que apenas houvesse dinheiro seria feito o dito curral “nem que fôsse de varas e pau a pique.” Joaquim Mendes de Moura, bom cidadão, impressionado com o espetáculo degradante do abate de reses em qualquer lugar, tomou a si o encargo que lhe foi confiado pela Câmara e construiu, de forma rude e grotesca, o primeiro matadouro do povoado. O problema era, no entanto, obrigar o açougueiro ou portador de animal a buscar o matadouro de Joaquim Mendes de Moura, para o abate. Clandestinamente eram feitos abates fora do matadouro e este permaneceu, praticamente, sem função. De tal maneira ficou esquecido o matadouro construído por Joaquim Mendes de Moura que o fiscal municipal de livre iniciativa sua, sem consultar a ninguém demoliu, no ano seguinte, o curral de madeira e carregou esta para outro sítio. Chegando a seu conhecimento, deu solene estrilo, no plenário o vereador Joaquim Mendes de Moura, profligando o crime de lesa-matadouro. A Câmara solidária com seu representante, em 1 de Junho de 1.857, mandou fosse descontada dos vencimentos do fiscal municipal, a quantia de 20\$000, importância relativa ao curral de madeiras que o fiscal havia demolido. Como represália contra esse desconto, em 28 de Julho do mesmo ano, o fiscal enviava um ofício à Câmara cobrando a quantia de 1\$500 (um mil e quinhentos réis) proveniente de um carreto que mandara fazer da madeira do curral do matadouro que demolira.

4 - O curral do matadouro, em 1868, foi refeito e para ali, quando era possível, eram encaminhados os animais para o abate. O lugar, porém, pouco se prestava a esse mister e o abate se fazia por toda parte. Durante 15 anos assim continuou. Em 28 de janeiro de 1.883, os vereadores Dr. Miguel Archanjo da Silva e Baptista Ferraz indicaram à Câmara, em sessão da mesma, que mandasse demarcar um terreno do patrimônio para os lados do cemitério (trata-se do cemitério velho), fechasse as taipas vinte braças por dez; dividindo-se para matadouro e curral de conselho, e que se fizesse um poço com bomba para sua serventia. Declararam ainda esses vereadores que o local indicado era o melhor possível, pois ambos os vereadores haviam estudado in loco a situação apresentada. Gozava o Dr. Miguel Archanjo da Silva, em pleno apogeu de seus dotes físicos, morais e intelectuais de renome inconfundível em toda a região e, na Câmara de acentuada predominância intelectual. A indicação dos dois vereadores foi aprovada por unanimidade e autorizado o orçamento das despesas, ficando a Comissão de Obras da edilidade designada para marcar o local e fazer o orçamento. Na sessão de 4 de Fevereiro de 1883, inexplicavelmente, pelo seu presidente, Artur Horacio de Aguiar Whitaker, foi indicado que se reconsiderasse a deliberação tomada na sessão de 28 de Fevereiro último quanto à localização do Matadouro e curral de conselho, optando-se pelo terreno pertencente a Antônio Joaquim Bueno, para o fim de, nele, ser construído o matadouro. Inexplicavelmente também, a sugestão de Artur Horacio de Aguiar Whitaker foi aprovada. Nessa mesma sessão, Gaudêncio Quadros indicou que se contratasse com Antônio Joaquim Bueno, o terreno para matadouro e curral de conselho com o prazo de 10 anos. Intervindo na discussão o Dr. Miguel Archanjo da Silva, foi por este alvitado que ficasse o presidente da Câmara autorizado a resolver o assunto do modo que melhor lhe aposses, sempre no interesse da municipalidade. Na altura desses acontecimentos é interessante

lembrar que a Câmara, em suas sessões, deliberava sobre um assunto, tomava iniciativas e ordenava providências, mas, na prática, nada se realizava. A desculpa foi sempre a falta de verba.

5 - Como nada se fizesse nesse sentido e a população sofresse as vicissitudes de um pardieiro sujo, à guisa de matadouro, em 17 de Junho de 1883, o cidadão José Ignácio Rodrigues de Oliveira representava perante a Câmara, pedindo a construção de um matadouro. Esse requerimento foi enviado à comissão de Obras Públicas e teve o seguinte parecer em data de 18 de Junho do mesmo ano. Assinaram este parecer os vereadores Dr. Miguel Archanjo da Silva, João Baptista Ferraz e Frederico Ernesto de Aguiar Whitaker. Ficou o vice-presidente Boaventura Figueiredo Pereira de Barros autorizado a construir a obra. Como vimos, prevaleceu, outra vez, o ponto de vista do vereador Dr. Miguel Archanjo quanto ao local da construção. Correram os anos de 1.883 e 1.884 e nada foi feito. A coisa ficava mesmo só no papel e na boa vontade. De prático nada havia. Foi à vista desse marasmo que, em 24 de Dezembro de 1.881, o cidadão Eugênio Pinto Pereira pediu, à Câmara, em ofício dirigido, que mandasse construir o matadouro e se a Câmara não o pudesse fazer, por falta de recursos financeiros, o peticionário se propunha a construir um matadouro provisório, deixando, porém, de pagar direitos de abate até que a Câmara fizesse construir o novo matadouro já autorizado por lei. A Câmara, ofendida em seus brios, deu o seguinte parecer: “A Câmara resolveu tomar em consideração o pedido e, em seu tempo, tomará as providências”.

6 - Enquanto tudo isso ocorria e enquanto se tratava da construção do futuro matadouro, os abates eram feitos no terreno de Antonio Joaquim Bueno, onde se improvisou um matadouro em péssimas condições que, em 2 de Julho de 1887 Durismundo Lisboa reclamou em termos violentos contra o estado de coisas e indicou uma comissão para escolher o melhor local onde se deverá, de uma vez por todas construir o matadouro da Vila, que deverá funcionar logo. Eram tão péssimas as condições do matadouro no terreno de Antônio Joaquim Bueno que, em 15 de Julho de 1887, Olímpio Catão, a serenidade olímpica de nossa terra, pediu a remoção do mesmo do local onde estava, pela fedentina que exalava, sendo seu pedido atendido. Ato contínuo, em 12 de Janeiro se 1.888 era contratado com José Simões Marques, a construção do matadouro provisório. Como o problema se agravasse e as epidemias rondavam o solo descaldense, houve murmúrios e queixas gerais. Todo o mundo lamentava a podridão do matadouro local e o mau serviço do abate. Os cidadãos José Rodrigues Torres e José Lourenço de Moraes, em petição datada de 23 de Janeiro de 1.888 expunham, à Câmara a indeclinável necessidade de construir-se, um matadouro público. A Câmara parecia atordoada com o problema e com os prenúncios maus de epidemias de varíola e febres, que, infelizmente, iriam eclodir no ano seguinte. Tomou em consideração a representação que lhe foi endereçada, mas nada fez. Em 21 de Maio de 1889, o vereador Paula Carvalho indicava à Câmara que concedesse o privilégio até 20 anos de uso a quem, com vantagens se propusesse construir e custear um matadouro público com todas as condições de aseo exigidas pela higiene. Em 15 de Março de 1890, tendo sido dissolvida a Câmara Municipal pelo golpe de 15 de Novembro de 1.889, o Conselho da Intendência descaldense, sob a proposta do cidadão Doutor Antonio de Cerqueira Lima, presidente do mesmo deliberou o seguinte: “Conceder privilégio por Abanos para arrecadar e gozar do produto dos impostos municipais sobre todo o gado que for abatido para consumo público, à pessoa ou associação que construir um matadouro nas condições seguintes: 1º) - O matadouro deve ser reconstruído segundo preceitos higiênicos e por planta previamente aprovada pela Intendência ; 2º) - construção e o custeio do mesmo durante o prazo do privilégio correrão por conta do proponente. 3º) - O estabelecimento ficará sob a imediata fiscalização. Da Intendência que expedirá regulamento para a boa ordem do serviço.

4º) - No fim do prazo reverterá, para Município, o edifício e acessórios em bom estado de conservação e sem indenização.

7 - Em 7 de Julho de 1.890 Vicente Sessa Augusto de Castro e Joaquim Ribeiro de Castro Paranhos propunham, à Câmara, a construção de um matadouro com, as dimensões de 16 metros de frente, obra sólida de tijolos e alicerces de pedras com dois quartos independentes para depósito e salga de couros, chiqueiros para porcos, todo ladrilhado de pedras e cimento, com três alqueires de terreno para pasto e descanso do gado que tiver de ser abatido, na Chácara do finado Antônio Joaquim Bueno, tudo conforme planta por eles apresentada e mediante o privilégio de 12 anos e o direito de poderem cobrar durante esse tempo as taxas de 4\$000 por cabeça de rês, 2\$000 por cabeça de porco, 1\$500 por cabeça de carneiro ou cabrito

e \$500 por cabeça de leitão, que forem abatidos no Matadouro por eles construído. Idêntica proposta fez o cidadão Augusto Arouche, pedindo o privilégio pelo tempo de 15 anos. A comissão designada para dar parecer, assim o emitiu em 9 de julho de 1.890: “A comissão é de parecer que das propostas feitas pelos senhores Vicente Sessa e companhia e pelo senhor Augusto Arouche, deve ser escolhida a dos senhores Vicente Sessa e companhia pelas seguintes razões: 1º) A diferença de prazo estipulado para o privilégio entre ambos os concorrentes é de muita importância para o município, pois traz-lhe um lucro de 12.000,00. Eis que o privilégio, pedido pelo senhor Augusto Arouche, é de 15 anos e o dos senhores Vicente Sessa e companhia, de 12 Anos, o que dá uma diferença de 3 anos que se converte em 12.000\$000 durante esse prazo. 2º) - É preferível o local escolhido pelo senhor Vicente Sessa, porque esse local é servido de água natural que conduzirá todos os resíduos para o Ribeirão Bonito. 3º) - A propriedade de 3 alqueires de terreno que ficam pertencendo ao matadouro. 4º) - Os 10 por cento de rendimento líquido que pagarão trimestralmente à Municipalidade. 5º) - Finalmente porque desistem do direito de taxas sobre todas as reses que forem abatidas pelas fazendas, ficando esse direito pertencente à Municipalidade.

8 - Na sessão de 31 de Julho de 1890, foi lida a minuta do contrato e privilégio da construção do matadouro municipal, feito pelo advogado doutor Amâncio Guilhermino de Oliveira Penteado, contendo 35 cláusulas as quais foram todas aprovadas com algumas alterações reclamadas pelos proponentes Vicente Sessa e companhia, e aumentadas outras, estas ainda exigidas pelos mesmos proponentes, que foram aceitas pelo Conselho, ficando o cidadão doutor Presidente autorizado assinar, com os referidos proponentes, a escritura de contrato que deverá ser lavrada segundo a a referida minuta e segundo as alterações feitas e com as respectivas cláusulas de aumento requeridas.

9 - Atacada a obra, não ficou ela pronta no prazo estipulado, o que motivou uma representação assinada por Vicente Sessa, Augusto Ribeiro de Castro e Joaquim Ribeiro de Castro Paranhos, Empresários do matadouro que se estava construindo, em 14 de Fevereiro de 1.891, solicitando, à Intendência Municipal, mais 30 dias de prazo para conclusão das obras, atendendo-se para o fato de que o prazo estipulado no contrato lhes era insuficiente para darem o Edifício em estado de poder ser inaugurado e isso devido a contratempos não oriundos dos proponentes. Foi concedido, aos proponentes, a prorrogação de mais 30 dias. Em 13 de Abril de 1.891, os mesmos cidadãos comunicavam, à Intendência Municipal, que se achava pronto o matadouro, concluídas as obras e, por isso, pronto para funcionar conforme o contrato por eles firmado e faziam entrega do matadouro aos marchantes da cidade. Nessa comunicação, pediam ao poder público que fosse ordenado, aos fiscais municipais, a maior vigilância no sentido de evitar-se seja abatido, fora do matadouro, gado vacum, suíno, etc., dessa data em diante. Tendo a comissão de Obras dado parecer favorável, foi ordenado que se publicassem editais nesse sentido, obrigando-se os marchantes a fazer os abates de reses, porcos, carneiros e cabritos no referido matadouro, sob pena de multa de 30\$000.

10 - Contra o moderno matadouro não faltou a grita dos interessados. Afinal de contas aquele serviço com os cuidados de higiene e de limpeza pública exigia gastos que se traduziam na taxa de matança e os marchantes estavam acostumados ao abate em suas propriedades sem pagamento algum. Além do mais, para o abate de um boi era exigida a taxa de \$4000 que, para a época, era um dinheiro, sabido que o quilo de carne, nessa época custava de um tostão a duzentos reis, sendo a carne de primeira, como o filé mignon, cobrada a \$400 por um quilo. Os marchantes e donos de açougues no Descalvado, por esse tempo, constituíam a fina flor da valentia. E os seus auxiliares eram dignos êmulos do dioguismo da época fô por terem sido atingidos em seus interesses que os proprietários de açougues, cidadãos Leolino Rodrigues de Figueiredo e Francisco Giovanini, pediram, ao conselho, providências sobre o matadouro público, pois os serviços não estavam sendo feitos de conformidade com o contrato lavrado pelos concessionários, faltando, no mesmo matadouro, sarilhos, água no postos sendo os pastos inseguros e não funcionando os salgadouros de pele nas condições precisas e com a limpeza recomendada pela higiene. Essa reclamação era apenas uma válvula da má vontade dos marchantes para com o matadouro, como isso fosse verificado por parte da administração municipal que se convenceu do desforço e da má vontade dos reclamantes, foi a petição encaminhada aos concessionários para darem seu parecer. Foi o seguinte o parecer: “Em vista do despacho retro, pedimos à distinta Intendência, nomeará uma comissão para examinar o matadouro e verificar se o mesmo

está ou não de conformidade com o contrato assinado.” (a) Joaquim Ribeiro de Castro Paranhos
Bethlém do Descalvado, 20 de Junho de 1891.

Nessa mesma data, a Empresa concessionária do matadouro pedia fosse confeccionado um regulamento para o mesmo, de conformidade com o contrato, a fim de poder ser dada uma providência a respeito do marchante João de Tal, empregado de Leolino de Figueiredo, cujo comportamento não é bom, pois que ele se embriaga para provocar desordem, injuriando a empresa e maltratando o gado destinado ao corte. Esse João de Tal nada mais era do que um capanga assalariado de Leolino de Figueiredo, postado no matadouro com o fito de ameaçar e amedrontar a empresa, para o fim de fechar-se o matadouro. A época era propícia para o destemor e o capangismo. Recordemo-nos que estava a zona do Descalvado com os municípios vizinhos, em pleno fastígio do Dioguismo. Enquanto se aguardava o regulamento para esse fim, esse João de Tal, que mais tarde se soube ser João da Costa, mineiro foragido de Minas com várias mortes nas costas, empregado de Leolino de Figueiredo, recebia, certo dia, de um capanga a serviço da empresa, tremenda surra de caçete, acompanhada de facadas. Esse acontecimento precipitou os fatos. Em 11 de Agosto de 1.891, o cidadão doutor Theodoro Ruchert Junior entregava, à Intendência, o regulamento do Matadouro Municipal, de cuja confecção ficara ele encarregado, contendo o mesmo 34 artigos e respectivos parágrafos. Foram esses artigos e parágrafos lidos em sessão e unanimemente aprovados sem alteração alguma. Mandou o Conselho da Intendência que o mesmo fosse publicado por editais. Esse regulamento era em 25 de Setembro de 1.891, aprovado pelo Presidente do Estado de São Paulo. Contra alguns artigos desse regulamento, opuseram-se, em petição enviada ao Conselho, em data de 12 de Dezembro de 1.891 os concessionários do matadouro, Augusto Ribeiro de Castro, Joaquim Ribeiro de Castro Paranhos e Vicente Sessa, pedindo revisão dos mesmos pois alguns artigos eram contrários às cláusulas do contrato assinado. Como fossem justas as reclamações da empresa, foram os artigos contrários, às cláusulas do contrato, revogados em sessão da Intendência dando-se ciência dessa resolução em editais publicados.

11 - O negócio do matadouro, com o regulamento cumprido à risca, propiciava bons lucros à empresa concessionária. Esta logo recebeu boas ofertas de terceiros para seu arrendamento. No entanto a empresa nada resolveu sem consultar a Intendência. A esse respeito foi por isso que em 9 de Janeiro de 1893, a Intendência Municipal recebia um ofício da concessionária do matadouro, participando, ao Conselho, haverem resolvido os concessionários, de conformidade com a cláusula 28 do contrato celebrado com a Intendência, transferir a mesma empresa para outrem, para o que, já tem mais de um pretendente. Entretanto, eles julgam que não devem fazer transferência a terceiros antes de proporem a este Conselho a primazia, por isso, pediam ao Conselho, que resolvesse, com urgência se convém ou não, à Municipalidade, adquirir a empresa. O Conselho da Intendência estava inclinado a aceitar a proposta mas, como se estava em época de eleições para a Câmara, pois os Conselhos iriam desaparecer, voltando as Câmaras Municipais, desistiu de emitir proposta. Por seu lado Vicente Sessa e seus sócios se quedaram à espera dos fatos políticos. Em 17 de Abril de 1893, já eleitos e empossados os novos vereadores, Vicente Sessa propôs, à Câmara Municipal, a encampação do matadouro pela importância de 18 contos de réis. A proposta foi enviada à Comissão de Obras e Contas que, reunida em 19 de Abril, deu o seguinte parecer: “Vicente Sessa e outros, empresários do matadouro, propõem, à Câmara, a aquisição do privilégio do matadouro pela quantia de 18 contos de réis. A Câmara deve aceitar a proposta pela importância de 12 contos de réis que será paga em 3 prestações anuais, devendo dita importância de 12 contos de réis vencer juros de 6% ao ano e a cada prestação serem adicionados os juros vencidos até a data da mesma prestação - e assim também na aquisição do privilégio devem ser compreendidas as benfeitorias existentes e os utensílios até agora usados no matadouro.” Foi o parecer aprovado por unanimidade. Em 22 de Abril de 1.893, era apresentada a redação do projeto de lei do matadouro e, em seguida, aprovada a mesma, passando aquele edifício a ser próprio municipal como matadouro público municipal. (Nota: O matadouro de Vicente Sessa funcionou por quase cem anos, uma verdadeira reliquia do passado).

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

1898 - Primeiro Serviço de Abastecimento de Água -

Represa do Chico Porto, inaugurada no ano de 1898, enviava água até a cidade por gravidade;

1908 - Implantação da rede de esgotos do Município, inaugurada em 1912;

1956 - Inauguração do Reservatório Ambrózio Pierobon (antigo Haras Ingá)

1997 - O Sistema de Abastecimento de água de Descalvado, é composto por sete mananciais, todos eles de origem subterrânea, são eles:

MANANCIAL	PRODUÇÃO	RESERVA
Represa Rosária	310 m³/h	ETA 2.250 m³
Represa Calmon	148 m³/h	ETA 2.250 m³
Berto	-	350 m³
Poço Morada do Sol I	18 m³/h	250 m³
Poço Morada do Sol II	25 m³/h	250 m³
Poço Jardim Lago I	13m³/h	1.230 m³
Poço Jardim Lago 2	20m³/h	1.230 m³
Poço Nicola Gola	13 m³/h	20 m³
Poço Santa Cruz	16 m³/h	150 m³
Poço Bela Vista	18 m³/h	80m³
Total	581 m³/h	4.330 m³

As represas Rosária e Calmon ficam no Córrego da Prata.

O ABASTECIMENTO DE ÁGUA POTÁVEL

(Antonio Erveu Betarello e Odenor Pedro Ivo Ferreira Betarello)

1 - O povoado do Descalvado, em 8 de Setembro de 1.832, formado de uma pequena capela e de cinco casebres, tinha, como água potável, a água dos poços abertos nos terrenos contíguos às construções rústicas. Com o correr do tempo, aumentaram-se os casebres em derredor do Pátio da Capela e pelas ruas delineadas e, então, novos poços foram abertos. Quando a água do poço escasseava, nas grandes secas, ia-se buscá-la em carroças ou nos lombos de animais, nos ribeirões que corriam e ainda correm, sulcando o povoado nas zonas oeste e norte.

2 - Por volta do ano de 1.810, descobrira-se, no meio de grande brejo, uma excelente água. Era a água da Biquinha que depois se tornou lendária em nossa terra, pois dizia-se que quem bebeu água da biquinha, cedo ou tarde voltaria ao Descalvado. A descoberta da Biquinha fez com que os moradores descaldenses, por conta própria, limpassem aquela área, drenassem as águas estagnadas por valas que iam descer no ribeirão próximo e melhorassem o sítio da Biquinha. Essa Biquinha ficava situada nos terrenos depois pertencentes à Companhia Paulista de Estradas de Ferro, bem defronte ao seu Armazem de Cargas. Foi essa biquinha que durante sessenta anos serviu a cidade e matou a sede dos velhos descaldenses.

3 - De 1.860 a 1.898, existiram, no Descalvado, os aguadeiros que vendiam água em barris, cuja carga era conduzida em carroças e animais. A água vendida era a da Biquinha mas muitas vezes, a água do ribeirão próximo também se prestava para esse mister.

No curso de 1.845 a 1.865, o Juiz de Paz da Paróquia, que tinha poderes de administração, tomou, a si o encargo de melhorar o local onde corria a Biquinha. É dessa época a pequena mureta que se fez de cantaria, guarnecendo o barranco de onde jorrava a água. Quando se instalou a Câmara Municipal, esta tomou o encargo de zelar pela Biquinha, mas nenhum melhoramento operou em relação à sua conservação. E foi com água dos poços e com água da Biquinha que se serviu a população. Nesse tempo de água difícil, o banho era caro, banho que se tomava em grandes bacias de folhas de Flandres, ou em pipas de aguardente serradas ao meio.

4 - Quando surgiu no povoado uma epidemia quando grassavam febres malignas o clamor popular se voltava contra a água de poços, água contaminada quase sempre pela proximidade de cloacas ou de fossas sanitárias que na época, se denominavam latrinas. E, então, o problema era tratado teoricamente e a Câmara ordenava que se limpasse o matagal adjacente à Biquinha e que se conservasse dito sítio sempre limpo. Mas era só. E isso correu loutro tempo até que o vereador Gaudêncio Ferreira de Quadros, à vista do estado de apreensão que se fazia notar na Vila, em 28 de Janeiro de 1.883, indicou à Câmara para que esta representasse perante a Assembléia Legislativa da Província pedindo o auxílio de 8 contos de réis para a canalização de água potável e construção de um chafariz para servidão pública, visto ser esta uma das necessidades mais prementes da Vila. Nessa ocasião, mesmo na Capital da Província, a água era canalizada para chafarizes colocados em lugares de fácil acesso. Nesses chafarizes,

colocavam-se duas ou mais torneiras e a população ali ia se servir de água potável. O vereador Miguel Arcanjo da Silva, que foi um dos grandes descaldenses do século XIX, verificando que o que era pedido pelo seu colega Gaudêncio Quadros era obra de grande vulto e porisso mesmo não se realizaria tão cedo, apresentou, em aditamento à indicação acima, uma emenda que ao invés de pedir à Câmara 8 contos de réis para a canalização da água potável para um chafariz, se fizesse uma caixa de água com uma ou duas torneiras na fonte desta Vila denominada Biquinha, gastando-se, nisto, até um conto de réis, cuja quantia seria tirada do pedido de empréstimo de 20 contos de réis, já feito e prestes a ser recebido.

Posta a votos a indicação do vereador Gaudêncio de Quadros, foi a mesma rejeitada, sendo aprovado o aditamento do edil Dr. Miguel Arcanjo da Silva.

5 - Tendo a Câmara recebido o empréstimo solicitado, em 29 de Abril de 1883, era aberta a concorrência pública para os melhoramentos na fonte da Biquinha. Aberta a concorrência, apresentaram-se dois candidatos para o trabalho de melhoramento da fonte, mas, fato curioso, nenhum deles foi aceito. E a Biquinha continuou com sua mureta de cantaria (pedra). Em 8 de Novembro de 1884, um ano e meio após a concorrência, o Presidente da Câmara, Major Arthur Horácio de Aguiar Whitaker à vista do estado precário apresentado pela fonte da Biquinha, indicava à Câmara no sentido de que se levasse a efeito o projeto aprovado por ela sobre a construção de uma caixa no lugar denominado Biquinha e que se autorizasse a Comissão de Obras Públicas a contratar a obra com quem melhores vantagens oferecesse. Nada no entanto foi feito. Continuou a Biquinha com a sua mureta de cantaria. E assim continuou durante os anos de 1.885 e 1.886. Em 8 de Janeiro de 1.887, Gabriel Amâncio Lisboa reclamava, no Plenário da Câmara, a urgente necessidade de aproveitar-se a água da Biquinha que abastece, com dificuldade, grande parte da população, indicando que se declarasse de utilidade pública o terreno para construção de uma caixa de água com torneira, indenizando se o proprietário do terreno. Decidiu a Câmara designar a Comissão de Obras para estudar e dar parecer a esse respeito. Em 14 de janeiro de 1.887, a Comissão de Obras Públicas dava o seguinte parecer: “A Comissão tendo falado com o proprietário do terreno, onde se acha localizada a Biquinha, Sr. Barbosa Leite, recebeu deste o pedido de indenização na importância de 100\$000”.

Discutido e votado o parecer, foi o mesmo aprovado e autorizado o Presidente a receber a escritura do dito terreno.

Em 22 de Janeiro de 1887, por proposta de Gabriel Amâncio Lisboa, era a Câmara autorizada a Contratar a confecção da caixa de água da Biquinha. Essa caixa era inaugurada em Abril de 1887 e comportava duas torneiras para uso público. Dez anos depois desapareciam a caixa e as duas torneiras, ficando a velha mureta de cantaria.

5 - Como, porém, a água da Biquinha não desse para o consumo de uma população grande, como o era o da cidade do Descalvado, voltou se a atenção dos vereadores descaldenses para outros mananciais cogitando se da canalização de água para as casas. Em 24 de Maio de 1889, o vereador Francisco de Paula Carvalho indicava que se solicitasse, do Governo da Província, a quantia de 40 contos de réis para abastecimento de água potável à cidade principal elemento para a futura garantia da salubridade pública. O ano de 1.889 foi um ano funesto para o Descalvado. Terrível epidemia varreu a cidade trazendo o luto, a dor e o desespero. Foi porisso que em 24 de Janeiro de 1.890, depois de ter sido sacudida pela epidemia a Câmara nomeava uma comissão composta do vereador Francisco de Paula Carvalho, do fazendeiro Nunes Diogo Nogueira da Motta e do cidadão José Antonio Rodrigues para estudar a escolha de água potável para a cidade, contratando-se um engenheiro para o levantamento da planta respectiva e fornecimento do orçamento competente. O intendente municipal Luiz Thomaz Nogueira da Motta, em 22 de Março de 1.890, indicou à Câmara, que se solicitasse, do Governo do Estado, a remessa de um engenheiro para examinar as águas do município e ver qual delas se prestava para o abastecimento da cidade. Para esse fim, veio a Descalvado o engenheiro Frederico Marques de Sá que esfetuiu o estudo das águas de vários mananciais, cobrando por esse serviço a quantia de 300\$000, que foram pagos ao engenheiro Manoel Ferreira Garcia Redondo por conta de quem trabalhou, o engenheiro Frederico Marques de Sá. Das águas estudadas a que melhor convenceu o engenheiro Marques de Sá, foi a do sítio “João Porto”.

7 - O Banco Construtor e Agrícola de São Paulo, por intermédio de seu presidente, doutor José Pinto do Carmo Cintra, em 20 de Outubro de 1890, escrevia ao Conselho descaldense, pedindo informações a respeito de poder aquele

Banco apresentar as bases de uma proposta de tomar a si a realização de todas as obras, custeio e conservação referentes ao abastecimento de água potável à cidade. O Conselho Municipal respondeu nesse sentido. No entanto, o Banco citado apenas se cingiu a essa correspondência, não mais se manifestando, embora solicitado pelo Conselho Municipal descaldadense. A vista desse silêncio, em 16 de Junho de 1.891, o Conselho de Intendência mandava publicar editais, chamando concorrentes para o abastecimento de água nesta cidade, por contrato com a mesma Intendência, por privilégio ou outra forma.

8 - Em 14 de Setembro de 1.891, Joaquim Martins Pimenta, que foi um grande batalhador pelo progresso do Descalvado, em petição enviada à Intendência Municipal, declarava ter interesse em apresentar proposta para o serviço de canalização de água potável para a cidade, de conformidade com o edital publicado. O Poder Municipal descaldadense não deu, todavia resposta pronta ao bravo empreiteiro Joaquim Martins Pimenta, e nada se fez nesse sentido. Foi por isso que Justiniano Rodrigues da Silva, em 23 de Agosto de 1.892, alarmado com os sinais precursores de nova epidemia, que de fato eclodiu em 1893, assim se dirigiu à Intendência Municipal: “Indico que se autorize o seu Presidente a fazer todo e qualquer contrato com quem melhor entender, para o abastecimento de água potável nesta cidade, provisoriamente, até que seja feito o saneamento, canalização de águas e estendida a rede de esgotos por parte do Governo do Estado. E isto por falta absoluta de água potável que temos e pela proximidade do verão que nos ameaça com suas febres”.

Tinha razão o intendente descaldadense, Justiniano Rodrigues da Silva. A epidemia de febre amarela apanhou nossa cidade em cheio, em 1.893, o serviço de abastecimento de água potável não foi realizado e durante seis meses a Câmara esteve fechada. A epidemia de febre amarela declinou em Setembro desse ano. Em 13 de outubro de 1.893, ainda sob o impacto da hectacombe, a Câmara Municipal encarregava o Dr. Domingos Maria de Oliveira Roxo, engenheiro, a levantar a planta da cidade para o serviço de abastecimento de água e rede de esgotos. Levantada a planta, estudado o abastecimento de água, cogitou-se da canalização da água.

9 - Esse empreendimento, iniciado em 8 de Janeiro de 1.896, com um Projeto de Lei de desapropriação da água denominada “João Porto”, projeto de lei do ilustre descaldadense Dr. Amâncio Guilhermino de

Oliveira. Penteado, descaldadense que brilhou no século XIX e no século XX, continuou em 1.897 e terminou em 1.898, quando a cidade se abasteceu de água potável, canalizada para as residências. Foi empreiteiro desta obra Joaquim Martins Pimenta. O serviço de canalização de água potável, empreendido por Joaquim Martins Pimenta, sob a responsabilidade da Câmara Municipal e direção do Agente Executivo, esteve a ponto de fracassar, dada a falta de recursos no orçamento municipal e esteve ameaçado de não prosseguir. Cogitou-se, na sessão de 30 de Novembro de 1.896, em discussão acirrada, de propor-se a encampação do serviço de águas do município, por parte do Governo do Estado. Dessa dificuldade safou-se a Câmara Municipal, graças à dedicação de Joaquim Martins Pimenta que assumiu a responsabilidade da dívida contraída e propôs recebê-la dos cofres municipais, em parcelas mensais contínuas.

9 - Em 7 de Julho de 1.897, João Pereira Tangerina pedia à Câmara que nomeasse uma comissão para entender-se com ele sobre o preço e modo de pagamento da água para abastecimento desta cidade, cujo manancial lhe pertencia. Nomeada a comissão, estudou esta o melhor modo de saldar essa dívida e tudo foi resolvido satisfatoriamente. Era remetida, em 8 de Julho de 1898, pela Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, à Câmara Municipal do Descalvado, a planta do perímetro que deve ser desapropriado, pela edilidade descaldadense, nas cabeceiras do córrego “João Porto”, a planta que veio acompanhada do respectivo memorial. Como complemento ao serviço de encanamento de água, a Câmara Municipal ordenou a construção de uma Caixa de Água como reservatório de água, trabalho efetuado por Joaquim Martins Pimenta, sendo que a Caixa-reservatório foi construída em sua própria chácara, depois de propriedade de

Augusto Cerantola. Devem existir ainda vestígios dessa primitiva Caixa de água, localizada em a Av. São Bom Jesus.

10 - Como o serviço de águas da cidade estivesse sobre a direção do Agente Executivo (nome que na época recebia o Prefeito Municipal), sendo a função de Agente Executivo gratuita, em 16 de Maio de 1.899, requeria este lhe fosse paga uma gratificação pelo trabalho que teve com a direção desse serviço.

11 - Em 16 de Julho de 1.899, Ângelo Brambilla pedia a concessão de uma pena de água para a sua chácara denominada Tamanduá. Em 2 de Agosto do mesmo ano, era deferido o pedido, devendo, porém, a derivação ser feita por conta do suplicante. Em Novembro de 1.889 havia água encanada no sítio do Tamanduá, onde estava instalada uma fábrica de cerveja.

12 - A vista do êxito obtido pelo proprietário do sítio Tamanduá, os cidadãos Constante Pivesso, Hermenegildo Lasserri, Primo Facchini, Marco Zaffari, André Monzani e Affonso Pelizaro, todos eles residentes nos bairros de São Sebastião e Santa Cruz, requereram em 16 de Outubro de 1.899, que a Câmara mandasse colocar o respectivo registro em suas casas para uso de torneiras. Esse requerimento foi mandado que aguardasse oportunidade, visto não comportar a verba municipal despesa dessa importância. E durante o século XIX, os bairros de São Sebastião e Santa Cruz não viram a água encanada.

13 - Para o serviço de abastecimento de água encanada, na cidade, despesas de vulto foram contraídas, o que sobrecarregou bastante o orçamento municipal. Para fazer face a essa disparidade, criou-se a taxa de água que arrecadava dinheiro para minorar a dívida contraída. Foi bem pesada, em seus primórdios, essa taxa de água, dando margem a reclamações inúmeras de particulares. E não só os particulares gritaram. A Companhia Paulista de Estradas de Ferro, por intermédio do

Chefe da Estação local, Antônio dos Santos Soares, em 2 de Dezembro de 1.899, pedia redução do imposto que foi coletado àquela via férrea no que concerne ao abastecimento de água. Eram, porém, os pedidos de redução sempre denegados. Afinal um serviço de utilidade pública, como o do abastecimento de água potável, podia exigir o sacrifício da coletividade. Era esse o pensamento da edilidade descaldadense no século XIX, exarado nos inúmeros requerimentos que lhe foram endereçados. Ainda estava na memória de todos o sacrifício sofrido pela coletividade nas terríveis epidemias que em boa parte eram carregadas pela péssima água que se bebia, antes do advento da água encanada.



Cemitério municipal no início do século

ENERGIA ELÉTRICA (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

- 04/10/1897 - primeiro contrato entre a Prefeitura e René Tropford e Maximiliano Erhart, para fornecimento de energia elétrica.

Coube ao Dr. Antonio Cândido de Camargo, ilustre médico descaldadense, a iniciativa da instalação da luz elétrica em Descalvado, fundando com outros cidadãos descaldadenses uma companhia para a exploração do serviço de iluminação elétrica, a Empresa de Eletricidade e Força e Luiz Ignarra Ltda. No dia 14 de dezembro de 1902, era festivamente inaugurada a iluminação elétrica. A usina fornecedora de energia localizava-se hoje no bairro do Butiá no Ribeirão Bonito, obra do Engenheiro Emílio Kuntgen. Com grande festejo, Descalvado comemorou a substituição dos poéticos lampiões pela luz maravilhosa. Alvorada com queima de uma bateria de 21 tiros, a doação de 1.500 litros de chope aos munícipes e visitantes, trem especial até a Usina fornecedora, no bairro do Butiá, no Ribeirão Bonito, mais a queima de 2 baterias de fogos, uma defronte a Câmara Municipal e outra na então Praça 15 de novembro, hoje Barão do Rio Branco (Jardim Velho). Houve também concertos de bandas musicais, onde quatro corporações alegraram os festejos da intensa comemoração popular. Portanto há 91 anos Descalvado serve-se de luz elétrica e a conquistou quando ainda poucas cidades do Brasil a usufruía, numa demonstração clara de sua importância naqueles tempos remotos.

Depois foi transferida para a Companhia Paulista de Eletricidade, então com sede em São Carlos que inaugurou a

Usina de Capão Preto também no Município de São Carlos. Na década de 60 a Companhia Paulista de Eletrecidade passou para a CPFL - Companhia Paulista de Força e Luz, subsidiária da ELETROBRÁS que atende um vasto território do Estado de São Paulo, reformulando todo o setor de linhas e abastecimento, posteamento e planificações, passando a contar com uma sub-estação da CHERP - Companhia Hidrelétrica do Rio Pardo (atual CESP - Companhia Energética de São Paulo). No dia 26 de julho de 1970 foi inaugurada a Sub-Estação da CESP em Descalvado.

ILUMINAÇÃO NO SÉCULO XIX

(Antenor Ervêu Betarello e Odenor Pedro Ivo Ferreira Betarello)

1 - Da data de sua fundação até 3 de Março de 1886, o Descalvado viveu, de noite, às escuras. Não havia iluminação pública. Os moradores abastados iluminavam a fachada de suas casas nos dias de festas. Via de regra, durante cinquenta anos a noite no Descalvado era de trevas. Ninguém se abalanzava sair no escuro, pois havia sempre surpresas. Nos dias de festas, a iluminação era alimentada com azeite de mamona ou óleo de peixe. Fumegavam os lampiões e empestavam o ar com sua emanção fedorenta. Mesmo essa iluminação, em dias de festas, não passava da meia noite. Relata um viajante desse tempo que as noites eram trevas, quando não havia lua, acontecendo, algumas vezes, pisar-se em sapatos que, ocultos durante o dia nos quintais, de noite, vinham para a via pública tratar da vida. Uma senhora daquela época sair à rua, à noite nesses tempos era proibido.

2 - Logo depois do término da Guerra do Paraguai em 1870 a Câmara Municipal, auxiliada pela boa vontade de alguns abnegados moradores tratou de amenizar o problema da iluminação pública, fornecendo a certos moradores residentes em lugares próprios, óleo necessário para a iluminação da fachada iluminando assim as noites mais escuras, porém é certo que era uma iluminação precária com dez lampiões, um para cada rua do povoado, postados nos quarteirões mais próximos do Largo da Matriz, que era o centro da cidade. Esses lampiões, eram ligados três vezes por semana, às quartas feiras, sábados e domingos, quando não havia lua, pois nos dias que havia lua não se acendiam os lampiões que difundiam uma luminosidade mortiça (sem brilho) que só alumiaava um pequeno espaço, projetando longas sombras movediças, quando o vento balouçava os lampiões ou soprava uma brisa. É de supor-se o medo de assombrações nessa época passada!

3 - A iluminação precária da cidade não satisfazia aos moradores de uma povoação rica e próspera. A cidade vivia à noite entocada, pois não era convidativo o passeio pelas sombras. A Câmara, acudindo aos anseios da população mandou instalar dezoito lampiões pelas ruas. Na noite da inauguração a comitiva oficial, acompanhou o fiscal da edilidade até ao 18º lampião, para o ato oficial de ser aceso, e em seguida, em casa do cidadão Antonio Martins de Oliveira, houve lugar a animado baile que foi até à meia noite.

Os desordeiros e os lampiões

4 - Havia, em Belém do Descalvado, nessa época da inauguração dos lampiões públicos para a iluminação, uma malta de desordeiros, constituída na maioria de capangas e protegidos. Raro era o descaldavense importante quer não tinha seus guarda-costas ou capangas. Era coisa necessária naquela época em que as viagens eram bem temerárias e os caminhos não ofereciam garantias contra as emboscadas. Um motivo qualquer era o bastante para que um lampião fosse varado por uma bala 44, ou danificado com certa pedra. Para esses desordeiros, embora a iluminação só fosse acesa, três vezes por semana, a iluminação pública não lhes era favorável para as façanhas. Daí o desejo de que tudo voltasse aos velhos tempos da completa escuridão. O abuso dos malfetores tomou tamanho incremento que um vereador de peito e energia, o valoroso edil Dr. Miguel Archanjo da Silva; tomou a si o encargo desse policiamento e indicou, a Câmara que solicitasse, à Assembléia Provincial, fosse colocado, no Código de Posturas do Descalvado, o seguinte artigo: “Todo aquele que danificar quer postes, quer lampiões da iluminação pública desta Vila, lhe será imposta a multa de dez mil réis”.

Essa medida com o apoio irrestrito da Câmara, pode corrigir, em parte, o abuso que se fazia sentir. As multas foram aplicadas e os recalitrantes não foram poupados. A respeito de servirem de tiro ao alvo por parte dos malfetores, houve um homicídio nesse sentido. Um valentão de má sorte propalou por toda a parte, que não deixaria de exercitar-se nos lampiões, no tiro ao alvo, nem por causa da multa nem de outras represálias. E, num assomo de lampionismo, vociferou que não tinha medo de ninguém. Algum “espírito de porco” levou a notícia aos ouvidos do Presidente da Câmara. Este se

pôs em comunicação com o delegado de polícia de então, cargo que era escolhido por proteção política. O delegado de polícia destacou um permanente aqui sediado, acompanhado de dois guarda costas, para policiarem os dezoito lampiões da cidade. Em certa noite escura ouviram-se dois estampidos de arma de fogo. Na manhã seguinte jaziam no solo juntos, um cadáver de desordeiro e um lampião dilacerado.

O arrendamento da concessão de utilidade pública

5 - Inaugurada em 1886 foi a iluminação pública mantida pelos funcionários da Câmara Municipal, com prejuízo às vezes do serviço de rotina. Contra esse estado de coisas o vereador Barbosa Leite se insurgiu e, em 13 de Fevereiro de 1887, propunha, à Câmara que se constituísse uma comissão para estabelecer as bases de um contrato de concessão, a fim de chamar concorrentes para o serviço de iluminação pública da Vila. Para essa comissão foram nomeados os vereadores Barbosa Leite, Durismundo Lisbôa e o de Salvador Meyer e essa comissão pode um mês após, apresentar as bases do contrato, bases que foram aceitas pela edilidade. Aprovadas as bases do contrato teve lugar a concorrência pública nela se inscrevendo dois candidatos: Antônio Angelo Soares e Delfino de Souza Bueno. A mesma comissão que estabeleceu as bases do contrato foi a comissão especial encarregada de dar o parecer a respeito das vantagens oferecidas pelos concorrentes. Em 5 de Julho desse mesmo ano dava o seguinte parecer: “A comissão especial nomeada para dar parecer sobre as propostas apresentadas para o serviço de iluminação pública desta Vila, concorrendo os senhores Antônio Angelo Soares e Delfino de Souza Bueno, é de parecer que esta Câmara contrate o referido serviço com o senhor Antônio Angelo Soares porque oferece melhores vantagens”.

Em 22 de Julho era assinado o contrato, passando o serviço a ser feito por particular. Em 22 de Outubro de 1887 Antônio Angelo Soares pedia, à Câmara o pagamento de 550\$00 pela iluminação do trimestre vencido, sendo ordenado pela edilidade, o pagamento deduzidas desse pagamento, as multas que foram aplicadas pelo fiscal por irregularidades verificadas. Recorreu dessas multas o concessionário mas elas foram mantidas pela comissão de justiça.

6 - Em 9 de Julho de 1888, Antônio Angelo Soares reforma o contrato de fornecimento de luz pública por mais um ano. A iluminação da cidade continuava a ser feita com 18 lampiões a querosene. Contra essa má iluminação, ou melhor contra a escuridão em que estavam mergulhadas as ruas da cidade, à noite insurgiram-se, em 27 de Maio de 1889, os moradores do Largo do Rosário, hoje Praça do Rio Branco e reclamaram medidas urgentes contra a insuficiência de lampiões ali existentes e reclamavam a colocação de outros mais. O Largo do Rosário, nessa época com sua capoeira alta, servia de palco para cenas degradantes, no escuro. A Câmara, tomando em apreço a reclamação resolveu que se daria solução a essa reclamação “tão logo terminasse o atual contrato com o senhor Antônio Angelo Soares. Estando a findar o contrato da iluminação pública com a antecedência de um mês a Câmara abriu nova concorrência pública, afixando editais. Para a nova concorrência apresentaram-se:

“1 - Antonio Vieira negociante, que se propunha fornecer iluminação pública na cidade com o aumento de cinco ou seis novos lampiões que a Câmara pretenda mediante o pagamento de 2:100\$000 anuais.

2 - Patrocínio de Arruda Pais propondo-se a contratar a iluminação da cidade e fazer todas as despesas com a mesma inclusive o assentamento de 5 ou 6 lampiões, a conservá-los limpos com luz clara desde o por do sol até às 11 ou 12 horas nas noites escuras por 2:250\$000.

3 - José Aleixo da Silva propunha o aumento de 5 ou 6 lampiões e mais um que existia abaixo da linha férrea que foi oferecido à Câmara pelo sr. Joaquim Xavier da Silva pelo preço de 2:000\$000.

4 - Bernardino José Rodrigues Torres propunha fornecer a iluminação da cidade por 2:000\$000, especificando várias vantagens.

5 - Francisco Corrêa da Costa propunha fornecer iluminação pública pela quantia de 1:995\$000.”

Em 15 de Julho de 1.889, a comissão designada para opinar sobre as propostas deu o seguinte parecer:

“A Comissão de Justiça, á vista das cinco propostas apresentadas para contratar a iluminação desta cidade, pelo prazo de um ano das quais são proponentes Patrocínio de Arruda Pais por 2:250\$000, Antônio Vieira por 2:100\$000, José Aleixo da Silva e Bernardino José Rodrigues por 2:000\$000 cada um e Francisco Corrêa da Costa por 1:995\$000, é de parecer que a última, a do cidadão Francisco Corrêa Costa, é mais vantajosa, mas deve ser preferida a do senhor Bernardino José Rodrigues Torres que se compromete a

mandar pintar os postes e lâmpões e a dar iluminação durante 18 dias em cada mês. Assim sendo esta deve ser aceita».

Este parecer posto em discussão foi aprovado por unanimidade. Em 16 de Março de 1 890, o velho pedido dos moradores do Largo do Rosário foi atendido, sendo colocados mais dois novos lâmpões nesse local. Vencido o prazo de um ano, em 6 de Junho de 1 890, novo edital punha em concorrência a iluminação pública da cidade. Ao novo edital apresentaram-se:

“1 - Pedro Ricci, propondo-se iluminar a cidade por 2:200\$000;

2 - Francisco Geovanini, por 2:300\$000;

3 - Antonio Angelo Soares com a seguinte proposta: iluminação, como se encontra, por 2:200\$000; se a Câmara preferir mudar os lâmpões antiquados por tupilas: que regulem 6 velas cada uma, pede 2:600\$000 se ainda preferir trocar os velhos lâmpões, por lâmpões belgas, que regulam ter de luminosidade 10 velas, pede 3:200\$000.

4 - Nunes & Chaves propunham contratar a iluminação da cidade por 2:100\$000, mas garantiam empregar querosene de primeira qualidade, vidros dos melhores e torcidas da melhor fabricação e, ainda, mandariam pintar os postes.

5 - Francisco Corrêa da Costa pedia 2:190\$000

6 - Augusto Motta fazia o serviço por 2:500\$000.”

Mais uma vez a Comissão de Justiça se pronunciou e fê-lo do seguinte modo: “A Comissão de Justiça examinando todas as propostas para a iluminação desta cidade, é de parecer que seja aceita a do senhor Francisco Correa da Costa que, em todos os pontos mencionados: por ele a comissão encontra reais vantagens, sendo preferível a proposta de 2:190\$000, ficando ele obrigado a zelar de meios alguns lâmpões que forem aumentados, não excedendo de seis”.

6 - O serviço de iluminação, pública, ao que parece, não dava margem de lucro aos seus concessionários. Fatores vários assim influíam, inclusive o furto de querosene dos lâmpões, quase sempre praticado por moleques, chupando o conteúdo do receptáculo com um canudinho de mamona ou de mamoeiro, ou adrede preparado. Havia ainda os atos de depredação contra os indefesos lâmpões apedrejados e espingardeados quase sempre.

Assim é que Antônio Angelo Soares yencendo duas concorrências, teve prejuízos; o mesmo aconteceu a Bernardino José Rodrigues e a Francisco Corrêa da Costa. Essa notícia era conhecida de todo o mundo, pois a própria Câmara, durante o ano de 1.886, quando teve o encargo da iluminação pública, sentiu esse prejuízo em seu orçamento.

7 - Em 18 de Julho de 1.891, novos editais chamavam concorrentes para o serviço de iluminação pública, eis que o contrato estava para expirar. Aberta a concorrência, como era de espera, ninguém se apresentou. Em 4 de Janeiro de 1.892, como não houvesse aparecido nenhum concorrente, a Câmara deliberou publicar novos editais com o prazo de 15 dias, chamando os candidatos, devendo o procurador municipal, enquanto não se realizasse a concorrência, mandar proceder à iluminação pública por conta da Câmara. Um só candidato se apresentou. Foi ele Francisco Corrêa da Costa, que tinha a experiência de dois anos de concessão pública e sabia do prejuízo que isso lhe acarretara. Pedia Francisco Corrêa da Costa, para esse serviço, a quantia de 1.050\$000 por trimestre, o que importava em 4.200\$000 anuais. Foi designada uma comissão composta de Severiano José da Cruz, Landulfo Octávio Bezerra Pais e Francisco José Cardoso para dar o parecer a respeito. Desnecessário será dizer que o parecer foi favorável tão ansiosa andava a edilidade para resolver esse problema de concessão pública. Mesmo com essa quantia que, para a época parecia exageradíssima, o serviço de iluminação pública andava péssimo. Era uma iluminação que assustava o cidadão, à noite, da rua. E tão péssima era que, em 22 de Agosto de 1.892, o vereador João Reis Pereira deu um solene estrilo em plenário, chamando a atenção da Câmara para esse

descalbro. A edilidade confiou, à comissão de obras, esse estudo.



Prédio da Telefônica Descalvado na rua Orderigo Gabrielli

8 - Em 2 de Janeiro de 1893, nova concorrência pública foi aberta e, como de outra vez, só se apresentou um candidato: Francisco Corrêa da Costa. Eis as bases do contrato interessante.

“1 - O outorgado Francisco Corrêa da Costa se obriga a fazer durante um ano, a contar desta data, o serviço de iluminação das ruas e praças desta cidade inclusive o da Cadeia Pública servindo se, para isso, de lâmpões existentes e dos demais que forem colocados

2 - Correrão a seu cargo as despesas com o fornecimento de querosene, depósitos, bocais, chaminés, torcidas, reparos, limpeza, etc;

3 - O serviço far-se-á de modo que os focos da iluminação projetem a melhor luz possível;

4 - Os focos de iluminação devem ser de acasos em todas as noites escuras desde às seis horas até as doze horas e entendem-se noites escuras dezessete delas em cada mês, podendo apenas, quando saia

a lua antes da meia noite, apagarem-se os focos antes dessa hora;

5 - A obrigação de substituir ou reparar os depósitos, vidros, chaminés dos lâmpões só abrange os casos fortuitos e os de inutilização ou desmancho proveniente de atos do outorgante ou de seus empregados e não quando provenham de atos de terceira pessoa;

6 - O outorgante fica sujeito à multa de um mil réis por noite de cada foco que não funcione e de moda a fornecer boa luz, quer se deva à falta ou à deficiência de querosene quer ao mau estado de limpeza. dos vidros, chaminés, quer à qualidade dos materiais;

7 - As multas serão impostas por qualquer dos fiscais;

8 - Findo o tempo do contrato, os lâmpões e outros materiais de que fala a cláusula segunda serão entregues em bom estado pelo outorgante, salvo indenização dos que assim acharem;

9 - O outorgante se obriga a pagar ao outorgado pelos ditos serviços a quantia de 4:900\$000 em prestações mensais de 408\$333;

10 - A importância das multas verificadas durante o mês serão deduzidas do respectivo pagamento.

11 - Os lâmpões da frente da Cadeia Pública e os de dentro desta estarão acesos em todas as noites das seis horas da tarde às seis horas da manhã.”

Francisco Corrêa da Costa, com as novas bases do contrato e com a quantia estipulada nele, continuou a servir a iluminação da cidade durante os anos de 1.894 (5:000\$000 e 1.895 (por 5:000\$000). Em 1.896, o serviço foi vencido por João Alves de Oliveira Senne Filho, por 4:700\$000 que continuou com o serviço em 1.897, por 4:800\$000. Em 1.898, vence a concorrência pública Francisco José Cardoso, por 4:700\$000, continuando com esse serviço até dezembro de 1.899, quando se findou o século.

PRIMÍCIAS DA ILUMINAÇÃO ELÉTRICA NO DESCALVADO

9 - Durante o século XIX e é o que estamos historiando, o Descalvado não viu iluminação elétrica. Todavia houve iniciativa. Assim é que em 6 de Setembro de 1.890, em o Plenário da Câmara Municipal foi lida uma circular da Companhia Água e Luz do Estado de São Paulo, participando ao Conselho descavadense que a mesma Companhia se encarregava do estabelecimento da iluminação pública e particular por meio de eletricidade em cidades e vilas; que possuindo ela elementos pecuniários e técnicos suficientes para bem executar os seus trabalhos, encarregava-se, igualmente, do abastecimento de água potável e bem assim de obras de saneamento. Essa circular de 1.890, com essa notícia alviçareira, ficou relegada ao olvido. Em 1.896, seis anos depois, aparecia, no Descalvado, um engenheiro desconhecido. Fez relações de amizade com meio mundo, cultivou a confiança de todos, e um belo dia, requereu à Camara, que lhe fosse dado o privilégio de estabelecer a iluminação pública na cidade. A edilidade, em 14 de Outubro de 1.896, pela Comissão de Justiça deferia esse pedido, outorgando, ao Dr. Henry Dina, a concessão para estabelecer uma empresa de luz

elétrica na cidade. Obtida a concessão, o que objetivava o engenheiro Henry Dina era negociá-la transmitindo-a para terceiras mãos. E nesse sentido empreendeu démarches (diligências). Foi por isso que, em 27 de Agosto de 1.897, reunia-se, em caráter extraordinário, a Câmara Municipal a fim de tratar da oferta feita pelos engenheiros Renê Levy e Maximiliano Erhart que requeriam o privilégio dos serviços de iluminação elétrica da cidade. Como houvesse idêntica concessão feita ao Dr. Henry Dina, foi deliberado que a Comissão de Justiça opinasse a respeito. E novamente reunida a Câmara, em 31 de Agosto de 1897, após a leitura do citado parecer, deliberou considerar caduca a concessão feita ao Dr. Henry Dina e aceitar, outorgando o privilégio, a oferta dos engenheiros Renê Levy e Maximiliano Erhart.

10 – A luz elétrica no Descalvado, só viria no século XX. O ano de 1899 se findou com os lampiões acesos às dezoito horas e apagados à meia noite, durante dezessete dias do mês, podendo-se apagar mais cedo quando surgisse a lua. Apenas ao invés de dezoito lampiões, havia, agora, 30 lampiões, sendo 5 belgas, que serviram a Cadeia Pública e suas adjacências. Mas Descalvado não perdeu por esperar, o Prof. Helmut Troppmair, narra como era precária a iluminação elétrica no final do século XIX, em sua obra “Aspectos Históricos e Geográficos de Rio Claro” quando cita a passagem de uma visitante por aquela cidade no ano de 1.886: “Como tivesse de esperar 24 horas pelo primeiro trem, pude assim admirar a iluminação das ruas dessa vila, iluminação que é o seu orgulho: - Está, quem tal acreditaria? Iluminada a luz elétrica; não há dúvida de que há aí pura ironia, como diria o poeta alemão Heine, pois essa iluminação parece Ter por fim transformar viandantes em noctâmbulos. A luz cintila violentamente, apaga-se e torna-se a se acender seguramente dez vezes por minuto, de sorte que se fica de todo cego e confuso, a ponto de não se saber onde se está. A municipalidade teria procedido com mais acerto economizando esse luxo e pondo em seu lugar um calçamento qualquer, ou instalar regadores”.

COMUNICAÇÕES:

TELEFONIA

A história conta que Descalvado foi um dos municípios pioneiros no setor de serviço telefônico no Estado de São Paulo, tendo início no ano de 1904 através da Empresa Telefônica Camargo, sendo um dos seus diretores Júlio Ferraz de Camargo, introduzindo o serviço magnético.

1924 - Alfredo José de Faria

1928 - Simeão Gonçalves (Luiz Gonçalves e Irmãos)

1929 - Paulo Casati

1935 - A. B. de Sene Gola

1940 - Empresas Reunidas Antonio Zerbeto de Pirassununga
- 01/04/64 - Aquisição da Telefônica Zerbeto pela Empresa Telefônica Descalvado S/A

- 29/06/66 - Inauguração da discagem automática pela Empresa Telefônica Descalvado

- 24/11/75 - Transferência para a TELESP.

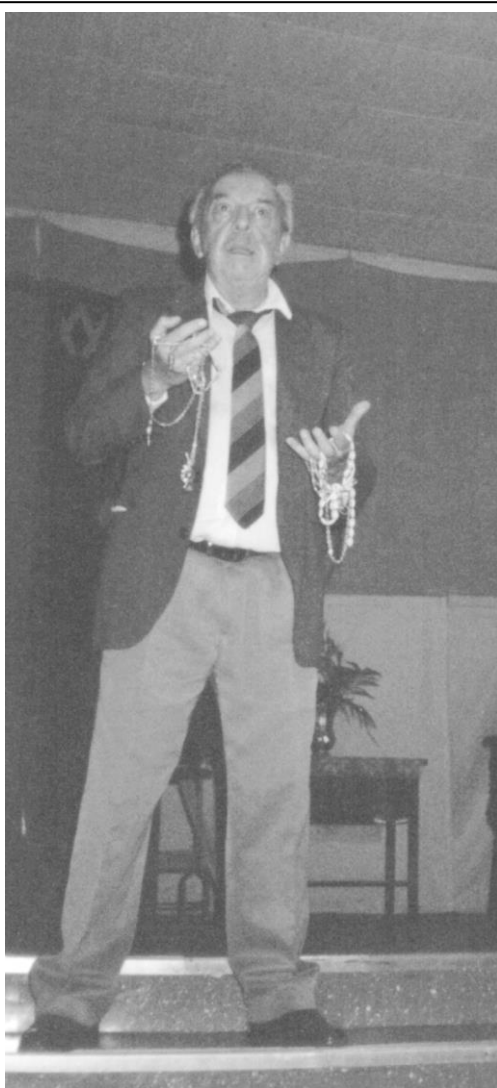
HISTÓRIA DO TELEFONE EM DESCALVADO

(Diógenes Gilberto Medeiros)

telefone:- aparelho usado para transmitir a palavra falada a distância; funciona através da intensidade de corrente elétrica que reproduz a variação da intensidade do ar, resultante da

emissão de som. Inventado nos EUA no ano de 1876, por Alexandre Grann Bell.

INICIO DO SÉCULO:



**O ator Luiz Gonzaga Lício, interpretando
“As mãos de Eurídice”**

(por volta do ano de 1904 - Descalvado já dispunha do que era chamado de “centro telefônico” (Empresa Camargo). Não há registros de quem foi a iniciativa da implantação dos serviços, porém, ouvia-se dos antigos usuários que uma pequena mesa de telefonista, algumas centenas de trilhos de trem transformados em postes e muitos metros de arame de ferro, colocados pela cidade, no ano de 1906, pertencia ao Sr. Paulino Casati que sem registro de data, passou para a família de Simião Gonçalves, dando em pagamento a fazenda São Domingos. Sucedendo esta, foi a Empresa do Sr. Nicola Golla que no ano de 1947 passou o acervo à Empresa de Antônio Zerbeto. Os serviços eram operados pelas senhoras, Ines Vazoler, Maria Leite (telefonistas), pelo Sr. Menaia Vazoler (técnico), além de familiares do proprietário. Durante os anos de 1946 a 1950, este último empresário, com recursos próprios, ampliou os serviços colocando mais uma mesa para 100 telefones, retirou a grande maioria dos trilhos e todos os fios de ferro suspensos nos postes com cruzetas, deu lugar aos cabos de pares de fios com capa de chumbo, reduzindo visivelmente o espaço ocupado pelo volumosos feixes de fios nus.

CURIOSIDADE:

uma instalação é feita por um par de fios ou seja, fase A e B. Na época a que estamos nos referindo, para que o espaço físico ocupado nos postes não fossem muito maiores, ligava-se a fase A do aparelho telefônico que estava no endereço do assinante à fase A da mesa no centro

telefônico através de um único fio, que percorria as ruas da cidade unindo os dois pontos; a fase B era ligada ao chão, ou seja, ligada em ‘terra’... procedimento para cada telefone.

Não se conhecia fila de espera e para se obter uma instalação de telefone, era suficiente que o interessado comprasse um aparelho com manivela e pilhas - a manivela acionava um magneto interno que gerava eletricidade para tocar a campainha do telefone chamado e as pilhas, alimentavam a conversação; pela prestação do serviço, o empresário cobrava uma tarifa mensal fixa.

A CONCESSÃO,

por ser serviço de utilidade pública, era dada pela Prefeitura Municipal que também através de demonstrativos contábeis apresentados pelo empresário, autorizava os aumentos de tarifa local, pois as tarifas interurbanas eram autorizadas pelo DAEE. - Departamento Estadual de Água e Energia Elétrica, a quem o empresário tinha que solicitar. Os serviços interurbanos entre Descalvado e Pirassununga, única via oficial de acesso para outras cidades, pertencia à Empresa Antônio Zerbeto. Um aumento de tarifa só acontecia depois de exaustivos demonstrativos junto a Prefeitura que algumas vezes, enviava o processo para a Câmara Municipal dar o ‘parecer’; esta aprovação demorava meses, porém, a autorização do aumento da tarifa interurbana por parte do DAEE., levava anos. Nesta época, para se completar uma ligação interurbana com a cidade de São Paulo, demorava um dia e quando completada, as pessoas ao telefone não se ouviam; uma ligação com São Carlos só era possível através de uma linha que a Companhia Paulista de Eletricidade mantinha para seus serviços e o recado era transmitido por

mensageiro. Quem precisasse fazer um recado urgente, tinha que se deslocar de carro por estradas de pedregulhos numa viagem de quase duas horas, até o “Bar Gruta Azul” de São Carlos, e lá ... esperar algumas horas.

A Empresa “Antônio Zerbetto”, exerceu as atividades desde aquela data (ano de 1947) até início do ano de 1964 e trabalharam no quadro efetivo de funcionários, Senhores Joaquim Goveia depois João Carnielli; Senhoras Florinda Zerbetto de Marco, Gessilda Jordão Filla, Iracy Assoni Medeiros, Aparecida Squassoni Licio, Angélica Medeiros Bertini, Carmem Lúcia Carnielli Bianchi e Laurinda Dresler. Os serviços administrativos ram feitos em Pirassununga e o Senhor Ezio De Marco tinha função de procurador. A Câmara Municipal nos anos 60 rejeitou projeto de lei de autoria do Prefeito Deolindo Zaffalon que dava mais 10 anos de concessão a Empresa Zerbetto, possibilitando assim a Fundação da Telefônica Descalvado.

INÍCIO DO ANO DE 1964

Nas primeiras reuniões do Rotary Clube de Descalvado neste ano, sob a Presidência do Senhor Alberto Sundfeld, iniciaram movimentos para que alguma coisa fosse feita com o objetivo de diminuir as grandes dificuldades que a população e a economia em geral do Município, vinham sentindo pelos deficientes serviços de telecomunicações, pois as tarifas cobradas pela então permissionária eram comprovadamente insuficientes para cobrir os custos de operação. Não havia como expandir os serviços considerando-se que a Empresa era

particular, sem recursos e interesses em crescer e modernizar o sistema. A Prefeitura na condição de cessionária (quem dá concessão), não teria recursos para encampar, investir e operar os serviços a seu custo; aumentar as tarifas não seria o caminho, pois somente aumentos significativos trariam soluções; por outro lado, insustentáveis para os usuários que fatalmente pediriam o cancelamento de suas assinaturas. Na época, o perfil contábil da Empresa era o seguinte:

- telefones em residências - 115
- telefones no comércio e nas indústrias - 80

- tarifa residencial - Cr\$ 4,30
- tarifa para comércio e indústria - Cr\$ 6,40

- total da folha de pagamento - Cr\$ 300.000,00
- total de funcionários - 5

- haviam ainda outras despesas como, aluguel de taxi para consertos na linha interurbana, trocas de postes, fios, cabos, previdência social, aluguel de salas, energia elétrica, etc. O movimento em busca de soluções para os serviços de telecomunicações, deixou de ser interno ao Rotary e foi formada uma Comissão Provisória, composta pelos cidadãos Senhores Alberto Sundfeld, José Serpentino e Domingos Tallarico, com atribuições de negociarem com a Empresa Antônio Zerbetto”. Para assessorá-los, foi contratada a Firma “COST”, (Cia Organizadora de Serviços Telefônicos).

Abril de 1964 - assessorados pela COST, a comissão, fez “chamada de Capital Inicial” para constituição da Telefonia Descalvado S/A.- os subscritores de ações da nova sociedade anônima, teriam um prazo de 30 dias para procurarem os bancos da cidade e depositarem os valores das subscrições em favor da Comissão Provisória; neste prazo ainda, foi convocada Assembléia Geral Ordinária, ocasião em que foram confirmados como Diretores Executivos: Presidente o Sr. Alberto Sundfeld, Superintendente o Sr. José Serpentino e Tesoureiro o Sr. Domingos Tallarico. Nesta Assembléia ainda, foram criados o Conselho Consultivo e Conselho Fiscal com eleição e posse dos membros que ficou assim constituídos: - Fiscal: senhores João Batista Terra, Alfredo Sabongi e Vitor João Teixeira Coelho; Consultivo: Senhores Sebastião de Arruda, Sebastião Faria da Cunha e Dr. Edinir Salvador Sapia. Os Diretores Executivos, teriam mandato por período de 2 (dois) anos podendo serem reeleitos e fariam jus a honorários quando no exercício de suas funções; quanto aos Conselheiros,

o mandato seria de 1 (um) ano, podendo serem reeleitos e não receberiam horários.

Empossadas as Diretorias, a Executiva cuidou da transferência do Contrato de Concessão e simultaneamente a compra do acervo da “Empresa Antônio Zerbetto”, consistindo dos equipamentos e serviços no município de Descalvado mais um circuito interurbano até a cidade de Pirassununga este, um único fio de ferro, (a outra fase era a terra) ligado com a CTB (Cia Telefônica Brasileira) onde eram comutadas as ligações de entrada e saída para nossos telefones local.

TELEFÔNICA DESCALVADO S/A

Este era o nome de uma Empresa que iniciava suas atividades no dia 05 de Maio de 1.964, com seu primeiro e grande problema: conseguir credibilidade e confiança da população para um empreendimento de tal envergadura; outro problema imediato foi o pedido de demissão do empossado, Diretor Tesoureiro que alegando motivos particulares, deixou as funções no dia 30 de maio de 1964. Para preenchimento da vaga, seria necessário a convocação de uma assembléia geral extraordinária, o que acarretaria despesas e haviam outras com prioridade. Os Diretores Presidente (Alberto Sundfeld) e Superintendente (José Serpentino), resolveram assumir oficiosamente que, acumulariam as funções, ficando portanto a Diretoria, constituída por apenas dois Diretores.

Até posterior decisão, a Diretoria não seria remunerada. A



Chegada do container abrigando a central telefônica com 1.000 linhas

contabilidade da Telefônica, até Dezembro de 1964 era feita pela COST em São Paulo; os recebimentos e movimentos de caixa eram executados pela Senhora Zilda Terezinha de Freitas e o Gerente Geral era o Senhor Maury de Assis, que se demitiu em Setembro de 1964.

Quanto as subscrições, uma visão otimista levaria crer que 200 (duzentas) linhas telefônicas seriam vendidas; o valor da subscrição era de Cr\$195.000,00 divididos em 12 parcelas de Cr\$16.250,00, sendo previsto ainda no contrato de adesão, um reajuste e não era estipulado no mesmo, valor nem porcentagem. A quantidade de telefone até então

ligados era de 195 aparelhos, e foram feitas 175 subscrições.

A 15 de outubro de 1964 convidado pelo Diretor Presidente, a gerência geral da Telefônica, passou a cargo de Diógenes Gilberto Medeiros, que no mesmo mês, dirigiu-se a COST com objetivos de verificar a situação da Empresa Telefônica. A situação constatada era das piores. A Cia. contratada para assessorar tinha intenções de levar a Telefônica ao caos e depois se apoderar dela, como já vinha fazendo em outras cidades como o caso de Casa Branca.

Acertou-se então que o contrato de administração teria vigência até 31 de Dezembro do mesmo ano, após o que, não mais prestariam serviços e o valor mensal cobrado seria de Cr\$100.000,00, com obrigações de fecharem o balanço anual de 1964 para a Assembléia Geral Ordinária que aconteceria no mês de abril de 1965. Neste mesmo ano, o Senhor Antônio Paulo Pivesso, passou a responder pela contabilidade da Empresa. Por Assembléia Geral Ordinária de abril, os Conselhos permaneceram inalterados. O ano de 1965, decorreu sem grandes novidades. Somente deu-se o início da construção do prédio a Rua Orderigo Gabrielli, 566 a cargo do Senhor Antônio Alves da Cunha (Totó Cunha), bem como problemas naturais de recebimentos das prestações e pagamentos à duros penas. Em janeiro de 1966 foi terminado o prédio e mudados os escritórios da Empresa para o novo endereço ficando na Rua 24 de outubro, somente as telefonistas.

A 15 de fevereiro de 1966, a Diretoria assinou contrato com a Siemens do Brasil, para fornecimento e instalação de um equipamento modelo B-64 para 200 terminais cujo valor total

atingiu a cifra em torno de Cr\$150.000,00 sendo que Cr\$145.500,00 era o valor de 200 linhas e Cr\$500,00, o custo de 200 aparelhos telefônicos. No contrato constava que a firma fornecedora teria prazo até 20 de junho do mesmo ano para colocar e fazer funcionar o equipamento, o que aconteceu no dia 29 de junho de 1966, (dia das telefonistas). Paralelamente foi feito com o próprio pessoal um projeto de construção da rede de cabos de pares, e a montagem dessa rede ficou a cargo de Orivaldo Ivo Medeiros, Alvimar Ivo Medeiros, José Rissato, e dois funcionários da Telefônica Pirassununga S/A, que aos sábados e domingos, vinham auxiliar nos serviços. A inauguração aconteceu em clima de festas, sendo oferecido pela Siemens uma placa de bronze comemorativa e um coquetel; na placa continha os dizeres:- Telefônica Descalvado S/A. - inaugurada em 29 de junho de 1966

Diretores:**Presidente:** Alberto Sundfeld**Superintendente:** José Serpentina**Tesoureiro:** Domingos C.Tallarico**Conselhos:****Fiscal:** João Batista Terra

Alfredo Sabongi

Vitor João Teixeira Coelho

Consultivo: Sebastião de Arruda

Sebastião Faria da Cunha

Dr. Edinir Salvador Sâpia

Foram vendidas 175 inscrições e nos dias que se sucederam, esgotaram-se as reservas.

Na Assembléia Geral Ordinária realizada no mês de abril de 1966, a Diretoria, bem como os Conselhos foram reeleitos sem alteração no quadro. Em outubro deste mesmo ano já com demanda, foi feito um novo contrato com o fabricante, para mais 50 linhas. A Telefônica tinha em caixa Cr\$25.000,00 e as novas linhas custariam Cr\$50.000,00 mais os aparelhos telefônicos; ficou contratado uma entrada naquele ato, de Cr\$12.500,00 após 30 dias, uma segunda parcela de Cr\$12.500,00 e a Siemens já deveria começar os serviços da ampliação que terminados, receberia a terceira parcela de igual valor e trinta dias após seria integralizado e que o preço dos aparelhos telefônicos estariam embutidos no valor de Cr\$50.000,00.

No dia 15 de novembro, sem alardes foram ativados os 50 novos telefones, entrando em operação 28 aparelhos, ficando uma disponibilidade de 22. Como a rede de cabos nas ruas tinha sido planejada para 500 assinantes, foi possível a expansão sem aumentar os cabos e como os novos telefones foram vendidos a Cr\$1.000,00, a Telefônica pagou o terceiro compromisso de Cr\$12.500,00 com o fornecedor, ficando com disponibilidade de Cr\$15.500,00, mais 22 linhas que eram vendidas e instaladas no mesmo dia.

Para evitar o mercado paralelo, a Telefônica criou a bolsa do telefone, que consistia em vender e comprar linhas das pessoas que tinham telefone e por alguma razão queria dispôr dela. Eram feitos contratos de aluguel eventual, para se evitar também este tipo de mercado, no paralelo.

O serviço local estava resolvido, porém os interurbanos ainda era sério problema a resolver. Foi feito um projeto de reconstrução do circuito até Pirassununga

com aumento de mais 3 canais e com a venda das sucatas que estavam no velho endereço foi possível comprar fios de alumínio, postes de concreto, isoladores e demais acessórios. As madeiras para as cruzetas, foram trocadas toras de ipê por mão de obra (disponibilidade de pessoal), com a fazenda Itaúna.

Enquanto aguardava-se a aprovação do projeto junto ao DAEE, a Telefônica, com aprovação em Assembléia, se propôs a título de colaboração, executar os serviços de instalações elétricas na ampliação do Hospital que estava em

fase de construção. Sem prejuízo dos seus objetivos, ainda, executou as instalações da primeira torre de retransmissão de sinais de televisão para Descalvado, próximo a fazenda Descalvado.

Faziam parte do quadro de funcionários nesta época, os seguintes:

- Senhoras Carmem L.C.Bianchi, Florinda Zerbetto .De Marco, Tarcilia H. Bergantim, Zilda T. Freitas, Maria Lygia Casati, Maria Ap. C. Rodrigues e os senhores João Carnielli (que aposentou-se logo após), Orivaldo I. Medeiros e Diógenes G. Medeiros. Para completar a força de trabalho, como o caso das repetidoras de TV, escadas do Salto do Pântano, através de contribuições popular, eram contratados como reforço, Alvimar I. Medeiros e José Rissato.

Aprovado o projeto pelo DAEE, iniciou-se a reconstrução do circuito interurbano e como os trabalhos demandavam a colocação de postes e fios num percurso de aproximadamente 20 quilômetros, foram contratados ainda, além dos elementos acima, o Senhores Silvio Giacomelli, Alfredo Giacomelli e os serviços tiveram duração em torno de 60 dias.

Já estávamos no mês de abril de 1967, quando as linhas em número de 4 estavam em condições de funcionar e somente uma estava em operação por problemas burocráticos, da recém criada Telesp, sucessora da CTB; situação que permaneceu até outubro de 1967.

Apenas um telefonema da Superintendência de Campinas foi suficiente para resolver o problema e a Telefônica que até então vinha sofrendo com as dificuldades dos serviços interurbanos, passou a dispor de 1 canal exclusivo com a Telefônica de Pirassununga e 3 outros com a Telesp, sendo que 2 deles para fazer ligações de Descalvado para outras cidades e 1 para recebê-las. Descalvado já estava deixando as dificuldades de telecomunicações entrando nos tempos em que não era mais necessário se deslocar para se fazer uma ligação e sim, o posto telefônico atendia grande número de pessoas que vinham das cidades vizinhas se utilizarem dos serviços; convém colocar que a telefonista fazia ligações imediatamente após a solicitação, pois o sistema estava integrado ao DDT (Discagem a Distância pela Telefonista).

Em abril, por assembléia os Conselhos foram reeleitos sem alterações.

A Telefônica atingiu estágios invejados por outras Telefônicas chegando mesmo a dar consultoria à Câmara Municipal de São Carlos e a pretensão da compra da Telefônica Municipal de Porto Ferreira, o que não aconteceu por desaprovação daquela Câmara Municipal.

A rotina já era uma constante até que devidamente autorizada, executou ainda, as instalações elétricas do Lar Educacional de Descalvado, do Centro Comunitário que recebeu o nome de Alberto Sundfeld, a construção das escadas e mirante do Salto do Pântano e em abril de 1968, iniciou-se uma nova campanha de vendas de 150 novos telefones ficando em disponibilidade

45; nesta expansão foram atendidos serviços de utilidade pública que por determinação da portaria 18/66 do Dentel que as empresas telefônicas em suas expansões deveriam cobrar do promitente assinante residencial 1,1 e do comercial 1,2 do valor do contrato a título de que 0,1 e 0,2 seriam para pagar o atendimento das repartições públicas federal, estadual, municipal, autarquias e entidades filantrópicas quando não dispunham de telefone; nesta ocasião, foi instalada sem ônus, o telefone do Lar Educacional de Descalvado, que era o único que não tinha e estava em condições de ser beneficiado.

Pela Assembléia Geral Ordinária, de 30 de abril de 1968, foram reeleitos os diretores Presidente, Superintendente e o Senhor

Antônio Paulo Pivesso, até então na condição de contador da Telefônica, foi eleito para o cargo de Diretor Tesoureiro e estes fariam jus a honorários. No quadro dos Conselheiros foi eleito o Senhor Antônio Luiz Bispo para o cargo de um dos membros que se demitiu por motivos de mudança da cidade.

A Telefônica cumpria seu papel de Empresa formada por capital unicamente local gozava de credibilidade mas já não podia crescer em número de linhas telefônicas uma vez que a Telebras fora criada para incorporar todas as Teles. Assim, permaneceu com o total de 500 telefones e quatro circuitos



Nico Delermo na oficina de concertos da Exposição Gentil

interurbanos que mantinha-os sem nenhuma reclamação dos usuários, como exemplo pode-se citar o caso de uma ligação interurbana debitada duvidosa ou indevidamente na conta de um assinante, era no ato da reclamação devolvida, as vezes mesmo antes do pagamento nos bancos.

Em abril de cada ano e a cada dois anos eram realizadas eleições para os cargos executivos e conselheiros, até que no dia 02 de novembro de 1971, por falecimento do Senhor Alberto Sundfeld, a Telefônica e Descalvado em geral, ficou sem este benéfico.

Por força do estatuto foi convocada Assembléia Geral Extraordinária e a nova Diretoria ficou assim constituída:

Presidente: Senhor José Serpentino

Diretor Superintendente: Senhor José Antônio Todescan Gabrielli

Diretor Tesoureiro: Senhor Antônio Paulo Pivesso

Embora com o sentimento da falta, a Telefônica continuou fiel a seus objetivos, ampliou o prédio para dar melhores condições aos acionistas, usuários e funcionários, pautando pelo não exagero, com a rotatividade de pessoal, contratou Senhores José A. Heidorn,

José Assoni,

Sebastião D.

Tenelli, Aparecida

L.Monzani,

Antônio D.Ruy e

outros que tiveram

rápida passagem

pelo quadro de

funcionários,

transformando-os

em técnicos, com

os mais

experientes.

Três anos foram

passados, com

pressões e até

mesmo boicotes

eram percebidos,

até que pela

Assembléia Geral

Ordinária de abril

de 1975, a

Diretoria foi autorizada estreitar entendimentos com a Telesp, voltada para a incorporação.

Neste mês ainda, em audiência marcada com o vice-presidente da Telesp, na época o Eng. Carlos P.Lopes, no gabinete deste, reuniram-se o Senhor José Ralio (assessor), José Serpentino e Diógenes G. Medeiros, (respectivamente Presidente e Gerente da Telefônica Descalvado S/A). Na oportunidade, ficou acertado que a Telesp, em forma de subscrição no Capital Social da Telefônica, mandaria para Descalvado, um container abrigando uma central telefônica transportável de mil linhas e esta seria a décima de uma série que estavam encomendadas à NEC (NC100 modelo do fabricante). Descalvado então passaria de 500 para 1.000 telefones, atendendo uma demanda reprimida de aproximadamente 300 e ficando ainda com uma reserva de 200.

Por informações oficiosas ficou sabido que a Telesp pagava armazenamento da primeira da série, ao fabricante; novo contato foi feito com o vice-presidente e o acordado foi que a Telefônica prepararia uma base de concreto e após vistoria, seria enviado o equipamento (inédito no Brasil). A chegada seria o início da contagem regressiva e dentro de 30 dias a desativação do B-64 e a ativação da NC-100 teria de acontecer. Cumprida por parte da Telesp, em 29 de maio de 1975, pudemos presenciar (e fotografar) este trecho da história que foi a chegada do caminhão com o container; a partir de então, esforços foram desabalados para o cumprimento da outra parte. Muitas pessoas tiveram participação ativa na realização dos fatos. Para que alguém não permaneça no anonimato, aqui será tratado de equipes a reunião dos participantes com destaques ... às da Telefônica, da Telesp (Regiões de São Paulo, Campinas e Araraquara) e dos descalsvadenses que souberam entender os transtornos causados no período das mudanças nos sistemas.

Ainda fiel aos compromissos, no dia 29 de junho de 1975, (dia das telefonistas) a Telefônica venceu mais esta etapa de sua história no trigésimo dia do acordo, colocou em funcionamento a central de 1.000 novas linhas. Pouco ou nada se falou sobre os serviços das ampliações dos cabos pelas ruas da cidade, porém, uma coisa não se completaria sem a outra e isto consiste de fatos por tratar-se de realizações e benfeitorias nos sistemas.

Uma nova etapa estava para vir que seria a integração do sistema local de telecomunicações aos serviços nacional de

DDD e DDI, siglas mundialmente conhecidas e Descalvado mais uma vez estaria como pioneira na região, integrada ao sistema. Este evento, tinha data marcada, que pelos envolvimento consequentes, somente viriam ocorrer em março de 1976.

Estes últimos acontecimentos trariam a incorporação e o apagar do nome "TELEFÔNICA DESCALVADO S/A" passado por este instrumento como um marco da história que deu certo.

Convocada a Assembléia Geral Extraordinária, no dia 20 de novembro de 1975, com prazo legal de 30 dias, a Assembléia aconteceu às 20,00 horas do dia 20 de dezembro de 1975, que determinou os acertos do quadro de funcionários, que por assim entenderem mais conveniente, foram aposentados os senhores Orivaldo I. Medeiros, José Assoni a Senhora Maria A. C. Rodrigues (demissionária); procederam-se os acertos das transferência para o outro quadro, os funcionários Diógenes G.Medeiros, Carmem L.C.Bianchi, Maria L.P.Casati, Aparecida L.Monzani, Tharcilia H.Bergantim, José Heidorne, Antônio D.Ruy e Sebastião D.M. Tinelli.

Ainda por determinação desta última Assembléia, ficou marcado que no dia 24 de Dezembro de 1975, a Telesp passaria como sucessora da TELEFÔNICA DESCALVADO S/A.

SERVIÇO DE ALTO-FALANTES DE DESCALVADO (Pedro Gaspar)

Lá pelos fins da década de 30, quando os grandes astros de nossa música popular faziam enorme sucesso - Francisco Alves, Orlando Silva, Nelson Gonçalves, Bob Nelson e outros - os alto falantes reproduziam festivamente suas vozes. E o público vibrava com a oportunidade de ouvir os grandes ídolos. Nesse tempo a direção do Serviço de Alto-falantes Descalvado era exercida pelos dinâmicos Mário Elias e Doracy Domingues.

Posteriormente a empresa foi transferida para Achilles Tognetti, então funcionário da Companhia Paulista de Eletricidade. - técnico de renome, espírito jovem, entusiasmado. E o Serviço de Alto-falantes ganhou novo impulso. O sistema de som foi ainda melhorado. A discoteca ampliada, e constantemente recebia os novos lançamentos. Os locutores sentiam a necessidade de enfrentar com grande responsabilidade o (então) moderníssimo microfone a cristal Astatic modelo D-104, de grande sensibilidade. Doracy e Orlando Domingues eram os titulares da locução. Nem é preciso dizer que esses moços eram perfeitos profissionais. Aliás o mais moço, o Orlando, ao deixar suas funções no Serviço de Alto-falantes Descalvado, passou a integrar a equipe de locutores da Rádio Bandeirantes de São Paulo. E o fez por muitos anos, segundo informações do Senhor Eduardo Oswaldo Elias. Ao terminar a década de 40 o Serviço de Alto-falantes Descalvado foi vendido a um cidadão também entusiasta de amplificação de som, grande apreciador de nossa música popular - Jovelino Augusto Braga. Conservando ainda o estúdio instalado em uma sala contígua ao Bar 4 Cantos, o Braga, como era conhecido, estendeu linhas de alto-falantes para a Praça Barão do Rio Branco e Avenida Guerino-Oswaldo, além da Praça Nossa Senhora do Belém. Organizou programas de calouros, conseguiu novos anunciantes. Foi uma nova fase de progresso e de entusiasmo. Até novo nome recebeu o Serviço de Alto-falantes: "Departamento de Publicidade de Descalvado". Nessa época, vozes muito suaves e bonitas continuavam atuando ao microfone, Geraldo de Araújo Belli, Luiz Gonzaga Lício, Pedro Tessari, Mário Joaquim Filla, com insuperável zelo profissional, sempre estavam presentes ao estúdio de locução. E no disco quem fazia grande sucesso era um dos consagrados cantores da época: Orlando Silva com sua magnífica gravação: "Cortina de Veludo". Mas a empresa foi outra vez vendida, Jovelino Braga com a experiência adquirida, fundaria anos mais tarde a Rádio Francisco Alves em Santa Rita do Passa Quatro. Os novos proprietários - Vila & Galvão, restituíram-lhe o nome original: Serviço de Alto-falantes Descalvado. E logo em seguida novo proprietário - Maurílio Augusto Dresler. Passado alguns meses, Achilles Tognetti, adquire novamente o Serviço de Alto-falantes. Novo som. Nova vida. A alta qualidade da reprodução da música e da voz estava presente outra vez, testemunhando o carinho, o bom gosto e o domínio do Mestres



*Aparelhos de Tv sendo reparados por Nico na oficina da
Exposição Gentil no final da década de 50*

Achilles, nessa área da eletrônica. E chegou dezembro de 1958. O sr. Pedro Gaspar adquiriu o “Serviço de Alto-falantes Descalvado”. Com o decidido apoio e incentivo aos anunciantes e de muitos amigos, conseguiu bons melhoramentos na atividade. Passou a utilizar além dos equipamentos convencionais, gravadores de som em fita magnética, muito raros na época. Tratamento acústico do estúdio de locução. Novos microfones, dinâmicos, de alta fidelidade. Modernos amplificadores, toca-discos com modernas cápsulas magnéticas. Discos de alta qualidade com os grandes sucessos. No mercado fonográfico começou a ser introduzido o novo sistema de gravação em discos de 33 rotações por minuto, o “long-play” - microsulco. Essa nova conquista ajudou a melhorar a qualidade dos trabalhos. O apoio e o entusiasmo dos ouvintes e comerciantes da época proporcionavam constantemente a oportunidade para novos planos, que na medida do possível eram postos em prática. Chegou-se até a construir, nos altos do Jardim Belém, onde não havia interferência na faixa de rádio, duas amplas salas, na esquina da rua João XXIII com a Avenida Coronel Rafael Tobias, com um ponto de recepção de sinais de rádio, com alta qualidade, que eram conduzidos por linha telefônica até o estúdio. Esse trabalho permitiu entrar em cadeia, (conservando a alta qualidade do som) com emissoras de São Paulo, para retransmissão de grandes programas, especialmente futebol, durante as copas mundiais. Outras transmissões de grande interesse para a coletividade, que se conseguiu realizar foram as homenagens que a Rádio Aparecida prestou a Descalvado, por ocasião do aniversário da cidade. Uma apresentação de inteiro agrado dos jovens da época, era o “Atendendo pelo 137”, programa que atendia pedidos musicais dos ouvintes pelo telefone (que era 137). E no próprio telefone do interessado era reproduzida a música solicitada. A verdade é que durante esses longos anos o “Serviço de Alto - Falantes Descalvado sempre teve como objetivo oferecer aos descaldenses informação, entretenimento, alegria. E nessa longa jornada, os planos, as realizações, as alegrias constituíram valiosas experiências e incentivo para a implantação da Rádio Oito de Setembro. O Serviço de Alto-falantes de Descalvado, encerrou atividades em 31 de julho de 1980.

SERVIÇO DE ALTO-FALANTES ALVORADA

Funcionou na Praça Barão do Rio Branco (Jardim Velho) na Rua Paula Carvalho quase esquina com 15 de novembro nos anos de 1962 e 1963, de propriedade de Antonio de Oliveira (Nico Delermo) e outros sócios. Foram locutores Celso Elias, Luiz Carlindo Arruda Kastein e Gerson Joel De Marco dentre outros.

RÁDIO:

- Rádio Oito de Setembro - fundada por Pedro e Zélia Gaspar em 8 de setembro de 1978, com estúdio na rua José Bonifácio, 765 e antena transmissora instalada às marges do Ribeirão Bonito ao lado da ponte da via de acesso Antonio Benedito Paschoal.

Prefixo - ZYG 866 - 120 metros - 2450 Kh

A partir de 1996 passou a transmitir também em Frequência Modulada – 98,7 Mh.

TEATRO

Não temos a história completa do teatro em Descalvado. Sabe-se que durante o apogeu do café, muitas companhias teatrais de renome brindaram os descaldenses com apresentações memoráveis. Mas sobre o teatro com gente nossa, o dado mais antigo que levantamos foi uma notícia publicada no jornal Folha de São Paulo no ano de 1954: “Graças aos esforços empreendidos pelo Sr. Mário Joaquim Filla, o amadorismo teatral atravessa uma fase promissora em Descalvado. A peça O Segredo do Padre Jeremias, de Ferreira Netto, já foi ali apresentada com animador sucesso e, atualmente prestigiando decididamente, os originais nacionais, aquele conjunto interiorano, ensaia O Interventor, de Paulo Magalhães e Lampião de Raquel de Queiroz. Cerca de vinte figuras formam o Teatro Experimental do Trabalhador, tornando-o o maior conjunto cênico da região. O Teatro Experimental do Trabalhador edita o jornal O Palco, que é, por assim dizer, o primeiro jornal editado por um grêmio de amadores”. Integraram o Teatro Experimental do Trabalhador dentre outros atores: Daniel Otávio de Assis, Mário Nelson Jordão, Lúcia Gregório, Geraldo Trabasso, Ana Astir Assoni, José Belli, Edvaldo Gouveia, Sebastiana Rosa Vianna, Edna Marcomini, Conceição Mauro, Dulce Donda, Salete Filla, Moacir Macedo, Dirce Fioroni, Beto Moreira, Aparecida

Teixeira, Manoel Custódio Filho, Lucia Gregório. Destaque também para Moacir Macedo como maquiador do grupo e Martinho Vieira Lício como ponto. Outro grupo que mereceu destaque foi o Teatro Amador Juvenil que apresentou peças como João Simplicio, O Castelo Assombrado, Matei meu Filho, Trapézio Volante, Almas do Outro Mundo, Irene, Os Três Gostosões, Os Inimigos não mandam Flores e muitas outras nas quais participaram dentre outros jovens da década de 60: Celso Luiz Galetti, Luiz Antonio Serafim, Denilson Luiz Zóia, Deltemir Luiz Zóia, Luiz Carlindo Arruda Kastein, Gerson Joel De Marco, Sebastião Luiz Chiaretto, Humberto Carlos Perna, Waldemar Assoni, José Serpentino Júnior, José Carlos Tallarico Adorno, Valentim Deponi, Antonio Paulo Adorno Galetti, José Mário Factor, Maurilio Pazzoto, Maria Elisa de Falco, Maria Helena Lefcadito, Carmen Lúcia Pelosi, Maria Amália Migliatti, Neusa Assoni.

DESTAQUES NO TEATRO DESCALVADENSE:

Gerson Álfio De Marco: Escritor, entre suas obras, as peças Conto Descalvado e História da Salvação.

Mário Joaquim Filla foi grande amante das artes, fundou em Descalvado, o Teatro Experimental do Trabalhador, do qual foi incentivador, dirigindo peças e trabalhando como ator. Consagrou-se na interpretação da peça “A Raposa e as Uvas”. Dirigiu e encenou outras peças como O que é o mundo, Dona Xepa e Alma Sertaneja.

Luiz Gonzaga Lício: Advogado por profissão e ator como paixão, Luiz Lício é carinhosamente chamado em Descalvado, sua cidade natal, como “ator de uma única peça”: *As mãos de Eurídice, monólogo em dois atos de Pedro Bloch*, por tê-la interpretado inicialmente aos trinta anos, encenando-a com o mesmo talento vinte anos após. E despertando as mesmas emoções nas platéias de gerações tão diferentes. Mesmo fazendo um teatro tradicional atualizou a montagem introduzindo elementos como: a comunicação com o público, a interpretação além palco, a licença poética e improvisação do texto, apenas contando com sua própria direção. Além de Descalvado onde apresentou-se diversas vezes, fez sucesso também em cidades como Barretos, Mococa, São João da Boa Vista, Casa Branca, Leme, Santa Rita do Passa Quatro, Dois Córregos, Santa Rosa do Viterbo, Guaranésia, Porto Ferreira, Santo Antonio da Alegria, Ribeirão Preto.

TELEVISÃO: (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

- 1958 - recepção dos primeiros sinais de TV;
- 1959 - TV Tupi inaugura retransmissor em Analândia melhorando os sinais;
- 1963 - Sr. Domingos Gentil instala um transmissor da TV Tupi em Descalvado;
- 1968 - criado o Serviço Municipal de Televisão pela Lei municipal 77/68;
- 1969 - instalação dos transmissores no Morro Descalvado (Monte Sinai);
- 30/07/1981 - inauguração da cabine no bairro de Santa Cruz.

Foram fundadores do Serviço Municipal de Televisão os senhores Alberto Sundfeld, Roberto Augusto Teixeira Coelho, Orivaldo Ivo de Medeiros, Tomás Vita e Antônio de Oliveira (Nico Delermo), dentre outros.

A partir de 1970 passou a ocupar a Presidência do Serviço Municipal de Televisão Luiz Carlindo Arruda Kastein, contando com a direção técnica de Antônio de Oliveira (Nico Delermo) e a colaboração de Benedito Sebastião Chiaretto e Gelson Ruiz.

CONTANDO A TELEVISÃO (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

No Brasil: O Brasil foi o quarto país do mundo a possuir emissora de televisão. Antes somente Estados Unidos, Inglaterra e França. Em 18 de setembro de 1.950 foi ao ar a TV Tupi de São Paulo com o programa “Tv na Taba”, transmitido com uma só câmara da maracá RCA, importada dos Estados Unidos. Assis Chateaubriand, dono do Grupo dos Diários Associados a qual pertencia a TV Tupi, comprou 200 aparelhos receptores e os espalhou por pontos estratégicos da capital para que o público pudesse presenciar o ato inaugural em um estúdio na Avenida Alfonso Bovero, dirigido por Cassiano Gabus Mendes, apresentado por Homero Silva e com a participação dos artistas: Lima Duarte, Hebe Camargo, Mazzaropi, Ciccilo, Lia Aguiar, Vadeco, Ivon Cury, Lolita Rodrigues, Wilma Bentivegna, Aurélio Campos, o jogador Baltazar e a Orquestra de George Henri.

Em Descalvado: Esta é a história da caixinha mágica que de repente chegou a Descalvado e mudou a vida de todo mundo. Era a televisão que chegaria em 1959, nove anos depois da inauguração da TV Tupi, inicialmente Canal 3, depois Canal 4

de São Paulo. O pioneiro foi nosso amigo Domingos Gentil, popular “Mingo”, um entusiasta, que contando com o apoio e conhecimento técnico de Antônio de Oliveira (Nico Delermo), na época seu funcionário da “Exposição Gentil”, revolucionaram a cidade com os primeiros sinais do “Indiozinho da Tupi”. Mas antes vamos contar a história dos primeiros receptores de televisão na cidade. Quem nos narra é Nico, que muito antes de fazer reparos em aparelhos de tv, orgulha-se de ter consertado aparelhos de rádio históricos como um Philips modelo 1934 de propriedade da Casa Dois Mil Réis, um RCA 1936 do Bar Quatro Cantos e um modelo PIE de propriedade da família Diniz Francisco. Segundo ele o primeiro aparelho de televisão foi um Zenith de 21 polegadas com controle remoto, trazido dos Estados Unidos por Glenan Leite Dias Filho que o instalou em sua Fazenda Ibicoara. Mas nunca se soube se pegou algum sinal. Por volta do mês de maio de 1958 o descaldvadense João Galhardo que residia na capital, resolveu voltar para sua terra natal, vindo a residir na rua Bezerra Paes, altura do número 750. Em sua bagagem uma TV RCA Victor, fabricação americana de 21 polegadas. Ergueu ao lado de sua casa uma antena pé de galinha na ponta de um poste de eucalipto de 20 metros, com a qual pegava esporadicamente os sinais da TV Tupi Canal 4 de São Paulo. Foi através dele que Nico começou a se entrosar com televisão. Domingos Gentil que possuía uma loja de eletrônicos na rua Barão do Descalvado, 329 também se interessava e, juntamente com Nico, que começava a trabalhar em sua loja como técnico, trouxeram o primeiro aparelho para revenda. Foi um aparelho HOTPOINT, marca registrada da Mesbla fabricada pela GE - General Electric do Brasil, instalada no escritório da Fábrica de Tecidos de Domingos Gentil, na rua Dr. Anastácio Viana, altura do número 1200. A recepção também em poste de eucalipto de 20 metros, agora com antena pé de galinha dupla, o que reforçava um pouco a recepção de sinais, mesmo assim precários. O aparelho foi vendido para Natalin Zanone proprietário do bar localizado na esquina das ruas Cel. Arthur Whitaker com Paula Carvalho, onde foi colocada uma antena pé de galinha fixa em três barras de cano totalizando 18 metros acima do telhado do bar. Em janeiro de 1959, Mingo trouxe outro aparelho de televisão de marca BECKSON de 21 polegadas, fabricado pela Invictus vendida para o senhor Manoel Gaia. Depois foi uma STROMBERG CARLSON vendida para Paulo Casati. Logo depois Carlindo Boller Kastein e César Martinelli adquiriram aparelhos da marca PHILLIPS da Loja Casa Blanca de Rio Claro. Em fevereiro de 1959 Nico e Mingo receberam a visita do técnico da TV Tupi chamado Arnot e seu motorista João que informaram que havia sido ligado retransmissor na cidade de Analândia, funcionando no canal 9. Explicou Arnot que o sinal partia de São Paulo, passava pelo Morro do Japi em Jundiá, seguia para o Morro Azul em Limeira e dali para Analândia, posteriormente atingindo Santa Rita do Passa Quatro e Ribeirão Preto. A recepção passaria a ser feita com antena tipo dipolo dobrado na vertical (apelidada em Descalvado de “rastelinho”). A captação da imagem e do som era intermitente e deixava muito a desejar, mas era suficiente para despertar a atenção de toda a população descaldvadense. Agora quem conta é Mingo: “meu escritório vivia literalmente lotado de pessoas curiosas em conhecer a novidade. Por essa época minha loja de Eletro domésticos passou a vender os primeiros televisores em preto e branco, (claro que nem se sonhava com a televisão colorida) das primeiras marcas: Colorado, Philco, Phillips, General Electric, Empire e Semp. Em 1959 inaugurou-se a torre de Analândia, mandando os sinais para a torre no Morro do Siroca (alusão ao proprietário das terras onde se localiza o Morro) em Santa Rita do Passa Quatro e eu com insistência e garra, consegui com o supervisor da transmissão para o interior, Sr. Humberto Buri, uma variante de antena, dirigida para Descalvado em VHF. (Nico contesta esta versão informando que o entrosamento entre Mingo e o Engenheiro Buri que era Diretor Técnico das “Emissoras Associadas” realmente aconteceu, mas a respeito da antena variante para Descalvado, a mesma não foi concretizada uma vez que a quantia pedida era muito alta e Mingo não conseguiu arrecadar. Nico prossegue contando que entre os anos de 1994 e 1995 esteve várias vezes com o técnico da TV Record, seu amigo Aparício Carlos Romeiro, no Morro Itatiaia e não Siroca como afirma Mingo, em Santa Rita do Passa Quatro onde estão instaladas todas as redes de televisão e o Adão que desde criança viveu naquele local, o levou no antigo posto da extinta TV Tupi, hoje em abandono e que fica aproximadamente há 300 metros dos postos das demais emissoras. Pode ver que o posto ainda estava com os geradores de força nos seus respectivos lugares, com também a torre, cabos e antenas, inclusive de micro ondas. Embora tudo abandonado podia-se observar que permaneciam do mesmo

jeito que estavam no ano de 1965, ou seja com antenas voltadas para Casa Branca, Pirassununga, Araraquara e Ribeirão Preto. Do ponto de vista de quem fica em pé na base da torre e olha para Descalvado, pode-se notar que a antena da esquerda estava a 65° e a antena da direita estava a 35°, região em que o sinal é quase nulo, razão pela qual o sinal do Canal 12 nunca foi perfeito em Descalvado. Para fins de registro informo ainda que o Adão, aqui relatado, é filho do Sr. Armando Borgo que foi o operador da TV Tupi desde sua inauguração e até o seu falecimento. Seus filhos o sucederam no posto e estão até esta data trabalhando nos outros canais, enfim a família toda continua naquele morro. Após sua conversa com o Adão acabou descobrindo que vários aparelhos do posto abandonado estavam num ferro velho em Santa Rita do Passa Quatro, onde acabou por adquirir vários componentes que ainda estavam em condições de uso. Infelizmente o aparelho do canal 12 não tinha mais condições de ser aproveitado, pois o mesmo estava jogado no tempo. Diante da situação em que encontrou a torre, com as antenas nos seus respectivos lugares, fica a prova que o Sr. Buri nunca atendeu o pedido do Sr. Gentil. Na época ficou a promessa do Sr. Buri de que iria resolver o problema para Descalvado através do canal 12, mas como meses depois ainda nada tinha sido feito, Nico foi procurado pelo Sr. Salvador Trabasso e com a autorização de Mingo, pois na época era seu funcionário na Exposição Gentil, foi diversas vezes a Santa Rita do Passa Quatro com Salvador onde em conversa com o zelador Sr. Armando Borgo obtiveram a indicação para que procurassem o engenheiro austríaco Sr. Fran Cetina em Campinas no Castelo. Com este engenheiro obteve muitas informações a respeito de antenas e transmissores de televisão. Depois que o engenheiro ouviu o relato a respeito do canal 12 com relação a Descalvado, este informou que não tinha mais condições de sobrecarregar aquele aparelho com uma nova antena para Descalvado, pois para isto precisaria trocar todo o complexo eletrônico). Prossegue Mingo: Em minha oficina cujo técnico era o Sr. Nico Delermo, fabricamos um aparelho receptor e transmissor e o instalamos na telagem, no alto do Jardim Belém quando Descalvado começou a receber imagem e som com toda técnica, sob a perícia do Nico. Ressalto que todas as despesas desde o início da primeira transmissão de imagem e som na TV, inclusive fabricação do aparelho receptor e transmissor, custeio de manutenção e outros inúmeros encargos foram custeados somente por mim, sem ajuda dos Poderes Públicos ou qualquer Associação. Somente em 1968 seria fundado o Clube de Televisão de Descalvado, para o qual doe meu aparelho e cedi meu técnico, o Nico. Convém lembrar que o aparelho que doe para o Clube de Televisão funcionou durante muitos anos ainda, mesmo quando o acervo passou para a Prefeitura, com os sinais, inicialmente da Bandeirantes e depois da TV Paulista. Quando este canal se transformou na Globo, meu transmissor passou a ser usado na TV Cultura, sendo desativado somente por volta de 1982, quando todos os sinais passaram a operar em UHF. Assim nasceu a recepção de televisão em Descalvado. O que aqui relato pretendo ser uma modesta contribuição a este aspecto da nossa história, que deve ser registrado para que não se perca no correr do tempo. Hoje temos um serviço de televisão invejável, que não é preciso descrever, porque a população pode constatar-lo diariamente, e as melhorias continuam, graças ao trabalho do Serviço Municipal de Televisão e dos que dele cuidam com carinho e dedicação. Mas tudo isto teve um começo. Começo difícil e de muita luta, que tenho orgulho em poder atribuir à minha iniciativa.” Mas a história da TV em Descalvado não para aí. Em 1968 constitui-se o Clube de Televisão e a meta agora seria construir a estação retransmissora no alto do Morro Descalvado que também é conhecido como Monte Sinai, na Serra Descalvado, com a contribuição espontânea dos proprietários de televisores. Registrando-se aqui também os agradecimentos aos herdeiros de Segismundo Chaves dos Santos (Dudu Bahiano), que gentilmente cederam áreas de terra no Monte Sinai, localizado em sua propriedade, a Fazenda Fortaleza. Nico conta que a necessidade do Clube de Televisão surgiu quando o Engenheiro Cetina de Campinas informou que não tinha como direcionar uma antena para Descalvado. Era necessário buscar uma outra solução. Foi aí que Nico, Salvador Trabasso, Ariovaldo Andrade Jardim, Tomás Vita, Modesto da Nestlé e outros com a participação do Sr. Sebastião Franzim que na época era dono da Fazenda São Guilherme e que com seu jipe por diversas vezes os levou até o alto do Morro Descalvado, mesmo antes que aquele local tivesse acesso por estrada. Iniciaram-se assim os testes naquele morro. Nico lembra que estes testes antecederam o Clube de Televisão, mas tudo feito com muito entusiasmo. Lembra ainda que o primeiro teste foi feito no Morro de Santa Maria, quando o senhor Architeclineo

Pozzi, proprietário da fazenda do mesmo nome, com seu trator e carreta os levou ao topo do morro. Os sinais de Santa Rita do Passa Quatro não cobriam Descalvado, e o posto de Analândia só funcionava como link de micro ondas. Nico em conversa com Mingo disse que tinha feito um aparelho repetidor de televisão com componentes usados de rádios velhos e válvulas de televisão (sucatas) e estava funcionando muito bem. Foi sem perda de tempo que o Sr. Gentil mandou que se instalasse o mesmo em sua tecelagem, cobrindo muito bem a cidade toda. Foi a partir da experiência de Nico e do sucesso com o primeiro transmissor que Mingo pediu a ele que fizesse um aparelho mais potente e mais sofisticado, cobrindo o custo com os materiais utilizados. Nico contesta também o relato de Mingo de que quando foi constituído o Clube de Televisão o mesmo cedeu o técnico, uma vez que somente em 1968 seria fundado o Clube, e em julho de 1967 já estava desligado de sua empresa e trabalhando por conta como técnico em eletrônica. Foi somente depois que já estava em funcionamento o transmissor da TV Record do Clube de Televisão que o Sr. Gentil doou seu aparelho e vendeu a TV Hotpoint de 17 polegadas e 50 metros de cabo coaxial para o Clube, em abril de 1969. Nico prossegue dizendo que formado o Clube de Televisão pelos rotarianos em fins de 1967, composta sua diretoria, todos começaram a trabalhar para arrecadação da importância para se fazer o empreendimento e já no início de 1968 o Clube teve um contratempo que quase o impediu de sobreviver e que na época não foi divulgado à população. Após a saída de Nico da Exposição Gentil em julho de 1967, o Sr. Mingo aliou-se com seu inimigo comercial Sr. Vasques, quando ambos levantaram a polêmica de que o Nico como técnico não teria condições de fazer com que os sinais do Morro Descalvado chegassem até a cidade. A intenção dos dois era afastá-lo do comando técnico para que assumissem a responsabilidade pela assessoria ao Clube de Televisão. Na época foi procurado pelo Sr. Roberto Augusto Teixeira Coelho que pediu ao Nico que provasse que o sinal chegaria até a cidade. Lembra que naquela época ficou bastante constrangido pois não tinha como fazer a demonstração a menos que o Sr. Gentil cedesse todo o equipamento para o teste. Foi quando procurou o Sr. Alberto Sundfeld e disse a ele que pedisse emprestado o equipamento do Sr. Gentil. O mesmo cedeu mas tudo teria que ser conduzido em sua caminhonete dirigida por seu motorista. Foi então até o Morro da Fazenda São Guilherme, pois até lá havia estrada. Instalou os equipamentos e ficou transmitindo sinais das 17,00 até as 23,00 horas. Durante todo o tempo ficou rodeado pelos familiares do Sr. Gonçalo Pereira que estavam presentes. No dia seguinte foi a Relojoaria Rubi onde encontrou o Sr. Alberto Sundfeld todo sorridente pois havia passado no teste. Lembra que quando saía da Rubi encontrou o Sr. Vasques que exibiu um esquema de TX de TV que ele e o Sr. Gentil haviam conseguido em Jau ou Bauru foi quando respondeu ao “espanhol” que ele não precisava disso porque era só copiar o TX que estava em poder deles, uma vez que ele não precisa de esquema, pois o mesmo estava gravado em sua cabeça. Ainda assim não se deram por vencidos, pois colocaram uma torre de uns trinta metros de altura, mais ou menos, em um terreno do Cerantola, só que nada funcionou. O aparelho foi vistoriado pelo espanhol que constatou que o mesmo estava descalibrado. Daí o Senhor Gentil exigiu junto ao Sr. Roberto Coelho que Nico fizesse o transmissor funcionar. A pedido deste foi com o Sr. Mário Stoppa até o local a noite e recalibrou o aparelho, menos a saída para a antena. A televisão ali junto ao aparelho funcionou conforme atestou o Sr. Mario Stoppa, porém como não estava saindo na antena, não chegava nada na cidade. Daí em diante desistiram e acabaram doando o aparelho para o Clube. Lembra que o aparelho doado pelo Sr. Gentil foi feito para receber o canal 13 – TV Bandeirantes diretamente de São Paulo e retransmitia no canal 5. Aparelho este que funcionou até que Nico, Luiz Carlindo e Benedito Chiaretto resolveram passar a Bandeirantes para UHF, ficando o mesmo para a TV Cultura. Quem nos conta a história agora é Roberto Augusto Teixeira Coelho (R.A.T. Coelho) em notícia que publicou no jornal “O Comércio”: “A notícia hoje é bastante alvissareira: Já foram iniciados os trabalhos no Monte Sinai. O material de construção já foi transportado pela Prefeitura. Por gentileza do Sr. Anselmo Cassamasso, estão sendo conduzidos os pedreiros que edificarão os abrigos para o transformador e repetidores. Esta será a etapa mais difícil da obra, pois carregar para o topo do morro: areia, cal, tijolos, cimento e até mesmo água, não será tarefa fácil. Porém com empenho e dedicação tudo será feito.” Finalmente em junho de 1969 ficou pronta a estação retransmissora do Monte Sinai, a notícia da inauguração foi assim relatada por R.A.T. Coelho: “Sábado passado foi dia que para nós começou cheio de apreensão e incerteza, para depois, tornar-se dia de imensa alegria. Por volta de meio dia

embarcamos na perua da Cia. Telefônica, juntamente com o Alberto Sundfeld, Ivo Medeiros e Orivaldo Ivo de Medeiros. Iamos para um teste decisivo na nossa torre de TV, levando almoço para o José Assoni, Diógenes Medeiros, Nico Delermo e um trabalhador que desde cedo lá estavam ultimando preparativos. Durante o caminho, as dúvidas tomavam conta de nós. Esse trabalho tremendo que temos desenvolvido seria bem sucedido? Corresponderíamos a confiança que os contribuintes depositaram em nós? Teríamos falhado em alguma coisa? O que seria de nós na língua dos tradicionais “coveiros”? Depois de percorrer durante uma hora através daqueles caminhos tortuosos e esburacados, a heróica kombi conseguiu chegar ao topo do Monte Sinai. Foi com ansiedade e expectativa indescritíveis que autorizamos o Nico a ligar o aparelho. O suspense era tremendo. Todas aquelas dúvidas voltaram às nossas mentes. Ligado o aparelho, a imagem do canal 7 (Record), apareceu nítida no televisor do nosso equipamento. Foi um momento de alegria, porém, não total. Restava saber se essa imagem estava chegando perfeita a Descalvado. Para cá retornaram o nosso técnico, juntamente com o Vadinho, mais uma vez castigando a pobre perua. Nossas dúvidas ainda persistiam, porém, agora em menor intensidade. A tranquilidade somente seria obtida com a volta dos dois e com a informação que trariam. Foram outras três horas de suspense. Finalmente despontou lá adiante a viatura da Telefônica. Fomos todos ao seu encontro, ansiosos que estávamos pela notícia que trazia. E foi aquela pela qual torcíamos. A imagem do SETE estava chegando com perfeição absoluta em nossa cidade. Diversas casas haviam sido visitadas. Em todas elas a imagem que retransmitíamos do morro “estufava” os televisores. A alegria se apossou de todos nós. Quase pulávamos de alegria. Tínhamos vencido. Era a colimação do trabalho exaustivo dos nossos companheiros. Havíamos conseguido com minguadíssimos recursos, realizar uma obra extraordinária. Encerrando esta nota, quero lembrar a pessoa do Sr. Alberto Sundfeld, que com o seu reconhecido dinamismo e competência foi elemento utilíssimo. Preciso também, antecipar os nossos elogios à notabilíssima turma da Telefônica Descalvado, comandada pelo formidável Diógenes Ivo Medeiros. Sem eles nada teríamos conseguido”. O Clube de Televisão colocaria no ar ainda os sinais da TV Bandeirantes - canal 13, no transmissor doado pelo Sr. Domingos Gentil. Em 20 de janeiro de 1970, era extinto o Clube de Televisão de Descalvado, e o acervo total foi transferido por seus diretores: Roberto Augusto Teixeira Coelho, Alberto Sundfeld e Tomás Vita, para o então Prefeito Municipal Deolindo Zaffalon. Constituído o Serviço Municipal de Televisão, os cargos foram ocupados por Luiz Carlindo Arruda Kastein, Benedito Sebastião Chiaretto e Antonio de Oliveira. Para a Copa do Mundo foi ao ar mais um canal: a TV Excelsior - Canal 9. Depois foi a vez da TV Paulista - Canal 5. Nico lembra que até 1970 nem no alto do morro chegava o sinal da TV Paulista. O que chegava era o canal 29 com sinal codificado, ou seja vídeo em Fm e áudio acima do canal 13. Esses sinais eram decodificados somente nas cidades de interesse do engenheiro Anatolli. No ano de 1970 nasce o COINTE – Consórcio Intermunicipal de Televisão com sede em Serra Negra e que colocou no ar para toda a região os sinais da TV Globo, bem como todos os demais canais que chegavam até Santa Rita do Passa Quatro. Em junho de 1970 com a realização da Copa do Mundo no México, em que o Brasil iria se sagrar Tri-campeão Mundial de Futebol, eram poucas as cidades do interior que recebiam sinais de TV. Descalvado exportou imagens para a região. Lembra Nico que logo depois em 1971 mudou para São Carlos e nesse ano conseguiu o aparelho da Globo que passou a funcionar no canal 9, aparelho feito com componentes adquiridos por ele, sem qualquer despesa para a Prefeitura. Neste mesmo ano a Prefeitura associou-se ao COINTE. Em março de 1972 foi feito o primeiro retransmissor em UHF com os sinais da Globo no canal 25. Em seguida foi a vez da Tupi no canal 48. Em 1972 o início das transmissões a cores com o Presidente Geisel inaugurando as transmissões em Porto Alegre, Rio Grande do Sul com a Festa das Flores. Logo depois todo o país passaria a receber imagem a cores, inclusive Descalvado que dava mais um grande passo, transmitindo para a região a Mini Copa em cores. Os primeiros sinais a cores captados em Descalvado foram da TV Bandeirantes. O primeiro receptor a cores da cidade foi um Philco de 26 polegadas de propriedade de Nilson Dituri. O segundo, também um Philco de 26 polegadas foi instalado pela Loja Bernasconi de São Carlos no recinto da Festa da Avicultura. O terceiro aparelho foi um Philips de 26 polegadas de propriedade de Raul Pinto Martinelli. Em 1976 a cabine de transmissão seria mudada para o reservatório d'água do Cerantola e em 1982 para o alto da Santa Cruz, operando agora

todos os sinais em UHF. Em 1986 mais um fato inédito: Seríamos os pioneiros a gerar sinais próprios de televisão, com uma mini estação no Canal 38, que cobria eventos da cidade, inclusive a campanha do CERD, quando foi campeão estadual da 3ª divisão de futebol. Em 1990 a nova Comissão de Televisão: Luiz Carlindo Arruda Kastein, Gelson Ruiz Antonio de Oliveira e Benedito Sebastião Chiaretto, dariam início à recepção dos sinais via satélite. A título de curiosidade registramos que a primeira antena parabólica instalada em residência na cidade foi do Sr. José Carlos Calza, no ano de 1990. Uma antena Santa Rita de 5,5 metros de diâmetro com rastreador permitindo a recepção tantos dos canais nacionais como internacionais. Em abril de 1993 começaram a ser captados em residência os sinais via satélite da Globosat, em abril de 1995 foi a vez da TVA Digisat, e em outubro de 1996 seriam instaladas as primeiras mini antenas parabólicas com 0,60 cm de diâmetro, Banda KU com os sinais da DirecTv do grupo da TVA e logo depois a Sky Tv do grupo GloboSat. Hoje Descalvado se orgulha em transmitir para seus munícipes nada menos que 10 canais de televisão e quem sabe num futuro bem próximo, já estaremos também com a TV a cabo. Será que nossos antecedentes imaginariam que a TV chegaria tão longe, partindo do primeiro televisor preto e branco de tela arredondada que sintonizava no ano de 1959 a extinta TV Tupi de São Paulo em ruidosos sinais de VHF? Quem naquela época não excomungava aqueles carrinhos DKV, que costumavam ficar acelerando nas ruas, provocando barras na tela e ruídos no som, justo na hora do Direito de Nascer que ia ao ar às 7 hs, ou então, exatamente naquela horinha que o *Repórter Tico Tico*, tiraria do bolso do colete a notícia mais importante da noite, um pouco antes de ir ao ar o famoso *REPÓRTER ESSO?* A mesma telinha que chamava a criançada para a sala com o *PIM PAM PUM* da Estrela, e as levava para dormir com o comercial “*tá na hora de dormir/ não espere mamãe mandar/ um bom sono prá você/ e um alegre despertar*”, dos Cobertores Parayba. Telinhas arredondadas, que hoje viraram telões em cores, via satélite. É o milagre da tecnologia que “Mingo e Nico”, num passado distante, trouxeram para nossa Descalvado.

BANDAS DE MÚSICA:

- **Santa Cecília** - fundada pelo Partido Liberal - 18
- **Recreio da Mocidade** - fundada pelo Partido Conservador - 18

CLUBES e ASSOCIAÇÕES (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

- **Clube da Lavoura e Comércio** - 1874
- **Sociedade Recreio Familiar** - 1880
- **Sociedade União Democrática**
- **Sociedade Dramática Aurora**
- **Clube 13 de Maio (1903)**

LOJA MAÇÔNICA TRIUMPHO E UNIÃO:

- fundada em 29/03/1874, pela carta constitutiva do Grande Oriente Unido de 12/08/1874
- Membros fundadores: Gabriel Amâncio Lisboa, Anacleto Rodrigues Dias, José Peixoto da Motta Júnior, Justiniano Leite Machado, Alberto Ferreira Penteado, Caetano Pinto de Carvalho Júnior, Joaquim Cândido de Almeida Leite e José Lourenço de Oliveira.
- regularizada em 31/10/1874
- passou para o Grande Oriente do Brasil em 14/11/1885 - com número de cadastro 292
- 22/08/1921, filiou-se ao Grande Oriente de São Paulo.
- Templo próprio localizado a rua José Rodrigues Penteado, entre as ruas Bezerra Paes e Cel. Rafael Tobias, avaliado em 20 contos de réis.
- Rito escocês com trabalho semanal.
- Mantinha duas escolas, atingindo 78 alunos matriculados, sendo uma diurna mista e outra noturna masculina.
- adormeceu no ano de 1927, sendo seu templo vendido para Spártaco Gabrielli.
- reergueu colunas em 29/02/1982, funcionando provisoriamente à Avenida Bom Jesus (fundos) quase esquina com Avenida Guerino-Oswaldo.

- inaugurou sua atual Loja, localizada à Rua Padre Jeremias José Nogueira, nº 14, em 07/02/1985.

Curiosidade: Quando da inauguração, vieram representantes de diversas lojas da região, mas uma se destacou às demais pelo grande número de presentes. Foi a Loja Eterno Segredo de São Carlos. Seus integrantes disseram que vinham pagar uma dívida de mais de cem anos com a Loja de Descalvado, já que foram os maçons descaltadenses que fundaram a Eterno Segredo há mais de cem anos, e naquela oportunidade também deram presença marcante e com um detalhe - foram todos montados à cavalo.



Símbolo da Loja Maçônica Triunfo e União

UMA REUNIÃO MAÇÔNICA DO INÍCIO DO SÉCULO (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

No final do século XIX, pelo menos em Descalvado, Igreja e Maçonaria, andavam de mãos dadas, e ambas se preocupavam muito com o casamento civil, que naqueles anos andava no esquecimento, já que a maioria do povo, preferia simplesmente o casamento religioso. Houve então uma determinação do Conego Barroso, Vigário Geral da Diocese, para que todos os párocos, não realizassem casamento algum religioso, sem que os nubentes tivessem

primeiro, satisfeito o preceito matrimonial no Juízo Civil. O Secretário da então Capitular Loja Maçônica “Triunfo e União”, João Fernandes da Silva, também preocupado com o problema, seguindo determinações do Dr. Carlos Reis, Grão Mestre do Grande Oriente do Brasil, a qual estava subordinada a Loja de Descalvado, reuniu-se com o Pároco de Descalvado, o gaúcho Francisco Teixeira de Vasconcellos Braga, e acertaram a realização de uma conferência pública sobre a tese: “O casamento civil”, escolhendo para dissertar sobre o tema, o maçom Dr. Ângelo Tourinho de Bittencourt, renomado advogado do fórum local, e ilustre “pedreiro livre” da “Triunfo e União”. A palestra foi realizada na sede da Loja Maçônica, que ficava na rua Áurea, num domingo do ano de 1902, às 19,00 horas, horário nobre de então, deixando o templo totalmente lotado, para azar da Companhia Dramática de José do Prado, que apresentaria na mesma noite o “comovente” drama “Capitão Pirata”, com os artistas: Prado, Freire, Duarte, Simões e Marcolina Gomes e que com toda certeza teve que ser adiado por absoluta falta de público. Com base no relato do Secretário, que minuciosamente descreveu os participantes da palestra e em pesquisas realizadas em jornais da época, vamos retratar abaixo como eram e o que faziam os participantes de tão importante palestra: o Agente Executivo, Capitão José Quirino Ribeiro, cargo equivalente ao do atual Prefeito Municipal; o Presidente da Câmara Municipal, Capitão Ananias Pereira de Carvalho; o Procurador da Câmara Municipal, Alferes Benvenuto Gonçalves Franco; o Secretário da Câmara, Ignácio Antonio Pereira; o Juiz de Direito, Dr. Ernesto de Moraes Cohn; o Promotor Público, Dr. José Ferreira Machado; o Delegado de Polícia, Dr. Sebastião Penteado, os médicos Dr. Alencastre Reis, Dr. Anastácio Vianna, Dr. Costa Duarte, Dr. Orestes Dadei, tendo ficado de plantão o Dr. Cruz Abreu, médico de renome que atendia chamados a qualquer hora do dia ou da noite e que residia em chalé no Largo da Matriz, nº 22; José Antonio de Souza, ilustre “pirotecnico”, dono de conceituada fábrica de fogos legítimos; Carlos Mayesi, proprietário da Grande Fábrica de Macarrão Descalvadense, localizada na rua Uruguiana, nº 30 (atual Cel. Tobias) e que trabalhava com 14 qualidades de massa branca, além da massa amarela, sendo que esta última deveria ser encomendada com antecedência, sendo que 10 kg de macarrão eram vendidos a \$5500 Réis; Francisco Figueiredo, proprietário do Hotel das Famílias (antigo Hotel Ribeiro), recém reformado; Joaquim Paranhos, dono do Club Descalvadense com bebidas finas, cigarros, charutos, bilhetes de todas as loterias e bilhares, localizado a Rua Uruguiana; Luiz Calvoso, proprietário do Salão de Barbeiro e Cabeleireiro denominado Salão Internacional da rua 13 de Maio (Guerino-Oswaldo); Carlos Gusberti, dono da alfaiataria Victoria do Largo da Matriz; Antonio Nunes dos Santos, proprietário do Taco de Ouro, antigo “Club do Zito” com bilhares e bifes a toda hora; Emigdio Vieira Bastos, boticário da Farmácia do Globo, que ficava na Bezerra Paes nº 22 e que já vendia o vidro de homeopatia a 1\$000 Réis; Feliciano Salles Cunha, da Alfândega Descalvadense; José Paulini, da Marmoraria

Descalvadense; Miguel Sabonge, da Loja da Syria que vendia o metro da chita de primeira por \$600 Réis; Pedro Sabbatini, da Sapataria Art-Noveau; Herbert Müller, do Central Hotel; Eugenio Nocenzo, do Salão Americano que cobrava o corte de cabelo, barba e fricção 1\$000 Réis, garantindo que “as navalhas, pentes e escovas seriam sempre rigorosamente desinfetados”; Jorge Blackburn, da Oficina Mecânica que fabricava carroções de boi a 850\$000 Réis; Constante Corani, da Alfaiataria Popular que cobrava para o terno de brim entre feito e aviamentos 15\$000 Réis e o de casemira 40\$000 Réis,



Societá Fratellanza Italiana

Miguel Arruda, do açougue que vendia tanto o quilo da carne de carneiro como de peixe salgado a 1\$000 Réis, Avelino Possidonio de Castro, da Selaria União que reduzia seus preços devido a crise, oferecendo arreios de carroça por 50\$000 Réis; Octaviano Luiz de Camargo, da Casa Camargo, estabelecida na rua 13 de maio, nº 17 e revendedora do fumo especial do Pedro de Camargo. Justificaram ausência o ilustre político Coronel Arthur Horácio D'Aguiar Whitaker, que estava acamado; o “farmacêutico” Antonio da Costa Simões, bem como sua esposa que naqueles dias dera luz a uma filha, e que o jornal “O Descalvadense”, em sua coluna social desejava que “vivesse, crescesse e tornasse uma mulher santa como Maria, meiga como Sara, amorosa como Ruth e bela como Rachel. Não compareceu também o Dr. Cândido Augusto Rodrigues, “abalizado” advogado da época e que estava com seu filhinho enfermo. O evento com toda certeza foi fotografado por Nuno Mehler da Photographia Mehler, que fazia na época um interessante comercial nos jornais locais, lembrando as moças para que procurassem o seu atelier para serem fotografadas, “pois a maior alegria das velhas é examinar o seu retrato de quando eram moças. E as moças de hoje, daqui a 50 anos serão velhas.” Notícias relatam ainda, que muitos boêmios não compareceram a palestra, porque o Bar do Marcelo que ficava no centro da cidade, lançava naquela noite como novidade, cerveja gelada das marcas: Fumagali, Sassi, Tirolim, Gargantini, Brambilla e Tamanduá, todas fabricadas em Descalvado, e vendidas a 1\$200 a unidade, mais caras que os vinhos italianos e portugueses, que custavam na época \$800 Réis. Até então a cerveja era servida na temperatura natural. O gelo era fabricado no Empório Familiar de Maria Paraventi, que aceitava encomendas pelo telefone 15, fazendo entregas a domicílio. Ficamos na certeza que após a conferência, o Juiz de Paz de Descalvado, Coronel José Rodrigues Penteado, tenha realizado muitos casamentos civis na Santa Casa de Misericórdia, uma vez que a Igreja Matriz estava fechada, já que a mesma necessitava de reparos, e uma Comissão especial

estudava se ela seria reformada ou demolida, para construção de uma nova.

- SOCIEDADE FRATELLANZA ITALIANA (Gerson Álfio De Marco)

(Societá de Mutuo Socorso Fratellanza Italiana - Sociedade de Socorro Mútuo Fraternidade Italiana) - o grêmio dos imigrantes peninsulares em Descalvado, vibrante colméia de civismo itálico e de amor ao Brasil. Radiante e fraternal regação da gente do bel paese, tão estranhamente ligada à terra acolhedora de Descalvado. Nosso município foi daqueles de receber, por anos seguidos, os benefícios inavaliáveis da imigração italiana. Não findara ainda o século XIX do início do grande surto imigratório italiano para o Brasil, e Descalvado já possuía numerosa e ativa colônia dos da pátria de Dante. Assim é que, sentindo essa colônia a necessidade de uma maior união, de um maior contato entre seus integrantes, houve por bem fundar a sua agremiação nacional, sob os céus do país eleito para uma atividade constante e fecunda, para a fixação ou constituição de seus lares, E, no ano de 1895, surgiu a “Fratellanza”. Sua primeira diretoria era assim constituída: Presidente Vicente Bevilacqua, Vice Pedro Sala; Secretário Júlio Mantovani e tesoureiro Clemente Peccioli. Festas entusiásticas marcaram o nascimento da nova sociedade. A princípio ela funcionou em prédio da Avenida Guerino-Oswaldo, vizinho ao Unibanco. Mais tarde foi adquirido terreno na rua 24 de Outubro, onde hoje é o Nosso Clube e aí, com a colaboração de todos, foi erigida a nova sede social e que foi inaugurada com grandes festejos. Era o ano de 1904. A “Fratellanza” durou até o ano de 1943, quando por circunstâncias da época (2ª Grande Guerra), foi declarada sua extinção e sua sede doada (era determinação estatutária) à entidades assistenciais de Descalvado. Essa tradicionalíssima sociedade colonial italiana de Descalvado atendia, com o pagamento de remédios e diárias, aos associados pobres, necessitados; promovia bailes e festas e, entre as suas festas de preceito, estava o 20 de setembro, data histórica da unificação da Itália. Nos longos anos em que Descalvado, não possuía um clube social com sede própria, os salões da Fratellanza foram o constante local dos bailes quer da colônia, quer de todo descalvadense. Foram cinquenta anos de associação italiana em Descalvado; e quarenta deles vividos na velha, acolhível sede da 24 de outubro. A “Fratellanza Italiana” encerrou sua esplêndida existência em 1943, com os seguintes regentes: Vicente Tallarico, presidente; José Branco Della Líbera, vice e Francisco Todescan, secretário.

- SOCIEDADE HÍPICA DE DESCALVADO - 1929 à 1960. (Glenan Leite Dias)

Fundada em 1929, dentre outros por Glenan Leite Dias e Beno Rieckman, conseguiu os seguintes feitos: Campeão brasileiro de Polo invicto em 1933; Campeão Paulista de Polo invicto em 1933; Vice-campeão Brasileiro de Polo em 1934; Vice-campeão Paulista de Polo em 1934; Campeão Paulista de Polo invicto em 1939; Maior Handicap de Polo em 1933; Maior handicap de polo em 1960. Em 1931, São Paulo com Glenan, Ruy, Sylvio e Plínio foi derrotado pela Sociedade Hípica Paulista por 12 a 0. Em 1933 São Paulo, com Glenan, Plínio Sylvio e Neves derrotou a Sociedade Hípica Paulista por 12 a 5. Em 1960 seu último Presidente: Glenan Leite Dias assinou escritura de doação ao CERD do seu Campo de Polo, denominado Estádio da Sociedade Hípica de Descalvado.

PISCINA DO DIAMANTINO (Gerson Álfio De Marco)

Urbana de caráter associativo, a primeira em Descalvado. Antes, para os mais afortunados, as piscinas dos clubes de alhures ou as particulares (raras, porém) existentes nas propriedades agrícolas do município. Para o rapazão de então (estamos nos fixando na década de trinta) só havia as piscinas naturais dos rios, suburbanos. No esplendor dos verões e cumprido o rito das aulas no Grupo Escolar Coronel Tobias, a única escola de nível elementar citadina, no tempo, era a busca ruidosa, alegre, gregária, dos remansos fluviais, dos estirões, dos poções. O menino de Descalvado da acenada década (e nas anteriores e nas posteriores, também) praticava a sua natação informal, na Rosária, no Córrego da Prata e onde se localiza a Chácara de Ovídio Rodrigues Cavalheiro; no posteriormente chamado Tanque do Germano, no Bairro de Santa Cruz, em águas do Córrego de Santa Cruz; no Giacomelli, em trecho do Ribeirão Bonito junto à Chácara de Vitorino Giacomelli e daí o nome do local dessa náutica brincada; e na famosa Volta do U, também no Ribeirão Bonito, nas vizinhanças da Chácara do Aurélio Assoni. Por esses natatórios, espalhavam-se as crianças da década, quando surgiu, na história de nossos esportes, a Piscina do Diamantino

e que recebeu tal denominação, pela voz popular, por ter sido construída na antiga Chácara Diamantino, de Diamantino Lopes, velho habitante de Descalvado e do Bairro de Santa Cruz. Na ocasião, o local era propriedade de um de seus filhos, Alfredo Lopes. Posse derivada de herança. Façamos história: Em 1934, Descalvado registrou o aparecimento da Piscina do Diamantino, onde presentemente estão as instalações industriais da S/A Fábrica de Produtos Alimentícios Vigor. A propósito, o tanque existente nas terras dessa firma é, justamente, a mencionada piscina. Mas com algumas modificações e que pouco a diferenciam da primitiva, mormente em sua área. Precisamente nesse ano de 1934, alguns entusiastas da natação sentiram a necessidade de Descalvado possuir piscina urbana. Eram eles, entre outros, o Dr. Glenan Leite Dias, Clóvis Faria Ferreira, Alberto João Domingues, Armando José Salomão, Ruy Álvares Filho. Assim no Bairro de Santa Cruz, em terras de Alfredo Lopes, em 1934, surgiu a tão almejada piscina descaldadense! A primeira urbana, como já dissemos. As águas límpidas do Córrego de Santa Cruz, afluente do Córrego da Prata, formavam-na. E em belo recanto. E com águas correntes, o que era de capital importância. E o lugar tornou-se, logo, a coqueluche do descaldadense. Mediante mensalidades pagas ao proprietário, as famílias usufruíam do direito de a freqüentar. E era intensa a freqüência. Havia diversas cabines. Algumas, particulares; e outras, para uso geral. E, grande inovação para o tempo: a piscina era iluminada! Proporcionando seu uso noturno. E, sempre presente, cuidando de tudo, serviçal, o zelador, João Pires, o João Careca. Local aprazível e iluminado, prestou-se ele, também, por diversas vezes para a realização de quermesses em benefício de diversas entidades locais. A piscina focalizada por nós, durou até cerca de 1940, quando o imóvel que a continha foi vendida a Cyrillo Bortoletto que, por sua vez, o vendeu, mais tarde, para a Vigor. Eis, muito resumidamente, a interessante história da primeira piscina descaldadense, no que concerne ao âmbito urbano. E é certo que muitos, ao lerem este despretensioso registro histórico, sentirão imensas saudades e lembrar-se-ão que o descaldadense sempre foi gente de sonhar e de realizar!

- CLUBE ESPORTIVO E RECREATIVO DESCALDADENSE

Fundando na noite de 3 de dezembro de 1940 no prédio sito à Rua Barão do Descalvado nº 511 sendo sua primeira Diretoria: Presidente José Francisco Faria, Vice-presidente Felício de Falco, Secretário Zeferino Gabrielli, Vice-secretário João Barreira, Tesoureiro Alfredo Bianchi e Diretores João Henklein, Ulpiano Faria Valente e Julião Moreira. Funcionou depois na rua 24 de outubro, onde é hoje a sede social do Nosso Clube. Em 1955 adquiriu sua sede própria na rua Barão do Descalvado, 383, construindo depois ao lado sua sede social. Em 1964 deu início a construção de sua praça de esportes, em terreno recebido por doação da Sociedade Hípica Descaldadense, conhecido como “campo de polo” na rua 15 de novembro, ao lado da Igreja de São Benedito. Foram Presidentes do CERD: 1940/42 – José Francisco Faria; 1942/44 – Humberto Carlos Casati; 1944/46 – Sylves Alves Oliveira Guimarães; 1946/47 – Ângelo José Mussolini; 1948/51 – Gilberto de Souza Casati; 1951/53 – João Gonçalves Monteiro; 1953/55 – Otávio Gabrielli; 1955/60 – Victorino Pozzi; 1960/62 – Joaquim Souza Voltarejo; 1962/64 – Felisberto Bortoletto; 1964/68 – Salvador Trabasso; 1968/69 – Raul Pinto Martinelli; 1969 – Tomás Vita; 1970/71 – Geraldo Antonio Traldi; 1972/73 – Daltayr Anacleto Pozzi; 1976/77 – Antonio Carlos Gonçalves; 1977 – Abílio Mauri; 1978/81 – José Carlos Pulici Júnior; 1982/85 – José Carlos Calza; 1986/87 – Sérgio Franco de Lima; 1988/1989 – Fernando Antonio de Falco; 1990/91 – Salvador Trabasso; 1992/93 – Daltayr Anacleto Pozzi; 1994/95 – Flavio Luiz Ancetti; 1996/98 – Luiz Antonio do Pinho; 1999/2000 – Wilson Scatolini.

- NOSSO CLUBE SOCIEDADE ESPORTIVA -

Fundado em 12 de maio de 1957. A primeira reunião foi realizada no prédio da Prefeitura Municipal na Avenida Guerino-Oswaldo. A primeira diretoria empossada em 19 de maio de 1957 estava assim constituída: Presidente José Pazotto, Vice-Presidente Silvio Trova, 1º Secretário Albino Vicente Sicchiroli, 2º Secretário Gilberto do Amaral, 1º Tesoureiro Alfredo Valentim Rosa Vianna e 2º Tesoureiro Domingos Perna. Presidente do Conselho Moysés Brogiani.

Iniciou atividades no antigo prédio da Fratellanza Italiana na rua 24 de outubro em prédio muito antigo onde também eram realizados os bailes do CERD. Mais tarde, na década de 60, no mesmo local edificou sua nova sede social. Mais recentemente construiu sua Praça de Esportes e novo

salão social no bairro conhecido como “Morumbi descaldadense”

- ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE DESCALVADO - ACID

Contando com a promoção e o incentivo do Rotary Club de Descalvado, que constituiu uma comissão de coordenadores, comerciantes e industriais, em 18 de março de 1980, iniciaram-se as primeiras reuniões e os primeiros expedientes para a fundação da ACID. Em 12 de abril do mesmo ano, o Jornal “O Comércio” publicava uma extensa lista de nomes de firmas que começavam a aderir ao movimento de fundação da entidade. Na noite de 25 de abril do mesmo ano, na sede do Rotary Club de Descalvado, onde se realizaram todas as reuniões preparatórias para a fundação, foram escolhidos os 23 nomes entre os inscritos no quadro social da futura entidade para a formação da sua Diretoria e do seu Conselho Consultivo. Poucos dias, após, ou seja, em 2 de maio de 1980, em reunião também realizada na sede do Rotary, foram eleitos os membros da Diretoria, Conselho Consultivo e Conselho fiscal da Associação Comercial e Industrial de Descalvado, ficando, assim oficialmente fundada a entidade, com a seguinte Diretoria: Presidente, Humberto Coelho; Vice-prefeito, Moycir Rusca; 1º Secretário, Luiz Carlindo Arruda Kastein; 2º Secretário, Salvador Trabasso; 1º Tesoureiro, Albino Vicente Sicchiroli e 2º Tesoureiro, Daro Coradine de Oliveira. A entidade deu início à suas atividades com 112 associados, e teve sua primeira sede à Rua José Bonifácio, 347.

- ROTARY CLUB DE DESCALVADO - 1956

Fundado em 29 de abril de 1956, com 21 sócios, sob o patrocínio do Rotary Club de Americana e com a colaboração dos Rotaryst Clubs de São Carlos e Araraquara, sendo seu primeiro conselho diretor: Presidente. José Ramalho Gabrielli, Vice-presidente, Fernando Hoffmann, Secretário, Plínio Dias da Silva, Vice-secretário, Moacyr Macedo, Tesoureiro, Anésio Biffi, Vice-tesoureiro, Carlindo Boller Kastein, Diretor de Protocolo, Glenan Leite Dias e Vogais: Guerino Giacomelli, Salvador Gentile e José Carlos Pulici, Sócios: Luiz José Barone, Maurílio A. Dresler, Domingos Gentil, Paulo Casati Filho, Massimo Peviani, Alvaro Macedo, Victor João Teixeira Coelho, Raul Pinto Martinelli, Guerino Giacomelli, Antonio Salomão e Alberto Sundfeld.

UNIÃO DOS AVICULTORES DE DESCALVADO

Nasceu no ano de 1967, numa conversa de esquina de dois granjeiros na confluência das Avenidas Guerino-Oswaldo com Cel. Rafael Tobias, onde ficava o Banco Itaú e era conhecido como o “cantinho dos negócios”. No dia 5 de abril de 1967 numa primeira reunião realizada na sede social do Nosso Clube na rua 24 de outubro, com um número reduzido de pessoas constituiu-se o “Clube dos Granjeiros”. Em nova reunião realizada no mesmo local no dia 12 de abril de 1967 foi fundada a UAD - União dos Avicultores de Descalvado, entidade que realizaria VI FESTAS DA AVICULTURA, inicialmente no antigo terreno da Praça de Esportes Carlos Guimarães e posteriormente em terreno próprio onde hoje se localiza a Prefeitura Municipal.

CLUBE ACALANTO

Fundado no dia 1º de dezembro de 1992 com a finalidade de propiciar uma convivência solidária e participativa entre o pessoal da terceira idade, começou funcionando nas residências das sócias fundadoras emrevezamento. Foram fundadoras: Maria Margarida Alvarenga Dias Cereda (idealizadora), Carolina Vick Francisco, Aparecida Gaspar, Edna Fulino e Suely Timótheo do Amaral.

INAUGURAÇÕES: (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

Coretos:

- Praça Barão do Rio Branco - 15/11/1900

- Praça Nossa Senhora do Belém - 27/04/1941

Prédio da Coletoria Federal (atual Receita Federal) - 1905

Casa da Lavoura - 08/09/1961 - Governo de Carvalho Pinto.

Núcleo Morada do Sol - 1992

Cartório do Registro Geral das Hypothecas da Comarca do Bethlem do Descalvado - Instalado em 16/10/1873

Rodovia: Em 1924 foi inaugurada a estrada de terra estadual denominada Washington Luiz, ligando Descalvado aos municípios de Porto Ferreira e São Carlos.

Banco do Brasil: 08/11/1.978

Palácio do Povo: outubro de 1988

Casa da Democracia – Novembro de 2004

CEMITÉRIO MUNICIPAL - Inaugurado em 01/02/1893 - A primeira pessoa a ser enterrada no jazigo 1 da quadra E, foi a Sra. Emília Guare, de cor branca, viúva, natural da Itália, falecida com 68 anos de causa desconhecida, sepultada no dia 2 de fevereiro de 1893.

ONDE ESTÃO NOSSOS MORTOS (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

Descalvado inicialmente enterrou seus mortos ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém. Nas terras do Jardim Novo estão sepultados pessoas ilustres como o fundador José Ferreira da Silva, sua mulher Florência Maria de Jesus e muitos outros. Já os religiosos eram enterrados ao lado da Capela do Rosário que ficava no Jardim Velho. Estaria lá nosso primeiro pároco o Padre Jeremias José Nogueira? No ano de 1862 com medo da varíola, das icterícias, do sarampo e das febres, transferiram o Cemitério para o local onde hoje está a Praça de Santa Cruz dos Operários. Seria o Cemitério Velho. Em 1893 com o surto da febre amarela construíram um cemitério bem mais longe, o atual Cemitério Municipal. Em 1958 devido o total abandono do Cemitério Velho foi construído no Novo um Mausoléu e para lá foram transferidos os restos mortais de pessoas gratas como a menina Maria Grassi que recepcionou o Imperador Pedro II quando de sua visita a Descalvado.

MAUSOLÉU DO CEMITÉRIO: Em 1958 durante o governo municipal do Dr. Jayme Regallo Pereira, numa iniciativa necessária, dado o completo abandono em que se encontrava o antigo campo santo da cidade, o Cemitério Velho da expressão popular, foram trasladados, para a atual necrópole descaltvadense, os despojos da antiga. Cumpre aqui registrar, que até o ano de 1893, as inumações em Descalvado, eram feitas no chamado "Cemitério Velho", que se situava entre as ruas Pedro de Alcântara Camargo e José Bonifácio. Este cemitério tinha como administrador no ano de 1888, o Sr. Domingos Soares de Barros Mello. Um fato curioso é que de julho a dezembro de 1887, foram sepultados 20 escravos de propriedade de Rita Campos Serra. Talvez a pessoa mais idosa a ser enterrada no cemitério velho, tenha sido Adão de Araújo, casado com Amélia Maria de Jesus, que foi enterrado no dia 1º de dezembro de 1888 com 110 anos. Com a inauguração do novo Cemitério Municipal, na parte leste da cidade, o velho campo santo descaltvadense foi deixado, como sagrada relíquia, em nossa sede municipal. Em seu solo santo, encontravam-se sepultados, alguns dos homens de nossa História Municipal, membros de suas famílias; membros de tradicionais famílias descaltvadenses, velhos imigrantes, os últimos escravos... Hoje, jazem no Mausoléu do Cemitério Municipal, os restos mortais desses antigos habitantes de Descalvado, numa última, mas justa homenagem à gente de nosso passado. Na placa inaugural do Mausoléu encontramos a seguinte inscrição, hoje já de difícil leitura: "Para este Mausoléu foram trasladados os restos mortais que se achavam no Cemitério Velho desta cidade. Aqui se reuniram todos para a paz que em vida pediram a Deus e que por ele lhes foi concedida. Orae por todos. 09/07/1956."

Curiosidade: Logo na entrada do cemitério, na primeira rua à direita (quadra E - sepultura 14) depara-se com o túmulo do jovem **José Leite Gonzaga**, falecido em 2 de dezembro de 1896 com 22 anos, e cuja lápide é uma homenagem de seus amigos. É grande o número de descaltvadenses que afirma ter obtido graças aos pedidos feitos em intenção de sua alma, tanto que a administração municipal mandou erguer um queimador de velas ao lado de seu jazigo. O livro de registro de mortos do cemitério diz ainda que José Leite Gonzaga era de cor branca, filho de Luis Gonzaga e mãe ignorada tendo falecido vítima de meningite.

PRECE NO TÚMULO DOS MILAGRES (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

Desculpem-me os incrédulos, mas eu tenho um amigo do outro lado do mundo. A amizade nasceu pela curiosidade. Isso mesmo. Queria saber porque tantos

descaltvadenses oravam, depositavam flores e acendiam velas no túmulo que fica logo na entrada da Necrópole Municipal. Na lápide de mármore sobre o jazigo simples está registrado: **JOSÉ LEITE GONZAGA/ FALECIDO EM 2 DE DEZEMBRO DE 1896/ HOMENAGEM DE SEUS AMIGOS**. O livro de assentamentos de mortos do Cemitério faz constar que José Leite Gonzaga era de cor branca, filho de Luiz Gonzaga e de mãe ignorada tendo falecido vítima de meningite com apenas 22 anos. Bastou realizar esta pesquisa para que sentisse junto àquele jazigo uma vibração muito grande. Adentrado àquela impedância áurea fiz um pedido em oração. Fui atendido. Imensamente grato quis retribuir e perguntei em que poderia ser útil. Luiz, - disse ele em mensagem intuitiva - em vida fui muito pobre, desprendido das coisas materiais. Deus me levou muito cedo para trabalhar em sua seara. Teria sido sepultado em vala comum, não fossem os amigos sinceros que cultivei em vida, que me prestaram esta última homenagem oferecendo ao meu corpo este jazigo perpétuo. Mas fico triste ao ver em meu derredor tantos túmulos abandonados, tantas pessoas sepultadas e esquecidas. Os vivos choram tanto a morte de seus entes queridos, mas o tempo acaba por apagar da memória tudo de bom que realizaram e passam a ser um simples grão de areia na imensidão desta terra santa. Luiz, - prosseguiu - você que pesquisa a história de nossa Descalvado, cidade da qual um dia fiz parte, faça com que seus leitores entendam que os mortos são uma história viva, eles ajudaram a construir cada momento do progresso, seus nomes devem ser integrados ao nosso presente. E concluiu: Existem por aqui tantas tumbas esquecidas, abandonadas, muitas das quais nem constam o nome dos sepultos. Sabe... tenho intercedido junto a Deus por muitas pessoas queoram junto aos restos de meu corpo. Gostaria que as pessoas que receberam graça, adotassem um desses jazigos abandonados... se nada puderem fazer ao menos depositem sobre eles uma flor branca que seja, para simbolizar a pureza da alma... E então rezassem a Deus por aquela alma, pela sua evolução espiritual e rogassem para que ela venha a ser o anjo da guarda protetor: de uma criança abandonada, de um velho solitário, de uma pessoa enferma... Foi quando em concentração profunda ouvi um coro de vozes a orar: *"José Leite Gonzaga, vós que se encontrastes sepultado nesta terra santa e que há mais de cem anos vela por nossa gente,/ vós que fostes puro em vida e que partistes tão jovem para habitar a seara do senhor,/ vós que desprezastes as riquezas da terra e triunfastes na purificação da alma,/ vós que vivestes só e na oração solitária encontrastes tantos amigos que lhe ofereceram uma morada eterna,/ daí a mim a serenidade necessária para que Deus em sua infinita bondade livre o mal que nos aflige,/ o vício que nos persegue,/ permitas que eu volte a trilhar novos caminhos./ Através de vós rogo a Deus, paz a todos que estão sepultados nesta terra santa e que procuram sua evolução no caminho que os conduzirá à glória junto ao Pai".* Esta oração com toda certeza virá de encontro aos pedidos de todos os aflitos e se Deus atendê-lo procure divulgar esta prece... e não se esqueça de depositar uma única flor branca que seja... num jazigo esquecido. Meu bom amigo José Leite, se depender de mim, os mortos estarão eternamente vivos...

VERSOS AOS MORTOS (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

Quadra lavrada no mármore do jazigo de Dona Maria marido Antonio Alves Aranha:

"Mulher formosa
Que adorei na vida
E que na tumba
Não cessei de amar"

No mesmo túmulo que encontrei a quadra acima, existe outra também dedicada a Dona Maria Amélia, prova de um grande amor de seu "inconsolável esposo", já que esta ilustre senhora faleceu com 71 anos:

"No mundo tudo se acaba
Tudo no mundo tem fim
Só a lembrança de tua imagem
Não se acaba para mim"



Inauguração da herma do Dr. Victório Amadeu Casati

No jazigo de Maria Isabel Penteado, que deixou a vida com 15 anos encontramos os versos abaixo escritos por sua prima que se identificou como “J.”:

“A Bebete:

Flor, ainda em botão, numa estrada de flores
se pos a madrugara,
E, da virgem aos pés, à luz dos esplendores
se vê desabrochar.
Ligam-se a dor dos pais, numa estrada de espinhos
as nêcias da amizade.

Da prima que acrescenta, aos paternais carinhos
Um beijo de saudade.

No túmulo de Maria Lourdes Penteado Aranha que também morreu em tenra idade com 20 anos, escreveu seu pai Afonso Penteado:

“Mal entreaberta flor de doce e meigo encanto
Para o Jardim de Deus tão cedo transplantada
Desabrocha feliz lá nos céus, orvalhada
Do maternal, eterno e inesgotável pranto”

“Sabemos-te feliz pra toda a eternidade!
Mas... como reprimir as lágrimas de sangue
Dos nossos corações pungidos de saudade?”

“Anjo que mal roçaste o teu virgíneo manto
Nas urzes do caminho e nas pedras da estrada,
Roga a Deus por teus pais, cuja alma amargurada
Saudosa pelo ar te busca em todo o canto”

No jazigo dos irmãos José (5 anos) e Nancy (3 anos) encontramos:

“Eram a nossa esperança
E nós os amores seus,
Partiram para subir
Lá para junto de Deus”

“Nunca mais ouviremos
Os seus risos joviais,
No céu, estão orando
A espera dos seus pais”

No túmulo de Renato João (1 ano):

“Dorme pobre criança
No leito eterno de Deus!
Eras a nossa esperança
E nós os amores teus”.

No jazigo de José Tallarico que faleceu com 17 anos em 9 de junho de 1922:

*Contador pela Academia Mercúrio
Diplomado com Medalha de Ouro*

Dentre os vivos teus, desapareceste,
Deixando em cada um, dorida saudade;
Mas ainda existes na eternidade
No seio ameno de um Deus celeste.

Aqui ficaram sempre chorosos,
Teus pais, irmãos e outros mais;
Sempre orando por ti, amorosos
Como se fossem todos – pais.

Observamos também em alguns túmulos frases dignas de registro:

No de Alice Branco falecida em 1911:

“O eco de seu canto ainda permanece em nossos corações”

No de Joaquim Pacheco de Mendonça Júnior falecido em 1896 com 30 anos:

“Eu era o que tu és, tu serás o que eu sou.”

Algumas curiosidades:

No túmulo de José Manoel de Arruda Abreu falecido em 1895:

“Marido exemplar”

No do Dr. Miguel Arcanjo da Silva falecido em 1890:

“Bom esposo, bom pai e bom amigo”

No de Gabriela Umbelina Gordinho falecida em 1894:

“Esposa dedicada, mãe estremosa, coração caridoso. Deus chamou-a ao céu.”

No de Benedicto Ferraz de Camargo falecido em 1896 com 25 anos:

“Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1894”

No das irmãs Laurinda e Beatriz Mayesi Dias, primeira e segunda esposas do Dr. Glenan Leite Dias que no jazigo colocou um cadeado com a inscrição

“Completo, intocável”

JORNAIS: (Antonio Ervêu Betarello, Antonio da Conceição Vicente Adorno, Luiz Carindo A. Kastein)

- **1884** - Descalvado - Fundador desconhecido
- **1884** - Imprensa do Descalvado - Diretor: Olímpio Catão
- **1885** - Actualidade - Diretor: Barbosa Leite
- **1888** - O Descalvadense - Fundadores: Alencastre Reis, Dr. Amâncio Penteado e Dr. Cândido Rodrigues
- **1888** - Correio D'Oeste - Fundador desconhecido
- **1888** - Gutemberg - Fundador desconhecido
- **1889** - A Tenda - Fundador: Olímpio Catão
- **1890** - O Campeão do Descalvado - Fundador: Ferreira Martins
- **1891** - A Taxa - Diretor: José Victorino
- **1892** - Gazeta do Descalvado - Redatores: Dr. Amâncio Penteado e Cândido Rodrigues
- **1893** - O Luctador - Redatores: Major Gabriel Lessa e Tenente Coronel Polycarpo Alves Normanha
- **1902** - Cidade do Descalvado – Semanário - Diretor: Dr. Antonio Luiz Fabiano – Valor da assinatura anual 10\$000; Publicações: Por linha \$200, Repetições \$100;
- **1902** - O Descalvadense - Diretor: Estevam Sul Mineiro
- **1904** - O Movimento - Diretor: Francisco Penteado
- **1904** - A Reforma – Semanário
- **1904** - A Cidade -
- **1905** - Jornal do Descalvado - Diretor: Ângelo T. Bittencourt
- **1905** - O Imparcial - Diretor: Manoel Valente
- **1906** - Correio do Descalvado - Diretores: Dr. Amâncio Penteado e Prof. Francisco Penteado
- **1908** - O Descalvadense - Proprietário: José Rufo Tavares
- **1911** - Correio do Descalvado - Proprietário: Dr. Amâncio Penteado
- **1916** - O Progresso - Proprietário: Antonio Souza Queiroz
- **1917** - O Imparcial - Proprietário: José Manoel de Arruda (Dedé)
- **1920** - O Imparcial de Urbano Rabello
- **1920** - O Progresso 2ª Fase - Diretores: Prof. Renato Sêneca Fleury, Prof. Salustiano Ramalho, Prof. Lázaro Ferraz de Camargo e Prof. Antonio de Queiroz
- **1925** - A Propaganda - Proprietário: Rocha e Camargo
- **1926** - O Correio Popular - Proprietário: J. Lima Santana
- **1926** - O Resumo - Proprietário: Ascânio Simões
- **1927** - O Águia - Órgão Literário dos alunos do Grupo Escolar Cel Tobias - Diretor: Prof. Lázaro Ferraz de Camargo
- **1911/1927** - O Comércio - Fundador: Lázaro Timótheo do Amaral
- **1933** - Descalvado Jornal - Fundador: Sebastião Lacerda de Oliveira
- **1945** - O Comércio 2ª fase - Diretor: Lázaro Timótheo do Amaral
- **1950** - O Comércio - Proprietário: Paulo Rusca
- **1954** - O Palco – Editado pelo Teatro Experimental do Trabalhador tendo como jornalista Mário Joaquim Filla.
- **27/01/57** - A Folha do Povo - Diretor: Milton Timótheo do Amaral
- **1960** - O Comércio - Proprietários: Mário Joaquim Filla e Paulo Belli
- **30/05/1965** - Tribuna de Descalvado - Fundador: Milton Timótheo do Amaral
- **1968** – Imprensa Nova – Editado pelo Centro Descalvadense de Cultura - CEDEC
- **1981** - Jornal do Vale - Proprietários: de Luiz Carlos Lima e Luís Antônio de Lima
- **1985** - O Comércio - Proprietário: Edson Luiz Bortoletto.
- **1986** - O Comércio - Proprietário: Empresa Jornalística do Vale do Mogi Guaçu S/C Ltda - Diretor Gelson Ruiz
- **1991** - A Palavra - Fundadores Eliel Cipriano Nascimento, Cláudia Bueno Nascimento e José Carlos Brota. Diretor Proprietário: Luiz Alair Bueno.
- **1992** - Jornal Oficial do Município de Descalvado - órgão criado pela lei municipal nº 1291 de 29 de dezembro de 1992.
- **1993** - Jornal Cultura - Órgão informativo da SABI (Sociedade dos Amigos da Biblioteca)
- **1998** - (10/03)– Jornal Flagra – Proprietários Vagner Roberto dos Santos Silva e Alcides Raimundo Junior
- Circularam ainda pela cidade em diferentes tempos jornais ligados aos estabelecimentos de ensino como “O Estudante” e ligados a igrejas como “A Voz da Paróquia”.
1998 – Jornal da Terra - Informativo do Sindicato Rural de Descalvado
2002 – Acontece em Descalvado – Revista mensal – Responsabilidade de Luiz Carlos de Lima
? – Informativo da Coperguaçu
? – Informativo do CERD

HERMAS DE DESCALVADO (Mário Joaquim Filla, Paulo Belli/ Milton Timótheo do Amaral/Luiz Carlindo Arruda Kastein)

HERMA DE ORDERIGO GABRIELLI

Com a face voltada para o lado oeste da Praça Nossa Senhora do Belém, a herma de Orderigo Gabrielli perpetua o nome de alguém, que entre nós, se singularizou pelo trabalho fecundo e pelas mais altas e notáveis iniciativas no campo industrial. Orderigo Gabrielli nasceu em Zagarollo, na Província de Roma, no dia 16 de outubro de 1889, sendo filho de Terenciano Gabrielli e Adelfina Pizzi. Em companhia de seus pais e irmãos, veio ele para Descalvado, no ano de 1895, trazendo uma longa tradição de trabalho e honestidade. A princípio os Gabrielli residiram na Fazenda Santa Carolina, passando-se depois, para a Fazenda São Rafael e Fazenda Palmeiras. No ano de 1907, a Família Gabrielli, graças ao ameihado no seu incansável trabalho agrário, adquiriu o Sítio Santo Antonio, de 17 alqueires e 16.000 cafeeiros. Mais tarde, fizeram aquisição da Fazenda São João da Capoeira do Alto, de 200 alqueires e 40.000 cafeeiros. No alvorecer da segunda década deste século, toda a família do velho Terenciano passou a residir na sede urbana onde seus filhos se dedicaram, de imediato, ao comércio, e no auspicioso ano de 1924 para Descalvado, os cinco irmãos: Orderigo, João, Lourenço, Spárdaco e Fernando, num pioneirismo que os honrou e fixou um marco, em nossa terra, fundaram a Tecelagem Santa Maria, para o fabrico de tecidos de algodão. Esse estabelecimento, em boa hora erguido em Descalvado que sofria a terrível crise de sua cafeicultura em abandono já deu novo alento à nossa economia e foi ele, sem sombra de dúvida, o marco inicial de outras indústrias têxteis dos Irmãos Gabrielli e outros. Orderigo Gabrielli, por iniciativa própria, fundou sua Tecelagem São José, permanecendo ligado ainda, com sua atividade ímpar e idealismo, à velha Santa Maria que, em franca expansão, logo passou a trabalhar com uma fiação. Nome inesquecível, por todos os títulos, o de Orderigo Gabrielli, para Descalvado. Falecido em 10 de junho de 1945, hoje tem seu nome de pioneiro lembrado na denominação de uma nossa via pública, em razão da lei nº 32, de 9 de agosto de 1948. O batismo de uma via pública e uma herma, as grandes manifestações de gratidão de Descalvado, ao grande pioneiro.

HERMA DO DR. VICTÓRIO AMADEU CASATI

Na Praça Nossa Senhora do Belém, face voltada para o lado oeste, a poucos metros da velha residência do homenageado. A herma ao Dr. Victório Amadeu Casati, foi fruto de uma iniciativa vitoriosa do Rotary Clube de Descalvado e que, logo, teve a mais calorosa e decidida adesão de toda a população descaldadense. Prestou-se assim, merecida homenagem “ad perpetuam memoriam”, ao descaldadense dos mais genuínos, ao médico filantrópico, coração sempre aberto aos sofrimentos, ao político de prol, em nossa comuna. O Dr. Victório Amadeu Casati era filho de João Casati e Petronilha Salomão Casati, italianos de boa cepa e de exaltável existência. Dr. Victório nasceu em Descalvado em 14 de março de 1897. Após as primeiras letras em sua cidade natal, o nosso rememorado fez seus estudos secundários no renomado Colégio de Itu e os superiores, primeiro farmácia e depois medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se formou no ano de 1924. Estabelecido com seu consultório em nossa cidade, aqui clinicou por muitos anos, até sua morte, ocorrida no dia 21 de janeiro de 1962. Casado com D. Cinira Correa Dias Casati, desse consórcio teve dois filhos. Dr. Victório era possuidor de notável cultura médica e humanística, sendo orador brilhante. Militando em nossa política, foi Vereador em nossa Câmara Municipal, no quadriênio de 18/06/1936 a 10/11/1937, filiado, então ao Partido Constitucionalista. Vereou novamente de 01/01/1948 a 31/12/1951, filiado ao Partido Social Democrático (PSD), chegando a Presidência da Câmara em 1949. Já de 23/12/1946 a 18/03/1947, o Dr. Victório exercera, em caráter interino, o Poder Executivo local. A ação política do nosso focalizado foi das mais altas e fecundas, longe do estreito partidarismo, mas voltado toda e unicamente para os sagrados e inalienáveis interesses da comuna. A administração municipal numa iniciativa oportuna e justa, houve por bem perenizar, em via pública local e no Pronto Socorro Municipal, o nome do Dr. Victório Amadeu Casati, alma generosa, médico abalizado e boníssimo, inteligência robusta e atividade política edificante.

MARIA ANGELA MARCOMINI

Na Praça do Palácio do Povo, encontra-se a Herma da primeira vereadora da história de Descalvado: Maria Angela

Marcomini que também deu seu nome àquela praça. Nascida em Descalvado, no dia 23 de novembro de 1946, filha de Otávio Marcomini e Maria Mattia Marcomini, foi a primeira mulher a ser eleita vereadora com 383 votos pelo PMDB nas eleições de 1.996. Tomou posse em 1º de janeiro de 1.997, integrando a Comissão de Orçamento e Finanças da Câmara. Não chegou a cumprir seu mandato, vindo a falecer no dia 5 de junho de 1.997 com 50 anos de idade. Além de vereadora, Maria Angela teve uma participação ativa na comunidade católica descaldadense, integrando-se a vários movimentos. Amante da música, participou de coraes e foi instrutora da primeira fanfarra feminina de Descalvado.

MONSENHOR JOSÉ CANÔNICO

Ao lado da Igreja Matriz encontramos a Herma do Monsenhor José Canônico. Nascido em Rio Pomba, Minas Gerais em 30 de dezembro de 1.913. Veio para o estado de São Paulo ainda criança com 4 anos. Frequentou o Seminário Diocesano de Campinas, onde cursou o Ginásio e Filosofia. Na capital de São Paulo, com a inauguração do Seminário Central do Ipiranga, cursou Teologia. Foi ordenado presbítero na Catedral da Campinas, por Dom Francisco de Campos Barreto, em 5 de dezembro de 1.937. Veio para Descalvado, tomando posse como Pároco no dia 22 de setembro de 1.946, função que ocupou até o ano de 1.997.

ENTIDADES RECONHECIDAS DE UTILIDADE PÚBLICA MUNICIPAL (Gerson Álfio De Marco e Luiz Carlindo Arruda Kastein)

- **Terreno onde estava localizada a “Biquinha”**, primeira bica d’água que abasteceu Descalvado – terreno de propriedade de Barbosa Leite abaixo do antigo armazém da Estrada de Ferro – Lei de 22 de janeiro de 1887 de autoria do Vereador Gabriel Amâncio Lisboa, sancionada pelo Presidente Durismundo de Almeida Lisboa.

- **Prédio onde funcionava o Cine São José**

Lei 40/48 de 29.09.48 - Prefeito Laurival Laércio Gabrielli (Autoria do Prefeito)

- **Grupo da Fraternidade Pai Jacob -**

Lei 16/66 de 28.04.66 - Pref. José Ramalho Gabrielli (Autoria do Prefeito)

- **Lar Escola Imaculada Conceição -**

Lei 53/70 de 13.10.70 - Pref. Deolindo Zaffalon (Autoria do Prefeito)

- **Santa Casa de Misericórdia de Descalvado.**

Lei 60/70 de 05.11.70 - Pref. Deolindo Zaffalon (Autoria do Prefeito)

Lei 124/72 de 12.04.72 - Pref. Deolindo Zaffalon (em vigor) (Autoria do Prefeito)

- **APAE - Associação de Pais e Amigos do Excepcional -**

Lei 80/71 de 13.04.71 - Pref. Deolindo Zaffalon (Autoria do Prefeito)

- **UNIDOS - União Descaldadense de Obras Sociais -**

Lei 332/76 de 19.10.76 - Pref. Tomás Vita (Autoria do Prefeito)

- **Rotary Club de Descalvado -**

Lei 359/77 de 26.07.77 - Pref. Mauro Benedito de Lima (Autoria do Prefeito)

- **Associação Comercial e Industrial de Descalvado - ACID**

Lei 554/82 de 26.05.82 - Pref. Mauro Benedito de Lima (Autoria Vereador Mário dos Santos)

- **Corporação Musical Santa Cecília -**

Lei 645/84 de 14.08.84 - Pref. Tomás Vita (Autoria do Prefeito)

- **Sociedade Filantrópica Amigos de Descalvado (Maçonaria)**

Lei 652/84 de 25.09.84 - Pref. Tomás Vita (Autoria Vereador Cláudio Romantini)

- **Lar Redenção -**

Lei 677/85 de 14.05.85 - Pref. Tomás Vita (Autoria do Prefeito)

- **Anbraskol -**

Lei 776/87 de 21.05.87 - Pref. Tomás Vita (Autoria Vereador - José Dias Bolcão)

- Grêmio Esportivo Recreativo Cultural Leão -

Lei 802/87 de 27.10.87 - Pref. Tomás Vita (Autoria Vereador José Valentim)

- Loja Maçônica "Triunpho e União" -

Lei 849/88 de 10.05.88 - Pref. Tomás Vita (Autoria Vereador Cláudio Romantini)

- Associação dos Aposentados e Pensionistas de Descalvado -

Lei 1076/90 de 26.09.90 - Pref. Mauro Benedito de Lima (Autoria Vereador José Carlos Calza)

- Associação dos Advogados de Descalvado -

Lei 1096/90 de 27.11.90 - Pref. Mauro Benedito de Lima (Autoria Vereador Gismar Manoel Mendes)

- Associação dos Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos -

Lei 1140/91 de 04.06.91 - Pref. Mauro Benedito de Lima (Autoria Vereador José Antonio Lefcadito Alvares)

- Associação dos Moradores do Jardim Albertina -

Lei 1156/91 de 12.09.91 - Pref. Mauro Benedito de Lima (Autoria Vereador José Antonio Todescan Gabrielli)

- Nacional Atlético Clube -

Lei 1205/92 de 16.04.92 - Pref. Mauro Benedito de Lima (Autoria Vereador José Antonio Todescan Gabrielli)

- Esporte Clube Santa Cruz -

Lei 1215/92 de 19.05.92 - Pref. Mauro Benedito de Lima (Autoria Vereador José Luiz Rosindo)

- Sindicato dos Servidores Públicos do Município de Descalvado -

Lei 1228/92 de 22.06.92 - Pref. Mauro Benedito de Lima (Autoria Vereador Marco Antonio Strozzi)

- Associação dos Funcionários Públicos do Município de Descalvado -

Lei 1229/92 de 23.06.92 - Pref. Mauro Benedito de Lima

- Associação Hípica Descalvadense

Lei 1267/92 de 03.11.92 - Pref. Mauro Benedito de Lima (Autoria Vereador Gismar Manoel Mendes)

- Asilo São Vicente de Paulo

Lei 1333/93 de 22/06/93 - Pref. José Carlos Calza (Autoria - Vereador Wladimir Assoni)

- Associação Profissional dos Contabilistas de Descalvado

Lei 1367/93 de 19/10/93 - Pref. José Carlos Calza (Autoria Vereador Sebastião José Ricci)

- Sociedade Ornitológica Descalvadense

Lei 1429/94 de 19/04/94 - Pref. José Carlos Calza (Autoria Vereador Sebastião José Ricci)

- Grêmio Esportivo e Recreativo Cultural Xoxo

Lei 1442 de 24/05/94 - Pref. José Carlos Calza (Autoria Vereador Sebastião José Ricci)

- Sociedade dos Amigos da Biblioteca de Descalvado - SABI

Lei 1523 de 29/03/95 - Pref. José Carlos Calza (Autoria Vereador José Antonio Lefcadito Alvares)

- Clube Acalanto

Lei 1598 de 30/05/96 - Pref. José Carlos Calza (Autoria Vereador Silvio Bellini)

- Casa de Orações "A Santa Aliança I" de Descalvado

Lei 1644 de 26/11/96 - Pref. José Carlos Calza (Autoria Vereador Accácio Rusca Júnior)

- Associação Descalvadense de Estudantes

Lei 1695 de 16/09/97 - Pref. José Antonio Todescan Gabrielli (Autoria do Vereador Luiz Carlos Rosa Vianna)

- Associação Protetora dos Animais de Descalvado

Lei 1699 de 23/09/97 - Pref. José Antonio Todescan Gabrielli - (Autoria do Vereador Luiz Carlos Rosa Vianna)

Associação Comunitária de Descalvado para Desenvolvimento Artístico e Cultural

Lei 1739 de 26/05/98 - Pref. José Antonio Todescan Gabrielli (Autoria do Vereador Luiz Antonio do Pinho)

- Associação Comunitária de Comunicação Resgate

Lei 1753 de 16/06/98 - Pref. José Antonio Todescan Gabrielli (Autoria do Vereador Rubens Algarte de Rezende)

- A.D.L. Agência de Desenvolvimento Econômico Local

Lei 1.784 de 18/09/98 - Pref. José Antonio Todescan Gabrielli (Autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves)

- DAREVI - DESCALVADO AJUDANDO NA RECUPERAÇÃO DA VIDA

Lei de 04/11/98 - Pref. José Antonio Todescan Gabrielli (Autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves)

UME - UNIÃO MUNICIPAL DOS ESTUDANTES

Lei 1.892 de 30/08/99 - Prefeito José Antonio Todescan Gabrielli (Autoria do Vereador Luciano Laurindo Feliciano)

SINDICATO RURAL DE DESCALVADO - Lei 1.922 de 23 de novembro de 1.999 - Prefeito José Antonio Todescan Gabrielli (Autoria do Vereador Silvio Bellini)

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE DESCALVADO - Lei 1.923 de 23 de novembro de 1.999 - Prefeito José Antonio Todescan Gabrielli (Autoria do Vereador Silvio Bellini)

ADELACE - ACADEMIA DESCALVADENSE DE LETRAS, ARTES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO - Lei 1.989 de 11 de abril de 2.000 - Prefeito José Antonio Todescan Gabrielli (Autoria do Vereador Luiz Antônio do Pinho)

CEDESC - COOPERATIVA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE DESCALVADO - Lei 1.996 de 09/05/2.000 - Pref. José Antonio Todescan Gabrielli (Autoria do Vereador Henrique Fernando do Nascimento)

APE - ASSOCIAÇÃO PAZ EDUCACIONAL - Lei 2.025 de 08/08/2000 - Autoria Pref. José Antonio Todescan Gabrielli)

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO PARQUE MORADA DO SOL - Lei 2.060 de 07/11/2.000- Prefeito José Antonio Todescan Gabrielli (Autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves)

SOCIETÀ FRATELLANZA ITALIANA DI DESCALVADO - Lei 2.099 de 22 de março de 2.001 - Prefeito José Carlos Calza (Autoria do Vereador Luís Antônio Panone)

INSTITUTO FAUCHARD - Lei 2.125 de 29 de maio de 2.001 - Prefeito José Carlos Calza (Autoria do Vereador Antonio Carlos Reschini)

ASSOCIAÇÃO PAES - PAIS E AMIGOS DA ESCOLA SESI - Lei 2.197 de 06 de fevereiro de 2.002 - Prefeito José Carlos Calza (Autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves)

ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS E ARTISTAS DE DESCALVADO - Lei 2.198 de 06 de fevereiro de 2.002 - Prefeito José Carlos Calza (Autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves)

ESPORTE CLUBE SÃO SEBASTIÃO - Lei 2.235 de 16 de outubro de 2.002 - Prefeito José Carlos Calza (Autoria do Vereador Helton Antônio Venâncio)

ASSOCIAÇÃO DA IRMANDADE DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE DESCALVADO - Lei 2.277 de 23 de abril de 2.003 - Prefeito José Carlos Calza (Autoria do Vereador Tomás Vita)

AMDES - ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE DESCALVADO (ONG) - Lei 2.414 de 12 de maio de 2.004 - Prefeito José Carlos Calza (Autoria do Vereador Tomás Vita)

ASSOCIAÇÃO CASA DE APOIO RAINHA DA PAZ - APAZ - Lei 2.541, de 23 de agosto de 2.005 de autoria do

Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves e sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza.

ASSOCIAÇÃO

NÁUTICA E ECOLÓGICA DO VALE DO MOGI GUAÇU – ANEV – Lei 2.633, de 19 de abril de 2.006, de autoria do Vereador Luis Ismanuel Franceschini, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza.

ASSOCIAÇÃO

AGRO INDUSTRIAL E CULTURAL DO VALE DO MOGI GUAÇU – Lei 2.695, de 20 de setembro de 2006, de autoria do Vereador Rubens Algarte de Rezende, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza.

CIDADÃOS

HONORÁRIOS DE DESCALVADO (Gerson Álfio De Marco e Luiz Carlindo Arruda Kastein)

ALBERTO SUNDFELD - Comerciante em Descalvado, Rotariano, Primeiro Presidente da Comissão Municipal de Turismo e Fundador da Telefônica Descalvado
ANDRELINO CASARE - Diretor da Escola Coronel Tobias, Delegado de Ensino e Vereador de 1977 a 1983 (1990)
ANTONIO FAKHANI - Industrial em Descalvado (1964)

ANTONIO SCHLITTLER - Professor de Matemática na Escola José Ferreira da Silva em Descalvado (1983)
ARIOVALDO ANDRADE JARDIM - Comerciante em Descalvado – Rotariano (1988)
ÁUREO DE MOURA ANDRADE - Senador da República (1964)
BENEDITO DE ARRUDA OLIVEIRA – Farmacêutico em Descalvado (1988), autor Dr. Luiz Gonzaga da Silva.
CECÍLIA WICHMANN SÁPIA - Professora de Biologia na Escola José Ferreira da Silva em Descalvado
CEZAR MARTINELLI - Comerciante em Descalvado (1964)
CID MUNIZ BARRETO - Diretor da Mineração Jundu de Descalvado, desenvolveu o Projeto Criança de incentivo aos esportes (1988)
CYRILLO BORTOLETTO - Comerciante em Descalvado (1964)
DILSON FUNARO - Ministro da Fazenda do Governo Sarney – introduziu o Plano Cruzado (1986)
EDINIR SALVADOR SÁPIA - Médico em Descalvado
EDUARDO CELESTINO RODRIGUES – Engenheiro (1955)
FERNANDO GABRIELLI - Industrial em Descalvado (1964)
FRANCISCO TODESCAN - Músico e Maestro da Corporação Musical Santa Cecília de Descalvado (1964)
GLENAN LEITE DIAS - Médico em Descalvado, Rotariano e Fundador da Sociedade Hípica Descalvadense (1964)
GUILHERME BIAZOLI - Agricultor em Descalvado (1988)
HILÁRIO DA SILVA PASSOS - Cartorário – Diretor do CERD, Comissário de Menores (1988)
HUGO PEREIRA DE ABREU - Prefeito em Descalvado de 1932 a 1936, sanou as finanças da Prefeitura (1964)
JAIME DE ARAÚJO GÓES - Médico em Descalvado (1964)
JÂNIO DA SILVA QUADROS – Governador do Estado e Presidente da República (1958)
JAYME REGALLO PEREIRA - Médico - Prefeito de Descalvado de 1956 a 1959 (1964)
JOÃO BATISTA DE CARVALHO (Monsenhor) – Pároco em Descalvado e Deputado Estadual
JOÃO GABRIELLI - Industrial em Descalvado (1964)
JOSÉ CANÔNICO - Pároco em Descalvado (1958)

JOSÉ ROBERTO DE VASCONCELLOS - Juiz de Direito em Descalvado (1977)

JULIANO MOREIRA - Músico em Descalvado

KARAN MANSUR - industrial em Descalvado

LUIZ DIAS ALVARENGA - Advogado em Descalvado, Líder Cooperativista e Ruralista

LUIZ NICOLINI - Proprietário rural em Descalvado (1964)

MARIA DO CARMO DE ABREU SODRÉ - Primeira dama paulista, esposa do Governador Abreu Sodré

MÁRIO DE MAGALHÃES PAPATERRA LIMONGI - Promotor Público em Descalvado (1988)

MÁRIO FRANCESCHINI - Professor de Português na Escola José Ferreira da Silva em Descalvado (1983)

MAURO BENEDITO DE LIMA - Prefeito em Descalvado de 1977 a 1982 e de 1989 a 1992 – Rotariano, Presidente do CERD e da Coperguaçu (1988)

PAULO BONITO JÚNIOR - Juiz de Direito em Descalvado (1977)

RAUL PINTO MARTINELLI - Avicultor – Rotariano – Presidente do CERD (1988)

SÉRGIO DAVID FERNANDES - Diretor da Mineração Jundu (1988)

TOMÁS VITA - Vereador de 1964 a 1968 e de 1969 a 1973, Presidente da Câmara em 1966, 1967, 1968, 1971 e 1972, Prefeito de 1973 a 1976 e de 1983 a 1988 – Rotariano, Presidente do CERD, Fundador do Clube de Televisão (1964) e em 1966 da Telefônica Descalvado S/A. (1976)

VITO GAIA PUOLI - Provedor da Santa Casa e farmacêutico (1988)

WILSON ANTONIO DOS SANTOS - Juiz de Direito em Descalvado (1988) – Autoria

Vereador Cláudio Romantini

WALTER PAGANOTTO FILHO – Médico em Descalvado (1996) – Autoria Vereador Wladimir José Assoni

MARIA DO CARMO BACCILI (Irmã) – Religiosa (2.000) – Autoria Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves

VALDETE APARECIDA GOMES (Irmã) – Religiosa (2.000) – Autoria Vereador Luciano Laurindo Feliciano

ANTONIO GUILHERME MACHADO DE CASTRO (DR) – Médico Veterinário (2001) – Autoria Vereador Rubens Algarte de Rezende

FARAH JORGE (DR) Advogado (2001) – Autoria Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves;

MARIA APARECIDA CISCATO MARTINS (PROFESSORA) (2001) – Autoria Vereador Tomás Vita

DUILO PIZANESCHI – DEPUTADO FEDERAL - 2.002 – Autoria Vereador Rubens Algarte de Rezende

ROSE NEUBAUER (PROFESSORA) – 2.002 – Secretária da Educação do Estado de São Paulo – Autoria Vereador Rubens Algarte de Rezende

NEIVA JOANA PINESE MELKI – Professora e Diretora do SESI – Decreto Legislativo 01/2.003, autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves.

MARIONICE JOSÉ DIAS AMANTE PENATTI – Professora – Decreto Legislativo, 02/2.003, autoria do Vereador Luís Antônio Panone.

DANTE JOSÉ POZZI – Professor – Decreto Legislativo 04/2.003 de autoria do Vereador Tomás Vita

BERNARD ANDRÉ DIVRY – Presidente da Royal Canin do Brasil – Decreto Legislativo 04/2.003 do Vereador Luís Antônio Panone

JAIR ANTÔNIO COSTA – Médico – Decreto Legislativo 02/2.004 de autoria do Vereador Silvio Bellini.

ANTÔNIO ADOLPHO LOBBE NETO – Deputado Federal – Decreto Legislativo 02/2005 de autoria do Vereador José Dias Bolcão.

ROBERTO CALMON DE BARROS BARRETO – DOUTOR – Decreto Legislativo 01/06 de autoria do Vereador Rubens Algarte de Rezende.



Túmulo de Thereza Cândida Leite Salles no Cemitério Municipal

LUIZ GONZAGA FORTUNATO DA SILVA – MÉDICO – Decreto Legislativo 05/2006 de autoria do Vereador José Dias Bolcão.

ENRIQUE RICARDO LEWANDOWSKI – Ministro do Supremo Tribunal Federal – Decreto Legislativo 06/2006 de autoria do Vereador Rubens Algate de Rezende

CAMILA CASTANHO OPDEBEECK – Juíza de Direito – Decreto Legislativo 07 de 31 de julho de 2006 de autoria do Vereador José Dias Bolcão.

RUBENS ALGARTE DE REZENDE – Médico, Presidente da Câmara – Decreto Legislativo 08/2006 de autoria do Vereador José Dias Bolcão

CIDADÃOS DESCALVADENSES HOMENAGEADOS COM PLACA DE PRATA:

VITAL FERNANDES DA SILVA (NHÔ TOTICO) - Comediante

MARIA HELENA CARDOSO - Técnica da seleção brasileira de basquete

JOSÉ ALDO FREGONEZI - Avicultor (1988)

PERSONALIDADES HOMENAGEADAS COM PLACA DE PRATA:

ERCÍLIO TURCO - Bispo Diocesano de Limeira (23/11/94)

EMPRESA DESCALVADENSE HOMENAGEADA PELO DECRETO LEGISLATIVO QUE INSTITUIU O LEMA “NUNCA DESISTA DE SEUS SONHOS E INCLUA DESCALVADO NELES:

EXPRESSO DESCALVADO – Decreto Legislativo 02/08 de 24/03/2008 de autoria do Vereador Aldo José Fregonezi

Curiosidade:

Dos cidadãos que a Câmara Municipal homenageou com o título de Cidadão Honorário. 4 homenageados não compareceram para receber os títulos: o ex-prefeito Dr. Hugo Pereira de Abreu, o Senador Auro de Moura Andrade, Dr. Cid Muniz Barreto e Dr. Sérgio David Fernandes. Um teve a honraria cassada, o industrial Karam Mansur. De todos somente um foi homenageado após a morte, o ex-prefeito Jayme Regallo Pereira.

CONTOS – POEMAS - PERSONAGENS

BEBEDOURO DOS ANIMAIS (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

Este conto mistura realidade e ficção. Vereador e bebedouro existiram, o último resistiu ao tempo, permanecendo firme ao lado da estação, como que esperando ouvir novamente o apito do guarda trem, a comandar a saída do comboio, que um dia partiu para nunca mais voltar.

1948 - Um ano diferente para Descalvado. Desde 1937, quando Vargas instituiu o Estado Novo, que não se elegia uma Câmara Municipal. A cidade durante anos foi governada por prefeitos nomeados. A 2ª Grande Guerra Mundial tinha terminado apenas três anos antes, mas ainda deixava profunda, suas cicatrizes. Mas 1948 trazia de volta a democracia. Descalvado elegeria a maior Câmara de sua história. Nada menos que 21 Vereadores, entre efetivos e suplentes seriam empossados pelo MM. Juiz da Comarca, em 1º de janeiro. O Plenário viria reunir Vereadores ilustres, oradores eloquentes, escolhidos dentre as maiores personalidades da época e que apresentariam projetos de grandeza para o Município, tal como a criação do Ginásio Estadual, trazendo um grande benefício para os estudantes, que até então, viajavam diariamente por trem até Pirassununga. Na Câmara, um Vereador se destacaria por sua simplicidade, seus pronunciamentos polêmicos e sua oratória controversa, além de cultivar um sonho: a proteção aos animais. Talvez tenha sido precursor da Sociedade Protetora dos Animais. Não se conformou quando em pronunciamento, um colega disse que muitos assuntos só poderiam ser resolvidos com reio nas costas. Logo apartou: “reio nem em costa de animal, quando mais de homem, muito menos de edil”. E deste ideal, de proteger os animais, nasceu uma obsessão: A construção de uma obra que perpetuasse seu nome e seu interesse nos animais. A proposta nasceu concreta na Câmara: um bebedouro para animais ao lado da estação ferroviária. Foi acolhida pelo Plenário e pelo Prefeito. Mãos a obra, os funcionários municipais construíram o bebedouro. Dia de inauguração. A cidade amanheceu em festa. Feriado municipal, a população vestida com roupa de domingo, Prefeito e Vereadores, Juiz, Promotor, Delegado, o Padre e os

coroinhas, a Banda Santa Cecília, que não poderia faltar, a entoar seus dobrados. Rojões, bandeiras. O povo se comprimindo no largo da estação, muitas palmas. O orador não poderia ser outro, senão o ilustre Vereador, autor da propositura. No seu jeito simples, discurso decorado, empunha o microfone da rádio propaganda, fala palavras bonitas, emudece a população. Terminada a oratória, emocionado, não resiste a um ato heróico: retira o paletó, afrouxa a gravata, arregaa as mangas da camisa, debruça-se sobre o bebedouro. Mergulha as mãos suadas de emoção nas águas límpidas, enche-as com o precioso líquido, levando à boca e bebendo como o mais sedento dos seres. Depois vira-se para o povo e brada em bom tom: “*Está inaugurado o bebedouro dos animais*”. Pobre infeliz. Não faltou presença de espírito a um anônimo opositor político, que em meio ao povo, encobrindo o som da banda, o espoucar dos rojões, os aplausos, a gritaria, berra a plenos pulmões: “*Claro, o demagogo Vereador foi o primeiro animal a beber*”. O Vereador, rubro, estourando de raiva, fez que não ouviu, apertou as mãos do Prefeito, do Juiz e de quem mais pôde. Pediu que fosse jogada água benta, que os animais bebessem, que o povo cantasse, que a banda tocassem, enfim, que algo acontecesse. Mas nada acontecia. Uma gargalhada geral para encerrar uma solenidade tão sonhada. Ah, ilustre Vereador, que como a maioria dos políticos, deveria ter se lembrado do ditado popular: “Muitas vezes, as palavras valem prata, mas o silêncio, vale ouro...” Hoje quem quiser, pode conhecer o bebedouro que fica na rua D. Pedro II, bem ao lado da futura praça “Florência Maria de Jesus” perto da estação ferroviária. Um patrimônio histórico que o tempo não destruiu. As palavras do Vereador se perderam ao vento, mas sua vontade se consolidou: até hoje, quase 50 anos depois, os animais ainda saciam sua sede no bebedouro que ele deveria ter inaugurado...calado.

PÉROLAS DA POLÍTICA (Luiz Carlindo Arruda Kastein)

Alguns ditos populares: - “Palavras valem prata mas o silêncio muitas vezes tem seu peso em ouro” e “Em boca fechada não entra mosca”. Por que haveríamos de começar nossa crônica com tais provérbios? Justifico: Os políticos deixam passagens cômicas que acabam por ficar registradas nos anais da história. Vamos contar algumas pérolas, lembrando que qualquer semelhança com pessoas ou fatos da vida real não passam de mera coincidência...

- A história já começa as avessas. Quando da posse da primeira Câmara em 1866, o Secretário não pode assumir porque se encontrava na Guerra do Paraguai, onde foi preso por insubordinação.

- Início do século. Os vereadores deveriam decidir se o comércio ficaria aberto ou fechado aos domingos. Não há acordo. Levanta um vereador e propõe: “Achei a solução: o comércio abre somente meia porta aos domingos...”

- No ato inaugural, em sua oratória, o Vereador diz: “Está inaugurado o bebedouro dos animais”. Em seguida ele próprio bebe da água, quando um adversário político grita: “Sim, este foi o primeiro animal a beber...”

- No Plenário o Vereador ao proferir brilhante oratória: “Eu falo com o coração entre os dentes...”

- Na eleição da Mesa da Câmara, um vereador desconfiado da fidelidade de outro edil de seu grupo, fez uma pequena marca na cédula que entregou a ele. Apurado os votos, gritou o vereador responsável pela golpe baixo: “Existe um traidor entre nós”, ao que retrucou de imediato o outro: “Sois vós”.

- Muita discussão na Câmara. Levanta um vereador e grita: “Nesta Câmara só se vê cenas de pugilato e palavras de baixo calão”.

- O Vereador usava a Tribuna fazendo com eloquência o seu pronunciamento. O adversário político em aparte: - “Protesto, Sr. Vereador!”. O Orador revida: - “O edil vai protestar no ... do protestante.”

- O Secretário da Mesa lê o telegrama endereçado ao Presidente: “SAUDAÇÕES PT” (que significa ponto na grafia telegráfica). A Presidência retruca: “Senhor Secretário só leia correspondências enviadas pelo PDS, archive as do PT”.

- O Vereador resolve ditar um ofício ao Secretário Administrativo: Escreve aí: “Descalvado, 3 de março de 1950”. “Pronto, o resto você faz...”

- O Vereador preocupado que a Prefeitura não procedia a entrega de moradias populares: “É preciso urgência, pois muitos residem em casas de *tapioca*...” (acreditamos que ele queria se referir a taipa (pau a pique) e não tapioca (goma que se extrai da mandioca)...

- Um Vereador também ao Secretário Administrativo quando tinha urgência na entrega pelo correio de uma correspondência: “Escreve aí no envelope – três vezes urgente, para chegar mais rápido...”

- Havia também um Vereador que gostava de usar abreviaturas, e acaba escrevendo tudo por extenso de forma esquisita. Exemplo: “tam^{bém}”...

- O Vereador irritado com outro que solicitava providências urgentes: “Só se eu passar um fax para Deus”...

- O Vereador que gostava da colocação pelo Secretario Administrativo, dos tratamentos: Ilustríssimo (Ilmo.) e Excelentíssimo (Exmo.) antecedendo aos nomes de autoridades, resolveu proceder da mesma forma ao endereçar seus cartões de Natal: “Excelentíssima Senhora Dona Câmara Municipal”, “Ilustríssima Senhora Dona Santa Casa”; “Excelentíssimo Senhor Executivo”...

- O Secretário da Mesa que lia para o Plenário as correspondências da maneira tal e qual eram abreviadas: Esmo De Erre (que seria Exmo. Dr. - Excelentíssimo Doutor); Ilmo Esse Erre (que seria Ilmo. Sr. - Ilustríssimo Senhor)...

- O Vereador ao usar a Tribuna da Câmara: “Uso essa Tribunda”...

- O Vereador soletrando no telefone seu endereço: Coronel vira “CEL”, W é “Vezão”, K é “IPISILÃO”...

- Existiu também aquele Vereador que requereu ao Presidente para “oficiar um ofício...”

- O Prefeito não concedia aumento aos funcionários, o Vereador em sua eloqüente oratória propôs ao funcionalismo que “caçasse rolas para não passar fome”...

- Os Vereadores aprovaram lei do Prefeito contratando um novo fiscal. Este muito rigoroso no exercício do cargo, provocou a revolta de alguns munícipes que foram à Câmara reclamar. Um vereador mais exaltado logo disse: “Num esquentar não, si nós contrata, nós distra... (provavelmente ele queria dizer: se nós contratamos, nós descontratamos...)”

- Certa feita a Câmara aprovou lei criando um crédito especial destinado ao pagamento de fotografias para obtenção de título de eleitor pelos munícipes sem recursos. Somente depois de sancionada pelo Prefeito é que descobriram que os títulos não necessitavam mais de foto...

- Outro Vereador ao fazer sua saudação no início da oratória: “Senhor Presidente, Senhores Vereadores, Senhores Povo...”

- Houve também o Vereador que ameaçado de ter seu mandato cassado disse: “Como vocês vão me cassar se eu não sou nem tatu, nem capivara...”

- O Presidente ao colocar em votação uma proposição, na forma regimental deve dizer aos vereadores: “Quem for a favor, fique como está, quem não for, favor se levantar”. Houve quem dissesse: “quem fô a favô, fica cumu tá, quem não fô, favô se levantá”...

- Houve também o vereador que propôs em oratória a criação do “Clube dos Seresteiros da Secretaria da Agricultura (?) e a compra do trem bala para ligar Descalvado ao Pântano.”

- Mas não são só os Vereadores: O Coronel do Exército ligou para a Câmara querendo falar com o Presidente que não se encontrava no momento. A atendente anotou o recado: “Ligá pro guarda do quartê”...

- Alguém adentra na Câmara para falar com um funcionário. A atendente pergunta a quem deve anunciar. O cidadão responde:

- É o Célio.

A atendente no ramal telefônico com o funcionário:

El Célio deseja falar com o senhor..

- E para encerrar vamos contar uma do Prefeito que foi à Câmara Municipal, prestar contas de sua viagem a São Paulo: “Senhores Vereadores: Tendo tido estado na capital do estado...”

UM DOMINGO NO DESCALVADO DE OUTROS TEMPOS...

(FRANCISCO B. LÍCIO escreveu este conto sobre Descalvado dos anos 20 e 30 no Jornal “O Comércio” em 1970)

Ah! O velho Descalvado de outros tempos, uma cidadezinha simpática, pacata, tranqüila, com seus hábitos próprios, decantados com o correr dos anos suas usanças, suas figuras tradicionais... Era por aquele tempo, idos da segunda e terceira década do século, quando a velha cidadezinha que se aproximava de seu centenário, era a “nossa” cidade, e nós fazíamos parte dela, tanto quanto ela o fazia de nós. Identificamo-nos, ambos, numa simbiose estranha, num conúbio indissolúvel! A nós nos parecia que o tempo estava solidificado e que tudo era estático; e a sua população que não se alterava nunca, seus prédios sempre os mesmos, como que vindos da aurora do mundo, já tisonado pela pátina conúbio do tempo; com os seus imponentes casarões, ainda renascentes do Império e do fastíio econômico da cidade; e os seus costumes que não se modificavam nunca. As festas tradicionais, as famosas quermesses; as figuras tradicionais; as famosas quermesses; as figuras tradicionais dos velhos políticos, entidades majestosas de antigos patriarcas, vindo ainda da

época de transição Império-República... Ah! querido e velho Descalvado, Nossa Senhora do Belém do Descalvado! No entanto, agora à distância no tempo, vemos com os olhos da saudade, que aquele velho burgo já lá se foi, para nunca mais retornar até à consumação dos séculos; e que, em seu lugar como que edificaram uma outra cidade, com outra população, com feição urbana diferente, com outros usos... É como se os anos, em seu transcorrer veloz, houvesse soterrado aquela velha urbe, e, sobre as novas camadas, outra cidade houvesse brotado! Nada as identifica, nada mesmo, a não ser o velho nome comum de Nossa Senhora do Belém do Descalvado. Aquele nosso velho e querido Descalvado, porém, ainda insiste em exhibir, em reclamar e afirmar a sua presença na nossa memória, e, também, nas dos seus velhos moradores, nossos contemporâneos. É uma luta inglória e desigual, bem o sabemos, sem qualquer perspectiva; a nossa velha cidade, com suas glórias, tradições, usanças e figuras, terá desaparecido de vez, e para sempre, quando, nós, também, com a nossa memória, tivermos nos encaminhado para o Grande Olvido... Aí então, velho e querido Descalvado de outrora, será como se nunca houvesse existido, e terás deixado menos marcada a sua presença do que a suave brisa que agora, lá fora, corre brincando entre a folhagem do roseiral. Permitam-nos porém, os leitores saudosistas, ou aqueles que se interessam pelo passado de nossa cidade, que exumemos as nossas lembranças, daquela cidadezinha pacata, nos períodos decorridos entre a segunda e terceira década do século, principalmente daquela era trepidante que os americanos chamaram, com razão, “the roaring twenties”, dos primeiros automóveis, do nascimento do rádio e do avião, e do aparecimento daquelas danças escandalosas, condenadas unanimemente pelas mamãs assustadas, o “rag-time”, o “fox-trot”, o “charleston”... A cidade de Descalvado era, na segunda e terceira década, a sede de um município essencialmente agrícola era o próprio país. Sua economia girava em torno da cultura cafeeira, e toda a zona rural era um imenso cafezal, a espalhar-se pelos morros e várzeas. Em época ainda recente, o município fora o maior, na cultura do café, em todo mundo! As propriedades rurais constituíam, imensos latifúndios, onde uma enorme população rural na sua maioria de recém-chegados, ruidosos e alegres imigrantes de origem italiana, ocupava-se unicamente do trato do café, planta exigente em cuidados, mas que, em compensação, dava bom dinheiro aos fazendeiros, dinheiro, esse que, por transferência, vinha a cair nas mãos dos colonos e depois nas dos comerciantes urbanos.

Aos domingos, toda aquela enorme massa de população rural, os colonos com suas numerosas famílias, se abalava para a cidade, para as compras vindo por todos os meios de condução de trole, pelo trenzinho da Aurora, a cavalo, a pé... Era o Dia do Senhor, o grande dia do comércio, das grandes vendas da liquidação dos estoques; ao comércio era permitido abrir as portas até às 15 horas, e já desde as primeiras horas da manhã as principais ruas comerciais regorgitavam de gente, num intenso movimento, numa agitação hoje inimaginável. O pessoal das fazendas derramava-se, desde cedo, pelas ruas, enchendo-as e as suas lojas, vendas, empórios, açougues, padarias, falando alto, regateando, praguejando – não fosse o italiano o campeão mundial da “bestemiação” – Discutindo preços, comprando coisas, fazendo barganhas de animais, arreios, selas, facas, garruchas pelegos... Havia no ar um clamor de mercado oriental; e por toda a parte uma agitação febril. Por volta das 13 horas, porém, fazia-se um hiato nessa enorme azafama; grande parte dos compradores buscava um lugar para o almoço, quer na Pensão Estrela, do José Borin, logo na subida da estação ferroviária, quer na pensão, do velho Bisão Zambelli, que em outros lugares mais modestos. O grosso, no entanto, calçava o estômago, iludia a fome crônica, nas numerosas vendas e padarias, a golpes de pão com mortadela, salame, sardinha de lata, de envolta com o vinho nacional da mais ínfima classe, ou com refrigerante e cerveja de produção local, que era barata e de má qualidade, produzida lá pelos lados do Tamandua. Após o almoço, e enquanto giboavam, preparando-se para a dura e longa viagem de volta, um ou outro peninsular, com alma de artista, ralado de saudade do velho torrão natal, sacava de sua corcintina, ou da sebeta sanfona de oito baixos, e exalava toda sua imensa tristeza em velhas músicas sem nome, aprendidas outrora na distante e querida pátria... As três da tarde o comércio cerrava as suas portas, e o sinal para tanto era dado pelo apito do trenzinho da Aurora, que partia. Toda aquela enorme multidão tomava, então rumo de casa, pela mesma maneira por que viera, e um estranho e enorme silêncio descia das alturas, e se estendia de súbito sobre a cidade exausta, cansada da faina matinal. Era então, que a população urbana, em sua imensa maioria, ia cuidar de si para preparar o almoço ajantarado, cuidar dos seus afazeres domésticos, dar balanço nos negócios feitos, por em

ordem as prateleiras destruídas, contar o lucro do dia... Como não houvesse qualquer indústria na cidade, a população toda estava de certa maneira ligada ao comércio urbano, vinculada às lojas, vendas, armazéns, padarias. Por essa razão, o ajantarado saía lá pelas quatro horas, na mesma ocasião em que o homem do Correio, o velho Quim Carteiro, ou o Noscenzo, distribuía a correspondência e os jornais vindos da Capital. O jornal era o grande e único veículo de comunicações da época, e somente através dele é que a pequenina cidade, ilhada no seu mar de cafeeiros, tomava conhecimento do mundo exterior que se agitava lá fora da imensa epopeia de Verdum, dos festejos do Centenário e dos primeiros e audaciosos reides aéreos: o Edú Chaves fazendo Rio - São Paulo, depois indo até Buenos Ayres, sem falar na imensa glória nacional que foi a vinda do Jaú, da Itália até a Represa de Santo Amaro!... Não existia o rádio, e a palavra televisão ainda não fora sequer cunhada pelo mais avançado sonhador. E para ligar Descalvado às cidades vizinhas ao mundo exterior, somente havia a estrada de ferro, com os seus dois únicos horários diários: o das cinco e o das onze. As estradas de rodagem ainda estavam para ser abertas, no governo de Washington Luiz, que ainda estava por vir. Depois do ajantarado e dos jornais, caía a tarde, aquelas tardes de domingo, mansas e serenas, enormes e silenciosas tardes, em que o Sol, pelos lados de São Sebastião caprichava em exceder-se em beleza e grandiosidade, numa orgia de cores, numa aleluia de luzes. Vinha o crepúsculo, um crepúsculo maiúsculo majestoso sem igual no mundo todo, em que o Sol sanguíneo se afogava num mar de nuvens de ouro e rosa, que, depois, enlouqueciam e cambiavam para outras, outras, outras cores... Pairava no ar, por toda parte, um silêncio pesado, palpável, audível... Após a noite vinha célebre e pontilhada de astros. Como ponto final de um dia longo, como se fora a chave de ouro num soneto perfeito, restava para a mocidade o “footing” no Murinho, com rapazes e moças se cruzando naquelas intermináveis idas e vindas, manobras propiciatórias para aqueles namoros de olhar “tira linha”, ou “fletar”, como então se dizia. Alguns namorados com seus casos amorosos já em fase evolutiva mais adiantada, sentavam-se aos pares do Murinho, dizendo-se as mesmas eternas palavras e coisas que todos os jovens em toda as épocas, dizem, naquela idade de sonho... De vez em quando a velha Corporação Musical Santa Cecília (a Furiosa, como a chamávamos) oferecia uma retrata no coreto, executando sempre os mesmos e velhos dobrados marciais, tão velhos e sabidos que até os cães o sabiam de cor... O coreto ficava ao lado direito da Igreja, quase fronteiro ao casarão dos Casati, uma edificação ao gosto da “arte nouveau”, como se usava. Mais tarde, a banda passou a tocar fora do coreto, já aqui em baixo, na escadaria fronteira à casa do Fabiano. Após os passeios pelo Murinho, e quando a banda se recolhia, aqueles que estavam em condições econômicas mais favoráveis terminavam o dia assistindo a uma das sessões do Cine Central, estinguindo-se toda a vida social com o fim da segunda sessão. Descalvado, então, exausto, ia dormir...

Descalvado

(Enid Maria Besteti Pires para a Revista “O Mês” nº V – Julho 1989 - Enid natural de Descalvado, reside em Campinas. Pertence ao Centro de Poesia e Arte de Campinas (CPAC). É membro da Academia Campineira de Letras e Artes (ACLA). É membro correspondente de várias academias brasileiras e duas no exterior. Pertence a Internacional Writers na Artists Association (IWA) – Bluffton (USA). Tem livros publicados e participou de várias coletâneas poéticas, inclusive “International Poetry” (USA). É autora da letra e música dos hinos do CPAC e da E.E.P.G. “Arthur Segurado”. Detentora de vários prêmios de poesia). Querendo, naturalmente, provocar minha irritação, (sou deveras bairrista) já há algum tempo, um conhecido me interrogou: - Já viu a placa que se encontra nas portas de sua terra? - Visite Descalvado antes que se acabe. Isto, porque o último censo havia demonstrado que não se verificara acréscimo populacional no município. Senti uma tristeza, não propriamente pela pilhéria da frase, mas por sentir toda uma injustiça que o Governo faz com pequenas e velhas cidades paulistas, que outrora abasteceram seus cofres, através dos lucros auferidos de sua lavoura rica, ou de sua indústria atuante.

Sempre via Descalvado como a boa velhinha, que ia retirando do baú, aos poucos, seus tesouros, para alguns filhos pródigos, às vezes, adotivos, gastarem em outras plagas. É que o Município, em sua área rural, contava com grandes e belas fazendas, de onde produtos agrícolas eram vendidos em outras cidades, outros estados. Na maior parte das vezes a aplicação da renda era feita em setores menos trabalhosos e mais lucrativos, porém, fora de suas áreas.

Com uma regressão ao passado, lembro-me das férias na fazenda Monte Alverne, dos passeios na Monte Olimpo, Ibicoara, Boa Vista, Barão e outras tantas, cujos nomes não me ocorrem no momento.

Que lazer sadio! Sem a poluição dos dias atuais, as águas dos córregos cristalinas, colocavam à mostra seu leito de areia branca e pura, sobre o qual peixes de tamanhos ínfimos se cruzavam em belíssima coreografia aquática, que deslumbrava nossos olhos de criança. O verde esmeraldino dos cafezais, dos algodoais, dos milharais, de toda a cultura mista, se estendia soberbo diante de nós. Os mais variados pássaros povoavam as matas e muitos deliciavam nossos ouvidos com seus trinados enternecedores. Tudo era natura, em sua essência!

Mesmo na cidade, grandes pomares com frutos abundantes e variados estavam sempre à disposição dos amigos. A hospitalidade era presença em todos os lares, pobres ou ricos, o que atraía número elevado de visitantes,

Como toda cidade interiorana Descalvado mostra no centro a admirável Igreja Matriz, onde a imagem venerada de sua padroeira, Nossa Senhora do Belém, ali chegou há mais de um século e meio, em carro de boi. Este centro urbano assemelha-se a uma bacia, em cujas bordas situam-se os bairros de Santa Cruz, São Sebastião, São Benedito e o Cemitério local.

Como eram concorridas e animadas as quermesses ao redor das capelas!

A Estação Ferroviária (antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro) tempos atrás era também local de lazer. Muitos jovens, moças e rapazes, propunham-se a esperar o trem para colher alguma novidade ou saber de algum visitante que ali chegasse.

As doze horas e cinco minutos, exatamente, sem atraso jamais visto, partia rumo a São Paulo uma composição que também transportava estudantes à cidade de Pirassununga, onde a escola normal (única na região) recebia alunos de várias localidades vizinhas. Como era confortável e divertido o trem da Paulista! Sempre aseado, sempre pontual, na chegada e na partida, sempre alegre e alvorçado pelas vozes de gárrula juventude! A par desta linha de bitola larga, havia uma composição que corria em bitola estreita, a qual denominavam trenzinho da Aurora, local este, de zona rural. Antes desta localidade o trenzinho vagarosamente, resfolegando na subida, passava pelo Pântano, onde eram frequentes os passeios de descaldenses e de visitantes em férias. Ali, a natureza se apresenta em toda sua exuberância. Uma queda d'água de setenta e dois metros de altura despenca-se como leite espumante, entre verdes matas salpicadas pela policromia de flores nativas. É deveras um espetáculo deslumbrante! Não sei como, passados tantos anos, ninguém se tenha interessado para fazer do Pântano um local de turismo. Sei que o trenzinho para lá foi desativado, como também desativado foi o trem que rumava à Capital. Que pena! Espero que todos os descaldenses conjuguem esforços no sentido de se reativar a velha e saudosa ferrovia.

Descalvado, atualmente, conta com indústrias de doces caseiros, muito procurados no mercado. Dedicar-se também à criação de aves galináceas donde lhe veio o título de “Capital do Frango”. Houve melhorias no Município, mas é necessário, pelos seus méritos, que seja contemplada com mais atenção do governo do Estado.

A riqueza maior todavia, está no caráter de sua gente. Já, há algum tempo pude confirmar que isto ainda existe. Passando uns dias de férias, ali, com minha família, para recordar os velhos tempos, saímos à noite para dar umas voltas pela cidade à procura dos deliciosos doces, para as crianças.

Ao amanhacer do dia seguinte meu marido deu pela falta da carteira, que continha todo o dinheiro da viagem. Muito cedo, saí à procura dela, pelas ruas onde passara. Perguntando a um gari, senhor de meia idade que varria cuidadosa e pacientemente as ruas da praça, se não havia achado uma carteira, ele retirou-a do bolso e entregou-a intacta ao meu esposo. Quando este lhe deu uma gratificação, aceitou-a relutante, achando que era grande a quantia. Assim Gente com “G” maiúsculo, ali, há muito e é por isso, que me orgulho de ser descaldense.

A TERRA DE DESCALVADO (Padre Gustavo Mantovani para Descalvado em Revista de 08/09/75)

Eu fui lembrado pelo Vigário de Descalvado, Monsenhor José Canônico, que me ofertou dois belos postais da Paróquia. Nesses dias, aqui onde resido e onde também sou Vigário, consegui colocar os dois significativos postais de minha terra numa moldura simples, mas bonita. Moldura dourada para circundar os quadros maviosos de minha querida cidade natal. E lá está o quadro, na sala de minha residência, onde constantemente não só eu mas meus amigos temos a

lembrança da cidade da Mãe de Deus. Os postais trazem a imagem da Padroeira, a vista da cidade, o salto belíssimo do Pântano e também a fachada suntuosa da Escola Paroquial. Tudo aquilo me traz a lembrança feliz de uma meninice e juventude que passei tranqüilo na terra dos meus pais e na minha própria terra, onde nasci, cresci e de onde saí para cursar o Seminário em Campinas e São Paulo. Há uma frase bastante incisiva logo no alto do postal e diz: “Cidade de Descalvado, a terra abençoada de Nossa Senhora do Belém”. De fato, Descalvado é uma cidade abençoada. Dizendo isto, queremos significar não somente o seu chão fértil, mas o seu povo bom, trabalhador e cheio de fé. A terra de Descalvado é de um município grande, extenso, com grandes e numerosas fazendas, onde a colônia italiana cultivou o café com tanta arte, com grande amor e com intensa vontade de fazer o progresso de seu povo. Precisamente agora, quando se celebra o centenário da imigração italiana, temos os olhos voltados para um passado de luta e de glória, em que italianos simples mas devotados sulcaram a terra do Descalvado para ali fazer frutecer o café e outras culturas que foram o esteio de nossa cidade e mesmo de nossa nação. A terra de Descalvado é realmente abençoada porque seu chão presta-se para tantas formas de cultura e de desenvolvimento. Ali muito se pode fazer porque a terra é boa e ainda estende-se por alqueires sem conta. Gostaria porém, de cifrar que a terra de Descalvado é sobremaneira abençoada porque o seu povo é uma gente que tem fé. E dizendo fé, queremos dar-lhe o sentido profundo e amplo que ele tem. Fé é cultura; fé é educação; fé é amor aos semelhantes; fé é desenvolvimento integrado; fé é abertura para o outro; fé é hospitalidade... Tudo isto nosso povo de Descalvado tem. Porque a Mãe de Jesus Cristo, sob a invocação de Nossa Senhora do Belém, foi conduzindo seu povo pelas sendas do Evangelho, pelos caminhos da fé, de tal sorte que a religião nunca foi percalço, mas sim integração, paz e felicidade. Quando, pois, a cidade comemora mais um aniversário de sua feliz existência, tive a idéia de deixar para os senhores este meu singelo hino de gratidão ao sincero e nobre povo de minha terra.

HAJA PAZ DENTRO DOS TEUS MUROS

(Reverend Mattathias Campos Fernandes escreveu na edição do Jornal “O Comércio” de 08/09/70 quando Descalvado comemorava seu 138º aniversário))

No início de 1964, fincávamos pé em Descalvado. Iríamos prosseguir, nesta Terra inesquecível, no desempenho de dois apostolados que, há mais de duas décadas, caminham juntas em nossa vida, como missões paralelas: o ministério cristão como pastor evangélico e, no campo educativo, o magistério secundário. A bem dizer, só conhecíamos uma família na cidade. Mas, mesmo estes caros amigos não eram filhos da Terra. Eram, como nós hoje o somos, “descalvadenses naturalizados”. Lembra-me, ainda, de quando (permita-me, leitor, reportar-me a uma experiência doméstica) minha esposa saiu pela primeira vez para fazer as habituais compras, em uma localidade que lhe era totalmente estranha. De volta à casa, vinha entre surpreendida e encantada... É que comerciantes, que jamais a tinham visto sugeriram-lhe, espontaneamente, um, que acertasse as contas no fim do mês; outro, que levasse a mercadoria e pagasse a prestações. Ao ouvir esta comunicação inesperada, tenho a impressão de que comentei, pilheriando; nesta cidade não deve haver pessoas desonestas e porisso é hábito confiar-se em todo o mundo, mesmo que se trate de um estranho... Tempos depois, ao passar diante da residência de um vizinho e grande amigo, observei que, embora ele, e a família estivessem mui certamente fora da cidade, sua casa estava com os largos portões, destinados à passagem do carro, abertos de par em par, encontrando-se, ao fundo, uma bicicleta, colocada em local bem visível... Medo de ladrão era coisa que não passava pela mente do meu amigo...

Esses fatos, que poderiam passar despercebidos (não para quem vive a lidar com problemas e temas sociais) parecem dar bem a medida de uma cidade. E esta cidade não é mais do que a grande família descavadense. Uma família em que não contam apenas os laços de consanguinidade de parentesco, mas também os liames de vizinhança, de convívio, de amizade. Se somos uma família, é mister, naturalmente, que um confie no outro. E é mister que cada um se faça digno dessa confiança. Enquanto este pobre mundo prossegue em sua ebulição, enquanto a incompreensão, os choques, as crueldades inomináveis, a inversão dos valores morais marcam uma época, que a nossa cidade possa ser um oásis de paz, de amor, de compreensão. Que possa haver, como dizia o salmista inspirado na Bíblia “paz dentro dos nossos muros.” (Salmo 122:7).

Descalvado não tem muros como as velhas cidades fortificadas. Na era atômica muro não é mais proteção. Descalvado não tem muros porque muro é barreira, é separação... Mas se muro é aconchego, é convívio amigo, é boa vizinhança, então repitamos: “Que haja paz dentro dos teus muros.” (Salmo 122:7). E David, o rei-poeta da Bíblia acrescenta, no mesmo salmo: “Orai pela paz de Jerusalém.” E nós, parodiando-o, acrescentamos: “Orai pela paz de Descalvado.”

Violência, incompreensão, desonestidade, depravação, vícios... e que mais?... rondam o nosso mundo; Que em meio a toda essa efervescência que nos assusta, a cidade, engalanada possa ser uma morada de paz, de segurança, de virtudes, e de prosperidade através do labutar honesto. Neste 138º aniversário de Descalvado, a Descalvado das escolas, a Descalvado – Capital do Frango de Corte, a Descalvado dos apetitosos doces caseiros, a Descalvado da indústria têxtil, nada melhor poderíamos fazer do que, genuflexos orar ao Deus eterno e onipotente pela paz espiritual e terrena da Comuna. Mas a Comuna faz anos quase com a Pátria. São duas festas entrelaçadas.

Ó Deus! Toma esta Pátria estremecida em tuas mãos. E volte ao mesmo tempo, o teu olhar para a nossa cidade. Que líderes e o povo, da Nação e da Comuna alcancem a tua graça!...

Salve! Que comuna e Pátria, conjuntamente aniversariante, alcancem os mais altos níveis do progresso, da prosperidade, do bem estar social mas também as virtudes que fazem o cidadão íntegro e que constroem o tipo de caráter que Deus aprova.

JOÃO BAIANO (Gerson Álfio De Marco)

A jornada descavadense de João Fernandes da Silva, começou na Fazenda Monte Olimpo, no declinar do século XIX. Nesse tempo, deixou ele a natal Rio-de-Contas, na Bahia, aportando a estas nossas úberes plagas de milionária importância cafeeira. Chegava escoteiro e jovem, antecedendo a família. Com ele, era um sonho que vinha, um artista que surgia. Um artista do manual, um artista da pauta. Após curto intervalo rural, estabeleceu-se ele na sede urbana, onde suas mãos fizeram o difícil e o perfeito no metal e na madeira e onde sua sensibilidade artística revelou-se, exuberantemente. Casou-se com uma italiana, Adelina Mandelli, foi pai de numerosa prole que se assinalou pela operosidade e pela inteligência. Vital Fernandes da Silva um de seus filhos, como Nhô Totico, passou pela nossa radiotelefonía com um dos humoristas mais criativos e naturais. Sua irmã, Dona Claudina Cândida da Silva, esposada com João Iseppi, foi genitora, no lado da varonia, de Fernando Iseppi e do Dr. João Iseppi Filho, o primeiro, destacado Oficial de Justiça em nossa Comarca, e o segundo, eminente integrante de nosso Ministério Público, na Capital do Estado. João Fernandes da Silva, elegeu Descalvado para seu campo de trabalho e externação de sua inteligência e logo tornou-se o João Baiano de todos. Associando-se com Jorge Blackburn e o Dr. Anastácio Vianna, constituiu uma das mais conceituadas e vanguardistas oficinas da cidade, com vasta clientela urbana e rural. Na sua tenda de trabalho, o hábil operário criou, também foi de sua inventiva uma máquina de beneficiar café e que, multiplicada industrialmente, integrou-se, logo como valioso elemento mecânico, na nossa então florescente cafeicultura. Que dizer-se mais, portanto, do operário? Exímio e incansável, inteligente e prático, escreveu o seu livro. Como músico é ele um capítulo especial, na nossa vida musical e de seu tempo. Afeito ao bocal e à palheta, às cordas e ao teclado, dominava, à perfeição, muitos instrumentos. Serenatista apaixonado, enchia as noites urbanas com os sons dos mais diversos instrumentos e até com os do aristocrático piano, este, acondicionado num veículo, João Baiano tocava e compunha. Como músico de filarmônica que foi e dos mais marcantes, viveu, também, como muitos, os anos duros e belos das bandas políticas, fenômeno existente em muitas cidades do Brasil, nos primeiros lustros do século, Descalvado inclusa. Entre nós, como alhures, o acirramento partidário saltava das lutas das urnas e dos livros de atas, das mofinas nos jornais e das retaliações pessoais, para o terreno melodioso da Música. Cada partido possuía a sua banda e cada um deles esmerava-se em fazê-la a melhor da cidade, aproveitando os músicos locais e contratando outros, extramuros. Em Descalvado, Luiz Altério e Pedro Buttera, dois ótimos maestros italianos, dirigiam as bandas rivais. Nessa partilha musical, João Baiano viu-se integrado a corporação musical dirigida por Buttera, grande trombonista, condutor de provada capacidade e que logo se tornou um incondicional admirador do magnífico intérprete que era o rio-de-contense. Eles eram os dois cumes daquela montanha artística, sem dúvida alguma. O maestro, com a sua larga

experiência e excelência de execução. João Baiano, com o seu virtuosismo de tocar (e bem) todos os instrumentos da banda. Se Descalvado pode ouvir, um dia, numa corporação musical sua, os sons agudos duma requinta, deve-o ao gênio multifforme de nosso focado e que, nas retretas domingueiras, com habilidade incomum e sob a admiração de todos, tocava o seu difícil instrumento, num aplaudível ineditismo instrumental, entre nós. Nas crônicas musicais descavdenses, João Baiano foi personagem única de saboroso episódio. Narremo-lo. Já dissemos da rivalidade bandística do tempo. Esta ia em seu clímax, então. Altério, para se avantajara a Buttera, na execução de peça inédita inaugurando-a na história musical de Descalvado, havia conseguido, em São Paulo, com as grandes dificuldades do tempo, a partitura dum vibrante dobrado, *O Bandido*. Com a sua melodia marcial e febricitadora, Altério e seus conduzidos pretendiam surpreender os contrários, na alegria duma tarde de domingo, numa vitória de sons e de primazia, mas os preparativos ocultos da grei daquele maestro foram descobertos por João Baiano que, incontinentemente, elaborou plano de nulificar a investida inimiga, antecipando-se à sua estratégia de vencer, pela surpresa. E, enquanto Altério ensaiava a música de sua pretensa vitória, o espião irá roubar o conteúdo sônico da partitura, com as mãos da audição. E, assim, postou-se, silentemente, às ocultas da gente de Altério, em local privilegiado: um canto de quintal, próximo da sala de ensaio daquele. E aí, nas trevas da noite, lápis e papel nas mãos, João Baiano foi registrando no pentagrama, as notas virginais do dobrado explosivo. Instrumentada a música, ensaiou-se a mesma, com extremos cuidados, nos arraiais de Buttera. Um parêntese, aqui: as retretas dominicais, naqueles tempos, eram efetuadas unicamente na atual Praça Barão do Rio Branco (Jardim Velho), no histórico coreto ali existente. Um domingo para cada corporação musical. Era a vez de Buttera e ele e seus dirigidos, para gáudio de seus mentores e partidários, encheram a amplidão do logradouro e suas cercanias com os sons desconhecidos do vibrante dobrado. Foi incontida a ira dos adversários! Descalvado ouvia *O Bandido*, pela primeira vez, mas pela banda de Buttera e *João Baiano*! E com uma semana de antecedência! Fora frustrada a prioridade da gente de Altério! Era esse um grande triunfo, em tempos em que, sob o paládio da política, lutavam-se guerras de arte, em batalhas sonoras! O fato mostra-nos, à saciedade, a esplendidez musical do filho de Rio-de-Contas. A sua fora uma tarefa só possível aos grandes conhecedores dos meandros da arte de Euterpe. Esse o homem que fizemos focalizar.

DONA SINHA (contado por Sonia Belli)

Dona Ana Rafaela Tobias de Oliveira Guimarães, filha do Coronel Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho, sobrinha do Coronel Manoel Alves de Oliveira Leme e prima de Rafael de Oliveira Sobrinho. O seu primeiro casamento foi com Francisco de Paula Carvalho, justamente o maior propugnador para a construção do Hospital, da cidade, a mola mestra de um grande sonho, veio a falecer em pleno exercício do seu difícil cargo no ano de 1896. Deste casamento tiveram uma filha D. Lalí, que foi professora. Viúva, casou-se em segundas núpcias com o Dr. Carlos Alves de Oliveira Guimarães, que foi Prefeito em 1918 e por diversas vezes ocupou o cargo de Presidente da Câmara Municipal de Descalvado, quando renunciou em 16 de abril de 1928, para ocupar o Primeiro Tabelionato da Comarca de Santo Anastácio (SP), cargo para o qual foi nomeado e o exerceu até seu falecimento em 1936. Deste casamento teve dois filhos: Silvio Alves de Oliveira Guimarães e Carlos Alves de Oliveira Guimarães. Dona Ana Rafaela Tobias de Oliveira Guimarães, faleceu em São Paulo no dia 26 de dezembro de 1926. “Dona Sinha”, era o apelido carinhoso que lhe davam os descavdenses. Era uma pessoa boníssima e inteligente. A sua vida toda foi devotada a caridade. Gostava, estimava e assistia as pessoas com muito carinho. Muito franca, a doçura da sua amizade estancou muitas lágrimas daqueles que a procuravam.

JORGE BLACKBURN (Gerson Álfio De Marco)

Sessão de 26 de setembro de 1882 da Câmara Municipal do Belém do Descalvado. Preside-a o então Major Rafael Tobias de Oliveira. Designa-se comissão para que “tratasse dos meios para os festejos de inauguração da Estrada de Ferro”. Era a Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais que, a 7 de novembro do mesmo ano, deveria atingir, incontível em seu avanço pela hinterlândia paulista, o próspero município de tão renomado café. Organiza-se a comissão e dela participa, em meio à totalidade de nomes lusitanos, um saxônio Blackburn: Jorge Blackburn. Quem é? Que qualificações possuía para integrar tão assinalada comissão? A representação econômica e cultural do município? Há anos,

velho descavdense me havia dito tê-lo conhecido e dava-mo como norte-americano (um estadudinese) e proprietário de uma grande e moderníssima (para o tempo) oficina e onde se trabalhava o ferro e a madeira. Dela, saíam as máquinas e os veículos para nossa pujante agricultura do tempo. O *opifício* de Jorge Blackburn localizava-se (segundo o meu informante) na atual rua 15 de novembro, esquina da atual rua José Bonifácio; e era dotado de muita maquinaria, trabalhada por muitos artesãos, proprietário incluso. Disse-me, ainda, meu informante ser o nosso focado um excêntrico, eis que, não obstante possuir casa térrea, ao lado de sua oficina, construía seu quarto de dormir, em um dos cantos internos do terreno, alteado e atingível por uma escada de madeira. Verídica a informação (e devia sê-lo, sendo muito probo o meu informante) não resta a menor dúvida ter sido o nosso retratado alguém que temia a ação noturna dos homens ou um saudosos do sobrado familiar da terra natal. Jorge Blackburn, com ou sem excentricidade; um precavido contra os ladrões da noite ou alguém a copiar, em terra estranha, uma pátria alcova assombrada, era o Vulcano municipal, fabricando máquinas para beneficiamento de café, arados, carroças, carroções e objetos outros servíveis aos labores agrários, sendo, portanto, uma capacidade utilíssima à nossa avançada cafeicultura. E, como tal, seguramente, entrou para a histórica comissão descavdense de festejar a chegada dos binários da ferrovia, num evento altamente significativo para o município viver os anseios de maior progresso. É estranhável que uma comunidade composta, então, maciçamente de brasileiro e portugueses, com uma incipiente colônia italiana, com alguns espanhóis e germânicos, a presença desse americano. Outro derrotado sulista na Guerra da Secessão? Cremos não ser esta uma hipótese ousada sabendo-se que a cidade de Americana, em nosso Estado, originou-se da arribada de alguns ex-confederados com a derrota. Eram os Jones, os Rehder, entre outros. Jorge Blackburn, americano como eles, poderia até ter vindo com eles e se separado posteriormente. Ou, então, talvez, tivesse ele vindo para a ubérrima terra, escoteiro, ótimo artesão que era e atraído pela nossa economia cafeeira, a reclamar, em sua contínua expansão, as máquinas, os veículos que saíam, perfeitos, de suas mãos hábeis. Continuamos a crer que a nossa hipótese é válida e, nela, insistimos. Seja como for, essa presença americana entre nós, naqueles tempos, constitui-se num mistério, se insistirmos nas razões de sua vinda para cá, não sendo elas as dum simples imigrado. E não sendo o artista americano um pregador, Jorge Blackburn tanto poderia ser um foragido da justiça (é um dos pólos de nossas suposições), como um valoroso combatente do exército de Lee, amargurado com a derrota das hostes do Sul ou um perseguido dos triunfadores (o outro polo). No meio, como uma possibilidade, um desenganado de amor. Somos levados a crê-lo um vencido do Sul. Um que, com toda certeza, teria pugnado, vitorioso, nas duas *Bull Run*; ou sofrido a derrota, em *Gettysberg* ou *Chatanooga*. E, ouvindo a sonoridade latina do idioma luso e sentindo toda a beleza da cidade provinciana, quantas vezes, certamente, não teria ele assobiado ou cantado as contagiantes melodias de Foster, as dulcíssimas *My Old Kentucky* e *Swanee River* ou as nostálgicas *Old Black Joe* e *Unkie Ned*? Saudoso de seus pagos: uma plácida cidade beiradeando o romântico Mississipi ou ensombrada pelas Montanhas Rochosas? Deixando de parte estas divagações, uma coisa ressalta: Jorge Blackburn era, na Descalvado *fin-siécie*, uma pessoa de prol e isto, naturalmente, pela sua competência, pelo seu status de industrial, pela sua inteligência. Daí o seu nome saxônio entre tantos nomes lusos, de agaloados da Guarda-nacional, de azaledados do café. Jorge Blackburn, um nosso Jones? Um nosso Rehder? Talvez.

FELICIANO DE SALLES CUNHA (conto de Luiz Carlindo Arruda Kastein baseado em artigo de Mário Joaquim Filla e Paulo Belli)

Muitos descavdenses que possuem ranchos de lazer na Vila de Jupia, às margens do Rio Paraná, divisa dos estados de São Paulo e Mato Grosso, conhecem muito bem a Rodovia Feliciano de Salles Cunha, que tem início em Mirassol, e termina em Ilha Solteira. Aliás esta rodovia é a SP 310, que de Limeira a Mirassol recebe o nome de Washington Luiz, e depois tem a denominação alterada para Feliciano de Salles Cunha, num percurso de quase 300 km. Mas quem foi Feliciano de Salles Cunha? Os jornalistas Mário Joaquim Filla e Paulo Belli, nos contam na “Descalvado em Revista” de 1979 que os descavdenses mais antigos com toda certeza já tinham ouvido falar na “Alfândega Descavdense”, estabelecimento, que no início do século ficava junto a Estação da Estrada de Ferro Paulista, com a finalidade de comércio e exportação de café, e que era de propriedade do então jovem Feliciano de Salles Cunha. Nesta época, Descalvado era uma

das maiores fontes do Estado, produzindo riquezas com a exportação do café. Com terras excelentes, obtidas imediatamente à derrubada das matas, que chegavam a adentrar a cidade, Descalvado era rodeado das melhores fazendas de café, que na época, representavam o que são, economicamente, as indústrias para o país, movimentando gente e dinheiro. O livro “Sertão Encantado” de autoria de José de Salles Cunha Júnior conta um episódio interessante e cômico da passagem de Feliciano de Salles Cunha por Descalvado. Trata-se do capítulo “O Casamento”, que narra o drama de Therezinha que abandonou o noivo no altar, por amor a Feliciano. Vejam a narrativa do próprio autor: “Therezinha saiu de casa vestida de noiva, ladeada pelos seus familiares e seguiu de carruagem em direção à Igreja, já cheia do que de melhor existia na sociedade local e a de São Paulo. As famílias da noiva e do noivo haviam contratado uma orquestra de São Paulo para abrigar a cerimônia. A marcha nupcial ecoou pela Igreja com a noiva seguindo para o altar em direção ao seu futuro marido, que mal ela conhecia, para fazer a vontade dos pais. Era bonita em qualquer momento, mas estava pálida e não parecia irradiar alegria. O sacerdote inicia o cerimonial. A orquestra pára, há um silêncio solene na Igreja, quebrado aqui e ali por uma tosse ou murmúrio. A orquestra com seus dois violinos reinicia uma música muito linda, mas que era muito familiar para a noiva. Era “Je T’aime” (Eu te amo) muito em voga na época. Agora “Je T’aime” chega aos seus trechos mais lindos. As lágrimas assomam os lindos olhos da noiva. Rolam agora pelas faces. O padre faz a celebre pergunta: “É de sua vontade ter o senhor?” e diz o nome do noivo - “como seu futuro esposo?” A moça está agora em soluços. As lágrimas e os soluços embargam sua voz. Enfim explode: “Não, não é ele que quero. É de Feliciano que eu gosto”. E continuando “Não posso”. E agora dirigindo-se ao noivo: “Desculpe, mil desculpas por isto, mas mal nós nos conhecemos”. Retira-se do altar deixando o noivo, parentes e toda aquela assistência boquiaberta, por tão inesperado desfecho. A orquestra já havia parado a música. Agora houve-se o burburinho da assistência. Segue-se a correria do pessoal com a saída da noiva. A cerimônia é encerrada sem casamento.

À tardezinha Feliciano sai do Salto do Pântano, em direção a Descalvado. Logo ao chegar à cidade, percebeu que algo de anormal havia acontecido, pela aglomeração de pessoas nas ruas. Os seus mais conhecidos acenaram-lhe as mãos, insistindo para que parasse o cavalo. Toma aí a informação, o casamento não se realizara. A noiva abandonara o altar. E dissera que era dele que ela gostava. Feliciano ficou firme em sua casa. Nem aquela noite sairia. Mas na manhã seguinte, iria para a alfândega de café, seu ramo de negócios. Logo depois de sua chegada, os familiares da moça o procuraram. E contaram logo, Therezinha chorou a noite toda. Está irredutível e diz que é de Feliciano que ela gosta. O senhor ainda deseja ter Therezinha como companheira? Feliciano pede calma. Deplora o que aconteceu e explica. Therezinha é a minha paixão. Se ela e os familiares desejam esse casamento, eu mais do que nunca respeito o que disse em casa de vocês. Amo Therezinha e mais do que nunca desejo-a como companheira.” O livro nos relata que depois do acontecimento (um grande abalo na sociedade descaldadense da época), a família de Therezinha concordou com a sua preferência e Feliciano casou-se também, com quem amava sinceramente, e prossegue a narrativa: “A vida sorria para Feliciano. O par de pombinhos (Feliciano e Therezinha) vivia como no céu. Ele entusiasmado, aumenta os seus negócios, que também lhe sorriem. Na política local, foi eleito Vereador com o maior número de votos. E falavam que ele seria o futuro Prefeito.” (Neste ponto o livro fantasia, uma vez que os arquivos da Câmara revelam que o Capitão Feliciano de Salles Cunha ficou como Suplente de Vereador na 12ª Legislatura, de 07.01.1905 a 06.01.1908, tomando posse quando do afastamento do Vereador titular Capitão José Quirino Ribeiro. Outro engano também: Feliciano entrou na política descaldadense depois da morte de Therezinha que ocorreu no ano de 1904). “Os nove primeiros meses correram maravilhosos para o casal que recebeu a estima de Descalvado. Agora Therezinha estava grávida e

esperava o seu primeiro filho. Mas uma tragédia: a moça não é feliz no parto e para a angústia e desespero de Feliciano, perde, de uma só vez, a esposa e o filho. (Pesquisas realizadas no Cemitério Municipal de Descalvado por Sonia Belli, confirmaram que Thereza Cândida Leite Salles, filha de Joaquim Cândido Filho e casada com Feliciano de Salles Cunha, faleceu com 23 anos de idade de embolia post partem em 16 de março de 1904 e encontra-se sepultada na quadra G47. Na quadra I6 foi localizado Joaquim, filho de Feliciano de Salles Cunha e Thereza Cândida Leite Salles, falecido com 2 meses em 1º de março de 1904, vítima de convulsão). O fato consternou toda a cidade. Feliciano perde o sentido dos negócios que iam tão bem. Chegou à conclusão de que não poderia ficar e viver mais em Descalvado com a lembrança de Therezinha em todos os lugares. Passa o seu rentável negócio para a frente e desaparece de Descalvado.” Assim devido a este infortúnio, Descalvado perdeu um grande realizador. O livro nos conta que Feliciano de Salles Cunha, foi para São Paulo, depois para São Carlos. Depois de mais de 12 anos, chega a Mirassol, à boca do sertão. Era 1917 e nos diz o livro: “Quis, assim, a fatalidade que os sertões de Rio Preto viessem a ganhar um homem de visão.” Abriu estradas por sua conta, inaugurou o primeiro cinema, foi o idealizador e o realizador de tudo o que necessitava a região. E esparramou o progresso por todo o sertão. Outra de suas realizações foi a instalação da primeira linha de jardineiras (ônibus da época) de Tanabi. Lamentável, portanto, a sua partida de Descalvado. Com o seu espírito empreendedor, quanto não poderia ter feito para o progresso de nossa cidade! (Pesquisa realizada por Sonia Belli, constatou que Feliciano de Salles Cunha casou-se mais duas vezes, estando sepultado em São Paulo com sua terceira mulher).



Rua Amâncio Penteado - década de 30

DR. FRANCISCO EZEQUIEL DE MEIRA JÚNIOR (Gerson Álfio De Marco)

Até o ano de 1867, houve em Descalvado uma via pública (a atual rua José Rodrigues Penteado), denominada rua do Dr. Meira. Era uma denominação popular, porquanto Descalvado não possuía ainda seu Legislativo, legítimo fixador da nomenclatura dos logradouros urbanos; e o povo, às vezes com muito espírito, e sempre com muita justiça, supria a falta de batizadores legais, nesse setor. Quem era esse Dr. Meira?

Parece-nos que foi o primeiro médico que pisou as terras de Descalvado. Antes dele e com ele ainda, trabalharam e trabalhariam na seara de Eulápio, os boticários e os curandeiros. É de supor que o Dr. Meira tenha aportado em nossa terra num dos afamados anos que precederam a sua emancipação política e quando a proliferação dos cafezais e as aberturas de novas fazendas, davam um colorido especial as terras de Descalvado. Não sabemos se o Dr. Meira retirou-se da cidade, ou foi sepultado no cemitério velho.

DR. AMÂNCIO PENTEADO FILHO (Gerson Álfio De Marco)

Notável causídico, filho do Dr. Amâncio Guilhermino de Oliveira Penteado, nasceu em Descalvado, onde fez seus primeiros estudos, ingressando mais tarde na tradicional Faculdade de Direito de São Paulo, onde se formou com brilho. Formado e depois de curto advogar em nossa terra, foi ele designado, tal sua competência, para Juiz de Direito no Território do Acre. Retornou depois a nossa terra, onde advogou por muitos anos. Indo para São Paulo, em 1932, trabalhou no Departamento da Receita, como consultor jurídico. Faleceu na Capital. O Dr. Amâncio Penteado Filho, mais conhecido como Dr. Amancinho, era um cultor emérito da ciência do Direito. Seus escritos de caráter jurídico e integrados autos das mais diversas e difíceis causas, nos mais variados processos, atestam seu imenso saber, na ciência de Ulpiano e Papiniano, e como sabia manejar com mão de estilista e de profundo conhecedor, o nosso sonoro idioma. Foi ele um espírito brilhante e um profissional de alto gabarito. Honrou sua terra natal e a tradição de inteligência de sua ilustre família.

DR. GUMERCINDO PENTEADO (Gerson Álfio De Marco)

Grande engenheiro, nosso ilustre conterrâneo a quem, o Governador paulista Dr. Lucas Nogueira Garcez, glorificou,

dando seu nome à monumental ponte, que lançada sobre o Rio Grande, liga São Paulo a Minas Gerais. Entre as grandes iniciativas do grande engenheiro descaldense, poderemos anotar as seguintes: pioneiro da fundação do Fundo Rodoviário e, pelo qual, cada município, recebe, trimestralmente, do governo da União, cotas para a conservação e a melhoria de suas estradas; obtenção durante o governo do General Eurico Gaspar Dutra, da criação de um Posto Agro-pecuário, em Descalvado, do governo federal; obtenção durante o mesmo governo, da Diretoria Geral do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem das providências para o pronto início do trecho rodoviário Descalvado-Araraquara e pelo qual Descalvado se ligaria, por ótimo e reduzido trecho de estrada, com o triângulo mineiro, com a zona araraquarense, com o sul de Goiás, com o norte de Mato Grosso, de um lado; e com o sul de Minas, a Capital Federal, Casa Branca, etc, de outro. Outro trabalho do Dr. Gumercindo Penteado foi a consecução, quando estudante, ainda, da abertura do trecho Porto Ferreira - Descalvado - São Carlos, de grande significado para a época, tirando Descalvado de um perigoso isolamento. O Dr. Gumercindo Penteado e outros descaldenses e pessoas dos municípios citados, conseguiram esse grande benefício, do Governador do Estado de São Paulo, Washington Luiz, logo após o término do trecho São Paulo - Ribeirão Preto. A Ponte sobre o Rio Grande foi desativada na noite de 3 de maio de 2.001, justamente após a passagem sobre ela de um caravana de descaldenses com destino a Pousada do Rio Quente. A nova ponte inaugurada em 4 de maio com a presença dos governadores dos dois estados, ministros e do Presidente da República, recebeu o nome de Governador Franco Montoro.

JARDINEIRO BEPÃO

Tuca/04

Na esquina leste das Ruas José Ferreira e Coronel Antônio Alves Aranha, onde hoje é o Skinão e o depósito de Bebidas São Bento, ali, bem ali, havia um casarão de tijolos largos, portas altas e embandeiradas, janelas grandes de madeira escura, as quais contratavam com as paredes brancas, de ângulos retos, naquela construção sólida. No quintal imponente mangueira (coquinho ou Bourbon?), laranjeiras, limão, pés de café, um pequeno galinheiro, horta, palha de arroz pelo chão arenoso, mil pássaros todos os dias pela manhã e ao entardecer, tudo cercado perfeitamente com bambu. E nós, moleques de pés descaldos da José Ferreira, rua, então, de terra e cascalho, corríamos, livres e felizes numa Descalvado de outros tempos e víamos, todo dia, o homem que habitava o casarão da esquina ir e vir do trabalho. Cedo, bem cedo, dia após dia, ele saía, italiano forte, atarracado, ombros curvados pelo peso dos anos, carregando enxada, rastelo e ancinho, prolongamento natural de seus braços fortes, instrumentos de seu ganha pão. As mãos, calejadas e fortes, de quando espalmada, um cumprimento rápido se o conhecido era de seu agrado. Ao seu lado pequeno, branco com malhas pretas, companheiro inseparável, o cão, fiel escudeiro. Ambos, homem e cão se completavam. Entendiam-se, comunicavam-se, numa linguagem secreta de afetos e confidências. Dividiam, fraternalmente o doce que o velho, todos os dias comprava no armazém do “Joanim Biffi”. De passagem, antes de chegar ao seu local de trabalho, visitava, a miúdo, o campo do CERD, entrando pelo portão principal, exatamente onde e hoje a casa do “Zé Aldo Fregonesi”, esquina da José Ferreira próxima à Biblioteca do Ginásio. Então, com sotaque carregado e cantante, disparava, uma provocação direta que só existe entre companheiros de profissão: “Maria Vêrgina, Carlo, Dio Mio, caro, la grama ta molto alta e seca, poverella. Precisa de rega. Má vê se me fá isto, Carlo” e saía por onde entrou, um sorriso maroto nos lábios, dirigido cumplicemente, ao cão. Pronto. O dia do “seo” Carlos, zelador perfeito e eficiente do CERD azedava de vez. Noite dessas, lua grande e clara, atravessando o Jardim Velho, ao longe avistei os vultos do velho e do cão. Aquietei-me junto à figueira que sombreia o Brásão da República e fiquei observando o velho “Bepão” replantando algumas mudas de “buchinho”, bonsais naturais, que foram arrancados dos canteiros do jardim, creio que por terem mais ou menos uns 75 anos. Velhos e ultrapassados “buchinhos bonsais”. Os que Bepão estava replantando em 2.054 estarão quase iguais aos que foram extirpados. Tarefa cumprida, o velho e o cão dirigiram-se ao coreto e guardaram as ferramentas no porão. Chegando mais próximo pude ouvi-lo falar triste e suavemente ao cão:

“Dio Mio, amico... Maria Vêrgina” e pude ver o brilho das lágrimas em seus olhos claros, quando o velho Bepão, jardineiro da Praça Barão do Rio Branco, avistou o centenário chafariz de mármore aos pedaços. Esta crônica de setembro, é uma homenagem tardia, porém sincera, de um dos moleques da José Ferreira, a Giuseppe Terribile, o Bepão, “nato nel Comune di Cervarese S.C. Distretto di Padova in 1.887, dicesi in América addi in 31 di marzo di 1.908” e morto em Descalvado no dia 3 de outubro de 1.976, o eterno Jardineiro do Jardim Velho.

ANO 2.000 – DIÁRIO DE UMA GAROTA

(Ana Maria Macedo escreveu no Jornal “O Comércio” em 08/09/1966)

Descalvado, 6 de setembro do ano 2.000

Hoje, pela manhã, eu ainda estava em São Paulo e agora... agora eu consegui realizar o maior sonho de minha vida: conhecer minha terra natal. Sim, meu querido diário, tenho a imensa satisfação de ser descaldense. Nasci aqui em 1985 mas infelizmente, logo fomos para São Paulo e nunca mais aqui voltei. Só hoje começo a conhecer realmente minha “terrinhã”, E digo-lhe sinceramente, estou encantada com seu aspecto e com a amabilidade de meus conterrâneos.

Mas deixa-me contar todos os acontecimentos de hoje: Quando o avião sobrevoou a cidade tive, uma grande emoção e... senti o “ar” diferente! Será impressão? Ou exagero? Parecia-me ser mais leve, mais perfumado... Já em terra meus olhos curiosos não queriam perder um único detalhe e corriam trêfegos, analisando tudo, com rapidez incalculável.

O aeroporto, construído recentemente, possui arrojadas linhas arquitetônicas e aparelhamentos dos mais modernos. Situa-se pouco distante da cidade, num bairro populoso, cujas casas pré fabricadas habitadas por laboriosos operários, dão um toque especial à paisagem, já por si tão interessante. Com os demais passageiros, que por sinal eram muitos, dirigimo-nos para a cidade de ônibus e nos acomodamos no Rex Hotel, cujo proprietário nos dispensou especial tratamento, demonstrando grande júbilo ao rever meu pai, após tão longos anos. Depois de percorrer as dependências do hotel, que foi remodelado conservando as características antigas, recordei-me de que vovô já havia me falado ser antigamente neste local o fórum e a cadeia pública. Achei interessante a semelhança das “funções”. Mais tarde fui com mamãe visitar uma sua amiga “dos velhos tempos” e esta senhora, ao notar meu entusiasmo pela cidade amavelmente nos levou para dar um passeio. Como eu nunca havia visitado uma cidade interiorana, fazia uma idéia tão diferente!... O trânsito intenso no centro da cidade já foi uma surpresa e os bairros modernos que percorremos, me encantaram. Como é uma cidade antiga, em sua periferia é que notamos construções mais atualizadas e residências mais modernas e funcionais.

O prédio da Faculdade de Filosofia, no Jardim Belém, foi construído há uns dez anos mais ainda é interessante. Verei seu interior quando for visitar a 38ª Feir de Ciências que lá se realiza todos os anos e que já é famosa em todo o Estado.

À noite, travei conhecimento com alguns rapazes e moças e, com eles, fui ao cinema ao ar livre e depois fomos cear no Clube de Campo. Que recanto maravilhoso! E que companhia agradável a desses jovens desinibidos que agem com tanta naturalidade na tarefa de me distraírem. Distante da cidade, pudemos observar, devido aos festejos, sua iluminação feérica e eu pude me encantar com o cintilar das estrelas, a transparência do céu e o luar... ah! O luar! Nunca havia visto coisa igual!

Descalvado, 7 de setembro do ano 2.000

O tradicional desfile escolar, pela manhã, pouco diferiu dos que eu já havia visto. Apenas alguns carros alegóricos conseguiram despertar minha atenção pela sua originalidade, pois quanto ao resto, aluno é sempre aluno e escola é sempre escola...

Mas... a Feira de Ciências embasbacou-me!!! Logo à entrada, nos jardins da Faculdade está armazenado o Pavilhão do 35º Salão da Criança e lá a gurizada se delicia com os brinquedos, o museu de cera com vultos históricos, cineminhas, teatro de bonecos, etc. Achei interessante que os bonecos são dirigidos por controle remoto, pelas próprias crianças, havendo também uma miniatura do foguete espacial funcionando pelo mesmo sistema. Não posso deixar de felicitar os empreendedores pioneiros que tiveram a brilhante idéia de organizar a Primeira Feira de Ciências. Imagino quantas dificuldades não tiveram de superar, até verem suas aspirações concretizadas! Mas valeu o sacrifício, pois é digno de nota o entusiasmo e o orgulho que vibram nos corações dos estudantes que participam da exposição. Na sala de

Astronáutica teve a oportunidade de ver uma cópia da última cápsula espacial que atingiu a Lua, levando alguns passageiros. Atualmente as viagens à Lua são frequentes e as astronaves proporcionam conforto e segurança, mas... não me atraem...

Esta Feira de Ciências nos dá ainda oportunidade de realizar um verdadeiro “check-up” grátis. Podemos fazer abreuografias, eletro-cardiogramas, radiografias, diagnóstico precoce de câncer, assim como vacinas contra uma infinidade de moléstias. Não perdi tempo nesta parte, pois já havia feito todos os exames obrigatoriamente por ocasião da matrícula no Colégio.

Diverti-me imensamente vendo minhas novas amigas pelo circuito interno de TV, cujas telas coloridas espalhavam-se por toda parte, mas foi na sala de antiguidades que encontrei coisas que realmente me interessaram. Fotografias, revistas e velhos jornais forneceram-me aspectos antigos da cidade, aos quais meu avô sempre se refere. Mas como está tudo tão diferente... Achei formidável ler nos jornais as notícias do casamento de meus avós, do nascimento de meu pai e do meu próprio!

Objetos tais como televisores, rádios, eletrolas, etc, de quarenta anos atrás, fizeram-me constatar o progresso da técnica neste setor. Estou pensando até agora como é que os jovens daquela época carregavam aquelas vitrolas imensas e todos aqueles discos em suas festinhas e passeios! São tão práticos nossos aparelhos musicais que cabem dentro da bolsa, com inúmeros rolos de fitas gravados do tamanho de minúsculos carretéis de linha!

E as televisões! Além de “gigantescas”, comportavam um número restrito de estações transmissoras e a imagem não era colorida. Inacreditável! Mas o que me fez rir escandalosamente foram as roupas! Como a moda é volúvel e disparatada! Gostaria de saber a utilidade daquilo que os homens usavam ao redor do pescoço, e que se chamava gravata! Foi relutante que deixei aquela sala tão divertida, mesmo assim, somente devido a insistência de meus acompanhantes e a fome que se aproximava.

Jantamos no recinto da Feira, num restaurante tradicional, montando de maneira a proporcionar um tratamento “à moda antiga”. Como curiosidade, achei muito interessante, mas não creio ser nada prático, lavar tantas louças e talheres. E que cardápio complicado!... Se eu tivesse que viver naquela época não sei o que seria do meu comodismo!

A noite fui ao baile num clube muito elegante, amplo e confortável. Dancei muito e fiz novas amizades com pessoas extremamente agradáveis.

Querido amigo diário, parece-me ter sempre vivido aqui neste ambiente tão amigo e acolhedor...

São Paulo, 8 de setembro do ano 2.000

Logo que me levantei fui à Igreja para fazer minhas preces e conhecer *pessoalmente* Nossa Senhora do Belém. Digo assim porque vovó já havia me falado tanto. Dela enquanto meu avô ilustrava a conversa com fotografias e filmes, que sempre tive a impressão de já conhecê-la. Francamente, nem os exageros de meus avós fazem jús a tanta doçura e singeleza que emanam daquela figura esplendida e que ao passar do tempo e as necessárias restaurações não conseguirão jamais apagar. É verdadeiramente magnífico este Templo que se ergue majestoso em pleno centro da cidade, numa pracinha discreta, ladeado por prédios de arquitetura tão diversa da sua.

Quando à tardinha, o avião decolou senti uma melancolia inexprimível que me fez calar, mas uma vez dentro de mim murmurava docemente: Eu voltarei... Eu voltarei...

GLENAN (Wanderley Prevatto conta Dr. Glenan Leite Dias em 1977)

Nem por ter nascido em Machado possui tendências destruidoras. Quando lhe pisam no calo briga como um satanás sem ser ofensivo. Às vezes, irrita-se por dá cá aquele cigarro. Embora não perca a linha. O charme de mineiro que carrega no lombo dissipa caturrices. Desde fins do século XIX até o dia de hoje. Aos oitenta e três anos, Glenan Dias é uma criatura que sabe-se impor diplomaticamente. Deixou para trás aquele autoritarismo oriundo dos frutos da sua profissão. Ser médico em terra de ranzinhas vai bem para nervos de aço. Não para corações. Não para consciências. Ele está de acordo com o que fez. Sentindo sempre que falta algo que leve o seu carimbo. O timbre do talão de notas medicinais? Cremos que seja o da bondade com que “sente” as coisas ao seu redor. Compreensivo, fica “fulo” quando não o entendem. Com receio de levá-lo a sério, tentam esquecer de um dr. Glenan com muito para contar. E também para espinafrar acontecidos, coisas e criaturas. Nunca ele esteve tão vivo. Um menino quase centenário. Que não se perdeu nos seus caminhos como um labirinto. Saibam os justiceiros encontrar nele uma época

de fartura. À semelhança do tempo da vaca gorda, onde a laranja custava dez tostões duas dúzias. A boa feijoada de um tempo que não deixava esfriar o caldeirão. Aqui vai a gororoba: Noticiava num distante 1922 o jornal do dr. Urbano a chegada a este reino de um jovem médico. Origem: Rio, capital da República. Com dois passos, subira a São Paulo e daí a Descalvado fora um pulo. Por enquanto, vinha com boas referências. Não estava expulso da cidade maravilhosa por incompatibilidade de gênio. O prefeito Pereira Passos e o sr. Epitácio Pessoa também apreciavam polêmicas. Que Glenan fosse em paz e encontrasse no interior paulista o de sentar praça. Constatou o real: na placa da estação da Companhia Paulista cantava um nome. Parecia de sabença gramatical: adjetivo. Descalvado para todos os efeitos. Enfim, o trem não ia para a frente. Ponto. Na terra pouco prometida. O que fez Santos Dumont com o aeroplano garatujou Glenan com o bisturi. De nó nas tripas a inchaço no pé, não teve mãos a medir para nascer humanos, desumanos e infetados. Curou canônicos, coronéis e ferroviários. Fora os duvidosos de carteira do trabalho. De estetoscópio no peito e umas rezas bravas na cabeça. E as agüinhas porretais e o de restoremediavelmente preparado dentro do Ford de bigodes 1928. Lá ia Glenan fonfonando gravidades receiptuárias e espantando a macacada. Tudo feito em ritmo de dois palmos de olho para fora e três metros de apressada impaciência. Quarenta e tantos anos de assinaturas e consultas nos papéis que derrubam qualquer Esculápio. Os gatafunhos da sua letra cheiravam de longe interesses farmacêuticos. Até a cobra que simboliza remédios dançou ritmadamente sob a banda medicinal de Glenan. Das prateleiras nem um melhoral sobrou para contar a estória. Achou melhor voltar as atenções à agricultura. O gado pecuariamente instalado recebeu, como nunca se vira, injeções de tamanhos os mais incríveis. Bumbuns doloridos. Vitalidade. Do leite puro da vida viveu o nosso herói. (Não se esqueçam de que como homem de arado e carpideira recebeu ele as justas homenagens. Porque, ao médico Glenan, somente Deus poderá fazer justiça. É algo muito complicado explicar aqui este problema.) Pagou-lhe a Vigor o suor do rosto das novilhas. E dos bois também. Afinal, de médico a veterinário e pecuarista a concepção foi sempre a mesma: os aparelhos é que mudam. Glenan, este não. Modernizou-se com as invenções e assume conforme as épocas. Tanto no consultório quanto nas pastagens dos seus afazendados. Engraçado, jovem. Dizem os mais velhos que juízo não lhe falta. Tem demais este negócio que se convencionou denominar personalidade. Jamais esperou recompensa às realizações espalhadas por aí com sofrimento. Blasfêmia não pertence ao seu vocabulário. Tem lucidez à altura para reconhecer as limitações que o fazem personagem do século XX. Além de ter preparado planos objetivos para um futuro não muito distante. Dr. Glenan pertence ao grupo dos que ficam para a semente. Enganando os tempos. Como um adolescente de oitenta e quatro anos.

BENO RIECKMANN (Josef Ronald Rieckmann)

A década de 30 foi uma das mais conturbadas da história brasileira. A falência do café como uma economia monoexportadora em 1929 e os novos rumos políticos do país a partir da revolução de 1930, impuseram uma alteração da economia e da sociedade, dessa vez mais voltada ao mercado interno. Esses novos rumos proporcionaram o aparecimento de indústrias e da policultura que transformaram o país, e principalmente, a geografia econômica do Estado de São Paulo, oferecendo novas perspectivas de negócios e oportunidades, sem contudo desconsiderar as terríveis realidades sociais. Descalvado, município da bacia do rio Mogi-Guaçu, incorporou toda a fase cafeeira e sua herança histórica até 1930 como um dos primeiros produtores nacionais (haja vista os nomes de suas principais ruas que homenageiam os coroneis do café), que passou por transformações imperativas em sua vida cotidiana na época. No lugar de somente o café, surge a policultura e a indústria. As discussões da Câmara no período podem ser observadas nos relatórios semanais do jornal local “O Comércio” que recaiam mais sobre discussões e providências urgentes que se faziam necessárias nessa mudança, tais como: - a necessidade de novo aparelhamento urbano, com mais casas para a população operária que se avolumava, visto a instalação de cotonifícios e a disponibilidade de mercado para as tecelagens já existentes; - incubação de dispositivos para a saúde, visto que, segundo o jornal “O Comércio”, Descalvado era uma fonte de insetos e animais nocivos (pulgas, percevejos e ratos); - mediar as disputas pelas necessidades de infra-estrutura municipal, entre fazendeiros e industriais, no que se referia à pavimentação urbana, às estradas municipais, à coleta de lixo e

às novas casas; e organização de um sistema tributário, de modo que houvesse maior cooperação popular, dos fazendeiros e dos industriais. Pelo que se pode observar nos relatórios publicados pelo jornal "O Comércio", a Prefeitura e Câmara de Vereadores era dominada pelo fazendeiros o que gerava alguma insatisfação por parte dos industriais locais. Talvez, por isso, os nomes de consenso para presidirem a Câmara de Vereadores naquela época foram os de Plínio de Castro Prado e Benno Rieckmann. O primeiro, ligado a família tradicional paulista e de grande influência política na Capital, além de ser agricultor no município, e o segundo somava no período atividades agrícolas e industriais. A infra-estrutura necessária para a transição econômica do município foi difícil de ser conseguida, faltavam recursos. A nova lei do "Estado Novo" era excessivamente centralizadora com relação aos impostos e ao enfraquecimento dos estados, bem como da própria Federação. Parecia ser uma meta da ditadura imposta no período. A fim de melhorar aparentemente a situação, a colaboração de alguns fazendeiros se fazia presente pelo menos na manutenção das instituições como: escolas, asilos e Santa Casa.

ANO DE CHUMBO?

Luiz Carlindo Arruda Kastein

O Brasil, de 1964 com o golpe militar de 31 de março que derrubou o Governo João Goulart até março de 1986 quando o General João Baptista Figueiredo "passou" o poder a José Sarney, foi governado por mãos de ferro num período conhecido como "Anos de chumbo". Descalvado logo após o golpe teve autoridades convocadas a comparecerem a Brasília, um ato isolado sem maiores consequências. A ironia fica por conta de uma outra história verídica que se deu logo após a volta do regime democrático, justamente quando havia terminado a censura dos órgãos governamentais sobre a imprensa escrita, falada e televisada. A cidade possuía àquela época, acreditem ou não, um canal próprio de televisão, era a TV Descalvado, canal 38 que ia ao ar com certa regularidade normalmente nas tardes de sábado passando vídeos de eventos culturais, sociais e esportivos. O CERD – Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense tinha uma excelente equipe de futebol no ano de 1986 disputando a 3ª divisão de profissionais, dirigida por José Maria Constante Melki. Aliás foi campeã estadual, o maior feito na história futebolística do clube, reconhecido com mérito pela Federação Paulista de Futebol. A TV Descalvado tinha um "scratch" que gravava os jogos e depois fornecia a fita em VHS para a "emissora" local. Décio Pinese e José Carlos Calza eram os câmaras, Sebastião José Ricci "o Canarinho de Ouro" fazia a narração, tendo como comentarista o "Professor da Bola" Daltayr Anacleto Pozzi" e repórter de campo o "Volante Mágico" Oswaldo Curciol (Basso). O transmissor era da Prefeitura e a manutenção de responsabilidade de Luiz Carlindo e Antonio de Oliveira (Nico Delermo), então membros do Serviço Municipal de Televisão. O Governo José Sarney através de seu Ministro da Fazenda Dilson Domingos Funaro, preocupado com a inflação galopante lançou um pacote de contenção que atingiu primordialmente a classe dos trabalhadores. Durante a narração do jogo CERD x São João da Boa Vista, o "Canarinho de Ouro", revoltado com o pacote governamental, criticou severamente "no ar" as medidas, fato que desagradou o mais alto escalão dos políticos da época que temendo melindrar o Governo, incontinentemente determinaram aos responsáveis pelas transmissões que suprimissem o som da emissora, deixando no ar somente a imagem. Ordem acatada, os descavadenses viram pela TV mais uma vitória do CERD, mas sem ouvir os gritos emocionados de "Gooooooooo!" do "Canarinho de Ouro" e os comentários sobre a partida do "Professor da Bola". Como disse um amigo meu: "Vimos os vurtos, mas não ouvimos os prozeados"...

BREVE HISTÓRICO DO PERSONAGEM BENNO RIECKMANN

Naturalidade: Brasileiro (1898 em Campinas, SP / 1947 em Americana, SP)

Formado: Técnico Agrícola na Escola Técnica de Manheim - Alemanha

Profissão: Agricultor e Industrial em Descalvado, SP

Carreira política: Eleito Suplente de Vereador na 21ª Legislatura (19/06/1936 a 10.11.1937) assumiu a vereança na vaga deixada por Eduardo Whitaker Penteado. Eleito Presidente da Câmara Municipal em 1.937 seu mandato foi extinto com a declaração do Estado Novo por Vargas. Benno Rieckmann retornando da Alemanha no final da 1ª Guerra Mundial, recebe apoio da empresa Rieckmann & Cia., situada em São Paulo, para diversificar os negócios da família por meio da cafeicultura. A Região escolhida foi o Vale do Rio do

Pântano, no município de Belém do Descalvado. Região de boas aguadas, reversos de cuestas com terra roxa (café) e depressões alongadas que poderiam servir para a pecuária além de contar com a infra-estrutura nos transportes da Cia. Paulista de estradas de Ferro, além de bons armazéns para o café pronto. Em 1921, após o casamento com a Sra. Gerda Frankem, eles assumem a fazenda Morro Alto do Cel. Antonio Alves Aranha, que era possuidora de bons pés de café e de um bom número de colonos. Já em 1924, com a Revolução em São Paulo, os problemas do custeio aparecem com o bombardeamento e cerco da Capital pelos revolucionários, e os depósitos da empresa Rieckmann & Cia. são assaltados e incendiados. As dificuldades foram contornadas pela renda das safras de 1926 e 1928, as melhores do município e de toda a região, porém, com a derrocada cafeeira da crise mundial de 1929 impôs novos treumas e sacrifícios à família. A diversificação das atividades econômicas, tornaram imperativas, mas a falta de crédito foi cada vez mais limitada ao Estado de São Paulo, devido à política revolucionária de Getúlio Vargas. Sem perspectivas para o café e à sua diversificação econômica, a elite paulista conclama a população para lutar contra o Governo Federal. Nova Revolução, agora a Constitucionalista de 1932. Cinco descavadenses comparecem nas frentes de combate, entre eles, Benno Rieckmann, que assumiu o cargo de 2º Tenente na Cavalaria do Rio Pardo, com sede em Ribeirão Preto, SP a convite da família Castro Prado (referido Batalhão foi criado pelo Sr. Cid de Castro Prado, irmão do fazendeiro Plínio de Castro Prado, da Fazenda Pedra Branca, em Descalvado). A família Castro Prado quando sediada em Descalvado foi uma das responsáveis pela inauguração da Santa Casa, do Lar Escola Imaculada Conceição e outras obras beneméritas. Depois de um mês e meio de combates no Vale do Paraíba e na região de Capão Bonito, a guarnição da Cavalaria do Rio Pardo definitivamente se rendeu aos gauchos. Sem suprimentos e munição, não compensava mais a luta na frente sul. O transporte dos prisioneiros foi coisa inusitada: vagões de gado, onde somente uma lata servia de banheiro. No trajeto, vieram Curitiba, Morretes e Paranaguá, para o embarque definitivo dos prisioneiros paulistas num cargueiro até a Ilha Grande, litoral do Rio de Janeiro. Lá, Benno Rieckmann encontrou Origenes Lessa, Austragésilo de Ataíde e outros paulistas que se encontravam presos na Ilha desde o começo do conflito. Lessa cita Benno pelo menos três vezes em sua obra "*Ilha Grande*". Quando foram libertos, o regresso foi confuso até São Paulo, pois no Rio de Janeiro, nada facilitavam aos paulistas, nem a venda de bilhetes de trem, nem comida, nem informações. Sem dinheiro, ficavam amontoados nas estações ferroviárias. Retornando para Descalvado, chegou com uma barba enorme que relutava em tirá-la. O jogo de pólo ganhava adeptos e os campos se multiplicavam na Fazenda Lagoa Alta, no bairro de São Benedito, ao sul da cidade e outros menores. O entusiasmo era grande, nascia a Sociedade Hípica de Descalvado e no campeonato brasileiro de 1933, como triangular entre SHD (Descalvado), SHP (São Paulo) e SHC (Rio de Janeiro), a vitória final sorriu para os descavadenses por 3 x 2. Em uma barbearia do centro, Benno Rieckmann cortava o cabelo quando ouviu gritos de populares que avistaram um cavalo com uma dama montada em disparada no sentido da chácara do Sr. Cirlylo Bortoleto. Tratava-se da Sra. Laurinda, esposa do Dr. Glenan Leite Dias e o episódio acabou na morte desta Sra.. Tal fato foi considerado como o fim do pólo em Descalvado. Na realidade, o fim da era do pólo em competições à nível nacional na cidade correspondeu aos elevados custos que o esporte infligia aos participantes. Um deles era a manutenção dos cavalos crioulos, que eram os melhores e exclusivos da SHD, pois outros competidores sempre os machucavam com sua finas esporas ou artimanhas em seus tacos. Os anos 30 soavam mal para Descalvado. O preço do café, apesar da exposição mundial de 1933 não subia e o Brasil via-se mergulhado numa profunda crise interna. A revolução de 1935 somente serviu para acelerar o golpe de Getúlio Vargas para 1937 ("*O Estado Novo*"). Os negócios das fábricas em Descalvado derivavam entre o mercado internacional e nacional. eclode a II Guerra Mundial. A necessidade do brim é imperiosa aos europeus. A confecção de fardas militares, seja a verde-oliva (dos alemães) como as de cinza-chumbo (demais compradores) somente forneciam aos cidadãos locais a subsistência. Aos proprietárias das empresas, os lucros auferidos eram aplicados em outras paragens. Os negócios proporcionados aos doces caseiros, poderiam ser negociados ao nível da América Latina. Benno vai inaugurar uma fábrica de produtos climatizados, a partir da banana para exportação para a Argentina primeiramente. Depois, descobre que o negócio não é tão bom, pois os navios não tinham

compartimento para produtos agrícolas climatizados. A primeira remessa para o importador argentino deu certo, mas a segunda, apodreceu no próprio porão do navio. Outra experiência desta vez mais pensada foi com uma farinha. O milho produzido pelos pequenos agricultores locais foram a solução, produzia-se maisena por um baixo custo e novos nomes da agropecuária nacional ouviram-se na Fazenda Morro Alto: arrendatário, meeiros e parceiros. Mas a comercialização foi truncada pela Dureya, multinacional americana que ainda detém a marca "maizena". Sem condições de poder pagar os Royalties da utilização do nome e dessa marca, originou-se a primeira marca descaldense de mercado, a farinha "NORI" (abreviatura das sílabas No e Ri, final e início do seu nome e sobrenome). Para a NORI só restou sobressaltas. Como produtora de uma boa farinha de amido de milho, em 1941, a OTKER (o cabeça branca) iniciou grande compra dos produtos na NORI para salvaguardar sua produção de gelatinas e pudins pré-fabricados. Aconteceu que a OTKER exportava a maior parte de sua produção para a Alemanha, que já estava há dois anos em guerra. E precisava de alimentos pré-saturados e a fornecedora brasileira era uma base sólida. O negócio funcionou durante um ano, até Getúlio Vargas declarar guerra à Alemanha. Dessa declaração, sobrava ao empresário brasileiro que comercializasse com a Alemanha, sua posição de ser colocado na lista cinzenta ou até na negra do ditador, conforme as mercadorias enviadas. Isso significava que perderiam suas credibilidades junto ao órgão estatal máximo de crédito, o Banco do Brasil. Nada mais restava à NORI. OTKER foi honesto em avisar seus fornecedores. Extensas viagens de trens, carros ou a cavalo nada mais adiantariam para desovar o grande estoque de farinha. O jeito foi aproveitar o mercado interno, através do FRIGOR EDER. Dominados pelos alemães e sem possibilidades de exportar do mesmo modo como a OTKER, desejavam o mercado interno como a maioria das empresas que queriam se fortalecer no Brasil, sem a presença alemã. O aproveitamento do resto da farinha foi investido numa grande criação de porcos, que não precisavam passar pela inspeção do frigorífico, dada a sua qualidade. O trem já não era mais o transporte básico, mais sim caminhões, visto a urgência de entrega das cargas vivas: doze horas de viagem, desde que bem preparados, desde Descalvado até o bairro de Santo Amaro na zona sul de São Paulo. A iniciativa durou pouco. Sem identificação de prováveis doenças, numa única noite mais de dois mil porcos morrem. A falta de vacinas, proporcionou a brucelose. Num íntimo de raiva, Benno que durante a Revolução de 32 nunca mandara atirar em ninguém, a não ser por defesa própria, mandara atirar nos urubus que cercavam as pocilgas. Estava terminada uma nova epopéia. Em 1947, a empresa OTKER mandara avisá-lo que poderia reiniciar a compra de novas encomendas de farinha. Mas e a farinha para produzi-la? E como ficavam as desculpas a quem parava em sua porta para cobrá-lo ou à sua mulher, quando de sua ausência, sobre as remessas de milho, quando estava em viagem para vender a produção? Que capitalismo participou então Descalvado que ninguém parece perceber ou se preocupar durante a história do Brasil Contemporâneo? O inevitável chegou com a história que veio. Benno Rieckmann desapareceu em 1947 no município de Americana, SP, onde está enterrado e a causa de seu desaparecimento é ainda, hoje, uma incógnita tanto para sua família como para seus associados e amigos.

VITAL BRAZIL – SUA BIOGRAFIA E PASSAGEM POR DESCALVADO

Luiz Carlindo

Fonte: VAZ, Eduardo. Vital Brazil. Revista de Cirurgia de São Paulo, p. 294/299

Vital Brasil nasceu em 28 de abril de 1865 na cidade mineira de Campanha, Minas Gerais, e faleceu no Rio de Janeiro, em 8 de Maio de 1950.

Em 1894 uma velha endemia de São Paulo é estudada, e diagnosticada como febre tifóide. Inicia-se a luta contra a febre amarela.

Em 1899, ocorrem casos em Santos. Para as primeiras investigações é enviado para lá o jovem assistente do Instituto Bacteriológico - Vital Brazil que identifica o surto como peste negra que acaba contraindo, mas salva-se.

A epidemia se alastra. Não há soro anti-pestoso. Só na França. Surge a idéia do seu preparo, e se cria o Instituto de Manguinhos, no Rio de Janeiro, e o de Butantã, em São Paulo. São escolhidos para dirigí-los, Oswaldo Cruz e Vital Brazil.

Quem era **Vital Brazil**? Segundo Emilio Ribas, o grande higienista de São Paulo: "Vital Brazil veio em 1880 para São Paulo, onde estudou humanidades e prestou exames das matérias exigidas nos cursos superiores. Seu ideal era estudar medicina, mas faltavam-lhe recursos para viver no Rio

de Janeiro, sede de uma das nossas Faculdades médicas. A coragem que herdara, o amor ao trabalho, a que se afizera desde cedo (porque, estudando humanidades, já ensinava primeiras letras) não deixaram arrefecer o seu entusiasmo, e, em busca do seu ideal, partiu para o Rio de Janeiro.

Lá chegou, levando no bolso uma modesta soma, que, naquela época, o garantia de provisões por dois a três dias. As provações dessa ordem, quando devassadas pelos amigos convertem-se em padroes de glória. Não era a esperança de tão grande recompensa que dava alento ao nosso lutador, mas a sede de saber, que era mais intensa de que a sensação da fome ou a preocupação de renome. Muito teve que lutar, muito dissabor a sofrer e muita decepção a por à margem. Quantos daqueles então lhe negaram colocação, podendo dá-la, não se orgulhariam hoje de a ter dado! Alguns, porém, procuraram auxiliá-lo; são esses os seus mais queridos amigos.

Pelo que foi dito é fácil conceber quanta tenacidade de fazia necessária para vencer os maus embates da sorte.

Basta lembrar que foi ensinando que obteve os meios de manutenção, o necessário para pagar livros e taxas de matrículas.

Nesses tempos de aperturas, toda a economia era imposta ao seu bolso, inclusive a de andar a pé, quando uma passagem de bonde custava tão pouco dinheiro...

Aprendeu à sua custa a ser econômico e a administrar com zelo, e ensinando, aprendeu a ser bom professor. A sua exposição era clara, como a de um velho mestre.

Vencidos os primeiros anos do curso médico, a sorte começou a ser-lhe menos severa, mas ainda assim era sempre a golpes de talento e de esforço que conseguia melhorar a sua situação: - alcançou, por concurso, o lugar de ajudante de preparador da cadeira de Fisiologia. Desta maneira, foi, desde cedo, arrastado aos estudos de laboratório. A ventura ao mesmo tempo que lhe concedia os primeiros favores dava orientação nova ao seu espírito. Foi de longa data, pois, o seu amor aos estudos experimentais em que tanto sobressaiu.

Em uma das férias escolares aproveitou o tempo trabalhando como auxiliar de engenheiros na construção da Estrada de Ferro Mogiana, no trecho de São José do Rio Pardo. Como se vê, a luta pela vida forçava-o a descobrir em si mesmo aptidões novas.

Alcançando o prêmio dos seus sacrifícios com a colação do grau em 1891, regressou ele a São Paulo e, quando a febre irradiando dos intensos focos, que eram Santos e Campinas, e fazia suas primeiras investidas para outros lados do interior do Estado, Vital Brazil foi comissionado em 1892 para Rio Claro e, mais tarde, para Jaú.

Estas comissões marcam o início da sua carreira pública. Médico da Força Policial, prestou serviços profissionais às tropas destacadas em Caraguatatuba, por ocasião da revolta de 6 de Setembro e da ameaça de invasão do Estado pela gente de Gumerindo Saraiva.

O Dr. Vital Brazil pagava assim o seu tributo de militar e de patriota.

Em 1893 foi nomeado inspetor sanitário e, nesse cargo, desempenhou varias comissões em cidades do interior: **Belém do Descalvado**, Porto Ferreira, Pirassununga, Leme, etc. **Em Belém do Descalvado contraiu a febre amarela.**

Em 1895 quando o cólera-morbus atacou o vale do Paraíba, foi mandado como chefe da comissão sanitária em Cachoeira. Esta, como todas as comissões, foi desempenhada com grande competência, muita dedicação ao trabalho e aos estudos epidemiológicos, pelo que mereceu sempre as simpatias e a consideração de Cesário Motta, simpatias que ele retribuiu com carinho à memória do ilustre médico e administrador paulista. Vários relatórios existem publicados das epidemias que ele acompanhou ou combateu naquela ocasião.

Depois dessas peregrinações por cidades da dor, que eram flageladas por epidemias, resolveu clinicar e esteve dois anos em Botucatu, onde angariou bom nome, boa clientela e bons amigos.

De volta à São Paulo foi, em 1896, nomeado ajudante do Instituto Bacteriológico e daí a fase brilhante de sua carreira se foi acentuando em traços definitivos e característicos. Era de esperar, porque, desde cedo, se mostrava pesquisador consciencioso". Butantã era uma fazenda, separada do centro da cidade por 9 quilômetros de estrada péssima.

Um rancho aberto, ligado ao estábulo, no qual fazia a ordenha, foi rapidamente murado e adaptado aos fins de laboratório. Foi aí, nesse ambiente paupérrimo, onde corria o

desconforto, com a impropriedade das instalações, que tiveram início os primeiros trabalhos técnicos do Instituto Butantã.

Não se mediram sacrifícios para a realização da tarefa. O pessoal técnico e administrativo era transportado diariamente, por veículo de tração animal. (tróle), único capaz de vencer as dificuldades de péssima estrada trafegada por numerosas carroças carregadas de tijolos, de areia e de lenha para o abastecimento da Capital.

Escolhera-se de propósito local isolado, dado o pavor geral que causava a peste negra, a peste bubônica. Era preciso preparar as armas ao seu combate. Vital Brazil vai residir no Instituto, e de manhã à noite, se entrega à tarefa não apenas de produzir vacina e soro contra a peste, mas de prosseguir nos estudos sobre cobras e seus venenos, que iniciara no Instituto Bacteriológico. Encontrara no Bacteriológico campo para desenvolvimento das suas tendências para o trabalho experimental. Os moços àquela época estavam empolgados pelos horizontes abertos pela escola de Claude Bernard e Pasteur.

A vacina e soroterapia derramavam benefícios em múltiplos sectores - raiva, difteria, tétano, febre tifóide, cólera, peste.

Aquele Instituto Pasteur de Saigão, fundado por Calmette, em 1888, na Indochina, ao mesmo tempo que o Rio de Janeiro, também não se restringira ao preparo da vacina anti-rábica, estudou o veneno da cobra Naja e imunizou com a sua peçonha, e obteve o soro curativo.

Vital Brazil, estudando as nossas serpentes, e os seus venenos, concluiu que escapam à ação do soro de Calmette, e se lançou ao preparo dos nossos soros específicos. Os trabalhos sobre ofiologia se intensificavam, e o Butantã foi se cobrindo de glória, e atraindo a atenção não apenas do mundo científico, não apenas de turistas curiosos, mas das populações rurais, as maiores vítimas das serpentes venenosas.

No princípio deste século, a sentença de morte, entre cruéis, padecimentos, das vítimas das nossas serpentes venenosas, induziu Vital Brazil ao preparo dos soros anti-peçonhentos, e à difusão.

O Brasil, país agrícola, de vasta extensão, pagava alto tributo aos acidentes ofídicos.

A 11 de Junho de 1901, Vital Brazil entregava ao consumo os primeiros soros anti-peçonhentos, que deveriam salvar milhares de vidas.

A relação entre o coeficiente de mortalidade por ofidismo é inversamente proporcional à distribuição dos soros.

Os seguintes e interessantes dados, publicados pelo professor O. Magalhães, de Minas Gerais, testemunham de modo eloquente a importância do tratamento pelo soro. "Em 685 acidentes humanos, apenas 327 foram tratados pelo soro e 358 pelos meios empíricos. Dos tratados pelo soro sucumbiu um apenas, enquanto dos tratados pelos meios empíricos sucumbiram 85.

Não é de estranhar que quando os trabalhos do Butantã passaram a interessar o mundo, aparecessem na nossa terra pruridos patrióticos, a incriminar o Butantã de propaganda contra os focos de civilização do Brasil. Ao aparecer o livro de Vital Brazil, em português e francês, a "Defesa contra o ofidismo" o comentarista de "O Estado de São Paulo" escreveu: "E é quando se corporifica assim uma conquista real que anda por aí o "bom senso" a tremer de pavor que a fama dos serpentários nos prejudica "lá fora", mais do que as serpentes nos vitimam aqui.

Mussurana é uma cobra ofiófaga, que não ataca o homem, e deve ser protegida. De cor preta, luzidia, alcança 2 metros de comprimento. Tem hábitos noturnos. A luta da mussurana e a serpente venenosa pode ser apreciada em cativeiro.

Vital Brazil poderia ter ficado no mundo da ciência, como pesquisador, engrandecendo o seu patrimônio, mas a sua concepção era de que a ciência existe para beneficiar, para ser aplicada. Não se contentou em descobrir os soros.

Estender a sua aplicação foi preocupação sua. É admirável o seu trabalho nesse sentido. Sistematiza a permuta de serpentes com soros, seringas e agulhas. Fornece instruções, ensina o homem do campo, o homem rude, a aplicar o remédio salvador. Convence, persuade, vence os obstáculos da ordem das superstições, crendices, alimentadas por curandeiros e rezadores, e ainda a repulsa do homem ignorante pela injeção.

Ensina a maneira de capturar as serpentes e organiza o serviço de remessas, com porte grátis pelas estradas de ferro. Mantém enorme correspondência, espalha o benefício, recolhe dados. É com humildes colonos, com fazendeiros, com médicos, com professores, com cientistas.

Durante 19 anos dirige o Instituto Butantan.

Um fato digno de registro se passou em sua viagem aos Estados Unidos, como participante do Congresso

Científico Pan-Americano reunido em Washington, na 2ª quinzena de Dezembro de 1914. É do seu relatório o trecho: "A memória sobre a profilaxia do ofidismo e a conferência sobre os trabalhos do Instituto, na luta contra o ofidismo no Brasil, despertaram mais curiosidades do que interesse científico. De quase todos os lados ouvíamos que os acidentes ofídicos eram extremamente raros na América do Norte. É natural que assim seja, a despeito da abundância relativa de tanatofídios, porque o uso generalizado do calçado, nas populações rurais, é um fato que explica essa extrema raridade.

Ensina, demonstra, dá cursos, faz conferências, leva suas contribuições às Sociedades científicas. Edifica. Consolida a obra, vai para Niterói, onde cria outro estabelecimento - o Instituto Vital Brazil.

Em 1924, é chamado a reforçar os esteios do Butantã. Em 3 anos, eleva-lhe de novo o prestígio. Cria o laboratório de Fisiologia, que realiza desde logo trabalhos sobre venenos e sobre assuntos correlatos com as demais atividades do Instituto.

Dá grande expansão a pesquisas no campo da microbiologia e da imunologia.

Reinicia fase de extraordinário progresso. Amplia o quadro de assistentes, e planeja desenvolver os estudos de protozoologia e anatomia patológica, o de biologia, o sector da bioquímica e de farmacologia, e tornar o Butantã também um centro de ensino, de formação de biólogos. Deu início a esse programa o curso de fisiologia experimental.

No seu primeiro período administrativo, Vital organizara com êxito o curso de higiene a professores e diretores de Grupos Escolares. Nesta segunda administração, realiza, com o concurso de todos os seus assistentes, conferências populares para vulgarização científica. Verdadeiro êxito, graças ao dominante desejo de transmitir, no anseio de ser útil, e graças ao empenho do povo em aprender.

Estudam-se os venenos de aranhas, e produzem-se soros específicos, antictênico e anti-lícósico. A hemocoagulação é objeto de pesquisas. O veneno de sapo dá margem a uma série grande de trabalhos. São notáveis as contribuições no terreno da imunologia, destacando-se as referentes às funções

fixadoras e modificadoras das toxinas pelos lipóides, e a concernente à difteria, tétano e disenteria. Organiza-se o museu de culturas. Inicia-se o preparo da vacina BCG.

Por essa época a cidade de São Paulo é presa de uma epidemia de febre tifóide, e o Butantã desenvolve estudos sobre a vacinoprofilaxia e a vacinoterapia das infecções entéricas, e produz em alta escala as armas para a defesa específica da população.

Para unidade de orientação dos laboratórios ligados à Saúde Pública, o Instituto Vacinogênico e o Instituto Bacteriológico são anexados ao Instituto Butantã.

A segunda gestão de Vital Brazil foi de 1924 a 1927.

Deixou no Butantã a semente do bem, legando aos seus discípulos um grande passado, que é cultuado, e donde emana forças para as lutas do presente.

O campo do Butantã, hoje, abrange o estudo dos animais venenosos, escorpiões, aranhas, serpentes, sapos, abelhas - na sua biologia, no seu habitat, na sua distribuição geográfica, em obediência ao critério comparativo das regiões naturais complexas, caracterizadas por certa unidade física. Empenha-se em investigações sobre genética; fisiologia, anatomia comparada e patologia dos animais venenosos; ação dos seus venenos e seu aproveitamento como agentes terapêuticos.

Continua a ser o órgão produtor de armas para a defesa sanitária e campo de estudos atinentes à doenças infecciosas.

Esse o legado que Vital Brazil deixou, de uma vida toda devotada ao bem coletivo, em consonância com a proclamação de Pasteur, - "La vraie conduite de la vie consiste à discerner dans quelle mesure on contribuera le mieux au bien public."

CORONEL ALCIDES JACOMO DEGOBBI (*Benedito Sebastião Chiaretto*)

Nascido a 14 de outubro de 1919 em Descalvado, filho de Maria Cereda Degobbi e Albino Degobbi, o Coronel Degobbi foi Maestro do Corpo Musical da Força Pública do Estado de São Paulo, atual Corpo Musical da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Iniciou-se na música, quando ainda menino na cidade de Pirassununga como integrante da Banda de Música "16 de Julho", regida por seu pai, com quem teve as primeiras lições musicais. A partir de então aprofundou-se cada vez mais neste mister, diplomando-se mais tarde em 1951 como Professor de Música pelo Conservatório Musical Francisco Manoel da Silva. Em 1939 ingressou nas fileiras da

então Força Pública do Estado de São Paulo, como soldado músico e após um ano, mercê de seus excelentes atributos profissionais era promovido a 2º Sargento. Em 1944 promovido a 1º Sargento, através de concurso, passou a desempenhar a função de “Clarinete-Solista” da Grande Banda. Em 1951 assumiu a direção da 2ª Seção, tendo em vista a sua promoção a Subtenente-Mestre. Atingiu o 1º Posto do Oficialato em 24 de maio de 1956, assumindo as funções de 2º Tenente-Maestro-Diretor do Corpo Musical da Força Pública. Este organismo compreendia à época a Banda Sinfônica da Capital e mais sete Bandas Regimentais, distribuídas pelos batalhões do interior do estado, somando desta forma, um efetivo de 370 músicos. Em 1958, já como 1º Tenente, consagrava sua Unidade como a Melhor Banda de Música em LP, através da conquista do prêmio “Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro”, conferido pelo Jornal “Correio da Manhã” conjuntamente com a Prefeitura do Distrito Federal, na época sediada no Rio de Janeiro. Tal sucesso deveu-se à gravação de seis LPs, pela Gravadora Copacabana, todos coroados de expressivos êxitos. Já no Posto de Capitão, foi convidado por autoridades federais para abrilhantar, com o Corpo Musical, as festividades do 1º Aniversário de Brasília em 21 de abril de 1961. No evento, foi inaugurada a Concha Acústica da Capital Federal, seguido de concerto sinfônico e posterior desfile militar. Esta atividade, valeu-lhe o título de “Cidadão Candango”. Foi membro fundador do 1º Conselho da Ordem dos Músicos do Brasil em 1963. Em 1964, como Major, conduziu a Banda Sinfônica da Força Pública ao “1º Festival de Bandas Militares”, que teve lugar na cidade de São Paulo. O concurso constou da execução de músicas clássicas e grande desfile cujo resultado atribuiu o 1º lugar à sua Corporação Musical. Semelhante feito, de grande repercussão à época, mereceu várias formulações elogiosas dos maestros Armando Belarde e Souza Lima, sendo ainda, destacado com louvor pelo Comandante Geral da Força Pública. De suas composições vale ressaltar as seguintes produções musicais: Santa Cecília, Gloriosa Força Pública, Brasília e Brigadeiro Tobias de Aguiar. No entanto, de todas as suas obras, ocupa inegável posição de destaque, a música da Canção da Força Pública, que teve sua letra composta pelo saudoso Dr. Guilherme de Almeida, que se inspirou nos versos do “Cento e Trinta e Um”. A canção foi lançada em 15 de dezembro de 1964, por ocasião dos festejos do 133º aniversário da Corporação, quando comandada pelo General João Franco Pontes, que incentivou a divulgação e obteve a sua oficialização através do decreto nº 44.439 de 21 de janeiro de 1965. Passou para a reserva remunerada em junho de 1966, mediante requerimento apresentado ao Comando Geral. No entanto a expressividade de sua obra continua merecendo honrosas homenagens da Milícia Bandeirante. Em 1982, o Boletim Interno nº 016 lhe concedeu a medalha comemorativa do Sesquicentenário do Corpo Musical, o que determinou o registro de seu nome nos anais do Histórico da Corporação. Em face do brilhante desempenho no cumprimento de sua missão, recebeu em 7 de outubro de 1988, a outorga máxima da Polícia Militar: a Medalha “Tobias de Aguiar” entregue em solenidade especial, perante autoridades civis e militares. No ano de 1964 esteve em Descalvado, sua terra natal, regendo a Banda da Força Pública do Estado de São Paulo, nas festividades de setembro, quando foi homenageado pelo Prefeito Municipal Professor José Ramalho Gabrielli, que lhe entregou em nome da comunidade uma escultura representando o busto de Carlos Gomes, obra do artista descaldense Genésio Spanghero. Descalvado teve mais um filho que integrou as fileiras de músicos da Banda da Força Pública, inclusive tocando na apresentação da mesma em Descalvado no ano de 1964, foi Edwaldo Barbosa.

MILTON LUIZ GABRIELLI - Engenheiro de Minas da Petrobrás (Débora Campos – Jornal Primeira Página)

A Petrobrás que faz extração de Petróleo na Floresta Amazônica, construiu lá uma sede, que foi batizada no dia 6 de dezembro de 2.002 com o nome do engenheiro descaldense Milton Luiz Gabrielli, oportunidade em que foi lançada a pedra fundamental da Unidade de Negócios de Exploração e Produção da Bacia do Solimões (UM-BSOL). A solenidade foi realizada em Manaus. Milton Luiz Gabrielli, trabalhou 33 anos na empresa. A construção terá investimento de R\$ 18,4 milhões e será concluída em 22 meses. Ela ocupará uma área de 7 mil metros quadrados, com sala de treinamentos, área para eventos e um Museu do Petróleo. O Gerente Geral da UM-BSOL, Sven Wolff, informa que a nova sede atenderá as necessidades de ampliação das instalações da Unidade. “Esta adequação será necessária com a perspectiva de crescimento da atividade da Companhia, a partir da chegada do gás natural

aos mercados de Manaus e Porto Velho”, explica Wolff. Quanto a homenagem ao descaldense Milton Luiz Gabrielli, formado em Engenharia de Minas pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, é mais do que justa quando se considera a carreira que fez dentro da Petrobrás. Milton entrou para a empresa com 25 anos como engenheiro e lá participou do Curso de Engenharia de Petróleo de 1.964 a 1.965. Na condição de primeiro colocado da turma foi designado professor da área de Reservatórios e em 1.972, concluiu mestrado em Engenharia de Reservatórios nos Estados Unidos e iniciou sua carreira gerencial em 1.973, na Bahia, com chefe do Setor de Ensino, onde permaneceu por dois anos. Nesta ocasião foi transferido para o Centro de Pesquisa da Petrobrás (CENPES), onde gerenciou as áreas de Exploração e Planejamento. Em 1.982, foi para o antigo Departamento de Produção, no qual teve uma carreira gerencial de destaque, assumindo em 1.992 a função de Superintendente daquele Departamento. Em 1.995m com a reestruturação da área de Exploração e Produção da Petrobrás, foi designado Superintendente Executivo de Exploração e Produção das regiões Sul e Sudeste. Depois de todas essas realizações na Petrobrás, Milton Luiz Gabrielli aposentou-se no início de 1.997. Três anos após a aposentadoria, Milton faleceu, aos 61 anos. Natural de Descalvado, filho de Terencio Gabrielli e Anésia Elias Gabrielli, Milton passou sua infância e adolescência aqui e cursou o Ginásio e o Científico na Escola José Ferreira da Silva. Dono de notas altas nos seus boletins, principalmente na área de Ciências, a sua passagem escolar que consta no arquivo da escola mostra que era um excelente aluno, onde consta uma prova escrita do aluno, atestados médicos e até uma carta à Direção onde ele pede a correção da sua nota de Geografia, que saíra errada no boletim. Milton foi casado com Sylvia Ignês Benko Gabrielli que também estudou em Descalvado. Teve dois filhos, o falecido Marcelo Benko Gabrielli e Silvia Benko Gabrielli, que mora com a mãe no Rio de Janeiro. Filho de uma família tradicional descaldense, seus parentes ainda continuam aqui, e os irmãos Antônio Carlos Gabrielli, morando em Campinas e Maria do Carmo Gabrielli, morando na capital paulista. A Petrobrás entende como justa e oportuna a homenagem, uma vez que o engenheiro sempre se destacou pelo empenho em ajudar a transformar a empresa numa das mais eficientes e progressistas do país. Na cerimônia de lançamento da pedra fundamental estiveram presentes o diretor executivo de Exploração e Produção da Petrobrás, Guilherme Estrella, a Gerente Executiva Norte e Nordeste de Exploração e Produção, Solange Guedes, e o Gerente Geral da UN-BSOL, Sven Wolff.

MARILY (Antenor Ramos para Descalvado em Revista de 08/09/75)

As experiências promanadas dos séculos até os dias atuais, repletos de turbilhões de toda espécie, tem nos demonstrado e nos afirmado, eloqüentemente que, qualquer cidade, por pequena que seja, com boa água, clima e povo ordeiro, para progredir materialmente, basta possuir uma indústria que outras virão por imperativo de atração. Essa preliminar nos aflorou à mente e da mente para o nosso querido “O COMÉRCIO”, pelo fato de termos conhecido, usado e reputado ótima a bananada MARILY de Descalvado. Não se trata de propaganda recompensada direta ou indiretamente porque nem sequer conhecemos os seus fabricantes; mas sim, de puro idealismo jornalístico pondo em merecido destaque as boas indústrias que valorizam os nossos realizadores e a pátria. Essa é a missão da legítima imprensa que é aquela de zelar pelo bem servir à população, como o nosso “O COMÉRCIO” fez com relação aos peixes deformados e mortos devido a poluição das águas do Rio Mogi-Guaçu. São esses órgãos de publicidade que alegam uma cidade, que se transfiguram na “LUZ DO MUNDO”, na abalizada opinião do eminente escritor Victor Hugo, já no seu tempo. Vê-se, claramente, no caso do Rio Guaçu que é assunto que não depende diretamente do atual Prefeito Dr. Tomás Vita, porque senão já teriam sido tomadas as devidas providências. Mas, voltando-se ao que diz respeito a indústrias, surjam elas onde surgirem, que proporcionarão infalível progresso e sucessos, como se constatou na criação dos cursos superiores em diversas cidades dos estados. Os homens precisam abandonar as guerras de exterminios, frutos da ganância, da paixão interior, para abraçarem a fraternidade internacional, produzindo tudo o que se torna realmente útil sobre todos os pontos de vista. Aos dirigentes da Indústria Marily, nossas felicitações.

NO BAR (Aparecida Donizeti Alfieri)

Cida Alfieri, foi a primeira poetisa descaldense a publicar seus poemas, no livro “Tuas Lembranças”

Escondi-me atrás de um copo num bar.
esgotei a última gota que achei
dentro do copo, o nosso amor!
Tentei rebuscar nosso passado.
Se fui eu que erreí, quando te deixei,
prá caminhar só, alucinada...
Sonhei! Busquei em nós fios de esperanças,
querendo tecer nossa vida com lembranças.
Sonho alto demais?
Eu só queria teu amor... nada mais!
E, nas lembranças deste amor,
mergulhei na bebida, minh'alma, minha dor.
Sentada à mesa da boemia,
a ouvir cantores com a mesma sintonia.
E quando a lucidez passou por mim,
notei a cadeira vazia, a vida vazia, e eu.
Vazias... ou cheias de ilusões?

LIMITE (Cacilda Gallo Guimarães – Via Verso 1995)

Há um grande cansaço rondando...
Conduzindo o mundo...
Lá no fundo
No âmago profundo
Uma ojeriza cresce,
Estreitando o grande espaço
Umbilical, hormonal essencial...
Há um cansaço rondando
Reduzindo as mentes...
Lá no fundo
As paredes se comprimem
Uma fonte fenesce
Diminuindo o espaço criador
Intelectual, estrutural, essencial...
Há um cansaço...
Reduzindo tudo...
As mentes enegrecidas
Os corpos encolhidos, cimentados.
As visões tolhidas
Pelo desaparecimento dos ideais
Os afetos esquecidos, esbulhados...
O homem se verga, se entrega
Se delinea
Irresistivelmente...
No limite do cansaço.

NOSSA TERRA (Mario Sebastião Bonitatibus)

Ah! Este rincão quirido!...
Terra d'Areias, terra do Descalvado!!!
Onde se encontra guarida,
Onde encontram resguardo...

Terra d'Areias, terras do Descalvado!!!
Rincão amigo, companheiro...
Onde o ousado caminheiro
Deita seu corpo cansado...

Vindo de longas paragens
Encontra nas terras d'Areias
Aconchegantes paisagens!

Vislumbra a beleza
Eterna da natureza
A declamar seu nome!
E este amante, recém-feito,
Apaixonado, enfeitado,
Lança a vida neste leito.
Deita-se e da terra tira,
Leite mel... filhos varões
Para seguir seu preito...
Finca o paterno caminheiro
Raízes profundas nesta terra,
Busca sua morada
No pé da serra
Neste chão de terra amada
Grita aos quatro ventos
Que agora tem abrigo
E que dantes – mil momentos –
Na tinha, só perigo!
Hora os Gês em defesa
Atacam o invasor e fogem,
Este se enfeza, fica.
Rouba o silvícola
Que apavorado corre
Sempre mata a dentro
O infeliz se consome!

Na fome, na dor... morre!!!

É o progresso chegando
Nestes confins da sesmarias
De Amador Bueno...
Agora já terra d'Areias
De José de Castilho...
A Florência de Jesus
Que deu trono e guarida
À imagem, Santa prometida
Com seu tamanho e peso
Pela saúde restabelecida
- Senhora de Bêt'Lehém –
- Sua Padroeira...
- Sua companheira!

A graça é recebida!!!
Talvez o primeiro milagre
Nas terras dadas d'Areias!!!
Uma capela ergueu,
A Virgem entronou
Descalvado nasceu!!!
... vinda de terra distante
Tão fabulosa imagem
Perfeita pintura –
Em madeira, cerne nobre
Real textura!!!
“Virgem de Bêt'Lehém”
Quando está chegada
Em carro por bois puxado,
Adentra às terras de Belém
Belém do Descalvado
Tocado pelo negro Estevão
E por Benvindo acompanhado!...

Descalvado cresceu...!

Cresce simples, companheiro...
Encorpa o silêncio matreiro
Em seu berço semi-feito...

Mas dirás no tempo a que veio?!
“Vim para ficar!!! Crescer!!!
E em meu seio
De espaço infinito
Ter as estrelas do céu...
Ser um lugar Bendito!!!

Dar lar e ganho ao filho nativo
E não ter ao leu
O filho adotivo

Suplicar noite e dia
À Virgem Maria,
Ao Redentor:

“Abençoa nossa Terra nossa gente,
Nossos filhos – os Teus filhos!
Oh! Criador!

Descansa sobre nós a tua Luz
Pura de Vida: com a Fé
A caridade vem

Do alto e nos conduz
Como Santa Tua Verdade É,
Amém!!!

RUAS, BAIRROS, PRAÇAS, E LOGRADOUROS DE DESCALVADO**RUAS EM CONTO**

(Conto de Luiz Carlindo Arruda Kastein)

O visitante chegou pela Paulo Lauro, descendo na Juvenal de Souza. Dali a pé atingiu as praças do Centenário e Luciano Esteves onde adentrou ao edifício Dr. Mário de Moura Albuquerque. Tomou um taxi na Barão do Rio Branco para visitar as praças 8 de setembro, Alva Hardie e Regina Antunes. Dali foi ao Núcleo Paulo Almeida e à Escola Helen Keller. Antes de partir passou pela Avenida dos Cambarás, dirigindo-se então à Queda Dom Lino. Você pode não acreditar, mas o visitante está em Descalvado. Veja agora como ficaria esse mesmo texto no linguajar popular: “O visitante chegou pela rodovia Porto Ferreira-Descalvado (Paulo Lauro), descendo na rodoviária (Juvenal de Souza).

Dali, a pé, atingiu as praças que ficam atrás da Igreja (Centenário e Luciano Esteves) e adentrou ao edifício do Fórum (Dr. Mário de Moura Albuquerque). Tomou um taxi no Jardim Velho (Barão do Rio Branco), para visitar o Ginásio (Praça 8 de Setembro), a praça ao lado da Prefeitura (Alva Hardie), as casas populares do Jardim do Lago (Núcleo Paulo Almeida) e a APAE (Escola Helen Keller). Antes de partir passou pelo Morada do Sol (Avenida dos Cambarás), dirigindo-se então ao Salto do Pântano (Dom Lino)". Descalvado possui 20 bairros, 19 praças, 14 avenidas e 188 ruas, das quais apenas 11 homenageiam mulheres, as restantes são com nomes de homens, sendo 14 para Josés que só perdem em quantidade para as 17 ruas com nomes de flores, e quase empatam com as 12 com nomes de estados brasileiros. Mas com tantos bairros, ruas e avenidas, pouco sabemos informar aos visitantes. É mais fácil explicar onde mora o "José da Silva", do que onde fica a *rua dos Biris*. E para sair da cidade? Seria bom lembrar, que toma-se um destes caminhos: Para Analândia a *Benedito Simel*, para Porto Ferreira a *Antonio B. Paschoal*, para Nova Odessa a *Guilherme Scatena*, para Santa Rita, a *José Perna Sobrinho*, para São Carlos a *Juvenal Pozzi*, para São Paulo a *Paulo Lauro* e para Pirassununga a *Vito Gaia Puoli*. E as Praças? É mais fácil a do Ginásio ou 8 de Setembro? Jardim Velho ou Barão do Rio Branco? São Benedito ou Prof. José Ramalho Gabrielli? Ângelo Pinese ou do Ginásio de Esportes? Alva Hardie ou da Prefeitura? Centenário ou detrás da Igreja? Luciano Esteves ou do Fórum? Jardim Belém ou Deolindo Zaffalon? Do Hospital ou Octávio Gabrielli? Do Cemitério ou Saudade? E você? Conhece a praça Humberto Marcato no Jardim Paraíso? Foi denominada em 1990 e até agora não foi construída. Imagine agora se deixassem para você, um recado nos seguintes termos: "*Fui praticar cooper na Luiz Celso Antonio e jogar tênis no Odayr Ferraz.. O Júnior foi jogar basquete no Oswaldo Cardoso e depois deverá bater bola no Felisberto Bortoletto. Creio também que ele não deixará de passar na Marília Worchech para ver o treino dos amigos. Não esqueça de levar a Marisinha para tomar vacina no Rafael Chiarello*". Seria em mais fácil assim: "Fui praticar cooper na Praça do Lago e jogar tênis no CERD. O Júnior foi jogar basquete no Ginásio de Esportes e depois deverá bater bola no campo do CERD. Creio também que ele não deixará de passar no Campo de Santa Cruz para ver o treino dos amigos. Não esqueça de levar a Marisinha para tomar vacina no Posto da Vila Albertina." Nossos políticos no transcorrer dos tempos homenagearam muita gente com denominações que tomam quase todo o alfabeto, de Abdalla de Arruda, comerciante em Descalvado a Washington Luiz, estadista brasileiro. A maior honraria coube ao político e jornalista Mário Joaquim Filla que hoje é nome de rua, Escola e do Plenário da Câmara. Depois dele vem José Ferreira da Silva e Coronel Tobias que são nomes de escolas e ruas, e, Celso Aparecido Assoni ("Zangão"), que deu seu nome a uma praça e uma rua. Todos os demais denominaram um único local. *Veja quem são os Josés*: José Bonifácio; José Bento Pereira, José Branco Dellalibera, José Felipe Elias, José Ferreira da Silva, José Paschoal, José Perna Sobrinho, José Púlici, José Quirino Ribeiro, José Ramalho Gabrielli, José Rischini, José Rodrigues Penteado, José Rufo Tavares e José Sebastião de Paulo. As *Marias* que normalmente empatam com Josés, colocam nesta lista, somente duas representantes, que são Maria Grassi, a doce menina que recebeu o Imperador Pedro II na sua visita a Descalvado, morrendo na flor da idade, com apenas 15 anos e Maria Aparecida Fioroni Kastein, que também morreu precocemente com 45 anos de idade e deu seu nome ao Centro de Convivência da antiga estação ferroviária e ao Centro de Hidroterapia e Fisioterapia da APAE. *Veja quem são as outras mulheres*: Antônia Tenan Schlittler, Dirce Sartori Serpentino, Etelvina da Matta, Marília Worchech Gabrielli, Angelina Spanghero, Renata Salzano Gentil, Rosa N. Romantini, Thereza dos Anjos Puoli, Helen Keller e Madre Cecília. *E os Joãos descaldenses?* São sete: João Augusto Cirelli, João Baptista de Carvalho, João Baptista Brambilla, João Fernando Villa, João Gabrielli, João Galetti, João Vendramini. A eles soma-se João XXIII, o Papa, que nos faz lembrar agora os *estadistas*, que também foram nomeados ruas descaldenses: José Bonifácio; Presidente Kennedy, Washington Luiz, Pio XII, Barão do Rio Branco, Conselheiro Antonio Prado, D. Pedro II, Siqueira Campos e o escritor Euclides da Cunha. *Os pioneiros*: Agostinho José Alves de Amorim, Alexandre José de Castilho, José Ferreira da Silva, Tomé Ferreira, Florência Maria de Jesus, Nicolau Antônio Lobo e Joaquim de Oliveira Preto. *Os Políticos*: Amâncio Penteado, Amasílio Pozzi, Ângelo Paganotto, Barão do Descalvado, Cândido Rodrigues, Carlos Guimarães, Carlos Púlici, Carlito Mayese, Clóvis Faria Ferreira, Deolindo Zaffalon, José Felipe Elias, Henrique Claro

Cunha, Hugo Pereira de Abreu, Jayme Regallo Pereira, Jerônimo Zaffalon, João Augusto Cirelli, João Baptista Brambilla, Mário Joaquim Filla, José Quirino Ribeiro, José Ramalho Gabrielli, Manoel Ferreira Gaio, Milton Thimóteo do Amaral, Odayr Ferraz, Paula Carvalho, Paulo Casati, Paulo Rusca, Pedro Alcântara Camargo, Pedro Guiduli, Silvío de Abreu e Vicente Tallarico. *Um Maestro*: Francisco Todescan. *Os Coronéis*: Antonio Alves Aranha, Arthur Whitaker, Manoel Leme, Rafael Tobias e um Major Francisco B. de Arruda. *Os Médicos*: Dr. Anastácio Vianna, Dr. Glenan Leite Dias, Dr. Humberto Gabrielli, Dr. Octávio Gabrielli, Rafael Chiarello, Dr. Victório Amadeu Casati. *Os Farmacêuticos*: Humberto Casati, Carlindo Boller Kastein, Vito Gaia Puoli e Joaquim Felipe Meziara. *Os Advogados*: Álvaro Pedro de Souza Casati, Antonio Luiz Fabiano (Rábula) e Cândido Augusto Rodrigues. *Os religiosos*: Cônego João Osório, Manoel Alves, Monsenhor João Baptista de Carvalho, Madre Cecília, Padre Jeremias José Nogueira, Padre José Gaspar, Padre Luiz Soriano, Padre Orestes Ladeira. *Os Santos*: Santa Catarina, Santa Cruz, Santa Cruz das Almas, Nossa Senhora do Belém, Santa Cruz dos Operários, São Benedito, São Carlos, São Jorge, São Paulo, São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida. *Os Juizes de Direito*: Francisco Xavier Machado, Luciano Esteves e Mário de Moura e Albuquerque e Cândido Xavier de Almeida Souza. *Um Juiz de Paz*: José Rodrigues Penteado. *Dois historiadores*: Gerson Álfio De Marco e Antonio da Conceição Vicente Adorno. *Dois heróis*: Guerino Mazzola e Oswaldo Reis mortos na Revolução Constitucionalista de 1932 que deram nome a Avenida Guerino-Oswaldo. *Cartorários*: Bezerra Paes, Oscar Ferreira de Carvalho e Jayme Whitaker Penteado. *Comerciantes e outros*: de Arruda, Achilles Tognetti, Adolfo Fava, Alberto Sundfeld, Alexandre Borim, Anacleto Pozzi, Ananias Franceschini, Ângelo Cerantola, Ângelo João Rusca, Anselmo Cassamasso, Anselmo Dupas, Antonio Alvenga, Antonio Bianchi, Antonio Casati, Antonio Cirelli, Antonio Romantini, Antonio Vilella, Benedito Barbosa Adorno, Benvindo Gonçalves Franco, Carlos Mayese, Carlos Alton, Cezar Martinelli, Cid Muniz Barreto, Cosmo Fuzaro, Cyrillo Bortoletto, Dante Sassi, Diamantino Lopes, Egidio Prevatto, Elias Salim Caucabene, Elias Stéfani, Emilio Belli, Emilio Mussolini, Eugênio Nocenzo, Felipe Elias, Fernando Gabrielli, Fernando Zaffalon, Florentino Cereda, Francisco Fernando Faria da Cunha (Catito), Francisco Ravasi, Francisco Ruiz, Geraldo Marchetti, Guilherme Scatena, Henrique Biffi, Julião Moreira, Juvenal Macedo, Lázaro Dresler, Lázaro Thimóteo do Amaral, Luiz Fumagali, Luiz Marini, Luiz Trabasso, Miguel De Falco Netto, Nicola Golla, Nicola Lamano, Octaviano Pinca, Paschoal Gentil, Paulo Roberto Jordão, Pedro Assoni, Pedro Paulo Cazarim, Pedro Paulo Penatti, Pedro Salomão, Pompeu Brambilla, Primo Fachini, Rafael De Falco, Rafael De Marco, Rafael Sabongi, Ricardo Garbim, Ricieri Landi, Romeu Bonitátibus, Roque Francisco, Sebastião Lacerda de Oliveira, Sylvio Scichirolli, Talet Fabrício, Tertulino Guimarães, Veríssimo Araújo, Vicente Serpentino, Waldemar Jordão e Waldomiro Bueno. *Com datas*: 15 de Novembro (alusivo à República em 1889), 13 de Maio (abolição da Escravatura em 1888), 22 de Abril (Emancipação Política de Descalvado em 1865), 28 de Fevereiro (criação da Freguesia de Nossa Senhora do Belém em 1844) e a absurda 24 de Outubro que homenageia o golpe militar de Vargas contra a democracia. Esta rua deveria ser redenominada 9 de Julho em homenagem à Revolução Constitucionalista de 1932, que derrubou a ditadura Vargas. *Uma curiosidade*: Uma única pessoa foi homenageada em vida: Prof. Gilberto de Souza Casati que denominou a antiga "quadra velha" do CERD que ficava ao lado do Ginásio. *Outra*: A homenagem mais tardia foi para Florência Maria de Jesus, que virou nome de praça, somente 162 anos depois de ter doado suas terras, para a Paróquia de Nossa Senhora do Belém. *Ainda outra*: Duas ruas têm duas denominações: A Barão do Descalvado que muda para Orderigo Gabrielli na altura do Fórum e a Anastácio Vianna que após cortar a Igreja Matriz muda para Amâncio Penteado. Aliás até a década de 30 estas ruas se interligavam. As fotos antigas do arquivo da Câmara mostram a rua cortando a Praça Nossa Senhora do Belém. Saiba agora qual é o procedimento para denominação de uma rua: a iniciativa é de Vereador que através de projeto, contendo o croqui do local a ser denominado, e um currículo do homenageado, encaminha à Câmara. O Presidente, nomeia uma Comissão, composta pelo Prefeito Municipal ou seu representante, o Presidente da Comissão de Justiça e Redação, mais três Vereadores de sua escolha. Esta Comissão, através de votação secreta, decide se o local, oferece condições de receber denominação, e se a pessoa indicada, deve merecer aquela homenagem. Se a Comissão, decidir que não, o projeto é arquivado, se decidir que sim, o projeto receberá uma nova votação secreta, agora de todos os

Vereadores. Rejeitado, vai para o arquivo. Aprovado, vai para o Prefeito, que decide, se aceita ou não. Se aceitar, a rua recebe a denominação, se rejeitar (vetar), o projeto volta a Câmara, para que os Vereadores, resolvam sobre o ato do Prefeito. Aí definitivamente, a Câmara decide, se presta ou não a homenagem. Uma tramitação, um tanto quanto complicada. O suficiente para fazer você leitor, pensar duas vezes, antes de colocar a julgamento, o nome de um ente querido, para denominar um próprio municipal. Mais grave ainda, é o problema de se fazer justiça. É tão polêmico o assunto, que muitas cidades, estão optando por ruas numeradas. Em Rio Claro por exemplo, as ruas recebem números ímpares e as avenidas números pares. Fica fácil a identificação. Descalvado, já por duas vezes, deixou de homenagear seus munícipes, nos bairros do Jardim Albertina e Parque Morada do Sol, optando a administração, no primeiro, por nomes de estados brasileiros, e no segundo por nomes de flores. Outro detalhe importante. Nenhuma rua pode mudar de nome, a menos que haja um plebiscito em que a maioria da população concorde com a alteração, conforme prevê a Lei Orgânica.

RUAS – PRIMEIRAS DENOMINAÇÕES DADAS PELOS VEREADORES (Gérson Álfio De Marco)

A primeira Câmara Municipal de Descalvado, empossada em 1º de janeiro de 1866, teve como uma de suas primeiras preocupações a denominação oficial das ruas existentes na Vila, e que até então recebiam denominações populares. Geralmente eram conhecidas pelo nome de seu morador mais popular. Exemplo: Rua do Dr. Meira, já que nela morou nosso primeiro médico: Dr. Francisco Ezequiel de Meira Júnior Na relação abaixo temos as ruas da Vila do Belém do Descalvado, a partir da posse da 1ª Câmara Municipal:

1866 – Rua Boa Vista (José Bonifácio), Rua do Comércio (Guerino-Oswaldo), rua das Flores (Barão do Descalvado), rua do Dr. Meira (José Rodrigues Penteado).

1867 - Rua do Cemitério (José Bonifácio), Rua Nova (Conselheiro Antonio Prado), Rua do José Elias (Barão do Descalvado), Rua do José dos Reis (Guerino-Oswaldo), Rua do Dr. Meira (José Rodrigues Penteado), Tenente Tobias (coronel Tobias), Rua do José Leite Machado (Bezerra Paes), Rua do Vicente de Castro (15 de novembro), Rua da Esperança (Cel. Manoel Leme), Rua Alegre (Cel. Arthur Whitaker), Rua Áurea (José Rodrigues Penteado), Rua da Matriz, Rua do Paisandú, Rua do Riachuelo, Rua do Rua do Antonio de Campos, Rua do José de Góis Claudino.

BOIADA NO CENTRO DA CIDADE (Diego Luis Mendonça Lastosa)

Na década de 50, em dias indeterminados, a boiada cruzava o centro da pacata cidade de Descalvado. Tropa de duzentas ou mais cabeças de bois e vacas, conduzida por dez ou mais tropeiros, levantavam a poeira e estremeciam o chão de terra batida da cidade. A boiada vinha da estrada velha, que interligava São Carlos a Descalvado, passando nas proximidades da Fazenda Agrindus, Aurora, Santo do Pântano, Fazenda São Miguel. Ao adentrar o perímetro urbano, seguia o trajeto pelas vias hoje denominadas São Carlos, Pio XII, passando pela Estação Ferroviária e, no início da Guerino-Oswaldo, quebrava à direita, na Rua Siqueira Campos, dirigindo-se até a José Bonifácio, a qual era utilizada pelos tropeiros para cortar o centro da cidade. A Rua Guerino-Oswaldo não era usada como rota principal porque concentrava grande número de estabelecimentos comerciais da época. A boiada era conduzida pela José Bonifácio até atingir a chamada “Estrada Velha”, atual Rua Hugo Pereira de Abreu, e nesta, passava sobre a estreita e pequena ponte de madeira sobre o Ribeirão Bonito, tomando rumo pela antiga estrada sentido Descalvado a Porto Ferreira. Não se sabe ao certo de onde vinha e para onde ia a manada. Conta-se que, por volta do meio-dia, ouvia-se o duro e pesado caminhar dos animais que chegavam a balançar o chão. A poeira avistada de longe era indício de que a tropa estava chegando.

Todas as pessoas que se encontravam no caminho eram obrigadas a entrar em suas casas ou em algum estabelecimento comercial para protegerem-se. As crianças corriam até suas casas anunciando em tom brado que a respeitável boiada estava se aproximando. A José Bonifácio tornava-se um completo deserto para dar passagem à manada, que seguia seu trajeto ao som dos berrantes tocados com vigor pelos tropeiros.

Após a passagem da tropa, a Rua José Bonifácio,

principalmente na confluência com a Bezerra Paes, retornava à sua rotina, com adultos, velhos e crianças transitando tranquilamente. Apesar dos riscos de a boiada atropelar alguma pessoa, nunca se falou em acidentes.



Rua Bezerra Paes - década de 10

RUAS E LOGRADOUROS PÚBLICOS - HISTÓRICO (colaboradores diversos)

ABEL GAMA MENDONÇA – RUA - RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei 2.388 de 10 de março de 2.004 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Abel Gama Mendonça residiu na cidade de Descalvado e aqui constituiu família, sendo grande incentivador de todos os movimentos sociais e filantrópicos de Descalvado.

ABDALLA DE ARRUDA - RUA - JARDIM BELA VISTA - comerciante. Nascido em 1872, na Síria, Abdalla de Arruda veio para o Brasil no ano de 1912, chegando em Descalvado no dia 8 de setembro desse mesmo ano. Chegando na época dos cassinos e lampiões, Abdalla veio ao nosso país tentar uma vida nova, junto de sua esposa, Bahia de Arruda. Fixou-se como comerciante em Descalvado, pertencendo à classe média de nossa cidade. Teve oito filhos, todos nascidos em Descalvado, sendo sete mulheres e um homem. Apreciava muito o carnaval, que era uma de suas principais diversões. Faleceu em novembro de 1947, estando enterrado no cemitério local. Permanecendo aqui até o final de sua vida, e sendo um dos mais antigos moradores de Descalvado, veio no futuro a merecer o nome de um rua de nossa cidade, a rua Abdalla de Arruda que começa na rua Carlos Mayesi e termina na rua João Fernando Villa, tendo seis quarteirões.

ABÍLIO FRANCO DE LIMA – RUA – RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei 2.375 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Abílio Franco de Lima nasceu na cidade de Santa Cruz da Conceição, mas mudou-se para Descalvado. Casado com Jenny Hildebrand de Lima teve 4 filhos: Zilah, Ela, Fábio e Mauro Benedito de Lima que foi Prefeito de Descalvado por duas vezes. Agricultor, avicultor e pecuarista, foi grande incentivador dos movimentos filantrópicos de Descalvado.

ACÁCIAS - RUA - PARQUE MORADA DO SOL – Planta da família das leguminosas, nativas de regiões temperadas e tropicais. São ornamentais, com frutos, dela se extrai o tanino, tintas, gomas (goma-arábica) e resinas utilizadas na medicina e perfumaria.

ACCÁCIO RUSCA – (PRAÇA E VELÓRIO) – Lei 2230 de 12/09/02 do Vereador Luiz Carlos Rosa Vianna, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Praça pública existente na confluência das ruas Coronel Manoel Leme, Tomé Ferreira, Diamantino Lopes e Perimetral Cezar Martinelli, bem como o prédio do Velório Municipal nela edificado. Accácio Rusca, filho de tradicional família descaldadense, aqui nascido em 9 de abril de 1.922, filho de Ângelo João Rusca e Lazara Rusca. Casou-se com Julieta com quem teve quatro filhos. Quando ainda criança aos nove anos de idade perdeu prematuramente o seu pai e logo em seguida sua mãe. Seu pai já era a segunda geração da família no setor funerário. A partir daí, vindo de uma família de carpinteiros começou a aprender a profissão, tendo assumido o controle da funerária, ainda muito jovem. Dedicou praticamente toda sua vida neste ramo, onde era um dos mais velhos empresários do setor, no Estado de São Paulo, sendo admirado por seus companheiros pelo estilo de trabalho

já que assumia com muita garra todas as mudanças e inovações neste longo trajeto de sua vida, sendo pioneiro no Município de Descalvado. Faleceu no dia 4 de agosto de 2.002, com 80 anos de idade na cidade de Cantaduva-SP onde encontrava-se internado. Foi sepultado em Descalvado.

ACHILLES TOGNETTI - RUA - JARDIM DO LAGO - eletricitário da Companhia Paulista de Eletricidade, foi proprietário do Serviço de Alto-falantes Descalvado e do Cine São José, depois Umuarama. Casado com Iracema Medeiros Tognetti, teve 7 filhos. Está sepultado no Cemitério Municipal.

ACRE - RUA - JARDIM SÃO CRISTÓVÃO - Nome de Estado

ADALBERTO DINIZ FRANCISCO - RUA NO BAIRRO RESIDENCIAL MORUMBI - LEI 2377 de 25 de fevereiro de 2.004 de iniciativa do Vereador Tomás Vita, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Adalberto Diniz Francisco foi casado com Nalzira de Arruda Francisco com quem teve 4 filhos. Foi funcionário da Caixa Econômica Federal em São Paulo, à qual dedicou grande parte de sua vida e nela obteve aposentadoria. Foi fundador do Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense, membro da Diretoria e do Conselho, além de grande incentivador de todas as iniciativas da entidade. Como político foi Vereador de 1.948 a 1.951 e de 1.952 a 1.955. Ocupou os cargos de 1º Secretário, Vice-Presidente e Presidente da Câmara.

ADOLPHO FAVA - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - comerciante. Nascido em 28 de abril de 1886, natural de Caverzere na Itália, filho de Victório Fava e Josefina Pelegrini Fava. Veio para o Brasil no navio Atevitá Savona desembarcando em Santos. Cumpriu as exigências do artigo 149 do Decreto 3.010 de 20 de agosto de 1938, para permanência definitiva em Descalvado, onde abriu uma banca de sapateiro. Humilde, galgou com sacrifícios e dedicação as escalas do progresso na vida comercial, abrindo uma fábrica de calçados na avenida João Pessoa nº 15, atual Guerino-Oswaldo, que recebeu a inscrição nº 88 da Coletoria Federal de Descalvado. Mais tarde se transformaria na Casa Fava, uma das maiores casas de tecidos, calçados e armários. Foi casado em primeiras núpcias com Ordália Lício Fava com a qual teve 3 filhos, em segunda núpcias foi casado com Margarida Bispo Fava, tendo mais 5 filhos. Faleceu no dia 1º de julho de 1967, estando sepultado no cemitério local.

ADRIANO SÉRGIO RINALDO (DR.) - PRAÇA - Lei 2.090 de 1º de março de 2.001 de autoria do Vereador Silvio Bellini. Dr. Adriano como era conhecido foi Advogado na Comarca de Descalvado, fundador e Presidente da Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil e da Associação dos Advogados de Descalvado. Faleceu precocemente no ano de 1.995 estando sepultado em nosso cemitério municipal. A Praça Dr. Adriano Sérgio Rinaldo está localizada na confluência das ruas 24 de outubro, Felipe Giangolla, Waldomiro Bueno e João Galetti entre o Bairro de Santa Cruz dos Operários e a Vila Municipal.

AGOSTINHO JOSÉ ALVES DE AMORIM - RUA - CENTRO (lei nº 13 de 06/09/54). Antes era conhecida como Rua da Linha Férrea - PIONEIRO - um dos primeiros colonizadores. Era catarinense, nascido no ano de 1789, veio só em 1809 com seus cabedais. Adquiriu a Fazenda Caridade com 1350 alqueires paulistas. Lutou muito pela Emancipação Política de Descalvado, para separar nossas terras do jugo dos políticos de Araraquara. Faleceu com 77 anos, no ano de 1864, um ano antes de nossa Emancipação Política e está sepultado, provavelmente em terras onde hoje está edificada a Igreja Matriz. Antes de morrer em ato exemplar, doou todos seus haveres para um de seus escravos, de nome João da Nação.

ALBERTINA MARQUES DE OLIVEIRA - Centro de Lazer do Jardim Albertina.

ALBERTO MORCELLI - SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA SITUADO ENTRE AS RUAS 22 DE ABRIL E OSCAR FERREIRA DE CARVALHO NA VILA NOSSA SENHORA APARECIDA. Funcionário Municipal dedicou grande parte de sua vida como Encarregado da Manutenção daquele Sistema de Abastecimento. Lei 2.313 de 28 de agosto de 2.003, iniciativa do Vereador Sebastião José Ricci e sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza.

ALBERTO SUNDFELD - CENTRO COMUNITÁRIO - BAIRRO STA CRUZ - comerciante - proprietário da Relojoaria Rubi. Como Presidente do Rotary Club incentivou a fundação da Telefônica Descalvado que implantou na cidade a discagem automática e da qual foi o primeiro presidente. Foi também o primeiro presidente da Comissão Municipal de

Turismo, mandando construir o mirante e a escadaria do Salto do Pântano.

ALBINO VICENTE SICCHIROLI - RUA - PARQUE MILÊNIO - Lei 2.047 de 18/10/2.000 de autoria do Vereador Flavio Luiz Ancetti. Foi bancário, esportista, diretor de diversos clubes sociais e esportivos, participante ativo de movimentos filantrópicos.

ALCIDES TIENGÓ - RUA - JARDIM DO LAGO - Lei nº 1940 de 03/12/99 de autoria do vereador Luiz Antonio do Pinho - Agricultor e Avicultor.

ALEMANHA - RUA - PORTAL DOS COQUEIROS - Nome de país.

ALEXANDRE BORIM - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ - motorista.

ALEXANDRE JOSÉ DE CASTILHO - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - Lei nº 15 de 13 de março de 1964. Alexandre José de Castilho foi um dos primeiros habitantes da nossa região. Nasceu no Estado de Minas Gerais. Em 1820 adquiriu a Fazenda Nova, e depois a Fazenda Areia, que mais tarde vendeu para José Ferreira da Silva, terras onde hoje está Descalvado. Foi casado com Anna Ignácia de Jesus, com a qual teve diversos filhos, sendo um deles João José de Castilho que era casado com Leonor Simão de Castilho que era filha de José Simão Monforte e Guilhermina Martins Júnior. Alexandre José de Castilho e sua mulher faleceram em Descalvado e aqui estão enterrados, não sabemos a data, mas com certeza já não viviam em 1889, quando da Proclamação da República.

ALFAZEMAS - RUA - PARQUE MORADA DO SOL - Planta da família das labiadas, cultivadas como ornamentais e para extração de óleos usados em perfumaria, medicina e vernizes para pintura em porcelana.

ALFEO TODESCAN (DR.) - CENTRO ODONTOLÓGICO - Lei 1.950 de 08/12/99 do vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves. Dentista de renome, Músico, filho do Maestro "Quique Todescan", Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Descalvado.

ALFREDO SABONGE - RUA NO PARQUE UNIVERSITÁRIO - Lei 2.290 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Comerciante, fundador em 1.942 da tradicional Casa Alfredo Ltda que ficava na Rua Bezerra Paes, nº 432. Na época dizia-se que a primeira coisa que faziam os recém-casados era abrir uma conta na Casa Alfredo.

ALTINO CARLITO FRANCISCO - RUA - JARDIM SÃO FRANCISCO - Lei nº 2.405 de 16 de abril de 2.004 de iniciativa do Vereador Tomás Vita, com sanção do Prefeito José Carlos Calza. Altino Carlito Francisco filho de tradicional família descalvadense, era pessoa dada a filantropia auxiliando todas as entidades benéficas da cidade. Foi funcionário até sua aposentadoria do Banco Comercial.

ALVA HARDIE - PRAÇA PÚBLICA - JARDIM BELÉM - Ministro da Igreja Presbiteriana de Descalvado, de nacionalidade norte-americana. Veio para o Brasil no ano de 1900 e depois de um curto período de estudo da língua iniciou o ministério que se estendeu por 44 anos. Trabalhou durante alguns anos em São João Del Rey e outros lugares em Minas Gerais. A Missão o colocou em Campinas no velho Colégio Internacional mas não gostou do trabalho educacional. Gostava de viajar e pregar o evangelho. Morou em Descalvado por quinze anos onde em 1913 fundou e foi diretor do jornal mensal "O Evangelista", editado por Sebastião Lacerda de Oliveira, na Tipografia Nova, com uma circulação de 10 a 12 mil exemplares que eram distribuídos pelo Brasil, África e Angola. Em Descalvado fundou a Igreja Presbiteriana em 02 de abril de 1.910 e ergueu o Templo Presbiteriano localizado na esquina da Avenida Guerino-Oswaldo com rua Dr. Amâncio Penteado, demolida em 1947. Ergueu também templos nas cidades de Limeira, Araras e Leme dentre outras. Em 1924 depois de férias nos Estados Unidos fixou residência em Patrínio, Minas Gerais onde iniciou a fase mais abençoada de seu longo ministério no Brasil. Nesse tempo havia pequenos grupos de crentes em Patrocínio, Serra do Salitre, Carmo do Paranaíba, Patos de Minas, Paracatu e Estrela do Sul, mas eles recebiam visitas pastorais somente uma vez por ano e as vezes nem isto. Harvie formou sete pastores e mais que uma dúzia de evangelistas leigos e grande número de igrejas, congregações e pontos de pregação. Ele era um verdadeiro "Bandeirante da Fé", nas palavras de Maria de Melo Chaves. Ninguém pode avaliar quanto este grande servo do Senhor sofreu de perseguições, de longas, fatigantes e até perigosas viagens no lombo de um burro. Era admirável a calma e até alegria com que suportou tudo. Certa vez durante um período de intensa perseguição em Rio Parnaíba ele estava pregando no templo quando inimigos jogaram uma bomba no telhado. Cacos de telhas caíram nos crentes e todos se assustaram e queriam fugir, mas Alva Hardie acalmou todos e serenamente

continuou o culto até o fim. Um dia ele distribuía evangelhos de casa em casa na cidade de Monte Carmelo. Depois de chegar até o fim de uma rua olhou para traz e viu o Vigário do lugar indo de casa em casa colhendo estes evangelhos para os queimar. Hardie ficou parado, fitando o seu adversário, até que chegasse perto. Quando o Vigário passou para a outra rua ele calmamente continuou semeando a palavra. As vezes quando Hardie voltava de uma longa viagem de evangelização no campo, sua dedicada esposa, Dona Kate reunia evangelistas em sua casa para um almoço para celebrar sua chegada. Essas horas eram de muita alegria. Ele contava com exuberante bom humor os incidentes mais interessantes da sua viagem, fazendo rir os seus filhos Helena e Carlos e a todos. Em 1932, Hardie começou outro abençoado período do seu trabalho missionário em Uberlândia. Encontrando com um Ministro de outra Igreja que tinha trabalhado sem frutos em Uberlândia, este lhe avisou que seria inútil trabalhar lá porque nada conseguiria. Mas ele foi e começou uma animada Igreja. Já existia um pequeno grupo de crentes Presbiterianos nessa cidade mas o trabalho tinha desenvolvido pouco. Mas em pouco tempo um ótimo terreno foi comprado e um grande templo construído, transformando-se em forte e animada Igreja. Hardie era grande construtor de templos, edificando mais que vinte durante o seu ministério no Brasil. Seu último período de serviço foi em Araxá onde também construiu um bom templo e desenvolveu grandemente o trabalho. Depois de 44 anos de abençoado trabalho no Brasil, ele voltou com sua esposa para os Estados Unidos. Mas seu coração ficou no Brasil e passou seus últimos anos orando pelo trabalho que amava tanto e escrevendo aos colegas e amigos. Hardie foi abençoado com uma forte e atraente personalidade que deixou uma impressão indelével. Tinha espírito alegre e uma fé simples que nunca vacilou. Pregava o eterno evangelho com animação e entusiasmo. Todas as classes gostavam de suas pregações e muitos das centenas de crentes que ele recebeu em profissão de fé o lembram com emoção. Suas pregações eram cheias de ilustrações que lhes deram vida e habilitaram os ouvintes a lembrá-las com facilidade. Ele recebeu muitas honras da Igreja Presbiteriana do Brasil, que ele amava com paixão. Durante muitos anos se conservou com membro do Presbitério de Minas e ao mesmo tempo membro da Missão West Brasil. Teve a honra de ser Presidente do Supremo Concílio. Os seus colegas tanto na Missão como na Igreja Nacional o estimavam de coração. Faleceu com 82 anos na casa de sua filha Lucita em Miami, nos Estados Unidos no dia 17 de outubro de 1955.

ÁLVARO PEDRO DE SOUZA CASATI (Dr.) - RUA - BAIRRO NOVO SÃO SEBASTIÃO - advogado, funcionário da Prefeitura Municipal de Descalvado.

AMÂNCIO PENTEADO (Dr.) - RUA - CENTRO - advogado. Assim denominada por lei de 1902. Antes Rua do Antonio de Campos, depois rua da Matriz em 1867 e Avenida Tomé Ferreira pela lei 86 de 02/07/14, depois rua do Antonio de Campos. Dr. Amâncio Guilhermino de Oliveira Penteado, nasceu em 1858 nesta cidade de Descalvado, filho de Sebastião de Oliveira Penteado e neto de Manoel de Oliveira Aranha um dos primeiros habitantes desta terra, aqui chegando por volta de 1820. A vida desta família foi totalmente voltada a política descaldadense. Seu pai Sebastião de Oliveira Penteado foi Vereador na 2ª Legislatura do tempo do Império, de 1869 a 1872. Seu irmão Alexandre Herculano de Oliveira Penteado foi Agente Executivo de 1906 a 1907 e Prefeito Municipal em 1908 e 1909. A vida do Dr. Amâncio Penteado não foi diferente. Pertenceu à Câmara Municipal no período republicano durante a 1ª legislatura de 1892 a 1896, na 2ª legislatura de 1896 a 1899, na 7ª legislatura de 1911 a 1914 e na 8ª legislatura de 1914 a 1917. Foi Presidente da Câmara Municipal no período de 1892 a 1898. Era advogado e residia na rua Barão do Descalvado, onde atualmente está localizado o Hotel Descalvado. Faleceu em 28 de maio de 1923, com 65 anos de idade e está sepultado no cemitério local.

AMÁSILIO POZZI - RUA - JARDIM PAOLA - Prefeito Municipal. Foi o quarto filho do casal Anacleto Pozzi e Rosa Del Puerto Pozzi. Nascido aos 9 de setembro de 1907 em Pirassununga e falecido na cidade de São José do Rio Pardo em 1º de abril de 1987 com 79 anos, vítima de arteriosclerose. Seu corpo repousa no Cemitério Municipal de Descalvado. Casado em primeiras núpcias com Adelina Gabrielli Pozzi com quem teve um filho. Viúvo casou-se com Ermelinda Giangola Pozzi e em terceira núpcias com a Professora Hilda Machado de Almeida Pozzi. Estudou e formou-se contador na cidade de Rio Claro, ajudando na administração das diversas propriedades da família. Foi prefeito de Descalvado de 1942 a 1944, quando pelo decreto nº 108 de 28 de março de 1944 criou a Biblioteca Municipal. Transferiu depois sua residência para a cidade de Cornélio Procopio no estado do Paraná,

cooperando ainda na administração das propriedades da família naquele estado.

AMAZONAS - RUA - JARDIM ALBERTINA - Estado brasileiro

AMBROZIO MENDONÇA - Rua do Bairro Residencial Bosque do Tamandua - Lei 2.331 de 13 de novembro de 2.003 de autoria do Vereador Silvio Bellini, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Nasceu em 7 de dezembro de 1.905. Foi casado com Antônia Mendonça com quem teve 10 filhos. Desenvolveu no transcorrer de sua vida, diversas atividades, destacando-se no campo da veterinária, criando técnicas próprias na área cirúrgica de animais. Conhecia profundamente o Rio Mogi-Guaçu, orientando pescadores e visitantes na pesca amadora. Contribuiu sensivelmente com a história de nossa terra, quando retirou das águas do nosso principal rio, uma âncora que fora utilizado no passado pela Companhia Paulista de Linhas Férreas e Fluviais, dedicada ao transporte do principal produto de nossa lavoura que era o café. Desprovido de interesse fez doação da peça para o acervo histórico do Município, quando era Prefeito o Senhor Deolindo Zaffalon, de quem era particular amigo. Referia âncora, decora a entrada principal do prédio da nossa Câmara Municipal.

AMBROZIO PIEROBOM - RESERVATÓRIO DE ÁGUA DO JARDIM BELÉM - Funcionário Municipal

AMERICO CRIPPA - RUA 20 DO BAIRRO RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ - Lei 2.351 de 03 de dezembro de 2.003 de iniciativa do Vereador Henrique Fernando do Nascimento, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Motorista de táxi.

ANA MORCELLI CARDOSO - RUA NO RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ - Lei 2.355 de autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves com sanção do Prefeito José Carlos Calza. Ana Morcelli Cardoso nasceu na cidade de Descalvado em 25 de julho de 1.903, casando-se com Oswaldo Cardoso com quem teve muitos filhos todos dedicados à prática de esportes, entre eles Maria Helena Cardoso jogadora e campeã pela Seleção Brasileira de Basquete como jogadora e como técnica.

ANACLETO POZZI - RUA - JARDIM COLONIAL - proprietário rural. Nascido em Milão, Itália, aos 2 de abril de 1876, falecido nesta cidade de Descalvado em 27 de julho de 1961, com 85 anos. Filho de Gaetano Pozzi e Amalia Brambilla Pozzi (imigrantes nº 1, como consta no Livro nº 1 do Consulado Italiano em São Paulo, datado de 17 de janeiro de 1882) primogenito do casal, veio com cinco anos de idade. Adentrou com seus familiares as matas descaldadenses até a Fazenda Jaguarandí, onde foi lavrador por muito tempo. Transferiu-se para Pirassununga, ainda como lavrador, tornando-se depois proprietário rural. Casou-se com Rosa Del Puerto Pozzi, de nacionalidade espanhola, com quem teve dez filhos, todos nascidos em Pirassununga. Voltaram para Descalvado em 1921, onde adquiriram a Fazenda Santa Maria. Lavrador e administrador, trabalhou com dedicação e honestidade, adquirindo outras propriedades como a Fazenda Jaguarandí que até hoje pertence a seus descendentes.

ANANIAS FRANCESCHINI - RUA - BAIRRO NOVO JARDIM BELÉM - pecuarista. Nasceu no município de Pirassununga, no dia 6 de março de 1927, no Sítio Santo Antônio. Em 1952, casou-se e veio para Descalvado, residir na Fazenda São Pedro, tornando-se pecuarista. Em 8 de março de 1981 passou a residir na cidade. Faleceu em 9 de junho de 1987, estando sepultado no cemitério municipal

ANASTÁCIO VIANNA (DR.) - RUA - CENTRO - médico - vereador e presidente da Câmara. Lei 32 de 9/8/48. Antes rua Antonio de Campos e Dr. Amâncio Penteado. No início do século a rua Dr. Amâncio Penteado que começava na via férrea, cortava a frente da Igreja Matriz e dava sequência em direção ao sul da cidade. A Praça foi reformada, mas a rua Dr. Amâncio Penteado apesar de interrompida continuou a ter a mesma denominação em toda sua extensão. Somente em 1948 a Câmara Municipal pela lei nº 32 de 9 de agosto de 1948 denominou Dr. Anastácio Vianna o trecho da Amâncio Penteado a partir da Igreja Matriz. Dr. Anastácio Vianna, era filho de Luiz José Vianna. Nasceu em 21 de janeiro de 1855 na cidade do Rio de Janeiro. Depois de formado viajou para a França onde em hospitais gauleses especializou-se em clínica geral e moléstias dos ouvidos, olhos e garganta. Pelos idos de 1890, estabeleceu-se em Descalvado, com consultório médico, casando-se com Olívia Paes Vianna que era filha do cartorário Antonio Augusto de Bezerra Paes, vindo a residir na rua Barão do Descalvado, entre as ruas Bezerra Paes e Coronel Rafael Tobias. Foi também poeta. Segundo o Prof. Gerson Álfio De Marco, "trazia ele consigo uma bem melódica lira. Positivista, amigara-se com os pontífices da escola comtiana no Brasil e com os quais se carteava; literato era amicíssimo de Alberto de Faria, o imortal. Romântico ainda, mas com o parnasianismo,

dominante então, pronto para arrebatá-lo e o plectro e, dentro das duas escolas e da temática do tempo, ele versejou com firmeza e até com certo encanto. Deixou sua arte, no soneto intitulado “Dolorosas” que são genuflexadas turibulações à dor materna”. Também no poema “Filha Morta” chorando a morte de sua filha Landa que faleceu, vítima de pneumonia lobar com apenas 18 meses. Com a morte da filha tornou-se ateu convicto. Como político começou no Conselho de Intendência, no período de 13 de abril de 1891 a 14 de agosto do mesmo ano. Neste mesmo período foi o Presidente do Conselho. Como Vereador participou da 1ª Legislatura de 1892 a 1896, da 7ª Legislatura de 1911 a 1914 e da 8ª Legislatura de 1914 a 1917. Foi eleito diversas vezes Presidente da Câmara no período de 1911 a 1916. No dia 16 de março de 1917 partiu de Descalvado para a capital, mas retornou anos mais tarde. Faleceu em Descalvado, no dia 2 de setembro de 1938, com 83 anos, vítima de edema pulmonar, estando sepultado no cemitério municipal no jazigo nº 30 da quadra K, ao lado da filha Landa e da esposa Olívia, esta falecida em 10 de julho de 1944.

ANGELINA SPANGHERO - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - parteira. Angelina Spanghero era casada com Francisco Spanghero, com a qual teve quatro filhos. Nasceu na Itália e de lá veio para Descalvado onde exerceu a profissão de parteira, enquanto suas condições físicas permitiram.

ÂNGELO CERANTOLA - RUA - JARDIM COLONIAL - sitiante

ÂNGELO JOÃO RUSCA - RUA - JARDIM DO LAGO - comerciante. Recebeu esta denominação pelo decreto municipal nº 1039 de 25 de outubro de 1982. Ângelo João Rusca era filho de Cyrilo Rusca e Pierina Astorice Rusca, casou-se com Lázara Henklein com a qual teve cinco filhos. Foi o fundador da empresa funerária de Descalvado, e também zelador da Vila São Lázaro, retiro que cuidava dos leprosos, daí ter recebido o apelido de “Pai dos Pobres”. Nasceu no dia 8 de novembro de 1895 e faleceu no ano de 1931, vítima de cirrose.

ÂNGELO PAGANOTTO - RUA - VILA MELKI - Vice-prefeito Municipal eleito para o mandato de 1956/1959, acabou assumindo a Prefeitura com a renúncia do titular Dr. Jayme Regallo Pereira, no seu último ano de mandato.

ÂNGELO PINESE - PRAÇA - Confluência das Ruas Presidente Kennedy com Maestro Francisco Todescan - Lei 1371 de 05 de novembro de 1993 de autoria do Vereador José Luiz Rosindo. Nela está edificado o prédio da Câmara Municipal - Casa da Democracia. Ângelo Pinese foi comerciante.

ANSELMO CASSAMASSO - RUA - JARDIM PARAÍSO - ferroviário.

Anselmo Cassamasso nasceu em Limeira, no dia 23 de março de 1910. Começou a trabalhar como Servidor na Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Em 2 de fevereiro de 1931, passou a ocupar o cargo de Feitor no Horto Florestal da Aurora em Descalvado, sendo depois transferido para o Horto Florestal do Bom Retiro. Em 1º de fevereiro de 1962 foi promovido a Encarregado do Horto. Foi casado em primeiras núpcias com Nair Miranda com a qual teve cinco filhos. Depois casou-se com Ordália Glórinha Colombo, tendo mais seis filhos. Aposentou-se em 9 de agosto de 1967, após 36 anos de serviço. Faleceu no dia 10 de março de 1988, com 78 anos de idade, estando sepultado no cemitério municipal. Sua maior diversão era a pescaria, tendo construído muitos ranchos principalmente às margens do rio Mogi-Guaçu. Dedicou toda sua vida em prol do esporte, tendo montado um time de respeito no Horto Bom Retiro. Foi diretor do Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense, auxiliando na construção de sua praça de esportes. Seu nome transformou-se em rua pela lei 1016 de 29 de março de 1990, de autoria do Vereador Antonio Luiz Marcos, sancionada pelo Prefeito Mauro Benedito de Lima.

ANSELMO DUPAS - RUA - JARDIM BELA VISTA - proprietário rural. Nascido em 17 de abril de 1870 em Lourdes na França, foi registrado como Antoine Joseph Anselmo, filho de Jean Dupas e Jeanne Pey. Deixou seu país com destino à Argentina entre os anos de 1886 e 1887. Durante a viagem de navio, que durou de 50 a 60 dias, conheceu um fazendeiro de São Paulo, de nome José de Faria, proprietário da Fazenda Itararé, no município de São Carlos, que ao desembarcar em Santos, deu-lhe seu endereço para que o procurasse em caso de necessitar de auxílio. Deslocando-se da Argentina para o Rio Grande do Sul, trabalhou por vários anos na localidade denominada Santa Maria da Boca do Monte, próxima a Pelotas. Resolvido a vir para São Paulo, procurou o Sr. José de Faria, que lhe arrumou serviço em sua fazenda, da qual veio a ser administrador. Vendida essa propriedade, mudou-se para Américo Brasiliense, estabelecendo-se com uma Panificadora

e casando-se em 1889 com Antônia Prósperi. Posteriormente, voltou a São Carlos, para desta vez, residir em terras de propriedade do Sr. Elisiário Penteado, conhecidas como “Fazendão”, grande latifúndio dividido em partes, uma das quais, Estação Babilônia, onde se fazia o embarque de café e onde se firmou com um armazém de secos e molhados. Veio então para a Fazenda Monte Sinai em Descalvado, depois para a fazenda Brejão, conservando o mesmo ramo de negócios. Preocupado com a educação dos filhos, manteve em sua residência, de início, como professor o Sr. Luciano Barbosa, e mais tarde o Sr. José Debone, para alfabetizá-los e instruí-los. À medida que se tornavam adolescentes encaminhava seus filhos para colégios, os rapazes em Campinas, as moças em São Paulo. Comprou depois a Fazenda Pouso Alegre, pagando a metade de seu valor, ficando o restante para saldar com o resultado de mais ou menos quatro safras de café. Porém uma geada violenta no ano de 1921, queimou todos os cafezais da região. Em consequência, aceitou o convite do então Senador da República, Dr. Ignácio Uchoa, e fixou-se (já pai de onze filhos, dois mortos prematuramente), na Fazenda Tamandaré, por aproximadamente cinco anos, mantendo aí como professora de seus filhos, Odete Lício. As mercadorias necessárias ao seu armazém, vinham de Campinas (da firma João Jorge Figueiredo dentre outras), de São Paulo (da firma Minete & Gamba dentre outras) e de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Essas mercadorias vinham com carga pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro e para evitar o pagamento de armazenagem dessa Companhia, que era muito caro na época, eram guardadas em imóveis alugados, e daí, na medida das necessidades, seguiam para a fazenda em carroças. Em 1926 transferiu seu estabelecimento para Descalvado, situando-o primeiramente à Rua Coronel Manoel Leme e finalmente à Avenida Coronel Rafael Tobias. No ano de 1927 perdeu sua esposa. Faleceu no dia 26 de novembro de 1937.

ANTÔNIA TENAN SCHLITTLER (PROFª) - ESCOLA MUNICIPAL - CENTRO (SESI) - professora de português, lecionou no Instituto de Educação José Ferreira da Silva. Foi casada com o Prof. Antonio Schlittler com quem teve três filhas. Faleceu com pouca idade. Seu nome denominou a unidade escolar municipal, onde funcionam o Centro Educacional do Sesi e a Escola Oito de Setembro.

ANTÔNIO ALVARENGA - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - fazendeiro

ANTÔNIO ALVES CUNHA - RUA NO BAIRRO DE SÃO SEBASTIÃO QUE INTERLIGA AS RUAS FLORENTINO CEREDA E SILVIO SICCHIROLI. Lei 2.402 de 30 de março de 2.004 de autoria do Vereador Henrique Fernando do Nascimento com sanção do Prefeito José Carlos Calza. Antônio Alves Cunha, conhecido como “Totó Cunha”, filho de tradicional família descalvadense foi projetista numa época em que a cidade carecia de profissionais na área de engenharia civil, assinando e respondendo por projetos de construção que na excediam à metragens previstas em leis da época. Residia na Rua Coronel Arthur Whitaker, ao lado do Jardim Velho. Está enterrado em nosso cemitério municipal.

ANTÔNIO ASSONI - Praça no Jardim Albertina, localizada na confluência das Ruas Amazonas, Paraíba e Rio de Janeiro. Foi fundador e membro durante muitos anos da Associação e Sindicato Rural de Descalvado. Proprietário da Fazenda São Pedro. Lei de autoria do Vereador José Dias Bolcão, com sanção do Prefeito José Carlos Calza.

ANTÔNIO BENEDITO PASCHOAL - VIA DE ACESSO PORTO FERREIRA - motorista

ANTÔNIO BIANCHI - RUA - VILA FREITAS - fazendeiro. Antonio Bianchi nasceu no dia 29 de novembro de 1862 e morreu em 21 de agosto de 1938. Morreu de arteriosclerose e síncope cardíaca. Está enterrado em nosso cemitério municipal na sepultura 1 da quadra E2.

ANTÔNIO BOTARO - RUA - BAIRRO RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ - Lei 2.397 de 24 de março de 2.004 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Antônio Botaro passou toda sua vida na zona rural deste Município, foi catequista, difundindo a religião na região onde vivia. Foi agrimensurador e realizava muitos projetos como produção de energia elétrica através de rodas d'água, produzia açúcar e aguardente. Fascinado pela ciência, apesar de muito simples, tinha muita cultura.

ANTÔNIO BIANCHI NETTO - Rua do Bairro Residencial Bosque do Tamandua - Lei 2.348 de 03/12/03 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Funcionário Municipal, foi Fiscal Geral da Prefeitura.

ANTÔNIO BOTARO - Rua - Bairro Santa Cruz (prolongamento da Avenida Lázaro Timóteo do Amaral); Lei 2.564 de 27/10/05 de iniciativa do Vereador Rubens Algarte de

Rezende, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Antônio Fregonese nasceu em Oderzo, Itália, em 20 de outubro de 1.862. Filho de Ângelo Fregonese, nascido em Oderzo, Itália, em 19 de janeiro de 1.830 e de Ângela Nutria Dall'Acqua, nascida em Busco, Itália, em 22 de abril de 1.837. No dia 30 de março de 1.887 embarcou em Genova, Itália, no vapor Bourgogne, junto com seus pais e irmãos, com destino ao Brasil, aqui chegando em 24 de abril do mesmo ano. O destino da família foi a Fazenda Palmeira, onde passaram a trabalhar nas lavouras de café. Antônio Fregonese, que era o filho homem mais velho do casal, foi trabalhar em um vapor no Rio Mofí-Guaçu, que passava próximo da fazenda. Este vapor transportava café até Porto Ferreira, para o embarque com destino a Santos. Para vir à cidade, Antônio Fregonese passava a pé ou a cavalo pela estrada conhecida como "reta", depois "estrada da Fazenda Palmeira" e que hoje tem seu nome. Casou-se com Aldegonda Negrine, também imigrante italiana e moradora da Fazenda Palmeira. Após o casamento adquiriu o Sítio Santo Antônio, em Descalvado, e para lá o casal se mudou. Tiveram 6 filhos. Trabalhou como avicultor e morou no sítio que comprou até o dia de sua morte em 20 de dezembro de 1.935. A maioria dos imigrantes que vieram para Descalvado mudou-se para outras regiões, devido às dificuldades daquela época para aqui se viver. Mas Antônio Fregonese aqui permaneceu, lutando bravamente, contra todas as adversidades e foi o patriarca das famílias Fregonezi que ficaram em Descalvado e deram grande contribuição para o desenvolvimento de nosso Município, especialmente nas áreas de agricultura, pecuária e avicultura.

ANTÔNIO CARLOS BRANDÃO – AVENIDA – PARQUE MILÊNIO – Lei 2.057 de 7 de novembro de 2.000 de autoria do Vereador Luciano Laurindo Feliciano que denominou a antiga Avenida Um do Parque Milênio. Antônio Carlos Brandão nasceu em Descalvado no dia 11 de maio de 1944, filho de Antonio Teixeira Brandão e Margarida Clara Tiburcio. Foi escriturário na Celite por 17 anos, depois foi funcionário municipal da Prefeitura de Descalvado, onde aposentou-se no cargo de leitor de hidrômetro. Casou-se com Cacilda Cassamasso Brandão com quem teve 2 filhos, Bruna e Breno Brandão. Faleceu no dia 4 de outubro de 1997, estando sepultado em nosso Cemitério Municipal.

ANTÔNIO CARLOS GUIMARÃES (DR.) – RUA – RESIDENCIAL MORUMBI – Lei 2.385 de 8 de março de 2.004 de iniciativa do Vereador Sebastião José Ricci, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Advogado nascido em São Paulo em 30 de junho de 1.913, era casado com Alméria Sobreira Guimarães com quem teve um filho Carlos Francisco Sobreira Guimarães que foi Vereador em Descalvado de 1.977 a 1.980. Antônio Carlos Guimarães sempre manteve estreita ligação com Descalvado, onde possuía propriedades rurais e vasto círculo de amizade. Permitiu por muitos anos a utilização de um imóvel de sua propriedade, situada nas vizinhas da Escola José Ferreira da Silva, para prática de esportes, por várias agremiações do Município, denotadamente pelo CERD – Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense. No local também eram ministradas aulas de Educação Física. Entusiasta do futebol, presidiu a Federação Paulista de Futebol, na década de 50, época em que grandes equipes do estado já apresentavam o futebol que consagrou o Brasil. Foi Chefe de Gabinete do Governador Adhemar de Barros e no exercício deste mister conduziu muitas reivindicações de nosso Município. Sempre bem relacionado no meio político de São Paulo e do Brasil, contribuiu decididamente para a instalação da agência do Banco do Brasil em nossa cidade. Faleceu em 19 de setembro de 1.988.

ANTÔNIO CASATI – RUA – VILA SÃO JORGE – comerciante. Antonio Casati, era italiano, natural de Arcore – Milão. Veio para o Brasil em 1873, com a idade de dezenove anos. Foi casado com Henriqueta Casati, tendo dessa união oito filhos. Veio como imigrante, indo trabalhar em uma propriedade rural de Plínio Castro Prado, onde ficou algum tempo. Depois mudou-se para Descalvado, instalou um armazém de Secos e Molhados, que era muito procurado pelos trabalhadores da zona rural. Depois adquiriu a Fazenda São Pedro, com mais de 500 alqueires, iniciando a compra e venda de terras, exceto as próprias para o plantio de café, que mantinha, dando início ao cultivo, que na época tinha muito valor. As fazendas Batalha, São Clemente, São Domingos, São José e Grama, foram de sua propriedade. Muito conhecido e estimado pelo povo descalvadense, foi grande incentivador das festas em louvor a Padroeira Nossa Senhora do Belém e a Santo Antonio de quem era muito devoto. Terminou seus dias em sua residência, onde hoje se localiza a Sede Social da Paróquia.

ANTONIO CELSO MARTINS – RUA – RECANTO DOS IPÊS – Lei 1936 de 03/12/99 do vereador Luciano Laurindo Feliciando. Policial Militar em Descalvado morreu no exercício do dever.

ANTONIO CIRELLI – RUA NO JARDIM CAMBARÁ – comerciante. Antonio Cirelli, filho de Jerônimo Cirelli e Ângela Morenino Cirelli, imigrantes italianos, nasceu em Santa Cruz das Palmeiras, neste estado, no ano de 1900. Ainda pequeno mudou-se para Descalvado, juntamente com seus pais e irmãos, que eram lavradores. No ano de 1934, já casado, desligou-se de seus familiares e foi com sua esposa e filhos aventurar trabalho por conta própria, arrendando terras e fazendo fretes com carroças em todo o município. Na década de 40, já comercializava carvão vegetal, na época utilizado como combustível para fogões de cozinha e também em algumas indústrias. Este ramo de negócio foi bastante promissor para ele, que acabou sendo grande produtor e fornecedor para o município e a capital paulista. Usava como principal meio de transporte a Companhia Paulista de Estrada de Ferro, que por sinal, era também sua cliente, usando a lenha como combustível em suas locomotivas. Com a chegada do gás para cozinha e do óleo combustível, seus negócios começaram a fracassar. Na década de 50, tornou-se comerciante e viajante, conhecedor de grande parte do interior brasileiro. Ainda nesta época estabeleceu-se com uma casa comercial em Descalvado, o conhecido bar "Buraco da Onça", ao lado da Casa Popular, principal ponto de encontro, com café e jogo de sinuca. No final desta década, já com seus quatro filhos, fundou uma pequena indústria de cutelaria e artefatos de metal, hoje conhecida internacionalmente como Indústria de Implementos Avícolas e Agrícolas "Irmãos Cirelli Ltda". Em 1963 veio a falecer, sendo sepultado no cemitério municipal.

ANTÔNIO COSTA – RUA DO BAIRRO RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei nº 2.361 de 18 de dezembro de 2.003 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Antônio Costa, filho de Mário Costa e Angelina Licitia Costa, nasceu em Descalvado no dia 1º de junho de 1.929, na Fazenda Bocaina, onde foi lavrador. Depois mudou-se para a cidade, residindo na Avenida Coronel Rafael Tobias, trabalhando informalmente como Corretor de Imóveis. Casou com Mariana dos Santos Costa com quem teve 8 filhos. Faleceu com 69 anos, em 24 de julho de 1.998 de infarto agudo do miocárdio.

ANTONIO DA CONCEIÇÃO VICENTE ADORNO – Praça - Jardim Colonial - Funcionário público Municipal - Lei 1513 de 14/02/1995. Antonio da Conceição Vicente Adorno, foi funcionário público municipal por mais de 40 anos, exercendo a função de Secretário Municipal e depois Chefe de Gabinete. Foi historiador, fundador do Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense e da APAE - Associação de Pais e Amigos do Excepcional, tendo ainda participado de diversas outras entidades beneficentes, sociais e culturais. Casado com Hermínia Tallarico Adorno, teve 6 filhos.

ANTÔNIO FAKHANY – RUA – DISTRITO INDUSTRIAL COSMO FUZARO NO BAIRRO DO BUTIÁ – Lei 2.303 de 06 de agosto de 2.003 de autoria do Vereador Silvío Bellini, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Antônio Fakhany nascido na cidade de Tanta no Egito, veio para o Brasil, para São Paulo onde já tinha um irmão. Casou mais tarde com Margarida Machado de Melo com quem teve dois filhos indo morar em Joinville (Santa Catarina) onde abriu uma casa comercial. Em 1.948 veio para Descalvado quando adquiriu a Tecelagem São Rafael, mais tarde uma indústria de fiação de algodão e uma propriedade agrícola, gerando mais ou menos 250 empregos. Foi Delegado do Centro das Indústrias do Município de São Paulo.

ANTÔNIO FERREIRA DE CAMARGO – Praça Pública na confluência das Ruas São Carlos, Ângelo Paganotto e Avenida das Flores no Parque Morada do Sol. Autoria do Vereador José Dias Bolcão – Lei 2493 de 30 de maio de 2.005, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza.

ANTONIO GARBUIO – Rua – Distrito Industrial Fernando Gabrielli – Lei 2.119 de 22 de maio de 2.001 de autoria do Vereador Antonio Carlos Reschini – Avicultor, sua família tinha propriedade rural no local conhecido como Tamanduá. Com o loteamento da área deu-se a expansão do Bairro e a criação do Distrito Industrial.

ANTÔNIO IDEM – RUA – RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei 2.396 de 24 de março de 2.004 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Antônio Idem, filho de Conrado Idem e Luiza Couve Idem, nasceu na cidade de Descalvado em 4 de abril de 1.927. Foi proprietário do sítio Santo Antônio da Palmeira. Casou-se com Maria de Lourdes Caramuri Idem, com quem teve 2 filhos que expandiram as

atividades do pai, tornando-se produtores de cana-de-açúcar que forneciam a diversas Usinas, principalmente Ipiranga e Santa Rita. Faleceu com 51 anos de idade em 5 de outubro de 1978 de trombose.

ANTÔNIO IRENO – RUA RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – LEI 2.634 de 28 de abril de 2006 de autoria do Vereador José Dias Bolção com sanção do Prefeito José Carlos Calza. Antônio Ireno foi o 2º eletricista de veículos de Descalvado.

ANTÔNIO JORGE CUEL – RUA – JARDIM PAOLA – LEI 2.609 DE 14/02/06 de autoria do Vereador Sebastião José Ricci, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Antônio Jorge Cuel, nasceu em Descalvado, no dia 9 de setembro de 1.933, filho de Cyrilo Cuel e Olívia Franceschini Cuel. Casou-se com a senhora Irma Rodrigues Cuel, com quem teve as filhas Elizabeth Aparecida Cuel Spadari, casada com Aparecido Donizetti Spadari e Mary Cuel Factor, cada com Edson Donizetti Cuel, casamentos estes que lhe deram os netos: Fernanda Cristina, Flávio Renato, Fabrício Roberto, Tamires Aparecida e der Jorge. Desde criança Antônio Jorge Cuel dedicou-se junto com seus pais e seus sete irmãos à lida na zona rural, chegando a ser proprietário de um sítio no Município de Descalvado, quando iniciou sua dedicação de fé em prol da Fazenda Santana, tendo ocupado o cargo de Presidente da Comissão de Festejos durante 26 anos, mantendo uma tradição que atrairomeiros e fiéis de Nossa Senhora da Saúde, tanto da cidade, como da região e da capital paulista. Antônio Jorge Cuel faleceu no dia 28 de junho de 2.003, aos 70 anos de idade, deixando como herança o exemplo de bom marido, bom pai, e fiel amigo daqueles que lhe cercavam, levando também o mérito de grande responsável pela existência até os dias de hoje da referida festa religiosa, que nos últimos anos comemora-se em nova Capela, construída em terras da Fazenda Serrinha.

ANTONIO LUIZ FABIANO (DR.) – RUA – VILA BRASIL – Rábula. Lei nº 26 de 12 de agosto de 1966 do Prefeito José Ramalho Gabrielli. Antonio Luiz Fabiano, embora não tivesse cursado faculdade, foi advogado dos mais conceituados em Descalvado, nas décadas de 20 e 30. Residia na Rua Bezerra Paes, onde hoje é a Relojoaria Rubi. Natural de Minas Gerais, veio muito jovem para Descalvado, onde consorciou com Dona Ambrosina de Arruda Campos, de tradicional família descavadense. Inteligência fúlgida, logo se dedicou ao jornalismo e ao ensino. Durante muitos anos, escreveu para os semanários locais, mormente para “A Gazeta de Descalvado” que foi de sua propriedade. De sua pena saíram artigos de embate e crônicas magníficas sobre as coisas e os homens de Descalvado. No setor do Magistério foi de grande renome, entre nós. Talento de eleição, embora não formado em advocacia, advogou em Descalvado por muitos anos, com a mesma categoria os maiores causídicos do tempo, devendo lembrar-se que homens de grande saber jurídico existiam, então, em Descalvado. Antes de se retirar para a Capital do Estado, onde veio a falecer, ocupou em nossa Comarca, como interino, o cargo de Promotor Público, onde encontrou ele, campo propício para elevar seus conhecimentos jurídicos. Antonio Luiz Fabiano foi também magnífico orador, tendo pronunciado grandes peças oratórias, que no tribunal do júri, quer nas grandes solenidades e festas comunais.

ANTÔNIO LUIZ MARCOS – RUA – RECANTO DOS IPÊS – Lei 1.914 de 09 de novembro de 1.999 de autoria do Vereador Luciano Laurindo Feliciano. Professor e Vereador por duas legislaturas, tendo ocupado os cargos de 2º Secretário e Vice-Presidente da Câmara Municipal. Funcionário da Usina Ipiranga de Açúcar e Álcool e esportista tendo jogado futebol pelo Agrindus e Clube Esportivo e Recreativo Descavadense.

ANTONIO ROMANTINI – RUA – VILA BRASIL – motorista de taxi. Antonio Romantini era filho de Francisco Romantini e Rosa Nhanharelli Romantini. Nasceu em Descalvado no dia 30 de janeiro de 1927 e faleceu em 27 de junho de 1972 em um acidente automobilístico. Casado com Ana Fakhani Romantini, teve dois filhos.

ANTÔNIO SEGATO – RUA – RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei 2371 de 25 de fevereiro de 2.004 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Antônio Segato conhecido como “Zinho Sigaroti”, foi prático veterinário e proprietário por muitos anos do Bar Ideal ao lado da Igreja Matriz. Espirita praticante sempre foi dado a caridade e a filantropia.

ANTONIO STOPPA – BAIRRO NOVO JARDIM BELÉM, interligando as ruas Presidente Kennedy e Jorge Secaf. Lei 2.825 de 14/11/07 de autoria do Vereador Sebastião José Ricci, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Antonio Stoppa nasceu em Descalvado em 21 de janeiro de 1.914. Casou-se com Maria Cerantola Stoppa com quem teve 5 filhos. Exerceu o cargo de Chefe do Tráfego na Companhia Paulista de Estrada de Ferro no período de 26 de junho de 1.936 a 02 de março de 1.967, quando se aposentou. Faleceu no dia 18 de novembro de 1.995m estando sepultado em nosso cemitério municipal.

ANTONIO VILELLA – RUA – BAIRRO SANTA CRUZ – comerciante, proprietário de armazém onde está hoje a Escola de Datilografia Descalvado, na esquina das ruas José Bonifácio com Cel. Arthur Whitaker.

ANTÚRIOS – RUA – PARQUE MORADA DO SOL – Planta



Avenida Coronel Rafael Tobias - década de 10

da mesma família do tinhorão (tajá no norte do Brasil). Há grande número de espécies e variedades, algumas notáveis pela coloração e dimensões das folhas; outras preciosas pela cor e aspecto da inflorescência. Reproduzem-se por sementes ou por divisão da planta. Devem ser cultivadas em lugares pouco batidos por sol e em terra vegetal misturada com musgo. Precisam ser regadas frequentemente, mantendo-se a terra sempre úmida. Cultivam-se em vasos, sob ripados ou embaixo de árvores, recantos e áreas internas das casas. Muito recomendadas na ornamentação das residências e na feitura de grupos aos lados de escadas rústicas, em locais sombrios.

ARLINDO HORÁCIO GABRIELLI – RUA – JARDIM RICARDO CESAR – Lei 1.933 de 03/12/99 do vereador Antonio Carlos Reschini – Industrial e Bancário trabalhou na agência do Banco Moreira Salles depois Unibanco de Descalvado.

ARLINDO MAZOLA – PRAÇA – JARDIM ALBERTINA – Lei de iniciativa do Vereador José Dias Bolção sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza – Iniciador e grande incentivador da tradicional Cavalaria Antoniana.

ARLINDO ZÓIA – PRÉDIO MUNICIPAL QUE ABRIGA, NO BAIRRO DE SANTA CRUZ, O PROGRAMA DE SAÚDE DA FAMÍLIA (PSF), localizado na Avenida Lázaro Timótheo do Amaral. Lei 2.880 de 13/05/08 de autoria do Vereador Sebastião José Ricci, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Arlindo Zóia, filho de Júlio Zóia e Bárbara Bianchi Zóia, nasceu em Descalvado em 03 de janeiro de 1.925. Muito jovem começou a trabalhar na Farmácia Barros de Vito Gaia Puoli, onde descobriu a sua vocação para o ramo farmacêutico, atividade desenvolvida durante os seus anos de vida. Casou-se em 08 de dezembro de 1.947 com Adelaide Ravazi vom quem teve 3 filhos. Foi colaborador esportivo do CERD e primeiro presidente da APAE, que fundou em 15/08/1970. Fundou a Farmácia Nossa Senhora do Belém. Faleceu em 12 de agosto de 1.992.

AURORA – HORTO FLORESTAL E BAIRRO RURAL. Nascido da construção do ramal de Aurora, em fins do século XIX e centralizando, por isso mesmo e, pouco depois, por razões comerciais, inúmeras propriedades agrícolas, com suas grandes populações, foi em tempos idos, o maior centro de convergência do vasto território rural de Descalvado. Antes de findar o século XIX, diversos fazendeiros descavadenses, numa forte união de idéias e de dinheiro, constituíram o capital com que puderam construir os 14 quilômetros de ferrovia, de bitola estreita, ligando a sede urbana a importantíssimas fazendas de então e através do ponto terminal da mesma, precisamente na estação de Aurora.

E o bairro no transcorrer dos anos foi tomando maior importância. Cândido Chaves dos Santos, o Cândido Baiano, abriu venda no local, casa de comércio de secos e molhados, ferragens, material de construção, tecidos, armarinhos, material escolar e outros e que, por diversas décadas, forneceu os habitantes das grandes fazendas circunvizinhas, entre as quais, Monte Alverne com seus 600.000 pés de café; Ibijuba, Santa Maria e Bela Aliança. Ao Cândido Baiano, sucedeu seu filho, Segismundo Chaves dos Santos, o Dudu Baiano, na tradicionalíssima venda de Aurora, com seus muitos caixeiros (cerca de 10 ditos) e com seu notável movimento, nos anos do apogeu da cafeicultura em nossa terra e no Brasil. Com a decadência desta, essa velha casa comercial de nossa terra começou a declinar em sua importância local, isto porque, com o fenômeno do declínio cafeeiro, as fazendas foram se despovoando; e tal foi o êxodo de trabalhadores rurais, por causa disso, que a velha venda de Cândido e Dudu Baiano deixaram de existir com toda a imensa carga de tradições. Por volta de 1940, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro plantou, nas imediações da estação, centenas de milhares de eucaliptos, constituindo o Horto Florestal de Aurora. No final da década de 50, foi extinto o ramal de Aurora, e assim o velho bairro descaldense sentiu uma maior decadência.

AYRES DOS SANTOS – RUA – RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei 2.379 de 27 de fevereiro de 2.004 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Ayres dos Santos nasceu na cidade de Descalvado e aqui constituiu família. Foi grande incentivador de todos os movimentos sociais e filantrópicos da cidade.

AZALEAS - RUA - PARQUE MORADA DO SOL – Esta planta por demais conhecida e apreciada, apresenta o inconveniente de ser de crescimento muito demorado. É um arbusto ótimo para a formação de sebes, grupos e mássicos. Multiplica-se por meio de estacas e alporques, de preferência estacas novas (não muito grossas); também pode ser facilmente multiplicada por meio das estacas ou hastes enraizadas que a planta produz de certo tempo, perfilhando. Exige terra fértil, rica em potássio e de ser podada quando em vasos após alguns anos de idade. Devido ao seu crescimento demorado pode ser cultivada em vasos para ornamentação de vestibulos e interiores na ocasião da floração, produzindo ótimo efeito decorativo.

BAHIA - RUA - JARDIM ALBERTINA - Estado brasileiro

BARÃO DO DESCALVADO - RUA - CENTRO. José Elias de Toledo Lima - Vereador e Barão - Antes teve duas denominações: Rua das Flores (1867) e Rua do José Elias como referência a José Elias de Toledo Lima que nela residia. Nascido em Mogi-Mirim no ano de 1816, filho de Antonio Aranha de Camargo e Maria Gertrudes de Toledo. Casou-se em sua terra natal com Ana Leduina da Cunha, em 23/07/1849, vindo então para Descalvado, onde comprou fazenda e prosperou. Fez parte da 1ª Legislatura não retornando mais à vereança. Responsável pela construção da nova estrada para São João do Rio Claro, a cuja comarca pertencia Descalvado. Foi dele a maior contribuição para o aumento da primitiva capela de José Ferreira da Silva. Em 23 de dezembro de 1887, foi elevado ao baronato. Era tio das baronesas de Parapanema, Pirapitingui e Ibitinga. Faleceu em Descalvado no dia 30 de maio de 1894, estando sepultado no Cemitério Municipal.

BARÃO DO RIO BRANCO - PRAÇA - CENTRO (JARDIM VELHO) - Lei 47 de 16/04/03. Dr. José Maria da Silva Paranhos Júnior, diplomata brasileiro. Os historiadores que se interessaram pelo nosso passado municipal e a documentação existente na Prefeitura de nossa terra, assim como a lembrança dos descaldenses mais antigos, afirmam ser o primeiro nome do batismo de nossa atual Praça Barão do Rio Branco, antigo Largo do Rosário, pelo fato de haver no local, uma capela mariana dedicada à devoção de Nossa Senhora do Rosário, cujo ano de inauguração é ignorado. Dom Lino Deodato, Bispo de São Paulo, e de nossa Paróquia, em 1887, passou provisão de licença da referida capela e, nela, e em seus arredores, eram sepultados os Irmãos, da Irmandade do Rosário. Com o advento da República, em 1889, o velho logradouro descaldense passou a se chamar Praça da

República, nome que perdurou até o ano de 1903, quando a Câmara Municipal do tempo, por força da lei nº 47 do dia 17 de abril do mesmo ano, mudou a denominação anterior pela de Praça Barão do Rio Branco, em homenagem ao grande vulto da diplomacia brasileira, daqueles tempos, José da Silva Paranhos, o nosso extraordinário Barão do Rio Branco. Nessa Praça, batizada pela voz do povo de Jardim Velho, em contraposição ao Jardim da Praça Nossa Senhora do Belém, existem quatro antigas e copadas figueiras, que fazem o charme dela e, além disso, um velho e encantador coreto e um chafariz, inaugurados em 15/11/1900, construídos pelo construtor português radicado em Descalvado, José Martins Pimenta, embelezando esse local tão aprazível de nossa terra. A Praça Barão do Rio Branco é, dentro da paisagem urbana de Descalvado, uma das mais formosas e das mais amadas pelos descaldenses.

BEGÔNIAS - RUA - PARQUE MORADA DO SOL – Três são os tipos de begônias cultivadas: a) as de folhagem ornamental, destinadas ao cultivo em vasos, nas estufas e ripados, conhecidas tecnicamente pelo nome de Begônia rex; b) as begônias tuberosas, que produzem grandes flores, muito vistosas e delicadas, também para cultivo em estufas; c) e finalmente as de floração abundante, para cultivo em canteiros ao sol (begônia semper-florens).

Multiplicam-se as begônias por sementes, mudas, fragmentos de folhas e tubérculos. A multiplicação por sementes é mais indicada e empregada para as tuberosas e as semper-florens; por meio de tubérculos reproduzem-se as tuberosas, sendo que as denominadas rex são multiplicadas por meio de mudas ou por meio de folhas. Este último processo é mais comum e fácil. As folhas são reduzidas por meio de cortes (com tesouras, com canivetes



Rua Coronel Arthur Whitaker - início do século

ou mesmo à mão) a um pequeno círculo ao redor do ponto de inserção do pecíolo, o qual é por sua vez reduzido a 2 ou 3 centímetros de comprimento e plantadas sobre areia úmida. No ponto de inserção do pecíolo nasce uma nova planta, enraizando-se o fragmento de pecíolo com a folha.

BENEDITO BARBOSA ADORNO - RUA - JARDIM DO LAGO - fazendeiro - dono da Fazenda Santa Eulália.

BENEDITO DE ARRUDA OLIVEIRA – PRÉDIO MUNICIPAL DESTINADO AO FUNCIONAMENTO DO PROGRAMA DE SAÚDE DA FAMÍLIA (PSF) NO Bairro de São Sebastião na Rua Dr. Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho. Lei 2.882 de 13/05/2008 de autoria do Vereador Sebastião José Ricci, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Benedito de Arruda Oliveira, filho de Augusto de Oliveira e Josephina de Arruda Oliveira nasceu no município de São Carlos (SP) em 1.899. Mudando para Descalvado em 1.929, adquiriu na Praça da República em São Paulo, os móveis e utensílios da Farmácia Confiança, então em solvência, e os trouxe para cá onde abriu sua “Botica” na Avenida Guerino-Oswaldo defronte onde é hoje o Bradesco, ficando conhecido como “farmacêutico da boca do mato”. Pouco depois viria adquirir prédio próprio na Rua Bezerra Paes, 432, fundando a Farmácia Central, hoje Drogaria Central. Ali eram manipuladas ervas de acordo com o receituário médico. “Ninico” como era conhecido, tocou a farmácia até 1.942, quando a vendeu para Carlindo Boller Kastein. Foi casado com Celestina Amélia Casati Oliveira, com quem teve 4 filhas. Após a venda da farmácia, passou a dedicar-se à Fazenda São Pedro da qual foi proprietário até seu falecimento em 1.990, então com 91 anos de idade. Foi sócio fundador do CERD, da União dos Avicultores de Descalvado e da Cooperativa Agrícola Mista do Vale do Mogi Guaçu. No ano de 1988, através de Decreto Legislativo, recebeu da Câmara Municipal o título de Cidadão Honorário de Descalvado.

BENEDITO PESSOA – RUA – RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei 2.307 de 21 de agosto de 2.003 de autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Benedito Pessoa mais conhecido pelo pseudônimo de “Fogueteiro”, nasceu em Descalvado no ano de 1.903, filho de João Pessoa, natural de Lisboa e de Dona Maria Euzébio da Cruz. Estou até a 4ª série, mas o espírito de aventureiro fez com que abandonasse os estudos para iniciar seu trabalho como “fogueteiro”, e com esta profissão ficou conhecido além de Descalvado, em Porto Ferreira, São Carlos, Pirassununga, Analândia, Santa Rita do Passa Quatro, Santa Eudóxia, e outros. Nessa bela arte, revelou seu talento. Além de fogueteiro, era músico, Como

bombardista da banda de Santa Rita do Passa Quatro, teve oportunidade de tocar ao lado de seu primo, o compositor Zequinha de Abreu. Em Descalvado, tocou na Corporação Musical Santa Cecília, regida pelo Maestro Francisco Todescan "Quique". Em 1.938 fechou a fábrica por problemas familiares e mais tarde mudou para a cidade de São Paulo, fixando-se no Bairro do Ipiranga onde trabalhou na Estamparia Jafé até sua aposentadoria. Faleceu com 83 anos na cidade de Poá (SP) após sofrer 3 derrames.

BENEDITO SIMEL - RODOVIA DESCALVADO/ANALÂNDIA - sindicalista. Fundou e foi Presidente durante muitos anos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Descalvado.

BENVINDO GONÇALVES FRANCO - RUA - JARDIM COLONIAL. Benvindo Gonçalves Franco era descendente de portugueses, foi tesoureiro geral da Câmara Municipal por 23 anos e um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia de Descalvado. Proprietário rural em Descalvado, trouxe pessoalmente, em carro de boi de sua propriedade, conduzido pelo negro escravo Estevão, a imagem de Nossa Senhora do Belém de Rio Claro para Descalvado, no final do século XIX. Era casado com uma mineira, Maria Theodora da Purificação, com quem teve dez filhos.

BEZERRA PAES - RUA - CENTRO - cartório - Inicialmente rua do José Leite Machado, depois rua do Descalvado por lei de 1867. Em 22 de março de 1890 sua denominação muda para rua Francisco Glycério. Em 11 de outubro de 1892 passa a denominar-se Bezerra Paes, por indicação dos Vereadores Francisco Cardoso e Amâncio Penteado. Antonio Augusto Bezerra Paes nasceu no ano de 1838, foi advogado, tabelião e escrivão em Belém do Descalvado, de 1872 até 1892, no Cartório que hoje pertence a Carlos Lazarini, e no qual lavrou 2.219 escrituras. Também foi um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia de Descalvado em 1891. Pertenceu ao Partido Republicano nos tempos do Império, conjuntamente com José Rodrigues Penteado que era o Presidente, Olímpio Catão, José Ferreira Martins e outros. Anti-monarquista radical, conta-se que quando da visita do Imperador Pedro II a Descalvado, mandou que um dos seus empregados entregasse a S. Majestade quando da chegada na ferrovia, de um cacho de bananas, como a insinuar ser Pedro II, o Imperador dos Macacos. Embora não sendo Vereador, participou e foi um dos elaboradores do 1º Código de Postura do Município de Descalvado, depois da Proclamação da República. Enquanto viveu, participou ativamente da vida da cidade. Era filho de Bernardo José Paes Azevedo, e foi casado com Eulália Josephina de Mello Paes, filha de José Roberto de Mello Franco e Anna Maria de Mello Franco, tendo ao que consta sete filhos, sendo que a filha Olívia, casou-se com o Dr. Anastácio Vianna. Bezerra Paes faleceu em 15 de abril de 1892 com 54 anos de idade, em Descalvado, vítima de febre amarela, sendo sepultado no Cemitério da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Residiu e tinha cartório na esquina das ruas Bezerra Paes com José Bonifácio. Pouco antes de sua morte em 23 de janeiro de 1892 a Câmara Municipal quis homenageá-lo dando seu nome a então rua Uruguayana, entretanto Bezerra Paes, não aceitou.

BÍBLIA - PRAÇA - PARQUE MORADA DO SOL. Lei nº 1496 de 29 de novembro de 1994 de autoria do vereador evangélico João Donizetti Trombini.

BIRIS - RUA - PARQUE MORADA DO SOL - flor Designação comum a diversas espécies silvestres do gênero Canna, cultivadas como ornamentais pelas grandes flores de corola branca, vermelha, alaranjada ou rósea, reunidas em espigas terminais

BOM JESUS - AVENIDA - CENTRO - Santo. Lei de 1897. Em 1893 com o início da construção do prédio da Santa Casa, era conhecida como rua da Misericórdia. Inicialmente a Avenida Bom Jesus, tinha duas pistas, no trecho entre a Avenida Guerino-Oswaldo e a rua 24 de outubro

BOM RETIRO - HORTO FLORESTAL

BORTOLO FREGONEZI - Rua - Bairro de Santa Cruz - Bortolo Fregonezi nasceu no dia 5 de outubro de 1903 em Descalvado, no Sítio Santo Antonio, adquirido por seu pai Antonio Fregonezi no ano de 1888. Foi produtor rural. Casado com Thereza Bazagli, nascida em Poços de Caldas, Estado de Minas Gerais no dia 16 de maio de 1907. Com ela teve seis filhos. Bortolo e Thereza não ocuparam nenhum outro cargo, sempre foram produtores rurais. Lei 1573 de 12/12/95

BRASIL - Rua - Portal dos Coqueiros - Nome de país.

BRASÍLIA - RUA - JARDIM ALBERTINA - Capital do Brasil

BUTIÁ - BAIRRO RURAL - palmeira. A velha estação ferroviária é que lhe deu o nome que tem. No início de 1.920, o senhor Celeste Colussi, proprietário das terras do pequeno vilarejo do Butiá, nome dado devido a uma frutinha da região

parecida com macaúba, doou um terreno à Companhia Paulista, para que ali se construísse aquela que viria a ser a última estação a ser feita no ramal. E nesta época que Descalvado produzia seu ótimo café, antes da crise de 1929 e anos subsequentes, o trecho da estrada de ferro situado entre nossa cidade e a de Porto Ferreira foi aquinhoadada com esta estação, do Butiá inaugurada em 15 de dezembro de 1.920 e que se tornou, logo, a via de escoamento natural quer da produção, quer da população das cercanias, em suas viagens para a sede do Município e outros locais. E assim, em torno da estação, gravitou a vida econômica e social do novo bairro descaldense. Abriu-se aí uma escola e que teve, como professor o notável educador Prof. Salustiano Ramalho, responsável pelo ensino de algumas gerações de bons descaldenses, nome perene na nossa vida educacional. Nesta escola passaram passaram outros mestres exponenciais de nosso magistério primário: Pedro Elias, Antenor Erveu Betarello, Otaviano Luiz de Camargo, Lucila de Camargo Todescan. Prova da religiosidade dos habitantes do Bairro, ergueu-se ali um tempo católico cujo orado é Santa Terezinha do Menino Jesus e que passou, assim, a ser a padroeira desse formoso recanto de nosso município. Por que Butiá ? Butiá é uma palmeira, com o nome científico de "cocos capitata" que produz frutos para a feitura de apreciável licor. O batizador da estação, provavelmente algum dirigente ou engenheiro da Paulista, certamente deve ter contemplado no local uma palmeira Butiá, e batizou o nome ao Bairro. Ralph Mennucci Giesbrecht, no seu livro A Estrada do Mogi Guassu - A história dos ramais ferroviários de Descalvado e de Santa Veridiana conta: "No início de 1.920, o senhor Celeste Colussi, proprietário das terras do pequeno vilarejo de Butiá, nome dado devido a uma frutinha da região, parecida com a macaúba, doou terreno à Companhia Paulista, para que ali se construísse aquela que viria a ser a última estação ferroviária do ramal. A estação de Descalvado já estava sobrecarregada com as cargas de café das fazendas em volta, e a nova estação, que teria o nome do povoado serviria para desafoga-la. Ela foi finalmente inaugurada em 15 de dezembro de 1.920, custando à Paulista a soma de R\$ 43:867\$840 (réis), aí incluídas as casas de empregados, no bairro localizado entre os km 216 e 220 da ferrovia. Era mais uma estação que incorporava a parte dos passageiros e o armazém no mesmo prédio. Butiá, contam os antigos moradores do local, era uma festa quando os trens passavam; mesmo antes da existência do prédio, as moças e rapazes corriam para acenar para os trens. Pela manhã, dos trens eram atirados exemplares da revista Fanfulla, assinada pelos Colussi. Com a estação vieram a Igreja e as festas. O pessoal então solicitava à Paulista que mandasse trens especiais para trazer os participantes de fora, e os pedidos nunca eram recusados. Bons tempos. Butiá, entretanto foi a estação de vida mais curta. Desativada cinquenta e seis anos depois, com a passagem do último trem, logo ficou abandonada. Alguns anos após, 1986, data da última foto conhecida e que mostrava o total abandono, ela foi demolida, apesar dos protestos dos moradores. O material acabou sendo reutilizado por eles mesmos, que com os tijolos e ferragens construíram as casas mais novas do bairro, não podendo reaproveitar o madeirame, pode após anos de intempérie, pois o telhado do prédio já havia desabado. As famílias Colussi e Paludetti continuam por lá, mas o vilarejo tem um acesso difícil em estradas de terra mal conservadas. Em meados de 1.997, os trilhos foram retirados, e hoje sobra a Igreja, quase sempre fechada.

CAMBARÁS - BAIRRO ATRÁS DO CENTRO DE LAZER E AVENIDA NO PARQUE MORADA DO SOL - Pequena árvore, muito dispersa em lugares abertos, de flores agregadas e cuja madeira resistente ao contato com a água é utilizada em rodas de moinho de água.

CÂNDIDO XAVIER DE ALMEIDA SOUZA (DR.) - PRAÇA JARDIM BELA VISTA - Juiz de Direito - Lei 1514 de 21/02/95. Primeiro Juiz de Direito, que tomou posse no ano de 1866, quando da Emancipação Política de Descalvado. Na época a sede da Comarca era Araraquara.

CÂNDIDO RODRIGUES (DR.) - RUA - CENTRO - Presidente da Câmara. Cândido Augusto Rodrigues, nasceu em Descalvado no ano de 1863. Estudou advocacia na Capital da Província de São Paulo. Em 1889 possuía juntamente com o Dr. Amâncio Penteado, escritório de advocacia no Largo da Matriz, junto ao Paço Municipal. Tornou-se eleitor pela lei 1881, entrando na política com apenas 27 anos. Foi Vereador em Descalvado na 7ª legislatura do Regime do Império de 1887 a 1890 e na 1ª Legislatura do Regime Republicano de 1892 a 1896. Presidente da Câmara Municipal em 1889 e Vice-presidente de 1894 a 1895. Era filho de José Antonio Rodrigues, fazendeiro de café desde 1873 em nossa cidade. Era casado e residia na Rua Francisco

Glycério (Bezerra Paes). Seu governo como Presidente da Câmara foi cheio de controvérsias, pois a febre amarela começava a se alastrar na cidade e a população ficou aterrorizada de tal forma a ponto de injustamente acusarem a Câmara de indolente. Faleceu em Descalvado e está sepultado no cemitério municipal.

CARLINDO BOLLER KASTEIN - RUA - BAIRRO NOVO SÃO SEBASTIÃO - farmacêutico. Carlindo Boller Kastein, nascido a 30 de agosto de 1906, na cidade de Pirassununga, onde com 12 anos começou a trabalhar como aprendiz de farmácia. Alguns anos depois, já com bastante prática, transferiu-se para a Fazenda São Salvador em Descalvado, onde trabalhou na Farmácia do Serrado. Aprimorando seus conhecimentos logo encontrou emprego na Farmácia Barros, no centro da cidade. Em 1942, já casado com Francisca Carolina Arruda Kastein, adquiriu de Benedito de Arruda Oliveira, a Pharmacia Central, localizada no mesmo local onde hoje se situa a Drogaria Central, na rua Bezerra Paes, 432. Em 9 de novembro de 1952 perdeu a esposa, com a qual tivera 4 filhos. No ano seguinte contraiu novas núpcias com Maria Martins Kastein, tendo mais um filho. Faleceu no dia 12 de junho de 1962, com 55 anos de idade, estando sepultado no cemitério municipal. Sua farmácia ficou conceituada pela seriedade, e até hoje é propriedade de seus descendentes, sendo a mais tradicional da cidade. Participou ativamente da vida comunitária da cidade, tendo sido fundador do Rotary Club de Descalvado, diretor e conselheiro do Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense, dentre outras atividades. Era espírito convicto e praticante do kardecismo. Seu nome transformou-se em rua do bairro de São Sebastião através da lei nº 853 de 24 de maio de 1988.

CARLITO MAYESE - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - industrial, dono de uma fábrica de macarrão em Descalvado do início do século.

CARLOS ALTON - RUA - JARDIM DO LAGO - Foi motorista da família Pozzi e posteriormente taxista.

CARLOS AUGUSTO WOOD FARIA (DR.) RUA - JARDIM ALTO DA BOA VISTA - Lei 1.930 de 03/12/99 do Vereador Rubens Algate de Rezende. Juiz de Direito, ocupou o cargo em Descalvado, sua terra natal, de 1.989 a 1.991, ano de seu falecimento.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE (POETA) - Biblioteca da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Thereza dos Anjos Puoli. Lei 2.245 de 21 de novembro de 2.002 de iniciativa do Vereador Donald Daniel Calza, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Drummond nasceu em Itabira (MG) em 31 de outubro de 1.902, pertencia a uma família de fazendeiros em declínio. Estudou em Belo Horizonte, e com os jesuítas no Colégio Anchieta de Nova Friburgo (RJ). Com a insistência da família diplomou-se em Ouro Preto, em farmácia. Com outros escritores fundou "A Revista", que mesmo pouco duradoura, foi importante canal para afirmação do modernismo em Minas Gerais. Ingressando no serviço público em 1934 muda-se para o Rio de Janeiro, tornando-se Chefe do Gabinete de Gustavo Capanema, Ministro da Educação. Desde 1.954, colaborou como cronista no Jornal "Correio da Manhã" e a partir de 1.969 no "Jornal do Brasil". As obras de Drummond são citadas como uma expressão pessoal numa linha de aperfeiçoamento em que a originalidade e a unidade se configuram e se confirmam a cada passo. Drummond se apresenta como que aquém e além do movimento modernista, tirando deste, menos recurso do que de estrutura. Torturado pelo passado, assombrado pelo futuro mostra-se o homem do ponto de vista céptico e melancólico, porém quando ironiza os costumes e a sociedade asperamente satírico entrega-se a comunicação estética. Essa identidade vale-se do trabalho poético e da relação com outros seres, com o amor, ainda que amargo. Suas obras foram traduzidas para o espanhol, inglês, francês, alemão, suco. Drummond é considerado o poeta mais influente na literatura brasileira contemporânea. Também publicou vários livros de prosa, provando ser um notável cronista. Como símbolo da poesia brasileira, o ano de 2.002 foi declarado o "Ano de Drummond".

CARLOS GUIMARÃES (DR.) - RUA - VILA MUNICIPAL - advogado. Carlos Alves de Oliveira Guimarães, foi várias vezes Prefeito da cidade, na época em que o voto era de forma extensa em livros. Foi casado com Ana Guimarães, tendo dois filhos. Seu corpo foi sepultado na cidade de São Paulo.

CARLOS MAYESI - RUA - JARDIM BELA VISTA - Vereador durante a 5ª legislatura de 1964 a 1968. Faleceu no exercício do mandato.

CARLOS PÚLICI - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - Prefeito Municipal. Em 18 de junho de 1974, pelo decreto nº 431, a antiga estrada municipal que dava acesso à represa do Rosária, passou a denominar-se rua Carlos Púlici, homenagem

ao eminente homem público que nasceu no dia 14 de maio de 1890 e morreu no dia 24 de setembro de 1969. Desenvolveu durante quase toda sua vida profissional, a atividade de serventuário da justiça como titular do Cartório de Registro de Imóveis e Anexos, com muita dedicação e probidade. Pelo seu caráter e influência na comunidade, foi nomeado em 10 de junho de 1938, Prefeito Municipal de Descalvado, por decreto do então Governador do Estado, Dr. Adhemar Pereira de Barros, desempenhando essa nobre função com competência e desenvoltura até 1942. Uma obra que marcou sua passagem pela Administração Pública do Município foi a mudança do manancial de água da cidade, do "Chico Porto" para a "Rosária", onde funciona até hoje e que foi também uma das razões da denominação da rua que conduz até aquela represa, com seu nome. Iniciou também os serviços de pavimentação das ruas centrais da cidade com pedras recostadas (paralelepípedos). Foi durante toda sua vida, devoto fervoroso de Nossa Senhora do Belém, estando sempre intimamente ligado aos movimentos religiosos, tendo despontado com um dos mais eficientes colaboradores da construção de nossa majestosa Igreja Matriz.

Curiosidade: Nos arquivos da Prefeitura Municipal consta o Decreto Municipal de nº 44/69 de 5 de novembro de 1969, assinado pelo Prefeito Deolindo Zaffalon, no qual denomina Carlos Púlici a Praça de Santa Cruz das Almas. Este Decreto seria revogado posteriormente através do Decreto de nº 760 de 5 de junho de 1978 do Prefeito Mauro Benedito de Lima, com base em contrato celebrado entre a Prefeitura e a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém com autorização do Arcebispo Metropolitano de Campinas, D. Paulo de Tarso Campos. Referido contrato firmava que o nome da Praça seria Santa Cruz das Almas.

CARMINE PASCHOAL - RUA - DISTRITO INDUSTRIAL COSMO FUZARO NO BUTIPA - Lei 2.295 de 23 de julho de 2.003 de autoria do Vereador Luís Antônio Panone, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Carmine Paschoal nasceu no dia 27 de outubro de 1.901, filho de José Paschoal e Rosa de Falco Paschoal, imigrantes italianos. Foi casado com Maria Maliverni, com quem teve os filhos: Rosa Paschoal, Maria Aparecida Paschoal e José Paschoal Neto. Profissões: Quando ajudava o pai que era carroceiro. Jovem foi para São Paulo onde aprendeu a trabalhar como alfaiate. Posteriormente a pedido do pai, voltou para Descalvado para ajuda-lo em seus negócios. Trabalhou como motorista de caminhão de propriedade do pai. Ajudou-o também no armazém de secos e molhados. Fundou e organizou uma fábrica de tecidos de algodão com vários sócios. Saiu da sociedade alguns anos depois e constituiu nova firma de tecidos, também de algodão. Depois de vários anos de atividades, liquidou a mesma e se aposentou. Foi grande incentivador na formação de uma granja avícola para seus filhos. Por vários anos foi nomeado sub-delegado, cargo que exerceu com responsabilidade, sendo muito atuante.

CASA DA DEMOCRACIA - Sede do Poder Legislativo na Avenida Presidente Kennedy, número 675 - Lei 2.460 de 05 de novembro de 2.004 de autoria do Vereador Tomás Vita, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Inaugurada em 08 de novembro de 2.004.

CATARINA FRANZIN TRALDI - RUA NO PARQUE UNIVERSITÁRIO - Lei 2.286 de 02 de julho de 2.003 de autoria do Vereador Tomás Vita, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Sititante e comerciante.

CEARÁ - RUA - JARDIM ALBERTINA - Estado brasileiro

CELESTE FILLA - RUA - JARDIM DO LAGO - Lei 1929 de 03 de dezembro de 1.999. Comerciante

CELESTINO SILVESTRE - LOGRADOURO ADJACENTE À IGREJA SANTA TEREZINHA NO BAIRRO DO BUTIÁ - Lei 2.812 de 26/09/07 de autoria do Vereador Antonio Carlos Reschini, sanciona pelo Prefeito José Carlos Calza. Celestino Silvestre e sua esposa Nair Correa Silvestre cederam à Prefeitura Municipal de Descalvado a área superficial de 1.759,55 metros, adjacente à Igreja de Santa Terezinha, possibilitando à Fábrica da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém criar a comunidade de Santa Terezinha no Bairro do Butiá.

CELSO APARECIDO ASSONI - RUA - BAIRRO NOVO SÃO SEBASTIÃO E PRAÇA NO JARDIM PARAÍSO - Engenheiro agrônomo. Nasceu na Fazenda São Pedro, no município de Descalvado, no dia 3 de outubro de 1951. Estudou na escola da fazenda onde morava até o 2º ano do 1º grau. Depois disso veio para o município de Descalvado, estudar na EEPSP José Ferreira da Silva, onde cursou do 3º ano do 1º grau ao 3º ano do 2º grau. Fez o curso extensivo em Piracicaba e no ano seguinte estava freqüentando e estudando na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias "UNESP" de Jaboticabal. Em 21 de julho de 1978, formou-se em

medicina veterinária. Casou-se e teve dois filhos. Especializou-se em Avicultura e Inseminação Artificial. Participou da diretoria de diversos movimentos estudantis como Grêmio Estudantil, “Eagle’s Club” em movimentos como a Semana do Jovem, Carnaval de Rua, Ornamentação das ruas para as procissões de Corpus Christ, etc. Faleceu em 9 de junho de 1987, estando sepultado no cemitério municipal.

CENTENÁRIO - PRAÇA - CENTRO - Centenário da Independência - recebeu esta denominação a partir da inauguração do obelisco, em homenagem ao centenário da proclamação da independência em 7 de setembro de 1922.

CERRADO - PRAÇA AO LADO DO CAIC NO PARQUE MORADA DO SOL. Tipo de vegetação caracterizado por árvores baixas, retorcidas, em geral dotadas de casca grossa e suberosa, espaçadas, e que leva por baixo tapete de gramíneas. Ocorre no Planalto Central Brasileiro, na Amazônia, em parte do Nordeste, e muito pouco no Sul.

CID MUNIZ BARRETO (Dr.) - CAIC - Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente - Parque Morada do Sol - Industrial - Diretor Presidente da Mineração Jundu, idealizador do Projeto Criança de incentivo à prática dos esportes na infância e na juventude. O CAIC foi inaugurado em 16 de dezembro de 1995, sua área comporta quadra de esporte coberta e descoberta, refeitório, anfiteatro, teatro de arena, salas para oficina, recreação, música, laboratório, biblioteca, creche, pré escola, centro de atendimento odontológico e à saúde. Oferece cursos de bordado, pintura em tecido, crochê, decoração em cerâmica, reciclagem de papel, eletricitista dentre outros.

CEZAR MARTINELLI - Perimetral - Nascido em Santa Cruz da Estrela, casou-se com Luiza Pinto Martinelli. Veio para Descalvado na década de 50 onde adquiriu o Posto de Gasolina localizado na confluência das avenidas Guerino-Oswaldo com Coronel Rafael Tobias e a Casa Pinca de secos e molhados localizada na confluência da avenida Coronel Rafael Tobias com rua José Rodrigues Penteado, prosperou no ramo fundando a tradicional Casa Martinelli.

CLÓVIS ALVARES FERREIRA JÚNIOR - RUA - JARDIM DO LAGO - Lei 1943 de 03/12/99 do vereador Henrique Fernando do Nascimento. Comerciante, industrial e proprietário da Marmitaria Camila.

CLÓVIS FARIA FERREIRA (DR.) - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - dentista - político - líder ruralista. Clóvis Faria Ferreira (Lolô), nasceu no dia 15 de outubro de 1902 em Descalvado. Era filho de José Bento Ferreira e Elisa Faria Ferreira. Casado com Olga Álvares Ferreira, com quem teve três filhos. Estudou no primário na Escola de São Sebastião em Descalvado e no curso superior da Faculdade de Odontologia de Pindamonhangaba. Formou-se cirurgião dentista porque era seu ideal, exercendo a profissão durante 54 anos em Descalvado. Foi político atuante por muitos anos, chegando a ocupar a Prefeitura Municipal por tempo provisório, como prefeito nomeado de 1930 a 1931 durante o Estado Novo de Vargas. tendo sido Vereador por dois mandatos, durante a 1ª Legislatura de 1948 a 1951 e na 3ª Legislatura de 1956 a 1959. Nos dois períodos foi suplente, tomando posse por renúncia dos titulares. Além de dentista, foi pecuarista, agricultor e avicultor, sendo um dos fundadores da Cooperativa Agrícola Mista do Vale do Mogi-Guaçu e Presidente da Associação Rural de Descalvado, transformando-se num grande líder ruralista.. Foi fundador da Sociedade Hípica Descalvadense e depois de sua dissolução doou sua parte e muito lutou para que todos os sócios doassem o patrimônio para o Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense. Faleceu com 57 anos de idade no dia 28 de novembro de 1977.

COMÉRCIO (PRAÇA) - Atual Estação Rodoviária Juvenal de Souza - Recebeu esta denominação quando no local funcionava o Mercado Municipal, inaugurado em 1.877, quando era Presidente da Câmara e Chefe do Executivo o Dr. Antônio de Camargo Campos. Depois funcionou neste lugar o primeiro Parque Infantil, denominado Maria Grassi em homenagem a menina que recebeu o Imperador Pedro II. O Parque foi inaugurado pelo Prefeito Jayme Regallo Pereira e a primeira professora foi Balkis Arruda Kastein. Funcionou alguns anos como Prefeitura Municipal, quando da construção do prédio da Prefeitura e Câmara Municipal na década de 60, quando Prefeito Deolindo Zaffalon. Depois foi sala de ensaios da Corporação Municipal Santa Cecília e Teatro Amador Juvenil e finalmente Estação Rodoviária Juvenal de Souza inaugurada em 8 de setembro de 1.971. O primeiro ônibus a encostar foi da Viação Santa Cruz.

CÔNEGO JOÃO OSÓRIO - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - Vigário - Lei nº 15 de 13 de março de 1964. O Cônego João Osório Marcondes nasceu na cidade de Taubaté, pertencente a tradicional família do Vale do Paraíba, fez os estudos primários em sua terra natal, ingressando depois no

Seminário Episcopal, onde foi ordenado Sacerdote, e depois lecionou francês, por diversos anos após sua ordenação. Designado Vigário da Paróquia de Descalvado, permaneceu entre nós até sua morte em 1936. Culto e bondoso, cultivou grandes amizades e soube aproximar descalvadenses de todos os credos. Em 1923 foi designado Capelão da Santa Casa de Misericórdia de Descalvado e do Asilo Imaculada Conceição.

CÔNEGO MANOEL ALVES - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - Vigário - Foi durante seu paróquio que foi inaugurada a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém no ano de 1935 com a colocação do altar mor da Padroeira, e a nova benção do Templo, dada pelo Segundo Bispo da Diocese de Campinas D. Francisco de Campos Barreto.

CONSELHEIRO ANTONIO PRADO - RUA - CENTRO - pelo Ato nº 03 de 26 de novembro de 1930 (Personagem da história brasileira). Antes denominada rua Nova, depois 7 de janeiro, depois Senador Lacerda Franco pela Lei 123 de 3 de janeiro de 1919. O Conselheiro Antonio da Silva Prado, filho de Martinho da Silva Prado e Veridiana Valeria da Silva Prado, nasceu na cidade de São Paulo aos 25 de fevereiro de 1840. Em 15 de outubro de 1861, formou-se em ciências jurídicas e sociais, tornou-se grande estadista, parlamentar, jornalista, chefe de partido, industrial, diretor de banco e agricultor. Como homem político, primou sempre por uma dedicação sem limites à causa do partido, impondo a si mesmo um solene compromisso: o do trabalho livre na pátria livre. Ideal este culminado com a promulgação em seu gabinete da Lei Áurea em 1888. Com a Proclamação da República, ocupou a função de Prefeito Municipal da cidade de São Paulo, onde deixou inolvidáveis traços da sua passagem na administração pública. Na sua vida privada ocupou o cargo de Presidente em diversas companhias industriais e comerciais como a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, Companhia Prado Chaves, Companhia Frigorífica e Pastoral, Companhia Vidraria Santa Marina.

CORONEL ANTONIO ALVES ARANHA - RUA - CENTRO - Político. Lei 158 de 16.01.26, antiga rua Campos Salles, mudou sua denominação em 1926, quando a Câmara Municipal através de lei, resolveu homenagear o Coronel, proprietário das fazendas de café: São João da Aliança, Baixadão, Bela Vista, Morro Alto e Campo, onde possuía uma fábrica de laticínios.

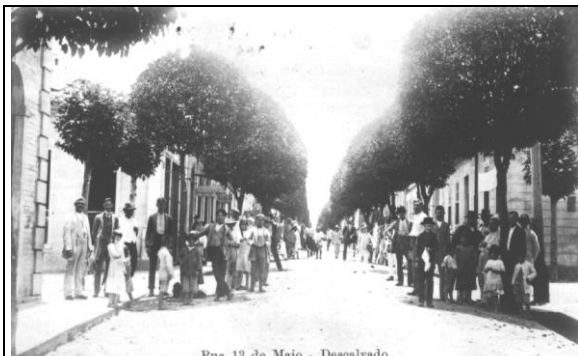
Como comerciante, possuiu máquinas de benefício de café e arroz, além de uma lenhadora. Eleito Vereador para a legislatura de 1917/1920, renunciou ao mandato em 3 de março de 1918, conjuntamente com os Vereadores Alfredo Aguiar de Barros, Antonio Henrique D’Arruda Camargo e Segismundo Chaves dos Santos, quando declararam que deixavam os cargos *“uma vez que não eram políticos e que o primeiro ano de mandato da Câmara foi de todo improficuo para a municipalidade, e os outros dois anos restantes, teriam o mesmo resultado.”* Homem de personalidade marcante, honrado e de caráter, com coração extremamente generoso, voltado à pobreza e que exercia forte influência nas decisões que regiam os destinos do Município. Foi um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia de Descalvado e do Asilo de Orfãos Imaculada Conceição. Quando faleceu, em 15 de abril de 1924, ocupava a Presidência da extinta Sociedade Beneficente dos Morféticos de Descalvado. Fez parte da Sociedade “Fratellanza Italiana” e Sociedade de Socorros Mútuos “Treze de Maio”. Nascido e criado que foi sob os ensinamentos da Igreja Católica, jamais abandonou a pobreza que lhe batia às portas, auxiliando a todos que a ele recorriam. Está sepultado em nosso cemitério municipal, ao lado de sua primeira esposa Dona Amaria Amelia de Campos Aranha.

CORONEL ARTHUR WHITAKER - RUA - CENTRO - Político. Nome que recebeu a antiga rua das Taipas do Amorim, depois rua Alegre, para homenagear em vida, por iniciativa do Vereador Benedicto Pereira da Rocha pela lei de 2 de junho de 1902, o Cel. Arthur Horácio D’Aguiar Whitaker, casado com Dona Elisa de Carvalho Whitaker, pai de “Finita” (falecida com 8 anos) e filho de Guilherme Whitaker, proprietário da Fazenda São Miguel. Político ilustre, foi Vereador durante o Império, na 6ª Legislatura, de 1883 a 1886. Durante o período republicano voltou a ser Vereador na 1ª Legislatura de 1892 a 1896, e na 3ª Legislatura de 1899 a 1902, ocupando a Presidência do Legislativo nos anos de 1883, 1886 e 1899. Fez parte da Comissão que lutou pela implantação da ferrovia em Descalvado. O Cel. Arthur Whitaker faleceu no ano de 1906, com 68 anos, estando sepultado em nosso Cemitério Municipal.

CORONEL MANOEL LEME - RUA - CENTRO - Fazendeiro - Lei 123 de 3 de janeiro de 1919, antes denominada Rua da Esperança e Municipal. Recebeu esta denominação em 1959, substituindo o nome original de Rua

Municipal, em homenagem ao ilustre e benemérito cidadão Coronel Manoel Alves de Oliveira Leme, nascido no ano de 1832, vindo a falecer em 17 de fevereiro de 1921, contando com a elevada idade de 89 anos, em sua residência que ficava na esquina das ruas Bezerra Paes com 24 de outubro. Não ocupou cargo público mas foi pai do Coronel Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho, político ilustre de Descalvado, tendo ocupado o cargo de Presidente da Câmara Municipal. O Cel. Leme foi fundador da Santa Casa de Misericórdia de Descalvado, tendo integrado a diretoria de diversas entidades beneficentes e religiosas de nossa terra. Está sepultado em nosso cemitério municipal.

CORONEL RAFAEL TOBIAS - AVENIDA - CENTRO - ESCOLA ESTADUAL - Político. Recebeu esta denominação oficial após o falecimento do Cel. Rafael Tobias no ano de 1902, antes era denominada rua Uruguayana por lei de 1867. Entretanto sua primeira denominação popular foi rua do Tenente Tobias, por ali residir o cidadão Rafael Tobias. É uma das mais antigas, tradicionais, e das maiores ruas de nossa cidade, com aproximadamente 2.200 metros. Tem início no leito da FEPASA, na confluência com a Avenida Lázaro Timóteo do Amaral que demanda ao Bairro de Santa Cruz. Recebeu através dos tempos, 3 denominações.



Rua 13 de Maio - Descalvado
Avenida Guerino-Oswaldo, antiga 13 de maio, no início do século

Inicialmente rua do Tobias, como referência ao então Tenente Tobias que nela residia. Com a emancipação política, seu nome oficial foi Rua Uruguayana. Em 23 de janeiro de 1892 a Câmara Municipal quis denominá-la Bezerra Paes, em homenagem a ilustre político e cartorário, que entretanto não aceitou a homenagem. Em 1902, passou definitivamente para Rua Coronel Rafael Tobias, em homenagem a este eminente cidadão. Na década de 60, o Prefeito Deolindo Zaffalon asfaltou as quadras iniciais da rua e mudou sua denominação para Avenida Coronel Rafael Tobias. Mas quem foi o Coronel Tobias? Nasceu no dia 2 de maio de 1832, vivendo 70 anos, vindo a falecer em Descalvado, no dia 31 de dezembro de 1902, vítima de arteriosclerose. Iniciou sua vida profissional, dedicando-se 20 anos ao comércio, depois sucedeu a seu pai como proprietário das fazendas São Rafael, São Salvador, Bandeira, Ibiuarinha e Palmira, na época do apogeu do café. Lutou para que Descalvado obtivesse sua Emancipação Política no ano de 1865, libertando-se do jugo dos políticos de Araraquara. Concorrendo a vereança, na primeira Legislatura, ficou com a primeira suplência. Elegeu-se para a segunda Legislatura, de 1869 a 1872. Voltaria a concorrer na 5ª Legislatura, sendo eleito Presidente da Câmara no biênio 1881/1882. Os registros da Câmara Municipal mostram que foi político sereno e tolerante, admirado até pelos adversários, em época que se caracterizava pelo grande calor das lutas partidárias. Participou ativamente de todos os movimentos de Descalvado na época, qual seja, a vinda do primeiro trem, a recepção ao Imperador Pedro II, a reforma da Igreja Matriz, implantação da energia elétrica no município e criação do Grupo Escolar “Coronel Tobias” que o adotou como patrono. O Imperador Pedro II, reconhecendo os dotes desse brilhante idealizador, agraciou-o com a comenda da “Ordem da Rosa”, que era entregue somente a quem preenchesse uma verdadeira seleção de valores.

COSMO FUZARO - Distrito Industrial do Bairro do Butiá - Proprietário rural no bairro do Butiá.

CRAVOS - Flor - Rua do Parque Morada do Sol O craveiro é uma das plantas ornamentais de mais difícil cultivo, requer solo seco, luz e calor abundantes, terra solta e fértil. Reproduz-se por sementes e por estacas. Há centenas de variedades, sendo o mais comum o Cravo de Defunto.

CRUZEIRO DO SUL - AVENIDA - BAIRRO SANTA CRUZ

CYRILLO BORTOLETTO - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - comerciante. Cyrillo Bortoletto, nasceu na cidade de Treviso na Itália no dia 17 de fevereiro de 1903. Veio para o Brasil como imigrante para trabalhar na lavoura de café na cidade de Campinas, de propriedade de “Orozimbo”. De Campinas foi para “Rocinha” atual Vinhedo, na Fazenda Bela Vista. Em seguida foi para Americana, onde se casou com

Luiza Pinese Bortoletto com quem teve dois filhos. Nessa cidade teve depósito de pinga, bar e dois moinhos de fubá. Mais tarde comprou uma fazenda de sociedade com um tio, no município de São Carlos, de nome “Fazendão”. Veio depois a adquirir as fazendas Santa Justa, Santa Carolina, São Salvador e Estiva em Descalvado e uma fazenda no município de Brotas. Foi proprietário do “Haras Ingá”, pois na época do “Fazendão” despertou seu gosto pela criação de cavalos de corrida do qual era apaixonado. Participava de corridas de raia, tendo cavalos nos Jôqueis Clubes de São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro. Sua paixão por cavalos era tão grande que não perdia corridas inclusive no sul do país e na Argentina de onde trazia cavalos para Descalvado. Doou para a municipalidade sem qualquer ônus toda a área de terra onde foi construído o primeiro reservatório de água submerso da cidade e onde hoje está localizado o Serviço de Água e Esgoto e a Praça Deolindo Zaffalon. Em reconhecimento ao seu trabalho que muito divulgou o nome da cidade, recebeu o nome de uma rua no Bairro Jardim Belém onde teve sua propriedade.

DAELCEO FARIA DA CUNHA - RUA - JARDIM DO LAGO - Lei 1928 de 03 de dezembro de 1999 do vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves. Industrial proprietário da Fábrica de Doces Zula. Esportista jogou pelo CERD - Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense e pelo CAP - Clube Atlético Pirassununguense. Conselheiro do Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense, Diretor Benemérito do Lar Educacional Descalvado e Asilo São Vicente de Paulo. Casado com Walkiria Kastein Faria da Cunha com quem teve 4 filhos. Faleceu no dia 8 de maio de 1.995, estando sepultado no Cemitério de Descalvado.

DALTAYR ANACLETO POZZI: Centro de Lazer do Trabalhador localizado na Rua Maestro Francisco Todescan - Bairro Novo Jardim Belém. Lei 2.622 de 22 de março de 2.006 de iniciativa do Vereador José Dias Bolcão, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Filho de tradicional família descalvadense, destacou-se em nossa cidade no campo esportivo como atleta e treinador das mais diversas modalidades esportivas. Foi fundador e primeiro Presidente da Comissão Municipal de Esportes - CME, que funciona neste Centro de Lazer e concentrada todas as competições e campeonatos municipais. Destacou-se também como educador, exercendo as funções de professor em diversas escolas e Diretor da Escola Estadual José Ferreira da Silva. Participou da Diretoria de Diversas entidades. Foi por duas vezes Presidente do CERD e fundador da Società Fratellanza Italiana di Descalvado. Tem seu nome também no Ginásio de Esportes do Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense.

DALVA MARIA SARTORI ZAFFALON - QUADRA DE ESPORTES DA EEPG CORONEL TOBIAS - Esposa do Prefeito Deolindo Zaffalon

DANTE SASSI - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - comerciante - proprietário de armazém de secos e molhados na rua Barão do Descalvado.

DARCY APARECIDO FILLA - RUA - RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ - Lei 2.384 de 8 de março de 2.004 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Nasceu em Descalvado, aqui constituindo família, foi comerciante, proprietário rural e sempre ligado aos movimentos sociais e filantrópicos da cidade.

DEOLINDO ZAFFALON - PRAÇA - JARDIM BELÉM - Prefeito Municipal. Deolindo Zaffalon era filho de Ferdinando Zaffalon e Luiza Fajan Zaffalon, ambos italianos que residiam na Fazenda Monte Olimpo e que depois com muito trabalho e economia acabaram adquirindo a Fazenda São José. Deolindo nasceu em 1º de fevereiro de 1918 e foi casado com Dalva Sartori Zaffalon com quem teve dois filhos. Político nato foi Vereador de 1956 a 1959 e Prefeito por três vezes de 1952 a 1955; 1960 a 1963 e de 1969 a 1972. Sua administração sempre se voltou ao interesse maior do Município e dos humildes e carentes. Dentre muitas obras que realizou destacase a construção do Serviço de Água e Esgoto no bairro Jardim Belém, do Paço Municipal onde hoje está a Câmara de Vereadores e da estação rodoviária. Em 1939 serviu o 4º Regimento de Artilharia Montada em Itú, como 3º Sargento da Reserva. Faleceu no dia 13 de abril de 1.983, seu corpo foi velado no Plenário da Câmara Municipal e sepultado em nosso Cemitério Municipal.

DESCALVADO - AVENIDA - JARDIM COLONIAL. Em 25 de outubro de 1982, pelo Decreto 1039 do Prefeito Mauro de Lima, deu-se o nome a esta avenida, em homenagem ao

nome da cidade que deriva de um morro sem vegetação que deu nome a cidade, localizado ao sul do município com altura aproximada de 750 a 900 metros. Conta-se que na primeira metade do século XIX, os tropeiros que vinham da região de Rio Claro com destino a Araraquara, davam como referência o “Morro Descalvado”, ou seja um morro desprovido de vegetação no seu topo, que se avistava de longe sinalizando a rota desejada.

DESCOBRIMENTO – BRASIL 500 ANOS (PRAÇA) Ao lado do Centro de Convivência Professora Maria Aparecida Fioroni Kastein Inaugurada em 7 de setembro de 2.000 registrando a passagem dos 500 anos do Descobrimento do Brasil.

DIAMANTINO LOPES - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ - Proprietário da Piscina do Diamantino construída em 1934 onde hoje é a Vigor. Foi proprietário de uma pedreira de onde foram extraídas as primeiras pedras para o calçamento de Descalvado. Foi também corretor.

DIRCE SARTORI SERPENTINO (PROFª) - ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DO JARDIM ALBERTINA – Educadora. Filha de Fernando Sartori e Luiza Biffi Sartori, nasceu em Descalvado no dia 18 de maio de 1924. Fez o curso primário no Grupo Escolar Coronel Tobias, ginásio e escola normal no Instituto de Educação de Pirassununga, onde formou-se em dezembro de 1942. Lecionou na Escola Mista da Fazenda São José da Balisa, transferindo-se depois para a Escola Mista da Fazenda Jaguarandi em Descalvado. Algum tempo depois lecionou também na Fazenda Lagoa Alta, assumindo depois definitivamente no Grupo Escolar Coronel Tobias. Faleceu com 53 anos de idade, no dia 11 de maio de 1977, estando sepultada em nosso cemitério municipal. Lei 2.162 de 24/09/01.

DORCEU CLEMENTE FILA – RUA – RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei 2.383 de 8 de março de 2.004 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Nascido em Descalvado, casou-se com Eméia Santos Fila com quem teve 2 filhos. Foi Despachante Policial.

DOMINGOS GENTIL – Rua que interliga a Rua Hugo Pereira de Abreu com a Perimetral Cezar Martinelli – Lei 2.164 de 26/09/01 do Vereador Sebastião José Ricci. – Vejam a história de “Mingo Gentil” contada por *Luiz Carlindo*:

Descalvado perdeu no dia 4 de abril de 2.001 um de seus filhos mais ilustres, Domingos Gentil, o amigo que todos chamavam de “Mingo”. Como político foi Vereador na 2ª legislatura de 1.952 a 1.955, quando ocupou os cargos de 2º Secretário da Mesa em 1.952, 1º Secretário em 1.953 e Presidente da Câmara Municipal em 1.954. Industrial foi proprietário da Tecelagem Santa Catarina, produzindo tecidos de brim; comerciante, possuía uma loja chamada Exposição Gentil na rua Barão do Descalvado, 329. Nesta loja que vendia produtos eletrônicos entusiasmou-se pela televisão e foi quem trouxe os primeiros sinais de tv para Descalvado. No ano de 1.963 montou às suas expensas um transmissor de sinais para a extinta TV Tupi de São Paulo, que funcionou em sua fábrica de tecidos que ficava na rua Dr. Anastácio Vianna, altura do número 1.200. Naquela época a dificuldade era tanta que as antenas receptoras e transmissoras foram instaladas na ponta de eucaliptos com 20 metros de comprimento. Os sinais só melhoraram quando Mingo conseguiu com o Engenheiro Buri das Emissoras Associadas uma antena retransmissora voltada para Descalvado, partindo do repetidor daquela emissora em Analândia. Mais tarde em 1.968 doaria o transmissor para o Clube de Televisão de Descalvado que depois passaria para a municipalidade. A partir daí também foi o pioneiro na comercialização de aparelhos de tv. Inicialmente importados das marcas Hotpoint, Stromberg Carlson, Beckson, depois os nacionais Phillips, Telefunken, Colorado, Philco. Mas “Mingo” não foi somente comerciante e industrial. Entusiasta que era, participou de diversos movimentos, entre eles o Clube de Fotografia de Descalvado. Preocupado com o ensino, no ano de 1.959 obteve junto ao Ministro Chefe da Casa Civil do Presidente Juscelino Kubitschek, a autorização para funcionamento em Descalvado da Escola Técnica de Comércio, hoje Escola Oito de Setembro. Devo destacar que durante o primeiro ano de atividades da escola, não foi cobrada nenhuma mensalidade dos alunos matriculados, correndo todas as despesas, inclusive remuneração dos professores por conta de Mingo, sem qualquer subsídio dos poderes públicos. A Escola começou a funcionar junto ao Grupo Escolar Coronel Tobias. Depois Domingos Gentil adquiriu um imóvel na rua Bezerra Paes, 134, que foi adaptado de acordo com as exigências legais, permitindo inclusive a vinda do Centro Educacional SESI-205 para Descalvado, que ali funcionou de 1.964 a 1972. Mingo, viveu

intensamente a vida, sei disso porque tive a felicidade de participar com ele de momentos inesquecíveis em Jupia, às margens do Rio Paraná. Era um contador de histórias, nos papos que mantínhamos, enriqueceu muito meus conhecimentos sobre a história de Descalvado. Hoje ele está junto dos seus amigos do lado de lá, mas sua memória estará sempre presente em nosso coração.

DOM LINO - SALTO DO RIO DO PÂNTANO - Bispo de São Paulo. A pouco mais de 8 km da sede urbana, nas proximidades da antiga estação do mesmo nome, o rio do Pântano, cuja nascedouro é próximo das divisas de Descalvado com Analândia, engolfa suas águas mansas no imenso boqueirão que se abre, de repente, em seu curso, formando o belíssimo acidente geográfico mais conhecido por Salto do Pântano, de cerca de 42 metros de altura. A bem da verdade, é necessário que se diga que o seu verdadeiro nome não é Salto do Pântano (denominação arraigada na mente do povo), mas sim Salto Dom Lino. Por que tal denominação? Respondamos com nossa história municipal: Vindo da cidade de São Carlos em demanda na cidade de Descalvado onde realizaria sua primeira visita pastoral, no ano de 1883, hospedou-se Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, Bispo da Diocese de São Paulo, à qual pertencia então, nossa paróquia, na Fazenda Jangada Brava, mais tarde Graciosa e de propriedade de Sebastião Fortunato de Oliveira Penteado. Visitando o belíssimo acidente geográfico pertencente, na época, à mesma propriedade agrícola, ante a admiração do grande antistite, que se mostrou embevecido com o poético da cachoeira, seu hospedeiro denominou-o, então, Salto Dom Lino. Com o tempo, porém, essa denominação foi sendo esquecida, sendo absolvida, afinal, pelo de Pântano, nome do rio que o forma.

DOM PEDRO II - RUA - VILA MELKI - Imperador do Brasil - Lei nº 15 de 13 de março de 1964. Denominação dada em homenagem ao segundo Imperador do Brasil, que chegou ao poder pela abdicação de seu pai D. Pedro I. Na época Pedro II possuía apenas 5 anos de idade e de acordo com a constituição só teria condições de ser coroado quando completasse 18 anos. Seu pai antes de partir nomeou José Bonifácio de Andrade e Silva, como tutor. O Brasil foi governado por regentes até a maioria do Imperador. Os primeiros dez anos do governo destinaram-se a pacificar o país. Depois dedicou-se ao desenvolvimento e progresso, com muito incentivo social, cultural e econômico.

DRACENAS – RUA – PARQUE MORADA DO SOL – Nome de planta. Gênero de subarbustos ornamentais da família das liliáceas, de folhas variegadas, flores alvas, amarelo-pálidas, alvo-esverdeadas ou purpúreas, exteriormente, e alvas interiormente, dispostas em panículas terminais e cujos frutos são bagas carnosas, pequenas e alaranjadas.

EDNA MARIA DO AMARAL MARINI – Escola na Rua Padre Jeremias José Nogueira no Bairro de Santa Cruz, criada pela lei 1828 de 26/03/99 – Professora descaldense, faleceu em 19 de março de 1.992 com 49 anos. Licenciada em Pedagogia pela Instituição Moura Lacerda em 1963. De 1965 a 1969 foi professora na cidade de Santa Rita do Passa Quatro. Em 1.970 foi professora primária em Franco da Rocha e depois por vários anos lecionou em Descalvado. Teve formação musical no Conservatório da PUC em Campinas, Tocava acordeão. Diplomou-se neste instrumento em Campinas, no Instituto Musical e Cultural “Dr. Gomes Cardim”. Suas partituras e estudos foram doados à Biblioteca Municipal de Descalvado. Filha de Maury Timótheo do Amaral que foi vereador em Descalvado por várias legislaturas e Edna Ricci do Amaral. Foi casada com Afonso Marini.

EGYDIO PREVATO - RUA - BAIRRO NOVO JARDIM BELÉM - comerciante proprietário da Selaria Prevato.

ELIAS SALIM CAUCABENE - RUA - JARDIM DO LAGO - Proprietário rural. Elias Salim Caucabene, filho de Salim Elias Caucabene e Sophia Calfat Caucabene, nasceu em 29 de junho de 1911, na cidade de São Paulo. Era casado com Georgina Cecchini Caucabene, com quem teve três filhas. Chegou a Descalvado com 31 anos de idade, no ano de 1942, onde comprou a Fazenda Ibijuba, que depois vendeu, comprando a Fazenda Bela Vista com a qual ficou até o ano de 1950. Depois de casar-se com Dona Georgina, Elias Caucabene mudou-se para a cidade de Monte Mor onde comprou outra fazenda. Depois de dez anos retornou a Descalvado, adquirindo a Fazenda São Miguel, onde ao longo de vinte anos transformou-a totalmente, colocando em campo toda sua habilidade de bom administrador, alimentado por um profundo sentimento de amor ao trabalho. Morreu no dia 31 de janeiro de 1982, em Descalvado, estando sepultado no cemitério municipal.

ELIAS STEFANI - RUA - BAIRRO NOVO SÃO SEBASTIÃO - Foi fiscal do DER e depois proprietário de armazém de secos e molhados na avenida Guerino-Oswaldo.

ELISA MIGLIATI BIAGI - RUA - JARDIM RICARDO CEZAR - Lei 1635 de 6 de novembro de 1996 de autoria do vereador Antonio Carlos Rischini. Nascida em 25 de março de 1916, foi casada com Manoel Biagi que foi proprietário da Fábrica de Móveis São José. Faleceu em 22 de fevereiro de 1992, está sepultada em nosso cemitério municipal.

EMÍLIO BELLI - RUA - BAIRRO NOVO SÃO SEBASTIÃO - comerciante.

EMÍLIO BORTOLETO - RUA NO BAIRRO RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ - Lei 2.362 de 18 de dezembro de 2.003 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Emílio Bortoletto nasceu na cidade de Americana em 9 de abril de 1.910. Faleceu em Descalvado onde está sepultado.

EMÍLIO MUSSOLINI - RUA - JARDIM BELA VISTA - comerciante. Nasceu na cidade de Ospedaletto na Itália, no ano de 1869. Veio para o Brasil em 1879, com apenas 10 anos de idade. Radicou-se na cidade de Santa Rosa do Viterbo, trabalhando como lavrador, depois abriu uma pequena fábrica de macarrão. Mais tarde casou-se com Ana Saran, com quem teve dois filhos. Na década de 30 a família Mussolini veio para Descalvado, onde instalou um bar na esquina da Avenida Guerino-Oswaldo com rua Bezerra Paes, conhecido como “Bar Mussolini” que funcionou por mais de 50 anos. Faleceu em Descalvado no ano de 1944, com 75 anos de idade.

ESPANHA - RUA - PORTAL DOS COQUEIROS - Nome de país.

ESTRADA MUNICIPAL - RUA - JARDIM DO LAGO

ESTUDANTES - PRAÇA - ao lado da Escola Padre Orestes Ladeira.

ETELVINA DA MATTA - RUA - JARDIM DO LAGO - De cor negra, foi servente do Grupo Escolar Coronel Tobias

EUCLIDES DA CUNHA - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - escritor brasileiro, autor de “Os Sertões”. Lei nº 15 de 13 de março de 1964

Escreveu o poeta e historiador *Prof. Gérson Álfio De Marco* em sua obra *EU CONTO DESCALVADO*: “O pai do grande escritor brasileiro Euclides da Cunha é baiano e está radicado, há anos, no Município de Descalvado, onde possui a Fazenda Trindade. Euclides passou diversas férias na mesma e, ao ir para Canudos, deixa sua família, na propriedade de seu progenitor. Finda a guerra de Canudos, Euclides da Cunha vem para a Fazenda Trindade. Cumpridas suas obrigações de jornalista e saudosos de sua família.” Conclui o historiador dizendo: “que embora seja um ponto muito controverso e discutido, Waldomiro Silveira, grande contista regional e Sampaio Vital, um dos maiores amigos do escritor, afirmam que Euclides nasceu em Descalvado.” O jornalista Mathias Arrudão, cronista do Jornal “O Estado de São Paulo”, nas décadas de 40 e 50 ia mais além ao afirmar em um artigo do Estadão datado de 19 de maio de 1948 e transcrito na edição 831 do Jornal O Comércio de 22 de agosto de 1948, e que nos foi gentilmente cedido pelo colaborador José Antonio Cereda que “OS SERTÕES” foram escritos em Descalvado. Abaixo transcrevemos na íntegra o artigo do jornalista: O monumental livro de Euclides foi escrito em Descalvado. “Os Sertões” surgiram da pena do maravilhoso estilista num solar descaldense, conhecido de quantos ali viveram em fins do século XIX.

Vale a pena recordar a história: Euclides da Cunha era filho de Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, proprietário da Fazenda Trindade, no Município de Descalvado, posteriormente desmembrada e transferida em parte para São Carlos. Frequentou a Escola Militar e dela foi afastado por causa de um incidente em que revelou inextinguível firmeza de caráter. Dedicou-se ao jornalismo e foi por assim dizer o primeiro repórter brasileiro. Enviado a Canudos, escreveu uma série de artigos ao “O Estado de São Paulo”, a cujo corpo de redatores pertenceu, ultimamente reunida em volume sob o título “A Campanha de Canudos”. Casou-se. Veio para a fazenda do pai e escreveu “Os Sertões”. Depois se mudou para São José do Rio Pardo, onde construiu a ponte que é um dos orgulhos daquela cidade da Mogiana. Na cabana, cujo culto chega a ser comovedor, deu os derradeiros retoques na obra e mandou passá-la a limpo. Posteriormente, circunstâncias trágicas lhe roubaram a vida. Sua esposa, porém, *que ainda vive*, é uma testemunha idônea, pelo menos dos fatos relativos ao trabalho do escritor. É a senhora Ana Sólton de Assis quem afirma que o livro “Os Sertões” foi escrito na Fazenda Trindade, e não na casinha de zinco ao lado da ponte em São José do Rio Pardo. “Foi lá que Euclides da Cunha trabalhou no livro, escrevendo dia e noite. Como tinha uma “letra mesquinha”, no dizer do

Rangel, pagou a um rapaz para passar tudo a limpo em caracteres legíveis. Na noite em que a obra ficou pronta, Euclides teve a primeira crise. Encontrei-o banhado em sangue no quarto de dormir. Passamos ainda três meses na fazenda. Depois ele foi construir a ponte de São José do Rio Pardo. A cabana onde dizem que Euclides escrevera “Os Sertões” era apenas um ponto de reunião. Euclides trabalhava o dia todo. Ainda que o quisesse, não poderia escrever sob o martelar constante das bigornas”.

Eis aí uma verdadeira revelação. Note-se que o depoimento é confirmado pelos biógrafos do insigne escritor, os quais expressamente admitem que no mínimo dois terços do livro foram compostos na Fazenda Trindade: (“A terra” e “O homem”). A sede da Fazenda Trindade, para quem vai a São Carlos, fica logo após o Lageado, numa baixada à direita, onde a estrada de rodagem, correndo pelo espigão, vai alcançar a antiga mata Carlos Guimarães, num lugar adequado para que os intelectuais descaldenses mandem erguer uma placa que comemora esse fato extraordinariamente auspicioso para nosso querido torrão”.

EUCLIDES FRANCO - LOGRADOURO PÚBLICO NA CONFLUÊNCIA DAS RUAS JOSÉ QUIRINO RIBEIRO E JOÃO GABRIELLI, NA VILA FRANCO. Lei 2.689 de autoria do Vereador Sebastião José Ricci, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Comerciante, agricultor - Logradouro localizado na confluência das Ruas José Quirino Ribeiro e João Gabrielli defronte o antigo Amarelinho. Euclides Franco, filho de tradicional família descaldense, aqui nasceu em 5 de fevereiro de 1922, filho de João Pedro Franco e Maria Brambilla Franco, e neto do Capitão Benvido Gonçalves Franco, que foi quem trouxe de Rio Claro para Descalvado a imagem de Nossa Senhora do Belém, conduzida por seu escravo Estevão em carro de boi de sua propriedade. Casou-se com Thereza Franzim em 25 de outubro de 1956 com a qual teve quatro filhos: Maria Thereza, Cristina Aparecida, Rosana do Carmo e Euclides José. Dedicou-se ao comércio de frutas em geral (laranja, abacate, manga, etc), sendo a laranja o carro-chefe de seu negócio. Todo produto era destinado inicialmente, para a cidade de São Paulo e, posteriormente para Sorocaba. O negócio prosperou rapidamente, tanto que pouco antes de sua morte havia um projeto para a exportação de frutas cítricas. Era muito conhecido na cidade e em toda região não somente pelo volume de negócios realizados com os proprietários de sítios e fazendas, mas principalmente pela sua honestidade e generosidade inquestionáveis; algumas vezes chegava a realizar a compra (com pagamento antecipado) do pomar de laranja e quando procurado pela pessoa com a qual havia feito o negócio e questionado por ele se não iria colher as frutas, apenas dizia que a revendesse, mas, garantisse, a ele a venda da produção da laranja da entressafra; pois era com as frutas da entressafra que o faturamento crescia de quatro a cinco vezes ou mais. Era conhecido também pelo apelido de **Quita Franco** por causa dos compromissos que assumia e cumpria; muitos desses compromissos eram feitos apenas na palavra, pois naquele tempo, como diziam aqueles que com ele conviveram, bastava o homem honrar o bigode que usava. Fato interessante: Atualmente as firmas compradoras de frutas cítricas fazem várias estimativas para se chegar ao número aproximado da produção de caixas de um pomar: primeiramente verifica-se a produtividade da safra anterior, a seguir observa-se a floração (fase do chamado chumbinho), depois faz-se novo cálculo quando as frutas estão mais ou menos do tamanho de uma bolinha de pingue-pongue, procede-se, então, a mais um cálculo quando estão do tamanho de uma bola de tênis, e, às vezes, a mais um cálculo. Diferentemente de tais firmas, o **Quita** olhava apenas uma única vez o pomar na florada e dizia qual seria sua produção. Destaque-se ainda que o logradouro está dentro de terras de sua família, daí o nome de Vila Franco.

EUCLIDES RODRIGUES DE SOUZA - RUA DO BAIRRO RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ - Lei 2.347 de 03/12/03 de iniciativa do Vereador Tomás Vita, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Euclides Rodrigues de Souza, conhecido como Didi, foi Administrador de fazendas, Funcionário da Polícia Civil foi responsável pelo Departamento de Trânsito muitos anos. Fundador e incentivador do CERD, Clube Esportivo e Recreativo Descaldense.

EUGÊNIO NOCENZO - RUA - VILA NOSSA SENHORA APARECIDA - barbeiro, proprietário do Salão Americano que na década de 20, ficava na Avenida Guerino-Oswaldo, na quadra entre a Avenida Coronel Rafael Tobias e Bezerra Paes. Com 35 anos de idade apaixonou-se por uma mulher da vida. A família o convenceu a viajar pela Europa para que pudesse esquecê-la. Quando retornou, sua barbearia já não possuía a mesma clientela de elite de antes. Desiludido abandonou tudo,

deixou a barba crescer e viveu como um “ermitão” até sua morte nos anos 60.

ÉZIO ANGELO DE MARCO - RUA – JARDIM SÃO FRANCISCO – Lei 1907 de 19 de outubro de 1.999 de autoria do vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves. Ézio Angelo De Marco filho de Raphael De Marco e Santina Giorgi De Marco nasceu em Descalvado no dia 26 de fevereiro de 1.918. Foi casado com dona Florinda Zerbetto De Marco com quem teve dois filhos. Foi bancário e proprietário da Telefônica Zerbetto que durante muitos anos foi concessionária dos serviços de telefonia em Descalvado. Amante dos esportes prestigiou muito o futebol em nossa terra, ocupando o cargo de Diretor do CERD. Faleceu em Descalvado onde está sepultado.

FELIPE ELIAS - RUA - VILA NOSSA SENHORA APARECIDA - comerciante, dono da Casa São Paulo, loja de tecidos na Rua José Bonifácio - Praça Nossa Senhora do Belém.

FELIPE GIANGOLA - RUA - VILA MUNICIPAL - comerciante. Nasceu em 19 de outubro de 1864 e morreu em 10 de junho de 1910. Era casado com Rafaela Giangola com quem teve 3 filhas.

FELÍCIO DE FALCO – RUA DO PARQUE UNIVERSITÁRIO – Lei 2.304 de 12 de agosto de 2.003 de autoria do Vereador Tomás Vita, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Felício de Falco nasceu em Descalvado, no dia 1º de outubro de 1.909, filho de Rafael de Falco e Maria Concilia Paschoal de Falco. Foi casado com Ilda Monzani de Falco. Felício foi motorista de caminhão juntamente com seus dois irmãos, da primeira transportadora dessa cidade, de propriedade do pai, Rafael de Falco, que à frente do novo negócio funda o primeiro “Expresso”. Em 1.935, Rafael de Fakci tornou-se sócio da Tecelagem Nossa Senhora do Belém Ltda, e colocou seu filho Felício à frente do novo ramo de negócio. Com o passar do tempo torna-se químico da mesma. Em 1.940 foi um dos fundadores do CERD, onde exerceu o cargo de Vice-Presidente nos anos de 1.940/42 e Diretor Social de 1.942/44, depois Diretor de Patrimônio. Faleceu aos 81 anos de idade em 7 de janeiro de 1.991, nesta cidade.

FELISBERTO BORTOLETTO - ESTÁDIO DO CERD - BAIRRO JARDIM BELÉM - comerciante - esportista - Presidente e Conselheiro do CERD

FERNANDO GABRIELLI - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - industrial. Assim denominada pelo Decreto 431 de 18 de junho de 1974. Fernando Gabrielli nasceu no dia 23 de dezembro de 1894, em Zagaroleo, Província de Roma, na Itália. Veio para o Brasil com sete meses de idade. Sua família estabeleceu-se no bairro do Butiá, na zona rural de Descalvado, trabalhando no cultivo do café. Mais tarde compraram um sítio e depois uma fazenda. Posteriormente fixaram residência na zona urbana, montando um armazém. Casou-se com Camila Morjatti Gabrielli. Em 1924 Fernando Gabrielli mais 4 irmãos, instalaram a Tecelagem e Fiação Santa Maria, transformando-se nos pioneiros da indústria em Descalvado. Mais tarde abriram a Tecelagem e Fiação São Gabriel. Dentre muitas de suas atividades foi diretor da Sociedade Hípica Descalvadense, fundador da Associação Rural de Descalvado, membro da Mesa da Santa Casa de Misericórdia, chegando a ser nomeado Prefeito Municipal had hoc no período de 1937 a 1938. Faleceu no dia 3 de outubro de 1967, com 73 anos de idade, estando sepultado no cemitério municipal.

FERNANDO ZAFFALON - RUA - JARDIM BELA VISTA - comerciante. Fernando (Ferdinando) Zaffalon nasceu na Itália na cidade de Veneza no dia 18 de março de 1977. Desembarcou no Porto de Santos no dia 1º de junho de 1891, quando contava com 17 anos de idade. Era casado com Luiza Zabian Zaffalon com quem teve 14 filhos. Sua atividade profissional era a de comerciante de café (escolha e corretagem).

FIRMINO COSTA – RUA – JARDIM CIDADE NOVA III – Lei 2.399 de 30 de março de 2.004 de iniciativa do Vereador Donald Daniel Calza, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Firmino Costa foi mestre de obras, responsável pela edificação do prédio da Santa Casa de Misericórdia de Descalvado.

FLORÊNCIA MARIA DE JESUS - PRAÇA PÚBLICA - AO LADO DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA. No início do século XIX, José Ferreira da Silva e sua mulher Florência Maria de Jesus venderam suas propriedades na cidade de Santo Antônio do Machado, no estado de Minas Gerais, e vieram para o sertão de Araraquara, adquirindo de José Alexandre Castilho, a fazenda Areias, onde hoje está nossa Descalvado. Ao lado do córrego da Prata, próximo a atual Vigor, construíram a sede da fazenda. Florência, da janela de sua casa constantemente olhava para a colina, onde hoje está a Praça da

Matriz, e ali sonhava construir uma capelinha para a Santa de sua devoção Nossa Senhora do Belém. Um dia adoeceu. Para que se recuperasse, seu marido José Ferreira da Silva, fez um voto: construir a capela e mandar fazer uma imagem de Nossa Senhora do Belém que tivesse a altura e o peso de Florência. O milagre aconteceu: Florência se curou, a capela foi construída e a imagem encomendada na Bahia. (Provisoriamente colocaram na Igreja uma pequena imagem da Santa; a original só chegaria a cidade anos mais tarde, depois da morte de Florência, e está lá até hoje). Ao lado da capela, aos poucos foi se formando um povoado. Florência então pediu ao marido que doasse uma gleba de terras a favor da Igreja, para que o pároco vendesse a quem interessasse ali residir, ficando o dinheiro para as obras de um novo templo. Começava a nascer a Vila do Belém do Descalvado. Em 10 de novembro de 1842, Florência e José Ferreira, em cartório da cidade de Rio Claro, passaram escritura definitiva de suas terras. Descalvado nascia oficialmente. Com a denominação, a Câmara paga uma dívida de 162 anos para com Florência Maria de Jesus. José Ferreira da Silva já havia sido homenageado, é nome de rua e de um dos mais tradicionais estabelecimentos de ensino. Florência estava esquecida, hoje denomina uma pequena praça, que coincidentemente fica bem próxima ao local onde residiu no início de nossos tempos.”

FLORENTINO CEREDA - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - comerciante

FLORES - AVENIDA - PARQUE MORADA DO SOL Órgão da reprodução sexuada das plantas superiores (fanerógamas). [Consta de folhas coloridas, distintas em cálice (externas) e corola (internas), formando, em conjunto, o perianto, de estames (produtores das células masculinas) e de gineceu (gerador das células femininas).] A flor representa um ramo fortemente comprimido, no qual os nós se tornaram muito aproximados. Pode ser: hermafrodita (com ambos os órgãos sexuais), masculina (se leva apenas estames) e feminina (quando possui somente gineceu).

FLORIANO FERRAZ DE CAMARGO (DR.) RUA – JARDIM RICARDO CESAR – Lei 1.934 de 03 de dezembro de 1.999 no vereador Luciano Laurindo Feliciano. Dr. Floriano Ferraz de Camargo de tradicional família descalvadense, filho de Júlio Ferraz de Camargo e de Ismênia Ferraz de Camargo, foi um destaque nos atos de bondade executados entre os seus semelhantes. A caridade, que é a maior das virtudes cristãs, era a vida cotidiana de Dr. Floriano e sua esposa Maria Bestetti (no registro, Sylvia). Na opinião de todos que o conheceram, formavam o casal mais completo e feliz. Juntos, faziam campanhas em prol de órfãos, pobres, velhos e eram solícitos em atender às necessidades dos menos favorecidos. Em determinados dias da semana, habitualmente, se dirigiam, com alimentos, ao Lar São Vicente, para lá prepararem uma refeição especial. Assim, ali, era sempre aguardada com ansiedade a visita de Floriano e Maria. Como dentista, Dr. Floriano prestava serviços às pessoas dos sítios e fazendas, muitas vezes gratuitamente, ou recebendo algum produto agrícola em pagamento, quando a situação financeira do cliente era melhor. Ratava também gratuitamente, os dentes dos presos da cadeia local, que vinham acompanhados por militares. Alguns desses presos, como gratidão, ofereciam a Dr. Floriano, caixinhas, cofres, produtos de trabalho artesanal, feitos com rolinhos de serpentina carnavalesca. Também prestou serviço como dentista no então Grupo Escolar Coronel Tobias. Exerceu também funções de Juiz de Paz a Juiz de Direito, durante as férias dos titulares. Sempre prestou ajuda à Matriz de Nossa Senhora do Belém, com doações, como parainfo de festas e acolhia cordialmente em sua casa os padres que por ela passaram, como párocos ou auxiliares. Embora tivesse herdado bens, com a morte dos pais, optou por empregá-los em gestos caritativos. Ao falecer deixou como herança à família, somente a casa que habitara e o seu nome de homem honrado e bom. Seus filhos são: Júlio Ferraz de Camargo (Neto), José Ferraz de Camargo, Jairo Ferraz de Camargo e Maria Sílvia Camargo.

FORTUNATO COSTA – RUA – JARDIM CIDADE NOVA III – Lei 2.400 30 de março de 2.004 de iniciativa do Vereador Donald Daniel Calza, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Filho de tradicional família descalvadense, sempre ligado aos movimentos filantrópicos e religiosos foi por longos anos um dos coordenadores da Cavalaria Antoniana.

FRANCISCO ANTONIO DE SOUZA QUEIROZ FILHO (DR.) - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - Primeiro Presidente da Câmara Municipal. Durante o Império a Câmara Municipal de cada comuna do Brasil, enfeixava em si, os poderes Executivo e Legislativo. Renovava-se, a Câmara, cada triênio. Dos seus integrantes, o mais votado de todos, por direito, tornava-se o Presidente da Câmara, e, como tal, o Chefe do Executivo. Descalvado elegeu a sua primeira Câmara

Municipal em 1865, empossando-se a mesma em 1º de janeiro de 1866, tal o determinava a lei do tempo. Nas eleições para a formação de nosso primeiro Legislativo, alcançou a maior votação o Dr. Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho e que, por isso mesmo, passou a ser o Presidente da Câmara e o Chefe do Executivo. O Dr. Francisco Antônio de Souza Queiroz Filho nasceu na capital da Província. Formou-se em 1857, em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo. Veio então, recém formado, para Descalvado, onde seus pais possuíam imóveis rurais. Pertencente ao Partido Conservador, vereou entre nós, de 1866 a 1869 e de 1870 a 1873. Transferindo-se para a Capital, foi Deputado Geral na 18ª Legislatura paulista (1881-1883). Foi também, interinamente, Presidente da Província, quando substituiu o Presidente Dr. José Luiz de Almeida Couto.

FRANCISCO BENINE (TIQUINHO) – Praça do Núcleo Pioneiro do Bairro de São Sebastião (antiga Praça Pioneiro, de denominação popular). Fica na confluência das ruas Jayme Whitaker Penteado com Pedro Salomão e José Paschoal. Lei 2.087 de 14 de fevereiro de 2.001 de autoria do Vereador Helton Antonio Venâncio. Funcionário Público Municipal, foi motorista do Gabinete do Prefeito por muitos anos. Faleceu no ano de 2.000 estando sepultado em nosso cemitério municipal.

FRANCISCO FERNANDO FARIA DA CUNHA - (PROFESSOR) - (CATITO) - ESCOLA DO JARDIM DO LAGO municipalizada em 12 de dezembro de 1.995 - Francisco Fernando Faria da Cunha, conhecido por Catito, foi filho de Sebastião Faria da Cunha e Elda Zaffalon Faria da Cunha, donos da Fábrica de Doces Zula. Nasceu em Descalvado, na fazenda Ibiçara no dia 2 de abril de 1933. Fez seu curso primário no Grupo Escolar Coronel Tobias a partir de 1941. Terminado o primário ingressou no curso ginásial na cidade de Pirassununga após um ano de preparatório que fez com sua tia Maria Flávia Rodrigues Faria da Cunha. Em 1948 foi criado o Ginásio Estadual de Descalvado, quando fez sua transferência para cá. Em 1950 como ainda não havia o Curso Normal em Descalvado, voltou a estudar na Escola Normal de Pirassununga. Em 1952 com a criação do Normal em Descalvado, voltou a estudar em sua terra natal, onde recebeu seu diploma de professor primário em 18 de dezembro de 1952. Foi um atleta exemplar, brilhou nos jogos regionais e no São Paulo Futebol Clube. Sabia fazer amigos e era muito admirado por todos. Seu sonho era ser catedrático, apaixonado por Matemática e Literatura. Infelizmente deixou-nos prematuramente com apenas 22 anos, mas em tão pouco tempo de vida teve uma participação ativa na vida de nossa cidade tendo lecionado no Curso Primário anexo à Escola Normal de Descalvado, hoje EEPSP José Ferreira da Silva. Faleceu no dia 1º de junho de 1955, estando sepultado em nosso cemitério municipal.

FRANCISCO RAVASI - RUA - JARDIM DO LAGO - comerciante, foi durante muitos anos Presidente da Diretoria do Asilo São Vicente de Paulo.

FRANCISCO RUIZ - RUA NO JARDIM CAMBARÁ - dono de carvoaria e transportadora de frangos, conhecido popularmente por “Paco”.

FRANCISCO XAVIER MACHADO - RUA - JARDIM DO LAGO - Juiz de Direito. Francisco Xavier Machado, filho do Capitão Elias D’ Oliveira Machado e de Laura Amélia de Campos Machado era natural de São Paulo. Formou-se advogado pela Faculdade de São Francisco. Foi professor, Delegado e Juiz de Direito em várias cidades do interior. Em Descalvado exerceu o cargo de Juiz de Direito de 1933 a 1937. Foi o Orador das solenidades, quando da chegada dos corpos dos heróis da Revolução Constitucionalista de 1932 - Guerino Mazzola e Oswaldo Reis.

Foi o autor da letra do Hino da Padroeira N.S. do Belém em 1949. Fixou residência em Descalvado, vindo a falecer na cidade de São Vicente.

GENÉSIO RODOLPHO (DR) – RUA RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei 2.380 de 27 de fevereiro de 2.004 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Advogado, nasceu em Descalvado aqui constituindo família.

GEORGINA LEFCADITO ALVARES – PROFESSORA – AUDITÓRIO DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA PROFESSORA MARIA APARECIDA FIORONI KASTEIN. Lei 2.053 de 7 de novembro de 2.000 de autoria do Vereador Silvio Bellini. Professora do Grupo Escolar Coronel Tobias, foi casada com Luiz Álvares Júnior com quem teve 3 filhos. No ano de 1.956 candidatou-se a Vereadora. Embora não tenha vencido as eleições foi a pioneira, abrindo caminho para a mulher na história política de Descalvado. Faleceu com 94 anos no ano de 2.000, estando sepultada em nosso cemitério municipal.

GERALDO ANTÔNIO TRALDI - RUA – DISTRITO INDUSTRIAL COSMO FUZARO – BAIRRO BUTIÁ – Lei 2.322 de 02 de outubro de 2.003, iniciativa do Vereador Henrique Fernando do Nascimento, com sanção do Prefeito José Carlos Calza. Geraldo Antônio Traldi foi comerciante, industrial, avicultor, agricultor, pecuarista, sócio proprietário do Cine São José. Foi político de destaque: Vereador por duas legislaturas de 1960 a 1963 e de 1973 a 1977. Também foi Vice-Prefeito por dois mandatos, de 1.964 a 1.968 e de 1.969 a 1.972.

GERALDO MARCHETTI - ESTÁDIO DO E.C. SÃO SEBASTIÃO - comerciante - esportista

GERSON ÁLFIO DE MARCO - BIBLIOTECA MUNICIPAL - CENTRO - historiador - Denominação da Biblioteca Pública Municipal, criada em 1944 pelo decreto lei nº 108 de 28 de março deste mesmo ano. Sua denominação foi alterada no ano de 1977, de acordo com o decreto lei nº 739 de 20 de dezembro deste ano, passando-se a denominar Prof. Gerson Álfio De Marco, num reconhecimento dos poderes públicos ao ilustre professor que tanto fez e batalhou pelo acervo histórico do município. Professor, poeta, historiador, colaborador valioso dos jornais da cidade, faleceu no ano de 1977, quando ocupava o cargo de secretário amanuense da Câmara Municipal.

GILBERTO DE SOUZA CASATI (Profº) - ANTIGA QUADRA DO CERD - CENTRO - professor

GILBERTO LUIZ DE OLIVEIRA ZÓIA – RUA – RECANTO DOS IPÊS – Lei 1.938 de 03 de dezembro de 1.999 do Vereador Antonio Carlos Reschini – Despachante e proprietário de Auto Escola. Foi Vereador na 6ª legislatura de 1969 a 1973.

GIRASSÓIS – RUA – PARQUE MORADA DO SOL – Nome de planta Planta sublenhosa, de grande porte e ornamental, da família das compostas (*Helianthus annuus*), dotada de grande capítulo com numerosíssimas flores de corola ligulada amarelo-laranja e de corola tubulosa amarelo-pálida, tipo de corola esse que pertence às flores do disco, as quais têm entre si palhetas pretas, o que confere ao disco uma tonalidade escura. O seu fruto é aquênio aristado, achatado e vulgarmente chamado semente.

GLENAN LEITE DIAS (DR.) - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ - médico - Natural de Machado - MG, terra natal de José Ferreira da Silva, fundador de Descalvado. Foi duas vezes vereador, nos períodos de 1936 a 1937 e de 1948 a 1951. Participou da Junta Governativa Municipal durante o período do Estado Novo nos anos de 1937 e 1938. Foi membro da Comissão de Higiene do Comitê Revolucionário Pró Constituinte de 1932, tendo servido como voluntário em hospital de guerra. Esportista foi um dos responsáveis pela criação da Piscina do Diamantino em 1934. Participou da equipe de polo de Descalvado que foi campeã paulista e brasileira. Como último presidente desta Sociedade em 1960, doou o terreno da Hípica para o Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense. Foi fundador do Rotary Club de Descalvado. Didata escreveu diversos artigos para os jornais da cidade.

GLICÍNIAS – RUA – PARQUE MORADA DO SOL – Nome de planta. Gênero de plantas herbáceas, lenhosas e trepadeiras da família das leguminosas, subfamília papilionácea, nativas da Ásia e da Austrália. Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a *Glycinia nigricans*, de flores lilases ou purpúreas, e a *G. sinensis*, de lilases; são ambas racemosas, e cultivadas como ornamentais.

GOIÁS - RUA - JARDIM ALBERTINA - Estado brasileiro
GUERINO-OSWALDO - AVENIDA -CENTRO - heróis da revolução de 32 - Antes denominada: rua do José dos Reis (denominação popular em referência a morador), rua do Comércio por lei de 1867, depois rua 13 de maio em 1888, depois Avenida Washington Luiz pela lei 58 de 16 de janeiro de 1926, depois Avenida João Pessoa pelo Ato nº 3 de 26 de novembro de 1930. Guerino Luiz Mazzola nasceu em Descalvado em 3 de novembro de 1909, filho de Luiz Mazzola e Célia Bertani. Quando do 9 de julho, servia do 4º Regimento de Infantaria. Com seu regimento, partiu para a frente norte aí destacado para o pelotão de comando. Participou, corajosamente, de diversas, arriscadas missões e temerárias patrulhas. Quando se achava em perigosa missão, no dia 16 de agosto de 1932, à tarde, estilhaços dum torpedo atirado por um avião atingiram-no a três quilômetros de Silveiras.

Levado para esta cidade, gravemente ferido, nela veio a falecer quatro horas depois. Foi sepultado aí e, mais tarde seus despojos bem como os de Oswaldo de Arruda Reis, trasladados foram para sua terra natal, a 30 de outubro de 1933, e com grandes homenagens, sepultados em nossa necrópole. Oswaldo de Arruda Reis nasceu nasceu também em Descalvado, em 21 de abril de 1911, filho de Ananias dos Reis e de Lidia de

Arruda Reis. Estava servindo no 2º Regimento de Cavalaria de Pirassununga, quando São Paulo ergueu-se em armas. Indo para a frente norte, lá encontrou a morte no dia 30 de julho de 1932, em Areias, alcançado que foi por estilhaços de granada. Em 30 de outubro de 1933, seus restos mortais vieram para Descalvado, onde até hoje se encontram ao lado dos do inolvidável Guerino Mazzola em nosso cemitério municipal. Guerino Mazzola também foi homenageado pela Prefeitura Municipal de São Paulo, quando o então Prefeito Olavo Setubal denominou com seu nome uma rua no Parque Taquaral (Campo Grande) em Santo Amaro, próximo à Avenida Interlagos.

GUILHERME BIAZOLLI – RUA – PARQUE UNIVERSITÁRIO I – Lei 2.389 de iniciativa do Vereador Sebastião José Ricci, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Nasceu em anta Rita do Passa Quatro em 28 de março de 1.909, mudou-se para Descalvado e aqui passou toda sua vida nas lides agropecuárias, no imóvel rural que mantinha juntamente com seus irmãos no Bairro do Butiá. Integrou as mais variadas agremiações de sua classe como o Sindicato Rural, Associação Agropecuária e Cooperativa Agrícola. Foi um dos combatentes paulistas na Revolução de 1932. Casado com Pierina Salecci Biazolli, teve 3 filhos. Foi Cidadão Honorário de Descalvado. Faleceu em 26 de setembro de 1.996.

GUILHERME SCATENA - ESTRADA VICINAL PARA A USINA IPIRANGA - Industrial proprietário da Usina Ipiranga, recebeu título de Cidadão Honorário de Descalvado.

HELEN KELLER - ESCOLA DA APAE - BAIRRO STA CRUZ DOS OPERÁRIOS - Educadora norte americana.

HELIO MARTINELLI – RUA DO BAIRRO RESIDENCIAL MORUMBI – Lei nº 2.360 de 18 de dezembro de 2.003 de iniciativa do Vereador Sebastião José Ricci, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Helio Martinelli, não nasceu em Descalvado, mas aqui fincou raízes. Casado com Magali Martinelli, teve 3 filhos. Foi proprietário do Posto São José onde funcionou em anexo a primeira Auto Peças de Descalvado. Foi Diretor e Conselheiro do Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense, sendo grande incentivador dos esportes. Vereador na 6ª Legislatura de 1.969 a 1.973, ocupou a Vice-Presidência da Casa no biênio 1971/72.

HENRIQUE BIFFI - RUA - VILA MELKI - comerciante. Henrique Biffi nasceu em Tresso Suloda, província de Milão na Itália, em 10 de fevereiro de 1878. Com doze anos de idade veio para o Brasil com a família, como imigrante, desembarcando no porto do Rio de Janeiro, de onde seguiu para Juiz de Fora no estado de Minas Gerais, vindo em seguida para Descalvado, na fazenda Palmeiras. Trabalhou durante muitos anos como colono. Casou-se em 6 de agosto de 1896 com Tereza Brambilla, também italiana, da mesma província e tiveram nove filhos. Foi dono de sítios em Descalvado, onde hoje é a Fazenda Calumby, transformando-se em negociante de café, depois adquiriu um armazém de secos e molhados, que ficava na rua Cel. Arthur Whitaker esquina com rua Coronel Antonio Alves Aranha. Nele trabalhou até 1945 quando transferiu os negócios para dois de seus filhos. Faleceu em São Paulo, onde se encontrava em tratamento de saúde, no dia 11 de junho de 1953, estando sepultado no cemitério de Descalvado.

HENRIQUE CLARO CUNHA - RUA - VILA FREITAS - comerciante. Imigrante veio para Descalvado como administrador de fazenda. Foi casado com Olímpia, com quem teve três filhos.

HIBISCOS - RUA - PARQUE MORADA DO SOL – flor. Grande gênero de plantas herbáceas, arbustos e arvoretas da família das malváceas, dotadas de folhas denteadas ou lobadas e grandes folhas exuberantes. Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a Hibiscus rosa-sinensis (v. mimo-de-vênus), vastamente cultivada como ornamental.

HILARIO DA SILVA PASSOS – AVENIDA – DEFRONTE O CAMPUS DA UNIVERSIDADE CAMILO CASTELO BRANCO. Lei 2.050 de 20/10/2.000 de autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves. Foi Cartorário, Comissário de Menores, Diretor do Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense.

HORTÊNSIAS - RUA - PARQUE MORADA DO SOL – flor.

Arbusto ornamental, originária do Extremo-Oriente, da família das saxifragáceas (Hydrangea), que exige solos leves, siliciosos, desprovidos de calcário, e do qual existem várias espécies, cultivadas por suas flores azuis, brancas ou rosadas; hidrângea, novello-da-china.

HUGO PEREIRA DE ABREU (DR.) - RUA - BAIRRO STA CRUZ DOS OPERÁRIOS - Prefeito Municipal. Nascido em 1893, na antiga capital goiana, a chamada Goiás Velha, o Dr. Hugo Pereira de Abreu, depois de

estudos elementares em seu estado natal, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, pela qual se formou. Transferindo-se para Descalvado, aqui constituiu família, consorciando-se com Dona Odila Álvares, de tradicional gente descalvadense. Desse consórcio nasceram os filhos: Dr. Hudi Álvares de Abreu, Zaíra Novaes e Dr. Hugo Benedito Álvares de Abreu, casado com D. Clara Ramos. Radicado entre nós, dedicou-se, entre outras atividades, ao comércio do café, produto então muito florescente em Descalvado, com nossa cafeicultura no ápice da produção e da colocação no mercado. Político militante, o Dr. Hugo Pereira de Abreu exerceu a Chefia do Executivo local, de 20 de abril de 1931 a 31 de agosto de 1935. Foram quatro anos e quatro meses de uma das mais fecundas, das mais exaltáveis, das mais inesquecíveis administrações municipais que nossa terra conheceu em toda a sua história civil, já que foi o responsável direto pelo saneamento de nossas finanças municipais, em precárias condições, quando de sua investidura, com um avolumar crescente de nossas dívidas e que, a cada dia que passava, tomava um caráter de definitiva insolvência. Mas, através de oportuno empréstimo conseguido por ele junto ao Prefeito Alberto Cerqueira Lima de Campinas, no valor de 500.000\$000 (Quinhentos Contos de Réis), graças ao seu prestígio pessoal e ao reflexo de sua gestão modelar, a nossa municipalidade pode satisfazer todas as suas obrigações, restaurando o seu bom renome. Foi essa uma das grandes vitórias do operoso Prefeito, revelando-lhe a provada capacidade e o seu espírito de lutador. Conduzindo o Município, durante a epopeia constitucionista de 1932, o Dr. Hugo, se houve nessas horas difíceis, com invulgar brilhantismo, dando tudo de si em prol da empolgante causa. Transferindo sua residência para a Capital do Estado, em 1936, o notável ex-Prefeito de Descalvado foi conduzido à direção do Departamento da Receita do Estado, prova de seu alto prestígio nas esferas dirigentes de São Paulo. O Dr. Hugo Pereira de Abreu que recebeu da Câmara Municipal o título de Cidadão Honorário de Descalvado, faleceu na Capital no dia 16 de julho de 1976.

HUMBERTO CASATI - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - farmacêutico - Lei 35 de 11 de outubro de 1966 do Prefeito José Ramalho Gabrielli. Humberto Carlos Casati, nasceu em Descalvado, filho de João Casati e Petronilha Salomão Casati, italianos de boa cepa e de exaltável existência. Dr. Humberto nasceu em Descalvado em 14 de março de 1897. Foi casado com Alice Gomes Casati, com quem teve dois filhos. Foi farmacêutico, auxiliando muito as pessoas que não tinham recursos financeiros. Esportista e político, foi Vereador e Presidente da Câmara em 1948.

HUMBERTO GABRIELLI (DR.) - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM. Médico caridoso exerceu durante muitos anos suas funções do Posto de Saúde, onde atendia a população mais carente. Foi esportista e filantropo.

HUMBERTO MARCATO - PRAÇA - JARDIM PARAÍSO (confluência das ruas Mário Joaquim Filla e Sylvio de Abreu com Avenida Independência) - Sitante, vendedor de lenha.

INDALÉCIO CALZA – RUA – BAIRRO RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei 2.230 de 13 de novembro de 2.003 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves. Indalécio Calza era filho de Antônio Calza e Margarida Riva Calza, oriundos da Itália. Nasceu em Descalvado em 29 de dezembro de 1.909. Casou-se com Thereza Corradi Calza com quem teve 8 filhos:Jaime, Zilda, Armando José, José Sebastião, José Carlos (Prefeito de Descalvado por 2 vezes), Orivaldo Pômpeo, Maria Eliza e Donald Danil (Vereador na Legislatura 2001/2004). Desde jovem foi agricultor com seus pais, que eram colonos que cuidavam de grandes plantações de café. Depois de casado, veio a aprender técnicas para o cultivo de fumo, desenvolvendo técnicas de elaborar excelente qualidade de fumo, o qual era distribuído para todas as casas de comércio em nossa cidade, como Casa Martinelli, Casa Alfredo, Casa Tessari. Depois mudou para a atividade de fabricação de vassouras, também sendo distribuídas por toda cidade, tanto no varejo como no atacado, fabricando-as em sua propriedade o Sítio Santo Antônio. Foi participante ativo de sua Igreja a Assembléia de Deus, onde a princípio foi tesoureiro, vindo mais tarde a ser Diácono, cargo que era conferido somente às pessoas de uma conduta ilibada, em qualquer repartição. Viveu toda sua vida em Descalvado, amava tanto sua terra natal que muito desejava que um de seus filhos viesse a ser o mandatário maior do Município, o que alcançou ainda em vida, ivendo José Carlos Calza assumir a Prefeitura. Faleceu nesta cidade em 21 de novembro de 1.990.

INDEPENDÊNCIA - AVENIDA - BAIRRO NOVO JARDIM BELÉM

ÍRIS – RUA – PARQUE MORADA DO SOL – Nome de planta. Palmeira silvestre, da família das palmeiras (*L. Astrocaryum auri*), cujas nozes são usadas pelas crianças para fazer pião, sendo as sementes saborosas e oleosas; iri, coco-de-iri, brejaúba, brejaúva.

IRMÃ TERESA STAFUZZA – RUA – JARDIM DO LAGO – Lei 1.941 de 03 de dezembro de 1.999 do vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves. Nascida em Descalvado no dia 23 de junho de 1.914. Entrou para a Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição no Ipiranga em São Paulo no ano de 1.930. Foi freira em várias cidades de São Paulo e em Utiariti no Mato Grosso, no meio dos índios. Faleceu no dia 15 de abril de 1.970.

ITÁLIA – RUA – PORTAL DOS COQUEIROS – Nome de país

JÁCOCO BORTOLETTO – RUA NO BAIRRO RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei 2.354 de 12 de dezembro de 2.003 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves com sanção do Prefeito José Carlos Calza. Jácomo Bortoletto nasceu na cidade de Americana em 28 de abril de 1.915, mas mudou-se para Descalvado, onde constituiu família. Foi grande incentivador da Cavalaria Antoniana por vários anos.

JAIME DE ARAUJO GÔES – MÉDICO – Rua do Bairro Residencial Bosque do Tamanduá, iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Nves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Natural de Minas Gerais, foi Cidadão Honorário de Descalvado, por sua benemerência como médico.

JAPÃO – RUA – PORTAL DOS COQUEIROS – Nome de país

JARDIM ALBERTINA - BAIRRO - ESCOLA MUNICIPAL E NÚCLEO DE PROMOÇÃO SOCIAL.

Albertina Cerantola – antiga proprietária das terras onde está localizado o Jardim Albertina

JARDIM ALTO DA BOA VISTA – BAIRRO localizado atrás do Centro de Lazer do Trabalhador.

JARDIM BELA VISTA – BAIRRO ao lado do Bairro de Santa Cruz.

JARDIM BELÉM - Bairro – Teve início no final da década de 50, através de loteamento feito por Paulo Rusca em propriedade da Família Bortoletto.

JARDIM CIDADE NOVA (I – II – III) BAIRRO – Localizado entre o Bairro de São Sebastião e a Universidade Camilo Castelo Branco.

JARDIM COLONIAL - BAIRRO - (ATRÁS DA PRAÇA ROSA ROMANTINI). O Jardim Colonial teve início em um caminho, onde se abriu uma trilha que dividia as terras da chácara de Francisco Romantini com as terras da Vila Vendramini e que foi a entrada principal da chácara, que loteada no ano de 1975 deu início ao bairro. Foi o primeiro bairro projetado da cidade, com áreas previamente destinadas para residência, comercial e área verde.

JARDIM CAMBARÁ - BAIRRO ATRÁS DO CENTRO DE LAZER.

Cambará - pequena árvore muito dispersa em lugares abertos, de flores agregadas em pequenos capítulos, e cuja madeira, conquanto de pequena espessura, é resistente ao contato com a água, sendo utilizada em rodas de moinho de água.

JARDIM CIDADE NOVA - BAIRRO

JARDIM DO LAGO - BAIRRO

JARDIM ELITE - BAIRRO ATRÁS DO CENTRO DE LAZER Elite segundo o Aurélio é o que há de melhor em uma sociedade ou num grupo; nata, flor, fina flor, escol. Minoría prestigiada e dominante no grupo, constituída de indivíduos mais aptos e/ou mais poderosos.

JARDIM PAOLA - BAIRRO AO LADO DE SANTA CRUZ

JARDIM PARAÍSO - BAIRRO AO LADO DO JARDIM DO LAGO.

JARDIM RESIDENCIAL FLORENÇA – BAIRRO localizado entre os Bairros de São Sebastião e a Universidade.

JARDIM SÃO CRISTÓVÃO - BAIRRO ATRÁS DO CEMITÉRIO

JARDIM SÃO FRANCISCO - BAIRRO AO LADO DO JARDIM DO LAGO

JASMIM – RUA – PARQUE MORADA DO SOL – Nome de planta. Designação comum a várias espécies do gênero *Jasminum*, da família das oleáceas, arbustos escandentes ou trepadeiras cujas flores, tubulosas e alvas, emitem forte perfume. Originário da Ásia, acha-se muito difundido no Brasil. [Sin.: jasmineiro.

JAYME REGALLO PEREIRA (DR.) - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - Prefeito Municipal - Foi Prefeito Municipal de Descalvado, eleito com 1208 votos na chapa composta com o Vice Ângelo Paganotto. Faziam parte da coligação partidária composta pelos partidos PSB e PL.

Ocupou o cargo de Prefeito no período de 1956 a 1959. Foi eleito Vereador para o mandato de 1960/1963, mas renunciou uma vez que seu candidato a sucessão na Prefeitura Antenor Erveu Betarello, perdeu as eleições. Na sua gestão construiu o primeiro parque infantil da cidade denominado Maria Grassi, em homenagem a menina que recepcionou o Imperador D. Pedro II quando de sua visita a Descalvado. Posteriormente o prédio deste parque infantil transformou-se para abrigar a Estação Rodoviária. Era médico, foi proprietário rural no município.

JAYME WHITAKER PENTEADO - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - cartorário. Jayme Whitaker Penteado, filho de Antonio Ferreira Penteado e Ângela de Aguiar Whitaker Penteado de tradicionais famílias paulistas, nasceu na vizinha cidade de São Carlos, em 15 de fevereiro de 1897 e faleceu em 20 de dezembro de 1980, com 83 anos de idade, estando sepultado no cemitério municipal. Estudou até o último ano da Escola de Farmácia, abandonando para seguir a carreira militar, tomando parte na revolução de 1932. Casou-se com Petronília Casati Penteado com quem teve duas filhas. Exerceu por trinta anos o cargo de Coletor Estadual de Descalvado, tendo sempre uma palavra amiga e de elogio para os professores que naquele tempo recebiam seus salários na Coletoria. Participou ativamente da vida política e social de Descalvado, dedicando seu tempo entre a coletoria, a Fazenda Santo Antonio da Boa Vista que era de sua propriedade, e aos esportes onde foi grande incentivador do Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense (CERD)

JERÔNIMO ZAFFALON - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - contador.

Jerônimo Zaffalon filho de Ferdinando Zaffalon e Maria Luiza Zaffalon, italianos de Veneza e Pádua, nasceu na Fazenda São José, no município de Descalvado, em 2 de dezembro de 1908. cursou o primário no Grupo Escolar Coronel Tobias, e demonstrando grande interesse pela Contabilidade, rumou para Campinas para fazer tal curso. Ingressou no Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, diplomando-se com louvor em 1929. Voltou a Descalvado, onde exerceu a profissão de contador, servindo a vários estabelecimentos comerciais. Casou-se em 1932 com Irene Maria Fachin Zaffalon, de cujo matrimônio nasceram dois filhos. Ingressou na política, exercendo o mandato de Vereador; Faleceu em Descalvado, em 5 de agosto de 1983, estando sepultado no cemitério municipal.

JOÃO AUGUSTO CIRELLI - RUA - BAIRRO JARDIM PARAÍSO - Presidente da Câmara - industrial. Foi Vereador durante a 7ª legislatura de 1973 a 1976, 8ª legislatura de 1977 a 1982. Ocupou a Presidência da Câmara de 1981 a 1982. Foi Presidente da SE Nosso Clube.

JOÃO BAPTISTA BRAMBILLA - RUA - JARDIM DO LAGO - comerciante - Decreto 1039 de 25/10/1982. João Baptista Brambilla nasceu em Descalvado no ano de 1894. Foi casado com Ludovica Pedra Nocenza, com quem teve cinco filhos. Sua profissão era de Sacristão e escrivão da Paróquia de Nossa Senhora do Belém. Era figura marcante nas festas e leilões religiosos. Foi também funcionário público estadual e Vereador na 18ª legislatura de 1º de janeiro de 1923 a 1º de janeiro de 1926. Faleceu no ano de 1956, estando sepultado no cemitério municipal.

JOÃO BAPTISTA DE CARVALHO (MONSENHOR) - RUA - VILA BRASIL - Vigário - Deputado Estadual - Decreto 663 de 27 de setembro de 1976.

Monsenhor João Baptista de Carvalho, filho dos mineiros Evaristo Herculano de Carvalho e Emília Cândida Ferreira de Carvalho, nasceu em 1º de janeiro de 1898, em Avaré, município interiorano do Estado de São Paulo. Fez seus estudos, brilhantemente, nos seminários de Pouso Alegre e Campinas, sob a proteção e orientação preciosas do Bispo Dom João Batista Corrêa Nery. Ordenado sacerdote, sua primeira paróquia foi Descalvado, sendo depois transferido para outras cidades do Estado e, em Santos, desempenhou as funções de cura da Catedral. Em 1932, quando da eclosão da Revolução Constitucionalista, sua participação foi bastante ativa nesse episódio da história paulista. Ainda há que se ressaltar o seu papel significativo na redemocratização do país: em 1947, elegeu-se deputado pelo PSD à Assembléia Constituinte. Na sua reeleição, na legislatura seguinte, foi o líder da maioria no legislativo paulista. Foi elemento de ligação entre a cidade de Descalvado e o Governo do Estado. É de sua autoria a construção do prédio do Ginásio Estadual e Escola Normal de Descalvado no governo do Dr. Adhemar de Barros, quando secretário da Educação Juvenal Lino de Matos. Mas Monsenhor João Baptista não se dedicou somente às atividades políticas. Foi também, um dos fundadores da Rádio Excelsior, Diretor do Ensino Religioso nas Escolas Paulistas e principal articulista por trinta anos do Jornal “A Gazeta” da Fundação Cásper Líbero. Quando se aposentou das atividades

jornalísticas, deixou o clero secular, onde muito lutara, conseguindo construir a Igreja Matriz da Paróquia Nossa Senhora do Brasil, quando ocupava o posto de primeiro vigário. Ao ingressar na Ordem dos Franciscanos, optou pelo retiro e passou os últimos anos de sua vida entregue à oração e à meditação no Convento de São Francisco, onde se tornou conhecido pelo nome de Frei João Maria. Faleceu em 29 de agosto de 1976. Seu nome também foi dado a uma rua nas cidades de São Paulo e Avaré e a uma escola estadual paulista.

JOÃO BATISTA TERRA – RUA DO DISTRITO INDUSTRIAL COSMO FUZARO NO BAIRRO DO BUTIÁ – Lei 2.308 de 21 de agosto de 2.003 de autoria do Vereador Luiz Carlos Rosa Vianna, sacionada pelo Prefeito José Carlos Calza. João Batista Terra nasceu em Descalvado no dia 22 de outubro de 1.920, filho de Joaquim de Carvalho Terra e Francisca Correa Terra. Era casado com Jolita Brambilla Terra, com quem teve 3 filhos: Marily Terra Pinto, João Roberto Terra e Décio Terra. Mudou-se para São Paulo onde trabalhou como Inspetor Regional de Vendas da Votorantim e São Paulo Alpargatas. Retornou a Descalvado, iniciando suas atividades como industrial com a Fábrica de Doces Marilyu, instalada no Sítio Santa Helena, nas proximidades do antigo campo de aviação. A indústria foi se expandindo e transferiu-se para a cidade à Rua José Rodrigues Penteado. Foi um dos fundadores da Telefônica Descalvado, juntamente com José Serpentina e Alberto Sundfeld. Viúvo, casou-se em segunda núpcias com Odete Palhares Sundfeld. Está sepultado em nosso cemitério municipal.

JOÃO CARLOS COELHO FILHO – RUA – RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei 2.370 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves com sanção do Prefeito José Carlos Calza. João Carlos Coelho Filho nasceu em Descalvado no dia 18 de outubro de 1.962, filho de João Carlos Coelho e Daisy Galetti Coelho. Era casado com Cleonice Aparecida Pratta Coelho e tinha uma filha Marina Pratta Coelho. Iniciou os estudos na Escola Coronel Tobias em 1.968. Coursou o Ginásio e o Colégio na Escola José Ferreira da Silva. Formou-se Contador pela Escola de Comércio Oito de Setembro. Concluiu o Curso de Bacharelado em Ciências Jurídicas na Faculdade de Direito de São Carlos. Trabalhou na Cooperativa Agrícola Mista do Vale do Mogi-Guaçu Ltda, no Unibanco, Adubos COPA em São Joaquim da Barra e São José do Rio Preto. Dedicou-se também a atividade comercial. Através de concurso público, efetivou-se no cargo de Escrivão de Polícia em Descalvado. Faleceu no dia 3 de agosto de 2.003.

JOÃO DONIZETTI TROMBINI – RUA – JARDIM DO LAGO – Lei 1.939 do Vereador Luiz Antonio do Pinho – Trabalhou na Usina Ipiranga de Açúcar e Alcool. Foi Pastor Evangélico e Vereador na 11ª legislatura de 1.993 a 1996. Faleceu em desastre automobilístico no dia 8 de agosto de 1.997 estando sepultado em nosso Cemitério Municipal.

JOÃO FERNANDO VILLA – RUA – BAIRRO SANTA CRUZ – Corretor de café

JOÃO GABRIELLI – RUA – VILA FRANCO – industrial
JOÃO GALETTI – RUA – BAIRRO STA. CRUZ DOS OPERÁRIOS – comerciante. João Galetti, filho de João Galetti e Regina Olíana Galetti nasceu em Sessalto, província de Treviso na Itália, no dia 20 de maio de 1872. Casou-se com Letícia Berghetti em 4 de dezembro de 1893, com quem teve sete filhos. Foi dos primeiros imigrantes italianos para o Brasil, viajando clandestinamente, na época da abolição da escravidão quando o Brasil oferecia ótimos empregos nas culturas cafeeiras. Veio direto da Itália para Descalvado.

JOÃO MARQUETTI – SALA DE EXPOSIÇÕES QUE INTEGRA O CENTRO DE CONVIVÊNCIA PROFESSORA MARIA APARECIDA FIORONI KASTEIN – Lei 2507 de 23 de junho de 2005 de iniciativa do Vereador Antônio Carlos Reschini, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza e Praça pública localizada ao lado da estação ferroviária. João Marquetti foi funcionário dos Correios e Telégrafos, pintor, artesão e sempre dedicado as obras de filantropia. Foi membro da Academia Descalvadense de Letras, Artes, Ciência e Educação – ADELACE e Associação dos Artesãos e Artistas de Descalvado.

JOÃO RAFAEL MARTINS FERNANDES – RUA – Parque Milênio – Lei 2.058 de autoria do Vereador Luiz Carlos Rosa Vianna. Funcionário público foi durante muitos anos escrivão da Delegacia de Polícia de Descalvado. Exerceu cargo de Presidente da Comissão Municipal de Trânsito. Faleceu no ano de 2.000 estando sepultado em nosso Cemitério Municipal.

JOÃO SANCHES FRANDES – RUA – Parque Vitória. Lei 2.728 de 13 de dezembro de 2006, iniciativa do Vereador Sebastião José Ricci, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. João Sanches Frandes nasceu na Espanha em 23 de

fevereiro de 1901, chegando a Descalvado com seus pais em 1906 ainda criança. Faleceu em Descalvado, aos 77 anos de idade, em 27 de março de 1978. Era casado com Virginia Fontanini Frandes, também falecida, com quem teve 8 filhos. João Sanches Frandes foi um dos mais antigos funcionários da Prefeitura Municipal de Descalvado, onde inicialmente trabalhou como assentador de paralelepípedos nas principais ruas da cidade, inclusive nas do centro. Nos últimos anos e até a sua aposentadoria foi responsável pela antiga bomba d'água do Bairro de São Sebastião, principal fonte de abastecimento daquele populoso bairro. João Sanches Frandes sempre foi muito respeitado pelos demais funcionários, em face de seu excelente relacionamento, como pessoa amiga, trabalhadora e de bom caráter, virtudes que o marcaram como um trabalhador exemplar no quadro de funcionários da Prefeitura Municipal de Descalvado.

JOÃO VENDRAMINI – RUA – VILA BRASIL – comerciante. João Vendramini foi um imigrante italiano que se radicou em Descalvado no ciclo da café, trabalhando na fazenda Franco. Aqui chegando casou-se com Catarina Factor com quem teve nove filhos. Com a queda do café mudou-se para a zona urbana e sendo uma pessoa muito desembaraçada e com um bom grau de instrução para a época, montou um comércio de secos e molhados, nas imediações da Praça Barão do Rio Branco, em meados do ano de 1893. Foi o fundador do primeiro cinema de Descalvado que funcionava a base de carbureto, foi também o primeiro fotógrafo da cidade, recebendo com esta profissão uma medalha de ouro. Depois passou a trabalhar como Oficial de Justiça no fórum da Comarca de Descalvado. Depois de algum tempo foi nomeado pelo Governador Washington Luiz, como Fiscal Geral de Estradas e Rodovias do Estado de São Paulo. Residia em uma chácara de mais ou menos um alqueire e meios nas imediações da cidade e onde hoje é a Vila Vendramini. Morreu no ano de 1858, com 90 anos de idade.

JOÃO XXIII – RUA – BAIRRO JARDIM BELÉM – Papa – Lei nº 15 de 13 de março de 1964. Foi Papa da Igreja Católica Apostólica Romana de 1958 a 1963. Nasceu em Sotto il Monte, perto de Bérgamo na Itália, em 1881 e morreu em Roma no ano de 1963. Antes de ser escolhido Papa, foi Delegado Apostólico na Turquia em 1935, Nuncio Apostólico em Paris no ano de 1944, Cardeal e Patriarca de Veneza em 1953. Seu curto pontificado foi marcado por forte aumento do prestígio da Igreja, pela repercussão de suas intervenções e de suas encíclicas: Mater et Magistra (Mãe e Mestra) de 1961, Pacem in terris (Paz na Terra) de 1963 e pela orientação ecumênica e reformista dada ao Segundo Concílio do Vaticano, por ele convocado no ano de 1962.

JOAQUIM DE OLIVEIRA PRETO – PRAÇA – JARDIM BELA VISTA. Um dos primeiros habitantes de Descalvado.

JOAQUIM FELIPPE MESIARA – RUA – JARDIM DO LAGO – farmacêutico. Joaquim Felipe Mesiara, filho de Felipe José Joaquim Mesiara e Rosa José Mesiara, era natural de Mesiara no Líbano, naturalizado brasileiro. Nasceu em 19 de novembro de 1886, vindo para o Brasil em 1896, com apenas dez anos de idade. Era casado com Rosa Elias Mesiara, com quem teve dois filhos. Diplomado farmacêutico em 9 de dezembro de 1910 pela Escola de Farmácia de Ouro Preto, Minas Gerais, recebendo o título de doutor pelo Conselho Regional de Farmácia em 9 de maio de 1962. Residiu em Guaxupé, Minas Gerais de 1896 a 1938, ano que veio para Descalvado, onde estabeleceu-se com farmácia à rua José Bonifácio, 560, até seu falecimento em 11 de março de 1968, aos 82 anos.

JOAQUIM FILLA – RUA – BAIRRO SANTA CRUZ – comerciante

JORGE SECAF – RUA – BAIRRO NOVO JARDIM BELÉM – sitiente

JOSÉ ALVES ARISTEU – Rua – Bairro Novo Jardim Belém – Lei 1547 de 28/06/95 de autoria do Vereador José Antonio Lefcadito Alvares. José Alves Aristeu filho de Manoel Alves da Cunha e Ercília Sabatucchi, nasceu em 2 de setembro de 1901 na casa anexa ao armazém de propriedade de seu pai que ficava no Salto do Pântano, em Descalvado. Com 20 anos foi trabalhar na Airoza Galvão, município de Jaú, como Ajudante de Serviços Gerais, na Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Casou-se com a descalvadense Maria Aparecida Assumpção, foi transferido para Campo Alegre, município de Ipirapina. Logo depois foi transferido para Descalvado, na estação do Butiá como carregador de carvão. Nas horas vagas praticava telégrafo, o que lhe valeu uma transferência como telegrafista para a estação de Porto Ferreira, onde chegou a Ajudante de Chefe. Promovido para Bauru como Encarregado da Circulação de Trens. Daí para frente trabalhou sempre como Chefe de Estação, nas cidades de Limeira, Pirassununga,

Iguatemi (Jaú) e finalmente Descalvado, onde se aposentou depois de 45 anos de serviços prestados a FEPASA. Residiu na rua Siqueira Campos, 119, local onde faleceu em 3 de janeiro de 1979.

JOSÉ ANTONIO LAZARINI – RUA – RECANTO DOS IPÊS – Lei 1913/99 do Vereador Luciano Laurindo Feliciano. Nascido em Descalvado no dia 18 de janeiro de 1936. Comerciante, Gerente da Auto Viação Pirassununga, depois Viação Danúbio Azul, proprietário do Bazar Titi e um dos fundadores da Associação Comercial e Industrial de Descalvado. Faleceu no dia 15 de março de 1.983.

JOSÉ ASSONI – Praça – Jardim Ricardo César – Localizada na confluência das Ruas Arlindo Gabrielli, Floriano Ferraz de Camargo e Estrada Municipal DCV-040. Lei 2661 de 27 de junho de 20/06 de autoria do Vereador José Dias Bolcão, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Nasceu em Descalvado, no dia 05 de julho do ano de 1921, na Fazenda São João do Morro Alto. Filho de Pedro Assoni e Pascoalina Paoli Assoni, descendentes de italianos. Ainda jovem, trabalhou no ramo da agricultura e da pecuária, juntamente com seu pai e irmãos. Casou-se em 1943, com Maria Aparecida Donato Assoni, com quem teve 8 filhos: Antônio Oswaldo, Ivone Aparecida, Valdemar, Décio (falecido aos 6 anos de idade), Neuza, Marly, Gilberto Antônio e José Maria. Em 1947, devido a grande atração pelo comércio, iniciou suas atividades na área da hotelaria, comprando o Hotel Descalvado do Senhor Talé Fabrício. Já em 1976, comprou e administrou o restaurante hoje conhecido como “Cabana Churrascaria”. Vendendo-o, em 1980, para o atual proprietário Luis Antônio do Pinho, conhecido como “Pinho da Cabana”. José Assoni, apesar de não ter concluído seus estudos, era detentor de admirável aptidão para os negócios. Haja vista as ampliações das dependências de seu Hotel, e os investimentos ao longo de sua vida. Faleceu em 05 de agosto de 2004, deixando lembranças e saudade a sua esposa, filhos e netos.

JOSÉ BENTO PEREIRA - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - comerciante de gado. **JOSÉ BONIFÁCIO - RUA - CENTRO** - Personagem da história brasileira - Antes rua do Cemitério, porque passava em frente do Cemitério Velho, onde hoje é a Praça de Santa Cruz das Almas. Depois recebeu a denominação de rua Boa Vista. Em 1886 quando D. Pedro II, visitou Descalvado, a municipalidade mudou o nome de Boa Vista para José Bonifácio, em homenagem à personalidade deste velho paulista de nome José Antônio de Andrada e Silva, mas conhecida como José Bonifácio de Andrada e Silva. Examinando detalhadamente a vida e a obra de José Bonifácio, nascido em Santos no dia 13 de junho de 1763, e considerado um dos maiores estadistas brasileiros, poderemos ver que houve três personagens diferentes. O primeiro, o de antes da Independência, afastado das lides políticas, professor, que foi a Portugal em 1783, com 20 anos lá ficando por 36 anos, frequentou a Universidade de Coimbra e depois entrou para a Academia de Ciências, pelo seu valor e erudição, durou trinta e seis anos. A segunda faceta da personalidade de José Bonifácio, é o da Independência. Orientador principal do movimento de 1822, daí ser chamado como o Patriarca da Independência, tornou-se o delineador hábil dos princípios do pacto fundamental que iria reger os destinos do Brasil até 1889. O terceiro José Bonifácio, foi o de após Independência: faccioso, intrigante, egoísta e ambicioso, quase que ofuscando a obra realizada anteriormente. Morreu em 1838.

JOSÉ BESTETTI – RUA – JARDIM CIDADE NOVA III – Lei 2.392 de 24 de março de 2.004 de autoria do Vereador Silvio Bellini com sanção do Prefeito José Carlos Calza. José Bestetti nasceu em Milão, na Itália em 22 de abril de 1.866. Ainda jovem, aos 32 anos veio para o Brasil casando-se com Luiza Biffi Bestetti, com quem teve 9 filhos. José Bestetti, em Descalvado, antes de surgirem os carros motorizados, trabalhava no transporte de pessoas, usando a tração animal em troles, carroças e os próprios animais. Médicos se serviram desses transportes para atenderem casos urgentes em sítios e fazendas, mesmo durante a madrugada ou com fortes temporais. Quando a febre amarela assolou Descalvado e as pessoas se recusavam a ter contato com os doentes, José Bestetti os colocava em seus veículos de tração animal e os transportava ao hospital. Doentes que faleciam, ele os carregava e os transportava ao cemitério. Embora na época vivesse abraçado aos doentes, jamais se contagiou. Tudo era feito com amor, carinho e coragem. A virtude mais expressiva da sua vida, foi a caridade. Quando a Santa Casa de Misericórdia local se encontrava lotada, muitos doentes, oriundos da zona rural, ficavam abrigados em sua casa, às vezes até meses, aguardando o restabelecimento da saúde.

JOSÉ BRANCO DELLA LÍBERA - RUA - JARDIM BELA VISTA - comerciante. José Della Líbera Filho, filho de José Della Líbera e Angelina Juliani Della Líbera, conhecido como “Zé Branco”, era casado com Inês de Assis Della Líbera, com quem teve sete filhos. Começou a trabalhar muito cedo, com a idade de 16 anos já era mecânico e motorista. Teve três oficinas, indo depois trabalhar na Prefeitura Municipal. Faleceu no dia 20 de julho de 1969, mesma data em que o homem colocou pela primeira vez, os pés na lua, com apenas 50 anos, vítima da doença de chagas.

JOSÉ CARLOS PUGINA – RUA – RECANTO DOS IPÊS – Lei 1.937 de 3 de dezembro de 1.999 de autoria do vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves. Comerciante, rotariano e Vereador na 7ª legislatura de 1.973 a 1.977. Casado com Maria Lázara Rusca com quem teve dois filhos.

JOSÉ CARLOS PULICI – RUA – PARQUE MILÊNIO – Lei 2.046 de 18/10/2.000, autoria do Vereador Flavio Luiz Ancetti. Agente do Posto Fiscal Fundador do Rotary Club de Descalvado.

JOSÉ CHIARETTO – RUA – Parque Vitória. Lei 2.730 de 13 de dezembro de 2006, iniciativa do Vereador Mauro Benedito de Lima, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Filho de Alexandre Chiaretto e Maria Baron Chiaretto, José Chiaretto nasceu no dia 26 de maio de 1914, na zona rural do Município de Analândia – SP, Anápolis naquela época. Seus pais transferiram-se para a zona rural do Município de Descalvado, mas precisamente a Fazenda Eulália, quando ele era ainda menino, e nessa época começou a trabalhar executando serviço braçal na roça. Em 9 de novembro de 1935 casou-se com Amábilie Motter, tendo gerado os seguintes filhos: Irene Maria, Irineu Fernando, Reinaldo Sebastião, Sebastião Benedito, Maria Lúcia e Lourdes. Posteriormente veio a deixar a zona rural e fixou residência na nossa cidade se instalando à Avenida Bom Jesus, onde residiu até o final da sua vida. Em 1º de outubro de 1950 ingressou como funcionário da Prefeitura, onde com dedicação permaneceu até 30 de junho de 1993, sempre fiel cumpridor de seus deveres. Dentro da repartição a qual pertencia obteve algumas merecedoras promoções, prêmio pela sua dedicação ao trabalho. Em dezembro de 1971 foi agraciado com diploma de honra ao mérito, oferecido pelo então Prefeito, Senhor Deolindo Zaffalon, em razão do seu bom desempenho diante das suas funções. Em 24 de dezembro de 2005 veio a falecer aos 91 anos de idade, estando sepultado no cemitério municipal de Descalvado.

JOSÉ DO NASCIMENTO - RUA - JARDIM RICARDO CEZAR - Agricultor, nascido em 14 de julho de 1911, na Chácara Santa Maria, de propriedade de seu pai Ananias Antonio do Nascimento. Casou-se com Rosalina Giacomelli, nascida em Descalvado em 3 de setembro de 1911 e desta união nasceram 5 filhos. Fez somente o curso primário, mas destacou-se no árduo trabalho rural e na educação de seus filhos.

JOSÉ FELIPE ELIAS - RUA - JARDIM DO LAGO - comerciante. José Felipe Elias, nasceu em Descalvado e foi registrado como José Elias, depois acrescentou Felipe ao nome. Foi Vereador por três legislaturas seguidas, de 1920 a 1929, ocupando a Presidência da Câmara no ano de 1928.

JOSÉ FERREIRA - RUA - CENTRO - ESCOLA ESTADUAL - Fundador da cidade. José Ferreira da Silva, nasceu no ano de 1789 em Minas Gerais, na cidade de Santo Antônio do Machado, onde o rio Machado corre tranquilamente ziguezagueando pelas planícies alongadas até desaparecer bruscamente no horizonte. As águas do rio jorram violentamente pela pedreira abaixo com ronco surdo e contínuo no Poço Fundo. É assim a Cachoeira do Poço Fundo, que dá nome ao Bairro do Poço Fundo, na época Município de Santo Antônio do Machado. Dali em 1820, com 31 anos, partiu José Ferreira da Silva e sua mulher Florência Maria de Jesus para o sertão de Araraquara, onde adquiriram de Alexandre José de Castilho, a Fazenda Areias, da qual mais tarde, cumprindo voto religioso, construiriam uma capela e dariam uma légua de terras para Nossa Senhora do Belém, dando início ao povoado que seria futuramente Descalvado. Pouco se sabe de José Ferreira da Silva, depois da doação das terras, apenas o seu registro como eleitor da Paróquia até 1860, data que se acredita tenha falecido com 71 anos de idade.

JOSÉ ORLANDO GAVA – Barbeiro – Rua do Bairro Residencial Bosque do Tamandua – Lei 2.349 de 03 de dezembro de 2.003 de autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Nasceu na cidade de Descalvado, no dia 9 de setembro de 1.936. Filho de João Gava e Assumpta Secherine Gava, ambos vindos da Itália. Aos 11 anos de idade aprendeu a profissão de barbeiro com o Sr. Armando José Tortella, exercendo a profissão até o seu falecimento em 21 de janeiro de 2.000, na

cidade de Jaú – SP. Exerceu a profissão por mais de 50 anos, barbeiro de políticos e homens de projeção. Era casado com a senhora Leonor Marcomine Gava, também falecida, e com quem teve 3 filhos e 6 netos.

JOSÉ OSVALDO FRANCESCHINI

– Rua – Parque Vitória. Lei 2.729 de 13 de dezembro de 2006 de iniciativa do Vereador Sebastião José Ricci, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Nascido neste Município, filho de tradicional família, José Osvaldo Franceschini, desde sua infância residiu na zona rural. Em 1982 ingressou no quadro de funcionários da Prefeitura Municipal de Descalvado, desempenhando seus trabalhos em “Serviços Gerais”, função que desempenhou com esmero garantindo a manutenção e a beleza de inúmeros pontos de nossa cidade. Era casado com Laides Carolina Brum Franceschini, com quem teve 5 filhos, que lhe deram um total de 12 netos. Durante sua existência, José Osvaldo Franceschini sempre contribuiu com a tradicional festa de Nossa Senhora da Saúde, até hoje realizada na região em que residia, participando como mordomo e colaborador. Ainda como funcionário público, foi tomado por uma enfermidade, que exigiu seu afastamento do serviço, vindo a falecer no dia 15 de dezembro de 1990, deixando muitas saudades aos seus familiares, amigos e principalmente àqueles colegas com quem trabalhou durante a sua vida.

JOSÉ PASCHOAL - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - comerciante

JOSÉ PERNA SOBRINHO - RODOVIA MUNICIPAL - USINA VASSUNUNGA – motorista. Pai de uma família de músicos, que compunham o Conjunto Irmãos Perna.

JOSÉ PULICI - RUA - VILA MELKI - comerciante. José Pulici veio da Itália como imigrante e foi trabalhar na fazenda Jaguarandi em Descalvado. Acumulando dinheiro com esforço, conseguiu comprar uma fazenda chamada Aparecidinha, que mais tarde venderia para comprar a fazenda São Miguel, vindo a morar na cidade, onde comprou um armazém de secos e molhados. Na mesma época vendeu a fazenda São Miguel e comprou a fazenda Santo Antonio no Butiá. Morreu diabético no ano de 1928.

JOSÉ QUIRINO RIBEIRO - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - Político - Lei 5 de 22/7/54. José Quirino Ribeiro foi Vereador durante a 4ª e 5ª legislaturas do regime republicano. Foi Agente Executivo (Prefeito) de 1899 a 1905. Foi durante o seu Governo que foi criado o Grupo Escolar Coronel Tobias.

JOSÉ RAMALHO GABRIELLI (PROFESSOR) - PRAÇA - SÃO BENEDITO - Prefeito Municipal - Decreto de 8 de setembro de 1975. José Ramalho Gabrielli, filho de Orderigo Gabrielli e Maria Gava Gabrielli, nasceu em Descalvado no dia 19 de março de 1922. Foi casado com a professora Marília Worchech Gabrielli com quem teve 4 filhos. Formou-se professor pelo Instituto de Educação de Pirassununga. Foi esportista jogando futebol e basquete pela equipe do Diocesano de São Carlos, onde era conhecido como Mossoró. Depois na década de 40, jogou como quarto zagueiro na equipe de futebol do CERD. Mais tarde seria técnico da seleção feminina de basquete do CERD que foi campeã estadual, conquistando o TROFÉU BANDEIRANTES, na década de 50. Lecionou na Escola Estadual José Ferreira da Silva, foi industrial, avicultor e funcionário da COPERGUACU. Foi fundador e primeiro presidente do Rotary Club de Descalvado. Foi Prefeito Municipal de 1964 a 1968. Eleito Vereador para a 7ª legislatura de 1º de janeiro de 1973 a 31 de dezembro de 1976, não chegou a assumir, falecendo em 7 de dezembro de 1972. Está sepultado no cemitério municipal.

JOSÉ RISCHINI - RUA - VILA FRANCO - funcionário municipal

JOSÉ RISSI – COMERCIANTE – RUA NO PARQUE UNIVERSITÁRIO – Lei 2.311 de iniciativa do Vereador Antônio Carlos Reschini, com sanção do Prefeito José Carlos Calza. José Rissi foi comerciante, motorista de taxi e caminhão, proprietário da primeira pizzaria de Descalvado.

JOSÉ RODRIGUES PENTEADO - RUA - CENTRO - comerciante - Lei de 1906. Antes rua Áurea, Rua do Calvário em sessão de 7 de janeiro de 1878, Rua Áurea em 1867 e Rua do Dr. Meira por ali residir o primeiro médico de Descalvado, Dr. Francisco Ezequiel de Meira Júnior.



Praça da Matriz - 1910

JOSÉ ROMANO ZAFFALON – Avicultor – Rua no Residencial Bosque do Tamanduá. Lei 2.320 de autoria do Vereador Luiz Carlos Rosa Vianna com sanção do Prefeito

José Carlos Calza. Nascido em Descalvado, casou-se com Maria do Carmo Gabrielli Zaffalon com quem teve dois filhos. Foi industrial, comerciante e avicultor. Morreu em Descalvado e está sepultado em nosso Cemitério Municipal.

JOSÉ ROMANTINI – Comerciante – VILA NOSSA SENHORA APARECIDA - Lei 2.534 de autoria do Vereador Antônio Carlos Reschini, com sanção do Prefeito José Carlos Calza.

JOSÉ RUFO TAVARES - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ - jornalista e tipógrafo.

JOSÉ SEBASTIÃO DE PAULA - RUA - BAIRRO NOVO SÃO SEBASTIÃO - comerciante de secos e molhados, proprietário da Venda Nova.

JOSÉ ZANATTA - RUA - JARDIM SÃO FRANCISCO - Filho de Antonio Zanatta e Virginia Sartori Zanatta, nasceu em Descalvado no dia 23 de setembro de 1898. Casado com Natividade dos Santos Zanatta, com quem teve seis filhos. Proprietário da Fazenda Santa Etelvina, foi agricultor e pecuarista. Faleceu no dia 24 de janeiro de 1961 com 63 anos de idade.

JULIÃO MOREIRA - RUA - BAIRRO STA. CRUZ DOS OPERÁRIOS - comerciante e músico. Nasceu no dia 22 de março de 1890 na cidade de Campos no estado do Rio de Janeiro. Foi casado com Eponina Moreira com quem teve nove filhos. Faleceu em Descalvado no dia 9 de novembro de 1979.

JUVENAL DE SOUZA - ESTAÇÃO RODOVIÁRIA - CENTRO. Primeiro “chauffeur” de Descalvado, já que foi o possuidor da Carta de Motorista nº 1, expedida pela Prefeitura Municipal de Descalvado. Juvenal de Souza foi a primeira pessoa habilitada em nossa terra a dirigir pelas sofríveis estradas municipais do tempo, as primitivas máquinas, anunciando o advento da era do automóvel, no ambiente adormecido da cidade e do meio rural; e por esse motivo, pelo fato do mesmo não pertencer mais ao mundo dos vivos, faltando-lhe a lembrança, foi incluído no quadro da História Municipal, com a grandeza que teve, dentro de seu pioneirismo. Não há o que negar: Juvenal de Souza é um vulto histórico de Descalvado, no setor dos transportes. Quem o conheceu, lembra-se de sua figura simpática, de motorista competente, sempre polido, servil, estimado por todos, mormente por seus empregadores. Por tudo isso seu nome foi imortalizado na Estação Rodoviária de Descalvado.

JUVENAL MACEDO - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - proprietário da Padaria São Carlos, onde hoje está localizado o Banessa.

JUVENAL POZZI - VIA DE ACESSO SÃO CARLOS - fazendeiro -

Foi o terceiro filho do casal Anacleto Pozzi e Rosa Del Puerto Pozzi. Nasceu na cidade de Pirassununga aos oito dias do mês de fevereiro de 1906 e faleceu em Descalvado em 9 de fevereiro de 1971. Iniciou seu curso primário na Fazenda Cachoeirinha em Pirassununga, continuando seus estudos na Fazenda Santa Maria em Descalvado, onde seus pais vieram a residir, a partir de 1921. Cooperava na administração da fazenda até seu casamento em 1928 com Clara Sassi Pozzi. Desta data em diante, dirigia as propriedades da família aqui na cidade, onde veio a instalar uma das primeiras bombas de gasolina, no Hotel dos Viajantes, na avenida Guerino-Oswaldo, ao lado da estação ferroviária. Dedicou-se às atividades comerciais na compra de algodão, café, lenha, milho, etc. Como proprietário rural da Fazenda Santa Clara e Sítio Santa Clara, na região do Salto do Pântano e co-proprietário de outras fazendas com seus irmãos, como as Fazendas Monte Alverne e Jaguarandi, todas localizadas em nosso município, além da Fazenda Santa Rosa no estado do Paraná, dedicando-se à cafeicultura e pecuária. Foi um dos primeiros motoristas de Descalvado, tendo vários caminhões de transporte. Cooperou muitos anos na Segurança Pública, como Suplente de Delegado de Polícia. Deixou uma numerosa prole, radicada nesta cidade, onde até hoje colaboram nos setores de educação e esporte.

LAURINDO VICENTE SERPENTINO – INDUSTRIAL – RUA NO DISTRITO INDUSTRIAL COSMO FUZARO NO BAIRRO DO BUTIÁ – Lei 2.321 de iniciativa do Vereador Tomás Vita, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza.

Laurindo Vicente Serpentino filho de Vicente Serpentino e Alice Zambelli Serpentino, nasceu em 24 de janeiro de 1.914. Especializou-se com os irmãos no trabalho com metais, contribuindo com o fornecimento de equipamentos para a agricultura e indústria. liCom seus irmãos inventou e patenteou uma máquina picadeira de cana-de-açúcar, permitindo aos pecuaristas do município um trabalho menos árduo no trato do gado.

LÁZARO DRESLER - RUA - VILA MUNICIPAL - funcionário municipal. Lázaro Dresler nasceu em Descalvado, cidade na qual residiu durante 58 anos até sua morte. Foi funcionário da Prefeitura Municipal, no cargo de Administrador do Cemitério Municipal, durante 35 anos. Foi casado com Iraci Alves Dresler, com a qual teve 18 filhos. Foi uma pessoa que praticou muito a beneficência, ajudando com seus próprios recursos, às pessoas carentes. Foi inspetor de quarteirão, muito benquisto na rua onde sempre morou: Rua José Bonifácio, na residência de nº 1097.

LÁZARO TIMÓTHEO DO AMARAL - AVENIDA - BAIRRO SANTA CRUZ - jornalista. Filho de Descalvado, foi um descavadense que muito amou sua terra e sua gente. Espírito filantrópico, foi um dos co-fundadores do nosso Asilo São Vicente de Paulo, obra para o qual deu todo o seu entusiasmo e idealismo. Lázaro Timótheo do Amaral foi jornalista, em Descalvado, sendo o fundador de “O Comércio”, folha jornalística através da qual sempre defendeu os mais sagrados interesses de Descalvado. Casado com D. Antônia Panoni do Amaral, veio a falecer, nesta cidade, sob o geral pesar dos descavadenses, no dia 5 de setembro de 1950. Numa merecida homenagem póstuma, o Prefeito Prof. José Ramalho Gabrielli, assinou o Decreto de nº 8 de 23 de agosto de 1967, denominando Avenida Lázaro Timótheo do Amaral, a Avenida Santa Cruz, que da linha férrea, ao término da Avenida Coronel Rafael Tobias, se estende até os altos do tradicionalíssimo bairro descavadense.

LEONARDO FREGONEZI JUNIOR (DR) - RUA - RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ - Lei 2.387 de 10 de março de 2.004 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Nascido em Poços de Caldas, jovem transferiu-se para Descalvado onde constituiu família. Advogado, foi Presidente da Associação Comercial e Industrial de Descalvado. Transferiu residência para Palmas no Estado do Tocantins onde foi assessor do Governador. Faleceu prematuramente vítima de ataque cardíaco.

LEONOR BIZARRO MUSSOLINI - RUA - RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ - Lei 2.398 de 30 de março de 2.004. Leonor Bizarro Mussolini nasceu em Santa Rita do Passa Quatro no dia 30 de agosto de 1.910. Foi casada com Ângelo Mussolini com quem dirigiu por mais de 50 anos o Bar Mussolini. Teve 7 filhos: Inês Mussolini Giacomelli, Helena Mussolini Fregolente, Geraldo Mussolini, Pedro Benito Mussolini, Ângelo Antônio Mussolini, Luiz Sérgio Mussolini e Irene Mussolini.

LÍRIOS - RUA - PARQUE MORADA DO SOL - flor. O gênero-tipo da família das liliáceas, plantas herbáceas dotadas de bulbo escamoso, folhas verticiladas ou esparsas, flores exuberantes, com perianto de seis segmentos, e fruto capsular. Qualquer espécie desse gênero, todas elas dotadas de belas flores alvas, e que são cultivadas como ornamentais, como, p. ex., a Lílum candidum ou açucena-branca. [Há cerca de 100 espécies.]

LOURENÇO GABRIELLI - DISTRITO INDUSTRIAL AO LADO DA VIA DE ACESSO JUVENAL POZZI - Lei 1.949 de 08 de dezembro de 1.999 do vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves. Pioneiro da Indústria em Descalvado. Filho de Orderigo Gabrielli que nasceu em Zagarollo, na Província de Roma. A princípio residiu na Fazenda Santa Carolina, passando depois, para a Fazenda São Rafael e Fazenda Palmeiras. No ano de 1907, a Família Gabrielli, graças ao amealhado no seu incansável trabalho agrário, adquiriu o Sítio Santo Antonio, de 17 alqueires e 16.000 cafeeiros. Mais tarde, fizeram aquisição da Fazenda São João da Capoeira do Alto, de 200 alqueires e 40.000 cafeeiros. No alvorecer da segunda década deste século, toda a família passou a residir na sede urbana onde dedicaram de imediato, ao comércio. No auspicioso ano de 1924 junto com seus quatro irmãos: Orderigo, João, Spárdaco e Fernando, num pioneirismo que os honrou e fixou um marco, em nossa terra, fundaram a Tecelagem Santa Maria, para o fabrico de tecidos de algodão. Esse estabelecimento, em boa hora erguido em Descalvado que sofria a terrível crise de sua cafeicultura em abandono já deu novo alento à nossa economia e foi ele, sem sobre de dúvida, o marco inicial de outras indústrias têxteis dos Irmãos Gabrielli e outros.

LUCIANO ESTEVES - PRAÇA - CENTRO (FÓRUM) - Juiz de Direito. Entre as ruas José Bonifácio; ao sul, 15 de novembro, a leste; e Orderigo Gabrielli, ao norte; localiza-se a tradicional Praça Dr. Luciano Esteves, onde está o fórum. Esta denominação data do ano de 1923 e é uma homenagem póstuma ao Dr. Luciano Esteves dos Santos Júnior, que foi Juiz de Direito de Descalvado, de fevereiro de 1920 até a data de sua morte, ocorrida em Limeira, sua terra natal no dia 13 de outubro de 1923. O Dr. Luciano Esteves dos Santos Júnior foi figura benquista em Descalvado, tanto que, depois de seu falecimento, os legisladores, a administração de nossa terra prestaram-lhe a grande homenagem, dando seu nome ilustre a essa praça urbana de nossa terra. Durante os festejos do Centenário da Independência, o culto Juiz, fez a oração oficial de Descalvado, na comemoração da magna efeméride da Pátria e a fez ante o obelisco da Praça do Centenário e em diversos outros locais. Aliás o Dr. Luciano também fez parte da Comissão de Festas que organizou as solenidades comemorativas da Independência, incluindo a construção do obelisco. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, foi Promotor Público em Sorocaba; e em seguida, em Ribeirão Preto; e Juiz de Direito em Avaré e Descalvado. No nosso Fórum, havia, numa perene homenagem da Justiça de Descalvado, um retrato seu, de rica moldura e esplêndido trabalho do grande pintor brasileiro, Oscar Pereira da Silva.

LUCÍLIA DE CAMARGO TODESCAN - RUA - RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ - Lei 2.376 de 25 de fevereiro de 2.004 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Lucília de Camargo Todescan, carinhosamente conhecida como “Lucilinha”, era filha de tradicional família de descavadenses, foi casada com Hildebrando Todescan, filho do Maestro “Quique”. Foi grande incentivadora de todos os movimentos sociais, culturais e filantrópicos. Foi Presidente do Clube da Amizade do Rotary Club de Descalvado.

LUÍZ ADALBERTO FERREIRA - RUA - PARQUE UNIVERSITÁRIO I - Lei 2.393 de 24 de março de 2.004 de iniciativa do Vereador Sebastião José Ricci, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Luiz Adalberto Ferreira, popularmente conhecido como “Luizinho do Agrindus”, era filho de Antonino Ferreira e Ana Zamariolla Ferreira, nasceu em Descalvado no dia 26 de abril de 1.946 e residiu durante muitos anos com sua família nas propriedades da Empresa Agrindus S/A. Estudou na Escola José Ferreira da Silva até a 4ª série ginasial. Sua vida profissional, iniciada em 17 de fevereiro de 1.964, foi toda ela dedicada, durante 37 anos, junto a Agrindus S/A Empresa Agrícola Pastoral. Pessoa bem relacionada e possuidora de um grande círculo de amigos, em 1.976 participou das eleições municipais como candidato a Vereador e, em 1.982 foi candidato a Vice-Prefeito na chapa encabeçada pelo ex-Prefeito Municipal Deolindo Zaffalon. Foi casado com Leonor Godoy Ferreira, com quem teve 3 filhos. Faleceu no dia 2 de fevereiro de 2.002.

LUÍZ ALTOÉ FRANCO - RUA JARDIM ALTO DA BOA VISTA - Lei 1916 de 10/11/99 do Vereador Luciano Laurindo Feliciano. Nasceu no dia 16 de abril de 1.933 na cidade de Descalvado. Foi celereiro e tapeceiro, conhecido como Gipão. Pertenceu a diversas entidades beneficentes: Lar São Vicente de Paulo, Lar Escola Imaculada Conceição e a Associação dos Aposentados e Pensionistas de Descalvado. Faleceu na cidade de São Carlos em 4 de março de 1.997. Está sepultado no Cemitério Municipal de Descalvado.

LUÍZ ALTON - RUA - BAIRRO NOVO SÃO SEBASTIÃO - comerciante.

LUÍZ ALVARES JUNIOR - RUA - PARQUE MILÊNIO - Lei 2.048 de 18/10/2.000 de autoria do Vereador Flavio Luiz Ancetti. Comerciante foi casado com a Professora Georgina Lefcadito Álvares.

LUÍZ ANTÔNIO CRIPPA - RUA NO BAIRRO BOSQUE DO TAMANDUÁ - Lei de iniciativa do Vereador Silvio Bellini de nº 2.324 de 22 de outubro de 2.003, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Luiz Antônio Crippa era filho de Américo Crippa e Cacilda Facchini. Nasceu em Descalvado em 15 de outubro de 1.951. Formado em biologia, exerceu suas atividades profissionais em empresas ligadas à área de alimentos, como Laticínios Vanessa, Produtos Alimentícios Vigor e Nestlé. Foi casado com Carmen Virgínia Lemos de Souza, com quem teve dois filhos.

LUÍZ DOMINGOS CHIARETTO - RUA - RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ - Lei 2.395 de 24 de março de 2.004, iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Luiz Domingos Chiaretto mais conhecido como “Barriga Verde”, lavrador, era filho de Luiz Chiaretto e Thereza Negrini. Nasceu em Descalvado no dia 23 de março de 1.922. Foi casado com Angelina Braghin Chiaretto com

quem teve 7 filhos. Morreu de câncer no dia 15 de junho de 1.986.

LUÍZ PEDEZZI – PRAÇA NO BAIRRO NOVO JARDIM BELÉM – Lei 2505 de 17 de junho de 2005 de iniciativa do Vereador José Dias Bolcão, sancionado pelo Prefeito José Carlos Calza. Fica na confluência das ruas Bezerra Paes, Mário Joaquim Filla e Avenida Independência, no Bairro Novo Jardim Belém. Luiz Peduzzi nasceu em Santa Cruz da Estrela, neste Estado no dia 14 de julho de 1917. No ano de 1950 mudou-se para São Paulo onde foi escriturário. Em 1968 fixou residência em Descalvado, dedicando-se inicialmente à avicultura depois como comerciante foi proprietário do Posto São José. Incentivador da Procissão de São Cristóvão que anualmente saía de seu posto em carriata com grande número de veículos.

LUÍZA PINESE BORTOLETTO – RUA DO BAIRRO RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei 2.356 de 12 de dezembro de 2.003 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves com sanção do Prefeito José Carlos Calza. Luíza Pinese Bortolotto nasceu na cidade de Santa Bárbara D'Oeste em 16 de março de 1.908, mas mudou-se para Descalvado, onde constituiu família, casando-se com Cyrillo Bortolotto com quem teve dois filhos Felisberto e Waldomiro Bortolotto.

LUÍZ BARBALHO – RUA NO RECANTO DOS IPÊS – Lei 1.915 de 10/11/99 de autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves. Nasceu na cidade de Descalvado no dia 7 de abril de 1.918, filho de Pedro Barbalho e Josefa Marcasso. Casado com Aparecida Maria Ruiz Barbalho com quem teve 8 filhos. Foi tintureiro. Auxiliar direto do Pároco servindo o altar nas celebrações eucarísticas. Atuou também como vicentino, desenvolvendo diversas atividades necessárias à manutenção do Lar São Vicente de Paulo.

LUÍZ CELSO ANTONIO - PRAÇA - JARDIM DO LAGO - tipógrafo trabalhou na Gráfica e Jornal Tribuna de Descalvado. Foi conhecido pelo apelido de Bimbo.

LUÍZ DIAS ALVARENGA – ADVOGADO E LÍDER RURALISTA – ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL – JARDIM ALBERTINA – Lei 2.336 de 21 de novembro de 2.003 de autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves com sanção do Prefeito José Carlos Calza. Luiz Dias Alvarenga é natural do Estado de Minas Gerais mas tornou-se Cidadão Honorário de Descalvado pelos relevantes serviços prestados à comunidade como advogado e líder ruralista. Foi fundador e Presidente da Associação Rural, Sindicato Rural Patronal e Cooperativa Agrícola Mista do Vale do Mogi Guaçu Ltda. Faleceu em Descalvado.

LUÍZ FUMAGALI - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - Proprietário rural e dono da Cervejaria Fumagali

LUÍZ GONZAGA LÍCIO (DR.) – Anfiteatro do Palácio do Povo. Lei 1704 de 28 de outubro de 1997 de autoria do vereador Sílvio Bellini. Luiz Gonzaga Lício, nasceu em Descalvado, foi Cartorário, Professor, Advogado, Vereador, Delegado de Cultura e Ator. Advogado por profissão e ator como paixão, Luiz Lício é carinhosamente chamado em Descalvado, sua cidade natal, como “ator de uma única peça”: *As mãos de Eurídice, monólogo em dois atos de Pedro Bloch*, por tê-la interpretado inicialmente aos trinta anos, encenando-a com o mesmo talento vinte anos após. E despertando as mesmas emoções nas platéias de gerações tão diferentes. Mesmo fazendo um teatro tradicional atualizou a montagem introduzindo elementos como: a comunicação com o público, a interpretação além palco, a licença poética e improvisação do texto, apenas contando com sua própria direção. Além de Descalvado onde apresentou-se diversas vezes, fez sucesso também em cidades como Barretos, Mococa, São João da Boa Vista, Casa Branca, Leme, Santa Rita do Passa Quatro, Dois Córregos, Santa Rosa do Viterbo, Guaranésia, Porto Ferreira, Santo Antonio da Alegria, Ribeirão Preto. Na política foi vereador tendo ocupado os cargos de 1º Secretário e Vice-Presidente da Câmara. Faleceu com 76 anos de idade, no dia 13 de outubro de 1997, estando sepultado em nosso cemitério municipal.

LUÍZ MARINI - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ - sitiante

LUÍZ MAZZOLA - RUA – JARDIM DO LAGO – Luiz Mazzola, filho de Guerino Mazzola e Angelina Boari Mazzola, era natural de Verona, Itália, tendo imigrado para o Brasil juntamente com os pais e os irmãos Paulo e Atilio por volta do ano de 1.890, fixando residência em Descalvado. De família simples e humilde, com poucos recursos financeiros, propôs-se a trabalhar na lavoura, tendo seu primeiro emprego na fazenda Santa Carolina e, posteriormente vindo a residir no Bairro de Santa Cruz, onde como um dos primeiros moradores, adquiriu um imóvel rural. Estabelecida e já estruturada, desde cedo a família Mazzola, tradicionalmente católica, começou a participar dos eventos sociais do bairro, principalmente

aqueles ligados à Igreja. Nestas festas religiosas, a família Luiz Mazzola era sempre responsável pela montagem das barracas nas ocasiões de várias festas religiosas que aconteciam. Dessas participações, surgiu o carinhoso apelido de “Barraca” para toda a família. Luiz Mazzola casou-se em Descalvado com outra italiana, também imigrante, Cécilia Bertani que adotando o nome de Cécilia Bertani Mazzola, continuaram morando por muitos anos no bairro escolhido de Santa Cruz, onde nasceram seus oito filhos, mais uma menina adotiva. Mais tarde, já na cidade, Luiz Mazzola trabalhou junto à Prefeitura Municipal na abertura de estradas municipais e posteriormente, em uma das fábricas de tecido da cidade, até se aposentar. Como católico praticante, foi durante muitos anos, membro da Congregação do Santíssimo Sacramento, onde em todas as procissões promovidas pela Igreja, carregava à frente, o crucifixo. Morreu anos 74 anos de idade e foi sepultado em Descalvado.

LUÍZ TERCÍ - RUA NO BAIRRO RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei 3.328 de 07 de novembro de 2.003 de autoria do Vereador Sílvio Bellini com sanção do Prefeito José Carlos Calza. Luiz Terci era filho de Sebastião Terci e Maria Ana Ruy Terci. Nasceu em Descalvado em data de 8 de agosto de 1.939. Iniciou suas atividades, jovem ainda, na Prefeitura Municipal de Descalvado, no Departamento de Água e Esgoto, permanecendo por mais de 30 anos, até sua aposentadoria. Após a aposentadoria dedicou-se a criação de frango de corte em propriedade rural no Bairro do Butiá. Foi casado com Jandira Pizardi Terci com quem teve 3 filhos. Participou do Conselho Deliberativo da Associação Rural, do Nosso Clube e de movimentos religiosos do Município. Faleceu em 30 de setembro de 2.002

LUÍZ TRABASSO - RUA - VILA FREITAS - comerciante. Nasceu na Itália, na cidade de Nápoles. Veio para o Brasil casado com Alexandra Trabasso com quem teve cinco filhos. Viúvo, casou-se em segundas núpcias com Judite Trabasso, com quem teve mais quatro filhos. Foi dono de um armazém de secos e molhados na rua José Bonifácio, 713, ao lado da estação rodoviária. Faleceu no dia 5 de julho de 1971.

MADRE CECÍLIA - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM – religiosa.

Nasceu em Piracicaba aos 7 dias do mês de julho de 1852, sendo seus pais Pedro Liberato Macedo e Rosa Martins Bonilha. Recebeu no batismo o nome de Antônia. Obedecendo ao pai casou-se. Nasceram três filhos. Seis anos após, ficou viúva e foi com seu trabalho de costureira que conseguiu criá-los. Em 1895 ingressou na Ordem Terceira Franciscana, recebendo o nome de Irmã Cecília do Coração de Maria; foi em parte a realização de um sonho que guardava em seu coração: ser religiosa. Aos 6 de janeiro de 1896, sentiu uma inspiração de Deus, que expressou às suas companheiras de trabalho e ao Diretor Espiritual da Ordem Terceira Franciscana - Frei Luiz Maria de São Tiago: “desejava arranjar uma casa, onde, junto com outras Irmãs Terceiras, pudéssemos viver a oração, o trabalho, ajudando os Capuchinhos em suas missões”. Essa inspiração foi acolhida por Frei Luiz que concretizou-a dizendo que essa casa seria “um asilo para as meninas órfãs”. As Irmãs Terceiras, confiantes no Coração de Maria, começaram a pedir ajuda ao povo para essa construção que foi inaugurada aos 2 de fevereiro de 1898. À hora da missa de inauguração, Frei Luiz, também inspirado por Deus, disse: “Daqui em diante as meninas pobres não chorarão mais a lágrima da orfandade, porque o Coração de Maria nossa Mãe, a todas oferece carinho e agasalho maternos”. No dia 30 de setembro de 1900, sete Irmãs Terceiras por graça de Deus, davam início à Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria. Madre Cecília era a superiora geral da nova Congregação, sendo conhecida também por Mamãe Cecília. Estreitamente vinculada à vida da Santa Casa de Misericórdia de Descalvado, está a Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, pelo muito que fizeram em prol da assistência hospitalar em Descalvado. Desde o início do século prestam serviços ao hospital, quando em 1904 a fundadora da Congregação, Madre Cecília do Coração de Maria, aceita o pedido da Mesa Administrativa da Santa Casa e envia a primeira Comunidade para assumir a direção interna do hospital. No livro do tombo da Congregação há o seguinte registro: “Aos 20 de fevereiro de 1904, chegou a Revda. Madre Cecília do Coração de Maria, Fundadora e Superiora Geral da Congregação, a quem a Mesa Administrativa propunha tomar a direção interna da Santa Casa. Vinha acompanhada da Irmã Canuta e de uma menina educanda do Lar-Escola Coração de Maria, Cesira Maria Graciano, que mais tarde entrou para a Congregação, recebendo o nome de Irmã Clara. Hospedaram-se em casa do padrinho de Madre Dorotéia, ao que parece Capitão João Nunes, enquanto se preparava o hospital. Aos 22 do mesmo mês, a Madre Cecília aceitou a direção assumindo, ela mesma, o cargo de Superiora,

para o que viajava diversas vezes entre Piracicaba e Descalvado, trazendo as irmãs para o serviço.” Descalvado, portanto, depois de Piracicaba, foi a primeira cidade que sentiu a influência benéfica do coração apostólico da Madre Fundadora e suas filhas espirituais, que no ano de 1905 auxiliaram o Pároco Manoel Alves a fundar aqui o Lar Escola Imaculada Conceição. Madre Cecília depois passou a morar num Chalé em Piracicaba, com a Irmã Maria do Carmo e sua filha Rosa. Ali foi o lugar que cultivou a santidade, através da oração e da entrega total de si, recebia com carinho, as curtas visitas que as Irmãs da Congregação lhe faziam. Após 32 anos naquele santuário franciscano - o Chalé - onde era muito procurada por causa de sua santidade, voltou para o Asilo que construía, falecendo dois anos mais tarde, a 6 de setembro de 1950. Sua vida é dom precioso para a Igreja, pela sua fé, esperança e confiança na providência de Deus e no coração de Maria, além de uma caridade misericordiosa para com os órfãos, leprosos, doentes, velhinhos, doentes e encarcerados.

MAESTRO FRANCISCO TODESCAN - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM – ESCOLA MUNICIPAL DE MÚSICA (Lei 1919 de 23/11/99 de autoria do Vereador Luciano Laurindo Feliciano) - Carpinteiro e Músico. *Sobre o Maestro e Carpinteiro escreveu o Profº Gerson Álfio de Marco em seu artigo Francisco Todescan, Oficina e Batuta (Jornal “O Comércio” de 05/07/75):* Filho da Itália, sonora e forte, vulto respeitável da colônia, Francisco Todescan, entre nós, soube construir sua grandeza humana, firmada no trabalho em que se sublimou, realizando; e na arte musical em que se multipartiu, excelendo. Na azáfama diária de sua oficina, era voz que ensina, com paciente maestria; que ordenava, com extremos de bondade. Aí, na sua tenda de trabalho, aventajou-se em capacidade artesanal e em frutuosa operosidade; e formou discípulos que souberam copiar-lhe a habilidade na execução e imitar-lhe a edificante incansabilidade. Nesse seu verdadeiro templo de devoção ao labor, ele era o artista que, amanhecendo no afã, saudava o sol de cada dia com a música vigorosa de seu obediente malho a percutir a férrea sonoridade da vibrante bigorna. Era o seu dia começando, musicalmente. E que, musicalmente, findava, com o hino vespéral de seu malho e de sua bigorna ao sol a tramontar, no smorzando de mais uma jornada. Esse, Francisco Todescan, o artesão, fabro harmonioso do poeta itálico, artífice e músico, no obrar o ferro sonoro. Falemos, agora de Francisco Todescan o músico, o enamorado da pauta. Aqui, são novos píncaros que ele atinge. Se foi ele operário notável, pai-de-família modelar, foi, também, um assinalado de Euterpe. Membro de diversas filarmônicas que os anos formaram, e extinguíram, em Descalvado, nelas, pode-se particularizar, a princípio, como o integrante dedicado e exímio; depois como o dirigente capaz incansável. Autodidata da docência musical, nesta se singularizou como o mais experiente graduado da pedagogia do pentagrama. Ele sabia ensinar com magnífica didática, burilando o novo operário da Beleza. Em sua casa, à noite, fazia néo-músicos. E era de vê-lo, pacientemente admirável, docentemente qualificado, conduzindo vocações musicais, plasmando novos artistas, na ventura de fazê-los, idealisticamente, em último plano os aenos materiais da pecúnia. Era o reiterado da musicalização noturna de seu lar, já com as leituras sonoras dos solistas, já com as primeiras vitórias instrumentais de seus alunos, já com estes a executarem os últimos acordes de sua formação. Era de vê-lo também, extramuralmente, lecionando novos músicos para a sua banda, enchendo-lhes os claros abertos, mantendo-a, assim, sempre ativamente viva e tradicionalmente continuada, na vida comunal. O malho e a bigorna alongando-se no arco e no teclado, no bocal e na palheta. Feliz contemporâneo duma nossa pequena “belle époque” de amadorismo participante, integrou diversos conjuntos orquestrais de nossa terra, quando o jazz era, ainda, uma ausência em nossa música provinciana e onde pontificavam o romântico e o embalador, o idílico e o saudoso, sem agressões e sem dissonâncias. Música remansosa e gentil, de levar ao enlevo. E, músico onipresente em nossa vida musical, Francisco Todescan dirigiu, por muito tempo, o coro da paróquia, no ungido da música litúrgica, na docura da música vocal. Outra faceta, esta, do Maestro e não menos marcante que as outras. Ele era, também, o músico, do sagrado, do cultural. As canseiras naturais da idade não o separaram de seus instrumentos de trabalho e nem o afastaram de sua cátedra de Música, que eram a sua razão de existir. E morreu cheio de anos e cheio de realizações. A sua foi uma nobilíssima existência feita de suores e de ideais, com o inesquecivelmente oferecido, com o abundantemente semeado e colhido. O trabalho ajudou-o a formar uma família exemplar, laboriosa como ele; como ele inteligente e de acurada sensibilidade artística; e a Música, não lhe dando a moeda dos mercenários da arte, deu-lhe, porém, o encantamento dos

escolhidos e o justo prestígio que sempre desfrutou entre nós. Para o Maestro que arrebatou com a música marcial, que acalentou com a música da ternura e do afeto, que afervorou com a música da liturgia, que fez vibrar com a música buliçosa e álaçre, agora, o grande, o pungente, o fervoroso Réquiem de nossa saudade começada e da homenagem póstuma de Gerson Álfio De Marco.

MAJOR FRANCISCO B. DE ARRUDA - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ - Fazendeiro, comerciante de café.

MALVAS – RUA – PARQUE MORADA DO SOL – Nome de planta. Gênero de plantas herbáceas, nativas do Velho Mundo, dotadas de folhas palmadas e flores tribacteadas. Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a Malva silvestris, cujas folhas encerram mucilagem, razão por que é us. em medicina.

MANOEL BIAGI - RUA - JARDIM RICARDO CEZAR - Lei 1634 de 6 de novembro de 1996 de autoria do vereador Accácio Rusca Júnior - Manoel Biagi nasceu no ano de 1914. Foi funcionário do DER - Departamento de Estradas de Rodagem, depois aprendeu a profissão de marceneiro trabalhando na oficina de Francisco (Quique) Todescan. Trabalhou depois nas serralherias de Paulo Rusca e Jorge Secaf. Em 1954 iniciou as atividades de sua própria empresa, denominada Fábrica de Móveis São José, cuja denominação perdurou até 1975, quando foi transferida para os filhos José Luiz e Luiz Antonio, passando a denominar-se Fábrica de Móveis e Carpintaria “Biagio & Biagio”.

MANOEL IVO DE MEDEIROS JUNIOR – RUA – PARQUE MILÊNIO – Lei 2.052 de 30 de outubro de 2.000 de autoria do Vereador Luciano Laurindo Feliciano. De descendência portuguesa estabeleceu-se em São Carlos. Casado com Natalina Zuin Medeiros com quem teve quinze filhos. Eletricitário veio para Descalvado onde ocupou a gerência da Companhia Paulista de Eletrecidade, cargo no qual se aposentou. Espirita convicto foi um dos fundadores do Lar Educacional Descalvado.

MANOEL FERREIRA GAIO - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - Presidente da Câmara. Filho de Antonio Ferreira Gaio e Maria Rodrigues Gaio, nasceu em Cordeirópolis - SP, em 14 de abril de 1895. Foi casado com a Sra. Domingas Granzola Gaio e teve com ela três filhos. Em Descalvado foi proprietário das fazendas Ibitira e Ribeirão Bonito, bem como do Posto “Esso”, hoje conhecido como Posto Santa Cecília. Em 1938 foi nomeado Prefeito de Descalvado. Foi Vereador de 1948 a 1951, ocupando a Vice-presidência da Câmara em 1948 e a Presidência em 1950. Faleceu no ano de 1971, com 76 anos de idade, estando sepultado em nosso cemitério municipal.

MARGARIDAS - RUA - PARQUE MORADA DO SOL – flor. Gênero de plantas rústicas da família das compostas, cujas flores têm pétalas brancas, radiadas, e miolo amarelo; margarita. Espécie, ou espécime desse gênero, ou a sua flor.

MARGINAL - AVENIDA - JARDIM PAOLA

MARIA ANGELA MARCOMINI – Praça do Palácio do Povo. Nascida em Descalvado, no dia 23 de novembro de 1946, filha de Otávio Marcomini e Maria Mattia Marcomini, foi a primeira mulher a ser eleita vereadora com 383 votos pelo PMDB nas eleições de 1996. Tomou posse em 1º de janeiro de 1997, integrando a Comissão de Orçamento e Finanças da Câmara. Não chegou a cumprir seu mandato, vindo a falecer no dia 5 de junho de 1997 com cinquenta anos de idade, estando sepultada em nosso Cemitério Municipal. Além de vereadora Maria Angela teve uma participação ativa na comunidade católica descaltadense, integrando-se a vários movimentos. Amante da música foi instrutora da primeira fanfarra feminina de Descalvado, pariticipando do Coral da Igreja Matriz.

MARIA APARECIDA FIORONI KASTEIN (PROFª) - CENTRO DE CONVIVÊNCIA - ESTAÇÃO FERROVIÁRIA - Lei 1546 de 28 de junho de 1995 de autoria do Vereador José Antonio Lefcadito Alvares e CENTRO DE HIDROTERAPIA E FISIOTERAPIA DA APAE, inaugurado em 2 de agosto de 1997. Maria Aparecida Fioroni Kastein, nasceu em Descalvado em 15 de agosto de 1949, filha de Jácomo Fioroni e Tereza Berti Fioroni. Formou-se professora no Colégio Estadual e Escola Normal de Descalvado, hoje EEPF José Ferreira da Silva no ano de 1966. Fez curso de especialização em Excepcionais em São Paulo. Lecionou na classe de excepcionais na EEPG Cel. Tobias. Foi fundadora da APAE de Descalvado onde lecionou por 25 anos até obter sua aposentadoria. Foi também professora na Unidade Escolar do SESI nº 205 de Descalvado. Participou de inúmeras entidades entre elas o Eagle's Club, Clube de Educação Raul Briquet, Grêmio Estudantil Descaltadense, Clube Esportivo e Recreativo Descaltadense. Foi casada com Luiz Carlindo Arruda Kastein, com quem teve dois filhos Aline e Alan.

Faleceu no dia 8 de fevereiro de 1995 com apenas 45 anos, estando sepultada no Cemitério Municipal de Descalvado.

MARIA DE LOURDES DELA LIBERA BENINE – (PROFESSORA) – EMEI do Bairro de Santa Cruz, localizada na Rua Dr. Glenan Leite Dias, confluência com a Avenida Cruzeiro do Sul. Lei 2.997 de 2/05/08 de autoria do Vereador Sebastião José Ricci, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Maria de Lourdes basceu em Descalvado no dia 13 de abril de 1.947, filha de José Dela Libera Filho e Ignez de Assis Dela Libera. Iniciou seus estudos no Grupo Escolar Coronel Tobias, formando-se professora no Instituto de Educação José Ferreira da Silva no ano de 1.967. Em 1.968 foi para São Paulo com o objetivo de lecionar, mas com a dificuldade no ingresso ao magistério trabalhou como doméstica em casa de família. No ano seguinte retornou a Descalvado em virtude da morte de seu pai. Em 1.970 casou-se com Augusto Benine com quem teve 2 filhos. Foi para Campinas onde começou a lecionar na Escola Júlio Mesquita, voltando para Descalvado no ano de 1.974, onde permaneceu até sua morte, tendo lecionado no Plimec, Usina Ipiranga, Padre Orestes Ladeira, Coronel Tobias, Dirce Sartori Serpentino e no Mobral. Lecionou também em escola do Porto Ferreira. A Professora Lourdes Benine como era conhecida resiu no Bairro de Santa Cruz até sua morte em 29 de abril de 2.000.

MARIA GRASSI - RUA - BAIRRO STA. CRUZ DOS OPERÁRIOS - Lei nº 10 de 2/7/56, antes foi denominada rua Morta da Santa Casa. - Nome da menina que recepcionou o Imperador D. Pedro II quando de sua visita a Descalvado em 30 de outubro de 1886, entregando um ramalhete de flores. Nasceu em 21 de fevereiro de 1874 e faleceu ainda criança em 19 de julho de 1889. Foi enterrada no “Cemitério Velho”, depois seus restos mortais foram transferidos para o mausoléu do Cemitério Municipal, onde ainda existe a lápide de seu túmulo, com a inscrição que mantivemos na grafia original: “Sob esta lapita descansam os restos mortais da jovem Maria Grassi. Nascida em 21/02/1874 e falecida em 19/07/1889. Cinceras lágrimas maternais. Doloridas saudades eternas.”

MARIA HELENA MOFFATO MARINI – RUA – BAIRRO RESIDENCIAL MORUMBI – Lei 2.372 de 25 de fevereiro de 2.004, iniciativa do Vereador Henrique Fernando do Nascimento, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Maria Helena Moffato Marini filha de tradicional família descavadense, foi professora da rede municipal de ensino, colaboradora da Creche UNIDOS, sempre ligada a todos os eventos sócio-culturais e beneficentes do Município.

MARIA LONGOBARDI DUO – RUA – BAIRRO RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei 2.394 de 24 de março de 2.004 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Maria Longobardi Duónasceu em 1º de junho de 1.920 em São Paulo, foi casada com Alfredo Baptista Duo, com quem teve 3 filhos. Foim proprietária do Bar Duo localizado ao lado do Jardim Velho, durante muitos anos. Faleceu em Descalvado no dia 10 de julho de 1.987.

MARIA ROSA FUZARO – Brinquedoteca Municipal que possui mais de 5 mil unidades de brinquedos e jogos, salas do Faz de Conta, Ludoteca, Jogos de Construção e Playground. Foi inaugurada em setembro de 1.994.

MARIA SYLVIA TRALDI DE MARCO – Professora – Delegada de Ensino – Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada no Bairro Residencial Morumbi. Lei 2.325 de 31 de outubro de 2.003 de autoria do Vereador Sebastião José Ricci, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Maria Sylvia, nascida Terra Traldi, nasceu em Descalvado, aos 25 de agosto de 1.941, filha de Sylvio Traldi e Dulce Correa Terra Traldi. Foi casada com Sergio Wanderley Zerbetto De Marco com quem teve 3 filhos. Foi Professora em diversas escolas, Diretora, Supervisora de Ensino e Delegada de Ensino. Faleceu em 2 de fevereiro de 2.001.

MARILIA WORCHECH GABRIELLI - (PROFª) - CENTRO ESPORTIVO DO BAIRRO DE SANTA CRUZ - educadora - esportista. Lei 885 de 04/10/88 do Pref. Tomás Vita.

Nasceu em Rio Claro, no dia 16 de janeiro de 1928, filha de Adolpho Worchech e Rosalina Ribeiro Worchech. Estudou no Colégio Keller de Rio Claro e posteriormente na Faculdade de Educação Física da Universidade de São Paulo. No tempo que estudava, foi locutora da Rádio Difusora - PRF-2 de Rio Claro. Lecionou em Itápolis e em 1948 veio para Descalvado como professora de Educação Física. Casou com o Professor José Ramalho Gabrielli, descavadense, em 1950, e com ele teve 4 filhos. Foi professora da EEPSP José Ferreira da Silva até se aposentar. Jogou basquete pela seleção de Rio Claro e depois no CERD a partir de 1948, conquistando o Troféu Bandeirantes. Foi convocada duas vezes para as seleções paulista e brasileira. Grande incentivadora dos esportes, foi

professora de Maria Helena Cardosa, campeã e técnica da seleção brasileira feminina de basquete. Faleceu em 20 de setembro de 1983, estando sepultada no cemitério municipal.

MARIO BENEDITO BRINNER - RUA - JARDIM RICARDO CEZAR – COMERCIANTE - Nascido em 18 de dezembro de 1954, faleceu em 29 de setembro de 1991 em acidente aéreo. Foi proprietário da empresa COMBEL, distribuidora de produtos Antártica. Foi casado com Neide dos Santos Brinner com quem teve dois filhos.

MÁRIO BONITATIBUS – RUA – PARQUE MORADA DO SOL – COMERCIANTE, VEREADOR E PRESIDENTE DA CÂMARA - Lei 1801 de 30/11/98 do Vereador Silvio Bellini. Nascido em Descalvado em 6 de abril de 1916, filho de Romeu Bonitatibus e Amáble Belinello. Iniciou o curso primário no Grupo Escolar Coronel Tobias em 1.923, concluindo-o em 1.926. Ingressou na Escola Técnica de Pirassunungam diplomaando-se em contabilidade no ano de 1.934. Exerceu por diversos anos o comércio em Descalvado, no ramo de hotelaria. Em 2 de janeiro de 1.948, mediante concurso público, ingressou no serviço público estadual, na área de saúde, exercendo suas atividades profissionais no Centro de Saúde de Descalvado, até sua aposentadoria. Contraiu matrimônio em Descalvado com Izaura B. Bonitatibus, com quem teve quatro filhos. Exerceu a vereança junto a Câmara Municipal por quatro legislaturas: de 1.956 a 1.959; de 1.960 a 1.963; de 1.964 a 1.968 e de 1.969 a 1.973, ocupando vários cargos, como 1 Secretário e Presidente da Câmara.

MARIO DE BARROS GENTIL (DR.)– Promotor Público - Parque Ecológico localizado entre o Jardim São Francisco e o Jardim do Lago. Lei 2.316 de 09 de setembro de 2.003 de iniciativa do Vereador Luís Antônio Panone com sanção do Prefeito José Carlos Calza. Dr. Mário nasceu na cidade de Leme em 23 de janeiro de 1.949, neto de Alípio Ferreira de Barros, proprietário de várias áreas de terra neste Município de Descalvado, onde gerou muitos empregos. Ingressou no Magistério Público em 21 de dezembro de 1.992m tendo assumido a titularidade da Promotoria de Justiça de Descalvado em 31 de dezembro de 1.994, onde permaneceu até sua morte em 4 de junho de 2.003, vítima de esclerose lateral amiotrófica. Exerceu a função de Curador do Meio Ambiente de Descalvado.

MÁRIO DE MOURA ALBUQUERQUE - (Dr.) - PRÉDIO DO FÓRUM – Advogado, Promotor Público da Comarca de Descalvado e esportista. Jogou no Esporte Clube Guarani de Descalvado, na década de 20. A denominação foi dada pela lei estadual nº 10.019 de 09 de janeiro de 1968.

MÁRIO FRANCESCHINI – PROFESSOR – Escola Municipal de Ensino Infantil – BAIRRO NOVO JARDIM BELÉM, localizada no número 248 da Rua Dr. Jayme Regallo Pereira. Lei de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves e sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Nasceu na cidade de Cabreúva – SP em 27 de julho de 1.920. Iniciou a sua carreira em órgãos da imprensa da Capital. Entre maio de 1.944 e março de 1.945 trabalhou na Empresa Jornalística Folha da Manhã. Depois trabalhou no Jornal de São Paulo no período de abril de 1.945 até o início de 1.948. De volta à Folha de São Paulo permaneceu por mais 4 anos, de agosto de 1.948 até 1.952 como revisor de textos. O início do exercício do Magistério deu-se em 17 de agosto de 1.951 quando ocupou a cadeira de Latim com professor substituto no Colégio Estadual e Escola Normal Nossa Senhora da Penha em São Paulo onde lecionou até 12 de outubro de 1.952. Formou-se em Letras no ano de 1.953 pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo. Concursou escolheu Descalvado, onde lecionou no Instituto de Educação José Ferreira da Silva de 13 de setembro de 1.952 a 20 de maio de 1.983 quando aposentou-se. Casado com a Professora Alzira Campos, teve dois filhos, Silvio e Lauralice. Faleceu na cidade de Ribeirão Preto em 25 de março de 2.002. Seu corpo como Cidadão Honorário de Descalvado que era, foi velado no prédio da Câmara Municipal. Foi grande colaborador do Legislativo na revisão de texto de diversas leis, entre elas a Lei Orgânica do Município. Foi Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo onde defendeu tese no ano de 1.978 Foi sepultado no Cemitério Municipal de Descalvado.

MÁRIO JOAQUIM FILLA - PLENÁRIO DA CÂMARA MUNICIPAL, ESCOLA ESTADUAL QUE FUNCIONOU NA USINA IPIRANGA e RUA QUE ATRAVESSA OS BAIRROS DE JARDIM ELITE, JARDIM CAMBARÁ, NOVO JARDIM BELÉM E JARDIM PARAÍSO. Jornalista e Presidente da Câmara Municipal. Foi Vereador na 2ª Legislatura de 1952 a 1955, 3ª Legislatura de 1956 a 1959, 4ª Legislatura de 1960 a 1963, 5ª Legislatura de 1964 a 1968, 6ª Legislatura de 1969 a 1972, 7ª Legislatura de 1973 a 1976. Foi o Vereador que por mais vezes ocupou a Presidência da Câmara: de 1957 a 1960, de 1964 a 1965, em 1969 e de 1973 a

1974. Jornalista, foi fundador e redator do Jornal “O Comércio”. Amante das artes, fundou em Descalvado, o Teatro Experimental do Trabalhador, do qual foi incentivador, dirigindo peças e trabalhando como ator. Consagrou-se na interpretação da peça “A Raposa e as Uvas”. Destacou-se como grande orador. Participou ativamente da vida social da cidade, foi membro durante muitos anos do Rotary Club. Escreveu “Ciranda dos Anos”, editado no ano de 1964.

MARIO PINESE – RUA NO BAIRRO RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – LEI 2.363 de 18 de dezembro de 2.003, de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Mario Pinese nasceu na cidade de Americana em 28 de abril de 1.915, mas mudou-se para Descalvado onde constituiu família e aqui faleceu.

MARTINHO VIEIRA LÍCIO – Rua no Residencial Bosque do Tamanduá – Lei 2.315 de 04 de setembro de 2.003, iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Nasceu em Descalvado, iniciando sua vida profissional como auxiliar de seu pai Satiro Lício na Barbearia de sua propriedade. Depois trabalhou em tipografia e Cartório de Notas. Curso o Colégio Comercial de Descalvado e o Curso Normal do Ginásio Estadual. Foi professor de datilografia, funcionário do Nosso Clube, poeta e grande colaborador dos jornais da cidade. Integrou grupos de Teatro Amador. Culto e inteligente foi um dos fundadores da ADELACE – Academia descaldadense de letras, artes, ciência e educação. Está sepultado em nosso cemitério municipal.

MATHILDE DE FREITAS CIRELLI – PROFESSORA – CRECHE DO JARDIM COLONIAL – A Professora Mathilde de Freitas Cirelli, nasceu em Descalvado, no dia 20 de julho de 1.943, filha de Sebastião de Freitas e Maria Moura de Freitas. Concluiu o curso primário em 1.954 no Grupo Escolar Coronel Tobias. O curso ginasial, foi concluído em 1.960, no Colégio Estadual e Escola Normal de Descalvado. Sua formação profissional de professora primária, ocorreu em 1.963, no Colégio Estadual e Escola Normal de Descalvado, formando-se no mesmo ano como Técnica em Contabilidade no Colégio Comercial de Descalvado. Lecionou com registro de professora particular em cursos primários, fundamentais e preparatórios de 1.964 a 1.966. Em 9 de julho de 1.966, casou-se com Ernesto Cirelli, industrial descaldadense, nascido em 16 de novembro de 1.940. No ano de 1.967, ingressou no Magistério e foi para o Município de Sud Minnucci (SP), lecionando no Grupo Escolar Municipal Vitor Padilha. Em 1968 transferiu-se para a Grande São Paulo, onde lecionou na Escola Estadual Maria Augusta Siqueira, Vila dos Remédios em Osasco, de 1.968 até 1.970. Prestou curso no Institutp Butantã, criado pelo Ministério da Educação, para lecionar na 5ª série, curso este concluído em 1.970, neste período foi beneficiada com um comissionamento para prestar serviços junto a Escola Estadual José Ferreira da Silva em Descalvado. Em 1.972 sua cadeira efetiva era em Osasco. Com direito a remoção, foi para a Escola Mista do Bairro dos Frades em Limeira. Neste mesmo ano de 1.972, concluiu o Curso de Administração Escolar, no Instituto de Educação de Cravinhos (SP). Fez Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, na Instituição Moura Lacerda, tendo recebido o diploma em 22 de dezembro de 1.974. Em seguida fez Estágio Supervisionado na Habilitação de Orientação Educacional, estágio este concluído em 1.975, neste período sua cadeira efetiva era em Limeira. Removeu-se para a EEPG Professora Pedrina Pires Zadra, na cidade de Porto Ferreira – SP. Ainda em 1.975 fez estágio de Administração Escolar, todos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. No mesmo ano concluiu o Curso de Habilitação em Ensino das Disciplinas e Atividades Práticas dos Cursos Normais na UNAERP em Ribeirão Preto. De 1978 a 1979, seu cargo efetivo era em Ribeirão Preto, daí transferiu sua efetivação para a Escola Estadual José Ferreira da Silva em Descalvado, onde já vinha prestando suas atividades como comissionada, atividades estas a disposição do Cartório Eleitoral de Descalvado, após a sua remoção, passou a trabalhar na Secretaria da mesma escola, junto à administração. Mathilde além de sua vida profissional foi muito religiosa na Igreja Apostólica Romana, fez Cursinho em 1.973, foi catequista, preparando crianças para a 1ª Comunhão, curante 15 anos. Foi palestrante em curso de preparação para o Matrimônio, fez Curso de Foculares Carismático em Campinas (SP), e deu início na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém, dos primeiros encontros de grupos de oração carismático, hoje uma vivência fervorosa com muitos adeptos e testemunhos. Por volta de 1.986, pediu afastamento das atividades profissionais, para cuidar de sua saúde, pois foi vítima de uma insidiosa doença, que conviveu com ela alguns anos, vindo a

tirar-lhe a vida em 14 de março de 1.991, com apenas 47 anos de idade. Deixou esposo e 3 filhos, Patrícia nascida em 1.968, Fábria em 1.970 e Renzo em 1.974. Está sepultada em nosso cemitério municipal.

MATO GROSSO – RUA – JARDIM ALBERTINA – Estado brasileiro

MIGUEL DE FALCO NETTO – RUA – BAIRRO NOVO SÃO SEBASTIÃO – Comerciante. Nasceu no ano de 1908 e foi casado com Rosa de Falco com quem teve 5 filhos. Foi proprietário do Expresso Descalvado, transportadora que herdou de seu pai Rafael de Falco e de seu irmão Ângelo de Falco em 1950. Foi durante muitos anos Presidente do Nosso Clube Sociedade Esportiva.

MIGUEL PASCHOAL – RUA – RECANTO DOS IPÊS – Lei 1.935 de 03 de dezembro de 1.999 do vereador Henrique Fernando do Nascimento. Motorista

MILTON TIMÓTHEO DO AMARAL – RUA – JARDIM DO LAGO – jornalista, proprietário dos jornais Folha do Povo e Tribuna de Descalvado. Eleito suplente de vereador na 4ª legislatura de 1960 a 1963, assumiu na vaga deixada pelo Dr. Jayme Regallo Pereira, foi re-eleito para a 5ª legislatura de 1964 a 1968.

MINAS GERAIS – RUA – JARDIM ALBERTINA – estado brasileiro

MONSENHOR JOSÉ CANÔNICO – ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL – Bairro de Santa Cruz dos Operários – Lei 2.234 de 14 de novembro de 2.003 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Nascido em Rio Pomba (MG), em 30 de dezembro de 1.913. Veio para o Estado de São Paulo ainda criança com 4 anos. Frequentou o Seminário Diocesano de Campinas, onde cursou o Ginásio e Filosofia. Em São Paulo, Capital, com a inauguração do Seminário Central do Ipiranga, cursou Teologia. Foi ordenado Presbítero na Catedral de Campinas, por Dom Francisco de Campos Barreto em 5 de dezembro de 1.937. Veio para Descalvado como Pároco em 22 de setembro de 1.946. Em 24 de setembro de 1.957 inaugurou as instalações da Sede Social da Paróquia. Construiu uma nova Igreja com Centro Comunitário no Bairro de São Sebastião. Fundou a Escola Catequética Paroquial. Criou as comunidades de bairro. Morreu na cidade de Descalvado e está sepultado na cripta da Igreja de Santa Cruz das Almas.

MOTORISTAS – PRAÇA – BAIRRO NOVO JARDIM BELÉM. Motorista ou Chofer segundo o Aurélio é o condutor de qualquer veículo de tração mecânica

NELSON LUIZ VILLA – RUA – PARQUE UNIVERSITÁRIO Lei 2.281 de 24 de junho de 2.003 do Prefeito José Carlos Calza. Iniciativa do Vereador Tomás Vita. Nelson Luiz Villa de tradicional família descaldadense, descendente de italianos nasceu em 12 de fevereiro de 1.933. Desde criança foi amante da música, sendo por muitos anos pistonista da Corporação Musical Santa Cecília e do conjunto descaldadense Ritmo e Penumbra. Foi fiscal de rendas durante quase toda a sua vida profissional, nas cidades de Macaé e Campos no litoral fluminense. Em Campos foi dirigente do Americano e comentarista esportivo da rádio local, onde teve como companheiro de profissão Anthony Garotinho. Aposentado em 1.982, retornou a Descalvado no ano seguinte. Foi técnico de futebol do CERD, ajudando a montar o time que seria campeão paulista da 3ª Divisão em 1.986. Por duas vezes, 1987/1988 e 1988/89, foi Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Descalvado. Faleceu no ano de 2.003 e está sepultado em nosso Cemitério Municipal.

NELSON RUIZ – RUA NO PARQUE UNIVERSITÁRIO – Lei 2.285 de 02 de julho de 2.003 de iniciativa do Vereador Sílvio Bellini, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Comerciante, avicultor e Vereador.

NHÔ TOTICO – RUA – JARDIM ALTO DA BOA VISTA – Lei 1.931 de 3 de dezembro de 1.999 do Vereador Rubens Algarte de Rezende. Comediante nascido em Descalvado. Seu nome Vital Fernandes da Silva. Consagrou-se no rádio com o Programa Escolinha do Nhô Totico. Mais tarde trabalhou na televisão na Rede Globo. Foi homenageado pela Câmara Municipal de Descalvado com placa de prata.

NICOLA GOLLA – BAIRRO NOVO SÃO SEBASTIÃO – comerciante, foi dono da Telefônica Descalvado.

NICOLA LAMANO – RUA – BAIRRO SANTA CRUZ – Industrial, proprietário da Fábrica de Tecidos Santa Lúcia que ficava na Rua Padre Jeremias José Nogueira.

NICOLAU ANTÔNIO LOBO – RUA – BAIRRO JARDIM BELÉM – pioneiro. LEI 13 DE 6/9/54 – Nasceu na

Província de Minas Gerais no século XVIII. Com seu irmão Manoel Antonio Lobo penetrou o sertão de Araraquara, estabelecendo-se como posseiro em terras que seriam do Município de Descalvado e que abrangiam as antigas Fazendas

Gramma, Nova e Areias, constituindo enorme latifúndio de 1.800 alqueires paulistas, que foi desmembrado com o tempo. Nicolau Antônio Lobo, mais tarde, vendeu sua propriedade a Alexandre José de Castilho, também um dos primeiros habitantes que por sua vez, a vendeu mais tarde a José Ferreira da Silva. Vendida as propriedades retirou-se de Descalvado, juntamente com seu irmão, sem que se saiba ao certo para onde.

NILSON APARECIDO TONDAI - RUA - RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ - LEI 2.381 de 27 de fevereiro de 2.004, de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Nilson Aparecido Tondati nasceu na cidade de Florai (PR) em 24 de outubro de 1.965. cursou até o 2º grau. Em Descalvado trabalhou a Fazenda Ibicatu de Abílio Mauro, onde tirava leite. Trabalhou também na Fazenda do Senhor Arnaldo Fregonezi, onde tinha porcentagem no lucro da criação de frango. Fez vários cursos de transporte. Foi árbitro de futebol na Comissão Municipal de Esportes. Sonhava ser jogador de futebol, porém fora convidado a realizar teste em um grande time, mas as circunstâncias não permitiram. Dedicou-se ao trabalho, à família e ao filho. Seu maior objetivo era vencer os obstáculos da vida com honestidade, crescendo financeiramente, matando a dignidade. Ter uma boa casa, ver o filho formado e modernizar e ampliar a sua empresa, a DN TRANSPORTES. Em 20 de fevereiro de 2.002, descobriu que tinha câncer da supra renal, fez cirurgia em 14 de outubro de 2.002 e faleceu em 16 de outubro de 2.003., dois dias antes de completar 39 anos.

NORMA MOREIRA COLUSSI - PRÉDIO MUNICIPAL QUE ABRIGA, NO JARDIM COLONIAL, O PROGRAMA DE SAÚDE FA FAMÍLIA - PSF na Rua Benvido Gonçalves Franco. Lei 2.881 de 13/05/08 de autoria do Vereador Sebastião José Ricci, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Em meados de 1.936, chegava a Descalvado, vinda do sul de Minas Gerais a família de Julião e Eponina Miranda Moreira. Norma era a terceira filha do casal, nascida em Lavras (MG) tinha então 14 anos. Nasceu em 29 de maio de 1.923. Franzina e apresentando problemas de saúde, com 18 anos foi levada à São Paulo no Hospital das Clínicas. Internada, pr lá ficou durante mais de um ano para que sua enfermidade rara e sem diagnóstico preciso, fosse investigada. Durante o tempo de interna, Norma acabou por se diplomar Parteira no próprio hospital, já que a instituição era ligada ao curso de medicina da USP. Ficou por lá trabalhando no Hospital por um tempo ligada à área de obstetrícia. Era costume na época que o parto fosse realizado na casa da parturiente principalmente no interior, e foi assim, regressando a Descalvado em meados de 1.948, já livre da doença, que praticou o ofício que aprendera na capital. Durante 25 anos trabalhou incansavelmente na cidade e também na zona rural, dando assistência às mulheres e seus recém-nascidos. Por lá seguia de carroça, caminhão, ou qualquer outro veículo que estivesse à mão, permanecendo por vezes durante 3 dias nas casas até que a mãe se recuperasse do parto. O banho era dado nos recém-nascidos até a queda do umbigo, portanto, diariamente seguia para as casas das mães para o apoio necessário. Com o tempo, a modernidade levou as mulheres a utilizarem os hospitais para o parto, a figura da parteira era substituída em definitivo pelo médico. A partir de então, Norma assou a fazer parte do corpo de enfermeiras da Santa Casa de Misericórdia auxiliando nos procedimentos de rotina e também nas cirurgias, principalmente as obstétricas. Em 1.970 compra sua primeira farmácia, denominada Avenida, na qual trabalhou até 1.977. Faleceu em 2.003, depois de toda uma vida ligada a solidariedade.

NOSSA SENHORA DO BELÉM - PRAÇA DA MATRIZ (CENTRO) -

Seu primeiro nome, que vem dos primórdios de nossa cidade, foi Largo da Matriz e isto pelo fato da mesma conter em seu âmbito, a Igreja Matriz de Descalvado, sob a denominação de Nossa Senhora do Belém. E, por cerca de noventa anos, o logradouro teve o nome tão encantador para o coração descaldense, tão significativo para ele. Porém pelo Decreto nº 43, de 30 de março de 1933, o antigo nome passou para Praça Campinas, homenagem da Prefeitura Municipal de Descalvado, de então, à cidade de Campinas e pelo fato desta última municipalidade haver proporcionado, à nossa terra, o empréstimo que nos facilitou, no tempo, saldarmos todas as nossas dívidas, naqueles tempos de escassas receitas e inúmeras dificuldades para os administradores do Município. Um ato de reconhecimento, porém nossa formação histórica reclamava um novo batismo para a nossa principal praça pública. Finalmente pela lei nº 14, de 20 de maio de 1948, votada por unanimidade em nosso Legislativo, a antiga Praça Campinas e dos Expedicionários passou a denominar Praça

Nossa Senhora do Belém, em homenagem à Padroeira da cidade e do município e de cuja capela nasceu nossa cidade, nos idos de 1832, como ensina a história. Era essa, portanto, uma mudança de nome que se impunha e bem o compreenderam os legisladores de 1948, votando com o coração e com a História.

NOVE DE JULHO - PRAÇA PÚBLICA na confluência da Avenida Bom Jesus com Ruas José Quirino Ribeiro e 22 de abril. Lei 2.529 de 02 de agosto de 2.005 de autoria do Vereador Antônio Carlos Reschini, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Homenagem a Revolução Constitucionalista de 1932.

NOVO JARDIM BELÉM - BAIRRO

NOVO SÃO SEBASTIÃO - BAIRRO (NICOLA GOLLA)

OCTAVIANO PINCA - RUA - VILA FREITAS - comerciante. Nasceu em Ferrara na Itália e faleceu em Descalvado, onde iniciou como colono, depois comprou um armazém no bairro de Santa Cruz, que vendeu mais tarde



**PRIMEIRO BRASÃO DE ARMAS DE
DESCALVADO**

comprando outro num velho casarão, hoje localizado defronte a Casa Martinelli. Foi casado com Paschoa Adélia Segantim com quem teve onze filhos.

OCTAVIO BIAZZI - Praça no Portal dos Coqueiros, na confluência das Ruas Pará, José Carlos Púlici, Portugal e Japão. Foi um dos primeiros ferreiros de Descalvado, transformada depois em conceituada Serralheria. Foi também proprietário da Panificadora Biazzi. Lei de autoria do Vereador José Dias Bolcão, com sanção do Prefeito José Carlos Calza.

OCTÁVIO GABRIELLI (DR.) - PRAÇA DO HOSPITAL - CENTRO - médico. Quando Descalvado comemorava em 1967, seu 135º aniversário de fundação, nossa população se reunia junto ao prédio da Santa Casa de Misericórdia, no dia da festa magna da cidade, para a inauguração da Praça Dr. Octávio Gabrielli, que está localizada na rua Paula Carvalho, no lado sul de nosso hospital.

O logradouro passava a chamar, desde então, Praça Dr. Octávio Gabrielli, perenizando, em sua denominação o nome do benquista, do inolvidável médico descaldense Dr. Octávio Gabrielli, tão cedo roubado do convívio dos descaldenses. Descalvado perdia, nesse laborioso profissional um facultativo diligente, de grande cultura médica, de grande cultura humanística e pertencente à tradicional família Gabrielli, dos pioneiros de nossa industrialização. A iniciativa da denominação à praça partiu do Vereador Maury Timótheo do Amaral, com a aprovação unanime de todos os seus pares, e sancionada pelo Prefeito Deolindo Zaffalon, que assim, prestaram sua homenagem pessoal ao inolvidável conterrâneo. O Dr. Octávio, filho de Spardago Gabrielli e Rosa Gava, emigrantes italianos, vindos de Zagarolo, Província de Roma e que desembarcaram em Santos no ano de 1894, nasceu no dia 11 de dezembro de 1914 na Fazenda Três Angelos, bairro do Butiá. Depois transferiram-se para o centro da cidade, residindo no prédio

onde hoje é a sede do CERD, na rua Barão do Descalvado. Após o curso primário, trabalhou como aprendiz de alfaiate, transferindo-se depois para Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro onde prosseguiu seus estudos, formando-se médico pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro em 6 de dezembro de 1945. Especializou-se em clínica médica, clínica psiquiátrica, doenças hepáticas, técnica radiográfica e eletrocardiologia. Em 1946 iniciou sua vida profissional em Descalvado, passando a atuar na Santa Casa de Misericórdia, como clínico geral e nas especialidades de ginecologia e obstetrícia e paralelamente manteve um consultório particular em sua residência, à Rua José Bonifácio, 500. Clinicava na época juntamente com os médicos: Dr. Glenan Leite Dias, Dr. Victório Casati, Dr. Humberto Gabrielli e Dr. Jayme Góes. O Dr. Octávio foi um dos principais responsáveis pela criação do Posto de Puericultura de Descalvado, inaugurado em 1º de maio de 1950, tendo atuado como médico-chefe do Posto. Atribui-se também a ele a implantação dos primeiros aparelhos de raio x em Descalvado. Em 23 de julho de 1953 casou-se com Therezinha do Menino Jesus dos Santos, tendo uma única filha. Católico fervoroso escreveu um poema a Nossa Senhora do Belém, sendo que todos os domingos assistia com seus pacientes a missa celebrada na Santa Casa de Misericórdia. Apreciava jogar xadrez, tocar violino, reuniões às margens do rio Mogi-Guaçu, música e leitura. Como político foi Vereador de 1948 a 1951, sendo Presidente da Câmara em 1949. Foi Presidente do CERD de 1º de janeiro de 1953 a 31 de dezembro de 1954. Faleceu prematuramente em 8 de novembro de 1956, com 41 anos de idade, vítima de síncope cardíaca.

ODAIR BERTOLUCCI – RUA PARQUE VITÓRIA – Lei 2783 de 02 de julho de 2007 de iniciativa do Vereador Rubens Algarte de Rezende. Nasceu em 19 de junho de 1959 em Descalvado. Trabalhou como ajudante de motorista de caminhão, transportando frango para outras cidades não só de São Paulo, como de outros estados, e também na firma Irmãos Cirelli, dos 14 aos 17 anos. Faleceu com apenas 23 anos, em 18 de julho de 1982.

ODAYR FERRAZ - RUA NO JARDIM CAMBARÁ e CONJUNTO ESPORTIVO DO CERD - Vereador na 6ª legislatura de 1969 a 1972, tendo sido eleito pela ARENA com 207 votos, ocupou o cargo de 1º Secretário da Mesa, avicultor, foi diretor de esportes e presidente do CERD, diretor da Cooperativa Agrícola Mista do Vale do Mogi Guaçu Ltda, da União dos Avicultores de Descalvado e do Sindicato Rural Patronal de Descalvado.

OITO DE SETEMBRO - PRAÇA - CENTRO (GINÁSIO ESTADUAL) - Lei 1 de 4/3/52. A atual Praça Oito de Setembro, onde hoje se ergue a EEPG José Ferreira da Silva, foi em outros tempos, um terreno baldio, margeando em seu lado norte, o antigo campo de futebol do CERD. Foi nesse local, já antes mesmo localizado dentro do perímetro urbano de nossa cidade, que, ao ter-se de construir prédio próprio para o estabelecimento de ensino supra citado, foram voltadas as atenções da administração descavadense do tempo. E aí construiu-se então, o belíssimo prédio que abriga o estabelecimento de ensino e cuja inauguração deu-se no dia 14 de dezembro de 1952, servindo já para as jornadas escolares do ano seguinte. Situado o logradouro entre as ruas José Ferreira a oeste, avenida Bom Jesus, a leste; José Bonifácio, ao norte; e 24 de outubro, ao sul, houve por bem a Câmara Municipal na sessão legislativa de 1952, votar lei dando a denominação de Praça Oito de Setembro ao mesmo, em homenagem à data de fundação da cidade, através da lei nº 1 de 4 de março do mesmo ano. Os legisladores do tempo quiseram, agindo dessa maneira, perpetuar, e oficializar na denominação de um logradouro de nossa cidade, a data tão cara a todo descavadense e que lhe lembra o dia em que, rezando-se a primeira missa na capela modesta de José Ferreira da Silva, teve início o povoado de Nossa Senhora do Belém do Descalvado. A Praça é a grande colméia onde a nossa juventude prepara-se para as lutas vitoriosas do futuro, nutrido-se de cultura.

OLÍMPIO CATÃO (Prof.) - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - Primeiro educador de Descalvado, onde como mestre-escola, fundou um estabelecimento de ensino secundário de renome, o “Colégio Catão”. Além de educador criou em nossa cidade o jornal “Imprensa de Descalvado” no ano de 1884, tido como o primeiro jornal descavadense. Olímpio Catão foi educador de fama no Estado e em Descalvado, onde residiu de 1883 a 1889, brilhou como Professor primário e secundário, como jornalista e escritor, tendo deixado obras escritas, como as peças teatrais: O Orgulho, Ressuscitada, O Negro, A Pobreza, O Diadema da Viagem, Manifestações e Minha Sogra, além de um livro de contos: “Contos a Esmo”. Casado com Maria Lourenço de

Oliveira Catão, tiveram um filho descavadense: Olímpio Júnior, que infelizmente morreu muito cedo, estando aqui sepultado.

ORDERIGO GABRIELLI - RUA - CENTRO - industrial. Lei 32 de 9/8/48, antes rua Barão do Descalvado. Orderigo Gabrielli perpetua o nome de alguém, que entre nós, se singularizou pelo trabalho fecundo e pelas mais altas e notáveis iniciativas no campo industrial. Orderigo Gabrielli nasceu em Zagarollo, na Província de Roma, no dia 16 de outubro de 1889, sendo filho de Terenciano Gabrielli e Adelfina Pizzi. Em companhia de seus pais e irmãos, veio ele para Descalvado, no ano de 1895, trazendo uma longa tradição de trabalho e honestidade. A princípio os Gabrielli residiram na Fazenda Santa Carolina, passando-se depois, para a Fazenda São Rafael e Fazenda Palmeiras. No ano de 1907, a Família Gabrielli, graças ao amparo do seu incansável trabalho agrário, adquiriu o Sítio Santo Antonio, de 17 alqueires e 16.000 cafeeiros. Mais tarde, fizeram aquisição da Fazenda São João da Capoeira do Alto, de 200 alqueires e 40.000 cafeeiros. No alvorecer da segunda década deste século, toda a família do velho Terenciano passou a residir na sede urbana onde seus filhos se dedicaram, de imediato, ao comércio, e no auspicioso ano de 1924 para Descalvado, os cinco irmãos: Orderigo, João, Lourenço, Spárdaco e Fernando, num pioneirismo que os honrou e fixou um marco, em nossa terra, fundaram a Tecelagem Santa Maria, para o fabrico de tecidos de algodão. Esse estabelecimento, em boa hora erguido em Descalvado que sofria a terrível crise de sua cafeicultura em abandono já deu novo alento à nossa economia e foi ele, sem sobra de dúvida, o marco inicial de outras indústrias têxteis dos Irmãos Gabrielli e outros. Orderigo Gabrielli, por iniciativa própria, fundou sua Tecelagem São José, permanecendo ligado ainda, com sua atividade ímpar e idealismo, à velha Santa Maria que, em franca expansão, logo passou a trabalhar com uma fiação. Nome inesquecível, por todos os títulos, o de Orderigo Gabrielli, para Descalvado. Falecido em 10 de junho de 1945, hoje tem seu nome de pioneiro relembrado na denominação de uma nossa via pública, em razão da lei nº 32, de 9 de agosto de 1948. O batismo de uma via pública e uma herma, as grandes manifestações de gratidão de Descalvado, ao grande pioneiro.

ORIVALDO IVO DE MEDEIROS – RUA – PARQUE MILÊNIO – Lei 2.045 de 18/10/2.000 de autoria do Vereador Luiz Antonio do Pinho. Conhecido como Vadinho, nasceu em São Carlos no dia 5 de dezembro de 1.918. Foi um dos quinze filhos de Manoel Ivo de Medeiros Junior e Natalina Zuin Medeiros. Com 14 anos partiu em busca de trabalho na Capital, mas com 17 anos retornou a Descalvado para trabalhar na Casa Sabonge. Serviu exército no Quartel da Bela Vista, Estado de Mato Grosso, onde ocorriam grandes problemas de fronteira com o Paraguai. Foi transferido para Pirassununga, onde ficou mais 3 anos à disposição do governo. Dando baixa no Quartel permaneceu naquela cidade, onde trabalhou para a Garagem Brasil, que operava empresa de ônibus, quando casou-se com Lydia Salomão de Medeiros, com quem conviveu 52 anos. Pouco tempo depois retornou a Descalvado para trabalhar no Posto Salomão, pioneiro na cidade em abastecimento de veículos, construído pelo seu sogro Pedro Salomão. Antes de firmar-se neste ramo, onde permanecera por mais de 30 anos, experimentou a boléia de um caminhão, foi carcereiro, sapateiro, examinador de candidatos à habilitação para motorista, dentre outras atividades de menor duração. Estabelecido no ramo do Posto de Abastecimento, evoluiu comercialmente em sociedade com seu cunhado Antônio Salomão (To), chegando ambos a serem proprietários dos outros dois postos locais, São José e Santa Cecília. Esta posição lhe rendeu reconhecimento da população, sendo-lhe constantemente dirigidos convites para participação de iniciativas sociais como: Serviço de Obras Sociais (SOS), Comissário de Menores, Guarda Mirim, iluminação de mercúrio na Avenida Guerino-Oswaldo, decoração de natal em ruas e praças, desfiles de aniversário da cidade, festas juninas da Associação Rural, além de várias participações em eventos religiosos como festeiro do Divino por duas vezes, pioneiro na decoração das ruas para a festa de Corpus Christi, quermesse da Padroeira, etc. Outra relevante ação social foi na Diretoria do CERD, cuja dedicação permitiu aos associados a construção das piscinas, sendo a inauguração realizada durante sua gestão como Diretor Social. Foi também lembrado para compor o corpo de funcionários da Telefônica Descalvado, onde conseguia tempo para atividades paralelas como a construção das escadarias do Salto do Pântano, instalação elétrica do novo hospital inclusive com gerador de emergência na sala de cirurgias, instalação da torre de retransmissão de sinais de televisão no Monte Sinai. O respeito por sua pessoa o conduziu ao cargo de Juiz de Paz, concretizando a cerimônia

civil de centenas de casais. Mesmo aposentado foi convidado para Fiscal da Prefeitura, onde atuou em várias frentes de trabalho. Vítima de uma trombose cerebral, ficou imobilizado por sete anos, vindo a falecer com 79 anos em 3 de maio de 1.997 estando sepultado em nosso cemitério municipal.

ORLANDO COSTA – RUA RESIDENCIAL BOSQUE DO TMANDUÁ – Lei 2.378 de 27 de fevereiro de 2.004, iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Orlando Costa nasceu na cidade de Descalvado e aqui constituiu família, foi grande incentivador de todos os movimentos sociais e filantrópicos da cidade de Descalvado.

ORLANDO GALETTI – Praça no Jardim Albertina existente na confluência das Ruas Mato Grosso e Amazonas. Banga como era conhecido, foi funcionário do Banespa por muitos anos. Lei de autoria do Vereador José Dias Bolcão, com sanção do Prefeito José Carlos Calza.

ORLANDO MARCATTO – RUA – BAIRRO RESIDENCIAL MORUMBI – Lei 2.373 de 25 de fevereiro de 2.004 de iniciativa do Vereador Silvio Bellini, com sanção do Prefeito José Carlos Calza. Orlando Marcatto filho de tradicional família descaldense, foi comerciante, motorista de taxi e pessoa sempre ligada a todos os eventos sócio-culturais do Município.

ORLANDO MORAES – ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA – Lei 1.942 de 03 de dezembro de 1.999 do Vereador Silvio Bellini. Funcionário público municipal. Trabalhou no serviço de água e esgoto até sua aposentadoria.

ORQUÍDEAS - RUA - PARQUE MORADA DO SOL – flor. Designação comum às plantas e flores da família das orquídeas, imprópriamente consideradas parasitas.

OSCAR BRONINE – PÁTIO DO ALMOXARIFADO MUNICIPAL – Lei 1.944 de 3 de dezembro de 1.999 do Vereador Silvio Bellini. Funcionário público municipal.

OSCAR FERREIRA DE CARVALHO - RUA - VILA BRASIL - cartorário. Nasceu em Avaré a 10 de fevereiro de 1902. Filho de Evaristo Herculano e de Emília Cândida Ferreira de Carvalho, viveu os primeiros da infância em Pouso Alegre, Minas Gerais, passando depois a residir em Campinas, onde sob a proteção do Bispo D. Baptista Correa Nery, estudou no Seminário Diocesano. Jovem ainda mudou-se para Descalvado, onde, juntamente com outros intelectuais da cidade, lecionou numa escola particular de ensino, o Colégio Santo Antônio. Tornou-se depois tabelião do Cartório do 2º Ofício, onde permaneceu até aposentar no final dos anos 50. Dono de inteligência privilegiada e vasta cultura, formou valiosa biblioteca particular. Casado com Ermelinda Elias de Carvalho, deixou numerosa prole. Os antigos descaldenses que com ele conviveram são acordes em ressaltar não apenas sua inteligência e cultura, mas também os dotes de caráter e a intensa religiosidade, que pôs a serviço da igreja colaborando com os vigários que se sucederam, desde seu irmão Monsenhor João Baptista de Carvalho, até o Monsenhor José Canônico. Faleceu no dia 15 de março de 1965, estando sepultado no Cemitério Municipal.

OSWALDO CARDOSO - GINÁSIO DE ESPORTES - BAIRRO NOVO JARDIM BELÉM - Comerciante, pai de uma família de esportistas, destacando-se Maria Helena Cardoso, jogadora e técnica da seleção brasileira de basquete feminina, João Carlos Cardoso, jogador de futebol da Ferroviária de Araraquara, Cida e Aninha campeãs do Troféu Bandeirantes de basquete.

OSWALDO CONCEIÇÃO: Rua Parque Vitória (antiga Rua 4), interliga a Avenida Antonio Carlos Brandão com a Rua José Osvaldo Franceschini. Lei 2.781 de 21 de junho de 2007, de autoria da Vereadora Rosilene Bertolucci, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza.

OVÍDIO FRANCISCO CAVALHEIRO – RUA no Residencial Bosque Tamanduá. Lei 2.335 de 19 de novembro de 2.003 de iniciativa do Vereador Sebastião José Ricci, com sanção do Prefeito José Carlos Calza. Nasceu em Porto Ferreira em 3 de junho de 1.905, filho de Manoel Rodrigues Cavalheiro e Maria Bárbara Rodrigues Cavalheiro. Chegando ainda criança em Descalvado, aqui permaneceu até sua morte em 28 de agosto de 2.003 com 98 anos de idade. Em

30 de junho de 1.936 casou-se com Gilda Mazola com quem teve 5 filhos. Iniciou suas atividades de “marchante” (lida com o gado) muito jovem, aperfeiçoou-se como açougueiro, como proprietário do Açougue Belém que dedicou-se por mais de 40 anos. Juntamente com seu cunhado Arlindo Mazzola, incentivo e apoiou a criação da Cavalaria Antoniana, da qual participou por muitos anos.

PADRE JEREMIAS JOSÉ NOGUEIRA - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - Lei nº 36 de 11 de outubro de 1966 do Prefeito José Ramalho Gabrielli. Foi o segundo Padre da Igreja de Nossa Senhora do Belém, ficando em Belém do Descalvado de 1837 a 1870. Era o Pároco quando foi curada a capela de N.S. do Belém em 8 de setembro de 1842, na elevação para Freguesia em 1844, e na criação do Município em 22 de abril de 1865. A tradição diz que era dono das terras onde teve início o Bairro de Santa Cruz.

PADRE JOSÉ GASPAR - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - Religioso. Nascido em Descalvado no dia 17 de março de 1927, fez os estudos primários na terra natal, ingressando depois nas hostes tarçisanas da Congregação Mariana de Moços da Paróquia de Nossa Senhora do Belém, onde por alguns anos foi assistente dos Padres Orestes Ladeira e José Canônico. Em 1942 ingressou no Seminário Diocesano de Campinas, terminando seus estudos no Seminário Central do Ipiranga em São Paulo, ordenando-se presbítero a 5 de dezembro de 1954, na Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Campinas. Celebrou sua primeira missa na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém em 8 de dezembro do mesmo ano. Lecionou latim e português no Seminário Diocesano de Campinas, foi Diretor Espiritual do mesmo Seminário, foi fundador e primeiro Vigário da Paróquia de Santo Cura D’Ars em Campinas e viajou para Roma onde fez intenso curso para servir no Movimento para um Mundo Melhor. De retorno ao Brasil integrou a Equipe Nacional desse Movimento que em nossa pátria estava sob a jurisdição da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Faleceu em acidente automobilístico na estrada Campinas-Valinhos, à altura do quilômetro 13 em 5 de março de 1.965.

PADRE LUIZ SORIANO - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ - Vigário.

Natural da Espanha, lá se ordenou sacerdote católico e apostolou alguns anos, vindo a seguir para o Brasil onde ficou até sua morte. Vigário em Descalvado, marcou sua passagem por esta cidade, pela iniciativa da obra assistencial de tanta relevância que é o Asilo São Vicente de Paulo.

PADRE ORESTES LADEIRA - ESCOLA ESTADUAL - BAIRRO JARDIM BELÉM - Vigário. Natural de Mogi-Mirim (SP), nasceu em 18 de julho de 1.902. Era filho de Francisco José Ladeira e Vicença Ladeira. Foi ordenado sacerdote na Catedral de Campinas, nomeado Vigário da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus em Conchal em 1.929. Participou bravamente da Revolução Constitucionalista de 1.932, seguindo as tropas paulistas como Capelão Militar. Foi reconhecidamente um grande empreendedor e sua figura é

muito benquista pelo povo descaldense. Faleceu no dia 8 de março de 1.959. Durante seu paróquio foram realizadas as obras de pintura interna da Igreja Matriz pelo exímio pintor italiano Francisco Paulovitch. A parte interior da Igreja Matriz destaca-se pela belíssima decoração do teto e das paredes, o artístico altar-morm os bem trabalhados bancos, seus belos lustres e artísticos vitrais. A pintura é datada de março de 1.959. O nome do Padre Orestes está perpetuado na escola municipal que leva seu nome em Descalvado.

PALÁCIO DO POVO - PAÇO MUNICIPAL - CENTRO

PALMAS - RUA - PARQUE MORADA DO SOL – flor. Folha da palmeira.

PAPOULAS - RUA - PARQUE MORADA DO SOL – flor. Planta herbácea da família das papaveráceas (Papaver rhoeas), de grandes flores coloridas, que cede látex, e que é cultivada em jardins como ornamental. Planta herbácea, da família das papaveráceas (Papaver somniferum), de grandes flores coloridas, que cede látex e da qual se obtém o ópio; anfião



PARÁ – RUA- JARDIM SÃO CRISTÓVÃO E PARQUE MILENIO – Estado brasileiro – Lei 2.056 de 07 de novembro de 2.000 de autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves

PARAÍBA - RUA - JARDIM ALBERTINA - Estado brasileiro

PARANÁ - RUA - JARDIM ALBERTINA - Estado brasileiro

PARQUE MILENIO – BAIRRO atrás do Jardim Albertina.

PARQUE MORADA DO SOL – BAIRRO ao lado do Bairro de São Sebastião.

PARQUE UNIVERSITÁRIO I – BAIRRO entre o Bairro de São Sebastião e a Universidade Camilo Castelo Branco.

PARQUE VITÓRIA – BAIRRO atrás do Jardim Albertina.

PASCHOAL GENTIL - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ - comerciante, dono de pensão na rua Barão do Descalvado.

PAULA CARVALHO - RUA - CENTRO - Presidente da Câmara - Lei de 1898 que denominou rua Paula Carvalho a antiga rua do Areão. Francisco de Paula Carvalho foi fundador da Santa Casa, homem profundamente religioso e que aproximou ainda mais seus vínculos com a Igreja de Nossa Senhora do Belém a partir de seu casamento com a irmã do Pároco Francisco Teixeira de Vasconcellos Braga. Os registros não constam onde nasceu Paula Carvalho, mas sabemos a data: 23 de dezembro de 1842. Em 1846, ainda criança veio para Descalvado. Um fato sempre preocupou muito Paula Carvalho: a cidade não possuir hospital, principalmente na época do grande surto da febre amarela, que em 1885 obrigou a construção do novo cemitério, mais afastado da cidade, o mesmo de hoje. Francisco de Paula Carvalho, possuía um estabelecimento comercial na então Rua Uruguayana (atual Cel. Rafael Tobias, havendo controvérsia se na esquina com Barão do Descalvado ou José Bonifácio), ponto obrigatório de palestras dos homens da melhor sociedade descaldense da época. Corria o mês de abril de 1891, estavam reunidos Paula Carvalho, Cel. Antonio Alves Aranha, Major Arthur Horácio D'Aguiar Whitaker, Antonio Augusto Bezerra Paes e José Rodrigues Penteado, quando o primeiro deu a idéia de se fundar uma casa de refúgio aos enfermos pobres, e ficou combinado de levarem adiante a idéia. Tão fundo se fez sentir neles o desejo de pôr em prática o plano, tão convictos se achavam de que podiam contar com o apoio de muitos outros, que desde logo se lançaram a campanha, que em pouco tempo oferecia resultados animadores. Paula Carvalho, propugnador da obra, doou o terreno e elevada quantia em dinheiro, promoveu a construção do edifício e dirigiu o serviço até o fim. O belo prédio leva fortes traços de engenharia maçônica, embora Carvalho, católico fervoroso e cunhado do Pároco, com toda certeza não pertencesse à Ordem. Naquela época maçônica e igreja trilhavam caminhos opostos. Em 8 de setembro de 1894, a convite da comissão de iniciativa, reuniram-se muitas pessoas a fim de deliberar sobre a formação de uma sociedade que se incumbisse de gerir os negócios da instituição, cabendo a Presidência ao Cônego Elisiário Martins Pedroso, outro benemérito da terra descaldense. Nesta memorável Assembléia declararam constituída a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Descalvado, nomeando-se uma comissão para elaborar os seus estatutos, para cuja composição foram proclamados o sacerdote Pedroso e os doutores Alencastro Reis e Amâncio Penteado. Antes de encerrarem a sessão com justiça inseriram em ata a gratidão aos cinco membros da comissão de iniciativa. Quase um ano depois, em 2 de junho de 1895, houve nova reunião, na qual foram aprovados os estatutos e eleita a primeira Mesa Administrativa, cujo mandato durou desde então, até o final do ano seguinte, ficando assim constituída: Provedor - Francisco Paula Carvalho, Secretário - Dr. Amâncio Penteado, Tesoureiro - Landulpho Bezerra Paes, Procurador - Severiano João da Cruz, Mordomos - Francisco de campos Serra, José Mariano de Faria, Joaquim Martins Pimenta, Major Arthur Whitaker, Sérgio Arruda Campos, Joaquim Cândido Filho, Cel. Antonio Alves Aranha e José Rodrigues Penteado. Em 31 de agosto do mesmo ano, o Provedor Paula Carvalho, angariou mais donativos, para a montagem do Hospital. Toda a obra orçou oitenta contos de réis, quantia vultuosa para a época. Depois de tudo organizado, fez entrega à Mesa Administrativa, que começou a exercer as suas funções, inaugurando o Hospital com a entrada do primeiro doente em 4 de novembro de 1895. Paula Carvalho, veio a falecer em pleno exercício do cargo de Provedor, com apenas 54 anos, em 13 de junho de 1896. Está enterrado no jazigo de nº 4, do lado direito da ala principal de entrada de nosso Cemitério. Para completar o mandato de Paula Carvalho, foi escolhido José Rodrigues Penteado, outro vulto de projeção na vida municipal, o qual, reeleito, exerceu a provedoria até 1897. A Santa Casa funciona no prédio edificado por Paula Carvalho, na Avenida Bom Jesus nº 381 até hoje. Por volta de 1960, os dirigentes da Ir-

mandade da Santa Casa, iniciaram a construção de uma nova ala, que foi concluída em 1973. Em 1982 foi inaugurada a maternidade.

PAULA CRISTINA XAVIER – CRECHE MUNICIPAL localizada no Jardim Albetina. Lei 2.337 de 21 de novembro de 2.003 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. De tradicional família descaldense, dedicou toda sua vida ao ensino, principalmente na Unidade Educacional do SESI de Descalvado. Faleceu muito jovem, vítima de intoxicação por gás, estando enterrada em nosso cemitério municipal.

PAULO BELLI – RUA – JARDIM ALTO DA BOA VISTA – Lei 1.932 de 3 de dezembro de 1.999 de autoria do Vereador Henrique Fernando do Nascimento. Jornalista, proprietário da Gráfica e Jornal “O Comércio” e representante do INPS em sociedade com Mário Joaquim Filla. Músico da Corporação Musical Santa Cecília.

PAULO CASATI - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - comerciante - Decreto 231 de junho de 1974. Paulo Casati, filho dos imigrantes Antonio Casati e Henriqueta Marquetti Casati, ambos milaneses, foi casado com Ignez de Souza Casati. Nasceu aos 9 de fevereiro de 1889 e faleceu aos 10 de outubro de 1957. Foi tradicionalmente agricultor e comerciante. Ocupou o cargo de Vice-prefeito de 1926 a 1928, assumindo o cargo de Prefeito Municipal de 1929 a 1930, substituindo o Prefeito, Major Antonio Henrique Arruda Campos. Participou voluntariamente na Revolução de 1932, integrando o Batalhão que lutava contra as forças de Minas Gerais, que apoiavam a ditadura Vargas, na altura de Itapira. Descalvado contou com a magnitude de um coração bem formado, pois Paulo Casati, sempre doou-se a todos. Devoto a Nossa Senhora do Belém, doou em 1935 o majestoso altar mor da Igreja Matriz.

PAULO CASATI FILHO – RUA - RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei 2.374 de 25 de fevereiro de 2.004, iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Paulo Casati Filho de tradicional família descaldense, foi casado com Alice Lucia Pozzi Casati, com quem teve as gemas Rute Maria e Rosinês. Foi funcionário da S/A Fábrica de Produtos Alimentícios Vigor. Diretor Social do CERD – Clube Esportivo e Recreativo Descaldense e pessoa sempre ligada aos movimentos sociais e filantrópicos de Descalvado.

PAULO LAURO (DR.) - RODOVIA ESTADUAL SP-215 - Político descaldense. Paulo Lauro nasceu em 19 de setembro de 1907, na cidade de Descalvado, filho de Alfredo Gonçalves Lauro e Dona Leopoldina Gonçalves Lauro. Ainda moço, e já professor lecionando em diversos colégios de São Paulo, ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, participando intensamente dos movimentos acadêmicos, e colocando grau em 1932. Advogado de grande competência, de lúcida e sólida inteligência, transformou-se em breve tempo num dos maiores criminalistas do país, notabilizando-se a partir de brilhante atuação no Tribunal do Júri, no rumoso “Crime do Restaurante Chinês” - acontecimento significativo do moderno Direito Penal brasileiro. Político nato, somente com o fim do Estado novo militarista mais ativamente na vida pública. Ao lado de Adhemar de Barros, fundou o Partido Social Progressista, sendo seu Secretário-geral até a extinção, após 1964. Com a eleição de Adhemar para o Governo do Estado de São Paulo, exerceu o cargo de Secretário da Justiça municipal, assumindo, em seguida, a Prefeitura da Capital. Prefeito até o início do ano de 1949, inaugurou um sistema de administração que o colocava sempre junto às necessidades da população. Assim, abandonava o conforto do gabinete e saía percorrendo os bairros, resolvendo-lhes de pronto, os problemas mais urgentes. Alcançou, dessa forma, remodelar a periferia de São Paulo, calçando ruas, provendo-lhes iluminação e transporte, e criando parques infantis, mercados distritais e bibliotecas. Em 1950 assumiu o seu primeiro mandato de Deputado Federal, reelegendo-se várias vezes. Na Câmara dos Deputados, ocupou a Vice-presidência da Comissão de Constituição e Justiça, sendo também membro da Comissão de Educação e Cultura, sem embargo de sua função de Delegado Partidário, por mais de 20 anos, junto aos Tribunais Eleitorais. De acendrado espírito partidário, recusou o Ministério da Justiça do Governo Parlamentarista instalado em 1961. Em memorável discurso proferido na tribuna da Câmara, justificou a impossibilidade de aceitação do convite, tão somente por lhe faltar o respaldo da direção do Partido. E que não lhe moviam vaidades ou interesses pessoais. Antes, seu compromisso ligava-o ao Estado de São Paulo, de cuja defesa jamais se afastaria, e às diretrizes nacionais partidárias, que entendia como elenco de deveres inalienáveis. Faleceu no dia 5 de agosto de 1983.

PAULO ROBERTO JORDÃO - ESCOLA MUNICIPAL - BAIRRO JARDIM BELÉM - estudante, morreu ainda criança.
PAULO RUSCA - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ - Foi vereador por duas legislaturas: 2ª legislatura de 1952 a 1955 e 3ª legislatura de 1956 a 1959. Foi Vice-Prefeito de 1952 a 1955. Foi jornalista, proprietário do Jornal "O Comércio". Responsável pelo loteamento do Jardim Belém, muito contribuiu para o desenvolvimento da cidade. Mudou com a família para Ribeirão Pires, vindo a falecer na cidade de Santos.

PAULO SÉRGIO DE ALMEIDA - NÚCLEO HABITACIONAL DO JARDIM COLONIAL - pedreiro

PEDRO DE ALCÂNTARA CAMARGO - RUA - BAIRRO STA. CRUZ DOS OPERÁRIOS - Grande produtor de fumo - Lei 17 de 10/10/56 do Prefeito Jayme Regallo Pereira. Foi Vereador de 1899/1902; 1902/1905; 1905/1908 e 1920 a 1923. quando morreu no exercício do mandato, sendo substituído pelo Vereador Jonas Baptista de Castro.

PEDRO ASSONI - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ - proprietário rural.

Nascido em Veneza, na Itália, aos 8 de setembro de 1893. Com 8 anos veio para o Brasil diretamente para Descalvado, na fazenda Bela Vista. Trabalhava como lavrador quando mudou-se para a Fazenda Monte Olímpio, onde casou-se. Tornou-se, logo mais, administrador da Fazenda Morro Alto e teve 10 filhos. Em 22 de julho de 1936, deixou a fazenda e o cargo que ocupava para cuidar de suas próprias terras que somavam 45 alqueires. Trabalhou muito para que a quantia inicial alcançasse, em 1948, 332 alqueires, que hoje constituem a Fazenda São Pedro, administrada por seus filhos. Foi um dos fundadores da Associação Rural de Descalvado, lutou pela vinda da S/A Fábrica de Produtos Alimentícios Vigor e foi um dos primeiros sócios do Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense (CERD). Faleceu em 4 de outubro de 1979.

PEDRO BENITO MUSSOLINI - PROFESSOR - praça no Residencial Bosque Tamanduá, circundada pelas ruas Luiz Terci e Virginia Alves Aguiar. Lei de autoria do Vereador Antonio Carlos Reschini, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Professor de Educação Física, esportista exemplar, foi técnico de diversos times de basquete, futebol de salão e de campo, inclusive o CERD.

PEDRO GUIDULI - RUA - JARDIM COLONIAL - comerciante, proprietário de armazém na avenida Coronel Rafael Tobias, defronte a Padaria Progresso.

PEDRO JOAQUIM DOS SANTOS - RUA - VILA MELKI - Foi funcionário municipal por muitos anos, na função de motorista. Morreu no exercício de suas funções.

PEDRO PAULO CAZARIM - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - carpinteiro. Pedro Paulo Cazarin filho de Lucas Cazarin e Pierina Osti Cazarin, nasceu em Descalvado na Fazenda Lagoa Alta em 22 de abril de 1914, onde cursou o primário até o 4º ano. Trabalhou com seu pai na profissão de ferreiro até a maioridade. Casou-se com Tereza Cassiavilani Cazarin, com quem teve oito filhos. Quando vieram morar na cidade, fundaram com os demais irmãos Cazarin uma fábrica de móveis trabalhados em entalho. No ano de 1948 fizeram todo o serviço em madeira da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém: bancos, confessionários, portais, paraventos laterais, vitrais da frente, tudo em embuia. Depois de terminada essa obra de arte, fizeram toda a mobília da Igreja Matriz da cidade de Uchoa - SP. Depois de algum tempo fecharam a firma e Pedro Paulo Cazarin foi trabalhar na Fazenda Santa Rita, onde executou todo o serviço do primeiro silo daquela propriedade. No ano de 1965 abriu uma oficina de concertos onde exerceu a profissão de ferreiro e serralheiro. Faleceu no dia 14 de setembro de 1978, estando sepultado no cemitério municipal.

PEDRO PAULO PENATTI - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ - Nasceu em 1º de julho de 1898 em Descalvado, filho de Ferdinando Penatti e Ângela Regassolli Penatti. Foi casado com Áurea Peres com quem teve dois filhos: Rubens e Reinaldo. Comerciante iniciou seus trabalhos como ferreiro, com Francisco "Quique" Todescan. Depois montou uma ferraria (para ferrar animais) e consertos de armas e carroças. Foi proprietário de cinemas em Descalvado, do Cine São José e em Pirassununga do Cinema do Quartel. Faleceu em 27 de março de 1940 com 42 anos, estando sepultado em nosso cemitério municipal.

PEDRO SALOMÃO - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - comerciante, proprietário do Posto Salomão na Avenida Guerino- Oswaldo.

PERNAMBUCO - RUA - JARDIM ALBERTINA - estado brasileiro

PETÚNIAS - RUA - PARQUE MORADA DO SOL - Nome de planta. Gênero de plantas herbáceas sul-americanas, da família das solanáceas, de caules e folhagens viscidos e pubescentes, dotadas de flores abundantes, infundibuliformes

ou crateriformes, e são cultivadas como ornamentais. Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a Petunia violacea, cultivada pela beleza das grandes flores roxas, cuja corola é infundibuliforme, e que, apesar de ter pequeno porte, floresce densamente

PIAUI - RUA - JARDIM SÃO CRISTÓVÃO E PORTAL DOS COQUEIROS - Estado brasileiro - Lei 2.054 de 7 de novembro de 2.000 de autoria do Vereador Antonio Carlos Reschin

PIO XII - AVENIDA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - Papa - Lei 15 de 22/11/58. Antes teve duas denominações: Avenida São Sebastião e Av. Rafael Tobias Sobrinho pela Lei 145 de 11/01/23. Pio XII foi eleito Papa em 1939. Seu nome de batismo era Eugênio Pacelli. Nasceu em Roma, tornou-se Padre em 1899 e cardeal em 1929. Foi um dos pontífices mais ativos da história da Igreja. Usou sua autoridade a tal ponto que chegou a ser criticado dentro da própria Igreja, por deliberar sobre grande número de questões. Entretanto foi muito elogiado pelo amplo campo de seus interesses e por seu brilhantismo no ataque a problemas básicos da Igreja. Negociou com os líderes de vários governos europeus, com o intuito de evitar a segunda grande guerra mundial e depois do início das hostilidades em 1939, de terminá-la o mais rápido possível. Atribui-se a ele o crédito de ter salvo pelo menos 800 mil judeus da morte, através de acordos secretos. Depois de sua morte, alguns o criticaram por não ter-se pronunciado com mais vigor contra a perseguição nazista aos Judeus. Na área da doutrina da Igreja, Pio XII proclamou encíclicas, preparou a renovação da missa católica, alterou alguns ritos, como a redução das cerimônias da Semana Santa e a suavização do jejum, antes da comunhão.

POMPEU BRAMBILLA - RUA - VILA NOSSA SENHORA APARECIDA - comerciante. Pompeu Brambilla nasceu em Milão na Itália, vindo para o Brasil como imigrante. Trabalhou como colono e adquiriu mais tarde a Fazenda Tamanduá. Possuiu também uma cervejaria que funcionava com matéria prima e mão de obra vindos da Alemanha e de um estabelecimento comercial onde hoje é a Casa Fava. No final da vida, perdeu todas as propriedades, falecendo no dia 6 de agosto de 1937.

PORTAL DOS COQUEIROS - Bairro localizado atrás do Jardim Albertina - Coqueiro é a designação comum a todas as palmeiras que produzem fruto comestível ou de largo emprego industrial

PORTUGAL - RUA - PORTAL DOS COQUEIROS - Nome de país

PRESIDENTE KENNEDY - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - estadista norte americano - Lei nº 15 de 13 de março de 1964. John Fitzgerald Kennedy (1917-1963), foi eleito Presidente dos Estados Unidos em 1960, e empossado em 1961. Em 22 de novembro de 1963, após dois anos e dez meses de governo, foi assassinado em Dallas, no Texas. Kennedy aumentou o prestígio dos Estados Unidos em 1962, quando afastou a ameaça de uma guerra atômica com a União Soviética ao forçar os soviéticos a retirarem seus mísseis de Cuba. Durante seu governo foram realizados os primeiros vôos espaciais tripulados, dando início às experiências que culminaram com o envio do homem à lua. Foi casado com Jacqueline Lee Bouvier Kennedy.

PRIMAVERAS - AVENIDA - PARQUE MORADA DO SOL - flor. Também estação do ano que sucede ao inverno e antecede o verão. No hemisfério sul, principia quando o Sol alcança o equinócio de setembro (dia 22) e termina quando ele atinge o solstício de dezembro (dia 20); e, no hemisfério norte, principia quando o Sol alcança o equinócio de março (dia 21) e termina quando ele atinge o solstício de junho (dia 20).

PRIMO FACCHINI - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - comerciante. Filho de Ângelo Facchini e Adelaide Facchini, nasceu em 12 de janeiro de 1876 em Padeia (Itália), vindo para o Brasil ainda criança como imigrante. De origem humilde, trabalhava como carroceiro, entregando mercadorias. Casou-se com Maria Massaro Facchini, com quem teve 14 filhos. Com o fruto de seu trabalho, instalou no bairro de São Sebastião, um armazém de secos e molhados, fornecendo mercadorias aos lavradores a prazo anual (colheita). Veio a falecer em 6 de setembro de 1947, deixando um exemplo de humildade.

PYLADES ETTORRE FACCHIN - RUA - RECANTO DOS IPÊS - Lei 1.921 de 23 de novembro de 1.999 do vereador Antonio Carlos Reschini. Nascido em 3 de setembro de 1909 em Descalvado. Foi marceneiro e pequeno criador, tendo sido pracinha na revolução de 1.932, exercendo as funções na cidade de Campinas. Faleceu em 2 de fevereiro de 1.977.

QUARESMEIRAS - AVENIDA - PARQUE MORADA DO SOL - flor. flor-da-quaresma

QUINZE DE NOVEMBRO - RUA - CENTRO - Proclamação da República. Antiga rua Vicente de Castro foi

denominada 15 de Novembro no ano de 1889 em homenagem à Proclamação da República. O Governo Republicano suspendeu os direitos dos Vereadores e nomeou um Conselho de Intendência sob a presidência do Dr. Antonio de Cerqueira Lima que tomou posse no dia 20 de novembro no prédio do Legislativo que ficava na esquina das ruas Orderigo Gabrielli com Cel. Arthur Whitaker. Este Conselho impaciente por afirmar o republicanismo da população, denominou esta rua como 15 de novembro.

QUIQUE TODESCAN (MAESTRO) – ESCOLA MUNICIPAL DE MÚSICA – Lei 1.919 de 23 de novembro de 1.999 do vereador Luciano Laurindo Feliciano – Vide histórico em Maestro Francisco Todescan.

RAFAEL DE FALCO - RUA - VILA MELKI - comerciante. Rafael de Falco nasceu a 11 de outubro de 1883 na Província de Napoli - Itália. Chegou ao Brasil como imigrante com 12 anos de idade em 1895, desembarcando no porto de Santos. Foi casado com Maria Concília Paschoal de Falco, natural de Caserta, Capital, na Itália, com quem teve onze filhos. Trabalhador dinâmico, que se propôs a vencer no Brasil, com o suor de seu trabalho comprou um sítio, sua primeira propriedade. Anos depois deixa a zona rural e compra residência na cidade à rua Paula Carvalho. Passa a trabalhar com duas carroças, transportando tijolos, telhas e mercadorias que chegavam pela linha férrea. Foi ele quem transportou todos os materiais para a construção do Grupo Escolar Coronel Tobias. Com o passar dos anos funda o Expresso Descalvado, compra o primeiro caminhão Ford, e alguns depois o segundo caminhão que seria um Chevrolet 1928, para transportar mercadorias somente dentro do município. Expande seus negócios trabalhando para o DER, com dois caminhões Chevrolet 1928, transportando trabalhadores para conservação das estradas. Novos caminhões são comprados e inicia-se o transporte para a capital do estado. De 1933 a 1934 aumenta a frota com caminhões B da Ford, ano 1934, dedicando-se ao transporte até o ano de 1936, sempre tendo os filhos à frente dos negócios. Além do Expresso Descalvado, possuiu o Empório Avenida, que era um armazém de secos e molhados, ainda foi sócio da Tecelagem Nossa Senhora do Belém. Em 1937 passa a transportadora para o filho Ângelo de Falco, com novos caminhões Chevrolet gigante. Em 1950 a transportadora para o filho Miguel de Falco Netto.

RAFAEL DE MARCO - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ - Cartorário - alfaiate - Veio da Itália, como alfaiate e músico e acabou como Serventuário da Justiça na comarca local, titular do Cartório de Distribuidor, Contador e Partidor. Residiu em Curitiba e em Campinas, antes de vir para Descalvado, para integrar a Banda de Música do Maestro Altério, rival do Maestro Buttera. Era o tempo em que as facções políticas, mantinham suas filarmônicas, esmerando-se em compô-las de ótimos musicistas. Assim de Campinas, veio ele para a banda do Altério, chegando no ano de 1902, e aqui residindo até sua morte em 1955. Participou com seu bombardino, das diversas corporações, até 1920, quando deixou a música. Casou-se com Santina Giorgi, e estabeleceu-se como alfaiate de 1907 a 1945, em prédio da rua Bezerra Paes, local que depois das 20,00 horas se transformava em inocente ponto de jogo de víspera. Apesar de pacífico e acolhedor, teve duas simples detenções como revolucionário, em 1924 e em 1930. Isto porque em sua alfaiataria se reuniam em 1924 aqueles que eram contra Carlos de Campos, e em 1930 contra Getúlio.

RAFAEL SABONGI - RUA - VILA MELKI - comerciante. Natural de Buriti na Síria, foi casado com Catarina Sabongi, com quem teve 19 filhos. No ano de 1895 fundou a Casa Sabongi, armazém de secos e molhados, loja e atacado, que permaneceu em funcionamento com seus herdeiros por quase um século. Conta-se que desistiu da herança de seus pais em Buriti, para permanecer em Descalvado, terra que muito amava.

RAFAEL CHIARELLO (DR.) - AMBULATÓRIO MÉDICO DO JARDIM ALBERTINA – médico

RECANTO DOS IPÊS – BAIRRO localizado atrás dos Bairros Jardim Colonial e São Francisco.

REGINA HALEPIAN ANTUNES (PROF.) - PRAÇA - BAIRRO JARDIM BELÉM – educadora Lei 1;031 de 02/06/90 de autoria do Vereador Sebastião José Ricci, sancionada pelo Prefeito Mauro Benedito de Lima. Localizada na confluência das ruas Fernando Gabrielli, Presidente Kennedy, Humberto Gabrielli e João XXIII.

RENATA SALZANO GENTIL - ESCOLA MUNICIPAL - JARDIM COLONIAL - estudante, morreu muito jovem.

RESIDENCIAL BOSQUE DO TAMANDUÁ – BAIRRO localizado ao lado do Encubador/Frigorífico da Coperguaçu. Recebeu este nome em decorrência das terras pertencerem a antiga Fazenda Tamandua.

RESIDENCIAL MORUMBI – BAIRRO – localizado ao lado da Praça de Esportes da SE Nosso Clube.

RICARDO BRASSALTO: rua que interliga a Perimetral Cezar Martinelli com a Ponte sobre o Córrego da Prata. Lei 2800 de 10 de agosto de 2007, de iniciativa do Vereador Rubens Algarte de Rezende, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Ricardo Brazzaloto nasceu na Itália, vindo para o Brasil no ano de 1988, com apenas 16 anos de idade. Juntamente com seus pais e irmãos, estabeleceram-se em Descalvado na Chácara da Gruta, local onde permaneceu, até seu falecimento com 70 anos de idade. Casou-se com Dona Antonia, deixando entre filhos, netos e bisnetos, oitenta e cinco descendentes.

RICARDO CARANDINA – RUA NO BAIRRO RESIDENCIAL MORUMBI – Lei 2.353 de autoria do Vereador Henrique Fernando do Nascimento com sanção do Prefeito José Carlos Calza. Ricardo Carandina nasceu na cidade de Pirassununga. Fixou raízes em Descalvado onde constituiu família foi fotógrafo e Vereador por duas legislaturas.

RICARDO CEZAR - (JARDIM RICARDO CEZAR) BAIRRO AO LADO DO JARDIM ALBERTINA - Ricardo Cezar Biagi, comerciante, avicultor, tinha com hobby pilotar avião, morreu muito jovem em acidente aéreo.

RICARDO GARBIM - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - industrial, proprietário de tecelagem onde hoje é a TELESP

RICIERI LANDI - RUA - JARDIM BELA VISTA - comerciante. Nasceu em Rio Claro no dia 1º de janeiro de 1888, e foi casado com Maria de Lourdes Bianchi com quem teve quatro filhos. Iniciou sua vida trabalhando como sapateiro, depois ingressou no exército tendo participado da 2ª Guerra Mundial em 1914, recebendo a condecoração: “D’ordino 1265 - Il Presidente della República”. Vindo para Descalvado, adquiriu o Hotel dos Viajantes ao lado da estação ferroviária. Faleceu no dia 24 de agosto de 1981, estando sepultado no cemitério municipal.

RIO DE JANEIRO - RUA - JARDIM ALBERTINA - Estado brasileiro

RIO GRANDE DO SUL - RUA - JARDIM ALBERTINA - Estado brasileiro

RIVADÁVIA - RUA -

BRAMBILLA - RUA - RECANTO DOS IPÊS – Lei 1908 de 19/10/99 de autoria do vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves. Rivadávia Luiz Brambilla nasceu em Descalvado no dia 2 de fevereiro de 1.916. Filho de Primom Brambilla e Irene Penatti Brambilla



foi casado com Thereza Marques Brambilla com quem teve dois filhos. Foi Gerente da Companhia Paulista de Eletrecidade durante 25 anos. Membro ativo da comunidade sempre prestou auxílio aos menos favorecidos. Faleceu em Descalvado, estando sepultado em nosso Cemitério Municipal.

RICARDO BRAZZALOTO – Rua que interliga a Perimetral Cezar Martinelli com a ponte sobre o Córrego da Prata. Lei 2.800 de 01/08/07 de autoria do Vereador Rubens Algarate de Rezende, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Ricardo Bazzaloto nasceu na Itália, vindo para o Brasil no ano de 1.988, com apenas 16 anos de idade. Juntamente com seus pais e irmãos, estabeleceram-se em Descalvado na Chácara da Gruta, local onde permaneceu até seu falecimento em 70 anos de idade. Casou-se com Doa Antonia, deixando até sua morte, entre filhos, netos e bisnetos, oitenta e cinco descendentes.

ROMEU BONITÁBUS - RUA - JARDIM COLONIAL - comerciante, dono de hotel defronte a Caixa Econômica Federal.

ROQUE FRANCISCO - RUA - JARDIM BELA VISTA - comerciante, proprietário de açougue, natural da Itália, constituiu família em Descalvado, onde faleceu, estando sepultado no Cemitério Municipal.

ROSA NHANHARELI ROMANTINI - PRAÇA - VILA BRASIL. Nasceu na Fazenda Olho d'Água, atual Horto Florestal em 25 de junho de 1907. Casou-se em 1924 com Francisco Romantini indo morar na Fazenda Lagoa Alta do pai de Francisco com quem teve 15 filhos. Após o nascimento dos primeiros filhos Rosa e Francisco arrendaram alguns alqueires de terras da Fazenda Bela Aliança e para lá se mudaram. Com as colheitas das safras de café, entregas de leite e ajuda dos filhos crescidos, o casal conseguiu comprar as terras arrendadas. Posteriormente, com o dinheiro obtido na venda dessas mesmas terras, Rosa e Francisco compraram o Sítio do Pântano, com cerca de 25 alqueires. Em 1946, venderam o sítio e compraram a Chácara São Francisco, com 18 alqueires, onde hoje estão localizados o Jardim Colonial, a Rua Antônio Romantini, a Praça Rosa Nanhareli Romantini, a Escola Francisco Fernando Faria da Cunha e o Loteamento São Francisco. O casal sempre viveu de pequenos negócios, como compra e venda de gado, terrenos, leite, produtos agrícolas, hortaliças e, finalmente, como pequenos criadores de frango. Eram católicos e freqüentavam assiduamente missas e encontros religiosos. Organizaram durante anos as festas de São Benedito e São Sebastião. Participaram juntamente com a filha Elza do filme “Lá no meu sertão” com Tonico e Tinoco, gravado na Fazenda Lagoa Alta. Pessoa humilde, mas carinhosa e dedicada, faleceu no dia 16 de setembro de 1984, estando sepultada no cemitério municipal.

ROSAS - RUA - PARQUE MORADÁ DO SOL – flor. A flor da roseira. Sua corola é dobrada, i. e., consta de muitas pétalas, formadas à custa da transformação dos estames. Tem colorido variado (branco, amarelo, inúmeras tonalidades de vermelho, especialmente o muito claro), aspecto belo e delicado, e aroma agradável

SALVADOR CRUPE – RUA RESIDENCIAL BIOSQUE DO TAMANDUÁ – Lei nº 2.610 de 14/02/06 de autoria do Vereador José Dias Bolcão, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Salvador Crupe, filho de tradicional família descavadense nasceu no dia 31 de agosto de 1929. Dedicou quase toda sua vida a lide rural, como Administrador das Fazendas São Clemente, Santa Justa e Escaramuça. Depois fixou residência na cidade, trabalhando de guarda na Mineração Jundu cerca de 18 anos. Faleceu em 1º de julho de 2.004, estando sepultado em nosso cemitério municipal.

SALVADOR PRATTA - JARDIM RICARDO CEZAR - Nascido em 1º de janeiro de 1941, faleceu em acidente aéreo no dia 29 de setembro de 1991. Foi avicultor, proprietário rural e empresário, possuindo as transportadoras Transpratta e Descal-Transportes.

SAMUEL RODRIGUES MORGADO – JARDIM DO LAGO – Nascido em Descalvado no dia 30 de janeiro de 1.942, faleceu com 56 anos vítima de enfarte, no Hospital São Francisco na cidade de Ribeirão Preto em 23 de dezembro de 1.998. Destacou-se como grande empresário no ramo de transporte de passageiros.

SANTA CATARINA - RUA - JARDIM ALBERTINA - Estado brasileiro

SANTA CRUZ - BAIRRO E PRAÇA PÚBLICA. É o bairro mais antigo da cidade. As terras pertenciam ao Padre Jeremias José Nogueira. Dá acesso a uma importante Estrada Vicinal a José Perna Sobrinho que interliga o Município com a Usina Santa Rita e a Via Anahngüera.

SANTA CRUZ DOS OPERÁRIOS – Também conhecida como Santa Cruz das Almas, pois ali está localizada a Capela de Santa Cruz das Almas. PRAÇA. Construída em 1958 pelo Prefeito Jayme Regallo Pereira, no local, então totalmente

abandonado, que era o conhecido “cemitério velho”. Em 1964 foi construída a Capela, de linhas modernas, pelo Prefeito Prof. José Ramalho Gabrielli. Em 1979 na gestão do Pref. Mauro Benedito de Lima, a praça foi totalmente remodelada, obtendo o visual que tem até hoje.

SÃO BENEDITO - BAIRRO - Santo. Denominação não oficial, mas dada pelo povo ao bairro antes desligado da cidade por suas ruas arenosas e sem habitações. Hoje, o Bairro de São Benedito está integrado no todo urbano de Descalvado. Nele está a Praça Prof. José Ramalho Gabrielli, que o povo carinhosamente chama de “Pracinha de São Benedito” com sua Capela muitas vezes reformada, mas centro daquela que foi uma das mais tradicionais festas religioso-profanas da cidade. Ali nas noites frias de junho, em vésperas dos dias de Santo Antonio, São João e São Pedro acendiam-se grandes fogueiras e em torno dela ao comando do bumbo do negro Caetano dançavam e cantavam o samba de batuque africano marcado por palmas e versos de desafio. No bairro está também a Praça de Esportes Odayr Ferraz e o Estádio Felisberto Bortoletto do CERD- Clube Esportivo e Recreativo Descavadense. Do velho bairro, só nos resta agora a sua história, porque ele já é a própria cidade de Descalvado, em seu prolongamento; todo asfaltado e com toda a infra-estrutura que o tornam dos mais belos da cidade. Dele também parte a via de acesso Juvenal Pozzi que demanda a cidade de São Carlos.

SÃO CARLOS - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - santo - Lei nº 15 de 13 de março de 1964. Recebeu esta denominação por constituir o leito da antiga estrada de terra que ligava Descalvado ao município de São Carlos.

SÃO JORGE - VILA - santo

SÃO PAULO - RUA - santo

SÃO SEBASTIÃO - BAIRRO, PRAÇA PÚBLICA - santo. A oeste da sede municipal, e ligado à ela pela Avenida Pio XII, o Bairro de São Sebastião, é hoje um dos mais aprazíveis de nosso setor urbano. Nasceu ele nos fins do século XIX, do trânsito constante para populosas fazendas de então; e cresceu com a construção da Capela do Orago, no ano de 1887, que depois foi substituída por moderno templo. Belo, alto, e mirante, para uma magnífica visão panorâmica da sede municipal, possui centenas de residências, com uma população ordeira constituída de tradicionais famílias descavadenses. No ano de 1926, um grupo de esforçados esportistas construíram belo campo de esporte, para o Clube Atlético Descavadense, de existência não muito longa, mas cheia de glórias imperecíveis. Entre esses inolvidáveis idealistas, contavam-se João Gonçalves Monteiro, Francisco Mayese, Cristiano Ferraz, Jerônimo Zaffalon, Salvador Distefano, estes quatro últimos, renomados integrantes do glorioso esquadrão atletico. Hoje no antigo local do grande Clube Atlético Descavadense, está o não menos glorioso Esporte Clube São Sebastião, encabeçado por gente idealista, revivendo a glória de seus antecessores.

SAUDADE - PRAÇA e AVENIDA - JARDIM ALBERTINA. Nome da principal avenida do Jardim Albertina que tem início na ponte sobre o Ribeirão Bonito, terminando no portão principal do cemitério municipal. Antigamente era uma estrada de terra, com bambuzais dos dois lados. Também é o nome da Praça defronte o Cemitério.

SEBASTIÃO DE ARRUDA (EXPEDICIONÁRIO) - RUA - JD LAGO

Lutou na Força Expedicionária Brasileira (FEB) tendo participado da Batalha de Monte Castelo na Itália, durante a 2ª Grande Guerra Mundial. Foi vereador, rotariano e comissário de menores.

SEBASTIÃO FIOCHI – Parque Ecológico do Jardim Bela Vista, localizado entre o Córrego da Prata, a Avenida Lázaro Timótheo do Amaral e as ruas Carlos Mayese e Roque Francisco – Lei 2.117 de 08 de maio de 2.001 de autoria do Vereador Donald Daniel Calza, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Sebastião Fiochi foi morador por muitos anos no local hoje denominado Jardim Bela Vista, onde cuidava de hortas tendo contribuído muito para a arborização do local.

SEBASTIÃO LACERDA DE OLIVEIRA - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ - jornalista, fundador e diretor proprietário do semanário “Descalvado-Jornal”. Foi também editor do jornal “O Evangelista” e proprietário da Tipografia Nova, que ficava na avenida Guerino-Oswaldo, 459. Foi casado com Cândida Soares de Campos Lacerda, com quem teve dez filhos.

SEBASTIÃO ROBERTO TRALDI – RUA NO PARQUE UNIVERSITÁRIO – Lei 2.284 de 02 de julho de 2.003 de autoria do Vereador Silvio Bellini, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Comerciante, dono de Panificadora, Estacionamento de Veículos, Diretor do CERD, Vereador.

SERGIPE – RUA – JARDIM SÃO CRISTÓVÃO E PORTAL DOS COQUEIROS - Estado brasileiro – Lei 2.055 de autoria do Vereador Henrique Fernando do Nascimento.

SILVIO ABREU - RUA - JARDIM PARAÍSO - corretor de café.

SIQUEIRA CAMPOS - RUA - CENTRO - Personagem da história brasileira - Ato nº 3 de 6.11.30, antes foi denominada rua Deputado João Procópio Sobrinho pela Lei 158 de 16.01.26 e General Glicério. Antonio Siqueira Campos (1898-1930) foi o líder dos chamados “Tenentes” da revolução de 1930. Nascido em Rio Claro - SP, foi um dos dezoito do Forte de Copacabana em 1922. No período de 1924 a 1926 participou da Coluna Prestes. Em 1930 integrado na conspiração revolucionária, seguiu para Buenos Aires para convencer Luiz Carlos Prestes a abandonar a linha comunista e assumir a chefia do movimento militar contra o Presidente Washington Luiz. O avião em que viajava caiu no mar, nas proximidades de Montevideu, matando-o com apenas 32 anos.

SYLVIO ALVES DE OLIVEIRA GUIMARÃES – Praça no Residencial Morumbi, circundada pela Rua Hélio Martinelli, com início na Rua Antônio Carlos Guimarães e término na Rua Orlando Marcatto. Lei de autoria do Vereador José Dias Bolcão, com sanção do Prefeito José Carlos Calza;

SYLVIO SICCHIROLI - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - sapateiro - dono de uma sapataria na av. Coronel Rafael Tobias, onde hoje é a Padaria Progresso.

TALET FABRÍCIO - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ - Decreto 1039 de 25 de outubro de 1982. Talet Fabrício foi dono de uma grande parte do atual bairro de Santa Cruz, onde possuía uma chácara. Antes do loteamento, existia no local uma favela conhecida como do Talé.

TENENTE LEÔNIDAS BORGES DE OLIVEIRA – RUA QUE INTERLIGA A 15 DE NOVEMBRO COM A PERIMETRAL CEZAR MARTINELLI . Lei 2.636 de 28 de abril de 2.006, de autoria do Vereador José Dias Bolcão com sanção do Prefeito José Carlos Calza. Nascido em Descalvado no dia 26 de abril de 1.903, Leônidas Borges de Oliveira era de uma tradicional família paulista, filho de Leôncio e Rosa Borges de Oliveira. Leônidas foi apaixonado por uma descaldense, denominada por Maria de Lurdes Cunha e no momento de alistar-se para servir o exercito rumou para a capital, São Paulo, onde concluiu com o louvor o CPOR e seguiu carreira militar em Santa Catarina e posteriormente no Rio de Janeiro. Em 1925, Leônidas se tornou o 1º Tenente, inspirado pelo sonho do panamericanismo, a partir de então começou a elaborar o projeto da futura expedição que de 1928 a 1938 projetaria a “CARRETEIRA PANAMERICANA”. No dia 16 de abril de 1928, Leônidas partiu do Rio a “Expedição Brasileira da Estrada Panamericana”. Comandava-a o então Tenente do Exército Leônidas Borges de Oliveira. Seguiram sob suas ordens os senhores Francisco Lopes da Cruz como observador e Mário Fava, como mecânico, em dois automóveis “Ford Modelo T”. Esses brasileiros tinham por missão descobrir, abrir e projetar a rota onde, depois, seria construída em condições ideais, uma rodovia que interligasse as Três Américas. A iniciativa de Leônidas Borges de Oliveira, foi extremamente arrojada logrou pleno êxito, constituindo-se em façanha poucas vezes registrada na história do automobilismo mundial. A expedição durou cerca de dez anos, os expedicionários percorreram 26.000 quilômetros de estradas, picadas, caminhos, matagais e florestas de 15 países, é fácil imaginar dificuldades de todas as espécies, enfrentadas e dominadas pelos expedicionários, dentre elas, cruzar as selvas centenárias, rios caudalosos e a temível Cordilheira dos Andes, tudo para abrir caminhos com pás, picaretas e dinamite, apesar de todos os obstáculos e esforços sobrehumanos, o trabalho completo de expedição foi concluído, uma vez que a futura tornou-se realidade. Chegando a Washington (ponto final da expedição), os expedicionários foram recebidos com todas as honras pelo Presidente Americano Franklin Delano Roosevelt e pelo Ministro da Defesa Henry Woodring, da Indústria Automobilística Henry Ford, entre outras autoridades e figuras de destaque no cenário americano, e a então “Carreata Panamericana” hoje é uma realidade. Durante a viagem, no México, Leônidas conheceu a médica Doutora Maria Buenaventura Gonzáles, que contraiu matrimônio e foi durante toda a vida sua companheira. Regressando ao Brasil, coberto de glória pelo feito grandioso, foi nomeado pelo então Presidente da República Getúlio Vargas ao cargo de Cônsul do Brasil, na Bolívia, onde por mais de 20 anos exerceu a função. A distância e as dificuldades de comunicação da época impediram a publicação do livro “O Brasil através das Três Américas”, que Leônidas escreveu narrando sua aventura durante a Expedição. No dia 31 de março de 1965, Leônidas veio a falecer, deixando na Bolívia a viúva Dra. Buena (que faleceu em 1986) e dois filhos, o futuro médico Dr. Erlan de

Oliveira e a sra. Margot de Oliveira. O corpo de Leônidas foi trasladado e está sepultado no Brasil. Leônidas foi um descaldense que contribuiu levando o nome de Descalvado e do Brasil a altos patamares nas Américas.

TEREZINHA MACHADO – ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL, LOCALIZADA NA RUA DIOS BIRIS, 150 NO PARQUE MORADA DO SOL. Lei 2.791 de 10 de julho de 2007 de iniciativa do Vereador Henrique Fernando do Nascimento, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Terezinha Machado filha de tradicional família descaldense realizou seus estudos em Descalvado formando-se no Colégio Estadual e Escola Normal de Descalvado. Embora não tenha lecionado em nossa cidade, dedicou toda sua vida ao ensino.

TERTULINO GUIMARÃES - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ - comerciante. Tertulino de Oliveira Guimarães nasceu no dia 28 de novembro de 1862, filho de Francisco de Oliveira Guimarães e Cassimira

Lopes. Foi casado com Felisbina Guimarães, com quem teve um filho. Em 1890 quando houve a primeira eleição no Brasil, era alfaiate e residia à rua 13 de maio, atual Avenida Guerin-Oswaldo. Mudou-se depois para a rua José

Rodrigues Penteado, nº 227, onde faleceu em 19 de setembro de 1945 com 83 anos de idade. Foi funcionário público municipal, aposentando-se nesse cargo. Foi muito conhecido pelas famosas festas juninas que promovia no quarteirão em que residia, com a ajuda de fazendeiros, e nas quais participava toda a população.

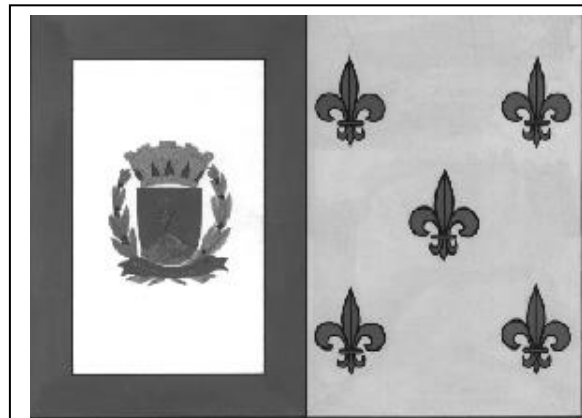
THEREZA DOS ANJOS PUOLI (PROFª) - ESCOLA ESTADUAL - BAIRRO SANTA CRUZ inaugurada em 1º de setembro de 1.997. Chamada carinhosamente de Dona Zizinha foi professora esemlar no Grupo Escolar Coronel Tobias. Católica devota de Nossa Senhora do Belém era muito caridosa. Foi catequista por muitos anos na Escola Catequética Paroquial ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém.

THEREZA BAZAGLI FREGONEZI - RUA - BAIRRO DE SANTA CRUZ - Nasceu em Poços de Caldas no dia 16 de maio de 1907. Foi casada com Bortolo Fregonezi, nascido em Descalvado no dia 5 de outubro de 1903 com quem teve sete filhos. Foram produtores rurais.

TOCANTINS – RUA – JARDIM SÃO CRISTÓVÃO – Nome de estado.

TOMÉ FERREIRA - RUA - CENTRO - pioneiro. Tomé Manoel Ferreira era irmão de José Ferreira da Silva, nasceu por volta de 1790 na cidade de Santo Antônio do Machado no Estado de Minas Gerais. Veio para o sertão de Descalvado com a idade de 31 anos junto com seu irmão nos idos de 1820, onde encontraram os desbravadores Agostinho José Alves de Amorim e os irmãos Nicolau e Manoel Antonio Lobo. De um deles Tomé Ferreira adquiriu grande propriedade no bairro do Cuscuzeiro, atual Fazenda Monte Alverne, onde cultivou os afamados fumos “Tomé Ferreira” e “Descalvado”. Até 1862 ano em que faleceu com a idade de 72 anos, participou com outros proprietários rurais de todas as vicissitudes históricas de Descalvado, da construção da capela curada à freguesia. Não alcançou porém a elevação a Município, mas contribuiu muito para isso, ajudando os que queriam o progresso, aparecendo seu nome em todos os movimentos de opinião e de reivindicação. Foi sepultado em terra descaldense, com toda certeza na atual Praça Nossa Senhora do Belém, que foi nosso primeiro cemitério.

TREZE DE MAIO - RUA - BAIRRO JARDIM BELÉM - Abolição da escravatura - Lei nº 15 de 13 de março de 1964. A homenagem é ao dia 13 de maio de 1888, que a Princesa Izabel, filha de D. Pedro II, aprovou e assinou a Lei Áurea. Além de ser uma homenagem a uma data de alta transcendência, em nossa Pátria, por lembrar o término de uma situação vergonha, maculante, para nós, qual seja a da manutenção oficial da escravidão, sob a égide da lei, a



BANDEIRA DE DESCALVADO

denominação de uma rua em Descalvado, veio cobrir uma lacuna de terminologia que não se justifica, ainda mais se lembrarmos que, no passado, os camaristas de Descalvado, solenizaram o evento extraordinário, não em uma via pública, mas em duas, na mesma época: Rua 13 de maio passou a chamar-se, de 1888 até 1924, a atual Avenida Guerino-Oswaldo; e rua Áurea até começos do século presente, a atual Rua José Rodrigues Penteado. E, assim, a homenagem à grande data abolicionista que foi quebrada nos começos do século e em 1924, voltou a ser prestada pela Câmara no ano de 1964, numa demonstração de grande civismo e de imensa veneração pelas cousas e pelos feitos de outros tempos.

TULIPAS - RUA - PARQUE MORADA DO SOL – flor. Grande gênero de plantas herbáceas bulbosas da família das liliáceas, dotadas de folhas lineares ou lanceoladas e, ger., uma única flor, exuberante, com perianto de seis peças iguais e seis estames hipóginos. Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a Tulipa gesneriana, muito apreciada como ornamental, de flores lanceoladas, onduladas, glaucas e pilosas, e flores grandes, campanuladas, inodoras, solitárias, de longos pedúnculos, e de rica e variada coloração, esp. de purpúrea a vermelha

UNIVERSITÁRIA – AVENIDA – CAMPUS UNIVERSITÁRIO – Lei 2.049 de 20 de outubro de 2.000, autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves.

VALDO CABIANCA AZAMBUJA – Praça no Jardim Ricardo César, localizada na confluência das Ruas Manoel Biagi, Elisa Migliati Biagi, José do Nascimento e Estrada Municipal DCV-040. Lei nº 2.662 de 27 de junho de 2.006 de autoria do Vereador José Dias Bolcão, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Valdo Cabianca Azambuja, carinhosamente chamado de “Babi”, nasceu em São Paulo aos 13 dias do mês de agosto de 1924. Filho de João Cabianca e Maria Azambuja Cabianca. Veio para Descalvado e constituiu família com a Senhora Maria do Carmo Landi Cabianca, e deste matrimônio teve os filhos: Eduardo Tadeu Landi Cabianca, casado com a Senhora Hildamaris Borgonovi Cabianca com quem teve os filhos: Fábio Borgonovi Cabianca e Luciana Borgonovi Cabianca; Valéria Cristina Landi Cabianca Rodrigues Leite casada com o Senhor Osvaldir Rodrigues Leite com quem teve os filhos: Vitor Cabianca Rodrigues Leite e Vinícius Cabianca Rodrigues Leite; e Paulo de Tarso Landi Cabianca, solteiro. Foi funcionário público, comerciante e avicultor. Foi maçom iniciando sua passagem pela Loja Marrey Júnior de Porto Ferreira e na Capitular Loja Maçônica Eterno Segredo de São Carlos, nas quais subiu vários graus. Reergueu as colunas da Loja Maçônica Triunfo e União de Descalvado. Foi proprietário do tradicional Hotel dos Viajantes de nossa cidade, sócio fundador do Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense – CERD. Faleceu em 18 de junho de 1983, estando sepultado em jazigo perpétuo da família Landi Cabianca no Cemitério Municipal de Descalvado.

VÂNIA APARECIDA ZAGO (PROFESSORA) – Escola Municipal de Educação Infantil do Bairro de São Sebastião – Lei 2.208 de 22 de abril de 2.002 de iniciativa do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Vânia filha de Lázaro Antonio Zago e Aparecida Edith de Falco Zago nasceu em Descalvado no dia 3 de novembro de 1.964. Exerceu atividades como telefonista da SOCIL, atendente do Banco Itaú S/A, depois formou-se em Educação Física na Faculdade de São Carlos, exercendo atividades em Descalvado na APAE. CAIC, Escolas Padre Orestes Ladeira, José Ferreira da Silva, Francisco Fernando Faria da Cunha e na Prefeitura Municipal no Projeto-Criança e Pré escola. Foi sócia proprietária na Academia Corpo e Movimento atuando como professora de dança de 1.986 até sua morte, ocorrida em trágico acidente rodoviário na Rodovia Dr. Paulo Lauro em 17 de fevereiro de 1.996.

VERÍSSIMO ARAÚJO - RUA - BAIRRO SANTA CRUZ

VICENTE BELLINI – Sistema de Abastecimento de Água, localizado na confluência das ruas João Fernando Vila e Veríssimo Araújo no Bairro de Santa Cruz. Lei 2.317 de autoria do Vereador Edevaldo Benedito Guilherme Neves, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Nasceu na cidade de Ferrara na Itália e veio para o Brasil no ano de 1.898, com seus familiares, dedicando-se ao comércio. Residiu por mais de 50 anos no Bairro de Santa Cruz.

VICENTE SERPENTINO - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - comerciante. Vicente Serpentino, nasceu em Monte Fano na Itália, em 11 de março de 1873, filho de Francisco Serpentino e Tereza Furuaci. Casou-se com Alice Zambelli Serpentino com quem teve dez filhos. Veio ao Brasil pelo navio Italo Francese, desembarcando no porto de Santos, vindo direto para Descalvado, onde exerceu a profissão de

ferreiro e serralheiro em oficina de sua propriedade que fabricava carroças e fazia consertos em geral.

VICENTE TALLARICO - RUA - VILA BRASIL - comerciante. Nascido na Itália, no estado de Calábria, na cidade de Cozenza, em 26 de maio de 1878 e falecido em 28 de maio de 1947 em Descalvado. Veio da Itália com 16 anos e chegou a Descalvado por São Carlos, fixando-se na Fazenda São Miguel de propriedade do Coronel Arthur Whitaker, onde foi fiscal e chefe da máquina de beneficiar café. Depois foi adquiriu a Fazenda Batalha. Para vir ao Brasil precisou emprestar dinheiro de amigos, trabalhou e pagou tudo o que devia, mandando dinheiro para seus familiares na Itália. Fundou a primeira Casa Bancária de Descalvado. Veio para o Brasil analfabeto e foi alfabetizado pela mulher Ângela Carmingnatti Tallarico, italiana, nascida em Padova, Itália, terra de Santo Antonio. Teve 12 filhos. Vicente Tallarico foi Vereador, fundador e presidente da Sociedade Fratelanza Italiana. Conta-se que quando Descalvado entrou em débito para com a Companhia de Força e Luz de São Carlos, a cidade só não ficou às escuras, devido a colaboração de Vicente Tallarico.

VICTOR DO NASCIMENTO (MATADOURO MUNICIPAL LOCALIZADO NA RODOVIA DR. PAULO LAURO) – Lei 2.210 de 22 de abril de 2.002 de iniciativa do Vereador Henrique Fernando do Nascimento, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Victor do Nascimento foi funcionário municipal que prestou serviço como Fiscal do Matadouro por 35 anos. Admitido no ano de 1.947 ali permaneceu até sua aposentadoria em 1.982. Nascido em 14 de novembro de 1.922 e falecido em setembro de 1.988 foi casado com Marina Timótheo do Amaral com quem teve 5 filhos.

VICTORINO POZZI - RUA BAIRRO JARDIM CIDADE NOVA – (Antiga rua 1) Lei 2.178 de 20/11/2001 de autoria do Vereador Tomás Vita, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Victorino Pozzi nasceu em Pirassununga no dia 1º de outubro de 1.916, filho de Anacleto Pozzi e Rosa Del Puerto Pozzi. Veio para Descalvado ainda criança, cursou o ginasial na cidade de Limeira, no Colégio Santo Antonio. Continuou seus estudos na cidade de Campinas onde fez o pré-jurídico. Mudou-se para a Fazenda Jaguarandy em 1942, a fim de administrar a propriedade de seus genitores. No final de 1.942, contraiu núpcias com Regina Pinca Pozzi, filha de Octaviano Pinca e Páscoa Adélia Segatim Pinca. Permaneceram na fazenda Jaguarandy durante 12 anos, vindo em 1954 residir na cidade de Descalvado. Foi Vereador na primeira legislatura na Câmara Municipal de Descalvado após o retorno do Regime Democrático, período de 1948 a 1951. Nesta mesma época juntamente com outros companheiros, iniciou a reestruturação do Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense – CERD, que até então não tinha nenhum patrimônio. Adquiriram a sede central do clube, na Praça Nossa Senhora do Belém, construindo em seguida o salão de bailes no terreno ao lado. Foi eleito Presidente do CERD, e por diversas vezes ocupou o cargo de conselheiro da entidade, colaborando também como membro da Diretoria, na construção das piscinas. Na década de 50, presidiu o Rotary Club de Descalvado e nos meados dos anos 70 foi Presidente do Conselho do Nosso Clube. Em 1967 juntamente com outros companheiros, fundou o MDB – Movimento Democrático Brasileiro de Descalvado, partido político no qual permaneceu atuante até seus últimos dias de vida. Veio a falecer em 29 de novembro de 2.000, ciente que tinha dado sua cota de participação no desenvolvimento de sua Descalvado que tanto amava. Está sepultado em nosso cemitério municipal.

VICTÓRIO AMADEU CASATI (DR.) - RUA - VILA MUNICIPAL E PRONTO SOCORRO MUNICIPAL - médico. O Dr. Victório Amadeu Casati era filho de João Casati e Petronilha Salomão Casati, italianos de boa cepa e de exaltável existência. Dr. Victório nasceu em Descalvado em 14 de março de 1897. Após as primeiras letras em sua cidade natal, o nosso rememorado fez seus estudos secundários no renomado Colégio de Itu e os superiores, primeiro farmácia e depois medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro,



onde se formou no ano de 1924. Estabelecido com seu consultório em nossa cidade, aqui clinicou por muitos anos, até sua morte, ocorrida no dia 21 de janeiro de 1962. Casado com D. Cinira Correa Dias Casati, desse consórcio teve dois filhos. Dr. Victório era possuidor de notável cultura médica e humanística, sendo orador brilhante. Militando em nossa política, foi Vereador em nossa Câmara Municipal, no quadriênio de 18/06/1936 a 10/11/1937, filiado, então ao Partido Constitucionalista. Vereou novamente de 01/01/1948 a 31/12/1951, filiado ao Partido Social Democrático (PSD), chegando a Presidência da Câmara em 1949. Já de 23/12/1946 a 18/03/1947, o Dr. Victório exercera, em caráter interino, o Poder Executivo local. A ação política do nosso focalizado foi das mais altas e fecundas, longe do estreito partidário, mas voltado toda e unicamente para os sagrados e inalienáveis interesses da comuna. A administração municipal numa iniciativa oportuna e justa, houve por bem perenizar, em via pública local e no Pronto Socorro Municipal, o nome do Dr. Victório Amadeu Casati, alma generosa, médico abalizado e boníssimo, inteligência robusta e atividade política edificante.

VILA BRASIL - BAIRRO - AO LADO E ATRÁS DO C.E.R.D.

VILA FRANCO - BAIRRO - (ATRÁS DO PAÇO MUNICIPAL)

VILA FREITAS - BAIRRO - (ATRÁS DA PRAÇA SANTA CRUZ DAS ALMAS)

VILA MELKI - BAIRRO. Até meados dos anos 60, este local era uma pequena propriedade pertencente ao Sr. Constante Melki, ilustre cidadão descaldense, um dos pioneiros da avicultura, que nasceu no dia 7 de abril de 1906, filho de imigrantes, que vieram diretamente da Síria. Começaram no comércio e construíram o primeiro prédio (sobrado), que existe até hoje na esquina das ruas Cel. Arthur Whitaker com 24 de outubro. Constante Melki serviu o exército em Corumbá - MT, largando seus estudos quando faltava pouco para se formar em contabilidade. Chegou a ser carroceiro, vendedor ambulante, depois avicultor e funcionário público estadual, lotado no Posto de Saúde como Fiscal de Higiene. Seu maior hobby eram os pássaros. Casou-se em primeiras núpcias com Rita da Silva Melki com quem teve três filhos. Casou-se pela segunda vez com Maria Aparecida Moraes. Faleceu em 22 de setembro de 1977, estando sepultado no cemitério municipal.

VILA MUNICIPAL - BAIRRO - (AO LADO/ATRÁS PRAÇA SANTA CRUZ DAS ALMAS)

VILA NOSSA SENHORA APARECIDA - BAIRRO - AO LADO NOSSO CLUBE

VILA SÃO JORGE - BAIRRO - ATRÁS DA CEESP

VILA VENDRAMINI - BAIRRO - AO LADO DO JARDIM COLONIAL. João Vendramini foi um imigrante italiano que se radicou em Descalvado no ciclo da café, trabalhando na fazenda Franco. Aqui chegando casou-se com Catarina Factor com quem teve nove filhos. Com a queda do café mudou-se para a zona urbana e sendo uma pessoa muito desembarçada e com um bom grau de instrução para a época, montou um comércio de secos e molhados, nas imediações da Praça Barão do Rio Branco, em meados do ano de 1893. Foi o fundador do primeiro cinema de Descalvado que funcionava a base de carbureto, foi também o primeiro fotógrafo da cidade, recebendo com esta profissão uma medalha de ouro. Depois passou a trabalhar como Oficial de Justiça no fórum da Comarca de Descalvado. Depois de algum tempo foi nomeado pelo Governador Washington Luiz, como Fiscal Geral de Estradas e Rodovias do Estado de São Paulo. Residia em uma chácara de mais ou menos um alqueire e meios nas imediações da cidade e onde hoje é a Vila Vendramini. Morreu no ano de 1858, com 90 anos de idade.

VINTE E DOIS DE ABRIL - RUA - VILA NOSSA SENHORA APARECIDA - Emancipação política de Descalvado - Lei nº 15 de 13 de março de 1964. Rua 22 de abril através da lei nº 72 de 22 de abril de 1865, ficou criado o Município do Belém do Descalvado, que até então era a Freguesia do Belém do Descalvado e que pertencia ao Município de São João do Rio Claro. No mesmo ano foi eleita a primeira Câmara Municipal, que tomaria posse no dia 1º de janeiro do ano seguinte.

VINTE E OITO DE FEVEREIRO - RUA - BAIRRO STA. CRUZ DOS OPERÁRIOS - Criação da Freguesia do Belém do Descalvado - Lei nº 15 de 13 de março de 1964. Através da lei nº 21 de 28 de fevereiro de 1844, ficava elevada a FREGUESIA, a Capela Curada de Nossa Senhora do Belém do Descalvado, desanexando as terras então pertencentes ao município de Araraquara e anexando-as ao Município de Mogi-Mirim.

VINTE E QUATRO DE OUTUBRO - RUA - CENTRO - Revolução de 1930 - Ato 3 de 26 de novembro de 1930, antes denominada rua José Goes Claudino, depois Marechal

Deodoro em 1889, depois Senador Procópio de Carvalho pela lei 158 de 16 de janeiro de 1926

VIOLETAS - RUA - PARQUE MORADA DO SOL - flor. Pequena planta herbácea (Viola odorata) da família das violáceas, de origem européia, muito cultivada pelo valor decorativo e pelo perfume, e que floresce mal em climas quentes. Folhas arredondadas, e cordadas, com longo pecíolo, que parte de um rizoma pequenino; flores isoladas e pequenas, mas vistosas pela coloração, e de um odor peculiar, agradável

VIRGINIA ALVES AGUIAR - Rua no Bairro Residencial Bosque do Tamanduá - Lei número 2.332 de 13 de novembro de 2.003 de autoria do Vereador Rubens Algarte de Rezende, sancionada pelo Prefeito José Carlos Calza. Conhecida como "Dona Zina", residiu toda sua vida no Bairro de Santa Cruz onde era conhecida por todos por ser ligada aos movimentos religiosos e pela prática da filantropia.

VITO GAIA PUOLI - VICINAL DESCALVADO A PIRASSUNUNGA - farmacêutico, proprietário da Farmácia Barros que ficava defronte o Banessa, fazendeiro, proprietário da Fazenda Santa Rosa, industrial como um dos sócios da Tecelagem Nossa Senhora do Belém que ficava na rua Bezerra Paes, esquina com José Quirino Ribeiro. Foi membro do Comitê Revolucionário Pró Constituinte de 1932. Foi durante muitos anos Provedor da Santa Casa de Misericórdia.

VITÓRIA RÉGIA - Rua - Parque Morada do Sol - Flor da Amazônia - A Vitória Régia segundo os agrônomos é uma planta complicada e exigente. Suas flores trocam de cor. Longe dos igarapés da Amazônia, as duas primeiras flores de vitórias-régias paulistas abriram suas primeiras flores no Jardim Botânico de São Paulo. Nasceram brancas, mudam para rosadas e quando submergirem na água para lançar suas sementes, ficam vermelho-escuras. A vida da flor é curta, três dias. A planta está sendo adaptada para o clima da Mata Atlântica, nem que para isso seja preciso uma mãozinha na hora da polinização. Na Amazônia a tarefa é um bezouro. Os agrônomos também recolherão as sementes na água, para serem plantadas. São condições são sua climatização e perenização. Para que a flor se abra foi preciso 150 litros de lodo. As folhas sob condições certas, chegam a 2,5 metros e suportam 40 quilos. Podem durar até 20 anos. A vitória-régia chega a ser confundida com a ninféia - elas são primas. Mas ao contrário das ninféias, a vitória-régia não fica aberta o dia todo. Abrem logo que o sol se põe, voltando a fechar durante o dia. Diz a lenda que a índia Naiá, apaixonada por Jaci, a Lua, atirou-se nas águas do igarapé onde estava refletida, na esperança de alcançá-la. Queria virar estrela, como as outras virgens que Jaci viera buscar na Terra. Compadecida, a Lua transformou Naiá numa estrela diferente: uma vitória-régia.

WALDEMAR JORDÃO - RUA - JARDIM PAOLA - Waldemar Jordão foi conhecido de todos os descaldenses pelo apelo de Vavá. Exerceu a profissão de alfaiate por muitos anos, depois ingressou como funcionário público, trabalhando até aposentar como servente e inspetor de alunos do Grupo Escolar Coronel Tobias. Foi casado com Maria Mazola Jordão com quem teve dois filhos.

WALDOMIRO BUENO - RUA - BAIRRO STA. CRUZ DOS OPERÁRIOS - comerciante - Lei 1017 de 29 de março de 1990. Waldomiro Bueno, descendente de portugueses e índios, foi um dos primeiros motoristas e mecânicos da cidade de Descalvado, sendo além de prático, um estudioso nos assuntos mecânicos e elétricos, consertando praticamente tudo: carros, tratores, máquinas da Prefeitura, além de montar engenhos grandes e pequenos, geradores de energia elétrica, aproveitando quedas d'água. Por conhecer demais, acabou profissionalizando muitas pessoas, por transmitir de maneira clara seus conhecimentos. Foi um dos primeiros descaldenses a adquirir um veículo, Ford 1929, e com seu espírito filantrópico, auxiliava a todos os necessitados a qualquer hora do dia ou da noite. Durante a segunda guerra mundial, serviu como voluntário, inicialmente na base aérea de Pirassununga e depois no Campo de Marte em São Paulo, onde nas horas mais difíceis, com o uso de peças usadas e sucatas, recuperou inúmeras máquinas, motores, além de re manutenção e recuperar aviões. Ajudou a desenvolver os famosos Gasôgenios a carvão para muitos carros e ônibus da região. Tinha como lazer a pescaria, tendo ensinado muita gente a pescar nas águas do Rio Mogi-Guaçu. Mesmo sendo civil, por conhecer a fundo a região, ajudou muito a polícia da época, na captura de ladrões de cavalo. Conta-se que ajudou muitos descaldenses a fugirem com suas namoradas, quando os pais os impediam de casar, e justamente por este motivo acabou sendo padrinho de muitos casamentos.

WASHINGTON LUIZ - RUA - BAIRRO SÃO SEBASTIÃO - Estadista - Lei nº 15 de 13 de março de 1964. Washington Luiz foi Governador de São Paulo onde criou os

tribunais rurais, ampliou e melhorou as linhas de navegação. Depois foi eleito Presidente da República tendo como objetivo principal organizar e melhorar a situação financeira do país, procurando desenvolver as riquezas e abrir estradas por toda a extensão territorial. Construiu rodovias importantes, entre as quais a Rio-São Paulo e a Rio-Petrópolis.

SÍMBOLOS DO MUNICÍPIO

BRASÃO DE ARMAS

PRIMEIRO BRASÃO DE ARMAS

Segundo o Dr. Lauro Ribeiro Escobar, Presidente do Conselho Estadual de Honrarias e Mérito de São Paulo em 19 de novembro de 1889, ao reflexo do golpe do dia 15, que proclamara o regime republicano, foram instituídas as Armas e a Bandeira da então República dos Estados Unidos do Brasil. As Armas, elaboradas pelo litógrafo alemão Luís Gruder, empregado da Casa Laemmert & Co., hábil desenhista de marcas de cigarros, como assinala Clóvis Ribeiro, mas sem condições para se abalancar a um projeto de tal ordem. Sem embargo de tais circunstâncias, aquelas Armas vieram a inspirar as do Estado do Espírito Santo, criadas em 1909, em uso até os dias de hoje, as do Estado de Minas Gerais, criadas em 1894, as do Estado de Santa Catarina, em 1895, ambos igualmente em uso até o presente e os do Estado do Paraná, objeto de lei em 1905 e misericordiosamente substituídos. Na esteira dos Estados, vieram diversos Municípios, impacientes por afirmar seu republicanismo, entre os quais se incluiu o então Município de Belém do Descalvado, que, como não poderia deixar de ser, introduziu pequenas alterações. Em se tratando de Estema, tão distante da perfeição heráldica como são as Armas Republicanas, sua descrição há de padecer, exigindo algum elastério da precisa linguagem heráldica: “escudo circular de ouro, com bordadura de blau, perfilada de prata, carregada de dezenove estrelas deste; brocante sobre o escudo, um caduceu de prata e uma cornucópia ao natural espargindo suas benesses, passados em aspas, o todo, por sua vez, brocante sobre estrela de cinco pontas, partida-gironda de sinople e de ouro, bordada de duas tiras, de blau a interna e de prata a externa, por sua vez brocante sobre uma espada partida de ouro e de sinople, guardas de blau perfiladas de prata e carregadas ao centro de uma estrela deste, tendo como suportes um ramo de cafeeiro, folhado e frutado, à destra, e um ramo de tabaco, folhado e florido à sinistra, ambos ao natural, postos em diadema e atados de blau e de goles, o conjunto sobre um resplendor de blau, cujos contornos formam uma estrela de vinte pontas; em listel de blau, brocante sobre o punho da espada, os dizeres, de prata, Camara Municipal de Belém do Descalvado.

SEGUNDO BRASÃO DE ARMAS

- Lei nº 28, de 05/11/1956 do Prefeito Dr. Jayme Regallo Pereira (idealizado pelo heraldista Salvador Thaumaturgo).

Cuidando de um ato oficial, necessário à vida democrática e representativa do Município, o Vereador Sr. Mário Joaquim Filla, apresentou indicação, na legislatura 1951-1955, a fim de que todas as providências necessárias fossem tomadas, visando, obrigatoriamente, dotar o Município do seu respectivo Brasão de Armas, medida que, após a redemocratização do país, já fora executada por numerosos municípios brasileiros. O início da feitura dos desenhos, concepção e todo conjunto heraldicamente imprescindível, alcançou a legislatura 1956-1959, em cujo decorrer do ano legislativo de 1956, numerosos estudos, emendas e proposições se fizeram, até a sessão extraordinária da noite de 31 de outubro daquele ano, ocasião em que com a presença dos vereadores, senhores Vitório Domingos Sabongi, Presidente; João Francisco Ravasi, Clovis Faria Ferreira, Deolindo Zaffalon, José Prospero Puoli e Mário Joaquim Filla, o projeto original, de procedência do Executivo, logrou a esperada aprovação. O Município de Descalvado, portanto, acabava de conseguir a estruturação do seu escudo oficial, medida de inteira necessidade, para sua aplicação nos atos e documentos oficiais da municipalidade, bem como para a sua identificação histórica.

Atendendo, com inteira felicidade, tanto a descrição física do Município como, também, imprimindo realce à sua formação católica, o Brasão de Armas de Descalvado, pela constituição e cores, oficialmente evoca, na flor-de-lis, o culto à Nossa Senhora, Padroeira da Cidade, sob a expressão mariana de Nossa Senhora do Belém. O azul do campo simboliza o céu, o clima ameno do Município e por analogia, a crença religiosa dos munícipes. Na ponta, o mantel de ouro representa o pico do Morro do Descalvado que emprestou sua denominação ao Município e à Cidade. A direita e à esquerda,

os ramos de café frutado relembram que a cafeicultura foi a base da formação social e do progresso do Município. A prata do listel simboliza a pureza, a lealdade de propósitos, a fé inabalável daqueles que vivem sob a proteção de Nossa Senhora do Belém. O mote, que é uma referência à cidade de Belém, na Judéia, pequena em tamanho mas tornada grande, histórica e religiosamente, pelo nascimento de Cristo, aí, ocorrido; assenta bem para com Descalvado, que nasceu Freguezia de Nossa Senhora do Belém do Descalvado; que foi posteriormente, Município e, também Comarca do Belém do Descalvado; e que para seus filhos e seus habitantes, jamais será a menor, entre as outras, embora possa ser pequena materialmente. O dístico sem sobre de dúvida reflete o nobre povo descaldense: - NEQUAQUAM MINIMA ES - “De maneira alguma és a menor”.

TERCEIRO BRASÃO DE ARMAS

Lei nº 233 de 30/07/1974 do Prefeito Dr. Tomás Vita (modificação feita pelo Dr. Lauro Ribeiro Escobar do Conselho Estadual de Honrarias e Méritos).

Descrição Heráldica:

Escudo redondo, de blau (azul), com natel de ouro encimado por uma flor de liz do mesmo. O escudo é encimado por coroa mural de prata, com oito torres, suas portas abertas de goles e tem como suportes, dois ramos de cafeeiro folhados e frutados ao natural. Listel de blau, com a divisa “NEQUAQUAM MINIMA ES” em letras de ouro.

O brasão de Armas tem a seguinte interpretação:

I - O escudo redondo, ou ibérico, era usado em Portugal à época do descobrimento do Brasil e sua adoção representa homenagem do Município de Descalvado aos primeiros colonizadores e desbravadores da nossa Pátria.

II - A cor blau (azul), tem o significado de justiça, formosura, doçura, nobreza, recreação, vigilância, serenidade, constância, firmeza incorruptível, dignidade, zelo e lealdade, atributos de administradores e munícipes, que buscam, com dignidade e constância, o progresso do Município.

III - O mantel evoca no Brasão de Armas o Morro do Descalvado, do qual o Município recebeu a denominação.

IV - O metal ouro, tem na Heráldica o sentido de riqueza, esplendor, glória, nobreza, poder, força, fé, prosperidade, soberania e mando.

V - A flor de liz é representativa de Nossa Senhora e lembra a Santíssima Padroeira do Município, Nossa Senhora do Belém, assim como o primitivo topônimo, Nossa Senhora do Belém do Descalvado.

VI - A coroa mural é o símbolo da emancipação política, e, de prata, com oito torres, das quais apenas cinco estão aparentes, constitui a reservada às cidades. As portas abertas proclamam o caráter hospitaleiro do povo do Descalvado e a cor goles (vermelho), na posição em que se encontra na coroa mural e por ser no Brasil a indicativa do Direito e da Justiça, estará a afirmar que Descalvado é cabeça de Comarca, como a dizer: “Dentro destas portas encontrareis a Justiça”.

VII - Os ramos de cafeeiro, afirmam a fertilidade das terras generosas de Descalvado e lembram que a cafeicultura foi a base da formação social e do progresso do Município.

VIII - A divisa “NEQUAQUAM MINIMA ES” (DE MANEIRA ALGUMA ÉS A MENOR), extraída das Sagradas Escrituras (Livro de Miqueias, Capítulo 5, Versículo 2), se refere à minúscula cidade de Belém, na Judéia, tornada grande sob o ponto de vista histórico e religioso, por ter sido o berço de Jesus, referindo-se também ao nosso Município, que, não sendo de grandes proporções, nem por isso é diminuto, sendo sensível sua contribuição para o progresso do Estado e do País. (Dr. Lauro Ribeiro Escobar do Conselho Estadual de Honrarias e Méritos).

Descrição popular:

Na flor de liz, é evocado o culto a Nossa Senhora, a Nossa Senhora do Belém, sob cuja invocação erigiu-se a capela inaugural, em 8 de setembro de 1832. O azul do campo simboliza o límpido céu, o clima ameníssimo do Município. O mantel de ouro representa o pico do Morro do Descalvado, que emprestou a sua denominação à cidade. Os ramos do café frutado relembram que a cafeicultura foi a base da formação social e do progresso do Município. A divisa inferior, contém os dizeres “NEQUAQUAM MINIMA ES” (DE MANEIRA ALGUMA ÉS A MENOR), lembra o quanto foi grande Descalvado em seu passado, o quanto promete do presente e quão grande poderá ser no futuro, graças ao espírito ordeiro de seus filhos, à operosidade e idealismo destes, à feracidade de seu solo e ao crescendo de sua indústria, de seu comércio e de sua agropecuária. (Prefeito Dr. Jayme Regallo Pereira quando da aprovação da lei nº 28 de 5 de novembro de 1956 que introduziu o Brasão de Armas do Município)

BANDEIRA DO MUNICÍPIO – (Lei nº 233 de 30/07/1974 do Prefeito Dr. Tomás Vita - idealizada pelo Dr. Lauro Ribeiro Escobar do Conselho Estadual de Honrarias e Méritos).

Assim se descreve a bandeira: Retangular, partida. O primeiro de branco, tendo ao centro o Brasão de Armas e bordadura azul. O segundo de amarelo, com cinco flores de liz de azul, postas em sautor. Tem as proporções da Bandeira Nacional, ou seja, 14 (quatorze) módulos de altura, por 20 (vinte) módulos de comprimento. A bordadura do primeiro quartel, tem 1,5 (um e meio) módulo e o Brasão de Armas 5 (cinco) módulos de altura. (Dr. Lauro Ribeiro Escobar do Conselho Estadual de Honrarias e Méritos).

DO USO DOS SÍMBOLOS DE DESCALVADO (Lei 233 de 30/07/74 do Prefeito Dr. Tomás Vita) :

I - Obrigatoriamente

a) - nos documentos, demais papéis e correspondência oficial;
b) - no gabinete do Prefeito Municipal e na sala das sessões da Câmara de Vereadores;

II - Facultativamente

a) - nas fachadas dos edifícios públicos;
b) - nos veículos oficiais;
c) - nos locais onde se realizem festividades promovidas pela Municipalidade.

III - Mediante autorização do Prefeito:

Poderão os símbolos de Descalvado ser reproduzidos em distintivos, selos, medalhas, adesivos, flâmulas, bandeirolas, objetos artísticos ou de uso pessoal, em campanhas cívicas, assistenciais, culturais ou de divulgação turística.

IV - É vedada a utilização dos símbolos:

Em propaganda comercial ou política, bem como sua apresentação em locais incompatíveis com o decoro que aqueles é devido.

V - Das reproduções:

Deverão obedecer as proporções e cores originais, ficando arquivados na Prefeitura Municipal, exemplares de seus símbolos, destinados a servir de modelo.

Para a reprodução monocromática, é obrigatória a representação de seus metais e cores de acordo com a convenção heráldica internacionalmente aceita.

HINO DO MUNICÍPIO DE DESCALVADO (Lei nº 309, de 15/06/1976 do Prefeito Dr. Tomás Vita).

Letra do poeta, romancista, ensaísta e historiador descaldense Prof. Gerson Álfio De Marco (07/11/1913-11/11/1977)

Música do arranjador, maestro e músico descaldense José Carlos Tallarico Adorno nascido a 10/12/1950.

A primeira execução do hino, foi em residência do Sr. Arlindo Bellini, à rua José Bonifácio, 749. Seu filho Sílvio Bellini ao piano, acompanhou o coral constituído por Ruben de Oliveira Camargo, Maria Ângela Villa, Ana Lúcia Bellini e Leonice Chinelatto, execução esta que foi gravada por Pedro Gaspar.

A primeira execução orquestral aconteceu em baile realizado nos salões do Clube Esportivo e Recreativo Descaldense (CERD), na noite de 13 de novembro de 1976. Fê-lo a orquestra “Musical Atlântico Show”, de São Paulo e do qual participava, então, o autor da música, José Carlos Tallarico Adorno.

A primeira execução oficial do Hino de Descalvado foi no dia 1º de fevereiro de 1977, no recinto da Câmara Municipal na posse do Prefeito Municipal Dr. Mauro Benedito de Lima. Executou-o com brio e sob a emoção geral dos presentes a Corporação Musical Santa Cecília, regida pelo Maestro José Machado.

Letra:

1ª ESTROFE

Tu comesas com passos de ousados,
Despertando o porvir no teu chão,
Na manhã dos limites traçados,
Na epopéia rural da expansão;
E, do início audaz do café,
Ao presente de sumo esplendor,
Sempre a mesma couraça de fé,
Sempre o mesmo fecundo labor.

ESTRIBILHO

Recebe ó Descalvado,
A nossa de devoção,
No instante consagrado

A tua exaltação.

2ª ESTROFE

Forte gente de cívico brilho,
Coração a pulsar, cada instante,
Por São Paulo, num culto brasílio;
Pela Pátria, com fé bandeirante,
Neste solo em que sempre floresces,
Pujantissimamente feraz,
Trabalhando rebanhos e messes,
Trabalhando os misteres da paz.

ESTRIBILHO

Recebe ó Descalvado,
A nossa devoção,
No instante consagrado
À tua exaltação

3ª ESTROFE

Pela benção de tua beleza
E o perene da festa floral;
E por tua marcante nobreza
E por esse acolher fraternal,
Indo avante, fiel ao passado
E fazendo o que torna maior,
Entre todas, não és, Descalvado,
De maneira nenhuma, a menor.

ESTRIBILHO

Recebe ó Descalvado,
A nossa devoção,
No instante consagrado
À tua exaltação

Explicação do hino pelo autor da letra Prof. Gerson Álfio De Marco:

“Hino de Descalvado, meu trabalho de amor por meu torrão natal, na alegria de fazê-lo, para cantá-lo. Tentarei explicá-lo. Nos versos iniciais, a história;

Tu comesas com passos de ousados,
Despertando o porvir no teu chão,
Nas manhãs dos limites traçados,
Na epopéia rural da expansão.

É começar o hino, com os começos do município, audazes desbravadores, plantando o futuro, fixando-se na terra ignota e inóspita. Demarcando suas posses e participando da conquista total do território, por força do lazer agrário; e, agrário, cafeicultor. E, cafeicultor, preparando o surgimento do povoado que centralizaria a unidade municipal futura. E, percorrendo ainda a história, o homem; o homem, que a fez. E do início audaz do café

Ao presente glorificador,
Sempre a mesma couraça de fé,
Sempre o mesmo fecundo labor.

O homem de ontem e de hoje, fé cristã e fé no porvir do rincão; trabalho, frutuoso trabalho, indeclinável, no tempo. Uma referência especial ao sexto verso da estância: *Ao presente glorificador*. Muito propositadamente, eu quis conjugar ao substantivo *presente* o adjetivo *glorificador*, à primeira vista, algo longo para um verso cantável (cinco sílabas fonéticas e cinco sílabas métricas). Poder-se-ia compor o verso com mais palavras e com uma a receber o impacto da sexta cadência, em seu centro tônico. Mas eu quis dar uma impressão de durabilidade ao verso pertinente ao hodierno, introduzindo, na unidade, o longo adjetivo, durando bastante no verso. No estribilho, há um ofertório: a oferta da devoção do descaldense (nato ou de eleição) à terra e no momento em que é ela exaltada, através da música e da poesia. A segunda estrofe, quer enaltecer a gente e a terra.

A gente:

Forte gente, de cívico brilho;
Coração a pulsar, cada instante,
Por São Paulo, num culto brasílio;
Pela pátria, com fé bandeirante;

A terra:

Nesse solo em que, sempre floresces,
Pujantissimamente feraz,

A gente, outra vez:

Trabalhando os rebanhos e as messes,
Trabalhando os misteres da paz.

Aceno ao civismo do descaldense (respeito, nato e de eleição); que é um coração a palpar por São Paulo, brasílicamente; e, concomitantemente pelo Brasil, paulistamente. E, no labor agropecuário que foi, é e será sempre o do município, balurtando-o; e os misteres da paz,

todas aquelas ocupações de criar e recriar e que vão da máquina à cátedra, do engendrar e do fazer; do servir, do dirigir, do escudar...”

HINO DE SAUDAÇÃO A DESCALVADO

Letra do poeta descaltvadense Martinho Vieira Lício;
Música do Prof. Rubens Parada, Maestro da
Corporação Musical de Porto Ferreira e professor de música
do Ginásio Estadual de Descalvado.

Descalvado torrão, pois paulista
Ladeado de grande beleza;
O teu nome é deveras conquista,
No cenário da grã natureza.

Estribilho

Salve, Salve Descalvado
Cidade mui cativante,
O teu nome é bem lembrado
Por todo o teu visitante.

Estribilho

O café demonstrou teu valor,
Através este chão brasileiro;
Colocou-te no rol produtor,
Em um nível, portanto, altaneiro.

Estribilho

O cultivo das terras, agora,
Junto às granjas, em fase bem grande,
O mercado que é teu mais se ancora
E o setor mencionado se expande.

Estribilho

Pelo estudo, o teu grau cultural,
Vai crescendo num ritmo feliz,
De onde surge um imenso fanal,
Ao progresso de nosso país.

Estribilho

Vens doando ao Brasil, prontamente,
Muitos filhos fiéis à ciência;
De tal modo desponta fremente,
A cultura com sua vivência.

Estribilho

É setembro, com grande alegria,
Bem lembrado por este teu povo;
Sendo o oito, portanto, o tal dia,
Despontando na história, pois, novo.

Estribilho

HINO DA PADROEIRA - 29/12/1949

Letra: Dr. Francisco Xavier Machado, Juiz de Direito
em Descalvado de 1933 a 1937, tendo depois aqui, fixado
residência;

Música: Profª. Adalgiza de Almeida Ramalho
professora do Grupo Escolar Coronel Tobias.

Rainha da Humanidade,
Vós sois, Maria, também,
Padroeira desta Cidade,
Virgem Santa de Belém.

Vosso amor é luz na vida,
Estrela que o céu mantém,
Salve Rainha querida!
Salve Estrela de Belém.

Nos vossos braços reluz
Toda a grandeza do Bem.
O vosso filho Jesus,
Virgem Santa de Belém.

Rogai por nós todo o dia,
Da vida os males provém.
Salvai-nos deles, Maria,
Salve Virgem de Belém.

Quem Vos despreza entre as flores?
Não há no mundo ninguém?
Salve Senhora das Dores!
Salve Santa de Belém!

Este trabalho não é definitivo. Esperamos
receber sugestões que possam complementar
dados e informações. Toda contribuição será
muito valiosa.